

TESE DE DOUTORAMENTO

**A “ARTE DE GOVERNO  
NEOLIBERAL”. SUJEITO, PODER E  
ESTADO DESDE O PENSAMENTO  
(PÓS)FOUCAULTIANO**

Borxa Colmenero Ferreiro

ESCOLA DE DOUTORAMENTO INTERNACIONAL

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EN MARKETING POLÍTICO, ACTORES E INSTITUCIÓNS NAS  
SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS

SANTIAGO DE COMPOSTELA

2019





## DECLARACIÓN DO AUTOR DA TESE

**A "arte de goberno neoliberal". Sujeito, poder e Estado desde o pensamento (pós)foucaultiano**

D. Borxa Colmenero Ferreiro

Presento a miña tese, seguindo o procedemento axeitado ao Regulamento, e declaro que:

- 1) A tese abarca os resultados da elaboración do meu traballo.
- 2) De selo caso, na tese faise referencia ás colaboracións que tivo este traballo.
- 3) A tese é a versión definitiva presentada para a súa defensa e coincide coa versión enviada en formato electrónico.
- 4) Confirmo que a tese non incorre en ningún tipo de plaxio doutros autores nin de traballos presentados por min para a obtención doutros títulos.

*En Santiago de Compostela, 21 de xuño de 2019.*

Asdo. Borxa Colmenero Ferreiro



## AUTORIZACIÓN DO DIRECTOR / TITOR DA TESE

A "arte de goberno neoliberal". Sujeito, poder e Estado desde o pensamento (pós)foucaultiano.

D. Ramón Maiz Suárez

INFORMA/N:

*Que a presente tese, correspóndese co traballo realizado por D. Borxa Colmenero Ferreiro, baixo a miña dirección, e autorizo a súa presentación, considerando que reúne os requisitos esixidos no Regulamento de Estudos de Doutoramento da USC, e que como director desta non incorre nas causas de abstención establecidas na Lei 40/2015.*

*En Santiago de Compostela, 21 de xuño de 2019.*

Asdo. Ramón Maiz Suárez



## **Resumo**

### **A “arte de governo neoliberal”.**

#### **Sujeito, poder e Estado desde o pensamento (pós)foucaultiano**

A partir da análise (pós)foucaultiana, o presente trabalho aborda a hipótese do desenvolvimento de uma teoria política do neoliberalismo, a partir de uma específica “arte de governo”. Uma razão de governo que vai além do facto espontâneo e natural, para se constituir como uma política governamental que determina um quadro de gestão social dos indivíduos. Assim, face aos sujeitos passivos da estatalidade da sociedade fabril, agora os indivíduos tornam-se gestores ativos e responsáveis de si próprios. Isto é, administradores das próprias capacidades, recursos, conhecimentos e saberes com o objetivo de se desenvolverem livremente na complexa rede de interseções contemporâneas. Desta forma, o neoliberalismo não se apresenta apenas como o recuo do Estado ou a volta ao livre mercado; mas, antes bem, como um projeto social com base nos valores, nas práticas, nos cálculos e nas avaliações específicas da economia de mercado. Em suma, estamos perante a construção de um modo de governo de tipo empresarial que amplia os seus horizontes até se constituir na verdadeira referência organizativa e normativa do conjunto da vida social. Estaremos, portanto, diante de um neoliberalismo que transcende as doutrinas económicas e os programas políticos impulsionados nas últimas décadas; para se aproximar de uma tecnologia de governo multiforme, que realiza uma profunda mutação epistemológica do relacionamento entre os sujeitos e a institucionalidade nascida da modernidade capitalista.

## **Resumo**

### **A “arte de governo neoliberal”.**

#### **Suxeito, poder e Estado desde o pensamento (post)foucaultiano**

A partir da análise (post)foucaultiana, o presente traballo aborda a hipótese do desenvolvemento dunha teoría política do neoliberalismo, a partir dunha específica “arte de goberno”. Unha razón de goberno que vai alén do feito espontáneo e natural, para se constituír como unha política gobernamental que determina un cadro de xestión social dos individuos. Así, fronte aos suxeitos pasivos da estatalidade da sociedade fabril, agora os individuos tórnanse xestores activos e responsables de si. Isto é, administradores das propias capacidades, recursos, coñecementos e saberes co obxectivo de se desenvolveren libremente na complexa rede de interseccións contemporáneas. Desta forma, o neoliberalismo non se presenta só como o repregamento do Estado ou a volta ao libre mercado; mais, antes ben, como un proxecto social con base nos valores, nas prácticas, nos cálculos e nas avaliacións específicas da economía de mercado. En suma, estamos perante a construción dun modo de goberno de tipo empresarial que amplía os seus horizontes até se constituír no verdadeiro referente organizativo e normativo do conxunto da vida social. Estaremos, polo tanto, diante dun neoliberalismo que transcende as doutrinas económicas e os programas políticos impulsados nas últimas décadas; para nos aproximar, así, a unha tecnoloxía de goberno multiforme, que realiza unha profunda mutación epistemolóxica da relación entre os suxeitos e a institucionalidade nacida da modernidade capitalista.

## **Resumen**

### **El “arte de gobierno neoliberal”.**

#### **Sujeto, poder y Estado desde el pensamiento (post)foucaultiano**

A partir del análisis (post)foucaultiano, el presente trabajo aborda la hipótesis del desarrollo de una teoría política del neoliberalismo, a partir de un específico “arte de gobierno”. Una razón de gobierno que va más allá del hecho espontáneo y natural, para constituirse en una política gubernamental que determina un cuadro de gestión social de los individuos. Así, frente a los sujetos pasivos de la estatalidad de la sociedad fabril, ahora los individuos se convierten en gestores activos y responsables de sí. Es decir, administradores de sus propias capacidades, recursos, conocimientos y saberes con el objetivo de desarrollarse libremente en la compleja red de intersecciones contemporáneas. De esta forma, el neoliberalismo no se presenta sólo como el retroceso del Estado o el regreso del libre mercado; sino, más bien, como un proyecto social basado en los valores, las prácticas, los cálculos y las evaluaciones específicas de la economía de mercado. En suma, nos encontramos ante la construcción de un modo de gobierno de tipo empresarial que amplía sus horizontes hasta constituirse en el verdadero referente organizativo y normativo del conjunto de la vida social. Nos ocuparemos, por lo tanto, de un neoliberalismo que trasciende las doctrinas económicas y los programas políticos impulsados en las últimas décadas; y entra en relación con una tecnología de gobierno multiforme, que realiza una profunda mutación epistemológica de la relación entre los sujetos y la institucionalidad nacida de la modernidad capitalista.

## **Abstract**

### **The ‘art of neoliberal government’.**

#### **Subject, Power and State from a post-Foucault perspective**

From the post-Foucault analysis, our current work deals with the hypotheses of the development of a political theory of neoliberalism, as a specific ‘art of government’. A reason of government that goes beyond the spontaneous and natural fact to set itself up as a government system that determines a framework of social management of the individuals. So, the individuals become active and self-managing participants in society in contrast with the passive subjects from the industrial society. This is to say, they are in charge of their own skills, resources, knowledge and wisdom so that they can interact in the complex network of contemporary intersections. This way, neoliberalism is hardly presented as the State’s relapse or a return to the free market; it is rather a social project based around specific values, practices, calculations and assessment of the market economy. To sum up, we are facing the build-up of an entrepreneurial government that widens its scope in order to become a true organisational and normative model of society as a whole. Thus, we will be dealing with a kind of neoliberalism that goes beyond the economic doctrines and political schemes launched in the last decades. We will approach a multiform government technology that goes through deep epistemological changes regarding the relationship among subjects and institutions, which is born from capitalist modernity.

Obrigado,  
à paixão polo saber,  
ao fascínio por explorar novos mundos,  
à descoberta de outros horizontes.

Obrigado,  
a todos e todas aquelas que tornaram isto possível.







*“O homem, durante milénios, permaneceu o que era para Aristóteles:  
um animal vivo e, além disso, capaz de existência política;  
o homem moderno é um animal, em cuja política,  
a sua vida de ser vivo está em questão”.*

FOUCAULT (1999:134)





## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	17
1. OBJETO E OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO	17
2. QUADRO TEÓRICO. “HIPÓTESE” FOUCAULTIANA	25
3. ESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO	32
 <b>I. PERSPETIVA ANALÍTICA. BIOPOLÍTICA E BIPODER</b>	 37
 <b>CAPÍTULO 1. DEVIR NEOLIBERAL</b>	 39
1. NEOLIBERALISMO. APONTAMENTOS PRELIMINARES	39
1.1. Sociedade do pós-trabalho	42
1.2. Sociedade do consumo	46
1.3. Sociedade de segurança	51
2. NEOLIBERALISMO E BIOPOLÍTICA	53
2.1. Biopolítica das populações	57
2.2. Governamentalidade neoliberal	64
3. PERSPETIVAS PÓS-FOUCAULTIANAS	70
3.1. Poder sobre a vida. Complexidades e críticas	78
3.2. Estudos da governamentalidade	82
3.3. Império, vida nua e imunidade	88
3.4. Estudos sobre o neoliberalismo	100
 <b>II. SUJEITO NEOLIBERAL</b>	 105
 <b>CAPÍTULO 2. GOVERNO ECONÓMICO DA VIDA</b>	 107

1. DA DESREGULAMENTAÇÃO ECONÓMICA À REGULAMENTAÇÃO SOCIAL	107
1.1. Além do <i>laissez faire</i>	113
1.2. Racionalidade económica	119
1.3. Governar desde a gestão	125
2. “CUIDADO DE SI” NO SUJEITO NEOLIBERAL	129
2.1. Sujeito neoliberal (i). Gestor de si	136
2.2. Sujeito neoliberal (ii). <i>Homo economicus</i>	143
2.3. A vida como capital	153
 <b>CAPÍTULO 3. VIDA POSTA A PRODUIR</b>	 163
1. FRONTEIRAS DIFUSAS. CAPITAL, TRABALHO E VIDA	163
1.1. Viragem cognitiva. Imaterialização do trabalho	168
1.2. Potencialidades e limites analíticos	175
1.3. Excedência e fragmentação. Vida precária	179
2. VIDA CAPTURADA NA LÓGICA DO CAPITAL	187
2.1. Entre a <i>exclusão</i> e a <i>inclusão</i>	190
3. VIDA COMO TRABALHO EXCEDENTE	200
3.1. Biopoder e biocapital	203
3.2. Trabalhador como <i>homo sacer</i>	208
 <b>III. ESTADO E GOVERNANÇA</b>	 215
 <b>CAPÍTULO 4. ESPÍRITO EMPRESARIAL DO ESTADO</b>	 217
1. NOVA GERÊNCIA PÚBLICA	217
1.1. <i>Empresarialização</i> do governo	219
1.2. Afirmção gerencial das políticas públicas	228
1.3. Redefinição gerencial. Sinergias e tensões	233
2. ESTADO MANAGERIAL E BUROCRACIA	243
2.1. Contornos da administração managerial	244
2.2. Persistência do <i>ethos</i> burocrático	249
3. GERÊNCIA PÓS-POLÍTICA	257

3.1. Tecnocracia neoliberal	259
3.2. Política imunitária	265
<b>CAPÍTULO 5. GOVERNANÇA GLOBAL E SOBERANIA ESTATAL</b>	273
1. DECLÍNIO DA GOVERNANÇA GLOBAL	273
1.1. Ativação e reativação estatal	275
1.2. Crise de governabilidade	282
2. RETORNO DO SOBERANO ESTATAL	288
2.1. Estatalidade neoliberal	289
2.2. Poder soberano	295
<b>CONCLUSÕES</b>	307
<b>CONCLUSIONS (ENG)</b>	321
<b>ANEXO. SÍNTESIS DEL CONTENIDO Y CONCLUSIONES (ESP)</b>	335
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	349



## INTRODUÇÃO

### 1. OBJETO E OBJETIVO DE INVESTIGAÇÃO

Grande parte do pensamento político contemporâneo e, especificamente, da análise politológica, tem vindo, nos últimos anos e com notável relevância a partir da crise de 2008, a prestar atenção à identificação das particularidades e especificidades do neoliberalismo. Um sistema, conforme se tem afirmado repetidas vezes, de tipo político-económico e ideológico que, de acordo com a literatura especializada, chegou para trazer inovações à ordem tradicional do liberalismo clássico. Seja ele entendido como um processo já acabado ou, pelo contrário, como um paradigma teórico sem prejuízo da sua total realização prática, não há dúvidas sobre o enriquecimento do debate por volta deste objeto de investigação contribuindo inegavelmente para a ampliação dos quadros de interpretação e crítica. Além da multiplicidade de qualificações que pudermos apontar, em termos gerais, duas foram as principais abordagens que a partir desta disciplina académica foram feitas sobre o assunto. Seguindo, entre outros, LARNER (2000: 6-12), em primeiro lugar, o neoliberalismo foi concebido como uma *policy*, isto é, como um verdadeiro programa político e de ação governamental despojado de restrições de carácter intervencionista ou protecionista. Em segundo lugar, o neoliberalismo foi considerado uma ideologia eventualmente hegemónica baseada num sistema de ideias e princípios de livre mercado. Assim sendo, toda a análise política tende a ser classificada, até certo ponto, numa ou outra definição, embora se deva apontar que, com certeza, há aproximações a combinarem ambas as posições sem estabelecerem entre elas uma relação hierárquica.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A bibliografia sobre o neoliberalismo é inesgotável, portanto, sem qualquer intenção de exaustividade, vale a pena recomendar para uma abordagem sobre o tema, ANDERSON (1998, 2003, 2012), ARRIGHI (2006, 2007), BAUMAN (2001, 2002, 2004a, 200b), BECK (2002), BELL (1991), BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002), CASTEL (2006, 2008), CLARKE e NEWMAN (1997), GORZ (2003), GRAEBER (2015), HARCOURT (2011), HARVEY (2004, 2007, 2012), JAPPE (2016), KRUGMAN (2012), LAPAVITSAS *et al.*

Porém, este trabalho que apresentamos deserta, como veremos, decididamente de tão unidimensionais interpretações procurando oferecer uma concepção alternativa sobre o desenvolvimento do neoliberalismo, entendido, antes de mais, como uma racionalização do exercício de governo. Em síntese, a nossa investigação debruça-se sobre a conformação de uma específica racionalidade neoliberal de gestão da vida, a partir, principalmente, dos contributos teóricos da literatura centrada nas tecnologias do poder e do governo<sup>2</sup> em confronto com as várias abordagens realizadas sobre o projeto neoliberal. Não se trata, porém, de estabelecer uma hierarquia analítica, mas uma justaposição das várias elaborações teóricas que, de forma alguma, podem ser reduzidas a uma unidade. Em consequência, a finalidade última deste trabalho é problematizar o “governar”, ou seja, colocar em causa a operacionalidade do “poder” na contemporaneidade através da análise das suas formas epistemológicas e configurando, doravante, um campo de investigação e intervenção na realidade. Mas, uma empresa destas características implica, como diria BERLIN (1978: 147), uma abordagem ao objeto de estudo “*obstinadamente filosófica*”, tensionando indubitavelmente a relação entre uma investigação que podemos chamar de teoria e filosofia política com aquelas outras chamadas estritamente de ciência política. E é por isso que, antes de continuar com esta introdução, consideramos pertinente fazer um breve apontamento sobre o carácter científico e a relevância desta perspetiva para a politologia.<sup>3</sup>

Não é uma novidade afirmar, como bem assinala GRANT (2011), que a teoria e a filosofia política têm sido alvo de numerosas críticas pela sua alegada falta de cientificidade, na medida em que os padrões de análises para avaliar e julgar uma investigação deste tipo estão marcados, no fundamental, pelos parâmetros do empirismo, enquanto principal fornecedor dos modelos mais apropriados para a pesquisa académica. No entanto, com vontade de refutar tais argumentos fazemos nossa a alegação da politóloga norte-americana, segundo a qual, a ciência política não pode ser compreendida adequadamente sem a teoria e a

---

(2012), LIPOVETSKY (2006), RANCIÈRE (2007), SASSEN (2010), SENNETT (2006), STREECK (2017a), TOUSSAINT (2010), WACQUANT (2010), ZIZEK (2008, 2012).

<sup>2</sup> Como referência podemos mencionar, inicialmente, os trabalhos de FOUCAULT (2006, 2012), bem como, entre outros, BOUTANG (2007), BROWN (2015), BUTLER (2006), CASTRO-GOMEZ (2010), DEAN (2007), FEHER (2017), FUMAGALLI (2010), HARDT e NEGRI (2002, 2011), LAVAL e DARDOT (2013, 2015, 2017, 2018), LAZZARATO (2013), ROSE e MILLER (2008), ROSE (1999, 2012), VIRNO (2003).

<sup>3</sup> Vid., por todos, sobre a importância da teoria política na configuração e fortalecimento do pensamento crítico e na interpretação dos fenómenos políticos, WENCES (2015).



filosofia política. Pois a ciência política tem, antes de mais, uma vertente filosófica que visa identificar, interpretar, compreender e explicar processos políticos. Quer dizer, a ciência política não pode ser pensada sem uma componente normativa que trate da correspondência entre as reflexões axiológicas, as práticas públicas e o desenho de instituições políticas (WENCES, 2015: 21). Assim, afirmamos que a teoria política não pode ser dissociada do conhecimento da realidade empírica e da argumentação baseada em evidências históricas, como, igualmente, a investigação científica não pode fugir às considerações de caráter normativo. E conforme aponta GRANT (2011: 13-14), resulta então altamente problemático procurar diferenças entre um conhecimento vocacionado para os valores e um outro conhecimento que só estaria disponível para as investigações factuais.

Deste modo, observamos como a dimensão normativa da análise politológica antecede toda a aproximação empírica da realidade por muito que, de acordo com MAIZ (2015: 133), metodologicamente ela se apresente como altamente refinada e sólida do ponto de vista empírico. Ou por melhor dizer, a avaliação de uma determinada intervenção governativa, de uma concreta política pública ou instituição é indissociável do horizonte normativo subjacente, quer seja no modo em como ela selecionar e abordar os problemas, quer seja nas soluções ou propostas de resolução propostas (MAIZ, 2015: 100). E em sentido contrário, uma teoria política muito sofisticada do ponto de vista analítico e mesmo lógico também resulta muito frágil se ela não é contrastável em termos empíricos, sendo, para tanto, muito pouco frutífera para interpelarmos a realidade social e política que queremos examinar. Assim sendo, qualquer atividade teórica deve levar em conta tanto os pressupostos epistemológicos como o seu contraste na realidade. A ciência política deve rejeitar, por conseguinte, qualquer pretensão de objetividade no sentido comportamental, bem como renunciar a perceber a realidade e os respetivos enunciados em termos de verdade ou falsidade. Na investigação politológica deve ficar claro, em consequência, que é impossível uma interpretação neutra, ao passo que se aproxima dos problemas desde valores, ideias e tradições, e que a escolha do objeto de estudo, a sua análise e interpretação dos dados está enquadrada nos mesmos (WENCES, 2015: 20-21). Portanto, aquilo que observamos é que a realidade social e política, bem como as suas chaves interpretativas, não são um fenómeno objetivo, neutral ou natural, mas resultam de um processo contingente de decisão, seleção e conflito, pois esta é, em

última análise, a natureza da política (MAIZ, 2015: 128). E, a partir desta hipótese, a ciência política deve descartar qualquer aposta unidimensional tanto nas ferramentas, quanto nos modos de estudar o fenómeno político, pois para a sua compreensão resulta fundamental uma teoria política capaz de refletir sobre conceitos tais como a democracia, a representação ou a cidadania além do estudo dos dados.

A teoria política, em resumo, como descreve WENCES (2015: 47-54), é a disciplina da ciência política que trata da problematização da política, de desvendar os seus problemas, oferecer fundamentos para possíveis soluções e ainda da sua compreensão no presente. Pois a teoria política é, antes de tudo, uma teoria normativa, que dispõe de ferramentas, categorias e noções adequadas para argumentar porque um conjunto de valores, instituições ou políticas respondem a uma determinada visão do mundo ou outro. Em primeiro lugar, porque a teoria política se centra na reflexão, inspirando e fortalecendo o pensamento além do simples exercício descritivo da realidade social e política. Ou seja, é a teoria política que aborda a relevância dos fenómenos políticos, mas também é ela que reflete sobre as suas estratégias de ação e os mecanismos que provocam as transformações e mutações objeto de exame. Em segundo lugar, a teoria política tem, portanto, uma função essencialmente crítica que lhe é consubstancial e permite pôr em causa a formulação de problemas políticos e as razões que lhe dão fundamento. Assim, a teoria política assume um marcado carácter interdisciplinar, autónomo e inovador vocacionado para a interpretação, avaliação, esclarecimento e exposição das ideias, justificações e doutrinas do pensamento político e dos mecanismos de ação e intervenção sobre a realidade. Por consequência, a sua função não tem um valor apenas teórico, mas fundamentalmente a teoria política contribui para o conhecimento e a prática da política (WENCES, 2015: 19-21).

Isto coloca a teoria política, na nossa perspetiva, como uma disciplina chave para abordarmos, especialmente, como aponta MAIZ (2015: 100-101), em tempos de crise sistémica, económica e política, a tarefa de selecionar as questões e os problemas certos no intuito de problematizar e analisar criticamente a realidade. Deste modo, seguindo GRANT (2011: 20), concluímos que a teoria e a filosofia política são imprescindíveis para estudar a política, porquanto a vida política é, em suma, uma manifestação dos propósitos, das

intenções e dos comportamentos dos seus atores. A vida política é uma vida contingente, em constante movimento, e não um objeto imóvel e puro. Por isso, para a autora, e assim o assumimos neste trabalho, a prática da política é antes uma “arte” do que uma “técnica”, aprendida por meio da acumulação da experiência prática em circunstâncias particulares. E da mesma forma, cada ator político opera sempre dentro de um concreto regime conceitual, bem como dentro de um sistema institucional determinado, sem que ninguém preexista ao conjunto de concepções legitimadoras, aos limites do discurso público ou às considerações de como as ações tendam a ser interpretadas. E é por isso que a política, quer dizer, a vida política, inclui de facto a teoria e filosofia no seu interior e, por conseguinte, o estudo da política não as pode obviar. Pois, a teoria política, a filosofia política e a ciência política pertencem a uma mesma matéria cuja tarefa é, antes bem, melhorar a compreensão da política (GRANT, 2011: 21-22).

Realizado este sintético apontamento de carácter preliminar, podemos afirmar sumariamente que este trabalho tem, então, por objeto elaborar uma verdadeira “teoria política do neoliberalismo”: isto é, estudarmos a conceitualização da noção de governo e dos seus elementos capitais a partir da sua inserção na racionalidade neoliberal, tais como o Estado mínimo, o empreendimento ou a concorrência, por citarmos algum dos exemplos mais reconhecíveis, bem como as suas hipóteses de ação política no presente. Neste sentido, pretendemos debruçar-nos sobre a conformação histórica do governo contemporâneo, os seus contornos, os seus limites e, nomeadamente, a sua interpretação a partir de novas categorias analíticas. Portanto, iremos atender para a configuração de uma formulação do poder cujo propósito fundamental não é tanto o controlo maquíveliano do território do Estado, mas fundamentalmente a gestão da vida da população. Isto é, uma noção de governo que ultrapassa, como trataremos de abordar, a concepção mais convencional para se instalar num plano analítico mais amplo e também mais complexo. Por isso, redirecionaremos a nossa abordagem para outras noções e conceitos da teoria, da filosofia e da ciência política com o objetivo de explorar o poder sobre a vida no presente. E, embora seja verdade que nos últimos anos o ambiente académico propiciou investigações importantes e variadas com base nessa perspectiva que contribuíram para a sua definição e problematização, não menos necessárias são as propostas destinadas a renovar o sentido teórico-prático do neoliberalismo como sendo

uma forma específica de governo.<sup>4</sup> Deste modo, o núcleo axial da presente investigação é, antes de mais, rastejar a relação entre os conceitos de governo e neoliberalismo, verificando a emergência de uma racionalidade neoliberal de governo que se constitui através da articulação de diferentes dispositivos políticos dirigidos para o (auto)controlo dos sujeitos.

De acordo com esta hipótese, a nossa proposta foca os princípios económicos e sociais sobre os quais se sustenta o neoliberalismo, bem como as tecnologias de poder que nele operam e o atravessam, e ainda os seus modos de subjetivação, porquanto são as bases sobre as quais se desdobra aquilo que chamamos de “arte de governo neoliberal”. Nesta sequência, exploramos um fenómeno político cuja operação exige certas condições sociais que, como tentaremos expressar, devem ser produzidas por meio de uma ação governamental. Não é, portanto, um facto espontâneo ou natural, mas trata-se da realização de normas, princípios e valores a se envolverem na construção de uma específica “sociedade de empresa” cujas características alteram substancialmente as formações sociais até então conhecidas. E, a partir desses princípios, poderemos entender o surgimento do novo modelo de governo decorrente da transformação da razão governamental. Pois debruçar-se sobre o governar significa, principalmente, localizar o modo de articulação do conjunto de práticas, técnicas e saberes que fazem possível gerir as vontades e comportamentos dos indivíduos num contexto determinado. Isto é, então, aquilo que a partir da análise do modo de governo procuramos estudar: como são administradas as ações dos sujeitos tanto em ambientes institucionais, quanto em espaços libertados do perímetro estatal, seja de jeito individual ou coletivamente. Avançar, desta forma, procurando explicações sobre a forma como os agentes livres são levados, sem serem dominados no sentido soberano, em virtude de sua constituição de empreendedores de si, nas várias facetas de sua existência, determinando de maneira concreta as suas decisões. Em suma, pensarmos o poder não apenas a partir do paradigma da soberania, mas, fundamentalmente, a partir da governança da vida; ou seja, as ações exercidas sobre os indivíduos e as populações pensadas além dos limites da compreensão coercitiva do poder e

---

<sup>4</sup> Neste sentido, apontamos como exemplos mais sugestivos, entre outros, BERAMENDI *et al.* (2015), BIDET (2016b), DAVIES (2014), PECK (2010), LAVAL e DARDOT (2013), LEMKE (2006). Igualmente, como citação introdutória podemos destacar, principalmente, a produção académica realizada pelos denominados *estudos da governamentalidade*; vid., por todos, DEAN (2007), ROSE (2007), ROSE e MILLER (2008). Mais recentemente podemos citar, SLOBODIAN (2018).

levando-nos para uma profunda reconsideração de algumas das linhas centrais de pensamento político.<sup>5</sup>

A partir desta perspectiva, a presente investigação procura elaborar uma cartografia dos diferentes desenvolvimentos teóricos de aproximação ao projeto neoliberal das tecnologias de poder e governo, identificando as várias propostas, as suas tensões e também as suas convergências. Isto permitir-nos-á, portanto, estudar e compreender tanto os seus caracteres, quanto verificar as singularidades da intervenção socioeconómica da governança e as suas dimensões de operacionalidade. Porém, esta aproximação não tenciona reduzir as distintas elaborações do poder sobre a vida contemporânea para um único arquétipo, mas circundar as formulações que elas teriam produzido sobre o neoliberalismo, analisadas como uma hipótese governamental alternativa às práticas liberais da modernidade capitalista. Neste sentido, duas são as rotas previstas sobre as que se encaminham, assumindo de início a impossibilidade de qualquer síntese totalizadora. Em primeiro lugar, o neoliberalismo vai além da sua interpretação como uma doutrina económica ou de uma ideologia mercantilista. O neoliberalismo é, antes bem, uma caracterização específica do poder dirigido à administração dos sujeitos penetrando no seu interior até as suas últimas consequências. Em segundo lugar, o neoliberalismo dissemina pelo corpo social um sem-número de dispositivos políticos dirigidos tanto ao governo dos outros quanto ao governo de si; quer dizer, trata-se de um poder performativo que não constrói apenas os modos de gestão da população, mas também as ações que cada indivíduo dirige sobre o seu próprio corpo e alma.<sup>6</sup>

Em consequência, o objeto de estudo resulta de um processo mais multifacetado do que alertar, na sua versão mais ortodoxa, para o processo de libertação dos sujeitos da engrenagem estatal, ou, na sua versão mais heterodoxa, o tipo de projeto político levado para a frente pela

---

<sup>5</sup> Conforme se abordará pormenorizadamente aquilo que designamos agora, indistintamente, como “governo sobre a vida” ou “poder sobre a vida”, não responde nem a uma única definição, nem a um único registo analítico, mas o alvo desta apresentação é, para já, apontar para uma abordagem teórico-política que visa colocar a vida no centro da política contemporânea. Cfr., por todos, AGAMBEN (2004, 2006), HARDT e NEGRI (2002), ESPOSITO (2005, 2006a, 2010).

<sup>6</sup> Deste modo, encontramos na literatura mais recente interessantes pontos de partida como são os trabalhos realizados, entre outros, por BROWN (2015), LAVAL e DARDOT (2018), FEHER (2017), LOREY (2017), a partir dos quais desenvolveremos boa parte do objeto desta investigação.

classe capitalista nas últimas décadas.<sup>7</sup> Na nossa proposta, contrariamente, o neoliberalismo é concebido como uma reestruturação das formas de controlo e cuidado da vida prototípica do liberalismo clássico. E o objetivo principal de trabalho é, portanto, construir um quadro de análise a partir do qual poder observá-lo e, a seguir, disponibilizar instrumentos teóricos a partir dos quais desvendarmos as suas formas de intervenção governativa. Em vista disso, esta investigação debruça-se sobre quatro eixos fundamentais para analisar o neoliberalismo além da sua conceção estritamente economicista, deslocando-nos para uma noção propriamente governamental. Em primeiro lugar, e a partir desse ponto de partida, são avaliadas quer as semelhanças quer as dissimilaridades entre a irrupção e o desenvolvimento do projeto neoliberal em relação ao programa liberal, bem como as suas críticas, as suas eivas e as suas potencialidades. Em segundo lugar, a investigação vai ao encontro das formas de produção de vida que o neoliberalismo realiza, e avalia como a vida é posta a produzir sob a ideia-força da concorrência enquanto critério orientador e regulamentador das intervenções governamentais. Em terceiro lugar, observaremos a programação político-social impulsionada pelo governo neoliberal, não prevista, principalmente, a partir dos dispositivos de soberania, mas com base numa racionalidade de padrões empresariais vocacionada para a administração social. E em quarto e último lugar, como este modo de governo é inseparável de um tipo de subjetivação própria e, para isso, importa interpelarmos as eventuais diferenças e interferências com o sujeito promovido pelo (neo)liberalismo.

Atendendo ao que precede, podemos então concluir que a investigação proposta parte da hipótese central de o neoliberalismo ser um conjunto singular, original e disruptivo de dispositivos e tecnologias governamentais. Propomos, pois, um modelo alternativo de reflexão sobre as práticas de governo que, antes de mais, recolha os principais estudos sobre o neoliberalismo e o poder sobre a vida contemporânea. E a partir deles pormos em causa os princípios da governança neoliberal como sendo uma verdadeira “arte de governo”. A função, pois, deste trabalho é articular um diálogo entre as distintas posturas que visam analisar as particularidades do governar contemporâneo, encaminhando um entrecruzamento das várias

---

<sup>7</sup> Como apontamos, seja numa perspectiva liberal ortodoxa, designadamente, HAYEK (2007) ou FRIEDMAN (2012), citando os exemplos mais destacados, quer seja numa crítica mais heterodoxa, por exemplo HARVEY (2007) ou KURZ (2009), mais uma vez como mostra desta abordagem; partilham todas uma forte componente economicista que, como veremos, constitui um dos principais obstáculos para compreendermos o desenvolvimento do projeto neoliberal em todas as suas dimensões.



concepções e interpretações cujas contribuições têm sido determinantes para entender a sua especificidade. Em segundo termo, aquilo que procuramos é não ficarmos pela simples descrição ou exposição das racionalidades políticas identificadas pelos autores e autoras de referência, mas, eventualmente, disponibilizar ferramentas que sirvam para elaborar uma crítica rigorosa e comprometida com a realidade social e política em que vivemos, bem como também estimular o pensamento das possibilidades de emancipação. Para isso iniciamos agora um percurso, pela sua própria natureza de caráter inacabado e imperfeito, por uma literatura decididamente encaminhada a ultrapassar as fronteiras e as margens do político, do social e do económico.<sup>8</sup> E entendemos que se trate apenas do encetar de um caminho incompleto porque acreditamos que o objeto de estudo deste trabalho se encontra imerso num inegável processo político de transformação sistémico ainda em curso. Consequentemente, estamos cientes de que aquelas categorias que manejemos são também categorias que fazem parte de uma realidade em transição. Por isso, mais do que certezas fechadas e incontestáveis, aquilo que procuramos identificar são principalmente linhas de tendência que deveremos, necessariamente, continuar a explorar e pensar no futuro mais imediato.<sup>9</sup>

## 2. QUADRO TEÓRICO. “HIPÓTESE FOUCAULTIANA”

Sendo assim, o quadro teórico a partir do qual desenvolvemos o nosso projeto de investigação será, empregando a metáfora de LEMKE (2006: 11), a “hipótese foucaultiana”. Recorremos, logo, ao diagnóstico realizado pelo filósofo francês FOUCAULT sobre a analítica do poder e, em concreto, sobre os seus dispositivos e as suas técnicas de atuação para

---

<sup>8</sup> Este trabalho apresenta, portanto, uma vasta e heterodoxa panóplia de autores e autoras que têm elaborado, ao nosso juízo, potentes ferramentas de análise para abordar o neoliberalismo como uma arte específica de governo. Em suma, tratamos uma literatura que, a partir do cruzamento de diferentes abordagens e com posições mesmo antagónicas, trazem argumentos que contribuem para o esclarecimento das formas de governamentalidade. Mas também apontamos, com transparência, que a nossa proposta constitui apenas uma das múltiplas possibilidades existentes. Portanto, a bibliografia que utilizamos não é nem a única realizável, nem as nossas conclusões são as únicas possíveis, pois a nossa verdadeira vocação é complementar e não substituir outras perspetivas também válidas para se aproximar deste objetivo.

<sup>9</sup> Novamente seriam praticamente ilimitadas as referências que, com base em abordagens epistemológicas contrapostas, partilham a existência de vivermos uma realidade política, social e económica em fase de transição ou mudança de paradigma, entre outros, apontamos para esta investigação, ARRIGHI (2007), BADIOU (2010), BAUMAN (2007b), BECK (2007), BUTLER (2006), CASTELLS (2006), COMITÉ INVISÍVEL (2017), DAVIES (2016), DE GIORGI (2006), HARVEY (2004), LIPOVETSKY (2006), MOUFFE (2007), RAJAN (2006), RANCIÈRE (2007), SASSEN (2010), STREECK (2017a), VIRNO (2003).

desvendar a sua formulação no presente.<sup>10</sup> Pois não cabe dúvida, os contributos conceituais e epistemológicos deste autor, bem como os dos seus interpretes e recetores,<sup>11</sup> converteram-se em inevitáveis para qualquer achegamento crítico à realidade social e política, nomeadamente, se quisermos examinar e decifrar os modos de gestão e administração contemporâneos dos sujeitos. A análise da forma como o poder atua sobre a vida tem, portanto, uma referência fundamental na obra do intelectual galo que oferece um sugestivo quadro de abordagem. Neste sentido, as suas pesquisas sobre a racionalidade do poder e do governo resultam fulcrais para entender o agir governamental e as suas estratégias sobre aspectos tão variados como são a política assistencial, a política laboral ou a participação cidadã, porquanto todas formam parte do mesmo exercício do poder/governo, conforme trataremos de mostrar durante este trabalho.

O nosso quadro teórico assume, portanto, a “hipótese foucaultiana” como o eixo central para conceber o governo neoliberal, em confronto direto com as principais concepções em vigor.<sup>12</sup> No entanto, isto não significa que este seja um trabalho *sobre* FOUCAULT por mais que a sua análise o traspasse desde a primeira à última página. Numa perspetiva distinta, neste projeto aquilo que procuramos é outra coisa: tratar-se-á, então, de uma investigação *desde* o pensamento (pós)foucaultiano como ângulo desde o que observarmos o modo de sermos hoje governados. Desta maneira, faremos nossas as suas noções e as suas categorias, mas para movê-las para novos contextos, bem como para novas questões do presente político. Em síntese, o nosso objetivo não procura, logo, ser devoto do pensamento de FOUCAULT, mas, antes, abrir outras vias se calhar mais heréticas. Esta posição, aliás, liga com a autêntica vontade do filósofo francês, que ansiava verdadeiramente a produção de ferramentas úteis para a interpretação dos acontecimentos sociais e políticos. Não era a sua finalidade, deste

<sup>10</sup> De entre a vastíssima e influente obra do autor galo publicada tanto em vida como, sobretudo para o nosso estudo, *post mortem*, destacamos, por todas, FOUCAULT (1979, 1985, 1990, 1991, 1994, 1999, 2000, 2002, 2006, 2008, 2011, 2012). Para uma análise de aproximação ao trabalho foucaultiano, vid., entre outros, VAZQUEZ (1995), CASTRO-GOMEZ (2010), ÁLVAREZ YAGÜEZ (2013).

<sup>11</sup> Em relação aos recetores e intérpretes não os entenderemos desde a perspetiva de discípulos da sua obra, mas referiremos à série de autores e autoras que após a sua morte se apoiaram nas noções fundamentais do seu trabalho sobre o (bio)poder para observar os seus distintos campos de estudo, dando lugar a tantas derivações do seu pensamento como autores e autoras os têm usado. Sobre isto, vid. Cap. 1.3.

<sup>12</sup> Como fomos antecipando na introdução, esta focagem do neoliberalismo rompe com a) a visão economicista centrada nas reformas fiscais, financeiras e salariais (ANDERSON, 2003), b) a substituição do Estado pelo livre mercado (JAPPE, 2011), e c) a recuperação da hegemonia política pela classe capitalista dirigente (HARVEY, 2007).



jeito, elaborar uma totalidade transcendental, racional e normativa, mas localizar as práticas do poder numa sociedade determinada e num contexto concreto no objetivo de pôr em causa a análise política de uma época.<sup>13</sup>

Resulta uma questão pacífica no pensamento crítico afirmar que FOUCAULT convulsiona boa parte da filosofia e da teoria política rompendo com a percepção do poder como um instrumento repressivo e coercitivo do aparelho estatal. Segundo o autor, para compreender o efetivo alcance do poder devemos inseri-lo numa conceção relacional e afastar-nos da sua estrita definição jurídica e política. Em consonância, FOUCAULT aborda a questão do poder principalmente na sua relação com as suas práticas<sup>14</sup> e os seus dispositivos<sup>15</sup>, além da oposição entre o Estado e os indivíduos. O francês não tem como objetivo desvendar o sistema de poder vigente, mas observar a sua racionalidade. O seu exame não se centra em definir essencialmente que é o poder ou elaborar uma teoria do poder, mas aprofundar na sua natureza, nas características das relações que desde ele se estabelecem e, singularmente, na economia que o sustenta.<sup>16</sup> Desta visão, não se aproxima às mudanças sociais e económicas como expressão direta das políticas impulsionadas por quem detém o poder legislativo e executivo do Estado, mas como expressão das relações de poder existentes numa sociedade determinada. Pelo contrário, no lugar de explorar o poder do Estado, desde a perspectiva foucaultiana o relevante é examinarmos a racionalidade que se oculta numa prática

<sup>13</sup> Cfr. DOMINGUEZ (2018: 311-312). Assim mesmo, em ligação com esta afirmação, subscrevemos novamente a DOMINGUEZ (2018: 309) quando expõe: “o projeto foucaultiano é algo mais que um projeto crítico, é um projeto kantiano e caracterizado como uma ontologia política de nós mesmos”.

<sup>14</sup> Seguindo a aclaração realizada por HABERMAS (1989: 29), FOUCAULT define a noção de “prática” como os “regulamentos das formas de ação, e os costumes consolidados institucionalmente, condensados ritualmente, e muitas vezes materializados em formas arquitetónicas”.

<sup>15</sup> Para DREYFUS e RABINOW (2001: 150) o conceito foucaultiano de “dispositivo” inclui “discursos, instituições, disposições arquitetónicas, regras, leis, medidas administrativas, declarações científicas, proposições filosóficas, moralidade, filantropia, etc. (...) FOUCAULT define o dispositivo dizendo que quando se é bem-sucedido na detecção de estratégias das relações de força que subjacente ao saber e vice-versa então tem um dispositivo. (...) Esse dispositivo é, naturalmente, uma grade de análise construída pelo historiador, mas também as próprias práticas, agindo como um dispositivo, uma ferramenta, são assuntos e organizá-los. FOUCAULT procura isolar e estabelecer com precisão o tipo de inteligibilidade que as práticas têm.”

<sup>16</sup> Segundo FOUCAULT (1979: 149) “o poder repousa mais sobre os corpos e sobre o que eles fazem do que sobre a terra e seus produtos, é uma mecânica de poder que permite extrair do tempo do corpo e trabalhar mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que é exercido incessantemente através da vigilância e não de forma descontínua através de sistemas de impostos e obrigações distribuídos ao longo do tempo, é mais uma grade compacta de restrições materiais do que a existência física de um soberano; e, finalmente, baseia-se no princípio segundo o qual uma nova economia de poder verdadeira e específica tem de conseguir crescer constantemente as forças subjugadas e a força e eficácia daquele que as submete”.

concreta do poder.<sup>17</sup> Para FOUCAULT (2012: 312), sem obviar a dimensão simbólica do poder do Estado e da sua capacidade jurídica e normativa, o cerne do debate encontra-se no seu modo de agir, orientado para objetivos e regulado por uma reflexão contínua que supõe um princípio e um método de racionalizar o exercício do governo substancialmente distinto.<sup>18</sup>

Para FOUCAULT o poder não está localizado num único ponto, nem está em posseção de um único soberano hierarquicamente superior ao conjunto da sociedade que o exerce verticalmente. Não existe um poder exterior situado fora do corpo social a dominar os indivíduos, em direção contrária, o poder percorre-o, atravessa-o e também o constitui.<sup>19</sup> Por outras palavras, ele não se concentra nem se realiza no sistema normativo do ordenamento jurídico, mas expande-se e mobiliza-se pelo espaço e o corpo social de forma imanente. Estamos perante uma forma do poder que não é corpóreo, nem está individualizado, como tampouco ele é manejável ou tangível. Trata-se de um poder multidimensional a operar numa pluralidade de direções e desde uma pluralidade de territórios a interagirem entre si. O esquema foucaultiano dissolve, por completo, a visão unidirecional, retilínea e territorializada do poder para nos representar um poder que permeia a sociedade internamente além da dicotomia dominador/dominado. Desta óptica, o poder extravasa a conceção puramente jurídica, na medida em que é ativo, inerente e constitutivo dos indivíduos e dos seus modos de relacionamento com os outros e consigo mesmo. Para FOUCAULT, as relações de poder a operam na sociedade são, seguindo o seu esquema, o objeto primordial da análise; não devendo abordarmos a questão do poder como uma substância monolítica, mas principalmente como um modo de relacionamento. E mais do que a identificação do poder no seu sentido mais canónico, aquilo que devemos compreender verdadeiramente é o seu exercício, os seus

---

<sup>17</sup> Cfr. DOMÍNGUEZ (2018: 316, 356). Mais uma vez dizemos com DOMÍNGUEZ (2018: 315), “a sua definição relacional de poder é inteiramente oposta à hipótese humanista, seja em sua versão radical ou moderada, segundo a qual há uma razão transcendental que pode ser exercida independentemente de qualquer relação de poder e, precisamente porque é universal, pode reivindicar um carácter de igual magnitude”.

<sup>18</sup> Vid. SKORNICKI (2018: 371). Nesta abordagem, apontaremos destacadamente os trabalhos realizados por SKORNICKI (2017) sobre a relevância da estatalidade no pensamento de FOUCAULT a partir da conceção das noções de biopolítica, de disciplina e de governamentalidade como sendo ferramentas para entender a estatalização das relações de poder. Cfr. Cap.5.2.1.

<sup>19</sup> Aponta, com clareza, FOUCAULT (1979: 170), “poder está “sempre presente”, que nunca está “fora”, que não há “margens” para a pirueta daqueles que estão se separando. Mas isso não significa que seja necessário admitir uma forma imensurável de dominação ou um privilégio absoluto da lei. Que você não pode estar “fora do poder” não significa que você está preso de qualquer maneira”.

deslocamentos e a sua finalidade.<sup>20</sup> Pois seguindo FOUCAULT (1979: 106-107), “*se o poder não tivesse outra função senão reprimir, se ele não operar mais que seguindo a forma da censura, da exclusão, dos obstáculos, da repressão à maneira de um grande superego, se ele não se exercer mais do que de uma forma negativa, seria muito frágil. Se ele é forte, é devido a que produz efeitos positivos ao nível do desejo -isto começa a saber-se - e também ao nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz*”.

Esta reflexão, muitas vezes citada, constitui uma das mais essenciais lições que o filósofo galo nos deixa. Isto é, o erro de perceber o poder apenas na sua versão repressiva, constituído e construído juridicamente e emanado da institucionalidade estatal. Segundo o autor, desta interpretação negativa do poder resulta absolutamente impossível compreender a sua amplitude e o seu exercício sobre a vida dos sujeitos. No entanto, isto não significa tampouco a inexistência ou a superação do caráter repressivo do poder, mas, antes bem, assinalar o déficit analítico de percebê-lo apenas nesse plano.<sup>21</sup> Em efeito, FOUCAULT, ao lado da conceção repressiva, mas formando parte de uma única e mais ampla conceção do poder, coloca outra dimensão fundamental de caráter produtiva.<sup>22</sup> Seguindo esta natureza, aquilo que solidifica o poder e o faz admissível, afirma o galo, “*é o facto de que não atua apenas como potência que diz não, mas que também atravessa as cousas, as produz, suscita prazeres, forma saberes, produz discursos, é preciso considera-lo como uma rede produtiva que cruza todo o corpo social mais que uma instância negativa que tem como função reprimir*” (FOUCAULT, 1979: 192). O poder, na sua dimensão produtiva, atravessa os indivíduos para gerar neles práticas e saberes, não por meio da força, mas através produção da *verdade*. Para FOUCAULT (2008b: 59) o poder está conformado por mecanismos que fabricam, mecanismos que criam e mecanismos que produzem sujeitos, porquanto o poder tem por

---

<sup>20</sup> Como clarifica DELEUZE (1987: 111), o poder para FOUCAULT “*nem vê nem fala. É uma toupeira que só pode ser reconhecida pola sua rede de galeria, a sua toca múltipla, “ele é exercido a partir de inúmeros pontos”, “ele vem de baixo”. Mas, precisamente porque ele não fala nem vê, faz ver e fala*”.

<sup>21</sup> Neste sentido, resulta esclarecedor o próprio FOUCAULT (1999: 16) ao afirmar, “*as dúvidas que gostaria de opor à hipótese repressiva têm por objetivo muito menos mostrar que essa hipótese é falsa do que recolocá-la numa economia geral de discursos*”.

<sup>22</sup> Segundo FOUCAULT (1979: 139), “*o que tentei analisar até agora, aproximadamente, desde 1970-71, foi o como do poder; tentei capturar seus mecanismos entre dous pontos de relação, dous limites: de um lado, as regras de direito que formalmente delimitam o poder, de outro, os efeitos da verdade que esse poder produz, transmite e que, por sua vez, reproduzem esse poder. Um triângulo então: poder, certo, verdade*”.

objeto a vida. Por isso se trata, antes de mais, de uma intervenção positiva sobre os corpos e sobre as mentes que, tanto fomenta determinadas formas de atuação social, como inibe outras.

Consequentemente, esta outra dimensão do poder proposta pelo filósofo aquilo que faz é “*levar em conta a vida, os processos biológicos do homem/espécie e garantir neles não uma disciplina, mas uma regularização*” (FOUCAULT, 2000: 223). Nada fica fora do poder, todos os aspectos da vida dos indivíduos estão apreendidos por ele. Ora, o poder, do mesmo modo que não está por fora, tampouco está por dentro. O poder realiza-se, logo, através do seu exercício prático, e desde ele é que o sujeito se pensa, reflexiona e atua. Em efeito, nem é resultado de uma mobilização exterior, nem de uma ordem interior. O poder, então, realiza-se sobre os sujeitos, mas numa dupla direção, como um poder sobre os outros e como um poder sobre si mesmo. Quer dizer, segundo FOUCAULT, as práticas e técnicas através das que se exerce o poder atuam também sobre si mesmo enquanto “*objeto de conhecimento e sobre as práticas que permitem transformar o seu próprio modo de ser*” (FOUCAULT, 1986: 13). A conceção relacional do poder implica, ainda, um tipo de gestão vital de si mesmo, por meio de práticas de subjetivização que fazem possível aos indivíduos constituírem-se como sujeitos. Assim, diante de uma visão de um poder repressor que submete os indivíduos, observamos um poder que lhe dá forma; que em lugar de se deixar governar, são eles a se governarem a si mesmos conformando a sua existência. Em definitiva, a análise foucaultiana, sem obviar a dimensão repressiva, propõe-nos um modelo de poder produtivo, entendido como uma relação que o indivíduo estabelece com os demais e consigo mesmo.

Nesta perspectiva, FOUCAULT (1999: 80) expõe um poder onipresente, um poder que se produz a cada instante e em qualquer ponto. Um poder que não é uma instituição, nem tampouco uma estrutura, mas o resultado de uma situação estratégica complexa numa determinada sociedade. No entanto, assumir esta posição não só põe em causa as tradicionais formulações do poder, mas também qualquer hipótese de fuga da sua rede de relações. Se não existe uma exterioridade do poder, e os sujeitos estão constituídos por ele, não existem tampouco hipóteses para uma eventual subtração às suas forças. Sendo assim, o projeto foucaultiano entra irremediavelmente numa situação crítica, como afirma destacadamente HABERMAS (1989), em vista da impossibilidade teórica de uma fuga das relações de poder

que atravessam capilar e descentralizadamente o conjunto do corpo social. No entanto, perante esta situação de complexidade e estancamento no plano teórico, FOUCAULT vai reencaminhar, então, a sua analítica do poder para a questão do governo. O filósofo galo redireciona, desta forma, o estudo do poder para o governo da vida como modo de sair do eventual bloqueio ou imobilização do seu trabalho. E incorpora ao seu quadro teórico uma novidosa conceitualização de “governo” como ferramenta de codificação da operabilidade do poder nas sociedades contemporâneas.<sup>23</sup> O estudo dos modos de governo converte-se para o projeto foucaultiano, a partir desse momento, no elemento central de análise para compreender o exercício do poder sobre os sujeitos, dirigido aos seus comportamentos e aos seus destinos além da imposição estatal. Pois se o poder não é, seguindo esta genealogia, substancialmente repressivo, coercitivo ou violento, o poder é, logo, em essência uma questão de produção e governo de vida.

Com base nesta noção de poder, FOUCAULT (2006, 2012) elabora um modelo para entender as suas relações onde o exercício do governo não significa submeter o outro, mas estruturar o seu possível campo de atuação. Ou seja, o francês abraça o poder em termos de governo, ora, um governo em que o seu objetivo não é o território, mas a sua população.<sup>24</sup> Introduz, assim, o autor esta relação enfatizando que a função do poder é basicamente orientar e guiar os indivíduos, modelando as suas ações naquilo que, para LEMKE (2006: 11), teria a ver principalmente com as formas de autogoverno. Deste jeito, o conceito de governo manejado por FOUCAULT representa um movimento teórico que vai além da problemática do consenso, por um lado, e da coerção, por outro. Porque na analítica foucaultiana, as formulações modernas de poder não estão essencialmente situadas no dispositivo da lei-soberania. Deste modo, a economia de poder na modernidade consistiria não tanto em

---

<sup>23</sup> Neste sentido, podemos resgatar, entre outras, as palavras de HARDT (2010: 147-148) quando afirma que “os estudos sobre o poder de FOUCAULT entraram num beco sem saída, eu arriscaria afirmar que os estudos sobre o poder o deixaram em estado de crise intelectual ou, pelo menos, com a necessidade de reorientar seu projeto”. Sem dúvida, o esquema foucaultiano no período de final da década de setenta e princípios de oitenta apresenta uma crise na sua proposta analítica que, finalmente, é superada pelo filósofo galo a partir da experimentação com novos problemas políticos e com modelos alternativos de pensamento durante os conhecidos cursos do *Collège de France*.

<sup>24</sup> Para FOUCAULT a “teoria jurídica-política de soberania”, que identifica desde o direito romano até o pensamento ilustrado e o contratualismo hobbesiano, é insuficiente para entender um poder que se realiza através de instituições que aparentemente nada têm em comum com o poder político e se apresentam como independentes, quando na verdade formam parte do mesmo modo de governo (FOUCAULT e CHOMSKY, 2007: 58 e ss.).



oferecer motivos de obediência aos sujeitos, quanto inseri-lo em malhas de orientação das condutas humanas mediante o uso de saberes objetivos (SKORNICKI, 2018: 372). Estamos diante de um governo percebido, num sentido lato, como uma “arte” da condução da população, como quadro para compreender a interação de formas de conhecimentos, estratégias de poder e modalidades de subjetivização. Em resumo, aponta AGAMBEN (2015: 24-25), o poder sobre a vida segundo FOUCAULT não aparece como um controlo de uma entidade superior ou soberana, mas coincide dentro e completamente com a vida mesma. O poder não tem um ponto matriz, mas sim um acúmulo de dispositivos dentro dos quais os sujeitos estão envolvidos. E para resolver este processo, segundo o italiano, a estratégia que o nosso autor visa, gira nomeadamente sobre dous eixos básicos: em primeiro lugar, substituir a história da dominação pela análise dos procedimentos e técnicas de governamentalidade, e em segundo lugar, substituir a teoria do sujeito e a história da subjetividade pela análise dos processos de subjetivação e práticas do si. Eis para o filósofo francês o roteiro que o pensamento político deve percorrer para sair do estancamento teórico,<sup>25</sup> rejeitando, seguindo a interpretação agambeniana, as fórmulas universais vazias que monopolizam a atenção da teoria política, tais como o direito, a soberania ou o Estado, para realizar uma análise mais detalhada das práticas e dispositivos governamentais concretos. Isto é, perante uma noção de poder exterior e superior, o filósofo galo sugere debruçar-nos sobre as relações que o poder estabelece e, em vez do estudo do sujeito situado numa posição fundamental e transcendental, ele propõe explorarmos as práticas de si e os processos de subjetivação (AGAMBEN, 2015: 23).

### 3. ESTRUTURA DA INVESTIGAÇÃO

De acordo com o exposto, este estudo aquilo que propõe, fundamentalmente, é abordar o modo de governo neoliberal desde a reconstrução e o redimensionamento das categorias teóricas tradicionais com base no pensamento (pós)foucaultiano. Noutras palavras, ultrapassarmos a aproximação económica, política ou ideológica mais convencional do neoliberalismo como superação das insuficiências e dos limites analíticos que iremos advertido ao longo do trabalho. Neste propósito, a investigação organiza-se em cinco

---

<sup>25</sup> Vid., para uma exposição mais ampla do seu programa, a aula de 5 de janeiro de 1983 ministrada no *Collège de France*, FOUCAULT (2011: 11-44).

capítulos, por seu turno, estruturados em três blocos temáticos centrais nos que se desenvolverão pormenorizadamente os distintos tópicos tratados. O primeiro dos blocos, sob o título “Perspetiva analítica. Biopolítica e biopoder”, está composto pelo Capítulo 1. Trata-se de um abrangente capítulo encaminhado a desenvolver as diferentes abordagens do fenómeno neoliberal, dos seus elementos de conexão e das suas divergências, bem como as chaves que situam a sua passagem para uma singular governança biopolítica. Por conseguinte, observaremos de início as dinâmicas e as lógicas que se deram na estrutura política, social e económica contemporânea tanto desde as focagens centradas no ocaso da sociedade fabril, como desde aquelas que apontaram para o surgimento de uma sociedade de consumidores. Mas também, na perspetiva de chegar uma análise mais enriquecedora, completaremos o estudo desde as transformações que se deram nas formas de exercício do poder e do governo sobre os sujeitos. Desta ótica, trataremos o neoliberalismo com um modo de governo da vida, vocacionado à construção de um “meio ambiente” que produz e reproduz a forma-mercado em todas as esferas do corpo social, através de um leque de dispositivos biopolíticos que se alicerçam numa particular racionalidade política que FOUCAULT denomina por *governamentalidade*. Por último, a partir das sugestivas interpretações e reinterpretações da proposta do filósofo francês, elaboraremos um mapa dos principais autores e autoras que desenvolveram as suas noções sobre o poder e que, para mais, serão objeto de reflexão durante a investigação: em primeiro lugar, a denominada corrente anglo-saxónica –entre outros, DEAN, MILLER ou ROSE-, em segundo lugar, a heterogénea receção italiana – a saber, NEGRI, AGAMBEN e ESPOSITO-, e ainda uma terceira derivação que tem posto o foco na relação entre o neoliberalismo e a biopolítica governamental – por todos, LAVAL e DARDOT, BROWN, FEHER e LOREY-.

O segundo dos blocos, a seguir, está conformado polos Capítulos 2 e 3, centrados no “sujeito neoliberal” e sua caracterização, aproximando um poder que não reprime os sujeitos, mas que os produz por meio de práticas e saberes específicos encaminhados à sua própria reprodução. Em síntese, no Capítulo 2 exploraremos o neoliberalismo como resultado de um processo mais profundo do que a mera restituição ou renovação das políticas liberais, reduzidas, nomeadamente, a uma política de desregulamentação da economia. Pola contra, observaremos neste capítulo um projeto com múltiplas dimensões e diferentes referências,

mesmo com construções políticas em confronto, cujo objetivo último é normativizar as formas de existência da vida humana através dos parâmetros do mercado. Veremos, pois, como o neoliberalismo introduz uma singular relação entre uma nova institucionalidade e um novo sujeito. E, deste modo, avançaremos sobre um projeto que transforma completamente a governança, reformulada numa sorte de intervenção social dirigida à regulamentação da vida. Pois, apontaremos, na lógica neoliberal mais do que submeter a vontade individual, aquilo que vivemos é impulsioneamento de um processo de responsabilização individual. O sujeito, conforme analisaremos, ver-se-á implicado assim na gestão da sua própria existência num processo de construção de um “eu” autogerido por meio do que FOUCAULT designou por *tecnologias de governo dos outros e tecnologias de governo do eu*.

No Capítulo 3 aprofundaremos no processo de produção da vida, complementando esta análise com outra dimensão simétrica: a vida posta a produzir. Considerando o caráter eminentemente biopolítico da racionalidade neoliberal, verificaremos, neste capítulo, como a totalidade da vida dos indivíduos é submetida às necessidades do capital. Desaparecem as fronteiras entre a vida dentro do trabalho e vida fora do trabalho, confundindo-se ambas as esferas. Veremos, logo, como já não é mais o corpo que trabalha, mas a vida mesma, uma vida que é submetida às exigências do mercado e disponível em qualquer momento para produzir. O mercado subsume, então, o conjunto da vida e não apenas o tempo laboral, subordinando o corpo social à produção biopolítica. A vida, rastejamos neste terceiro capítulo, passa a operar num único plano espaço/temporal da acumulação capitalista colocada por inteiro ao serviço do capital. Ora bem, a ampliar esta análise, advertiremos como esta transformação acarreta também a expansão da flexibilização, a insegurança e a instabilidade próprias do trabalho neoliberal a todas as esferas vitais. Portanto, observaremos como a precariedade se converte em parte constituinte da vida mesma na contemporaneidade, pois não estamos unicamente ante uma precarização característica do mundo do trabalho. Por último, acrescentando mais uma perspectiva teórica, abordaremos o apressamento da vida pelo capital desde o “poder soberano”. Uma apropriação da vida vocacionada ao esvaziamento do seu conteúdo político e para se manifestar apenas como *vida nua*: uma vida infra-humana, submetida a uma nova forma de escravidão capturada pelo biopoder sob a lógica do capital.



O terceiro e último bloco, formado pelos Capítulos 4 e 5 da investigação, tem por título “Estado e governança”, e nele desenvolveremos a relação entre os sujeitos, a forma-empresa e o Estado no neoliberalismo. Em primeiro lugar, no Capítulo 4 trataremos de identificar as singularidades da governamentalização e a sua afetação ao Estado, a partir da implantação de originais modelos de atuação e participação entre o poder estatal e os sujeitos sob o paradigma da *empresarialização*. Veremos, deste jeito, a instauração de um quadro relacional das instituições públicas que surge dos princípios hegemónicos da economia de mercado e, portanto, o Estado a mutar num operador económico mais. Advertiremos a progressiva afirmação economicista da gestão pública como sendo uma das características fundamentais para entender o modo de governo do presente. Ora bem, ressaltaremos como este desenvolvimento do gerencialismo estatal não implicou o fim da burocracia tão denunciado polos teóricos liberais. Ao invés, aquilo que verificamos é a expansão de um sem-número de difusas práticas burocráticas extravasadas polo conjunto do corpo social que se fazem imprescindíveis para a consolidação do sujeito responsável. Noutro plano suplementar, abordaremos o processo de pós-politização da nova gerência pública por meio da instauração de um quadro normativo especificamente mercantil. Desta focagem, observamos como o Estado deixa de se comportar como um ente genuinamente político para se identificar apenas como um organismo formalmente neutral e independente na gestão do conflito social. À vista disso, o debate político é excluído de forma deliberada dos procedimentos de resolução e é abordado preferentemente por peritos em busca de soluções eficientistas a ponderar os recursos disponíveis e os riscos existentes. O neoliberalismo, observaremos, procura construir realidades sociais não politizadas através de uma institucionalidade técnica que refuga o conflito e a ideologia, mas também por meio de sujeitos indiferentes à esfera coletiva da sociedade e circunscritos ao seu interesse estritamente individual. Como corolário, veremos como a libertação dos indivíduos das responsabilidades coletivas próprias da condição de membro da comunidade política se converte num processo imprescindível para a consolidação desta ordem.

Em segundo lugar e para finalizar, no Capítulo 5 debruçaremos-nos sobre o impacto da série de transformações económicas, sociais e políticas impulsionadas polo neoliberalismo no âmbito de decisão estatal e, em concreto, sobre o declínio das soberanias nacionais sinalado

pola literatura especializada. Pola contra, aquilo que deduzimos neste capítulo é a persistência do controlo estatal e o seu forte protagonismo no presente. Deste jeito, aquelas formas de soberania internacional surdidas nas últimas décadas, não supuseram, seguindo esta análise, o fim dos centros de decisão estatais, principalmente, após a crise de 2008 que, em direção oposta, resultou numa das maiores intervenções dos Estados no mercado. A partir desta premissa, a fase aberta desde recessão económica, onde algumas das funções mais importantes do projeto neoliberal foram danadas, não nos vai impedir acreditar na plena vigência do projeto neoliberal. Por isso, a crise que atravessa o capitalismo, mais do que o final da sua hegemonia, teria acarretado antes um processo de aprofundamento da sua lógica de controlo. Sendo assim, a reativação estatal não constitui um sintoma do seu desmoronamento, mas a forma de governança pós-crise, na medida em que o Estado reservou para si o direito de intervenção. Em conclusão, não exploraremos neste capítulo o neoliberalismo como sendo um processo único, lineal e homogéneo, mas como um modo de governo multifacetado, plural e heterogéneo, a se estruturar em diferentes fases históricas com as suas próprias particularidades: a saber, em primeiro lugar, identificamos um neoliberalismo de tipo combativo (1979-1989), em segundo lugar, um neoliberalismo que designamos por normativo (1989-2008), e em terceiro e último lugar, na época presente observamos um neoliberalismo de carácter punitivo caracterizado por uma intervenção estatal intensa, securitária e moralizada que assume a gestão das populações.

## **I. PERSPETIVA ANALÍTICA. BIOPOLÍTICA E BIOPODER**





## CAPÍTULO 1. DEVIR NEOLIBERAL

### 1. NEOLIBERALISMO. APONTAMENTOS PRELIMINARES

Hoje em dia resulta um lugar comum no pensamento contemporâneo referenciar a década de setenta do século passado como o momento de início de um conjunto de irreversíveis mudanças económicas e sociais para o sistema político que vigorava desde a II Guerra Mundial. Assim, grande parte da literatura crítica tem referenciado esta época como o ponto de inflexão que irá marcar o devir das formas de organização social até os nossos dias.<sup>26</sup> Porém seja prematuro sinalar, já agora, o começo de um ciclo histórico *ex novo*, não cabe dúvida, parafraseando a HOBBSAWM (1999: 175 e ss.), que estamos perante um mundo que muda demasiado rápido. Os processos sociais, políticos e económico sofridos neste período têm sido a tal velocidade e de forma tão intensa que têm erodido os cimentos sobre os quais tinha assentado a modernidade capitalista. Para tanto, achamos imprescindível pesquisar tanto as causas, quanto as consequências deste novo cenário para compreender como estas transformações afetam às relações de poder e, em suma, às formas de governar. Observarmos, pois, como uma série de fenómenos produzidos com o advir do neoliberalismo vão clivar as formas de regulamentação próprias da sociedade de bem-estar.<sup>27</sup> Como abordaremos *infra*, as mudanças do sistema capitalista industrial, outrora necessitado de uma ingente quantidade de trabalho vivo, levaram ao Estado *total* para o seu colapso, e com ele à sua rede institucional

---

<sup>26</sup> Ao objeto do presente estudo podemos destacar de entre a amplíssima e variada literatura, já for desde o âmbito das ciências políticas, a sociologia ou a economia, os trabalhos realizados por BAUMAN (2001, 2002, 2005b), BECK (1998, 2007), BELL (1991, 1992), GORZ (2003), HARDT e NEGRI (2002), HARVEY (1998, 2007), OFFE (1995) e LIPOVETSKI (2003, 2006).

<sup>27</sup> Para HARVEY (1998: 147 e ss., 236 e ss.) o paradigma sob o que se desenvolveu a sociedade de bem-estar neste período foi o *fordismo*, entendido não apenas como um sistema de produção, mas nomeadamente como um sistema de reprodução social.

de segurança social.<sup>28</sup> A crise económica, o desemprego e o deterioro das agências *welfaristas* que desde os anos setenta vem acontecendo, põem em causa a capacidade das instituições públicas para garantir a supervivência dos seus cidadãos.<sup>29</sup> O resultado deste processo supôs, como sucedidamente analisou BAUMAN (2002: 34-35), uma fragmentação não só das garantias sociais construídas pelo Estado protetor, mas também uma profunda mudança das relações entre os indivíduos e o Estado. Em definitiva, assistimos a uma redefinição da modernidade, impulsionada por uma narrativa que deita as bases de um novo modelo económico fundamentado na ineficiência e ineficácia do Estado providencia, bem como no fim da responsabilidade coletiva.<sup>30</sup>

Para BAUMAN (2005a: 41 e ss.) a figura que melhor representava as funções desse assistencialismo era a do *jardineiro*, cuja função principal era a normalização dos sujeitos, tirando da sociedade aqueles elementos considerados nocivos. No entanto, para o projeto neoliberal são agora os próprios indivíduos os que devem tomar essa função, procurando o cuidado das suas próprias vidas e o seu encaixe na ordem estabelecida. O *jardineiro* estatal cede as suas responsabilidades para cada um dos sujeitos, que já não procuram mais o amparo do Estado, nem das grandes fábricas fordistas, senão que procuram a sua própria inserção na sociedade valendo-se unicamente das suas capacidades e os seus recursos. A desintegração da sociedade fabril traz consigo, como sinala BELL (1991: 57, 66, 221), uma mudança histórica tanto nas formas de relacionamento económico, quanto nas formas de relacionamento social. O indivíduo passa a se converter no eixo da tomada das decisões políticas, diante do desmoronamento das grandes instituições coletivas, que são substituídas por uma outra perceção do sujeito (LIPOVETSKY, 2003: 46 e ss.). Conquanto podemos sinalar diferentes alterações na composição social produto deste ciclo de transformações, talvez, desde a perspectiva das formas de exercício do governo na contemporaneidade, a construção de um

---

<sup>28</sup> Segundo BECK (1998: 16-18) o Estado moderno configurava-se como o ordenador da sociedade *in toto*, porquanto responsável efetivo da ordem social.

<sup>29</sup> Numa linha semelhante aproximaram-se BECK (1998: 92-94), CASTEL (2008: 17-26) ou CASTELLS (2000: 294 e ss.).

<sup>30</sup> De forma introdutória podemos sinalar como as políticas neoliberais supuseram uma revolucionária visão das relações entre o Estado e os cidadãos, descarregando ao primeiro das suas responsabilidades por insustentáveis e fomentando uma forte iniciativa individual dos segundos face os reptos de futuro (LAVAL e DARDOT, 2013: 85 e ss.).

tipo de subjetividade muito específica tenha tido, por cima de outras, uma especial transcendência. Assim sendo, para SENNET (1980, 2006) o neoliberalismo só é possível pensá-lo sob a chave de um indivíduo que procura apenas o seu bem-estar pessoal autocentrado e egocêntrico. A ruptura dos espaços de socialização comunitários de antanho tem provocado o refúgio dos sujeitos nos seus interesses pessoais, desde os quais estruturam as suas relações económicas e sociais. No critério de LIPOVETSKY (2006: 27 e ss.), este fenómeno responde a um processo de radicalização do paradigma da modernidade que o autor nomeou como *hipermodernidade*, no qual a ruptura das certezas supôs um vazio existencial do indivíduo que se resolveu no fenómeno do sujeito narcisista. De outra perspetiva complementar, o âmago não seria tanto o repregue narcisista, quanto o surgimento de novas formas de sociabilidade e novos modos de vida sustentados na lógica própria da sociedade pós-industrial (GIDDENS, 1993). Segundo BECK (1998, 2007), as transformações do sujeito estariam, com certeza, ligadas à instabilidade e às incertezas causadas pelo declive do capitalismo fabril, mas também à aparição de riscos imprevisíveis. Em consequência, o capitalismo contemporâneo empurra a sociedade para uma maior individuação na que os cidadãos num contexto de constantes ameaças se convertem em *sujeitos reflexivos*.<sup>31</sup> Por sua parte, BAUMAN (2002), apontando também numa linha semelhante, liga o processo de individuação com uma forma de vida baseada na precariedade, na transitoriedade e na volatilidade do presente. Deste modo, a fragmentação e a precarização da própria institucionalidade fordista levam à perda do seu monopólio na intervenção social (BAUMAN, 2002: 60-65), em benefício de toda uma série de dispositivos encaminhados para a responsabilidade individual como únicos garantes da sua própria vida.<sup>32</sup>

Resulta, pois, crucial aprofundarmos nas implicações que este conjunto de transformações produziu na organização social, política e económica para percebermos o seu verdadeiro alcance. Para isso, abordaremos as nossas hipóteses a partir daquelas linhas teóricas que mais lucidamente têm observado as dinâmicas e as lógicas sociais que se deram

---

<sup>31</sup> Para BECK (2006: 113 e ss.) resulta fundamental na sociedade dos riscos e incertezas a conduta reflexiva dos sujeitos que se interrogam em todos os âmbitos da vida sobre as suas decisões.

<sup>32</sup> Nesta ideia da *fragmentação* tem incidido especialmente JAMESON (1991: 35 e ss.) como o elemento que define a contemporaneidade. Igualmente, BAUMAN (2002: 144) ou VIRNO (2003: 107-129) têm encontrado na ruptura da institucionalidade moderna a fundamentação da emergência de mecanismos sociais dirigidos à autorresponsabilidade que extravasam os seus quadros institucionais.

na contemporaneidade. Sendo assim, resultam especialmente sugestivas aquelas focagens que, nas últimas décadas centraram a sua linha analítica, nomeadamente, no estudo do ocaso da sociedade fabril, e aquelas outras que se referiram à substituição dos produtores industriais polos consumidores pós-industriais. Mais ainda, na perspetiva de chegar uma análise mais enriquecedora, ampliaremos o estudo das mutações contemporâneas desde as transformações que deram nos modos de exercício do poder e do governo dos sujeitos. Em suma, iremos além da análise mais materialista, introduzindo outros conceitos e outras categorias analíticas como forma de superarmos qualquer insuficiência ou limite existente.

TABELA 1.1

Perspetivas teóricas	Causas	Consequências
<b>Sociedade pós-trabalho</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Decadência do sistema fordista</li> <li>• Superávit de trabalho vivo</li> <li>• Reconversão industrial</li> <li>• Revolução científico-tecnológica</li> <li>• Internacionalização económica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Terceirização da economia</li> <li>• Imaterialização da economia</li> <li>• Complexidade do mundo laboral</li> <li>• Quebra da separação trabalho-vida</li> </ul>
<b>Sociedade do consumo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expansão do mercado</li> <li>• Desenvolvimento do consumo</li> <li>• Publicidade, moda e marketing</li> <li>• Fragmentação social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura consumista</li> <li>• Individualismo</li> <li>• Hedonismo</li> <li>• Espetacularização da vida</li> </ul>
<b>Sociedade de segurança</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expansão da racionalidade económica</li> <li>• Desintegração da sociedade-fábrica</li> <li>• Falência do sujeito-trabalhador</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança de regimes de poder</li> <li>• Passagem da disciplina ao controlo e segurança</li> <li>• Surgimento do sujeito-empresa</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

### 1.1. Sociedade do pós-trabalho

Abordada desde diferentes e mesmo contrapostas perspetivas, a tese do fim da *sociedade do trabalho* foi amplamente desenvolvida na sequência das transformações que se



produziram, principalmente, no âmbito económico após a crise do petróleo de 1973.<sup>33</sup> Assim, a grande recessão desencadeada obrigou ao conjunto dos Estados ocidentais a um profundo reajuste das suas políticas baixo o diagnóstico do nascente projeto neoliberal. Segundo este modelo, a solução à decadência industrial passava por duas apostas, por uma banda, a internacionalização da economia e, por outra, o desenvolvimento científico-tecnológico. No entanto, o impacto destas medidas sobre o mercado de trabalho teve uns efeitos tão drásticos que mudaram toda a arquitetura sobre a que se edificara o capitalismo fordista. Conforme OFFE (1995), a reestruturação económica posta em andamento neste período com o objetivo central do controlo da inflação e do déficit, bem como da política monetarista, obrigou a uma reforma integral do sector industrial e também da administração pública. A tomada destas decisões levou na prática a uma importante redução da mão de obra necessária ou mesmo para o fecho de muitas das grandes fábricas dos Estados centrais. Convertendo-se, assim, o desemprego maciço em parte estrutural das exigências de um modelo produtivo neoliberal excedentário. Neste cenário, diversos autores vão sustar que, desde então, caminhamos irremediavelmente para o fim da *sociedade do trabalho*, na medida em que o trabalho assalariado deixa de ser o eixo articulador da sociedade, fruto da globalização e da incorporação de novas tecnologias que aumentam a produtividade e, sobretudo, reduzem a quantidade de trabalho vivo.<sup>34</sup>

Esta revolução tecnológica transforma o modelo do mercado e introduz uma nova forma de produção na que a comunicação e a informação substituíram as fontes essenciais da anterior produtividade fordista (CASTELLS, 2006: 47 e ss.). O contexto tecnológico e as suas potencialidades procuram superar a clássica divisão do trabalho smithiano a partir da imaterialização da economia. Um mundo laboral mais complexo no que os trabalhadores do conhecimento são os principais sujeitos, diante dos cada vez menos necessitados trabalhadores desqualificados destinados a toda uma série de empregos supérfluos e em massa. A lógica pós-fordista estrutura-se em torno de um modo de produção mutável,

---

<sup>33</sup> Para HOBBSBAWM (1999: 403 e ss.) a crise petroléira de 1973 foi o começo de uma crise sem retorno que ultrapassa as consequências da própria recessão económica.

<sup>34</sup> Vid., por todos, OFFE (1995), RIFKIN (1996), GORZ (1982). Neste sentido, nos últimos anos têm sido continuadores desta tese, entre outros, SRNICEK e WILLIAMS (2017), quem insistem na inviabilidade do projeto capitalista contemporâneo, que irremediavelmente encaminha à sociedade para um contexto pós-trabalho.

estratificado e excedentário, designado por diferentes autores como *capitalismo cognitivo*.<sup>35</sup> Deste modo, as mudanças operadas na produção mudam também a estrutura do mundo trabalho e, nomeadamente, o trabalho assalariado. Esta segmentação e divisão vão acabar, em boa medida, com o seu papel central (OFFE, 1995). O desemprego massivo de longa duração converte-se em parte fundamental da paisagem social e, ainda, um grande número de pessoas sobrevivem em condições de infra-empregabilidade. Por primeira vez na história uma inovação tecnológica poderia acabar por fazer desnecessário o trabalho vivo para o processo produtivo. Segundo RIFKIN (1996: 219 e ss.) esta é, talvez, a característica principal das transformações tecnológicas e económicas deste período. Numa perspetiva menos catastrófica, HARVEY (1998: 164 e ss.) salienta que o modelo pós-fordista rompe os acordos entre capital e trabalho do capitalismo industrial e assenta num sistema desregulamentado, baseado na subcontratação, na externalização de serviços, nas novas tecnologias, na especialização e no trabalho imaterial de “acumulação flexível”.

Esta mudança encontrou expressão nos fenómenos da deslocalização, da descentralização, da subcontratação ou da terceirização da economia (SENNETT, 2000: 34 e ss.), resultado de uma intensa precarização do mundo trabalho e da aparição de novidasas modalidades de infra-inserção no mundo laboral. O trabalho fordista rígido e estável, então, vai sendo substituído por um conjunto de sub-empregos temporais, parciais e inseguros, enquanto não se produz trabalho para todos (GORZ, 1982, 1995). Isso fez com que não só a falta de emprego atingisse uns índices absolutamente impensáveis em épocas anteriores, mas também que foram surgindo uma geração de *trabalhadores pobres*. Aquelas pessoas que mesmo apesar de estar em posse de um trabalho, pelas suas condições de precariedade, não consegue tirá-lo da situação de marginalidade e pobreza.<sup>36</sup> Isto conduz, como sinala GORZ (1995: 75 e ss.), a uma ruptura do binómio trabalho-vida por causa da impossibilidade de ligar a satisfação material vida a um salário. Para tanto, passa a ser posta em causa a centralidade do trabalho assalariado que outrora jogara na sociedade fordista (FUMAGALLI, 2010: 137-160). O trabalho deixaria de ser, logo, a noção desde a qual aproximar-nos à estrutura social e,

<sup>35</sup> Para uma análise do processo de acumulação no capitalismo cognitivo e pós-fordista, BLONDEAU *et al.* (2004: 66), BOUTANG (2007: 56) ou FUMAGALLI (2010: 31 e ss.).

<sup>36</sup> Resultam muito interessantes neste ponto os trabalhos desenvolvidos por WACQUANT (2010) sobre a marginalidade no capitalismo neoliberal.

ainda, à conformação da subjetividade social. Ora, este superávit de trabalho vivo no capitalismo pós-fordista, para além de gerar uma excedência humana de caráter quantitativa, também gera uma excedência de tipo qualitativa, porquanto quebram na mesma ordem os dispositivos de subjetivização da sociedade fordista (DE GIORGI, 2006: 87-104). Estamos perante uma fragmentação das identidades coletivas, do reconhecimento mútuo e das solidariedades que definiram historicamente às classes trabalhadoras. Porém, o caráter heterogêneo da classe operária, a sua segmentação e a erosão da estabilidade fordista também quebrou a sua condição de sujeito político, incentivando, pola contra, a sua concorrência e a rivalidade. A identidade coletiva e a solidariedade grupal construída em torno da sociedade-fábrica deixa passo a uma multiplicidade de espaços descompostos, fragmentados e desestabilizados. Em consequência, o processo de subjetivização passa a conformar-se em espaços à margem da lógica do trabalho que se tornam, por sua vez, no cerne de uma cultura do individualismo na que cada sujeito se responsabiliza pola sua própria situação de desemprego.<sup>37</sup>

Não cabe dúvida que esta análise, especialmente em relação às transformações económicas e ao processo de desintegração da institucionalidade fordista, resulta muito proveitosa do ponto de analítico para chegar-nos a alguns dos principais aspectos dos processos sociais e políticos do presente. Porém, o período transcorrido desde as suas primeiras teorizações até as mais recentes e inovadoras foi manifestando uma série de eivas destacáveis. Em primeiro lugar, dificilmente podemos sustentar na atualidade que vivemos numa sociedade na que o trabalho tivera desaparecido. No máximo, podemos acreditar numa desarticulação parcial do mundo do trabalho fordista; pois por uma banda, este fenómeno não se produziu em todos os Estados com a mesma intensidade, variando entre a prática desaparecimento, a resistência do tecido industrial, ou mesmo vivendo-se o processo inverso, caso dos Estados denominados emergentes.<sup>38</sup> Por outra, a revolução tecnológica não conseguiu eliminar toda a quantidade de trabalho vivo que fora anunciada, tanto polos seus próprios limites, como pola criação de novas demandas sociais que geram à sua vez novas

---

<sup>37</sup> Neste sentido, resulta muito clarificadora, em contraposição, a radiografia feita pelo historiador THOMPSON (2012) sobre as condições para a conformação da consciência sociopolítica da classe operária.

<sup>38</sup> Sobre o desenvolvimento do mercado global e as implicações na divisão internacional do trabalho têm sido muito interessante os trabalhos de WALLERSTEIN (2005, 2012).

necessidades de trabalho e, ainda, pelas resistências sociais a uma tecnologização total da vida (DE LA GARZA, 1999). Em suma, o que sim podemos afirmar é que, conquanto não parece que se cumpram as profecias do fim do trabalho, sim assistimos a uma transformação radical. E o fim da *sociedade do trabalho* pode ser percebido, sem dúvida, como o fim do trabalho fordista e a extensão do trabalho precário (FEDERICI, 2010). A desintegração do trabalho formal, estável e rígido e as dificuldades para se integrarem num mercado no que só uns poucos têm cabida, levou as amplas camadas sociais a procurarem novas formas de inserção para a sua simples supervivência, gerando-se, assim, uma multidão de formas de trabalho precário, informal ou mesmo irregular (SRNICEK e WILLIAMS, 2017: 123-142). Para tanto, longe de qualquer visão utópica ou diatópica de uma sociedade não necessitada de trabalho, ele segue resultando imprescindível para o sistema económico, mas agora sob diferentes fórmulas de precarização (BECK, 2007: 57 e ss.; BAUMAN, 2005b: 81, 133 e ss.). O neoliberalismo, mais do que não precisar trabalho, o que exige é uma categoria trabalho que desborde os seus limites tradicionais e se alargue para um leque de espaços vitais que até então ficaram alheios à relação económica. Em conclusão, a tese do fim do trabalho operaria mais bem numa direção contrária à prognosticada pelos seus autores, na medida em que a deslocalização da produção, a segmentação da produção e a terceirização da economia o que fomentam são precisamente mais empregos. Ou por melhor dizer, o que fomenta são verdadeiros infra-empregos que se tornam imprescindíveis para um modelo económico assente na escassez de trabalho formal (BAUMAN, 2005b: 17-19, 73-86, 129-132). E, para tanto, o trabalhador precário, necessitado de procurar qualquer forma de integração, converte-se no sujeito idóneo para ocupar aqueles estratos mais baixos do mercado para poder sobreviver.<sup>39</sup>

## 1.2. Sociedade do consumo

A queda do sistema produtivo fordista foi analisada, aliás, de outro ponto de vista, centrando as suas investigações no fenómeno expansivo do mercado e a sua repercussão nos modos de consumo. Diferentes autores começam a observar como as transformações do capitalismo pós-industrial resultaram num extraordinário aumento da demanda interna que vai

---

<sup>39</sup> Neste período proliferam multidão de “infra-empregos” ligados ao trabalho doméstico, à venda ambulante, ao trabalho sexual ou mesmo atividades ilegais de simples supervivência (DE GIORGI, 2005: 80 e ss.).

colocar o consumo no centro da vida económica e social. A produção de bens em massa e a prosperidade económica vão imprimir tal intensidade que o mundo trabalho estaria a perder a sua centralidade, em detrimento de uma nova forma de participação dos indivíduos na sociedade: o consumo. Portanto, a tradicional sociedade de trabalhadores estaria a ser substituída por uma nova *sociedade de consumidores* (BAUMAN, 2008; BAUDRILLARD, 2007; LIPOVETSKY, 2003).

A abertura do mercado, a sua diversificação e a suas formas de comercialização, nomeadamente, através da publicidade e o marketing, conduz para uma *espetacularização* da participação na vida social sem precedentes.<sup>40</sup> Os indivíduos homogéneos, normalizados e submissos (FOUCAULT, 1990: 181) saem da sua esfera de conforto e procuram uma satisfação individual e própria das suas vidas além da estritamente materialista e à margem do disciplinamento social característico da institucionalidade da sociedade-fábrica. A relação oferta-demanda transforma-se numa relação de carácter social, e não apenas económica, na que os sujeitos interatuam na sociedade através da aquisição de bens e serviços cada vez mais originais e em maior quantidade. Para BAUDRILLARD (2007: 67 e ss.), o consumo torna-se numa atividade que ultrapassa o domínio estritamente material até modificar verdadeiramente o modo de se relacionarem os indivíduos. Isto implica, para o filósofo francês, uma redefinição das formas de subjetivação que já não se produz na fábrica, na escola ou na família, mas nas *catedrais do consumo*. Destarte, a sociedade contemporânea estaria mais necessitada de consumidores do que produtores. Ou dito doutro modo, a *cultura consumista* resulta mais necessária do que a cultura produtivista baseada na simples subsistência. Agora é a acumulação contínua de produtos desnecessários para a vida biológica o que permite agir todo o sistema de económico e ainda determinar o *status social*. Para isso, o indivíduo é que deve procurar a sua felicidade no interior do mercado (BAUMAN, 2005b: 80-87) em concorrência com os demais sujeitos, num competitivo individualismo na procura da autorrealização pessoal (LIPOVETSKY, 2003: 49-78). O consumo não é uma parte da vida, mas o modo de vida na sociedade contemporânea. Noutras palavras, o consumo transforma-se na forma de relacionamento dos indivíduos e a forma de construção da identidade por meio do

---

<sup>40</sup> Já DEBORD (2010: 39) apontara, “o espetáculo, compreendido na sua totalidade, é à vez o resultado e o projeto do modo de produção existente”.

mercado. A sua função vai além da simples compra e venda, para se instituir no verdadeiro espaço de subjetivização e distribuição das relações de poder antes reservado para o mundo do trabalho. Neste sentido, segundo BAUMAN (2008: 154 e ss.), a lógica de funcionamento do comércio tradicional é transformada substancialmente. A compra e venda de bens e serviços não procura mais a satisfação da simples sobrevivência, mas a realização de sonhos e ilusões às que qualquer sujeito deve aspirar. Cada indivíduo é colocado na sociedade em função da sua capacidade económica, na medida em que ela determina as possibilidades de se realizar individualmente num mercado onde tudo está pronto para ser consumível. Em síntese, a construção da identidade e o *status social* baseado no trabalho, na família ou no grupo social desaparecem, em favor de uma ética permissiva e hedonista fundamentada na realização pessoal (LIPOVETSKY, 2003: 49-78).

Neste contexto, a disciplina própria do regime fabril, que se prolongava ao conjunto da sua institucionalidade, deixa de ser operativa. A rigidez da modernidade impede o desenvolvimento de um consumo rápido, flexível e de massas. A necessidade de uma satisfação constante exige também uma elasticidade e uma liberdade de movimento impossível na solidez fordista.<sup>41</sup> Em consequência, toma protagonismo um tipo de sujeito soberano, libertado e autónomo que se desloca pelo corpo social na procura das melhores opções do mercado. O sujeito-consumidor é livre para conquistar a sua autorealização, mas também é o responsável pelo seu sucesso ou fracasso. A liberdade de escolha é um constante cálculo de riscos numa sociedade fragmentada, incerta e baseada na excedência da multidão. Por conseguinte, a responsabilidade pela satisfação individual das necessidades converte-se na outra face de um Estado que não disciplina, nem normaliza, nem tampouco se responsabiliza coletivamente. O Estado é um mero executor das leis do mercado, um árbitro da realização individual dos consumidores. Em definitiva, o Estado retira-se deixando aos sujeitos à sua sorte, valendo-se, unicamente das suas próprias capacidades para interatuar no

---

<sup>41</sup> BAUMAN (2002) identifica de forma especialmente atraente a atual fase do capitalismo neoliberal com a propriedade dos *líquidos*, como forma a explicar a desregulamentação, a flexibilização e a liberalização económica que rompe os vínculos sólidos da modernidade. Aquelas ligações que eram rígidas e perduravam no tempo, agora voltam-se líquidas, flexíveis e multiformes, já for no trabalho, no espaço, no tempo e na própria condição humana.



mercado das promessas.<sup>42</sup> Agora a chegada à sociedade de cada pessoa não se mediria pela sua produtividade no mundo do trabalho, mas pelas suas hipóteses de participação no circuito do mercado. A vida humana apenas vale como produto e a utilidade social de cada indivíduo está ligada à sua integração no consumo, ficando excluídos aqueles indivíduos sem valor no mercado pela sua incapacidade para a compra e venda. Desta perspetiva, as transformações económicas e sociais deixariam num segundo plano a relação capital/trabalho que já não é mais a atividade articuladora da sociedade, senão que é substituída por umas novas relações de consumo em que as leis do mercado se introduzem nos domínios da vida (BAUDRILLARD, 2007: 67-76).

Em conclusão, a noção de consumo resulta chave para percebermos a abrangência total e a relevância deste contexto e, ainda, levarmos em conta as mutações produzidas no seu rol como um facto de vital relevância na sociedade contemporânea. No entanto, a hipótese da substituição *per se* de uma sociedade de produtores por uma de consumidores não seria suficiente para explicar as complexas lógicas que se deram baixo à razão neoliberal. Os modos de consumo pós-fordista vão além do simples padrão social conforme a moda, a publicidade ou o marketing das grandes marcas. Ao contrário, o consumo torna-se num dispositivo de captação e cooptação das formas de sociabilidade dos indivíduos e dos modos de vida para colocá-los a produzir.<sup>43</sup> Assim mesmo, as mudanças que se produziram no terreno económico, vocacionadas a uma produção em massa, nomeadamente, a partir da revolução tecnológica e a hiperestimulação publicitária, tampouco suplantaram o mundo do trabalho. Para RITZER (1996: 187-195), o que provocou foi, precisamente, a proliferação de toda uma multidão de trabalhos de muito baixa qualificação -podemos destacar, a modo de exemplo, os repartidores de *fast food*, os repositores de hipermercado, o pessoal de relações públicas, os comerciais de todo tipo ou os telefonistas de *call center*-, em definitiva, um conjunto de empregos miséria que resultam imprescindíveis para a própria produção em massa. Noutra dimensão, conforme o sociólogo norte-americano, o modelo económico do consumo em massa o que provocou foi uma transferência de parte do trabalho antes realizado

---

<sup>42</sup> Resulta especialmente interessante a proposta de HAN (201, 193-195) sobre o narcisismo imperante no neoliberalismo. Para este autor, os sujeitos são percebidos como verdadeiros indivíduos livres –*homo liber*-, mas na realidade tratar-se-ia de uma forma mais de autoexploração que se esconde detrás da soberania individual.

<sup>43</sup> A função do consumo é principalmente simbólica, tornando-se numa função cognitiva, RODRÍGUEZ (2003: 60 e ss.).

polo operário, ao próprio consumidor através do denominado *self-service*. Deste modo, o consumidor longe de substituir ao trabalhador, converte-se num sujeito ativo que achega parte da sua força de trabalho para a manutenção de um eficiente sistema económico.<sup>44</sup>

Por outro lado, uma sociedade como a descrita, baseada fundamentalmente no consumo como gerador de atividade, só seria possível no quadro de uma sociedade da opulência capaz de gerar altos níveis de despesa. Portanto, o fim do *boom* económico, nomeadamente, após a *Grande Recessão* de 2008, vai pôr em sérias dificuldades uma análise centrada unicamente no rol social do consumo num momento de forte escassez de recursos. No entanto, detrás deste processo de consumo massivo o que se estaria a esconder era outra transformação baseada no *endividamento* dos indivíduos. Como aponta LAZZARATTO (2013), no final da década de noventa, a capacidade real de consumo da população era cada vez menor como consequência de um modelo económico de escasso valor produtivo, nomeadamente, em Europa e em EUA, e, portanto, com cada vez menor capacidade salarial. Porém, esta tendência estava a sua vez sendo compensada, para poder manter os níveis de consumo, através de diferentes fórmulas de financiamento, até que finalmente este processo de bancarização chegou ao seu limite em 2008,<sup>45</sup> e com ele também as possibilidades de um consumo em massa *ad infinitum* para os cidadãos. A partir destes factos apresentar-se-iam duas questões de fulcral relevância, por uma banda, uma reorganização do rol do consumo unicamente restrito para um reduzido grupo social que conservaria as suas capacidades aquisitivas, porquanto amplas capas sociais em situação de precariedade ficam excluídas do mesmo. Por outra banda, este contexto de crise mais do que invalidar a existência de uma sociedade de consumidores, o que faz é torná-la mais complexa. O colapso do modo da produção pós-fordista acabou por transformar-se numa economia da dívida na que os sujeitos se converteram em gestores da sua própria miséria (DELEUZE, 2008: 224). Noutras palavras, a dívida não se estruturou apenas como uma ferramenta para sustentar um determinado modelo económico; mas, sobretudo, como um

---

<sup>44</sup> A partir do estudo do modelo de negócio impulsionado pela empresa McDonalds, RITZER (1996: 133 e ss.) observa o desenvolvimento de um novo paradigma económico baseado no *self-service* que se estende todas as áreas da sociedade.

<sup>45</sup> Sobre os limites da expansão financeira do neoliberalismo após *Grande Recessão* de 2008, neste estudo veremos, por todos, a perspectiva de HARVEY (2008), LÓPEZ e RODRIGUEZ (2010), STREECK (2017).



instrumento de submetimento dos indivíduos às lógicas da expansão das políticas neoliberais num contexto de escassez de recursos.<sup>46</sup>

### 1.3. Sociedade de segurança

Por último, admitindo de bom grau que nos últimos anos se tenham desenvolvido um importante e frutífero leque de análises em torno das mutações do capitalismo contemporâneo, nomeadamente, aquelas que têm posto o foco na superação do mundo do trabalho fordista. Estas perspetivas conforme fomos sinalando, não resultariam suficientes para abordar o complexo processo de expansão da racionalidade neoliberal pelo corpo social. Deste modo, o que sugerimos, não em concorrência, mas de forma suplementar, é reinterpretar esta episteme desde analítica foucaultiana do poder. Tentarmos, pois, resolver as eivas teóricas analisadas anteriormente nas diversas propostas teóricas desde as transformações produzidas nos “modos de governo” propostas por FOUCAULT (2006, 2012). Assim sendo, desta perspetiva as mudanças acontecidas na contemporaneidade são, principalmente, mudanças de regimes de poder específicos. Não se trata, logo, de simples transformações das estruturas económicas ou políticas de um Estado, mas transformações nos modos de sermos governados através de um sujeito-empresário, em contraposição a um sujeito-trabalhador passivo e disciplinado da sociedade-fábrica.

Em consequência, a análise não deve debruçar-se sobre as especificidades do *homo faber* ou sua passagem para o *homo laborans* contemporâneo, como diria ARENDT (2003: 157-177), que hoje se tornam indistintos, senão numa política governamental vocacionada a submeter a *vida* dos indivíduos à *razão* neoliberal. Poucos autores identificaram, como o filósofo francês, a relevância da abertura que se estava produzindo nas formas de exercer o poder com o auge do neoliberalismo. Desta forma, o objeto de estudo deveria situar-se nas racionalidades, nas técnicas e nos procedimentos impulsionados por uma forma de governar que ultrapassa as clássicas funções do Estado. A ruptura que se produz na institucionalidade

---

<sup>46</sup> Sobre esta perspetiva tem aprofundado, especialmente, LAZZARATTO (2013), para quem o endividamento não é uma anomalia própria de uma situação de crise, mas um mecanismo de inserção social consubstancial ao modo de acumulação capitalista. Deste modo, a dívida converte-se no único meio para garantir o acesso aos direitos progressivamente retirados por um Estado cada vez mais fraco.

moderna, entre outras, com a desmaterialização do mundo do trabalho, o que veio provocar, nomeadamente, foi uma alteração dos espaços da reprodução social que deixou obsoletos os dispositivos de governo da designada por FOUCAULT (1990: 45 e ss.) como *sociedade disciplinar*. Deste modo, o processo que estaríamos a viver, mais do que uma mudança na estrutura económica e social do Estado, é uma transformação das formas de regulamentação social (DELEUZE, 2008: 222-223), na que os mecanismos de disciplinamento se tornaram ineficazes perante a progressiva desintegração da sociedade-fábrica e o superávit de trabalho vivo necessário. A falência do Estado Social que matinha a organização social fordista acarretou, assim, a queda dos seus modos de governo e, concretamente, das instituições disciplinares cuja finalidade era a normalização dos indivíduos. A rígida malha de disciplinas, dirigida à transformação dos sujeitos em socialmente funcionais ao modelo produtivo fordista (HARDT e NEGRI, 2002: 37 e ss., 187 e ss.), começa a furar-se num período de intensas transformações económicas em que não é precisa tal quantidade de mão de obra.

Aquilo que se vai produzir é, então, a superação dos dispositivos de governo que operavam sobre indivíduos fixados à institucionalidade fordista para se estenderem ao conjunto da população (DELEUZE 2008: 220). Um processo que FOUCAULT (2006: 26, 45 e ss., 435) definiu como passagem da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de segurança*,<sup>47</sup> e que supôs a decisiva transformação nas formas de exercer o poder. A população converte-se, assim, no objeto principal da gestão e os mecanismos de ação passam a serem dispositivos que, semelhando menos autoritários, se estendem eficazmente por todo o corpo social capturando a vida mesma dos sujeitos. Destarte, não se trata de um poder baseado na rotina e na homogeneidade, facilmente reconhecível, mas um poder que coloniza as vida, submetendo-a à razão económica (FOUCAULT, 2006:63). Ou o que é o mesmo, o emergente neoliberalismo impõe um projeto no que o plano económico e político se fundem numa racionalidade de governo da vida das populações. Ora, essa racionalidade, ao contrário que na lógica disciplinar, requer um sujeito livre, que tome as suas próprias decisões permanentemente, no quadro de um programa vital no que as condutas sociais são interiorizadas polos próprios indivíduos. E, por conseguinte, assumidas como produto da

---

<sup>47</sup> Também denominada como *sociedade do controlo* por DELEUZE (2008: 220 e ss.).

vontade no interior de um processo de construção de si mesmo enquanto sujeito responsável (LAZZARATO, 2006: 32 e ss.).

Desta ótica, a função dos dispositivos de governo é assegurar as condições ótimas para uma correta forma de vida que autonomamente retroalimente o funcionamento dos processos económicos. Um poder que, através de um saber económico que nem oprime, nem reprime sujeitos concretos, mas governa pluralidades (LEMM, 2010: 13); inscrevendo condutas dos sujeitos e ressignificando os diversos aspectos da vida para convertê-los em relações mercantis. Eis, segundo DELEUZE (2008: 223-224), o facto mais transcendental das transformações contemporâneas: a apropriação da vida pela política. O que para FOUCAULT (1992a: 170 e ss.) inaugura uma nova forma de governar denominada como *biopolítica*,<sup>48</sup> e sem a qual não seria possível o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. Para tanto, antes de dirigir o nosso exame para o aprofundamento do mercantilismo ao que assistimos ou para as distintas fases abertas no capitalismo contemporâneo, o realmente decisivo para a tese foucaultiana é a operação do poder/saber sobre o quadro geral da vida (SALINAS, 2009-2010:104-111). Ou seja, antes do que centrar-nos nas novidasas formas de produção ou de consumo, aquilo que vai definir o neoliberalismo é a produz subjetividades, necessidades, significações e condutas (NEGRI e HARDT, 2001: 74), em definitiva, a produção e reprodução de vida.

## 2. NEOLIBERALISMO E BIOPOLÍTICA

Advertira já BENJAMIN (2011), a começos do século XX, que o capitalismo não era apenas um sistema de relações económicas, mas fundamentalmente uma doutrina que subordinava qualquer valor à lógica da produção e o consumo.<sup>49</sup> Com esta lúcida afirmação, o

---

<sup>48</sup> Como adverte FOUCAULT (2006: 15 e ss.), a cooptação do poder sobre a vida na ordem do saber e o poder –o *biopoder*– adquire uma dimensão totalmente distinta da que em qualquer outra época histórica tivera antes a vida humana.

<sup>49</sup> BENJAMIN, no seu popular texto “Capitalismo como religião” (2011), define o capitalismo como uma doutrina que “*serve essencialmente à satisfação das mesmas preocupações, tormentos e inquietudes aos quais outrora davam resposta as chamadas religiões. (...) três traços desta estrutura religiosa do capitalismo já são reconhecíveis no presente. Primeiro, o capitalismo é uma religião puramente cultural, talvez a mais extrema que jamais tenha existido. Nada há nele senão uma relação imediata com o significado do culto; ele não conhece nenhum dogma especial nem teologia. O utilitarismo ganha, sob esse ponto de vista, sua coloração religiosa. Um segundo traço do capitalismo interliga-se com esta concreção do culto: a duração permanente do culto. O*

filósofo alemão insinuava um dos debates mais enriquecedores do pensamento político, com renovado interesse após a hegemonia capitalista de corte neoliberal das últimas décadas. Em primeiro lugar, porque questiona os limites do domínio do mercado, em segundo lugar, porque testa a sua penetração no corpo social e, por último, porque procura identificar as formas de submetimento que ele exerce sobre a população. Assim, na sua versão mais canónica, o advir neoliberal foi percebido fundamentalmente desde uma análise materialista como a imposição de um determinado modelo económico a todas as esferas da sociedade. Desta perspetiva, seguindo os mandatos de HAYEK (2007), FRIEDMAN (2012) ou BECKER (1993), o neoliberalismo caracterizar-se-ia, acima de tudo, pelo domínio total e inflexível do mercado como o modo a organizar qualquer relação de troca. Isto é, o mercado deve torna-se o mecanismo de autorregulamentação da sociedade, bem como o instrumento de satisfação das suas necessidades. Desta maneira, numa sociedade complexa e mutável como a atual, o Estado -outrora dispositivo normalizador da sociedade por excelência- converte-se no principal obstáculo para a liberdade individual e a concorrência entre os sujeitos na procura das suas satisfações pessoais. Portanto, a arquitetura estatal deve ser profundamente reformada e encaminhada a devolver a responsabilidade social aos sujeitos individualmente considerados. O Estado deve, então, ficar reduzido à sua mínima expressão, favorecer a máxima flexibilização laboral, reduzir os custos económicos e traspasar as ineficazes e ineficientes políticas públicas ao mercado privado, como medidas imprescindíveis para fomentarem cidadãos ativos e empreendedores ótimos para a dinamização social.<sup>50</sup>

Numa leitura mais crítica, o devir neoliberal do capitalismo supôs uma nova estrutura social de acumulação e uma nova maneira de conceber as relações sociais na que as lógicas do mercado se expandem a todas as atividades humanas. Em definitiva, uma nova ideologia

---

*capitalismo é a celebração de um culto sans rève et sans merci (sem sonho e sem piedade). Não há nele nenhum "dia de semana", nenhum dia que não seja de festa no sentido terrível do desdobramento de toda pompa sagrada, da tensão extrema do adorador. Em terceiro, este culto é culpabilizador. O capitalismo é provavelmente o primeiro caso de um culto não expiatório, mas sim culpabilizador".*

<sup>50</sup> De início sinalaremos que a transformação do capitalismo neoliberal impactou radicalmente em grande parte de Ocidente, reorganizando intensamente a relação mercado-Estado-sociedade. Assim, a partir da chegada de diferentes propostas teóricas, com destaque especial da Escola de Chicago, liderada, entre outros, por FRIEDMAN (2012) nos anos setenta, o neoliberalismo vai colocar a liberdade do indivíduo como o verdadeiro princípio reitor da política contemporânea (HAYEK, 2007: 39-52; BECKER, 1993: 23-25). Mas como veremos, o neoliberalismo não constitui uma doutrina política e económica homogênea nem uniforme, e a sua irrupção não acarretou tampouco a desapareição de outras tendências preexistentes ou renovadas tais como o (neo)conservadorismo ou o (neo)keynesianismo.

que reordenou politicamente toda a sociedade a partir de um conjunto de políticas de libertação do mercado das mãos do Estado (ANDERSON, 1998; HARVEY, 2007; TOUSSIAINT, 2010). Desta ótica, o império do capital impugna o tradicional cometido do Estado, relegado, na melhor das hipóteses, a um simples instrumento ao serviço da economia livre de restrições, privatizando a prática totalidade das suas funções. Para HARVEY (2007: 38) o neoliberalismo é, destarte, um projeto político vocacionado a restabelecer a hegemonia da classe capitalista politicamente danada. O fim último do processo de desindustrialização ou da mudança tecnológica impulsionada pelas políticas económicas neoliberais não é outro que transformar a relação capital/trabalho conquistada pelo Estado Social. Por mais, segundo o teórico social britânico, estaríamos perante um ataque mais de tipo ideológico, atravessado por diferentes frentes políticos, do que perante uma transformação verdadeiramente económica. Em resumo, o retrocesso do Estado, a desregulamentação do mercado, a fragmentação da social e o individualismo, mais do que estar a criar um habitat para o crescimento económico e excarcerar à sociedade civil da *jaula de ferro*,<sup>51</sup> o que procura é a reorganização do poder do capital no intuito de recuperar a sua situação de primazia. Ainda, numa análise mais escolástica, JAPPE (2016: 207-218) afirma que o neoliberalismo é a fase superior da sociedade mercantilista. E as suas consequências sociais não derivam de imperfeições a solucionar no sistema produtor, senão que são o resultado mesmo do seu desenvolvimento completo. Dito doutro modo, são a *conditio sine qua non* do projeto neoliberal que já não encontra hipótese de crescimento e progresso no terreno estrito da economia de mercado, e avança sobre a vida social disposto a devorá-lo tudo para garantir a sua supervivência. Nada foge a esta lógica da mercancia, o dinheiro ou o valor, e o Estado e os seus mecanismos de intervenção têm a função de assegurar a sua produção e reprodução.<sup>52</sup>

Ora bem, o fechamento do neoliberalismo unicamente nos marcos de um sistema explorador, depredador e exaltado, reduz notavelmente o ângulo de interpretação dos

---

<sup>51</sup> Numa análise confrontada com WEBER (2004: 42-236) -quem retratou a articulação do sistema burocrático como o elemento identificador do Estado moderno e indispensável para a racionalização capitalista-, a progressiva desmontagem da organização estatal impulsionada pelo neoliberalismo não estaria implicando, em absoluto, a extinção da *jaula de ferro* weberiana, mas a sua substituição e a posta em andamento de um sistema de controlo e cálculo racional dos indivíduos muito mais complexo. Sobre isto, vid. Cap.4.2.2.

<sup>52</sup> JAPPE (2016) é um dos principais representantes da “teoria crítica do valor” iniciada por KURZ (2009) que aprofunda na crítica marxista da sociedade mercantil a partir de uma análise de categorias muito enriquecedoras como o valor, o trabalho abstrato ou o dinheiro.

fenómenos sociais produzidos na contemporaneidade. Como sinala WACQUANT (2012: 43-48) esta visão, por uma banda, apaga qualquer papel da institucionalidade social e subordina-a totalmente à lógica das relações económicas da produção e, por outra, realiza uma leitura extremadamente monolítica e unidirecional do projeto político neoliberal. Em consequência, e como já foi assinalado, a nossa proposta procurara resolver as insuficiências e dificuldades analíticas que oferece o paradigma economicista recorrendo à “caixa de ferramentas” (pós)foucaultiana<sup>53</sup> como chave-mestra para reinterpretarmos a condição neoliberal. E desta forma, deslocarmos a nossa análise dos tradicionais espaços da relação capital/trabalho para as práticas, as racionalidades e as tecnologias que, conforme ROSE (2007: 128 e ss.), conduzem verdadeiramente os desejos dos sujeitos às necessidades do mercado. Para tanto, o neoliberalismo não seria apenas uma ideologia ou um sistema económico, senão uma *razão* que estrutura e organiza, como referem LAVAL e DARDOT (2013: 15-16), a conduta dos governados dentro do livre mercado dos *espetáculos*.<sup>54</sup> Isto é, uma racionalidade que, antes de mais, intervém diretamente sobre o corpo social construindo um “meio ambiente” que produz e reproduz a forma-mercado em todas as esferas da vida social. Portanto, não estamos perante uma mera continuidade do liberalismo ou a sua fase superior, mas perante uma racionalidade a operar em âmbitos até então alheios às relações económicas, na que os sujeitos são postos a produzir em todos os espaços da vida quotidiana, além dos domínios clássicos do Estado protetor. Em definitiva, o neoliberalismo mais do que explorar o trabalhador smithiano, o que faz é, como sinala ROSE (2014: 91), por a produzir a vida mesma das populações, a sua formação, a sua saúde, o seu lazer e mesmo a sua sexualidade.

No entanto, conforme adverte criticamente WACQUANT (2012: 45-46), uma análise tão difusa e alastrada do poder, que se estende além dos limites tradicionalmente concebidos, não está isenta de importantes desafios teóricos, na medida em que extravasa qualquer tentativa de um corpus fechado e completo sem um exterior rígido e estável. Em suma, trata-se de uma perspetiva muito ampla na que a razão neoliberal se expande através de micro-instituições que

---

<sup>53</sup> Neste sentido, como o próprio FOUCAULT (1985: 85) caracterizou as suas investigações, “*entendemos a teoria como uma caixa de ferramentas, quer dizer: - que não se trata de construirmos um sistema, mas um instrumento, uma lógica própria às relaciones de poder e às lutas que se comprometem ao redor delas; - que esta procura não pode fazer-se mais do devagar, a partir de uma reflexão (necessariamente histórica nalgumas das suas dimensões) sobre situações dadas*”.

<sup>54</sup> De novo, de jeito verdadeiramente pioneiro, DEBORD (2010: 38) sinalou, “*o espetáculo se apresenta na sociedade mesma e, por sua vez, como uma parte da sociedade e como um instrumento de unificação*”.



proliferam por toda a parte. Para tanto, resulta imprescindível ancorarmos adequadamente a nossa análise nos modos de produção de uma determinada *verdade*<sup>55</sup> e, em definitiva, como se articula uma forma de viver na contemporaneidade. Para isso, rastejaremos as mutações e as migrações do poder, bem como as suas direções, a fim de acharmos a materialização da racionalidade neoliberal. Por dizê-lo doutro jeito, não chega com sinalarmos as práticas políticas ou económicas, mas concretizarmos a gestão da vida além das tradicionais políticas estatais. Afinal, não basta com assumirmos o neoliberalismo como o retrocesso do Estado ou uma ausência de regulamentação; compre vermo-lo noutra focagem distinta, como uma forma de governo genuína e específica.

## 2.1. Biopolítica das populações

A problematização do governar adquire uma especial importância no pensamento foucaultiano, nomeadamente, a partir dos anos setenta nos quais o filósofo francês vai desenvolver uma prolífica interpretação dos modos como o poder se inscreve na vida dos indivíduos.<sup>56</sup> Neste período, FOUCAULT (2006, 2012) realizou uma profunda e intensa análise das práticas, saberes e subjetividades que conformam a exegese do poder, observando aquelas atividades de governo e mecanismos postos em andamento por ele com a finalidade de conduzir a vida dos indivíduos. O nosso autor, rastreia o processo histórico iniciado no século XVIII com a implantação de um leque de dispositivos encaminhados à gestão da população, que se sobrepõe à administração do Estado entendida como a defesa do território soberano. Com isso, sinala, produz-se uma mudança substancial nas formas de governar, deslocando o interesse de governar o espaço *intramuros* do Estado pela administração e a produtividade do corpo social. Em suma, aquilo que acontece é, a modo de síntese como nota DEFERT (1991: 211-233), a introdução dos processos vitais das populações no âmbito da gestão política: a insurreição da *biopolítica* como noção central da administração do poder.

<sup>55</sup> Seguindo FOUCAULT (1979: 189) entendemos por *verdade* um conjunto de procedimentos regulamentados pela produção, a lei, a repartição, a posta em andamento e o funcionamento dos enunciados. A *verdade* está ligada circularmente aos sistemas de poder que a produzem e a mantêm, e aos efeitos de poder que induz e que a acompanham. O *regime de verdade* não é um regime simplesmente ideológico ou superestrutural, mas a condição da formação e desenvolvimento do regime político.

<sup>56</sup> Sem dúvida a publicação dos cursos lecionados no *Collège de France* por FOUCAULT (2006, 2012) - *Segurança, Território, População*, ministrado entre 1977 e 1978, e *Nascimento da Biopolítica*, ministrado entre 1978 e 1979-, vão dar um importante salto qualitativo ao estudo biopolítico, abrindo um fascinante debate sobre a racionalidade político-económica da contemporaneidade.

Segundo a tese foucaultiana, os Estados foram articulando uma série de cálculos e táticas sobre a vida coletiva dirigidas a assegurar uma população produtiva, ativa e próspera para o crescimento económico e político. A educação, a saúde, as condições laborais ou o acesso aos serviços básicos dos indivíduos convertem-se em objetivos prioritários. O governo da vida amplia os *poderes de polícia* do Estado além dos meramente repressivos,<sup>57</sup> chegando a estendê-los a âmbitos absolutamente inéditos para o tradicional controlo estatal (ROSE e VALVERDE, 1998: 541-551). A gestão biopolítica não se circunscreve ao *poder de matar* do soberano, entendido como um poder de submetimento da população aos mandatos, mas fundamentalmente, a um *poder de fazer viver*,<sup>58</sup> concebido como um governo da vida produtiva. Governar, então, não é dominar, nem subjugar, mas estruturar um campo de ação além da sujeição política dos indivíduos, um habitat de possibilidades, cálculos e técnicas singulares orientadas à administração do corpo social. Um conjunto de modos biopolíticos de gestão que se alicerça numa particular racionalidade política que FOUCAULT (2006: 136 e ss.) designou como *governamentalidade*.<sup>59</sup> Uma categoria analítica que, segundo o nosso autor, nos permite compreender a rede de instituições, procedimentos, cálculos e técnicas através das quais se exerce o biopoder sobre a população. Porém, por *governamentalidade*, FOUCAULT denominou também o desenvolvimento histórico que se produziu em Ocidente de uma verdadeira máquina de governar e dos seus próprios saberes. E, ainda, por *governamentalidade*, entendeu o processo de transformação do Estado desde a Idade Média até o presente no qual se inscreveu, acima de tudo, o problema do governar. Em resumo, aquilo que significa a *governamentalidade* é o desenvolvimento de uma “arte de governo”

<sup>57</sup> Desde a perspectiva, o *poder de polícia* pouco tem a ver com a sua conceção liberal, enquanto instrumento de manutenção da segurança pública fruto do monopólio da violência estatal. Para FOUCAULT (2006: 356 e ss.) o *poder de polícia* deve ser interpretado como o mecanismo que assegura as formas de relacionamento entre os indivíduos, a salubridade, os costumes, os valores e até o desenvolvimento do mercado e o crescimento económico. O *poder polícia*, em resumo, absorve todas as esferas da vida dos indivíduos.

<sup>58</sup> Na análise foucaultiana (cfr. FOUCAULT, 2006: 15 e ss.), a grande mutação que supôs o *biopoder* é a inversão daquele poder do soberano de “dar morte” aos seus súbditos, polo direito a “dar a vida” própria da modernidade. O *biopoder*, como tecnologia própria da gestão das populações, orientada à maximização da sua produção expressa-se sob práticas e técnicas de conservação da vida através da implementação de sistemas de controlo populacional, criação de um sistema sanitário, serviços públicos, regulações de natalidade, etc.

<sup>59</sup> Compre, no entanto, sinalar antes de prosseguir esta aproximação teórica que a incorporação da noção de *governamentalidade* às ciências políticas deve manter distância com aquelas perspectivas que, assumindo formalmente este conceito, –também referido como *governança* ou *governabilidade*–, limitam, quando não diretamente distorcem, a conceção foucaultiana. Porém, esta perspectiva guardaria certa relação com a nossa análise –como veremos no Cap.4.1–, tratar-se-ia de uma linha de investigação que faz referência, como sustem MAYNTZ (2005: 83-98), unicamente ao conjunto de transformações introduzidas nas últimas décadas, principalmente no mundo anglo-saxão, no sector público para confrontar as mudanças económicas produzidas na sociedade e a sua relação com o Estado e o mercado.



destinada à gestão da população.<sup>60</sup> Governar significa, como sintetiza DEAN (1999: 206 e ss.), conduzir as condutas num duplo plano, tanto como formas de governar aos outros, quanto como de governar-se a si próprio, entendido como a capacidade dos sujeitos para se autorregulamentarem.

Neste sentido, FOUCAULT (2012: 15-16) sustem uma noção de governo ampla, complexa e ubíqua que foge da institucionalidade forjada desde o século XVIII na Razão de Estado. Nela a ação do poder procura, antes, regulamentar a vida do corpo social, administrar os indivíduos sem necessidade do exercício vertical do poder estatal soberano, elaborando um quadro vital de desenvolvimento que os sujeitos devem transitar voluntariamente. A liberdade individual, num contexto biopolítico como o descrito pelo filósofo francês, deixa de ser um obstáculo para o poder e, pola contra, converte-se na sua condição de possibilidade. A gestão livre da vida dos sujeitos, fora da esfera estatal, instituiu aos cidadãos como atores essenciais do biopoder. Dito doutro modo, o poder governamental não procura impor normas, princípios ou valores homogêneos com a finalidade de conseguir indivíduos submissos, o que busca é operar sobre os seus comportamentos como agentes económico-políticos que razoam e atuam na procura da maximização das suas potencialidades (ROSE, 1999: 61 e ss.). Do ponto de vista de FOUCAULT (2006: 398 e ss.), a “arte de governar” extravasa a simples imposição da lei, substituindo-a por difusos dispositivos que se espalham pelo espaço social. A condução social não emana fruto de um dever do Estado, que se configura como mais um componente das práticas do poder, mas principalmente a partir da multiplicidade de técnicas que configuram a racionalidade governamental. Isto supõe que o Estado, segundo a tese foucaultiana, deixa de ser o embrião do governo, para se transformar apenas no seu lugar de codificação. Em suma, o processo de estatalização como fonte do poder é subsumido num processo mais amplo de *governamentalização* que, em definitiva, se converte no quadro de ação do poder sobre a vida. Portanto, a finalidade do poder não é a acumulação de riquezas para o Estado, nem a proteção do seu território. Desde outra dimensão, a fortaleza do governo fundamenta-se na capacidade de produção e reprodução social.

---

<sup>60</sup> FOUCAULT (2006: 137 e ss.), numa leitura confrontada com a visão maquiaveliana do poder, entende a “arte de governar” como aquelas técnicas desenvolvidas desde o século XVIII com a finalidade de gerir, administrar a multiplicar o poder. Não se trata, portanto, de conservar o principado, o território ou as riquezas, mas governar os indivíduos, as populações conduzindo a sua própria vida.

Porém, convém advertir, como aponta DEAN (1999: 16 e ss.), que o Estado não é tampouco um ente abstrato, senão que emerge como resultado dos conflitos internos que vão fixar as práticas de governo e, em consonância, o processo de *governamentalização* não é *per se* um processo contraestatal. O desenvolvimento das estatidade e a sua consolidação foram um elemento essencial na mutação face o predomínio da governamentalidade. Igualmente, para JESSOP (2017: 97-143) o Estado converte-se no eixo sobre o que hesita toda a institucionalização das grandes decisões coletivamente vinculantes sobre uma população em benefício do interesse comum. Portanto, as tecnologias de governo desenhadas para dirigir a conduta tampouco se articulam de forma totalmente independente da estatidade. A relação é uma relação de justaposição, dinâmica e adaptativa que sem ter uma ligação direta, tampouco atuam completamente à margem, mas estabelecendo códigos e símbolos comunicantes. Em definitiva, sintetizando, podemos designar a *governamentalidade* como sendo um processo que percorre o Estado, no entanto, não se detém nele e vai muito além, diretamente sobre a vida dos cidadãos.<sup>61</sup>

Ora, o interesse do governo pela vida para se apreender dela, administrá-la e regulamentá-la, veio acompanhado também de uma razão económica e política. Uma forma de gestão cuja finalidade é exercer um governo produtivo, eficiente e duradouro sobre a conduta de um novo sujeito: as populações. Em suma, fazer economicamente sustentável, competitiva e próspera a sua potencialidade vital num quadro regulatório que extravasa o aparelho jurídico do Estado. Para FOUCAULT (2006: 399 e ss.), a racionalidade que faz possível esta transformação é o liberalismo, como modo de governo específico que ultrapassa o poder do soberano prototípico da Razão de Estado.<sup>62</sup> O nosso autor mostra como o projeto liberal desenha uma sociedade o menos intervinda possível, onde o núcleo principal é a libertação da capacidade produtiva dos indivíduos e não a sua coerção. A racionalidade liberal é percebida, desta perspetiva, sempre na constante tentativa de conter o poder do Estado como forma a superar os reptos e desafios da modernidade. Para isso contrapõe a mobilidade do sujeito pelo corpo social ao imobilismo do Estado absoluto, como procedimento de transborde

---

<sup>61</sup> Sobre a estatidade na perspetiva foucaultiana trataremos, a partir da análise de SKORNICKI (2017), no Cap. 5.

<sup>62</sup> Para FOUCAULT (2006: 318 e ss., 327 e ss.) a Razão de Estado encontra-se no coração mesmo do Estado e manifesta-se num conjunto de técnicas e procedimentos dirigidos à supervivência e ao fortalecimento da sua estrutura administrativa, do seu território e das suas riquezas.

do modelo soberano (FOUCAULT, 2012: 30-33). Deste modo, o retrocesso do Estado constitui um dos elementos essenciais para a maximização das potencialidades dos cidadãos, tanto considerados individualmente, quando coletivamente, na medida em que a sua atividade quotidiana multiplicaria o benefício do conjunto da população. A consecução do Estado mínimo situa-se como finalidade última da razão liberal; mas não só, acompanhando este objetivo, situa-se a extensão do mercado como o espaço central de produção e reprodução social. Ou noutro sentido, a substituição do Estado pelo mercado como interfaz entre a vida e o poder, um deslocamento que, aliás, emancipa aos sujeitos da sua condição de súbditos.<sup>63</sup> Os indivíduos submetidos pelo poder do soberano, quebram as suas fixações e movem-se voluntariamente pelo espaço social, interagindo de forma ativa na realidade económica e política (FOUCAULT, 2012: 71-74).

TABELA 1.2

Poder	Razão de Estado (S. XII-XVIII)	Liberalismo (S. XVIII-XIX)
<b>Finalidades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conservação e riqueza do Estado</li> <li>• Poder <i>intramuros</i></li> <li>• Poder soberano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Administração do corpo social</li> <li>• Liberdade individual</li> <li>• Poder económico</li> </ul>
<b>Características</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado absoluto</li> <li>• Império da lei</li> <li>• <i>Poder de matar</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes de governo</li> <li>• Sujeitos ativos e reflexivos</li> <li>• “Autoridade dos peritos”</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

O liberalismo estabeleceu, assim, as condições ótimas para que os sujeitos sejam autónomos, deixando que os acontecimentos sociais transcorram e, em suma, que a realidade se desenvolva seguindo o seu curso conforme as normas internas que lhes são próprias, sem intervenção alheia. Em consonância, o liberalismo precisou despir-se do domínio do Estado arbitrário, e constituir um governo de cidadãos livres (FOUCAULT, 2006: 70). Produzir liberdade ou, noutras palavras, produzir condições para a existência de liberdade, mas não se trata de uma liberdade do sujeito total e absoluta, senão um quadro geral de gestão da vida.

<sup>63</sup> Sob a lógica do *poder soberano*, na análise de FOUCAULT (2000: 218 e ss.), a relação que se estabelece entre o governante (soberano) e os indivíduos é uma relação inamovível de vassalagem que encontra o seu cerne no *poder de matar*, isto é, na capacidade do soberano de apagar a vida de qualquer sujeito à sua vontade.

Em consequência, a produção de liberdade comporta necessariamente a produção de fronteiras, limites e normatividades dentro das quais esta deve operar (FOUCAULT, 12: 72). O *laissez-faire* liberal não é um deixar-fazer abstrato mas especificamente determinado e regulamentado num número limitado de opções ou alternativas entre as que o sujeito pode eleger. Os espaços de autonomia libertados do Estado e traspassados aos cidadãos, em absoluto, constituem âmbitos de independência total.<sup>64</sup> Ao contrário, são espaços pré-determinados de decisões e eleições no que a racionalidade liberal administra a liberdade dos sujeitos dirigindo as suas condutas (DEAN, 1999: 156 e ss.).

A título de exposição, podemos sinalar, seguindo ROSE (2014: 73-76), quatro características fundamentais que definem o modo de governo liberal, e que vão estabelecer o ponto de início de uma *govenamentalidade* onde a maximização da vida se converte no *leitmotiv*. Em primeiro lugar, o liberalismo supõe uma nova relação entre o governo e os saberes. O modo de governo liberal, a diferença do Estado absoluto, assenta em estratégias positivas sobre a conduta dos indivíduos desenvolvidas pela ciência. Neste sentido, realiza-se uma importante produção de estudos e análises da sociedade para conhecer o objeto governado -elaboram-se estatísticas, informes, pesquisas ou inspeções em áreas como a saúde, a natalidade, ensino, etc.- vocacionadas à melhora da produtividade da população. Em suma, constrói-se um *saber* que, aliás, circula e se legitima como *verdade* em todas as esferas da sociedade e, a partir dele, se vai construindo uma determinada conduta social. Em segundo lugar, o modo de governo liberal caracteriza-se por uma noção do sujeito como um agente ativo que participa no seu próprio governo. Surgem, assim, uma série de práticas e técnicas de gestão dos indivíduos - a través da escola, a família, a fábrica ou os reformatórios- nas quais se normaliza um tipo de indivíduo que poda governe-se só. Um sujeito que assuma livre e voluntariamente as suas obrigações como forma de tirar o máximo proveito da sua própria existência. Em terceiro lugar, o liberalismo articula um novo tipo de autoridade, a “autoridade dos peritos”, como dispositivo para modelar as decisões e as ações dos indivíduos em âmbito tão diferentes como as relações económicas, as familiares, a alimentação, a saúde, etc. Deste

---

<sup>64</sup> Neste sentido, o *laissez-faire* para FOUCAULT (2012: 49 e ss.) deve ser reinterpretado numa dimensão diferente à proposta smithiana na qual o Estado se limita a retirar qualquer obstáculo para o jogo de interesses individuais. Segundo o filósofo francês, a queda da intervenção estatal veio a ser substituída por outro tipo de intervenção *governamental*, dirigida à construção de um “meio ambiente” determinado para os cidadãos.

modo, os saberes periciais de determinadas pessoas reconhecidas como autoridades sociais, e construídos à margem das agências públicas, conformam uma verdadeira de estratégia de “governo a distância”.<sup>65</sup> Em quarto e último lugar, o liberalismo constitui-se como um modo de governo *reflexivo*, que se questiona permanentemente respeito das suas técnicas e estratégias de condução, tentando corrigir erros e introduzindo constantes melhoras para ser mais eficaz e eficiente na conquista dos seus objetivos.

Em conclusão, o governo liberal aquilo que procura é enquadrar as condutas dos sujeitos, e não unicamente as mercadorias, os trabalhadores ou os capitais. Portanto, o desafio no liberalismo passa a ser o como governar essas condutas e como conseguir que a sua circulação seja produtiva. Não existe, pois, governo liberal sem um governo das condutas, quer dizer, sem a existência de um espaço de interação no que os sujeitos procurarem os seus próprios interesses. Como lembra FOUCAULT (2006: 96), a função dos dispositivos implementados no liberalismo é administrar a circulação das vontades e aspirações para a máxima extração de produtividade. Parafraseando a DELEUZE e GUATTARI (1985: 32), aquilo que o liberalismo inaugura é uma forma de produção social baseada nos *desejos*.<sup>66</sup> Quer dizer, um modo de governo no que os desejos dos sujeitos circulem livremente e podam ser satisfeitos no mercado. O próprio FOUCAULT (2006: 97), afirmou que o desejo, se ele atuar dentro de determinados limites e no quadro de uma série de relações, produzirá benefício para o conjunto da população, e qualquer esforço governamental encaminhar-se-á ao acondicionamento de um habitat que fomente a sua livre circulação.

## 2.2. Governamentalidade neoliberal

Conforme sinala FOUCAULT (2012: 236), do mesmo jeito que o desenvolvimento do liberalismo despregou uma específica racionalidade de governo, a série de profundas

---

<sup>65</sup> ROSE (2014: 75) destaca o papel que vão jogar a opinião de uma série de pessoas especialistas e qualificadas que falam em nome da sociedade, como estadísticos, epidemiólogos, trabalhadores sociais, etc. penetram delicada e cuidadosamente no interior da conduta dos sujeitos.

<sup>66</sup> Recolhem metaforicamente no *Anti-Edipo* DELEUZE e GUATTARI (1985:47), que “nas máquinas de desejos tudo funciona ao mesmo tempo, mas nos hiatos e as dissoluções, as avarias e as falhas, as intermitências e os curto-circuitos, as distâncias e as subdivisões, num montante que nunca reúne as suas partes num tudo. Nelas os cortes produtivo, e incluso são reuniões. As disjunções, em quanto que disjunções, são inclusivas. Os próprios consumos são passos, devires e regressos”.

transformações sociais produzidas, nomeadamente, após a II Guerra Mundial, também provocaram a chegada de uma genuína racionalidade governamental de tipo neoliberal. Isto é, uma lógica no exercício do poder própria das democracias contemporâneas ocidentais que já não se baseia mais no simples *laissez-faire* liberal, mas na disposição de técnicas, estratégias e tecnologias de governo vocacionadas a garantir a concorrência dos sujeitos livres na sociedade. A origem dessa passagem, de um modo de governo liberal para uma governamentalidade especificamente neoliberal, remontar-se-ia, no entanto, ao contexto político e económico vivido a partir dos anos trinta do século XX, principalmente, em Europa e os EUA. Para autor galo, esta racionalidade seguiria dous roteiros marcadamente diferenciados, desde os quais debruçarmos sobre a sua genealogia.<sup>67</sup>

O primeiro percurso que podemos marcar corresponde com o designado por *ordoliberalismo*, cujo epicentro esteve, principalmente, na Alemanha de pós-guerra. Assim, num cenário de prática desestruturação do Estado alemão,<sup>68</sup> a principal preocupação da emergente racionalidade neoliberal era reconstituir a depauperada economia nacional num duplo sentido: por uma banda, como forma de progresso social e, por outra, como pressuposto para a reorganização do Estado, fazendo da razão económica o fundamento da nova Alemanha. Deste jeito, o governo germano seguindo, nomeadamente, as diretrizes da Escola de Friburgo,<sup>69</sup> assume uma política de liberalização do mercado diante do anterior intervencionismo estatal, no quadro da reconversão institucional aberta desde a II Guerra Mundial. A libertação da economia apresenta-se, nesta ótica, como o modo de superação de um modelo estatal obsoleto e o melhor instrumento para enfrentar um futurível regresso do nazismo ou qualquer outra forma de totalitarismo. Desta maneira, Alemanha inicia um

<sup>67</sup> Para uma análise histórico-genealógica do processo de governamentalização descrito por FOUCAULT, nomeadamente, no *Collège de France* no curso 1978-1979 intitulado *Nascimento da Biopolítica* (FOUCAULT, 2012), vid. CASTRO-GOMEZ (2010: 173-228). Seguido as pesquisas deste autor, que realiza um intenso labor conceitual da obra foucaultiana, podemos rastrear as transformações das tecnologias de governo do liberalismo e o neoliberalismo. Igualmente, para uma aproximação sintética, como a que a seguir exporemos, vid. PATARROYO (2012).

<sup>68</sup> No entanto, podemos situar os seus antecedentes na proclamação da República de Weimar, na *Grande Depressão* de 1929 e no auge do nazismo (CASTRO-GOMEZ, 2010: 178-190).

<sup>69</sup> A Escola de Friburgo, designada também por Escola do ordoliberalismo, constitui uma de mais destacadas evoluções no pensamento económico capitalista, que entendia possível o desenvolvimento de uma economia livre e de mercado sustentada numa política social estatal que, por sua vez, permitisse estabelecer umas mínimas condições de vida para os indivíduos. Esta tese foi denominada como “economia social de mercado”. De entre os seus membros destacaram, por todos, EUCKEN, BÖHM, RÜSTOW, MÜLLER-ARMACK ou RÖPKE.



importante desenvolvimento económico para a sua pronta recuperação, ultrapassando a velha conceção liberal do mercado e a função de salvaguarda da ordem económica do Estado, identificado como a fonte principal da crise social, política e económica da década de trinta. O segundo roteiro seguido pelo neoliberalismo que podemos marcar situa-o o filósofo francês nos EUA, principalmente, a partir do programa intervencionista do *new deal* criado para frear as consequências da *Grande Depressão* dos anos trinta e as posteriores políticas keynesianas impulsionadas pela Administração norte-americana. Este conjunto de medidas provocou uma série de ferozes críticas ao redor da Escola de Chicago, que vão supor o início do mais importante processo de desregulamentação e internacionalização da economia da história. Assim, para os economistas desta escola, a crise pública económica não teria a sua origem na falta de inversão pública como afirmavam as teses keynesianas, mas na contração da oferta monetária causada, precisamente, pelo controlo governamental. Portanto, a origem da *Grande Depressão* encontrar-se-ia justamente na intervenção da Administração Pública sobre a política económica, em contraposição a um livre mercado inerentemente estável e, deste modo, garante do equilíbrio e do crescimento económico. A partir desta análise, os EUA puseram em prática uma série de iniciativas políticas encaminhadas à libertação do mercado, que deslocaram a prática totalidade das medidas impulsionadas pelo keynesianismo como pensamento económico predominante desde a década dos anos trinta.<sup>70</sup>

Ora bem, a libertação do mercado norte-americano vai guardar diferenças importantes com respeito ao fenómeno alemão, que tem a ver com a génese mesma do processo de modernização. Desde o seu começo o desenvolvimento do liberalismo clássico europeu teve como função principal limitar o poder do Leviatã estatal. Portanto, libertar os cidadãos do arbítrio do Estado como condição necessária para o progresso social. Porém, na tradição norte-americana o liberalismo emergiu, ao contrário, como o princípio legitimador por excelência do Estado moderno, em grande medida, pela ausência de obstáculos como os que tiveram que atravessar em Europa. Desta forma, o projeto liberal nos EUA configura-se como o núcleo central do debate político da modernidade e parte inseparável da constituição do

---

<sup>70</sup> A Escola de Chicago, partidária do livre mercado, converteu-se na principal entidade opositora às teses keynesianas e ao seu programa económico de salvação do capitalismo desde o próprio capitalismo (cfr. VICARELLI, 1979). A crítica desenvolvida pelos economistas de Chicago atacou com dureza as políticas de aumento das despesas públicas como mecanismo para a criação de emprego e elevação do consumo como base para crescimento económico defendido pelo keynesianos.

Estado, porquanto numa Europa imersa em complexas disputas territoriais e identitárias, a discussão liberal ocupava um claro papel secundário. Aliás, o liberalismo nos EUA nasce como um modelo enfrentado com o despotismo, bem como uma solução política para um conjunto de reivindicações de direitos democráticos tanto civis, como políticos ou económicos. Fruto desta nascença, o seu desenvolvimento encontrou nas políticas públicas e nos planos sociais um instrumento central para a sua realização; resultando, em consequência, para determinados sectores sociais – desde o (neo)conservadorismo ao *libertarianism* - um verdadeiro perigo para a manutenção do livre mercado, na medida em que introduziu elementos igualitaristas ou redistributivos. Em Europa, pola contra, o liberalismo foi abraçado pelas novas capas sociais moderadamente progressistas e mesmo conservadoras como travão ao absolutismo, mas também às emergentes ideias socialistas. Para tanto, o neoliberalismo norte-americano estabeleceu um tipo de relação entre governante e governados muito específica que, pola sua própria idiossincrasia, vai além do processo de libertação mercantil alemão. Por último, conquanto ambos os projetos confrontam a regulamentação estatal, isso também não significou a sua aposta pola dissolução do Estado (CASTRO, 2010: 199). Em sentido contrário, o neoliberalismo aquilo que procura é um modo de interação entre o Estado e o mercado que sobrevoe, tanto a intervenção estatal, como o desenvolvimento livre e natural do mercado.

Desta forma, conforme FOUCAULT (2012: 136-137), a racionalidade neoliberal contemporânea encontra-se imbricada nestes dous percursos seguidos pelo neoliberalismo, a partir dos quais se estrutura um modo de governo que opera sobre o quadro geral das condições da vida dos cidadãos. O devir histórico do neoliberalismo não configurou um simples modelo económico, mas uma realidade sociopolítica que é preciso construir e intervir. A sua função é, acima de tudo, edificar um hábitat no que os sujeitos devem concorrer polos seus próprios meios na procura do seu bem-estar: a sua educação, a sua saúde, a sua segurança, etc. E, desta perspetiva, a racionalidade introduzida pelo neoliberalismo visa uma profunda transformação a respeito do liberalismo clássico, não limitado às margens do *laissez-faire*, mas como uma tecnologia de governo que intervém de forma ubíqua e permanente sobre a população. Noutras palavras, esta racionalidade concebe uma especial ligação entre a lógica mercantil e a vida mesma dos sujeitos que traspassa as fronteiras



“naturais” fixadas pelo mercado. O neoliberalismo busca inscrever os princípios da economia de mercado em todos os âmbitos da sociedade (FOUCAULT, 2012: 179-180). Portanto, o seu berço não devemos pesquisá-lo na sociedade mercantil do liberalismo clássico, mas pensarmos-lo como uma realidade que modifica substancialmente a dimensão dos conceitos económicos.

TABELA 1.3

Dimensões	Governamentalidade neoliberal (S. XX)
<b>Económica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Libertação do processo económico</li> <li>• Concorrência como princípio organizador e regulamentador</li> <li>• Sociedade de agentes económicos</li> </ul>
<b>Estatual</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado sob o paradigma empresarial</li> <li>• Governo de indivíduos livres e autoresponsáveis</li> <li>• Administração gerencial</li> </ul>
<b>Individual</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Empresário de si</i></li> <li>• Sujeito racional e calculador</li> <li>• Administrador do “capital humano”</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Para a razão neoliberal a sociedade é apenas um ecossistema de agentes mercantilizados que concorrem entre si (DELEUZE, 2008: 225-226). O paternalismo estatal desaparece, quanto ator de intervenção social, e restringe a sua função à administração dos marcos reguladores da sociedade. A densidade e intensidade da autoridade soberana distendem-se, deixando margens de tolerância para a interação dos indivíduos. Estabelecem-se umbrais dentro dos quais os sujeitos operam em liberdade, sem coações, nem restrições na tomada das suas decisões como responsáveis do seu próprio autogoverno. O neoliberalismo produz sujeitos que acreditem em si mesmos, como atores principais do seu destino, ainda quando este porvir esteja enquadrado num predeterminado *ethos*.<sup>71</sup> Num sentido complementar,

<sup>71</sup> Conforme afirma CASTRO-GOMEZ (2010: 12), toda a análise foucaultiana esta atravessada por uma fascinação pola forma de o neoliberalismo ser capaz de criar um *ethos*. Quer dizer, como se articulam umas

poderíamos dizer que, na governamentalidade neoliberal se produz uma sorte de identificação ou unificação num único indivíduo da figura do soberano e do súbdito no que a liberdade de eleição dos cidadãos foi transmutada numa obrigação de eleição. A liberdade opera, destarte, como princípio e como limite da racionalidade política contemporânea através de umas determinadas condições de aceitabilidade na tomada das decisões.<sup>72</sup>

O poder sobre vida horizontaliza-se, quer dizer, descentraliza-se, atravessa o corpo social por inteiro desprendendo-se da sua *jaula* institucional, não para reprimir, mas para induzir e seduzir. A liberdade individual, como requisito ontológico, constitui o mandato por meio da qual se mobilizam dispositivos, instrumentos e se estabelecem as relações de poder (DEAN, 1999: 176-191). A autonomia e a livre decisão convertem-se no meio de circulação das técnicas de governo, encaminhadas à autorresponsabilidade individual como forma de interatuação dos sujeitos num cenário de incertezas. O Estado abandona a sua função interventora, mutando num ente gestor do quadro de condições gerais da vida, traspassando para os cidadãos a responsabilidade pelo seu bem-estar. Em efeito, para ROSE (2014: 82-87), a governamentalidade neoliberal estabelece, doravante, uma nova forma política de relacionar-se com os sujeitos. A espessa rede de instituições do Estado protetor e suas agências que regulamentavam a população começam a ser penetradas por “saberes periciais” de natureza privada em âmbitos tais como a saúde, a educação ou a segurança. Multidão de empresas, corporações e profissionais de todo tipo de áreas concorrem com as políticas públicas, deslocando-as da sua centralidade na produção de *verdades*. Aquilo que se produz é uma des-estatalização do governo cujo resultado é a criação de um governo privatizado que, por sua vez, rivaliza com os poderes públicos. Deste modo, a entrega aos indivíduos da sua liberdade também os desliga da sua submissão às diretrizes do Estado e, portanto, ficam soberanos para avaliarem e calcularem, de entre o leque saberes e conhecimentos existentes, quais são os mais adequados para o seu bem-estar.<sup>73</sup>

---

determinadas condições de vida nas que os sujeitos se *experimentam* a si mesmos como livres, ainda quando a sua conduta esteja enquadrada num determinado leque de condutas prefixadas.

<sup>72</sup> Conforme CASTRO ORELLANA (2008: 141-157), a *liberdade* expressa-se como uma ilusão que encobre a sua própria privação porquanto monopoliza o espaço de decisões.

<sup>73</sup> Segundo ROSE (2007: 112-113), este processo observa uma especial intensidade na privatização dos serviços públicos e as transformações das funções do Estado providência, como a marketização dos serviços de saúde, o enfraquecimento da segurança social, as reformas educativas ou a introdução de técnicas de *management* privado na Administração Pública.

Este processo, na opinião de ROSE (2014: 87-92), acarreta ainda outra face mais na configuração dos cidadãos como sujeitos responsáveis pelo seu destino. Os sujeitos tornam-se indivíduos ativos que procuram maximizar a sua de vida. Os indivíduos buscam satisfazer eles sós as suas necessidades, não com base em obrigações externas, mas como fruto da sua eleição pessoal. Para o sociólogo britânico, estamos perante sujeitos ativamente responsáveis que enfrentam problemas como o desemprego, as enfermidades ou a morte sempre conforme o seu *lifestyle*.<sup>74</sup> Indivíduos calculadores e racionais que adotam um modelo de vida sem aguardar nenhuma diretriz do Estado ou das suas agências (FOUCAULT, 2012: 157 e ss.), sem atender já não só a nenhum mandato público, mas interiorizando as suas responsabilidades. A racionalidade neoliberal potência um tipo de sujeito que deve conhecer-se e, em consequência, autocuidar-se como protagonista principal da sua existência. Portanto, a regulamentação da conduta passa de ser uma preocupação estatal para ser tornar uma autoresponsabilidade. Obrigados a administrarem os seus próprios riscos, a escolherem os seus meios de vida, calcularem as suas consequências e assumirem o seu resultado como sujeitos racionais (CASTRO-GOMEZ, 2010: 171). Em palavras de FOUCAULT (2012: 228 e ss.), o sujeito neoliberal devém *empresário de si mesmo*, gestor dos seus recursos e das suas competências como meios para realizar-se a si. Desta perspetiva, na lógica neoliberal os princípios económicos ampliam-se radicalmente ante o prototípico “homem de negócios” e das tradicionais relações da produção. A *forma-empresa* generaliza-se por todo o espaço social e os sujeitos tomam a suas decisões, desde as mais quotidianas e aparentemente banais, como ações e estratégias vocacionadas a aperfeiçoar a sua conduta e maximizar a sua vida. Em síntese, trata-se de um sujeito económico que se concebe como um “capital” que deve gerir adequadamente para obter algum benefício. Aprende a administrar o seu capital vital, incrementar os seus ativos intelectuais e a investir os seus recursos corporais num contexto de incertezas e permanente risco. Deve, então, atuar como um autêntico empresário a operar num mercado complexo e competitivo, acrescentando os seus conhecimentos, as suas habilidades e as suas aptidões para facilitar a sua inserção na sociedade, já for na constante formação, na

---

<sup>74</sup> Cabe sinalar, neste sentido, para ROSE (2014: 88) a influência da publicidade e do marketing no comportamento e conduta dos sujeitos. Neste sentido, cfr. BAUMAN (2008: 154-155), BAUDRILLARD (2007: 67-69), HAN (2017).

preocupação pela saúde, no cuidado físico ou na aparência corpórea.<sup>75</sup> Como corolário, o sujeito neoliberal não só deve ser ativo, mas também flexível e adaptável a qualquer tipo de situações em permanente mudança como garantia do seu sucesso vital. E os seus recursos terão que adequarem-se a esta realidade complexa e mutável para ser eficaz, eficiente e, portanto, suficientemente produtivo. Em conclusão, como afirmam a LAVAL e DARDOT (2013: 152 e ss.), na contemporaneidade o indivíduo apenas pode ser percebido sob o prisma do paradigma empresarial que rege todas as esferas da sua existência.

### 3. PERSPETIVAS PÓS-FOUCAULTIANAS

As noções de biopolítica e biopoder impulsionadas pelo pensamento foucaultiano têm oferecido um grande espaço analítico para compreender a entrada da vida na política contemporânea como preocupação central. E como veremos neste capítulo, diferentes autores têm usado desta categoria para abranger o conjunto de transformações encaminhadas à produção, à reprodução e à gestão da vida.<sup>76</sup> Desta perspetiva, o devir neoliberal, não entendido como um simples processo histórico, mas citando DELEUZE (1984: 82), como *“algo que acabou mesmo de acontecer e que irá acontecer mais uma vez”*, extravasa os marcos conceituais do poder sobre a vida nascidos no liberalismo.<sup>77</sup> Mas ainda, desloca a simples interpretação como um fenómeno cronológico e unidirecional, segundo o qual o liberal substitui o soberano e antecede o neoliberal. Isso, porquanto o deslocamento da Razão de Estado por uma racionalidade na que a vida é gerida além do Estado e, portanto, governamentalizada no jogo económico, não toma sempre a forma de superação (SALINAS, 2014a: 86-87). Do mesmo modo, o poder sobre a vida num cenário neoliberal nem sempre

<sup>75</sup> Para FOUCAULT (2012: 221-222) o interesse do projeto neoliberal nos sujeitos como gestores de si e a adotarem atitudes de valorização e capitalização do seu próprio corpo e intelecto encontra a sua base na tese económica do “capital humano” de BECKER (1993). Abordaremos esta questão no Cap. 2.3.

<sup>76</sup> Neste sentido, destacaremos, por todos, AGAMBEN (2004, 2006), DEAN (1999, 2007), ESPOSITO (2005), HARDT e NEGRI (2002), ROSE (1999, 2012), LAVAL e DARDOT (2013) ou BROWN (2015).

<sup>77</sup> Refere ZIZEK (2007: 151-152), sobre a controvérsia deleuziana *devir* vs. *história*, que se trata de uma oposição ontológica radical entre o ser e o devir, porquanto a sua referência última é o *impuro devir sem ser* (em contraste à noção metafísica de um *puro ser sem devir*). Este puro devir não é o devir particular de alguma entidade corporal, a passagem desta entidade de um estado a outro, mas um devir-em-si, completamente despojado de uma base corporal. Desde esse momento é que a temporalidade predominante do ser é o presente, com o passado e o futuro como modos imperfeitos. Em definitiva, o puro devir como tal suspende a sequencialidade e a direcionalidade.

ultrapassa os dispositivos disciplinares da sociedade industrial, mas estabelece uma relação de ruptura-continuidade.

O neoliberalismo centra toda a sua potência na criação de um hábitat, um meio ambiente no que os indivíduos se responsabilizem pelas suas vidas. Quer dizer, um quadro no que os sujeitos se envolvam no processo de constituição de si mesmos sem necessidade de um exterior ao que interpelar. Não se trata unicamente de interiorizar uma conduta, mas de produzir diretamente a condição de gestor de si. E enquanto o sujeito empresarializado se produz a si próprio, o espaço das relações da produção também muda, reencaminhando-se para a vida mesma como novo lugar de autoprodução (FOUCAULT, 2012: 158 e ss.). Neste sentido, o ator principal da sociedade passa de ser o “homem de negócios” da teoria liberal, baseado no troco de bens para a sua satisfação (SMITH, 2006: 402), para o *empresário de si* neoliberal, alargando os espaços mercantis ao cerne da vida, e alcançando âmbitos não identificados até o momento como materialmente económicos. Em síntese, a produção vê-se atravessada por outras formas de relação, comunicação, informação e formação que diluem a demarcação das práticas próprias da produção fabril. O processo de reestruturação do mundo trabalho iniciado pelo capitalismo pós-industrial promove formas de organização produtiva que pouco têm a ver com a domesticação dos corpos da sociedade disciplinar.<sup>78</sup> Ao contrário, impulsiona sujeitos autónomos e autoformados, em definitiva, autodisciplinados, mas também criativos e inovadores para a expansão da racionalidade de mercado (LAZZARATO e NEGRI, 2001: 11-19).

Esta mutação do mundo do trabalho provoca, aliás, uma alteração da relação capitalista trabalho/salário superposta por uma lógica de investimento/rentabilidade. A especialização, a formação ou a capacitação do sujeito, como modo de melhoramento do seu “capital vital” e, em última instância, da rentabilidade social, conforma-se fora dos espaços de produção tradicionais (SALINAS, 2014a: 88). Assim sendo, o consumo de produtos para o investimento permanente converte-se no fator determinante da nova economia. E a medida que a produção material de bens fica reduzida, a subjetivação dos indivíduos através do

---

<sup>78</sup> Porém, isto não significa, como aponta o próprio FOUCAULT (1990: 145 e ss., 181 e ss.), que as disciplinas unicamente foram corpóreas, senão que a domesticação do corpo era a forma de domesticação da psique.

mercado como consumidores medra. Conforme aponta FOUCAULT (2012: 228-229), o consumidor converte-se num agente económico, um produtor/consumidor inseparável da engrenagem mercantil da sociedade contemporânea. Não nos encontramos, desta ótica, perante um indivíduo que simplesmente consome, mas que investe na sua educação, na sua saúde ou na sua imagem para maximizar as suas hipóteses de sucesso. Não existe, então, uma relação de dicotomia entre o produtor e o consumidor, nem uma substituição de uma figura por outra, mas uma relação de aposição, na que o produtor/consumidor é o fim e o meio ao mesmo tempo num idêntico sujeito.<sup>79</sup> Como corolário, tanto a produção como o consumo resultam peças imprescindíveis do percurso vital de capacitação de cada indivíduo para a construção de uma rentável, vantajosa e competitiva imagem pessoal.<sup>80</sup> Um processo que, como antecipa DEBORD (2010: 37), significa, acima de tudo, a conversão da vida inteira numa infinita acumulação de representações e imagens que, para AGAMBEN (2010: 73), não são mais do que a última metamorfose da forma de vida contemporânea.

Ora bem, sendo uma questão pacífica a reestruturação à que foi submetida a sociedade em todas as suas esferas pelo capitalismo neoliberal (HARVEY, 2007: 16-37); resultaria, no entanto, ousado fazermos uma simples leitura sequencial, unidirecional e acabada da série de mudanças assinaladas. Por uma banda, a sociedade do capitalismo industrial, identificada como rígida, estável e protetora, não transmuta de um modo direto numa sociedade flexível, insegura e securitária, como afirmam rotundamente BAUMAN (2002), BECK (1998) ou SENNET (2000). Ao contrário, os novos sujeitos da economia neoliberal convivem com outros sujeitos cuja relação socioeconómica segue marcada, eminentemente, pela lógica da disciplina, mas agora adaptada às novas segmentações do trabalho pós-fordista. Como sinalamos *supra*,<sup>81</sup> o mundo do trabalho não só não desapareceu, senão que multiplicou as suas faces, fragmentando as suas relações, mas persistindo até os nossos dias plenamente vigoroso. No entanto, trata-se de um modelo económico para o qual resulta indispensável a

---

<sup>79</sup> Conforme expõe SALINAS (2014a: 88), a conceção do sujeito como *empresário de si mesmo* provoca o traslado da lógica económica aos projetos pessoais e às relações familiares. Deste modo, os processos de capitalização individual transformam-se em processos de construção vital. Todos os âmbitos se tornam em cálculos económicos para o indivíduo, pois trata-se de âmbitos potencialmente rentáveis nos que o sujeito deve investir para se assegurar certo nível de rentabilidade.

<sup>80</sup> Numa perspetiva complementar, KLEIN (2001: 45-149) mostra-nos como as grandes marcas se introduzem na vida dos indivíduos como configuradoras da sua identidade e, em consequência, como o poder mediático é exercido sobre a população.

<sup>81</sup> Vid. Cap. 1.1.1.



flexibilidade e a precariedade, não como mecanismos de expulsão de trabalhadores, mas como dispositivo biopolítico de incorporação do conjunto das camadas da sociedade. Em suma, o poder sobre a vida volta-se mais complexo no quadro de uma racionalidade económica que não põe fim ao trabalho disciplinado, mas o subordina às lógicas do mercado pós-fordista.<sup>82</sup>

Por outra banda, ao igual que a racionalidade neoliberal não apagou totalmente os dispositivos fordistas, senão que os submeteu à sua dinâmica, as disciplinas tampouco substituíram cronologicamente o governo soberano, como forma de exercício do poder sobre a vida. Numa direção oposta, a gestão governamental aberta, difusa e maleável, convive com um *poder soberano* que renasce na articulação do Estado,<sup>83</sup> que longe de esfarelar-se segue sendo, em última análise, como sugeria SCHMITT (1998: 24 e ss.), o garante da ordem social. No entanto, quando fazemos referência à persistência do modo de governo soberano e do revigoramento do Estado não estamos sinalando uma volta aos regimes do passado, mas à sua persistência -velada, oculta e excecional- num quadro de poder mais amplo e complexo. Neste sentido, autores como, fundamentalmente, AGAMBEN (2004: 39; 2006: 238), têm situado a emergência do *poder soberano* como o elemento central do ressurgir do Estado contemporâneo. Para o filósofo italiano, num contexto internacional bélico e de confronto estatal, a revitalização da soberania constitui o pilar sobre o que se erige a ação política, em oposição à descentralização proposta pelo modelo governamental. Portanto, a recuperação da questão da soberania abre um controvertido e interessante campo de debate.<sup>84</sup> Assim sendo, compre ter sempre presente que, qualquer análise do governo da vida deve observar-se, antes, como um processo de convívio e conflito de lógicas distintas, simultâneas e justapostas. Podemos afirmar, desta maneira, que o exercício contemporâneo do poder sobre a vida não se

---

<sup>82</sup> Sobre a incorporação de novos mecanismos de submetimento da população à disciplina do trabalho tem destacado, entre outros, PECK (2001), com o seu trabalho sobre os denominados *Workfare States*. Este autor tem sinalado como as hipóteses de participação das classes empobrecidas na estrutura social e, nomeadamente, na assistência estatal ficam subordinadas ao seu retorno a um mercado de trabalho extremadamente precário, como condição para a obtenção de um subsídio público de mera subsistência.

<sup>83</sup> Não por acaso, o próprio FOUCAULT (2006, 2012) recuperou a importância do *poder soberano* nos cursos do *Collège de France* (1977-1978, 1978-1979), porém, reintroduzindo-o no presente numa dimensão claramente positiva e produtiva.

<sup>84</sup> Neste sentido, podemos sinalar, por todas, a provocadora tese da obra *Império* de HARD e NEGRI (2002). Nela os seus autores retratam a articulação de uma nova ordem política da globalização impulsionada por uma soberania internacional sem fronteiras que ultrapassa o tradicional imperialismo europeu e norte-americano. Em suma, os autores expõem a existência de um governo das populações que muda radicalmente os conceitos que conformam a base filosófica da política moderna, transmutada e novas formas de racismo, identidade e novas redes de comunicação e, fundamentalmente, de controlo. Vid. Cap. 5.



apresenta hoje, de forma alguma, de um modo lineal, nítido e homogêneo. Bem ao contrário, o conjunto de mudanças sociais, políticas e económicas produzidas sob a razão neoliberal o que nos mostram é um poder inacabado, heterogêneo e hibridado (ROSE: 1999: 23 e ss.; BUTLER, 2006: 86 e ss.). Em consequência, o início de um modo determinado de governo não significa, necessariamente, o fim de outro de uma maneira cronológica e substitutiva. Nem a sua intervenção é tampouco total, íntegra e incontestável, mas funcional, contraditória e concorrente num triângulo de poder *soberano-disciplinar-securitário* articulado no processo de governamentalização. Portanto, quando analisamos o exercício do poder sobre vida deparamos com um conceito complexo e heterogêneo derivado, principalmente, de uma profunda ambivalência desde a sua conceção originária que devemos ter sempre em consideração (FOUCAULT, 2006: 23).

Neste sentido, a atenção do poder político sobre a vida biológica descrita por FOUCAULT (1999, 2000, 2006, 2012) registrou uma significativa ambiguidade e indeterminação que foi fulcral tanto no seu desenvolvimento teórico, como nos estudos posteriores a sua morte. Inicialmente, a noção de biopolítica começou a ser utilizada a inícios do século XX com escassa repercussão no pensamento político e filosófico, associada à ideia de Estado como ente biológico e à política como instrumento curador das suas enfermidades representadas, em grande medida, pela desordem e a agitação.<sup>85</sup> Diante desta perspetiva, a tese foucaultiana inova radicalmente oferecendo um conceito com uma focagem mais ampla, multiforme e global para perceber os fenómenos contemporâneos. Assim, a biopolítica é representada, antes bem, como uma bússola que permite orientar-nos na malha de relações que se estabelecem entre o governo e as populações, e a vida dos indivíduos e os dispositivos que entre ambas se tecem. Em síntese, o modo como a política se faz cargo da vida biológica e a sua inserção num hábitat de produção e maximização das suas potencialidades. Como aponta BAZZICALUPO (2016: 65), FOUCAULT reinventa a biopolítica e problematiza identificando-a com uma determinada forma de relação do poder com a vida e o governo. Criando, assim, um potente instrumento conceitual para a compreensão dos modos

---

<sup>85</sup> Conforme BAZZICALUPO (2016: 16), a origem do termo biopolítica atribui-se ao sueco KYELLEN num texto de 1920 intitulado *Grundriss zu einem System der Politik*. Nele o autor descreve o Estado como um organismo vivo ameaçado por diferentes patologias sociais que a política deve resolver.

de poder sobre a vida como potência produtiva e positivizante.<sup>86</sup> A partir desse mapa conceitual, assente no governo da vida, a biopolítica serviu doravante para sinalar os mecanismos que inserem os indivíduos no âmbito económico e político, nos dispositivos de normalização e controlo e, ainda, nos instrumentos do Estado para apagar a vida quando for preciso.

Destarte, a biopolítica não tem um único percurso, como tampouco um único conteúdo, mas configura-se como um ponto de saída para percebermos as mudanças sociais, económicas e políticas. Por palavras de SALINAS (2014a: 9-10), FOUCAULT nunca procurou realizar uma elaboração teórica fechada e delimitada do conceito; ao contrário, o seu objetivo foi construir um veículo útil para (re)conhecer a complexa relação entre o poder e os sujeitos. Assim, o desenvolvimento da biopolítica no pensamento do autor galo concentra-se entre os anos 1976-1979 e, com especial intensidade, nos já referidos cursos do *Collège de France* de 1977-1978 e 1978-1979. Durante este período, FOUCAULT (2006, 2012) debruça-se sobre um poder que tem como alvo a população e a maximização da vida como eixo da política moderna, em contraposição ao antigo poder do soberano. No entanto, esse processo foi descrito pelo galo desde ângulos diferentes, de forma ambígua e não carente de contradições que, em última instância, têm implicado teorizações posteriores paralelas. Neste sentido, podemos extrair três conceções diferenciadas da biopolítica nos trabalhos foucaultianos.<sup>87</sup> A primeira elaboração do conceito observa-se, nomeadamente, na obra *Em defesa da sociedade* (FOUCAULT, 2000). Nela o autor centra-se no poder do soberano que não desapareceria totalmente, senão que ficaria presente no direito do *fazer viver, deixar morrer* da modernidade. Neste contexto, a biopolítica, para garantir e maximizar a vida precisa, a sua vez, um *deixar morrer* àqueles indivíduos inferiores, degenerados e anormais que ameaçam à raça pura, saudável e produtiva. Desta perspetiva, o poder sobre a vida incorpora um dispositivo de morte como meio para proteger e fortalecer a vida mesma (BAZZICALUPO, 2016: 79-80). Nesta primeira aceção, a biopolítica aparece para FOUCAULT ligada à “guerra de raças” e a luta pelo poder no processo de estatalização da vida biológica. E para o nosso

---

<sup>86</sup> Neste sentido, NANCY (2003: 116), questiona a análise foucaultiana, segundo a qual na modernidade se produz uma radical consideração da vida biológica pelo governo, sinalando que o interesse pela vida esteve sempre presente na política desde Atenas ou Roma. Cfr. BAZZICALUPO (2016: 18).

<sup>87</sup> Para uma análise das diferentes leituras do conceito da biopolítica seguimos, entre outros, BAZZICALUPO (2016), CASTRO (2007), CASTRO-GOMEZ (2010), SALINAS (2014a).

autor, o nexo que faz isto possível é o *racismo de Estado*, através da imposição de uma política da morte, entendida como exclusão e suspensão da condição de indivíduo de pleno direito.<sup>88</sup>

Numa segunda aproximação desenvolvida em *A vontade de saber* (FOUCAULT, 1999), numa direção divergente com a primeira, o filósofo galo relaciona a biopolítica com as transformações sofridas pelos mecanismo de poder a partir da emergência de um poder de *fazer viver* que desterra o antigo poder soberano sobre a morte. Assim sendo, a consideração pela vida passa a ocupar o centro da política moderna deslocando o *poder matar* das sociedades de soberania. Deste modo, são os processos biológicos —a natalidade, a saúde, a educação, etc.— das populações os que se convertem no autêntico desafio do governar (FOUCAULT, 1999: 130-131). Desenvolvem-se um conjunto de saberes sobre as condutas, os hábitos e os costumes dos indivíduos encaminhados à produção de vida e não à sua eliminação. Um poder que é organizado em torno às populações e à criação de sujeitos úteis a um sistema social e económico baseado no progresso e o crescimento indefinido. Portanto, imprescindível para o emergente capitalismo,<sup>89</sup> como modelo de produção que busca a superação da simples supervivência material de antanho (BAZZICALUPO, 2016: 74-76).

Por último, em consonância com a perspetiva epistemológica principal sustida neste estudo, FOUCAULT (2006, 2012) aborda a biopolítica no quadro de análise da *governamentalidade*, inscrevendo o interesse do poder contemporâneo pela vida no surgimento de uma nova racionalidade política. Em suma, a razão neoliberal significaria, como aponta SALINAS (2014a: 46), a otimização do projeto biopolítico e a sua expressão

---

<sup>88</sup> Segundo FOUCAULT (2000: 66), “surge então, e é um paradoxo com respeito aos fins mesmos e a forma primeira desse discurso do que lhes falava, um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre si mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social.”

<sup>89</sup> Para FOUCAULT (1992: 132), “Este biopoder, sem a menor dúvida, foi o elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenómenos de população aos processos económicos. Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto do seu reforço quanto da sua utilizabilidade e a sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto, torná-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social (...).”

mais acabada. Trata-se de um poder que governa a vida e, ao mesmo tempo, uma vida que se governa a si mesma. Assim, através de dispositivos que aderem os sujeitos ao meio ambiente, a *biopolítica neoliberal* maximiza e incrementa economicamente a vida (BAZZICALUPO, 2016: 82, 84-85). Nesta perspectiva, a governamentalidade é vista, em síntese, como um paradigma de relações de poder que ultrapassa a lógica presente tanto no *racismo de Estado*, como na *biopolítica disciplinar*. Segundo GORDON (1991: 2-3), a vida não está nem dominada, nem normalizada de forma externa, vertical e alheia, senão que a vida se produz de modo autónomo fruto do comportamento global da população reproduzindo as suas próprias normas de maneira constante e autossuficiente.

Em definitiva, observamos como FOUCAULT nos oferece uma noção de biopolítica múltipla, com diversos rostos que discorrem desde o soberano ao governamental. Um poder que vai da *morte à vida* e da *vida à morte*, numa renovadora perspectiva das formas como somos governados, inserindo os corpos na engrenagem económica e política da contemporaneidade. Ora bem, não estamos perante diferentes noções em concorrência, disputa ou perante um processo de evolução do termo. FOUCAULT, como sinala BAZZICALUPO (2016: 100 e ss.), aquilo que propõe é uma categoria deliberadamente ambivalente, complexa e, por vezes, difusa que opera: por uma banda, como um poder seletivo de gestão *sobre* a vida e, por outra banda, como um poder afirmativo de gestão *da* vida. Em definitiva, uma biopolítica que se resolve, substancialmente, na tensão existente entre estas duas faces que aparecem justapostas num discurso genealógico e não sistémico, no que a prematura morte do filósofo francês nos obriga a seguir debruçando, já for tentando conservar essa ambiguidade ou tentando dissolvê-la.<sup>90</sup>

### 3.1. Poder sobre a vida. Complexidades e críticas

---

<sup>90</sup> Neste sentido, advertimos com SALINAS (2014a: 13) dos riscos do uso ligeiro da noção biopolítica em determinada literatura política como uma categoria excessivamente elástica e demasiado imprecisa. Portanto, um uso mais estético do que analítico que, na nossa opinião, não só quebra a proposta foucaultiana, mas inutiliza esta categoria para localizarmos o núcleo da questão política contemporâneo.

Não cabe dúvida que a “caixa de ferramentas” foucaultiana constituiu um importante revulsivo no pensamento contemporâneo para explicar os acontecimentos sociais produzidos no contexto da emergência do capitalismo pós-fordista até os nossos dias. Assim, as mudanças tanto no plano económico, quanto político e, ainda, nas transformações do sujeito neoliberal, encontraram nas categorias propostas pelo autor francês um frutífero campo de trabalho para a ciência política, a sociologia ou a filosofia. Porém, a sua morte em 1984 deixou incompleto o seu ingente estudo genealógico das tecnologias de governo iniciado na etapa final da sua investigação.<sup>91</sup> Para mais, os nomeados cursos do *Collège de France* não foram publicados integralmente até começos de dous 2000, provocando um extenso período de tempo no que se desconhecia o alcance total da investigação foucaultiana. Isto não impediu que toda uma série de autores, após o seu falecimento, continuaram a sua análise como focagem principal nos desafios e reptos políticos do presente. Sendo assim, multiplicaram-se os estudos biopolíticos e foram estendidos para todos os tipos de disciplinas e matérias, cobrindo o vazio deixado por FOUCAULT a partir de sugestivas interpretações e reinterpretations das suas teses. Ora bem, todas as tentativas de prosseguir a análise foucaultiana não puderam esquivar as complexidades e ambivalências do discurso biopolítico, obrigando a cada autor a dar uma resposta e, no seu caso, a elaborar a sua análise particular.

Encontramo-nos, pois, na atualidade com diferentes propostas, umas mais próximas às teses de FOUCAULT anteriores aos cursos do *Collège de France*, recolhidas, nomeadamente, *Em defesa da sociedade* e *A vontade de saber*, e outras mais recentes, fundamentadas nas obras *Segurança, Território, População* e *Nascimento da Biopolítica*, dando lugar, sem dúvida, a projetos teóricos diferentes, mas com um comum denominador: formular um paradigma que permita atualizar o uso das categorias biopolíticas (SALINAS, 2014a: 16). Porém, antes de sinalarmos o impacto da receção foucaultiana e as suas derivações no momento atual, não podemos avançar sem referir-nos, talvez, o melhor tradutor e mais importante complemento do pensamento biopolítico, o também filósofo francês DELEUZE

---

<sup>91</sup> No entanto, devemos indicar que uma vez finalizados os cursos *Segurança, Território, População* e *Nascimento da Biopolítica*, FOUCAULT reencaminhou a suas investigações para as técnicas de governo sobre um mesmo, dando por concluído o estudo das racionalidades de governo sobre os outros. Assim, os cursos ministrados a seguir pelo filósofo francês foram: *Do governo dos vivos* (1980-1981), *Subjetividade e verdade* (1980-1981), *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982), *O governo de si e dos outros* (1982-1983) e *O governo de si e dos outros: o valor da verdade* (1983-1984).



(1985, 2008, 2010). Este autor, colega e amigo de FOUCAULT,<sup>92</sup> vai jogar um papel privilegiado, não só como pioneiro na difusão da noção de biopoder, mas, sobretudo, na leitura do exercício do poder e os dispositivos de controlo. A partir da passagem das *sociedades da disciplina* para as *sociedades de segurança* descrita por FOUCAULT, DELEUZE (2008: 219-226), com uma linguagem própria e muito enriquecedora, vai situar esta mudança no contexto das transformações sociais e económicas do capitalismo contemporâneo através do que ele denominou por *sociedades de controlo*.<sup>93</sup> Neste sentido, é o autor chave para compreendermos o deslocamento do diagrama disciplinar dos locais de feche, o exercício do biopoder sobre a população além da imposição externa e vertical das condutas sobre os corpos. Para DELEUZE (2008: 222-223), como posteriormente se verificaria com a publicação dos cursos do *Collège de France*, a mutação da disciplina fordista está diretamente ligada à transformação do capitalismo neoliberal. Em consequência, a queda da sociedade fabril e toda a sua institucionalidade acarretou uma alteração das relações de poder. O controlo já não é possível mediante o confinamento dos sujeitos, corrigindo as suas condutas, mas modulando os seus desejos em espaços abertos. Em suma, o “homem-toupeira” da *sociedade disciplinar* deixa passo ao “homem-serpente” das *sociedades de controlo*.

DELEUZE pensa a biopolítica sempre desde o modo de regulamentação neoliberal, entendido como um diagrama de poder encaminhado para produção da vida, diante de qualquer outra dimensão da biopolítica. O autor admite, neste sentido, o fim do modelo disciplinar e o auge do modelo de controlo não implicar tampouco a eliminação total das disciplinas, mas antes, trataria-se de um processo de superposição de diferentes lógicas. Igualmente, subscreve a FOUCAULT respeito da penetração da racionalidade de mercado nos

---

<sup>92</sup> Como afirma MOREY (2010: 11-12), a relação entre DELEUZE e FOUCAULT é a de uma amizade de antigos e grandes companheiros de estudos, cujo enriquecimento era recíproco, influenciando no pensamento de ambos. Neste sentido, FOUCAULT admitia, sem lugar a dúvidas, a sua devoção pelo projeto teórico deleuziano e a sua capacidade antecipatória.

<sup>93</sup> Cfr., sobre as *sociedades de segurança*, Cap. 1.1.3. Neste sentido, DELEUZE (2008: 219 e ss.) publica em 1990 um pequeno artigo sob o título *Post-scriptum sobre as sociedades do controlo*, no que o autor francês, realiza uma caracterização da passagem de uma *sociedade das disciplinas*, dominadas pelos locais de feche – o cárcere, o hospital, a fábrica, a escola ou a família- descritos por FOUCAULT (1990), e o advento de uma sociedade dominada pelo controlo e a segurança que se exerce agora em espaços abertos e em forma desterritorializada. Com este texto, cujo valor analítico foi, inevitavelmente, medrando com o passar dos anos, DELEUZE aclara, ou mesmo resolve, a definição de segurança no contexto contemporâneo que advertira FOUCAULT.

distintos âmbitos do corpo social, mas completando esta visão com o estudo dos processos vitais invadidos pela *forma-empresa* (DELEUZE, 2008: 220-224). Segundo o nosso autor, o *regime empresarial*, como superação do modelo fabril, invade o conjunto da sociedade incorporando a concorrência entre sujeitos que devem aprender a viver perigosamente. Para isso, o governo deve promover a liberdade de movimentos, deixar que os indivíduos inovem, empreendam e adquiram permanentemente novas competências para se adaptarem flexivelmente ao mercado da vida. Assim, numa perspectiva muito próxima ao indivíduo *empresário de si*, para DELEUZE (2008: 220-221) o elemento definidor das *sociedades do controlo* neoliberais é a liberdade individual, entendida como condição de possibilidade para a gestão do próprio destino, sem necessidade do protecionismo da *sociedade disciplinar*.

Deste modo, DELEUZE (2008: 225; 2010: 187 e ss.) aborda com profundidade as causas do advento dos novos modos de exercício do poder, situando-as no conjunto de transformações do sistema capitalista após a II Guerra Mundial, adiantando, poderíamos dizer *grosso modo*, o percurso histórico-genealógico do neoliberalismo descrito por FOUCAULT (2012). Com esta linha de investigação, avança um diagnóstico que vai resultar fulcral para um importante leque de teóricos da *biopolítica neoliberal* como, entre outros, HARDT e NEGRI (2002), VIRNO (2003) ou LAZZARATO e NEGRI (2001). Para os quais, a mutação histórica produzida no capitalismo é a passagem do *fordismo* para o *pós-fordismo*, onde a produção semiótica, cognitiva e informacional se converte no modo central da acumulação capitalista (CASTRO-GOMEZ, 2010: 219-220). No entanto, os estudos sobre o biopoder têm sido abordados desde variadas vertentes e com hipóteses de trabalho muito originais. Por uma banda, têm-se realizado notáveis interpretações da biopolítica inscritas na proposta da governamentalidade e, por outra, têm-se elaborado conceções novas e originais desta categoria política para explicar como operam as relações de poder no presente (BAZZICALUPO, 2016: 133).

Neste sentido, diferenciaremos duas correntes interpretativas principais, uma que introduz o poder sobre a vida nos modos governo neoliberal, e outra que aprofunda na noção de biopolítica levando-a para campos de análise não interrogados pelo pensamento foucaultiano. No primeiro dos casos, observamos aqueles estudos concentrados, fundamentalmente, no



âmbito anglo-saxão e com uma visão concordante com o “último” FOUCAULT, que elaboram um completo projeto teórico encaminhado a analisar os processos de subjetificação como lugar central do poder político contemporâneo. Em definitiva, focam a sua análise, a partir da noção de *governamentalidade*, na relação entre os dispositivos económicos neoliberais e a vida biológica, as suas racionalidades, as suas tecnologias e, acima de tudo, as suas práticas na construção do sujeito. No segundo dos casos, observamos aqueles trabalhos com uma receção centrada no pensamento italiano, muito consolidada e desenvolvida, mas também muito heterogênea, que têm posto de relevo a vida na sua relação com a política e a história como espaço de trabalho para as suas análises à margem do paradigma governamental. Contudo, os estudos pós-foucaultianos ainda poderiam ser ampliados a uma terceira derivação que tem posto o foco na sua relação com o neoliberalismo entendido como uma racionalidade de governo. Não se trata, nem assim o que queremos fazer neste trabalho, de uma corrente propriamente, mas de um conjunto de autores que têm revitalizado de forma muito notável o estudo da sociedade neoliberal desde a análise governamental e biopolítica de matriz claramente foucaultiana. Assim sendo, em concordância com SALINAS (2014a: 15), poderemos observar como as diferentes perspectivas confluem num mesmo quadro analítico do poder e, já for desde uma perspectiva ou outra, todos os estudos têm demonstrado uma poderosa capacidade analítica do presente. Isto, fundamentalmente, após a publicação de *Nascimento da biopolítica*, no que o mesmo FOUCAULT matiza que tanto a *biopolítica* como a *governamentalidade* são noções que fazem parte de um mesmo problema político: a gestão do poder da vida e as práticas neoliberais do governo.

TABELA 1.4

Derivações	Autores de referência	Características principais
<b>Estudos da governamentalidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• OSBORNE</li> <li>• ROSE</li> <li>• MILLER</li> <li>• DEAN</li> <li>• GORDON</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poder além do Estado</li> <li>• Governo a distância</li> <li>• Condução <i>molecular</i> das condutas</li> <li>• Governo de si</li> </ul>
<b>Império, vida nua e imunidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• NEGRI</li> <li>• AGAMBEN</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poder descentralizado e desterritorializado/soberania imperial</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ESPOSITO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exclusão-inclusiva/ <i>Homo sacer</i></li> <li>• Política imunitária</li> </ul>
<b>Estados sobre o neoliberalismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• LAVAL e DARDOT</li> <li>• BROWN</li> <li>• FEHER</li> <li>• LOREY</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empresário de si</li> <li>• <i>Homo economicus</i> vs. <i>homo politicus</i></li> <li>• Financeiro de si</li> <li>• Vida precária</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

### 3.2. Estudos da governamentalidade

Nas últimas décadas, indubitavelmente, um dos campos mais frutíferos da receção foucaultiana que podemos destacar encontramos-lo dentro dos denominados *estudos da governamentalidade* (em inglês, *governmentality studies*).<sup>94</sup> Trata-se de um conjunto de investigadores ligados, nomeadamente, ao âmbito anglo-saxão –também, por isso, designados por anglofoucaultianos-, que recuperaram as categorias analíticas biopolíticas como modos de governo. Para estes autores o biopoder não pode ser percebido à margem da governamentalidade, na medida em que se trata de noções recíprocas de um mesmo paradigma do governo contemporâneo. Nesta perspetiva, a preocupação central destes investigadores é a forma como somos especificamente governados sob a racionalidade neoliberal (DEAN, 1999: 2-3). Continuadores das categorias descritas por FOUCAULT na sua última etapa no *Collège de France* desenvolvem e atualizam o seu pensamento em torno às estratégias da gestão neoliberal das populações, às técnicas de governo de si mesmo e à ética política de um novo sujeito. O eixo central destes trabalhos realizara-se no quadro da rede de investigação *História do Presente* fundada em Londres em 1989,<sup>95</sup> cuja atividade

<sup>94</sup> A designação de *governmentality studies* desta rede de investigadores atribui-se comumente a GORDON (1991) na sua contribuição à obra coletiva intitulada *Foucault Effect. Studies in governmentality*.

<sup>95</sup> Conquanto o núcleo dos autores da governamentalidade se circunscreve ao mundo anglo-saxão, nomeadamente, Reino Unido, Canadá, EUA ou Austrália, também tem ampliado as suas investigações a autores de outros países, por todos, o alemão LEMKE (2006), o francês DONZELOT (1991) ou o espanhol VÁZQUEZ (2009).

cessou já formalmente a mediados da década de 2000,<sup>96</sup> mas que constitui um dos principais esforços teóricos por sistematizar o pensamento foucaultiano.

Porém, cabe destacar que se trata de um conjunto de autores muito diverso que, por seu turno, abordam os modos de governo desde diferentes posições e interpretações, mas com uma diagnose em comum: as práticas de governo formam parte da razão neoliberal (BAZZICALUPO, 2016: 114). Em definitiva, os *estudos da governamentalidade* o que fazem é reorientar o estudo do poder sobre vida no presente não como um processo nem de coação, nem de normalização, nem de regulamentação, mas de *condução* dos projetos vitais dos sujeitos. Observam o modo como os sujeitos organizam a sua quotidianidade e tomam as suas decisões, sem ater-se ao ente estatal. Portanto, seguindo a proposta foucaultiana, rejeitam acudir ao Estado para se concentrar nas racionalidades que estruturam as práticas de governo da vida dos indivíduos.<sup>97</sup> Os seus antecedentes deste grupo podem encontrar-se, em opinião de SALINAS (2014a: 96), por um lado, na publicação em 1991 de *The Foucault Effect: Studies in Governmentality* da autoria de BURCHELL, GORDON e MILLER, e por outro lado, em 1993 na compilação *Foucault's new domains* a cargo de GANE, que servem, em grande parte, como difusores das tese foucaultianas, mas também como ponte entre os discípulos diretos do filósofo francês<sup>98</sup> –com especial significação para GORDON, que participou nos seus seminários de 1978 e 1979-, e os recetores mais tardios e renovadores do seu pensamento. Entre os seus investigadores mais destacados, podemos resenhar, a OSBORNE, ROSE, MILLER, GORDON, BURCHELL ou DEAN, com especial intensidade

<sup>96</sup> No entanto, a finalização da atividade formal da rede de *História do Presente* não significa, em absoluto, o fim desta linha de investigação. Ao contrário, desde mediados de 2000 todo esse trabalho será projetado de forma transversal em grande parte dos autores da rede que continuam o estudo da *razão governamental* desde outras perceptivas mais novidosas. Por todos, destacamos a ROSE (2012), ROSE e MILLER (2008), que levará as análises governamentais ao campo das ciências da “psi” e a subjetividade e as suas implicações no terreno político.

<sup>97</sup> Para SALINAS (2014a: 99) o começo dos *estudos da governamentalidade* está marcado por MILLER e ROSE (1990), com a análise das novas formas de exercer o poder nas sociedades neoliberais a partir das racionalidades políticas e tecnologias de governo. Estes autores chamam a atenção sobre a diversidade de mecanismos reguladores que buscam dar efeito ao governo e sobre a importância dos dispositivos indiretos que ligam a conduta dos indivíduos e as organizações com objetivos políticos através de uma ação a distância.

<sup>98</sup> Neste sentido, devemos ter em consideração os trabalhos daqueles que trataram diretamente com FOUCAULT (PASQUINO, 1991; PROCACCI, 1991; DONZELOT, 1991), ao redor da revista *Ideology and Consciousness* entre 1977 e 1979. Por outra parte, podemos destacar a revista *Economy and Society*, entre 1986 e 1990, recolhidos os seus principais artigos em GANE (1993).

nos trabalhos realizados entre 1995 e 2000 no desenvolvimento e reflexão sobre as tecnologias de governo.<sup>99</sup>

Neste sentido, talvez, a principal inovação dos *estudos da governamentalidade* foi não deslindar a *biopolítica* e a *governamentalidade*, a diferença daquelas aproximações que paralelamente se estavam a fazer no cenário europeu.<sup>100</sup> Para MILLER e ROSE (1992: 176-178), o poder sobre a vida, portanto, o biopoder opera sobre os indivíduos ultrapassando os mecanismos do Estado, através de dispositivos semeados pelo corpo social com a finalidade de conduzir às populações. E, desde uma perspetiva ampla de governo, não limitada ao estatal, recolhem todas aquelas formas de condução dos sujeitos em todos os seus contextos. Em suma, os anglofoucaltianos orientam a sua análise para as práticas históricas e as racionalidades que as informam. As formas, os recursos e as diferentes técnicas utilizadas pela *razão governamental* na condução dos indivíduos e que vão além das relações estabelecidas pelo ordenamento jurídico-político. Em palavras de MILLER e ROSE (1992: 183-187), para conhecermos como agem as tecnologias do governo devemos examinar as lógicas administrativas, os hábitos de trabalho, o desenho dos espaços, a distribuição e realização dos símbolos ou a linguagem abstrata, mais do que o funcionamento do próprio Estado.<sup>101</sup> Abre-se, assim, toda uma linha de investigação ao redor da condução de um novo tipo de sujeito na sociedade neoliberal que se governa à margem do Estado, ou dito doutro modo, se autoresponsabiliza da sua vida e, portanto, se autogoverna. Seguido a figura do *homo economicus* recuperada por FOUCAULT,<sup>102</sup> os *estudos da governamentalidade* traçam o devir de uma nova forma de sujeito-empresa através da análise do que denominam as “técnicas de governo do si”. A partir destas técnicas, o indivíduo toma consciência da responsabilidade da sua própria vida, tomando conta do seu destino, gerindo as suas

<sup>99</sup> Vid., seguindo SALINAS (2014a: 99), as publicações da *Economy and Society* entre 1995 e 2000 como o momento mais álgido do grupo.

<sup>100</sup> Vid. Cap. 1.3.3.

<sup>101</sup> MILLER e ROSE (1992: 176-181) argumentam contra uma sobrevalorização da questão do Estado no debate político. E, de maneira oposta, sugerem uma análise centrada nas múltiplas e variadas alianças entre as autoridades políticas e sociais que procuram governar a atividade económica, a vida social e a conduta individual. Isto, a partir do estudo das racionalidades políticas e das tecnologias governamentais, intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do poder, dirigidas a produzir espaços, entidades e sujeitos capazes de operarem por meio de uma autonomia regulamentada.

<sup>102</sup> FOUCAULT (2012: 288-289) traça uma interessante genealogia do *homo economicus* desde os inícios do liberalismo até a emergência do neoliberalismo, segundo a qual o sujeito passa de um mero ator do mercado de troco para um sujeito racional que toma as suas decisões num quadro de riscos e incertezas.

capacidades e investindo em possíveis oportunidades de sucesso. Em consequência, aquilo que a governamentalidade produz, segundo SALINAS (2014a: 106), é o governo de sujeitos livres, responsáveis e racionais, mediante a articulação de um quadro discursivo de verdades. Um hábitat social no que os indivíduos mexem a sua conduta e a sua tomada de decisões. Para ROSE (1993: 283-299) trata-se de um modo de “governo a distância”, que usa de programas e estratégias que, sob o *poder de polícia da razão governamental*,<sup>103</sup> modelam os fenómenos sociais.

Para tanto, o sujeito responsável de si próprio desenha a sua própria saúde ou a sua formação não através de uma estratégia dirigida e financiada pelo Estado, mas pelo seu *desejo* de estar saudável ou estar formado e, para com isso, ser mais competitivo (BAZZICALUPO, 2016: 115). Os modos de produção e reprodução desta subjetividade realizam-se por meio de técnicas vocacionadas a uma representação ética da vida do indivíduo como um gestor de si. Em definitiva, a representação da vida aparece constitutivamente vinculada ao seu governo, a sua transformação constante e permanente, flexível e adaptável às necessidades éticas. Nesta perspetiva, na contemporaneidade o *ethos* da existência humana, desde os sentimentos, a natureza moral ou as crenças, convertem-se no meio através do qual o autogoverno do sujeito se conecta com os imperativos do governo. A conduta de seres humanos é modelada mediante a intervenção nos seus sentimentos, normas e valores, em síntese, através de uma intervenção sobre a ética. No parecer ROSE, assistimos a uma *ethopolítica* que tem que ver com as “técnicas do eu”, mediante as quais os sujeitos podem atuar sobre si mesmos para fazerem-se melhor do que são.<sup>104</sup> Para os anglofoucaultianos o objeto central do seu estudo são as táticas e técnicas postas em andamento para executar o governo de si mesmos (MILLER e ROSE, 1992: 173-205). Assim, desde uma perspetiva diferente ao tradicional análise governamental, no contexto neoliberal o relevante não é ação do executivo, percebido apenas com o recuo do Estado. Ao contrário, estes conjuntos de autores analisam como por trás do desmantelamento da proteção pública se superpõe um novo quadro de regulamentação vocacionado à

---

<sup>103</sup> Para MILLER e ROSE (1990: 4-7) opera um deslocamento nas políticas públicas que em exclusiva realizava o Estado, fundamentadas no *poder de polícia da razão de Estado*, para uma governamentalização das mesmas, entendidas como políticas sociais não preferentemente estatais, mas a operarem através de outros atores.

<sup>104</sup> Conforme sinala CASTRO-GOMEZ (2010: 262), ROSE amplia as suas investigações a outros âmbitos como a medicina ou a psicologia, para abordar a intervenção e a modificação de um “eu” que se ajuste ao tipo de subjetividade funcional nos regimes neoliberais de governo.

construção de sujeitos responsáveis. Em definitiva, a análise governamental centra-se no despregue ativo de uma serie de técnicas de subjetivação que visam reempregar ao Estado na resolução dos problemas estruturais da sociedade. A retirada das agências públicas de bem-estar conduz a uma reorganização do governo através de uma racionalidade que opera a nível molecular sobre os sujeitos. Deste modo, é a prática governamental fora do Estado a que nos mostram os modos como somos efetivamente governados, seja no âmbito da ciência, seja no âmbito da história, seja no mundo da empresa, ou seja, no ensino. Para os *estudos da governamentalidade* são nestas investigações nas quais podemos observar como opera no seu hábitat a racionalidade neoliberal e como se concreta em práticas, discursos e técnicas determinadas para a administração de grupos de população.

Para mais, afirma ROSE (2012: 35), esta condução trava com uma *economia política da vida*, o sujeito-empresa que gere os elementos que conformam a sua quotidianidade como verdadeiras variáveis económicas. As suas capacidades, as suas aptidões e competências transforma-se em recursos próprios através dos quais estruturam a sua supervivência. A lógica económica penetra no corpo e toma o biológico como parte do poder sobre vida. Em suma, uma *bioeconomia* (RAJAN, 2006) que coloca o sujeito, enquanto ser vivo, baixo os princípios da racionalidade económica do custo/benefício, da dinâmica do *management* e da livre concorrência. A vida, as suas informações, as suas práticas e os seus saberes são medidos apenas como valor de troca na sociedade. Em síntese, a vida tem um valor, um preço de custo, um preço de produção e um preço de troca, como mais um produto qualquer do mercado (bio)económico. E o sujeito responsável deve aprender a geri-lo da melhor maneira possível, procurando maximizar as suas potencialidades e minimizando os riscos nas suas decisões (BAZZICALUPO, 2016: 99-120). No entanto, a análise da racionalidade governamental, entendida como “condução da conduta” cujo objetivo é formar, guiar ou afetar os comportamentos dos indivíduos (GORDON, 1991: 2-3), foi reduzida pelos anglofoucaultianos ao estudo dos diferentes processos de subjetivação totalmente à margem do Estado e, portanto, do *poder soberano*. Isto tem sido motivo de algumas das principais críticas que têm levantado os *estudos da governamentalidade*, infla-valorando a complexidade do diagrama de poder biopolítico no que convivem justapostas lógicas distintas e, ao tempo, simultâneas. A este respeito, sinala VILA (2012: 39), maioritariamente a receção



anglofoucaultiana minimizou a importância da soberania e o Estado na aplicação não apenas das políticas públicas, mas também a sua influência nas práticas governamentais. Porém, a persistência das lógicas soberanas no presente, não por acaso recuperada por nos últimos anos por FOUCAULT (2006, 2012), tem tido uma notável transcendência nas formas de governo contemporâneas como podemos observar na forma renovada de dispositivos de controle e de exceção no interior mesmo da racionalidade neoliberal (DAVIES, 2016). Neste sentido, a persistência do Leviatã tem acompanhado a razão neoliberal desde a sua emergência sob fórmulas neoconservadoras, tanto no terreno internacional defendendo uma forte presença do Estado na defesa dos interesses da nação, em briga com o processo de internacionalização da economia, e no interior do Estado, promovendo determinados valores morais fortes e rígidos ligados à ideia de família, religião ou a ordem pública nos quais o Estado deve implicar-se diretamente, em contraposição à existência de uma sociedade líquida e flexível na que impera o individualismo narcisista e a tolerância cultural.

Deste modo, os anglofoucaultianos obviam na sua análise o retorno ou viragem neoconservadora que também tem acompanhado o devir neoliberal e cuja persistência tem sido crucial no papel do Estado contemporâneo. Em consequência, reaparece no debate a questão da soberania no desenvolvimento da “arte de governar”, com novos reptos não abordados pelos *estudos da governamentalidade*. Igualmente, e para fechar este breve, mas necessário apontamento, sinalaremos uma segunda crítica da que têm sido objeto a recepção foucaultiana no âmbito anglo-saxão. Como aponta SALINAS (2014a: 113-116), observamos uma visão excessivamente descritiva e carente de uma crítica analítica profunda das lógicas neoliberais. Ou seja, aquilo que observamos é um campo de investigação focado principalmente à diagnose epistemológica das tecnologias de governo que, conquanto descreve com sucesso o funcionamento da racionalidade de governo, as políticas específicas que administram às populações e às técnicas de si, não oferecem uma verdadeira ferramenta crítica das relações de poder (STENSON, 1998: 333-358). Esta carência supõe, para tanto, um limite importante quando utilizamos os trabalhos dos *estudos da governamentalidade* como instrumentos de transformação social. Em consonância com esta crítica, O’MALLEY (2007: 155-171) também sinala as dificuldades da investigação anglo-saxónica para pensar uma outra governamentalidade desde a qual disputar, concorrer e confrontar as formas de dominação.



### 3.3. Império, vida nua e imunidade

Conforme foi exposto com anterioridade, a receção foucaultiana tem sido muito fragmentaria e notadamente ambivalente. No entanto, isto longe de ser um obstáculo para o seu desenvolvimento, tem provocado o efeito contrário. Em tal sentido, podemos salientar pelo seu impacto na literatura especializada, o conjunto de inovadoras análises realizadas em torno ao que se tem denominado, de um jeito certamente reducionista, a “receção italiana” (BAZZICALUPO, 2016: 28-31). Não podemos fazer, então, de modo algum um paralelismo entre esta receção e os *estudos da governamentalidade*, enquanto rede de investigadores relativamente estruturada. Neste caso, estamos perante um grupo de autores que têm em comum apenas a sua origem italiana e o desenvolvimento de uma noção da biopolítica, num mesmo período temporal, verdadeiramente autónoma tanto com respeito às categorias apresentadas por FOUCAULT como numa direção divergente à proposta governamental. Entre outros autores que nos últimos anos se têm ocupado do biopoder, destacaremos nesta epígrafe, pela sua relevância no pensamento crítico, a NEGRI, a AGAMBEN e a ESPOSITO como principais vultos desta corrente.

Em primeiro lugar, destacamos pela sua forte presença no debate político internacional os trabalhos de NEGRI, nomeadamente, em colaboração com o estadunidense HARDT e, em concreto, o uso que eles fizeram do conceito biopolítica na sua prolífica e discutida obra.<sup>105</sup> Para abordar este tópico compre situar a sua particular análise foucaultiana no contexto das transformações globais provocadas pelo capitalismo neoliberal, cuja principal consequência é o deslocamento da centralidade do Estado-nação do palco internacional. Neste sentido, HARDT e NEGRI (2002: 68-84) analisam como o processo de globalização desencadeado desde os anos setenta põe em questão a soberania dos Estados em relação aos seus próprios territórios, mas também surgem neste processo outras formas de poder supranacionais. Em suma, os autores abordam a configuração de um poder a escala global que não procura simplesmente apagar o *poder soberano*, mas transformá-lo num novo modo de exercício do poder sobre a vida dos indivíduos. Em palavras de HARDT e NEGRI (2002: 200-212) este

---

<sup>105</sup> A receção biopolítica em NEGRI e HARDT recolhe-se, fundamentalmente, em três obras chave formadas por *Império* (2002), que será o texto fundamental, mais tarde, *Multidão* (2004) e, finalmente, *Common Wealth* (2011).

poder global denomina-se *Império*, um conceito que descreve um novo horizonte de soberania que ultrapassa o “imperialismo moderno” próprio dos Estados-nação.<sup>106</sup> O *Império* apresenta-se como uma nova forma de poder descentralizada, flexível e universalizante e em processo de construção. Isto é, uma nova forma de soberania imperial, global, pós-moderna e biopolítica, em oposição às tradicionais formas da soberania moderna, nacionais e territoriais (SALINAS, 2014a: 233). Para os nossos autores, o *Império* captura a vida global na sua totalidade e não apenas um território e a sua população. O capitalismo contemporâneo produz uma radicalização que modifica a geografia económica do mundo sob um biopoder de base imperial que produz vidas e formas de vida de maneira omnipresente (HARDT e NEGRI, 2002: 53).

Neste sentido, a biopolítica constitui uma categoria analítica com autonomia própria a respeito da tese foucaultinana, desde a qual interpretar a realidade do capitalismo globalizado. A biopolítica é, acima de tudo, a condição de possibilidade do *Império*, como poder desterritorializado que se exerce sobre a vida numa identificação económica, política e cultural (SALINAS, 2014a: 211). Para HARDT e NEGRI (2002: 24-27) o *Império* substitui, aliás, um modo de governo disciplinador e normalizador da vida por um controlo mais flexível, descomposto e em rede que rompe as rígidas estruturas dos Estados-nação. Desta perspetiva, ambos os autores sustentam esta mutação na passagem das *sociedades disciplinares* para as *sociedades de controlo* -em consonância com FOUCAULT e, sobretudo, com DELEUZE- para explicar as transformações nas relações de poder produzidas pelo neoliberalismo. Porém, para HARDT e NEGRI (2002: 28-30), este processo biopolítico, que extravasa a conceção deleuziana, está ligado, à sua vez, à passagem de um modelo formal de produção económica identificado como o *fordismo* para um modelo que incorpora a vida e as relações sociais no seu interior definido como *pós-fordismo*.<sup>107</sup>

<sup>106</sup> Para HARDT e NEGRI (2002: 28-30) a *ordem imperial* rompe com a conceção lineal do desenvolvimento capitalista. Segundo expõem, a soberania do Estado-nação foi a peça-chave dos imperialismos que as potências europeias construíram durante a Era Moderna. Porém, por *Império* entendemos algo diferente de imperialismo. Os limites definidos pelo moderno sistema de Estados-nação foram fundamentais para o colonialismo europeu e a expansão económica: os limites territoriais da nação delimitaram o centro de poder desde o qual se exerceu o mando sobre os territórios externos e alheios, por meio de um sistema de canais e barreiras que, alternativamente, facilitaram ou obstruíram os fluxos de produção e circulação.

<sup>107</sup> Afirmam HARDT e NEGRI (2002: 26, 226) que a passagem da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de controlo* supôs a inter-relação de implicações mutuas, crescentemente intensa, de todas as forças sociais que o capitalismo perseguiu através do seu desenvolvimento. Para estes autores, MARX reconheceu algo similar no

Em síntese, sob a razão neoliberal aquilo que se produz são uma radicalização e uma globalização do sistema de biopoder descrito por FOUCAULT. A vida apressada pelo poder é posta a produzir, de novo em concordância com o filósofo galo, mas agora a escala local e global, contra a ideia repressiva do poder da hipótese imperialista (BAZZICALUPO, 2016:136). Conquanto ambos os autores partem da biopolítica foucaultiana, esta é substancialmente redefinida na proposta imperial,<sup>108</sup> pois vão estabelecer uma distinção entre o conceito de biopoder e o conceito de biopolítica. Designando o primeiro dos termos como aquele que por inteiro se corresponde com a lógica de apropriação do poder imperial sobre a vida e, entendendo pelo segundo, a capacidade da vida para responder às dinâmicas do poder que sobre ela se exerce. Não por acaso, para HARDT e NEGRI, a vida é o lugar onde indistintamente se produzem os sujeitos e o lugar onde estes oferecem resistências ao seu domínio (SALINAS, 2014a: 225). Eis a grande novidade que incorpora a “deriva negriana”, pensar a biopolítica na transformação do capitalismo global como forma de submetimento à lógica económica como potência produtiva, disseminando o poder por todo o espaço social. Mas também como hipótese da resistência a esse domínio, pois para HARDT e NEGRI (2004: 129 e ss.), a vida sempre inclui a possibilidade de quebrar os mecanismos de reprodução da dominação social que se encontra oculta na sua condição de potência.<sup>109</sup>

Porém, se tivermos que acrescentar, sequer sucintamente, a principal eiva da proposta de HARDT e NEGRI, esta seria a elasticidade da sua noção central, o *Império*, que permite simultaneamente diferentes leituras da realidade. Em primeiro lugar, como têm criticado, entre outros, BORON (2002), KATZ (2002), KOHAN (2002), a soberania estatal não foi deslocada, em absoluto, por uma sorte de soberania imperial. Os Estados nacionais seguem a

---

que ele denominou a passagem da *subsunção formal* para a *subsunção real* do trabalho sob o capital. MARX utilizou esta expressão para sinalar aqueles processos nos que o capital incorpora sob as suas próprias relações de produção as práticas laborais originadas fora dos seus domínios. Aprofundando nesta perspetiva, diferentes autores, entre outros, LAZZARATTO (2013), LAZZARATO e NEGRI (2001), FUMAGALLI (2010), VIRNO (2003), têm desenvolvido o processo de controlo biopolítico que se teria manifestado nas transformações do capitalismo pós-fordista e incorporação da vida através da imaterialização e cognitivização do trabalho.

<sup>108</sup> Como aponta SALINAS (2014a: 225), HARDT e NEGRI acolhem-se a uma leitura reducionista e particular de *A Vontade de Saber* (1999), na qual FOUCAULT se mostra ambíguo no uso de *biopoder* e *biopolítica*, não como sinónimos, mas estabelecendo uma sorte de distinção entre ambos os termos.

<sup>109</sup> Para HARDT e NEGRI (2004: 127-129) a vida é potência transformadora e oferece a capacidade de resistência da multiplicidade de singularidades que enfrentam uma determinada ordem. A vida contém no seu interior a imanência da sua natureza, do seu ser: a liberdade criadora e constitutiva. Assim, a partir da filosofia de SPINOZA, HARDT e NEGRI formulam a hipótese da *multidão* como conceito ontológico e antropológico de êxodo e a transformação da realidade.

ter, a pesar da articulação de uma inegável rede de corporações, instituições e organismos internacionais,<sup>110</sup> como aponta BORON (2002), um rol central na ordem global. E conquanto se pudesse sustentar certo declinar soberano dos Estados periféricos, os Estados centrais todavia conservam uma capacidade decisória fundamental no *sistema-mundo* (KOHAN, 2002: 65-70). Em consequência, as políticas imperialistas tampouco desapareceriam, senão que mesmo se acrescentaria nas zonas de extração e dominação da periferia polo centro, como se manifesta na relação Norte/Sul e no crescente antagonismo entre o chamado primeiro e terceiro mundo.<sup>111</sup> Para tanto, dificilmente poderíamos encontra-nos perante uma *soberania imperial e desterritorializada* que reorganize as relações de poder a escala mundial, mas perante um insistente *poder soberano* mais próximo à concepção originária de FOUCAULT. Em segundo lugar, e numa visão menos dicotômica, o *Império* pode ser percebido, antes de mais, como admitem HARDT e NEGRI (2002: 328-329, 346) como uma tendência.<sup>112</sup> Portanto, a sua proposta pode se reencaminhada para uma superposição de poderes, na que a soberania estatal ainda dominando as relações internacionais, concorre com a formação de um conglomerado económico-político transnacional que impõe material e simbolicamente lógicas, dinâmicas e ações de tipo global. Neste sentido, HARDT e NEGRI (2002: 52-53), assumem a impossibilidade de uma formalização jurídica da *soberania imperial*, cuja realização só é possível *de facto*, como realidade precária, contraditória e em conflito. Portanto, aquilo que podemos interpretar é a construção de um modelo imperial tendencial, em concurso com a soberania estatal e as lógicas imperialistas. Mais do que refutar a HARDT e NEGRI, do que se trataria seria de relaxar a sua análise de um poder sobre a vida a nível global, sem por isso

<sup>110</sup> Neste sentido, cabe sinalar que toda a série de organismos criados nas últimas décadas, desde o FMI, a NATO ou a UE, por citar aqueles mais relevantes, têm um componente estatal absolutamente transcendental e, mais do que entidades *imperiais*, estaríamos perante organismos no seio dos quais se dá uma briga entre Estados polo seu controlo.

<sup>111</sup> Segundo KARZ (2002: 6), HARDT e NEGRI fundamentam a emergência de uma soberania imperial no novo capital global que atua em torno a diferentes organismos ou instituições económico-políticas que enlaçam a facções dominantes do centro e a periferia num mesmo sistema de opressão mundial. Com isto, ambos os autores questionam a teoria do imperialismo, na medida em que estimam que a globalização dilui as fronteiras entre o Primeiro e o Terceiro Mundo. Ora, esta caracterização supõe a existência de certa homogeneização do desenvolvimento capitalista que resulta muito difícil de verificar. Todos os dados de investimento, poupança ou consumo confirmam a contundente ampliação dos desníveis entre as economias centrais e periféricas e indicam que os processos de acumulação e crise também se polarizam.

<sup>112</sup> HARDT e NEGRI (2002: 14) não negam a persistência de determinados Estados-nação como dominantes dentro capitalismo global, mas exercendo um controlo de tipo imperialista cada vez menor sobre outras nações e regiões do mundo, resultado de uma mudança nas relações globais de poder a nível internacional. Neste sentido, *Império* seria uma tendência mais do que um processo culminado, que longe de representar, como afirmam os críticos com a proposta negriana unicamente uma melhora do imperialismo, seria um fenómeno de soberania novo e original.

obviar aquelas tendências à concentração de poder económico, financeiro e político fora da soberania estatal.

Numa outra perspetiva alternativa sobre a biopolítica como categoria axial do pensamento político, tem sobressaído em Itália nos últimos anos o filósofo AGAMBEN. Este autor, partindo da consideração do biológico pelo poder, reinscreve a *vida* e a *morte* como autênticas categorias políticas submetidas ao arbítrio do soberano contemporâneo. Desta forma, a biopolítica não se restringiria ao processo de inclusão da *vida* nos cálculos políticos da modernidade como descreveu FOUCAULT. Seguindo AGAMBEN (2006: 18-19), este seria um facto que se remonta já aos inícios mesmos da política ocidental, sendo verdadeiramente o relevante nos nossos dias outro fenómeno derivado da apropriação do poder sobre a vida: a estrutura de inclusão/exclusão da vida na *polis* através da diferenciação da vida meramente biológica, denominada *vida nua*, e da vida politicamente qualificada. O projeto agambeniano oferece, logo, uma interpretação e um percurso analítico completamente original, corrigindo e retificando nas suas pesquisas o desenho realizado pelo filósofo galo.<sup>113</sup> Para AGAMBEN (2006: 156 e ss.) o poder sobre a vida não é o grande acontecimento da modernidade, mas um processo inseparável do poder soberano. E a inferência da mera vida biológica, a *vida nua*, na política é o elemento central e constitutivo. A biopolítica é, antes, uma construção primigénia do poder soberano, como responsável último dos seus súbditos e não pela sua capacidade de dar-lhe morte, como afirma a tese foucaultinana. Segundo o filósofo italiano, o soberano toma a vida biológica em consideração e ele decide sobre a sua qualificação como vida politicamente considerada. Nesta abordagem, o poder do soberano teria incorporado uma dimensão biopolítica de disposição da vida presente no seu interior desde o seu berço, e toda a política ocidental ter-se-ia baseado desde o princípio numa soberania substancialmente biopolítica cujo objeto é a *vida nua*. Ou seja, o soberano é que tem o poder de incluir a vida na política, além da sua simples consideração natural ou biológica (AGAMBEN, 2006: 238-239).

---

<sup>113</sup> A questão biopolítica foi abordada por AGAMBEN, principalmente, com a obra *Homo sacer* que deu começo em 1995. Nela o autor realiza uma análise arqueológica do poder sobre a vida até o presente. Desta obra, ao objeto do nosso estudo podemos destacar, por todos, *Homo sacer. O poder soberano e a nua vida*, *Homo sacer I* (2006), *Estado de Exceção*, *Homo sacer II, 1* (2004) e *O que resta de Auschwitz*, *Homo sacer III* (2000).



Para abordar este raciocínio, AGAMBEN (2006: 114) indaga na distinção entre aquela vida percebida no seu sentido meramente biológico, desprotegida e nua (*zoé*), e a vida percebida como forma de vida política (*bíos*), pois nesta fenda assenta o núcleo do poder político. A vida seria, em tal consideração, uma produção do poder e não um fenómeno da natureza possível à margem da política, mas numa tensão constante entre a vida nua e despossuída de qualquer condição política e a vida qualificada e específica da comunidade política. Em opinião do nosso autor, já não só essa dicotomia entre *zoé* e *bíos*, mas a sua própria construção são noções dadas pelo poder soberano. Ele é quem decide sobre a condição de cidadãos de direitos e deveres ou o simples animal despojado de humanidade. E essa identificação dos sujeitos é o verdadeiro cerne da estrutura da política em ocidente (AGAMBEN, 2006: 115).<sup>114</sup> Neste sentido, a implantação de uma determinada ordem social - mas também jurídica e política - resultaria indissociável da identificação e inclusão na mesma de uma forma de vida qualificada e, num sentido oposto, a exclusão da *vida nua*. Para AGAMBEN (2004: 39 e ss.) o objeto central da política contemporânea são, portanto as formas de exclusão da *vida nua* da sociedade. Ora, uma exclusão que não é total, mas uma *exclusão-inclusiva* que serve, no entanto, como fórmula para incluir aquilo que não tem cabida. Desta maneira, a exclusão da vida não significa propriamente a sua eliminação, mas a sua colocação numa situação de indeterminação em relação à ordem jurídica e política. A *vida nua* é apenas incluída na sociedade por meio da sua exclusão (AGAMBEN, 2006: 41-42), numa zona de *indiferenciação* do ordenamento jurídico no que a simples existência biológica se transforma em existência política. Esta relação de inclusão por exclusão só é possível, segundo AGAMBEN (2004: 12, 75-77) através da exceção soberana. Em síntese, é a faculdade do soberano para transformar a *vida nua* em vida qualificada ou, em sentido contrário, abandona-la no espaço de exceção despossuindo-a da sua condição humana.

---

<sup>114</sup> AGAMBEN (2006: 114-115) recorre à fórmula do direito romano *vitae necisque potestas* como forma explicativa do poder de disposição da vida do soberano. Assim, no direito romano a *vida* não é um conceito jurídico, mas um simples facto de viver ou um modo de viver particular e a sua transformação em sentido jurídico é através da *vitae necisque potestas*. Em síntese, a vida aparece originariamente apenas como a contrapartida de um poder que ameaça com a morte. Um poder absoluto, não concebido como castigo, que nasce da relação pai-filho, no instante no que o pai reconhece ao filho varão levantado do chão no que adquire o poder de vida e de morte sobre ele. Nesta metáfora, o filósofo italiano, observa como a *vitae necisque potestas* constitui o elemento originário do poder político.

Nesta sequência, o filósofo italiano identifica uma dupla estrutura de poder na que o *poder de fazer viver*, portanto, de dar vida política, coexiste com o *poder de matar* do antigo soberano, que segue vivo no presente através do Estado de exceção (AGAMBEN, 2004: 102-104). Nele o soberano tem a capacidade de dar *morte* a qualquer indivíduo sem violentar formalmente a legalidade vigente.<sup>115</sup> Como sinala BAZZICALUPO (2016: 123-124) a exceção não é, então, uma simples exclusão, mas o dispositivo de captura da vida na contemporaneidade que revela a persistência da estrutura da soberania. Sendo assim, estaríamos perante um poder soberano inerentemente biopolítico, chave para compreender na atualidade o devir político que gira em torno a um mesmo fenómeno: a *exclusão-inclusiva* de vida sem valor. Para interpelar este processo, AGAMBEN vai usar o paradigma do *homo sacer*,<sup>116</sup> uma categoria analítica que para o italiano resulta fundamental para evidenciar como se faz presente no sistema político a lógica soberana sobre determinados sujeitos.<sup>117</sup> O *homo sacer* é aquele ser ao que o soberano pode dar *morte* sem cometer delito, convertido em *vida nua*, vida despojada da sua humanidade, um mero animal vivente apressado na exceção que o exclui da legalidade, da condição de vida política, de cidadão de direitos e deveres, mas que o inclui como um ser subalterno na zona de indeterminação.<sup>118</sup>

<sup>115</sup> Em palavras de AGAMBEN (2004:107-108) “a lei aplica-se ao caos e à vida só ao preço de se converter ela mesma, durante o estado de exceção, em vida e caos vivente. E tal vez chagara o momento de tentar compreender melhor a ficção constitutiva que, vinculando norma e anomia, lei e estado de exceção, assegura também a relação entre o direito e a vida.”

<sup>116</sup> AGAMBEN (2006: 96) refere ao *homo sacer*, uma instituição do direito romano arcaico na qual o indivíduo “pode receber a morte de mãos de qualquer sem que isto signifique ao seu autor a mácula do sacrilégio (...) a especificidade do *homo sacer* (é) a impunidade de dar-lhe morte e a proibição do seu sacrifício.”

<sup>117</sup> Neste sentido, AGAMBEN realiza uma análise sobre o genocídio nazista como um processo genuinamente biopolítico. Assim, para o autor “os judeus não foram exterminados no transcurso de um delirante e gigantesco holocausto, senão, literalmente, tal e como Hitler anunciara, como piolhos, que dizer, como nua vida. A dimensão em que o extermínio teve lugar não é a religião, nem o direito, mas a biopolítica” (AGAMBEN, 2006: 147). Portanto, os habitantes dos campos de concentração onde produzia o holocausto eram os denominados “muçulmanos”, o habitante mais baixo do campo, considerados como mortos em vida, totalmente desnutridos e despojados da sua dignidade. Em definitiva, os sujeitos por excelência identificados por AGAMBEN (2000: 41-90) são os *não-humanos*, aqueles cuja vida se vê reduzida a sua nudez.

<sup>118</sup> Como afirma SALINAS (2014a: 147-148) um dos elementos fundamentais do projeto agambeniano é a caracterização da zona de indeterminação, que o filósofo italiano identifica com a ideia de *campo de concentração*, mas não num sentido formal, senão desde uma perspetiva material como aquele espaço onde opera o poder soberano e se produz a *vida nua*. Em suma, um território situado por fora do ordenamento jurídico, mas incluído como exceção. Para AGAMBEN (2006: 221) o campo de concentração é a materialização do Estado de exceção e, para tanto, o espaço de criação da vida desapossada da sua dignidade humana. Em consequência, havemos admitir que estamos perante um campo cada vez que se cria uma estrutura desse tenor, independentemente da entidade dos crimes que ali se comentarem e qualquer que seja a sua denominação ou peculiaridades topográficas.



Ora bem, a descrição do *poder soberano* realizada por AGAMBEN repensa de forma substancial a análise foucaultiana e, como veremos aos efeitos deste estudo, reduzirá significativamente a sua potencialidade para explicar o conjunto de fenómenos políticos do presente. Em primeiro lugar, para o autor italiano a biopolítica está presente desde o nascimento da política ocidental formando parte do núcleo originário da soberania. Pola contra para FOUCAULT o *poder soberano* é apenas um *poder de matar*, um modo de exercício do poder fundamentado na capacidade de disposição da vida dos súbditos que com o processo de modernização irá sendo substituído. O poder deixará, progressivamente, de exercer-se sobre a vida para eliminá-la e ira-se transformando desde o século XVIII num poder vocacionado à administração e maximização dos indivíduos e as populações percebidas como espécie. Em suma, para o filósofo francês, esta mutação no exercício do poder, na passagem de um “poder negativo” da vida própria da soberania para um “poder positivo e produtivo” próprio da biopolítica constitui a grande mudança dos modos de governo da modernidade. Porém, conforme AGAMBEN (2004: 125-128), o poder relaciona-se com a vida apenas desde uma perspetiva negativa. Neste sentido, a biopolítica tem como objetivo não a vida como dado natural, mas como *nua vida*. Isto significa, em segundo lugar, que para o filósofo italiano, a faculdade que define a dimensão biopolítica da soberania é a capacidade de disposição da vida natural para excluí-la do ordenamento jurídico, mas incluída sob os seus domínios. Essa distinção entre a vida natural e a vida qualificada, entre *zoé* e *bíos* funda, em opinião de AGAMBEN, a política de ocidente. No entanto, para FOUCAULT (2007: 54-55) não existe qualquer diferença entre *zoé* e *bíos*. Para ele a vida natural é também vida política, portanto, tal diferenciação resulta irrelevante e não observa qualquer discriminação ou oposição interna à vida. Em terceiro lugar, AGAMBEN refuta a biopolítica foucaultiana como governo das populações, sendo assim para o nosso autor que a biopolítica é intrinsecamente soberana e vice-versa. O soberano é o único que pode decidir sobre a vida dos indivíduos e sobre qualquer situação de normalidade ou excecionalidade, para submeter a *vida nua* ao seu arbítrio. Portanto, para AGAMBEN (2004: 12-13) a modernidade não estaria marcada pelo nascimento de *técnicas de governo biopolíticas*, mas pela persistência do poder soberano que chega até os nossos dias na exceção e emerge para assumir o controlo da ordem baseado na *exclusão/inclusão* da vida humana.

Conquanto o projeto agambeniano tem mostrado uma forte potencialidade para interpretar fenómenos contemporâneos,<sup>119</sup> a particular reinterpretação de AGAMBEN do *poder soberano* desde a hipótese *biopolítica* contém, ao nosso entender duas limitações substanciais para o objeto do nosso estudo fruto da distância tomada a respeito do paradigma foucaultiano. Em primeiro lugar, a visão achegada pelo filósofo italiano é notavelmente reducionista porquanto limita a biopolítica a uma relação negativa com a vida, reduzindo o campo analítico, como foi sinalado, à *vida nua*. Rompendo com FOUCAULT na consideração positiva do poder sobre a vida, AGAMBEN restringe a sua investigação ao *poder de matar* traçando uma linha de continuidade do soberano presente no Estado moderno através da excecionalidade. Deste modo, o italiano contrai a biopolítica no poder soberano, arbitrário e totalitário, cuja manifestação o autor encontra nos *campos de concentração* como expressão máxima do Estado de exceção. No entanto, esta perspetiva resulta muito limitativa na medida em que circunscreve a excecionalidade e a *vida nua* a um *campo* muito concreto e determinado, desde o qual parece exagerada a pretensão compreender a relação entre o ordenamento jurídico-político moderno e a vida (BUTLER e SPIVAK, 2009: 50, 69-73). Em síntese, esta conceção biopolítica apenas na sua versão tanática restringiria a lógica soberana às políticas de regimes e Estados totalitários, obviando ou, pelo menos, dificultando o rastejo de técnicas e práticas materialmente violentadoras dos direitos humanos existentes nos Estados contemporâneos, democráticos e direito. Resultaria então, mais frutífero, seguindo a proposta foucaultiana, pensarmos num soberano que persiste, mas que convive com outras lógicas e tecnologias biopolíticas num mesmo diagrama de poder, não subordinado, mas justaposto, onde a gestão da vida inclui também a gestão da morte.

Em segundo lugar e em consonância com o anterior, advertimos com OSORIO (2012: 105), os limites da análise agambeniana e a falta de profundidade da mesma em relação à razão neoliberal e à lógica económica dela derivada. Desta análise, é evidente que o *campo de concentração* não pode ser o (único) paradigma biopolítico de ocidente. Para o autor

---

<sup>119</sup> Assim sendo, o quadro teórico proposto por AGAMBEN tem sido uma das principais referências nas últimas décadas e a sua obra teve um notável impacto, nomeadamente, nas análises das políticas de segurança global instauradas após o 11-S, o auge das políticas neoconservadoras, as práticas e discursos xenófobos e/ou racistas lançados por diferentes Estados nos últimos anos, a tomada de medidas claramente de restrição de direitos fundamentais pelos governos ocidentais ou, mais recentemente, a crise de refugiados. Cfr. KEUCHEYAN (2013: 185-192).

mexicano, o poder do capital sobre a vida, como força de trabalho e, portanto, como forma de apropriação da vida do trabalhador é o elemento fundador da relação capitalista. Assim, sob a racionalidade neoliberal, como admite FOUCAULT (2006: 356), este processo não faz mais do que avançar para todas as esferas da vida dos indivíduos. Nessa triangulação de poderes justapostos o poder soberano, que segue bem presente na contemporaneidade, não se subtrai à finalidade da gestão da população e, concretamente, a sua finalidade de gestão da morte. No entanto, aponta OSORIO (2012: 117, 109-114), no neoliberalismo não podemos procurar, como refere AGAMBEN, o *homo sacer* numa figura extrema como a descrita pelo autor italiano. Neste sentido, resulta altamente sugestiva e abre uma interessante linha de trabalho a hipótese de percebermos numa sociedade como a presente, regida pela lógica do capital, o *homo sacer* como o (*infra*)trabalhador, bem como no quadro de um “Estado de exceção económico” (DAVIES, 2014: 177 e ss.). O sujeito imprescindível para um modelo económico assente exploração, que se converte, por seu turno, no portador da ordem económica-política vigente. Um indivíduo com uma vida infra-humana, necessitado de qualquer meio de integração no mercado, e cuja vida está em permanente questão desde o momento em que se vê obrigado a se por a disposição do (bio)capital, não apenas como força de trabalho, mas como corpo vivente (OSORIO, 2012: 97-101).

Por último, fechamos a receção italiana com ESPOSITO, um dos principais referentes da renovação do pensamento político-filosófico a partir da noção de biopolítica. Para este autor estaríamos a assistir na atualidade a uma incapacidade das categorias políticas da modernidade para interpretar e dilucidar as mudanças sociais que afetam aos modos de vida contemporâneos. Um esgotamento das análises tradicionais que constituiria o problema fundamental a resolver, nomeadamente, através de uma inovação categorial. Nesta direção, em opinião de SALINAS (2014a: 260), os discursos do biopoder ofereceriam para o filósofo italiano uma sólida hipótese explicativa dos complexos processos do corpo social, que colocam a vida ameaçada pela morte como o problema político crucial, tanto no plano estritamente biológico, quanto jurídico. Assim, ESPOSITO (2005: 17-18) propõe uma biopolítica que, a partir de uma hibridação entre o político e o médico, se expressaria por meio de uma nova categoria: a *immunitas*. Com ela, este autor desenvolve uma intensa teorização da proteção negativa da vida, onde as práticas soberanas e as biopolíticas se

imbricam na gestão da vida mesma entendida, em síntese, sob a forma de um sistema imunológico que protege a vida identificando aqueles elementos estranhos para eliminá-los.<sup>120</sup>

Para tanto, ESPOSITO realiza uma interpretação do poder sobre a vida muito específica, num diálogo crítico entre a potência vital de NEGRI e a conceção negativa de AGAMBEN, mas não isenta de tensões, apartando-se de FOUCAULT e estendendo a análise do *biopoder* também ao *poder soberano*. Assim, faz balancear a sua tese entre duas posições encontradas como a configuração característica da modernidade, reconhecendo, por uma banda, o *poder de viver* que emancipa e liberta ao indivíduo e, por outra, o *poder de matar* que captura a vida para apagá-la. Conforme afirma SALINAS (2014a: 262), o filósofo italiano apresenta uma linha interpretativa que emerge entre o enfrentamento das perspectivas de NEGRI e AGAMBEN, onde a biopolítica deve ser percebida como aquele poder mortífero sobre a vida, mas no qual sempre cabe o extravase e a transformação.<sup>121</sup> Neste sentido, ESPOSITO (2010: 21-22) usa da noção de *immunitas* como o dispositivo chave desde o qual articular essa dimensão positiva e negativa do poder sobre a vida, pois tanto a *soberania* como a biopolítica são indissociáveis das formas de proteção da vida política própria da modernidade. A relação entre a defesa da vida e a sua morte num mesmo *momentum* político, resolve-se para o filósofo italiano no paradigma imunitário que poderíamos sintetizar no poder de proteção negativa da vida (SALINAS, 2014a: 265). Assim, por meio de uma linguagem biológica, observa uma série de práticas de medicina social que se aplicam sobre os indivíduos para imuniza-los, que se manifesta como uma sorte de tensão entre vida e a morte que serve para conhecer e reconhecer os processos sociais contemporâneos (ESPOSITO, 2007: 26 e ss.). Mas para este autor não se trata de analisar uma imunidade de tipo natural, mas aquele processo político posto em andamento de imunização artificial, consistente em submeter à sociedade a uma infecção para fazê-la mais forte e mais resistente. Em suma, aqueles modos de intervenção em defesa da vida de uma forma negativa como mecanismo de autoconservação

<sup>120</sup> Em relação ao estudo da biopolítica, ESPOSITO dedicou um notável período das suas investigações a uma reconstrução do poder sobre a vida. As principais obras que podemos destacar nesta época são: *Communitas. Origem e destino da comunidade* (2007), *Immunitas, Proteção e negação da vida* (2005), *Bíos. Biopolítica e Filosofia* (2006a) e *Comunidade, imunidade e biopolítica* (2010).

<sup>121</sup> Segundo BAZZICALUPO (2016: 166), para ESPOSITO o desafio contemporâneo consistiria em explorar a capacidade de inverter desde o interior as práticas sobre a vida e, ainda, ativar a sua potência vital de autocriação sem que a vida fique apressada pela dinâmica do movimento reativo. Trata-se, em definitiva, de percorrer até o fim a lógica imunitária de categorias como a vida, o corpo e o nascimento para reativar a abertura comunitária e bloquear a autonegação.

repressiva da vida. Desta visão, os dispositivos imunitários constituiriam o cerne da política da modernidade, enquanto atitude terapêutica do poder contra os agentes patógenos da sociedade em aras da proteção da vida. Deste jeito, a construção política, a representação, a identidade e os processos de subjetivização do presente devem ser interpretados desta lógica (BAZZICALUPO, 2016: 161-165).

Ora bem, a inovação de ESPOSITO a partir do paradigma imunitário afasta-se claramente a sua proposta da noção foucaultiana da biopolítica, aprofundando numa labiríntica teorização (BAZZICALUPO, 2016: 161-1654) que, por vezes, resulta pouco esclarecedora para uma análise como a que aqui procuramos. Em primeiro lugar, como afirma SALINAS (2014a: 252), ESPOSITO faz um uso meramente instrumental da biopolítica para abordar a sua investigação, centrada, antes de mais, na *immunitas* e a sua relação com o corpo social.<sup>122</sup> Portanto, a gestão do poder sobre a vida toma uma dimensão completamente *sui generis* e à margem dos trabalhos de FOUCAULT. Em segundo lugar, ESPOSITO (2006a: 71-73) define a biopolítica como um conceito impreciso e indeterminado que se move entre uma função negativa (*poder sobre a morte*) e uma função positiva (*poder sobre a vida*). Duas funções ou roles opostos e contraditórios que dificultam o uso da sua formulação originária, pois segundo o filósofo italiano, existiria já desde o início da tese foucaultiana uma incerteza e uma indecisão não resolvida pelo pensador francês (SALINAS, 2014a: 263-264). Deste modo, seria preciso abordar uma reconstrução do poder sobre a vida desde a noção da *imunidade* como recurso teórico para desenredar as complexidades e contradições da relação entre a biopolítica e a modernidade.<sup>123</sup> Em consonância, e para finalizar seguindo novamente a SALINAS (2014a: 283-286), o nosso autor problematiza a biopoder desde a *imunidade*,

<sup>122</sup> Para ESPOSITO (2006a: 73) a “*chave interpretativa que parece escapar a FOUCAULT pode-se rastrear no paradigma imunitário. Por quê? Em que sentido se pode encher este vazio semântico, a brecha de significado, que na obra de FOUCAULT persiste entre os dous polos constitutivos do conceito de biopolítica? Sinalemos, para começar, que a categoria imunidade, incluso no seu significado corrente, se inscreve precisamente no cruze de ambos os polos, na linha de tangência que conecta a esfera da vida com o do direito. (...) Contudo, isto implica abordar apenas o espeto mais exterior da questão (...) Mas na noção de imunização há algo mais, algo distinto, que determina a sua especificidade incluso em relação com a noção foucaultiana da biopolítica. Trata-se do caráter intrínseco que conjuga os dous elementos que compõem esta última.*”

<sup>123</sup> A categoria de imunização, segundo ESPOSITO (2006a: 74) “*permite-nos dar um passo à frente (...) em relação com a brecha entre as duas versões prevalecentes do paradigma da biopolítica: a afirmativa, produtiva, e a negativa, mortífera. Vimos como tendem a constituir uma forma reciprocamente alternativa que não prevê pontos de contato: o poder nega à vida, ou incrementa o seu desenvolvimento, violentando-a e excluindo-a, ou protegendo-a e reproduzindo-a, objetivizando-a ou subjetivizando-a, sem meio termo nem ponto de transição.*”



incorporando o biopoder dentro de um paradigma teórico mais amplo e completo que tenciona resolver as contradições da proteção negativa do poder sobre a vida.

### 3.4. Estudos sobre o neoliberalismo

Conquanto resulta indubitável que as receções anglo-saxónica e italiana foram as mais significativas e relevantes a respeito do pensamento biopolítico (SALINAS, 2014a; BAZZICALUPO, 2016). Quiséramos assinalar sucintamente, aos efeitos desta investigação, outras receções de interesse do pensamento pós-foucaultiano ao redor de uma terceira categoria analítica, focada, principalmente, no funcionamento do sistema neoliberal. Não se trata, como sinalamos anteriormente, de uma corrente ou escola, mas de uma simples etiqueta metodológica que adotamos sob o nome genérico de *estudos sobre o neoliberalismo*. Com ela referimos um conjunto de publicações heterogêneas surgidas nos últimos anos e com especial destaque a partir da crise financeira de 2008 que, sem qualquer conexão entre si, tomam o corpo teórico que FOUCAULT oferece para explicar a realidade social e política que vivemos. Autores e autoras muito variadas, de entre os que vamos destacar neste trabalho a LAVAL e DARDOT, a BROWN, a FEHER e a LOREY que, após a publicação dos últimos cursos de *Collège de France* ministradas pelo filósofo francês, têm situado no campo dos estudos críticos os processos de subjetivação neoliberal como parte fundamental da gestão biopolítica com base em dous pressupostos: o primeiro, o capitalismo não responde a um processo natural como afirma o neoliberalismo canónico, mas a um profundo programa de condução social;<sup>124</sup> e o segundo, a exploração da formação do “autocuidado” do sujeito constitui um eixo central nas práticas contemporâneas de governo.<sup>125</sup> Em consequência, não tomam o neoliberalismo como uma ideologia ou política económica concreta, mas como uma ordem normativa que estrutura e conforma a realidade sociopolítica e não apenas um tipo determinado de políticas públicas.<sup>126</sup>

<sup>124</sup> Neste sentido, toma notado interesse para estes autores o curso de 1978-1979, intitulado *Nascimento da Biopolítica* e a noção de *homo economicus* desenvolvida nele por FOUCAULT (2012: 263-289).

<sup>125</sup> Igualmente, destaca a atualização das “técnicas de governo do si” retomando o curso de 1982-1983, intitulado *O governo de si e dos outros* (FOUCAULT, 2011. Vid., também, FOUCAULT (2008, 2002).

<sup>126</sup> Além dos autores citados, cujos contributos serão centrais neste trabalho, podemos referenciar também os trabalhos sobre neoliberalismo realizados por DAVIES (2014, 2016), os estudos histórico-genealógicos desenvolvidos por MIROWSKI e PLEHWE (2009) e, nomeadamente, a perspetiva de PECK (2010) que destaca a tensão entre a utopia neoliberal e o “neoliberalismo realmente existente”, percebendo-o mais como um processo

Em primeiro lugar, referenciamos os franceses LAVAL e DARDOT, sociólogo e filósofo respetivamente, que de forma conjunta têm desenvolvido um relevante campo de análise histórico e genealógico do neoliberalismo desde a perspetiva foucaultiana.<sup>127</sup> O seu trabalho tem-se orientado para os acontecimentos e as tensões que se deram na passagem do liberalismo clássico para o neoliberalismo contemporâneo colocando no centro a emergência de um novo sujeito. Para os autores, o sujeito neoliberal é um gestor de si, ou o que é o mesmo um sujeito-empresa que administra as incertezas e instabilidades próprias da sociedade contemporânea. Desta ótica, a extensão da racionalidade neoliberal acarretaria, antes de mais, a penetração de um tipo de subjetividade que faz da concorrência o padrão da ação social. Isto mostra, na sua opinião, como o mercado se torna o autêntico modelo para a realização dos sujeitos, porquanto ele é o quadro vital de desenvolvimento (LAVAL e DARDOT, 2013: 152 e ss.). Mas não se trata de um quadro “natural”, próprio do livre mercado, ao contrario, este quadro vital é fruto da intervenção estatal encaminhada ativamente a criar as condições de possibilidade para a realização do *homo economicus* (LAVAL e DARDOT, 2013: 335 e ss.). Numa perspetiva muito próxima podemos destacar à politóloga norte-americana BROWN.<sup>128</sup> Uma autora que aborda o neoliberalismo como uma ordem normativa, procurando conhecer a profundidade da penetração das suas lógicas no interior dos sujeitos, na sua linguagem, nas suas práticas e nas suas consciências (BROWN, 2015: 57 e ss.). Sendo assim, o neoliberalismo faz extensivo ao conjunto do campo social as suas estratégias de mercado, que individualmente se expressam na representação de um tipo de sujeito que ordena a sua vida ao redor da razão económica, pois para a racionalidade neoliberal este “ser” constitui o núcleo central da sua caracterização. Segundo BROWN (2015: 131), aquilo ao que assistimos hoje é à substituição do *homo politicus* pelo *homo economicus*, e é neste deslocamento onde se produz a verdadeira operação decisiva do neoliberalismo num duplo sentido: por uma banda, o sujeito económico adentra-se em todos os âmbitos da vida humana regulamentando tanto as relações mercantis como o conjunto das relações sociais; e por outra banda, substitui a razão política pela razão económica na tomada

---

complexo e multiforme do que como um programa político ou económico homogéneo e acabado. Especialmente interessante também, pela sua recente publicação, podemos destacar, SLOBODIAN (2018).

<sup>127</sup> Na sua obra podemos assinalar três trabalhos fundamentais: *A nova razão do mundo* (2013), *Comum. Ensaio sobre a revolução no século XXI* (2015), *O pesadelo que nunca acaba* (2017) e *O ser neoliberal* (2018).

<sup>128</sup> Da sua obra destacamos nesta investigação, por todas, *O povo sem atributos: a secreta revolução do neoliberalismo* (BROWN, 2015).



de decisões dos sujeitos, provocando um esvaziamento do conteúdo político tanto das suas práticas e como das instituições coletivas (BROWN, 2015: 19-20, 115-116). Em suma, BROWN procura na sua análise estimular a reflexão fazendo ênfase na necessidade de compreender a lógica da racionalidade neoliberal, tanto nos espaços sociais quanto políticos das democracias ocidentais e, em concreto, o seu efeito desdemocratizador.

Em terceiro lugar, acentuando a multiplicação da figura do *homo economicus* e da sua complexidade, principalmente ao redor da noção de “capital humano”, salientamos as achegas do teórico social belga FEHER. Para este autor, o objetivo central da sua proposta é explorar o transbordamento da racionalidade neoliberal que penetra mais do que nunca na história e transforma os indivíduos em verdadeiros sujeitos de negócios. Isto é, torna-os em empresa até suas consequências finais, porquanto no presente toda ação social é, em última análise, um ato comercial de marketing, propaganda e promoção do capital vital.<sup>129</sup> Deste modo, para o belga, em comparação com a figura prototípica do sujeito “comerciante si” do liberalismo clássico, no neoliberalismo o indivíduo é transformado substancialmente até se converter num sujeito onde não existe distinção entre vida, trabalho ou negócio. Toda a sua atividade pessoal converte-se numa constante valorização do seu capital humano, posto a produzir de modo que a gestão económica ocupa o centro da vida sob a razão neoliberal. Mais ainda, aponta FEHER (2017), nas presentes condições de financeirização da economia, o *homo economicus* atua mais como um investidor do seu capital vital do que como um simples comerciante que procura a maximização os seus benefícios. Em quarto lugar, queremos salientar o ponto de vista da teórica social LOREY sobre o neoliberalismo e as suas formas de exploração sobre a vida, bem como as suas finalidades, pondo em conexão, principalmente, a análise foucaultiana com a tese de BUTLER (2006) sobre a condição precária do presente.<sup>130</sup> Assim, para a alemã, a economização da vida é hoje inseparável de um outro processo, a precarização à que é submetida a vida sob a ordem neoliberal. Por conseguinte, a precariedade própria da contemporaneidade significa mais do que simples empregos instáveis ou inseguros para ser configurar como algo mais intenso. A precariedade é uma condição do neoliberalismo para a

<sup>129</sup> Especialmente interessante, neste sentido, foi a publicação em 2009 na revista *Public Culture* do artigo intitulado “Self-Appreciation; or, The Aspirations of Human Capital” (FEHER, 2009). Pesquisando nesta linha analítica podemos assinalar também, *Le temps des investís. Essai sur la nouvelle question sociale* (FEHER, 2017).

<sup>130</sup> Por todos, citaremos o seu trabalho *Estado de insegurança. Governar a precariedade* (LOREY, 2016).

existência vital, que se manifesta numa vulnerabilidade, incerteza e contingência ontológica.<sup>131</sup> Pois sendo que o governo se retira da sua função protetora, são os indivíduos que devem procurar a sua supervivência e garantir os seus futuros. Por consequência, a vida surge como uma vida existencialmente precária, muito além da sua função produtiva, para se tornar, seguindo a perspectiva da governamentalização biopolítica, como mais um instrumento de governo. Compreender, então, a precarização nesta ótica permite situar as complexas relações entre os vários dispositivos de governo neoliberal, bem como os modos de subjetivização e a exploração económica.

Em síntese, os autores e autoras que acabamos de expor de forma sintética neste primeiro momento são, sem dúvida, alguns dos principais rececionistas das categorias analíticas propostas por FOUCAULT para compreender o devir neoliberal. E a partir deles confrontaremos este estudo crítico, seguindo o seu genuíno percurso tanto no seu funcionamento, como na sua estrutura ou nos seus modos de gestão. Porém, não podemos fechar esta epígrafe sem sequer citar também aqueles trabalhos que recentemente têm tratado, com notável transcendência, a relação entre o pensamento foucaultiano e o neoliberalismo desde a perspectiva do suporte que o filósofo francês faria ao projeto neoliberal, quer seja desde um suposto apoio tácito, quer seja de jeito expresso. Neste sentido, seguindo DOMINGUEZ (2018: 347 e ss.), poderíamos referenciar dois trabalhos que de maneira significativa têm realizado esta provocativa ligação. Em primeiro lugar, teríamos o exame realizado por LAGASNERIE (2015), para quem FOUCAULT abraçaria diretamente o neoliberalismo na sua época final, passando da crítica inicial para uma posterior adesão como forma de reinvenção da teoria crítica. Desta ótica, segundo o autor, o filósofo galo teria, por um lado, verificado as hipóteses dos principais teóricos neoliberais, tais como HAYEK ou BECKER, através do estudo da racionalidade de mercado. E, como resultado desta verificação, em segundo lugar, teria posto em causa algum dos principais pressupostos da teoria crítica hegemónica para aderir aos postulados neoliberais enquanto potencialmente

---

<sup>131</sup> Em palavras da própria BUTLER (2016: 14), LOREY presta atenção à “*precarização como um processo que não produz apenas sujeitos, mas que produz insegurança porquanto preocupação central do sujeito. Esta forma particular de poder prepara o terreno para criar a necessidade da segurança como ideal político máximo, um ideal que serve para acumular poder dentro do Estado e das instituições empresariais ao tempo que produz um novo tipo de sujeito. As populações definem-se agora, não pela crítica e a resistência, mas pela sua necessidade de paliar a sua insegurança e, por consequência, de valorizar formas de polícia e controlo estatal, promessas de investimento global e instituições de governança global*”.

emancipadores (LAGASNERIE, 2015: 24 e ss.). Em segundo lugar, podemos assinalar o trabalho coletivo compilado por ZAMORA e BEHRENT (2018). Nele os diferentes autores da obra visam, ao contrário que a hipótese de LAGASNERIE, estabelecer uma relação direta de FOUCAULT com o neoliberalismo. Sendo assim, e confrontando com a primeira das propostas, acompanhando o trabalho de ZAMORA e BEHRENT, o projeto foucaultiano não acreditaria apenas no neoliberalismo como quadro teórico válido para ultrapassar as insuficiências do tradicional projeto emancipador associado nas décadas de sessenta e setenta ao socialismo e ao comunismo. Para FOUCAULT o neoliberalismo seria, logo, o autêntico programa político e social capaz de oferecer hipóteses libertadoras para os indivíduos através do livre mercado.<sup>132</sup>



---

<sup>132</sup> Sem vontade de aprofundar nesta questão que não é motivo de estudo neste trabalho, subscrevemos a crítica de DOMINGUEZ (2018: 347-348) a tais perspetivas, a incorrerem em notáveis eivas, a saber, descontextualização da análise foucaultiana, indefinição do liberalismo vs. neoliberalismo e a assunção acrítica do discurso neoliberal realizado pelo filósofo galo, entre outras.



## **II. SUJEITO NEOLIBERAL**



## CAPÍTULO 2. GOVERNO ECONÓMICO DA VIDA

### 1. DA DESREGULAMENTAÇÃO ECONÓMICA À REGULAMENTAÇÃO SOCIAL

O estudo das complexas formas sociais de expansão da lógica do capital e do mercado tem sido um elemento crucial para entendermos como somos governados os indivíduos, os bens e as riquezas na contemporaneidade, no entanto, esta proposta nada tem de original, nem de crítica radical. Já a começos do século XX, entre outros autores, WEBER (2004) assinalou no seu exame do *espírito do capitalismo* a existência de um determinado modo de vida que conformou uma autêntica condição de possibilidade para o avanço e o desenvolvimento do próprio sistema capitalista, erguido, segundo o sociólogo alemão, sobre os elementos éticos da prática protestante.<sup>133</sup> Para este autor, não bastou, portanto, a simples articulação de uma estrutura económica para o sucesso do capitalismo, mas ele precisou de uma racionalização da vida quotidiana que, sem apelar para os grandes relatos coletivos moralizantes do passado, encontra-se um fim em si mesmo: isto é, a acumulação do capital como forma de vida.<sup>134</sup> Noutras palavras, WEBER apontaria, desta perspetiva, para o capitalismo como um sistema político e económico fundamentalmente vocacionado, desde as suas origens, a subsumir o indivíduo numa ética capitalista da que não se pode subtrair. Sendo assim, conforme

---

<sup>133</sup> Segundo WEBER (2004: 49-56, 93-100), fundador da sociologia moderna, o protestantismo e, concretamente, o calvinismo, configurou um modo de vida que resultou decisivo para a ulterior consolidação do capitalismo, porquanto ele se baseava numa moralidade de maximização do rendimento e na minimização de qualquer despesa desnecessária.

<sup>134</sup> Para WEBER o nascimento e o desenvolvimento do capitalismo não seriam possíveis sem um *espírito* - que o autor identifica nos hábitos, nos costumes e nas ideais- que permitiu a reprodução de um comportamento social racional baseado na acumulação de capital. Segundo o WEBER, o indivíduo deve trabalhar para alcançar o máximo êxito económico, e não para procurar apenas uma vida acomodada, pois, “*o homem fica referido a esse ganhar dinheiro como o objetivo da sua vida, não é o ganho o que fica referida ao homem como um meio para a satisfação das suas necessidades materiais. Esta inversão do que chamaríamos a situação “natural”, inversão realmente sem sentido para o sentir natural, é com toda claridade, absolutamente, um leitmotiv do capitalismo, da mesma maneira que lhes resulta estranha aos homens não alcançados pelo hábito do capitalismo*” (WEBER, 2004: 62).



subscvem BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002: 33-47), seguindo a hipótese weberiana numa leitura crítica, cabe perguntar-se como se produziu e como se produz hoje a adesão do conjunto dos indivíduos, a cada passo menos discutível e menos conflituosa, ao capitalismo. Dificilmente podemos encontrar, na sua opinião, uma aceitação social unicamente baseada no seu carácter material, pois, conquanto a relação salarial constitui um elemento essencial como mecanismo de acesso aos bens de necessidade vital para o sujeito, resulta evidente que não é suficiente para uma adesão pessoal proativa como a que o capitalismo precisa. Igualmente, o recuso à violência sobre os indivíduos e a brutalidade repressiva de antanho tampouco resulta totalmente satisfatória para explicar o processo massivo e sustido no tempo de implicação da prática totalidade das capas sociais e em diferentes contextos territoriais (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2002: 40-41).

Para o autor e a autora francesa, o compromisso dos indivíduos com o capitalismo deve procurar-se, então, na complementação da tese weberiana, que apenas circunscrevia a implicação do sujeito aos benefícios pessoais derivados da sua participação no processo capitalista como facto vital. Ora, ao lado destas motivações que o sujeito encontraria para se aderir ao capitalismo, havemos ter em consideração também os benefícios comuns que, aliás, o capitalismo contribuiria a criar para o conjunto da sociedade. Sobre a base destes dous preceitos é que se articularia um imaginário compartilhado que, em última análise, guiaria a ação dos indivíduos, e acima do qual o capitalismo se ergueria até os nossos dias como uma ordem social aceitável para a maioria social. Em suma, para BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002: 44-46), o capitalismo estaria formando por um *espírito*, composto por uma multidão de crenças associadas à ordem capitalista, encaminhadas a justificar e manter essa mesma ordem, legitimando-a e outorgando-lhe coerência como meio de adesão. Porém, esse *espírito do capitalismo*, desde o seu nascimento, tem estado atravessado por importantes transformações, evoluções e aperfeiçoamento. E, se num primeiro momento ele estava ligado à figura e valores do burguês próprio do século XIX e organizado ao redor da empresa familiar e os trabalhadores manuais; num segundo período encontrou a sua realização na grande fábrica nos anos trinta do século XX, caracterizada pelo trabalho em série, mecanizado e altamente disciplinado que estabelece uma clara diferença entre os proprietários e, a cada vez mais relevante, direção da produção. E agora, num terceiro e fulcral período, originado após a crise

da década de setenta, estaríamos perante um outro *espírito do capitalismo*, organizado a redor do desenvolvimento científico-tecnológico e da expansão global das relações económicas e com uma nova arquitetura fundamentada na terceirização e no trabalho flexível.<sup>135</sup>

Deste modo, de igual forma que para WEBER não seria possível o nascimento do capitalismo sem um conjunto de hábitos e ideais que, sem ser propriamente capitalistas, favoreceram um comportamento capitalista dos indivíduos; para BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002: 241-256), o sistema económico contemporâneo tampouco seria realizável sem um *espírito* fundamentado num novo “consenso social”. Por uma banda, baseado na naturalização do capitalismo, quer dizer, na construção de um sentido comum capitalista como resultado intrínseco da dinâmica económica e exterior aos processos políticos e sociais em vigor. O capitalismo seria percebido apenas como um passo mais na evolução de uma ciência independente e objetiva, fundamentada, principalmente, em critérios matemáticos, estatísticos, etc. apresentados fora de qualquer discussão como neutrais e assépticos. Por outra banda, e como correlato do anterior, assistimos à consolidação de um consenso social edificado sobre um “poder técnico”. Dito de outro jeito, o poder seria assumido por peritos que propõem ações a realizar ou sendo tomadas diretamente por eles mesmos. E a base das decisões a serem adotadas encontraria os seus fundamentos num discurso que, em primeiro lugar, rejeita o debate político e, em segundo, se ampara sempre em considerações de tipo técnico-empresarial eficientista. Com isto, apontam os autores, assistiríamos tanto a uma reorganização da estrutura do Estado na medida em que é o depositário por excelência do poder político, quanto do relacionamento entre os sujeitos e os sujeitos e o Estado, que passaria se alicerçar numa linguagem que reduz a cultura, as crenças e as práticas da comunidade sociopolítica à mera análise dos “dados” quantificáveis na lógica gerencial.

Para HARVEY (2007: 7-8, 47-72) a construção do consenso constitui, sem lugar a dúvidas, o eixo central do capitalista contemporâneo. Nas suas palavras, o giro realizado pelo

---

<sup>135</sup> Neste sentido, o trabalho realizado por BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002: 33-34, 148-152) visa dar conta dos alcances, avanços e repregues da construção de um *novo espírito do capitalismo*, assente num discurso normativo ordenador da sociedade capitalista, nomeadamente, durante as últimas décadas, como condição necessária para a perpetuação do processo de acumulação do capital.

neoliberalismo, tanto nas práticas como no pensamento político e económico, provocou o mais amplo processo de *destruição criativa*. Porém, este processo não alcançou apenas os poderes institucionais, mas, sobretudo, transformou as divisões do trabalho historicamente constituídas, as relações sociais delas derivadas e, em definitiva, as suas formas de vida. Um consenso que, longe de ser um processo natural, foi, em opinião do britânico, a resposta apresentada como tecnicamente neutra pelo poderes económicos e políticos para: em primeiro lugar, enfrentar a crise social e económica e, em segundo lugar, mudar o rumo das políticas *welfaristas* impulsionadas desde a II Guerra Mundial. Especialmente destacados foram, neste sentido, os governos dos EUA e do Reino Unido, presididos respetivamente por REAGAN e THATCHER, que deram começo a uma potente reforma das políticas públicas cuja influência ultrapassou os seus próprios Estados para se expandir pelo conjunto de Ocidente. Com elas foi inaugurada, para mais, uma nova época marcada pela posta em causa, não apenas formal da intervenção keynesiana do Estado representada pela política assistencial, mas, acima de tudo, por um questionamento material da relação entre o Estado e os indivíduos. Em consequência, a série de reformas lançadas neste período, nomeadamente, ligadas à política macroeconómica, à privatização de empresas públicas, ao dismantelamento da proteção social, à inversão da política fiscal ou à flexibilização do mercado de trabalho, não devem ser analisadas unicamente como medidas urgentes ou extraordinárias dirigidas a conter a inflação, o desemprego ou a queda de benefícios.

Como a seguir exporemos, o neoliberalismo vai resultar um fenómeno mais profundo do que a mera restituição ou renovação das políticas liberais mais ortodoxas, como precipitadamente assinalou HARVEY.<sup>136</sup> Por conseguinte, o neoliberalismo não pode ser reduzido a uma política do Estado centrada na desregulamentação da economia, no livre comercio ou na redução da despesa pública, como tampouco na passagem para o mercado das competências historicamente assumidas pelos poderes públicos. Esta interpretação resulta insuficiente, à vista disso, para compreender a integridade da sua natureza, em absoluto limitada a um contexto histórico excecional ou a uma simples atualização da teoria liberal.

---

<sup>136</sup> Segundo o autor britânico, as políticas keynesianas lançadas desde a II Guerra Mundial foram definidas polos teóricos do neoliberalismo como uma sorte de “liberalismo apressado”, que não poderia desenvolver-se com normalidade como consequência de um ambiente regulamentador que restringiria as atividades empresariais e corporativas. Para tanto, o objetivo último do projeto neoliberal consistiria em, precisamente, desenredar o capital destas restrições (HARVEY, 2007: 17).

Como abordaremos neste capítulo, a capacidade de penetração do neoliberalismo na sociedade e a sua persistência de forma praticamente hegemônica em todo o globo, não encontra uma resposta completa na sua descrição apenas como uma política econômica e/ou uma ideologia concreta que sustenta essa mesma política (LAVAL e DARDOT, 2013: 12). Desta forma, não devemos pensar o neoliberalismo como sendo um modelo de desregulamentação econômica único e coeso, nem como um só processo fechado que alarga constantemente. Ao invés, rapidamente aquilo que observamos é um projeto com múltiplas dimensões e diferentes referências, com construções políticas em confronto, com avanços e retrocessos e, ainda, com tradições nacionais específicas a conviver em cada território geográfico (PECK, 2010).

Desta ótica, o traço fundamental do projeto neoliberal não está principalmente na sua política econômica baseada na liberdade de mercado, como tem sido sustido por grande parte da ciência política, da sociologia ou da economia. Mas, seguindo a hipótese foucaultiana, aponta BROWN (2015: 34-35), aquilo que é realmente transcendental no neoliberalismo é a sua realização como “razão normativa” que expande valores, práticas, cálculos e avaliações específicas da economia a cada uma das esferas da vida humana. Ou nas próprias palavras de FOUCAULT (2012: 79), o neoliberalismo surge, antes bem, como resultado da crise da forma de governo promovida pelo liberalismo com especial relevância na “*política econômica intervencionista que se aperfeiçoou entre 1930 e 1960, imediatamente antes e imediatamente depois da guerra, todas essas intervenções introduziram algo que podemos denominar crise do liberalismo, e essa crise do liberalismo a que se manifesta numa série de novas avaliações, novas estimativas, novos projetos na arte de governar*”. Tudo isso, como veremos na epígrafe que segue, a partir de um complexo, heterogêneo e multiforme palco de práticas de governo assentes numa nova correlação entre o papel do Estado e do sujeito (BROWN, 2015: 96-97), no que o projeto neoliberal está mais interessado na produção de determinadas formas de vida do que na sua destruição. Isto é, criar uma nova forma de existência dos indivíduos e um novo modo de relacionamento social que vise, em primeiro ponto, a sua supervivência e, em segundo, a sua expansão (LAVAL e DARDOT, 2013:13-14), em contraposição àquela visão do capitalismo neoliberal restringida a de um projeto selvagem, explorador de pessoas, costumes, instituições e direitos com o único objetivo na criação de

um exército de trabalhadores (KURZ, 2009; JAPPE, 2016). O neoliberalismo é, antes, uma ordem produtora de subjetividades e, para tanto, mais do que um simples sistema de produção e acumulação de capital em confronto com o keynesianismo e a política intervencionista do Estado ou uma fase ulterior do capitalismo.

Não se trata, destarte, de uma volta aos meios e práticas de exploração e submetimento dos indivíduos do passado, nem sequer readaptados ao presente, mas uma ultrapassagem do modo de governo. A governamentalidade neoliberal opera numa outra dimensão, conduzindo os ritmos, os movimentos e os tempos da vida nas sociedades contemporâneas como nunca antes na história acontecera, quer seja no âmbito político com a conquista do poder institucional, quer no âmbito económico com o controlo dos grandes mercados internacionais, quer no âmbito social promovendo formas hegemónicas de relacionamento na sociedade ou quer no âmbito subjetivo criando padrões de sujeitos prototípicos. O neoliberalismo aquilo que faz, principalmente, é normativizar as formas de existência ajustando a vida humana aos critérios e parâmetros do mercado, apontam LAVAL e DARDOT (2013:14). Como iremos desenvolvendo pormenorizadamente neste estudo, isto terá importantes consequências para o sujeito em todos os planos da sua vida. Por uma banda, incrustando-o num habitat social caracterizado pela concorrência e a disputa permanente entre todos os indivíduos e em cada um dos espaços da sociedade, sejam ou não lugares de produção em sentido estrito. Por outra banda, num cenário atravessado polos valores e normas do economicismo, do oportunismo e a medição da rentabilidade das ações dos indivíduos, os sujeitos passam a se conceberem a si próprios como os únicos garantes da sua vida, assumindo os riscos que ela acarretar e aproveitando as oportunidades que se apresentarem.<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> Neste sentido, resulta clarificador como FOUCAULT (2012: 156) assinala, sem duvidar, que o governo neoliberal “*deve intervir sobre a sociedade mesma na sua trama e na sua espessura. No fundo – e é aqui que a sua intervenção vai permitir alcançar o seu objetivo, a saber, a constituição de um regulamentador de mercado geral sobre a sociedade-, tem que intervir sobre essa sociedade para que os mecanismos competitivos, a cada instante e em cada ponto da espessura social podam cumprir o papel de reguladores. Tratar-se-á, portanto, de um governo não económico, como o que sonharam os fisiocratas, quer dizer, um governo que não tem mais do que reconhecer e observar as leis económicas, não é um governo económico, é um governo da sociedade*”.

### 1.1. Além do *laissez faire*

Sintetizando esta exposição preliminar, podemos desvendar a existência de duas concepções bem diferenciadas sobre a natureza política do neoliberalismo e, em consequência, adivinharmos dois caminhos teóricos e práticos a explorar com resultados, em grande medida, em disputa. Ora, estas duas visões, por um lado, aquela que acredita na existência de um liberalismo renovado no presente agora libertado do intervencionismo estatal e, por outro, aquela que acredita estarmos perante uma nova governamentalidade saída de uma genuína “arte de governar”, encontram já as suas primeiras divergências nas distintas posições dos precursores do neoliberalismo. E para observarmos estas tensões, contudo, não devemos procurá-las nem nas políticas implementadas após a crise dos anos setenta influenciadas, nomeadamente, pela Escola de Chicago,<sup>138</sup> nem tampouco na série de reuniões, congressos e outros grupos de debate posteriores à II Guerra Mundial, com especial destaque para a denominada Sociedade Mont Pèlerin.<sup>139</sup> Conquanto estes factos históricos resultaram fulcrais para a sua consolidação, seguindo o roteiro traçado por FOUCAULT, o advento do neoliberalismo encontra-se no debate político originado no final dos anos trinta em Europa e, concretamente, ao redor do denominado Colóquio Walter Lippmann de 1938, conforme pesquisaram LAVAL e DARDOT (2013: 68-75).<sup>140</sup> Pois foi a partir desta conferência de intelectuais que se sentaram verdadeiramente as bases do neoliberalismo no confronto das duas principais interpretações sobre o devir do capitalismo.<sup>141</sup>

<sup>138</sup> Os postulados da Escola de Chicago, dirigida por FRIEDMAN (2012), foram fundamentais para as políticas neoliberais que se estabeleceram na década de oitenta, iniciadas, de forma convulsa, em Chile sob a ditadura de Pinochet. Vid., entre outros, sobre este processo, KLEIN (2007).

<sup>139</sup> A constituição da Sociedade Mont Pèlerin na Suíça em 1947 tem sido considerada, entre outros, por ANDERSON (2003: 11), como a origem mesma do neoliberalismo. Promovida, nomeadamente, por HAYEK, o seu objetivo fundamental era deitar as bases teóricas para combater a intervenção estatal na economia e favorecer um mercado verdadeiramente competitivo e individualista.

<sup>140</sup> Para os teóricos franceses foi, no entanto, o Colóquio Walter Lippmann celebrado em Paris em 1938 por iniciativa de ROUGIER o verdadeiro cerne do projeto neoliberal, o que contou com a participação, entre outros, de ROPKE ou VON RÜSTOW, representantes das correntes ordoliberais, HAYEK ou VON MISES, representantes da corrente Austríaca, e ainda outros liberais como RUEFF ou RAYMOND ARON. A finalidade desta conferência era abordar a crise do liberalismo ante o avanço do socialismo e do intervencionismo em geral. Nele debateu-se sobre a atualização do pensamento liberal e, pela primeira vez, sobre a superação do mesmo, marcando a partir deste momento o futuro pensamento neoliberal após a II Guerra Mundial.

<sup>141</sup> Vid., para um extenso estudo dos debates e diferentes posições no marco do Colóquio Walter Lippmann, LAVAL e DARDOT (2013: 82-90). Cfr., entre outros, BIDET (2016b), SLOBODIAN (2018).



TABELA 2.1

Correntes neoliberais	Características
<b>Liberalismo renovado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Doutrina do <i>laissez faire</i></li> <li>• Recuperação das bases teóricas do liberalismo</li> <li>• Mercado como uma ordem natural</li> <li>• Não intervencionismo institucional</li> <li>• Estado limitado à salvaguardar do mercado</li> <li>• Sujeito natural e libertado da relação estatal</li> </ul>
<b>Novo Liberalismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Novo projeto político-económico</li> <li>• Mercado como uma realidade constituída</li> <li>• Intervenção social e regulamentação da vida</li> <li>• Sujeito aprendido e conduzido face um espírito empreendedor</li> <li>• Modelo social de competição</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

A primeira corrente que chamaremos de “liberalismo renovado” centra-se na recuperação da essência do liberalismo e dos seus princípios fundamentais que se encontrariam, acima de tudo, na doutrina do *laissez faire*. Por isso, a originalidade do liberalismo contemporâneo consistiria em recuperar e refundar as suas bases teóricas como modo de combater a ingerência do Estado. Segundo esta perspetiva, o mercado é uma ordem natural contra a que os indivíduos não devem ir, ela deve prevalecer antes de qualquer interferência que interrompa o seu normal e natural funcionamento que descansa sobre a propriedade privada e a liberdade individual. Desta forma, qualquer ação política deve, sempre, subordinar-se ao desenvolvimento económico, que constitui a esfera principal que rege a organização social. E a atuação estatal deve limitar-se a salvaguardar o seu funcionamento livre e sem restrições, na medida em que os todos os problemas e conflitos sociais ou políticos presentes na sociedade encontrarão a sua solução na economia.<sup>142</sup> A segunda das interpretações, que resulta vencedora no debate e que chamamos propriamente de “novo liberalismo”, entende, porém, que o liberalismo clássico deveria ser superado e, portanto, iniciar um novo projeto político-

<sup>142</sup> Nesta primeira perspetiva, podemos destacar, entre outros, a ROBBINS, RUEFF, HAYEK ou VON MISES. Porém, como sinalam LAVAL e DARDOT (2013: 72-73), VON MISES e, principalmente, HAYEK desenvolverão tempo depois um programa teórico próprio não reduzível a uma simples atualização do liberalismo clássico.

económico, porquanto as razões e causas das incapacidades do liberalismo se encontravam nas próprias bases da sua conceção mais clássica ou ortodoxa. Para tanto, o neoliberalismo tem de assentar-se, em primeiro lugar, numa conceção do mercado e da sociedade não entendida como uma ordem natural, mas como uma realidade constituída através de valores, normas e práticas. Em segundo lugar, o novo liberalismo deveria basear-se numa relação entre a política, a economia e a vida social substancialmente diferente à instituída no liberalismo tradicional, já não mais percebida como sendo uma relação hierárquica, mas, principalmene, como uma superposição de distintas dimensões da vida.<sup>143</sup> Em resumo, a aposta neoliberal vai além da concreta política económico do liberalismo, transformando por completo o modo como ele percebe o governo das populações. E é sobre esta mudança que vai construir uma espessa intervenção social cujo objetivo último é a regulamentação da vida: a organização, o controlo e a gestão do corpo social sob os parâmetros da economia de mercado. Desta perspectiva, longe de uma visão determinista, o capitalismo não responde a um processo natural ou puro do desenvolvimento económico, senão que ele se tem sido conduzido através de um autêntico programa político (LAVAL e DARDOT, 2013: 78).

Eis, para os precursores do neoliberalismo, a principal eiva do liberalismo clássico que assumia o carácter espontâneo do mercado e descartava qualquer tipo de intervencionismo institucional como meio para acompanhar a expansão e o progresso do capital. À vista disso, para a lógica neoliberal, a ordem económica tem de ir ligada a uma ordem social e política como sustento e garante de sucesso, enquanto o desenvolvimento económico não vai trazer como consequência natural a transformação das formas de relacionamento social e político. E corresponde ao próprio neoliberalismo impulsionar uma racionalidade específica regulamentadora da vida social conforme os critérios do mercado (DEAN, 1999: 156-158). Para isto, o indivíduo é colocado no centro das intervenções, programando sobre ele um conjunto de ações políticas e sociais com a finalidade de formá-los, parafraseando a BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002), num *novo espírito capitalista*. Um espírito capaz de ultrapassar os velhos valores e princípios do liberalismo clássico que guiavam o pensamento económico de um mercado que nem é espontâneo, nem está determinado por leis naturais. Para tanto, o sujeito tem de ser reencaminhado para outro espírito, como veremos,

<sup>143</sup> Nesta segunda linha interpretativa, sobressaem, por todos, ROUGIER, LIPPMANN, VON RÜSTOW ou ROPKE.

empreendedor, motor de capacitação, de desenvolvimento pessoal e administração da vida, bem como gestor de riscos e criador de oportunidades. Em definitiva, um espírito que permita ao sujeito ensaiar diariamente os novos valores e critérios de vida adaptados à nova sociedade (LAVAL e DARDOT, 2013: 139-140). Ora bem, não se trata de uma sorte de imposição vertical dos poderes públicos, nem de qualquer poder alheio que imponha certo comportamento vital aos sujeitos. A sua dinâmica é distinta, opera em direção oposta, não de fora para dentro, senão de dentro para fora (DELEUZE, 2008: 222 e ss.). Quer dizer, uma dinâmica de autoconstrução do sujeito, não de imposição ou uma regulamentação externa. Sendo assim, o neoliberalismo não procuraria apenas libertar o sujeito da *jaula de ferro* estatal para devolvê-lo ao seu hábitat natural, onde se desenvolver voluntariamente e espontaneamente sem qualquer ingerência. Eis uma das grandes diferenças do neoliberalismo a respeito de liberalismo clássico. O sujeito neoliberal não (sobre)vive na sociedade do mercado de um modo natural, mas aprendido. Ele deve descobrir como interagir com os demais e com ele mesmo. Não basta, pois, com ser um indivíduo dinâmico, vivo e sagaz, em oposição à docilidade do passado, como acontecia na sociedade disciplinar, mas ele deve constituir-se a si mesmo, como um sujeito funcional, dotado de normas, valores e práticas num processo de formação que é, verdadeiramente, um processo de autoformação (FOUCAULT, 2008a: 224-225).

Nesta perspectiva, o neoliberalismo rompe substancialmente com a visão dos renovadores do liberalismo, para os quais este não é mais do que o modelo económico otimizado do liberalismo clássico, centrado na liberalização e desregulamentação do mercado como forma de salvação do capitalismo contemporâneo. Portanto, um fenómeno económico circunscrito a uma doutrina política, segundo a qual, qualquer intervenção supõe um obstáculo para o progresso da sociedade. Isto, em duas direções complementares, por uma banda, devido ao carácter depredador do Estado e, nomeadamente, da ação da administração pública dirigida a regulamentar as relações económicas dos indivíduos num determinado quadro normativo que impede o seu desenvolvimento. Por outra, a ineficácia e ineficiência da gestão estatal derivada do seu carácter burocrático e monopolístico, das suas dificuldades para a planificação dos seus objetivos, bem como para a determinação dos seus custos reais, do uso irracional de meios ou da dependência de critérios políticos e não estritamente económicos para a tomada das

decisões.<sup>144</sup> Ora, a governamentalidade neoliberal, detrás das críticas e propostas realizadas pelo liberalismo, aquilo que envolve é um processo mais amplo, denso e profundo. Isto é, uma mudança radical no modo como governar além das transformações técnicas do sistema político e económico do Estado. Como afirma BROWN (2015: 61), o projeto neoliberal ultrapassa qualquer redução a uma concreta política económica, pois, ele se constitui, antes de tudo, como uma forma diferente de gerir e administrar a população. Uma governamentalidade com normas, valores e racionalidade própria, encaminhada a estabelecer uma original relação entre o Estado, a economia e a sociedade.

Para tanto, devemos observar o neoliberalismo além dos processos políticos dos últimos trinta ou quarenta anos, que mais do que serem o começo de uma nova época, seriam mais um passo na cristalização de um modo de governo muito anterior, não definido essencialmente pelas medidas de desregulamentação da economia, mas pela expansão da racionalidade económica a todas as esferas da vida humana. O neoliberalismo vai construir, destarte, uma nova “arte de governar”, através de um transformador programa de intervenção social dirigido a recodificar os discursos e normas e práticas sobre as que se instalara o liberalismo, bem como a reconfigurar profundamente as bases do Estado e a economia liberal, sem limitar-se, como têm assinalado ANDERSON (1998, 2003) ou HARVEY (2007), a um simples recuo do Estado ou à volta do livre mercado. Assim, pois, devemos fugir da análise reducionista que estabelece um *continuum* entre o liberalismo e o neoliberalismo como se o segundo fosse apenas uma versão renovada ou melhorada do primeiro. Em direção contrária, seguindo LAVAL e DARDOT (2013: 23), compre deitarmos a nossa análise, principalmente, naqueles elementos de ruptura, antes do que nos elementos de continuidade que entre ambos os projetos existam. E, para tanto, abordarmos aqueles aspectos realmente inovadores introduzidos pela lógica neoliberal na forma de governança do presente. Em conclusão, o neoliberalismo não é nem uma recomposição do liberalismo de começos do século XX, procurando voltar às raízes ou tentando recuperar o *espírito* do *laissez faire* da liberdade de comércio, da liberdade de circulação ou da propriedade privada de um mundo que funciona

---

<sup>144</sup> Nesta perspetiva tem-se desenvolvido uma ingente literatura destacando, por todos, os trabalhos de OSBORNE, em concreto, para o nosso estudo assinalaremos, por todos, OSBORNE e GAEBLER (1995) e OSBORNE e PLASTRIC (1998).

ele só; nem tampouco uma simples oposição ao intervencionismo e ao disciplinamento keynesiano, que impede o desenvolvimento económico e o progresso social.

O neoliberalismo, sem romper tampouco, na nossa opinião, radicalmente com o liberalismo, é porém, em palavras de FOUCAULT (2012: 158), mais do que a mera tentativa de reconstrução da sociedade mercantil. Estamos, então, perante um novo paradigma de governo, uma nova sociedade regulamentada não regida polos princípios liberais do troco, mas pola concorrência, a maximização dos benefícios e o risco. Ou seja, uma sociedade que deixa de estar submetida aos efeitos da mercadoria, para se constituir ao redor de uma dinâmica original e inédita: uma autêntica “sociedade-empresa”. E, portanto, o tradicional modelo liberal com base no desenvolvimento natural do mercado, é substituído por um modelo social de competição, rivalidade e disputa, resultado de uma política de profunda intervenção e condução social que procura economizar esferas da vida até então regido por outros valores e normas não estritamente económicos. Igualmente, o neoliberalismo não é tampouco uma perversão do liberalismo, como tampouco o seu desvario, encaminhado irremediavelmente face um processo degeneração, como advertem LAVAL e DARDOT (2013: 25). Quer dizer, um projeto político incapaz mesmo de produzir riqueza suficiente para a manutenção do próprio sistema, como se manifestaria com a desregulamentação financeira que levou para a *Grande Recessão* de 2008.<sup>145</sup> Para esta visão, o neoliberalismo seria apenas uma força destrutiva global geradora de mais desigualdade, pobreza e violência que, em última instância, nos conduziria a um cenário de explosão social.<sup>146</sup> No entanto, o projeto neoliberal seria um processo muito mais complexo do que um simples capitalismo desorganizado ou irracional. Ele, ao invés, seria uma racionalidade totalizadora cuja reorganização não se circunscreve à desregulamentação, à privatização ou à redução do Estado, mas o desenvolvimento de uma nova forma de vida submetida a um biopoder multiforme, híbrido e até contraditório. Em suma, diz-nos BROWN (2015: 19, 58-59), trata-se de uma ordem de governo e uma produção de sujeitos, sob uma razão específica e normativa,

---

<sup>145</sup> Para uma análise do impacto da *Grande Recessão* de 2008 no projeto neoliberal, vid., especificamente, Cap. 5.

<sup>146</sup> Neste sentido, para autores como KURZ (2016), o caráter autodestrutivo de capitalismo contemporâneo teria mesmo arrastando aos países socialistas levando para o seu fim o seu modelo económico e colapsando o conjunto do sistema mundial.

que se bem admite conteúdos diversos e particularidades normativas no tempo e na geografia, opera como uma única racionalidade global, ubíqua e onnipresente.

## 1.2. Racionalidade económica

Desta hipótese, o pensamento (pós)foucaultiano rompe com a visão mais convencional sobre o neoliberalismo, para abordá-lo como uma forma de gestão do público e do privado, que administra tanto a governantes quanto a governados. Um modo de governo, afirma FOUCAULT,<sup>147</sup> que deve ser pensado mais como “atividade governamental” do que como uma “instituição”. Assim, não importa tanto a concreta composição jurídica-política da que se dotar uma sociedade para fazer cumprir as suas normas, como as efetivas práticas, discursos e dispositivos que servem para conduzir as ações dos indivíduos. Por conseguinte, o papel central outorgado pelo liberalismo aos poderes públicos, como uma sorte de árbitros e garantes do bom funcionamento do mercado em particular e da sociedade em geral, é deslocado para um segundo plano. Pois para o neoliberalismo o elemento axial encontra-se na sua capacidade de penetração e expansão pelo tecido social, superando os espaços e locais nos que fora circunscrito pelo Estado e a sua institucionalidade. Aquilo que procura a lógica neoliberal, em consequência, é invadir o conjunto dos processos vitais que se geram na sociedade para imprimir neles uma racionalidade centrada na concorrência, no empreendedorismo e na criação (DELEUZE, 2008: 220-224).

O neoliberalismo, então, transmuta cada contorno da vida, cada conduta e cada rotina do indivíduo, que passa a se organizar segundo parâmetros económicos como critério universal.<sup>148</sup> Ora, esta reconstrução do modo de governo alcança tanto ao sujeito, quanto ao Estado, que têm no modelo gerencial-empresarial o seu patrão. Esta mudança observamo-la, em primeiro lugar, na interiorização dos princípios económicos no sujeito além dos tradicionais lugares da produção nos quais se teria conformado historicamente a relação capital/trabalho. Mas também, na justaposição –quando não substituição– de novas formas de realização do valor, em todas as esferas vitais, baseadas no autoinvestimento e não limitadas à

<sup>147</sup> Citado em LAVAL e DARDOT (2013: 15).

<sup>148</sup> Para FOUCAULT (2012: 225 e ss.), no neoliberalismo o indivíduo é objetivado pelas *verdades* da economia que vão guiar, desde então, a sua conduta como sujeito económico.



tradicional produção material (BROWN, 2015: 40-41). Em segundo lugar, observamo-la na reorganização do Estado que, diante da sua perceção como um obstáculo para o alargamento da vida económica, tem sido usado pelo projeto neoliberal como uma peça fundamental para a introdução da lógica da concorrência no seio da sociedade (LAVAL e DARDOT, 2013: 17, 25). Tem sido, logo, desde o Estado mesmo, e não à sua margem como tem sido afirmado pelo crítica convencional, que se desenvolveu um grande programa de penetração da racionalidade económica na sociedade (JESSOP, 2016, 99, 323). Destarte, o projeto neoliberal articula-se, acima de tudo, como uma razão-guia que, tanto gere os indivíduos direcionando as suas vidas, como administra a institucionalidade sob uma nova formulação. À vista disso, os sujeitos são cifrados como seres fundamentalmente económicos que interatuam na sociedade-empresa e o seu agir diário é adequado a tais critérios como norma condutual, independentemente, da sua concreta atividade vital. Eis a singularidade principal da racionalidade neoliberal: a sua capacidade para sair das instituições predeterminadas pela sociedade fabril, prototípica do Estado de bem-estar, nas quais para FOUCAULT (1979: 15) se “domesticavam” os indivíduos uteis. Por isso, conquanto os modelos disciplinares são postos em causa para seguir produzindo e reproduzindo uma determinada realidade social tanto pela sua insustentabilidade económica, quanto pela sua ineficácia e ineficiência; o programa neoliberal aposta por abandonar, como veículo principal, a institucionalidade *welfarista* e trasladar o controlo económico-político da sociedade aos mais variados planos da vida humana, alastrando por todo o corpo social e reorientando os seus objetivos para o interior dos indivíduos (DELEUZE, 2008: 221).

Igualmente, a racionalidade neoliberal transforma o governo cada vez mais em gestão administrativa. Ante o Estado hobbesiano, onipotente e soberano que ordena a vida pública com autoridade e coerção, opõe-se uma outra perceção, fundamentada na administração dos diferentes e múltiplos atores, quer públicos, quer privados, a operarem na sociedade. Uma forma de interação, com certeza, apresentada como resultado da internacionalização da economia, dos avanços tecnológicos ou da crise do tradicional Estado-nação, procurando gerir o desenvolvimento económico e social desde outros parâmetros, como por exemplo, através da gestão técnica da administração pública, da desregulamentação e da privatização dos

principais sectores económicos.<sup>149</sup> Porém, esta nova gerência pública implementada pela racionalidade neoliberal não se reduz apenas a um padrão de administração economicista do público, mas a uma completa política reitora do conjunto da sociedade que se expressa em práticas, hábitos e rotinas concretas.<sup>150</sup> Parafraseando a BROWN (2005: 161), o governo neoliberal mais do que um instrumento de gestão é a condição de possibilidade e legitimidade, o campo a partir de qual se forjam as técnicas de gestão dos indivíduos que são interpretados exclusivamente em termos económicos. É, portanto, nesta especial triangulação Estado-economia-indivíduos que a racionalidade neoliberal estabelece uma inovação transcendental na forma como gerir a população. Por dizê-lo doutro jeito, o neoliberalismo introduz como particularidade a respeito do modelo liberal uma singular relação entre uma nova institucionalidade e um novo sujeito atravessada pelos princípios económicos. Para observarmos esta relação, sequer de maneira preliminar, poremos o foco de atenção no conjunto de políticas sociais específicas, originadas desde os centros de poder político-económicos e distribuídas pelo espaço social, encaminhadas a transformar os indivíduos em atores principais da sociedade empresarial. E, em suma, analisaremos as profundas reformas sociais que, em opinião de LAVAL e DARDOT (2013: 143), constituem uma autêntica *política da condição humana*. Uma “política produtiva” vocacionada à criação de um modo de vida genuíno e, com veremos, dirigido para uma nova representação do sujeito neoliberal, cristalizado em discursos, em práticas e em rotinas que implica uma radical diferença com a conceção do neoliberalismo como sendo apenas um fenómeno exclusivamente destrutivo da vida.

Ora, como antecipamos, o processo de formação dos sujeitos já não se realiza unicamente nas instituições prototípicas da disciplina, onde os indivíduos eram instruídos e, no seu caso, corrigidos, para torná-lo úteis às específicas necessidades da sociedade fordista

---

<sup>149</sup> Esta perspetiva viveu uma destacada expansão no relativo à gestão pública desde os anos oitenta e noventa, principalmente, no mundo anglo-saxão através da denominada Nova Gerência Pública (*New Public Management*), cuja perceção da administração pública e do sector estatal entronca com o pensamento económico neoliberal, com a privatização e desregulamentação, a eficácia e eficiência e o individualismo. Vid., por todos, CLARKE e NEWMAN (1997), OSBORNE e GAEBLER (1995). Para aprofundar sobre esta lógica, vid. Cap. 4.

<sup>150</sup> Como bem indica LEMKE (2006: 14), a crise do keynesianismo e a desmontagem das formas de intervenção encarnadas no Estado de bem-estar não acarretou tanto uma perda da capacidade do Estado para governar, como uma reestruturação das tecnologias de governo. Desta posição, para o teórico alemão, abre-se uma análise mais complexa das formas de governo neoliberal que não só se caracterizam pela intervenção direta por meio de aparatos estatais especializados e dotados de poder, mas também pela posta andamento de práticas e técnicas para conduzir e controlar aos indivíduos.

(FOUCAULT, 1990: 32 e ss.). O progressivo declínio do modelo fabril e, com ele, a desintegração dos espaços balizados, física e temporalmente, nos quais os indivíduos eram disciplinados, acompanhado da perda de centralidade do Estado no âmbito económico e político (HARDT e NEGRI, 2002: 37 e ss., 187 e ss.), deslocou a conformação dos sujeitos para um novo cenário: o mercado. Mas um mercado não delimitado aos locais de troco de bens e serviços descritos pelo liberalismo clássico, mas entendido como um habitat social, flexível e ubíquo pelo que circulam normas, símbolos e códigos a guiarem as ações dos sujeitos. Em suma, um mercado no que o indivíduo descobre as suas potencialidades, as suas capacidades e, também, as suas debilidades para agir com sucesso na sociedade. O mercado habilita-se como o espaço neutral para a melhora, o aperfeiçoamento e a formação constante através do conhecimento de si como forma única de organização social válida. Porquanto as relações sociais são substituídas por relações propriamente mercantis, alargando a lógica de negócios para todos os espaços vitais e fazendo prevalecer o relacionamento mercantil como o modo correto de relacionamento social.

Em síntese, o mercado é o veículo portador do *espírito comercial*: da concorrência, da rivalidade e do risco, como essência vital para a manutenção da economia neoliberal (LAVAL e DARDOT, 2013: 147). O mercado é, em efeito, o lugar onde o indivíduo aprende a gerir a sua vida, incorpora hábitos, comportamentos funcionais e produz e reproduz quadros de perceção da realidade como ator protagonista da sociedade. Neste sentido, BAUMAN (2007: 47-49) tem apontado para a identificação e a individualização do sujeito no mercado, nomeadamente, através do consumo como o processo chave na conformação de identidades vitais que, em última instância, servem para subsumir o indivíduo na lógica mercantil. Porém, a diferença da análise marxista,<sup>151</sup> para o autor polaco, em primeiro lugar, os indivíduos não são uniformizados, nem escravizados, mas eles são livres para conformar a sua própria e genuína identidade, sempre e quando se tratar de alguma das identidades comercializadas.<sup>152</sup>

<sup>151</sup> Para MARX (2010: 121, 177, 230, 319) o mercado (de trabalho) é o lugar onde se produz a exploração e subordinação dos indivíduos ao trabalho forçado, servil e escravo, imposto pelas condições de produção nas quais os meios de produção estão sempre em mãos dos capitalistas.

<sup>152</sup> Sinala BAUMAN (2005a: 274), “*um pode aprender a expressar-se quer como uma mulher moderna, liberada e desenfadada, quer como uma ama de casa, sensata, responsável e disposta, quer como um milionário de nova geração, implacável e assertivo, quer como um tipo jovial e simpático, quer como um macho de campo aberto, com bom estado físico, quer como uma criatura romântica, sonhadora e fomenta de amor, ou como uma mistura de todas ou algumas destas identidades (...)*” o relevante é que “*as identidades comercializadas pola*

E em segundo lugar, o mercado, percebido como sendo o atual espaço de construção da identidade, estaria mais centrado no consumo do que na produção. Pois o processo de desindustrialização teria provocado a passagem do consumo para o lugar central do mercado onde o indivíduo se transforma em sujeito, molda a sua identidade, adquire conhecimentos e o seu sistema de valores. Para BAUMAN (2008: 154 e ss.) o mercado é quem codifica o processo político, marcando as técnicas, estratégias e conceitos reitores da relação entre governantes e governados. Não se trata, por isso, apenas da introdução de uma gestão técnica como resposta às exigências da economia contemporânea na procura de novo rol para o Estado e o indivíduo.<sup>153</sup> No entanto, daquilo do que se trata é de estabelecer uma malha grelha social, que não se reduz a uma passagem da obediência estatal para uma obediência mercantil ou livre-cambista, nem tampouco o traspasso das competências de governo para os próprios sujeitos. A posta em causa do modelo *welfarista* pela governamentalidade neoliberal implica a assunção por parte dos sujeitos da administração da sua própria vida passando da burocracia estatal à gerencia empresarial individual. O neoliberalismo é, então, mais do que o grande triunfo do individualismo, ele supõe uma volta do indivíduo sobre si mesmo através do empreendimento económico como forma para governar a sociedade e a forma empresarial como padrão da individualidade.

Deste modo, a razão neoliberal não se limita a desregulamentar e privatizar a esfera pública do Estado para deitá-la em mãos do mercado e dos seus consumidores. Além disso, o neoliberalismo reformula a obediência sob novos princípios, em primeiro lugar, segundo BROWN (2005: 236-237), com base no cálculo do mercado que invade a totalidade do espaço social, bem como qualquer relação do indivíduo tanto pública como privada, fazendo, em consequência, indistinguíveis ambas as esferas. Em segundo lugar, os princípios reitores da vida humana, resultado do processo da democratização da sociedade e da ampliação de direitos civis, políticos e sociais, incorporam um potente conteúdo económico, de modo que a realização de qualquer ação tem de contemplar sempre o seu custo/benefício. Ou seja, o

---

*marketing vêm acabadas com a etiqueta de aprovação social já aderida de antemão. Por conseguinte, evita-se a incerteza respeito da viabilidade de uma identidade construída pelo próprio sujeito e a agonia de procurar a sua confirmação*”. Cfr. em PLA VARGAS (2013: 54).

<sup>153</sup> No entanto, advertimos que esta nova gerencia publica de carácter profundamente técnico e economista não constitui um *corpus* único, mas um leque de correntes diferenciadas em multidão de ocasiões com percepção sobre a natureza e conteúdo do Estado e dos indivíduos divergente entre elas.

âmbito político muda em económico e o económico expande-se ao âmbito político para a tomada de qualquer decisão por quotidiana que esta for. Em terceiro lugar, os indivíduos não só devem procurar os seus interesses maximizando o seu lucro, senão que eles devem tomar uma posição ativa na sociedade melhorando a sua posição, formando-se constantemente e investindo no incremento das suas potencialidades. Por último, este processo vital de aperfeiçoamento apenas é valorizado em termos de rentabilidade e em exclusiva para o aumento do capital vital, mas nunca como mera ampliação dos conhecimentos ou habilidades de tipo cultural ou intelectual. A gerência da vida institui-se, então, como o ponto central do modo de governo neoliberal, centrado, antes na condução, na direção e na administração da população, do que em ser o garante da sua ordem ou proteção.

Numa perspetiva substancialmente diferente à conformada pelo Estado liberal ou polo Estado providência, o governo neoliberal não oferece, como *prima ratio*, nem segurança pública, nem assistência social. Ele aquilo que faz é, antes de tudo, criar as condições de possibilidade para os sujeitos procurarem a sua própria proteção, assumindo a sua responsabilidade como agentes racionais e prudentes a operarem na sociedade. Cada eventualidade ou contingência que acontecer, os indivíduos devem resolvê-la sempre segundo as suas próprias ações sem necessidade de intermediação estatal. Ora, essa tomada de decisões não responde, como sinalamos, a nenhuma lei natural que guie o seu comportamento, mas elas são fruto de um conjunto de saberes, conhecimentos e discursos construídos.<sup>154</sup> Noutras palavras, as *verdades* que não são já impostas através de qualquer instrumento de coerção, pois elas são conformadas, principalmente, no agir quotidiano das pessoas.<sup>155</sup> Ao invés, a opressão surge diretamente desde o interior, desde o próprio seio do sujeito que se obriga consigo mesmo numa dinâmica de autocontrolo (ROSE, 2014: 91-92). Em definitiva, através de um processo de formação e desenvolvimento contínuo de um espírito de gestão que conduz a vida sem necessidade de um ator externo. Ele apresenta-se, logo, como um processo livre, com sujeitos libertados que devem avaliar as diferentes hipóteses e comportamentos, sem

---

<sup>154</sup> Eis para LEMKE (2006: 7) o ponto central da análise foucaultiana, na sua crítica à visão negativa ou repressora do poder que esse exerce sobre os indivíduos e, portanto, infravalorizando o seu efeito positivo ou produtivo, enquanto, desde a sua opinião, os sujeitos são, essencialmente, produtos dos mecanismos de poder.

<sup>155</sup> Neste sentido, FOUCAULT (2012: 32-33) afirma que as práticas sociais são indissociáveis de um *regime de verdade*, um dispositivo de *saber-poder* que marca efetivamente no real o inexistente, e submente em forma legítima à divisão do verdadeiro e do falso.

preexistência de uma ordem direta e externa que determine cada ação, mas aquele que antecede é um quadro de possibilidade a conduzir de modo indireto e oblíquo o agir dos indivíduos de entre as diversas opções disponibilizadas.

### **1.3. Governar desde a gestão**

De conformidade com o exposto, comprovamos que a vida passaria a ser governada mais por saberes, conhecimentos e discursos focados na proteção, na segurança e na responsabilidade de si próprio, do que por estritas estruturas administrativas ou agências políticas e económicas convencionais. Contudo, apontam LAVAL e DARDOT (2013: 231-232), a articulação deste autogoverno, como processo adquirido durante a criação da identidade individual não seria possível sem as profundas transformações produzidas na sociedade contemporânea particularizadas no risco, na incerteza e na exclusão social. Como descreve BECK (2002), as linhas divisórias da desigualdade, das certezas vitais e da insegurança esvaecem-se de forma profunda no capitalismo contemporâneo. Assim, fenómenos como a decomposição do mundo do trabalho industrial, a revolução tecnológica, a internacionalização da economia, os grandes processos migratórios, o declínio da estrutura de classes sociais tradicionais ou a fragmentação familiar e social, vão estender o risco de exclusão à prática totalidade da população, afetando ao conjunto de capas sociais que durante o fordismo alcançaram vidas seguras e estáveis. Nesse contexto social, a difusão de uma outra percepção da realidade, sob a ameaça do desemprego e a escassez de recursos, alarga-se de um jeito exponencial introduzindo uma perspetiva vital mais dinâmica e reflexiva, adaptada a uma nova composição social e económica, com novas exigências e novas demandas.<sup>156</sup>

Consequentemente, o contexto de uma sociedade perigosa, insegura e excedentária resultou imprescindível para a conformação de uma nova subjetividade. Isto é, um novo indivíduo que não é mais o sujeito passivo, dócil e produtivo, arquetípico da sociedade fabril (FOUCAULT, 1990: 182-184). O indivíduo da produção em massa, subsumido na grande

---

<sup>156</sup> Neste sentido, diferentes autores têm apontado, entre outros, BAUMAN (2002), CASTEL (2008) CASTELLS (2000), numa linha analítica similar. No entanto, talvez tenha sido BECK (1998; 2002) quem com maior sucesso colocou no debate o papel central do risco, o medo ou a incerteza como motor da sociedade contemporânea. Um risco que opera como motor coletivo e individual num cenário de degradação do capitalismo industrial.



fábrica, despersonalizado, de pensamento utilitarista e certezas vitais estáveis, apenas guiado polos interesses e bens materiais, tem de descobrir novas “dimensões” para (sobre)viver no capitalismo do presente.<sup>157</sup> O sujeito neoliberal, para tanto, implica-se na sociedade, confronta as adversidades e procura alternativas, inova, participa e procura o seu progresso individual. Em definitiva, a sua vida não é governada por um agente alheio que predetermina o seu rol, mas ele assume a sua governança por inteiro, adota as suas decisões e marca os seus objetivos. Noutras palavras, seguindo novamente a LAVAL e DARDOT (2013: 332-333), o sujeito neoliberal transforma-se num ser capaz de suportar e, acima de tudo, administrar as novas condições de vida e, assim, confrontar aos seus reptos. Pois convive com a incerteza e a insegurança, exposto aos riscos em todas as faces da sua vida, que só a sua própria gestão individual podem evitar ou minorar. Deste modo, a ruptura das grandes redes de proteção social, desde a fábrica, às agências públicas sociais e assistencialistas do Estado de bem-estar, como núcleos organizadores da vida durante décadas, obrigaram ao sujeito a procurar polos seus próprios meios, conhecimentos e habilidades a supervivência na sociedade, concorrendo, rivalizar ou cooperando com outros para alcançar os seus objetivos, otimizando os seus recursos e assumindo aqueles riscos que forem precisos. Assim, se o Estado *total* de antanho e o seu modelo de integração vão desaparecendo, corresponde, então, a cada sujeito procurar a sua saída individual. No entanto, este processo conforma-se, aliás, como autêntico círculo vicioso no que a própria dinâmica individualista e personalista como modo de confrontar a realidade social redundam, por seu turno, no aprofundamento da erosão das solidariedades coletivas e das redes comunitárias de segurança social historicamente constituída ao redor da família, a fábrica, o bairro ou a igreja e, portanto, não fazem mais do que perpetuar as mais duras condições de vida.

Compreendermos, destarte, a gestão do corpo social como não sendo apenas um modo de coerção externa sobre os indivíduos, mas tampouco uma simples sedução ou qualquer forma de mercadologia governamental, vai ter consequências analíticas importantes. Tudo isso, na medida em que, por uma banda, a racionalidade neoliberal opera numa frequência mais intensa e mais densa do que isso. Ela atravessa toda a realidade social com normas, valores e

---

<sup>157</sup> Assim sendo, o indivíduo “unidimensional” da sociedade industrial, brilhantemente radiografado por MARCUSE (2010), acomodado, instalado no bem-estar capitalista e incapaz de perceber-se a si mesmo além da simples satisfação material, chega ao seu fim.

dispositivos, a circularem em múltiplas direções, com a finalidade de criar um hábitat no que o sujeito é o elemento constituinte, em suma, um ambiente social no que o indivíduo incorpora, como parte do seu *ethos*, uma nova narrativa. Por outra banda, do mesmo modo que o neoliberalismo não é uma sucessão ou uma melhora do liberalismo clássico, o sujeito neoliberal também não é uma continuação do sujeito da sociedade industrial, senão que ele se constitui como um novo tipo de ser genuíno e original. Em definitiva, como advertem LAVAL e DARDOT (2013: 359-360, 366), o modo de governo neoliberal já não pode ser tamisado por nenhum tipo de atualização da reprodução social da modernidade capitalista baseada na produção material, na poupança e no consumo. Não se trata, pois, nem de produzir, nem consumir qualquer bem ou serviço, trata-se, acima de tudo, de produzir e consumir desejos, ilusões e esperanças (ROSE, 2007: 128 e ss.).

Numa outra dimensão, a vida por inteiro passa a formar parte do circuito do ciclo económico, todas as esferas por íntimas ou banais que elas forem estão atravessadas pela razão económica. Isto muda substancialmente a forma, mas também o tempo e o espaço da relação de produção e reprodução, alargando-se por todo o tecido vital, examinando-a em toda a sua especificidade e transformando-a no novo espaço por excelência da relação capitalista. Por melhor dizê-lo, aquilo que acontece é o neoliberalismo a submeter os desejos, as ilusões e as esperanças dos indivíduos a uma produção e reprodução socioeconómica ao serviço das suas próprias necessidades, articulando os seus objetivos por meio de todos e cada uma das componentes da vida social e individual. Neste sentido, como sustem ZANGANO (2011: 117), a racionalidade neoliberal coopta a emocionalidade do sujeito para convertê-la na nova matéria das suas formas de gestão. Ela desloca, para tanto, o seu foco de atenção dos “corpos dóceis” do indivíduo industrial para capturar o conjunto dos estados afetivos do sujeito, apropriando-se para si a gestão, o controlo e a exploração de todas as esferas da vida humana. O indivíduo é concebido, então, com uma universalidade, uma única substância que inclui o físico, o intelectual e o emocional. Não existe uma divisão ou linha de separação entre corpo e mente, pela contra, ele é tomado com uma realidade com múltiplas dimensões sobre as que agir, mas todas formando parte de um tudo. Assim, a conceção dos modos de gestão da vida no capitalismo pós-fordista ultrapassa essa dualidade corpo-mente da sociedade fabril, no que o primeiro dos elementos, o corpo, era submentido à disciplina da fábrica, onde era

domesticado e explorado; porém, o segundo dos elementos, a mente, sempre ficava por fora das relações de produção e, conseqüentemente, por fora das relações de controlo.<sup>158</sup> Segundo ZANGANO (2011: 119-120), esta é a mudança fundamental que se estabelece entre o capitalismo fordista e o capitalismo pós-fordista, a consideração integral do sujeito.<sup>159</sup> Em razão, é desta mudança de perspectiva que as formas de gestão neoliberais adquirem o seu carácter inovador, colocando os desejos, as ilusões e as esperanças num ponto central, como cerne da conduta individual. Pois em última instância, a emocionalidade determina a vontade do indivíduo, o seu destino e o seu ser, em total, os aspectos mais íntimos que permitem a consideração do sujeito como uma totalidade.

Para autores como NEGRI (1980: 167-168), esta aproximação às formas contemporâneas de gestão da vida implica, aliás, uma profunda mudança nos modos de produção historicamente ligados ao capitalismo, centrados, até então, na exploração do corpo individual como forma de extração de valor. Desta ótica, em linha novamente com a teórica argentina, o controlo, submetimento e exploração dos sujeitos sob a lógica pós-fordista não se reduz apenas à atividade física do indivíduo como uma parte mais de um processo mecânico, passivo e repetitivo. Contrariamente, agora o processo produtivo e reprodutivo é dinâmico, ativo e inteligente, em efeito, o sujeito tem um papel capital, de criação e de participação socioeconómico que transcende por completo a seu antigo rol. Ele é o núcleo da produção, encravado no processo económico através das suas habilidades, saberes e conhecimentos relacionais e comunicacionais que surgem apenas das suas capacidades intelectuais e emocionais (ZANGANO, 2011: 178). Em síntese, o neoliberalismo opera desde o centro das experiências subjetivas, dos desejos e das expectativas vitais construídas pelo indivíduos durante a sua vida. Os modos de gestão fazem-se mais complexos, não basta com prender ao sujeito na cadeia de produção/reprodução, a racionalidade neoliberal age com outros critérios. Não se trata, pois, de o sujeito aceitar voluntariamente a sua participação, mas ele mesmo desejar, tencionar e ambicionar a sua integração na sociedade da empresa, colocando as suas

---

<sup>158</sup> Compre, no entanto, advertir que as disciplinas fordistas estudadas por FOUCAULT (1990) não desconsideravam na sua análise o controlo da “mente”, se bem não com a intensidade do fenómeno pós-fordista.

<sup>159</sup> Nesta perspectiva, um conjunto de autores, entre outros, BOUTANG (2004,2007), NEGRI (1980), LAZZARATO e NEGRI (2001), VIRNO (2003), têm desenvolvido uma corrente analítica que põe o foco nas transformações produzidas na passagem do modo de produção fordista para o pós-fordista. Vid., neste sentido, Cap. 3.

capacidades, a sua criatividade e o seu compromisso ao seu dispor. Em resumo, a lógica do controlo sob a razão neoliberal muda, passando da imposição objetiva para a “mobilização subjetiva” (ZANGANO, 2011: 179). Desta focagem, compre examinarmos, não tanto o plano macropolítico da expansão da lógica capitalista, mas, antes bem, o plano micropolítico: isto é, os efeitos e consequências que as novas relações do capital têm na conformação da subjetividade contemporânea. Aproximar-se, deste modo, ao processo político como um fenómeno multidimensional a operar por meio de uma multidão de dispositivos de governo dirigidos a construir uma subjetividade singular, funcional aos objetivos de um novo contexto social, económico e político racionalizado pelo neoliberalismo. Para tanto, resulta imprescindível ampliarmos a abordagem interpretativa às normas, valores e práticas que enquadram as ações vitais que os indivíduos realizam sobre si próprios e sobre os demais numa determinada época e num concreto *espírito capitalista* que conduz as suas ações. Pois em palavras de ZANGANO (2011: 92), o centro da análise da forma como somos governados encontrar-se-ia, principalmente, nos valores, nas normas e nas práticas que produzem discursivamente, no plano objetivo, uma sociedade capitalista e, plano subjetivo, um sujeito da sociedade capitalista.

## 2. “CUIDADO DE SI” NO SUJEITO NEOLIBERAL

Reconhecermos a vida humana como uma vida exposta ao devir da racionalidade económica, conforme trataremos de frisar na presente epígrafe, implica analisarmos um conjunto de saberes, discursos e práticas individuais vocacionado, antes de mais, a modelar os desejos e as necessidades dos sujeitos conforme os mandatos da sociedade empresarial. Nesta perspetiva, destacamos o rigor analítico dos estudos anglofoucaultianos que nos convidam a refletir sobre as ações concretas que implantam um tipo de *verdades* em espaços e instituições sociais diversas, bem como nas diferentes estratégias, práticas e técnicas do governo da vida. Noutras palavras, propõem examinarmos como as autoridades de poder consagram um corpus de conhecimentos legítimos que “conduzem a conduta” dos indivíduos num determinado regime político.<sup>160</sup> Uma abordagem, a que estes autores nos referem, em concordância com o processo de construção de uma *ética* sinalado por FOUCAULT (1994: 260), que estrutura a

<sup>160</sup> Neste sentido, tomaremos de preferência os trabalhos desenvolvidos por ROSE (1993, 1999, 2007, 2011, 2012 e 2014).

forma de os sujeitos se relacionarem. Mas uma ética percebida também como uma prática de liberdade, pois ambas constituem o binómio sobre o que age o indivíduo na sua vida: a ética é a liberdade posta em ação e a liberdade é guiada pela ética que opera, em última análise, como o quadro regulatório do seu estilo de vida. Aprofundando nesta lógica, ROSE (1999: 61-97) descreve os indivíduos como seres obrigados a viverem livremente e a adotarem as suas decisões sem intermediação, ora, sempre de conformidade com determinadas normas e valores assumidos como próprios. Em síntese, poderíamos adiantar já, como no capitalismo neoliberal vivemos uma liberdade que é regulamentada, pois as decisões dos sujeitos estão balizadas por uma rede complexa de alianças e compromissos entre as autoridades e os complexos de peritos que conduzem a realização de um mesmo. As formas de administração da vida tomam, então, como elemento principal da conduta um *saber-ser* heteroimposto que serve, por seu turno, para construir um sujeito-ético. Isto porquanto a ética é, como afirma ZANGARO (2011: 17, 27 e ss.) seguindo a interpretação foucaultiana, o modo de subjetivização concreto e, aliás, o eixo comportamental dos atos e sentimentos do indivíduo. Portanto, o sujeito é capturado na sua integridade por meio das suas atitudes, as suas aptidões e os seus desejos. E ele irá interiorizando um determinado modelo gestão de si e rejeitando qualquer imposição hierárquica e vertical das suas obrigações. Em direção oposta, o sujeito aquilo que faz é obrigar-se livremente à gestão da própria vida num processo de construção de um “eu” autogerido.

Para FOUCAULT (2008a: 45-94) este processo encontra resposta na lógica interna da governamentalidade e, em concreto, nas práticas de sujeição pelas que os indivíduos se submetem aos imperativos sociopolíticos e que vão além da simples coerção. Como assinalamos, o poder nem sempre impõe, mas incita, induz ou facilita. Em suma, ele faz com que umas opções sejam mais prováveis do que outras através de intervenções dirigidas a condicionar as ações presentes e futuras. Assim, o filósofo francês para abordar por completo esta dimensão acrescentou, nos seus últimos trabalhos, ao conceito de governamentalidade o estudo sobre os processos de subjetivização como parte fundamental da gestão biopolítica.<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> Fazemos referência, concretamente, ao curso do *Collège de France* de 1982-1983 intitulado *O governo de si e dos outros* no que FOUCAULT (2011) superpõe a governamentalidade com o estudo do sujeito e a verdade, iniciado no curso de 1982, sob o nome de *Hermenêutica do sujeito*, centrando as suas pesquisas na noção do “cuidado de si” como paradigma do governo de si e dos outros.

Segundo FOUCAULT, o governo da vida esteve sempre ligado à produção de um tipo de sujeito determinado e enquadrado num diagrama de poder próprio de um concreto regime político, e sobre ele é que deve discorrer uma parte central da análise da “arte de governar”. Deste modo, ao lado do que o autor denominou como *tecnologias de governo dos outros*, que ele identifica com o conjunto de normas impulsionadas por uma autoridade externa a fim de conduzir a vida dos sujeitos, coexistem o que designou por *tecnologias de governo do eu*. Estas são aquelas técnicas nas que, ao invés, é o sujeito que as exerce sobre si mesmo sem participação de um terceiro alheio. Para o autor, é desde esta complexidade do governo da vida -dos outros e de si mesmo- que devemos analisar a constituição do indivíduo como sujeito de governo, em relação com os demais e consigo mesmo.<sup>162</sup> Em síntese, aquilo que procura a análise foucaultiana, seguindo DEAN (1999: 175 e ss.), é observarmos como o sujeito interioriza o governo da própria vida, sem necessidade de ingerência externa, mas, fundamentalmente, através da sua própria liberdade. Tudo isso, como veremos, especialmente após a solidificação do neoliberalismo, no qual as formas de “governo de si” irão cobrando maior intensidade como modo de extensão dos critérios da racionalidade económica à existência da vida humana e às suas formas de relacionamento.

Deste modo, FOUCAULT (2008a, 2011) explorou a formação do “cuidado de si” do sujeito, pesquisando as suas origens nos inícios do pensamento ocidental. Neste sentido, o autor identifica já no período histórico do mundo greco-romano da Antiguidade clássica uma primeira preocupação do indivíduo pelo “eu”, mediante a aquisição de habilidades e atitudes concretas que regem a sua vida consideradas tanto individualmente, como também do conjunto da conduta social.<sup>163</sup> Isto, leva ao filósofo galo a concluir que a preocupação de si se converte numa verdadeira norma de vida vocacionada à transformação de um mesmo e não um mero princípio abstrato que serve de guia para a população.<sup>164</sup> A seguir, FOUCAULT

---

<sup>162</sup> Para FOUCAULT (2011:45-52, 123-124, 261-268), o “governo de si e dos outros” constitui o modo de governo do sujeito e do seu relacionamento como o método discursivo que permite ao indivíduo comunicar-se consigo mesmo e com os demais.

<sup>163</sup> Assinala FOUCAULT (2008a: 50) que “o preceito “ocupar-se de um mesmo” era, para os gregos, um dos principais princípios das cidades, uma das regras mais importantes para a conduta social e pessoal e para a arte da vida”.

<sup>164</sup> Para FOUCAULT (2008a: 55) o “cuidado de si” no mundo greco-romano “adquire uma importância crescente como primeira etapa na teoria do conhecimento. Resumindo: houve uma inversão entre a hierarquia dos dois princípios da Antiguidade, “preocupa-te de ti mesmo” e “conhece-te a ti mesmo”. Na cultura greco-



percorre um segundo período histórico do pensamento ocidental, centrando a sua atenção no cristianismo e nos seus princípios monásticos, identificando outro modo de conhecimento de si mesmo, baseado agora na espiritualidade, a obediência e a contemplação do sujeito que conduz aos fieis.<sup>165</sup> Com isto o autor extrai, por meio do repasso tanto polo mundo greco-romano, como pela espiritualidade cristã, a existência de um fio condutor desde os começos do pensamento ocidental do “cuidado de si” como fundamentado da vida que chegaria até o presente, conforme testemunham os discursos, as técnicas e as práticas do modo de vida vigorantes desde a antiguidade.

A partir desta hipótese, FOUCAULT (2002: 75 e ss.), antes do que confrontar as diferentes formas de os sujeitos se construírem a si mesmos, o que ressalta é, por uma banda, a formulação de um quadro interpretativo determinado para o desenvolvimento do “eu” e, nomeadamente, dos seus modos de vida em cada período histórico; e, por outra, como o sujeito articula o seu “eu” através de um conjunto de tecnologias como princípio essencial da arte da vida. Por dizê-lo de um modo diferente, o autor identifica e localiza aquelas práticas históricas encaminhadas à construção do sujeito como governança das populações porquanto são práticas biopolíticas.<sup>166</sup> Ora, longe de qualquer conceção essencialista do sujeito, a proposta foucaultiana o que faz é colocar o papel da subjetividade no centro da análise das práticas de governo. Pois segundo FOUCAULT (2012: 91-92), toda tentativa dos modos, saberes e técnicas de governo que se foram elaborando ao longo da história ocidental foram

---

*romana o conhecimento de si apresentava-se como a consequência da preocupação por si. No mundo moderno, o conhecimento de si constitui o princípio fundamental”.*

<sup>165</sup> Segundo FOUCAULT (2008a: 80-81) “o cristianismo não é apenas uma religião de salvação, mas é uma religião confessional. Impõem obrigações muito estritas de verdade, dogma e cânon, mais do que fazem as religiões pagãs. As obrigações referidas à verdade de crer tal ou qual coisa eram e são, todavia, muito numerosas. O dever de aceitar um conjunto de obrigações, de considerar determinado número de livros como verdade permanente, de aceitar as decisões autoritárias em matéria de verdade, o não só crer determinadas coisas, mas o demonstrar que um as crê e o aceitar institucionalmente a autoridade, são todas características do cristianismo. O cristianismo requer outra forma de verdade diferente da fé. Cada pessoa tem o dever de saber quem é, isto é, de tentar saber que é o que está passando dentro de si, de admitir as faltas, reconhecer as tentações, localizar os desejos, e cada qual está obrigado a revelar estas coisas ou bem a Deus, ou bem à comunidade, e, portanto, de admitir o testemunho público ou privado sobre si”.

<sup>166</sup> Neste sentido, FOUCAULT (2008a: 48) propõe quatro tipos principais de tecnologias e cada uma delas representa uma matriz da razão prática: “1) tecnologias da produção, que nos permitem produzir, transformar ou manipular coisas, 2) tecnologias de sistemas de signos, que nos permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significações; 3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, os submete a um tipo de fins ou de dominação, e consistem numa objetivação do sujeito; 4) tecnologias do eu, que permitem aos indivíduos efetuar por conta própria ou com a ajuda de outros, um número de operações sobre o seu corpo a sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com a finalidade de alcançar um estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade”.

encaminhados à produção de uma vida autogerida, ou seja, um governo da vida que se produz tanto desde o seu exterior, como do seu interior. A vida seria, segundo o filósofo galo, conduzida tanto por instituições alheias, como pela *ética* própria do sujeito. Ou dito de outra forma, os mecanismos e técnicas utilizadas pelo governo para a administração da vida seriam tanto os discursos, sabres e práticas do *governo dos outros* como do *governo do si* (FOUCAULT, 2002: 240 e ss.).

Para FOUCAULT (2008a: 224), a subjetividade, percebida como processo histórico de formação do sujeito, constitui a outra face da governamentalização, posto que ela permite a passagem de um sujeito-objeto passivo do poder político para um sujeito ativo e reflexivo que se relaciona com os demais e consigo mesmo num cenário de incertezas. Adverte o autor, como o governo da vida não se realiza apenas pela sujeição a uma série de normas ou regras predeterminadas de um regime político concreto, senão que ela é completada com as práticas individuais e singulares –voluntárias e espontâneas, mas adquiridas– que procuram o conhecimento e o cuidado de si.<sup>167</sup> Assim sendo, FOUCAULT descreve um conjunto de técnicas que possibilitam aos indivíduos efetuarem uma série de operações nos seus próprios corpos, nas suas almas, nos seus pensamentos, nas suas condutas, e tudo isso de uma maneira que os transforma a si mesmos, que os modifica, com o fim de alcançar um estado de aperfeiçoamento e bem-estar. Em síntese, um leque de técnicas que configuram ao sujeito como um ser capaz de se enfrentar aos acontecimentos da vida.<sup>168</sup> O “cuidado de si” é, então, a forma de os sujeitos se prepararem para a vida, através da aquisição e aprendizagem de conhecimentos e saberes vocacionados à conversão de um mesmo por si mesmo. Porém, este é um cuidado reflexivo e racional, em constante revisão e atualização da conduta, em permanente melhora e aperfeiçoamento, na medida em que o indivíduo adquire um compromisso próprio com o seu (auto)cuidado para alcançar o progresso, bem-estar e desenvolvimento integral da sua vida. Mas ele não é exibido como uma exigência externa ou

---

<sup>167</sup> Assinala FOUCAULT (2008a: 50), “o cuidado de si consiste no conhecimento de si. O conhecer-se a si mesmo converte-se no objeto da procura do cuidado de si. A ocupação com ele mesmo e as atividades políticas estão relacionadas”.

<sup>168</sup> Vid. MOREY (2008: 35-36), que cita as técnicas de produção, significação e dominação descritas por FOUCAULT na *Howison Lecture*, como tecnologias de um mesmo ou *tecnologias do eu*, aclarando que esse *eu* –que ele traduz por *self*– não é o sujeito, mas o interlocutor interior desse sujeito.

mesmo uma obrigação vinda do aparelho institucional, mas, antes bem, como uma vocação ou impulso individual de inovação, evolução e criação de si mesmo que é exercido sobre si.<sup>169</sup>

Em consequência, FOUCAULT (1994: 263) vai identificar o “cuidado de si” como uma ética de si mesmo, mas também como forma de relacionamento com os outros. Isso significa, portanto, que o governo da vida atua sempre numa dupla direção: por um lado, como uma administração da própria vida do sujeito e, por outro, como um governo da vida daqueles outros indivíduos com os que o sujeito estabelece qualquer tipo de relação, desde a família, ao trabalho e à sua vida social e comunitária. Dito doutra forma, o “cuidado de si” implica também o cuidado dos outros (filhos, companheiros de trabalho, amigos, etc.). Pois em opinião do filósofo francês, o verdadeiro governo das populações não será possível sem antes saber-se governar a si mesmo, e só como consequência desses saberes previamente adquiridos é que chegará o bom governo das populações. Trata-se, portanto, de uma multidão de governos imanescentes: o governo do Estado, o governo da família, o governo do superior na fábrica, o governo do médico, etc. Em suma, para FOUCAULT (2006: 120, 225), estamos perante um tipo de poder específico que se atribui como objeto a conduta dos sujeitos, a maneira em que se comportam e interatuam, fixando a sua identidade, mantendo-a ou transformando-a em função de uma determinada finalidade. O “cuidado de si” implica, destarte, o conhecimento de um conjunto de normas de conduta, princípios e verdades prescritas num concreto regime político, e a partir das quais se constrói a si mesmo.<sup>170</sup> Não estamos, desta forma, ante uma construção forçada, mas livre e verdadeira, fundamentada na experiência das práticas mediante as quais o sujeito se relaciona consigo mesmo e com os demais. O “cuidado de si” é, então, uma prática permanente de toda a vida, baseada na liberdade, numa relação de dependência na que, por um lado, procura garantir o exercício da liberdade e, por outro, a liberdade é garantia do cuidado de si, que habilita ao sujeito para se construir a si mesmo como gestor da sua vida. A procura permanente e incessante do

<sup>169</sup> Assim, como o próprio FOUCAULT (2008a: 49) adverte “talvez tenha insistido demasiado no tema da tecnologia da dominação e do poder. Cada vez estou mais interessado na interação entre um mesmo e os demais, bem como nas tecnologias da dominação individual, a história do modo em que um indivíduo atua sobre si mesmo, quer dizer, na tecnologia do eu”.

<sup>170</sup> Afirma FOUCAULT (2006: 47-48) “o meu objetivo (...) foi o de traçar uma história das diferentes maneiras em que, na nossa cultura, os homens desenvolveram um saber sobre de si mesmos (...). O ponto principal não consiste em aceitar este saber como um valor dado, mas em analisar estas chamadas ciências como “jogos de verdade” específicos, relacionados com técnicas específicas que os homens utilizam para entender-se a si mesmos”.

indivíduo pelo seu conhecimento, em primeira instância, e do seu cuidado, em segunda, não encontra a sua justificação na mera preocupação ou inquietude do sujeito sobre o conhecimento espiritual ou intelectual do si. Ao contrário, o “cuidado de si” constitui uma verdadeira tecnologia de (auto)governo da vida. Isto supõe, consequentemente, pensarmos o governo das populações numa triangulação entre o poder, a governamentalidade e o governo de si/governo dos outros (FOUCAULT, 2002: 247), através das formas de condução da conduta numa ordem social que se autocontrola por meio dos seus próprios agentes.

Para tanto, o “conhecimento de si” institui-se no princípio fundamental das práticas do cuidado de si próprio, no que os sujeitos encontram ao seu alcance um sem-número de recursos úteis para regulamentar as suas condutas de um modo tal que resultem compatíveis com os modelos propiciados pelos poderes de governo. (PAPALINI, 2014: 260). Em definitiva, trata-se de os sujeitos se envolverem na sua gestão, apreendendo a reconhecerem as suas condutas, as suas ações e a tomada das suas decisões. O sujeito intervém por ele mesmo, diretamente, num quadro de possibilidades e refletindo de forma autónoma sobre o seu próprio governo. No entender de ROSE (2014: 72-76), assumindo a proposta foucaultiana, é sob a racionalidade liberal que se impulsiona decididamente a produção de um sujeito responsável pela direção e cuidado da sua vida. Nela os indivíduos se experimentam, se entendem, se julgam e se conduzem, através de técnicas que requerem, em palavras do sociólogo britânico, relacionarem-se epistemologicamente consigo mesmo por meio do “conhece-te a ti mesmo”, mas também despoticamente por meio do “domina-te a ti mesmo”, ou através de qualquer outra formulação encaminhada ao “cuida-te a ti mesmo” (ROSE, 2011). Para este autor, aquilo que devemos destacar, portanto, é a relevância das *tecnologias do eu* como instrumentos de construção de um sujeito adaptado a um cenário de incertezas que constrói um sujeito reflexivo, tanto económica como politicamente. E se apropria da sua vida e gere os seus recursos vitais como forma de gestão dos riscos aos que se enfrentar durante a sua vida e, em consequência, com capacidade para produzir as suas malhas próprias de segurança e proteção. Em total, um sujeito que se implica nas tarefas do governo de forma ativa, responsável e participativa como modo de viver os acontecimentos próprios da sua vida.

## 2.1. Sujeito neoliberal (i). Gestor de si

Para além dos diferentes e, sem dúvida, interessantes roteiros que se poderiam derivar das indicações dadas pelo “último” FOUCAULT,<sup>171</sup> no presente estudo centramos o nosso alvo, sequer agora sumariamente, na série de mutações que possibilitaram a expansão até os nossos dias da racionalidade de governo fundamentada no governo económico da vida.<sup>172</sup> E conquanto resulte arriscado realizarmos um *numerus clausus*, tanto pela sua complexidade como pela sua heterogeneidade, ou mesmo indesejável perante o risco de cairmos num certo reducionismo analítico,<sup>173</sup> a seguir exporemos pela sua relevância três mudanças que consideremos capitais.<sup>174</sup>

TABELA 2.2

Transformações	Características
<b>Sujeito ativo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Autossuficiente</li> <li>• Garante da vida</li> <li>• Livre</li> </ul>
<b>Sujeito responsável</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Responsabilização da supervivência sem assistencialismo</li> <li>• Toma consciência de si</li> <li>• Autoconstrução como sujeito singular</li> </ul>
<b>Sujeito privatizado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Governo de atores privados</li> <li>• Saberes periciais</li> <li>• Intervenção horizontal sobre a vida</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

<sup>171</sup> Vid., para exposição do “último” FOUCAULT, ÁLVAREZ YAGÜEZ (2013). Destacamos também, neste sentido, as derivas realizadas por ROSE (2012), em especial, como sinala SALINAS (2014a: 320-321) os trabalhos desenvolvidos pelo sociólogo britânico a partir de 2006 ao redor do que ele designou como *biopolítica molecular*.

<sup>172</sup> Neste sentido, FOUCAULT (2008a: 49) deixa claro que “*este contato entre as tecnologias de dominação dos demais e as referidas a um mesmo é o que (eu) chamo de governamentalidade*”.

<sup>173</sup> Como apontamos desde o começo, não estamos perante um processo lineal, nem sequencial, ao invés, assistimos à conformação de um *modo de governo* em permanente conflito com outras lógicas e formas de controlo, como o próprio FOUCAULT (2006: 15-18, 135, 136) se encarregou de advertir.

<sup>174</sup> Neste sentido, seguimos, entre outras, a caracterização realizada por VILA (2012: 278-291). Cfr., entre outros, ROSE (1999: 10 e ss.), DEAN (1999: 191e ss.), O'MALLEY (2004: 70 e ss.).

A primeira das mutações que podemos descrever é a passagem de um “sujeito passivo”, ferreamente marcado pela institucionalidade social, para um “sujeito ativo”, que procura livremente a satisfação dos seus próprios interesses no quadro da sociedade empresarial. Resulta, pois, determinante observamos a progressiva queda do indivíduo modelado por um conjunto de dispositivos de normalização encaminhados à correção e transformação num sujeito funcional ao modelo de sociedade fordista. Uma funcionalidade que, em opinião de FOUCAULT (1999: 127-136), se baseava, principalmente, numa relação de utilidade através do supervisionamento, da vigilância e da dominação dos corpos, mas também na sua reabilitação, como forma de produção de sujeitos úteis ao maquinário social e económico. Ora, a irrupção da lógica neoliberal provocou que o sujeito que suportava de modo impotente a imposição de uma rigidez social - quer seja na fábrica, quer na escola, ou mesmo que seja no âmbito familiar-, virou libertado da mão de uma institucionalidade, conforme BAUMAN (2002: 60-65), cada vez mais flexível. Neste contexto, que podemos denominar como sendo pós-disciplinar, abre-se, nesta sequência, um novo cenário para a posta em andamento de um sujeito ativo, autónomo e autossuficiente. Deste jeito, no mesmo processo no que o indivíduo passivo e sem qualquer capacidade de interlocução se ceiva da rede de dispositivos de coerção e correção do Estado protetor, estabelece também novos princípios de racionalização balizados pela lógica economicista neoliberal.<sup>175</sup> A autonomia, a independência, a liberdade e a reflexão passarão a serem alguns dos critérios essenciais de um tipo de sujeito que já não administra a sua vida como resultado da aceitação submissa de uma vontade alheia representada por uma determinada instituição social, mas como resultado da sua vontade individual. Assim, diante da relação arquetípica da sociedade disciplinar na que o governo da vida se centraliza nos âmbitos económicos e políticos dominados pela relação estatal; na sociedade contemporânea, descentralizada, aberta e flexível, corresponde ao sujeito individualmente considerado adotar um rol ativo no devir do seu destino (FOUCAULT, 2007: 261-264).

---

<sup>175</sup> Em linha com apontado anteriormente, em modo algum, a perda de centralidade dos dispositivos disciplinares nas sociedades neoliberais implicou necessariamente o seu total desaparecimento. Como anotaremos no Cap. 3, o modo de governo disciplinar coexistirá, segundo as singularidades de cada contexto temporal e espacial concreto, em diferentes Estados com notável intensidade, ou mesmo tomará formas renovadas sob a lógica pós-fordista.



A segunda das mutações a ressaltarmos, como correlato da anterior, é a responsabilização do sujeito pela sua vida. Quer dizer, a assunção total e absoluta do sujeito da direção e responsabilização da sua supervivência sem necessidade de mediação estatal. A desarticulação das agências assistencialistas impulsionadas pelo Estado, nomeadamente, no período *welfarista*, com a finalidade de auxiliar ao conjunto da população e garantir os seus direitos mais básicos, começará a ser interpretada como uma verdadeira carga para o ente público, insustentável do ponto de vista económico, e notadamente ineficaz do ponto de vista social (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2002: 230-238). Portanto, o sujeito passivo, desinteressado e indiferente com o progresso da sociedade, torna-se um sujeito ativo, livre e dinâmico que toma a responsabilidade pelo melhoramento da sua vida (DEAN, 1999: 191 e ss.), antes atribuída e sustida, fundamentalmente, por um Estado de providência. Como resultado, produz-se a passagem de um indivíduo anónimo e submisso, para um indivíduo que toma consciência de si, que se cultiva, se preocupa e se constrói a si mesmo como um sujeito único, singular e diferenciado com capacidade suficiente para cuidar-se e, portanto, autogovernar-se. Mas também com capacidade para adotar as suas próprias decisões vitais, sem recorrer à assistência social, aceitando os riscos, com os seus êxitos e os seus fracassos. Por outras palavras, o sujeito estabelece o seu próprio projeto vital à margem do quadro regulatório outrora organizado ao redor da sociedade fabril, pois as transformações políticas promovidas pela razão neoliberal obrigarão a procurar outros espaços e outras formas de supervivência. Ora, as causas desta mutação não deveram situar-se como sendo unicamente uma consequência das mudanças económicas provocadas pelo ocaso da sociedade do trabalho e a crise do Estado de Bem-Estar. A complementar esta interpretação, observaremos como a racionalidade neoliberal vai elaborando representações e imaginários com um forte conteúdo moral, encaminhados a fomentar a iniciativa individual, em contraposição à responsabilidade coletiva estatal, descrita negativamente como sendo improdutiva, ineficaz e mendicante.<sup>176</sup>

---

<sup>176</sup> A racionalidade neoliberal irá construindo, a partir de uma multiplicidade de dispositivos distribuídos pelo espaço social, uma narrativa em defesa da liberdade do sujeito como princípio angular, nomeadamente, no âmbito do mercado, bem como um fomento do individualismo e da propriedade privada como garantia do sucesso pessoal contra a proteção estatal da sociedade de bem-estar. Desta forma, não corresponde ao Estado, mas ao mercado, o papel de fornecedor dos bens e serviços necessários para a vida, porquanto o primeiro deve carecer de qualquer responsabilidade social, pois unicamente corresponde ao próprio sujeito velar pelo seu dever. Para tanto, aquilo que é promovido é uma cultura baseada nos valores da auto-organização e a autorresponsabilização do sujeito neoliberal em todos os âmbitos da vida. Cfr., entre outros, BAUMAN (2005b), SENNETT (2000), LIPOVETSKY (2003), HARVEY (2007).

A terceira e última das mutações que identificamos como fulcral para compreendermos a construção de um sujeito neoliberal autogovernado é o que denominamos como privatização do governo da vida. Em síntese, observarmos como todas aquelas ações de governo implementadas tradicionalmente pelo Estado e, concretamente, pelas políticas públicas dirigidas a configurar e perfilar um tipo de sujeito governável e funcional à lógica socioeconómica em vigor, se deslocaram gradualmente ao interior dos próprios sujeitos governados. Assim sendo, a desmontagem do sistema *welfarista* iniciada pelo neoliberalismo em cada uma das suas áreas, não se manifestou apenas como uma solução económica às várias crises que nele se manifestavam; mas principalmente acarretou a transformação do modo de governo da vida que até então gravitava ao redor da proteção estatal. Isto, desde dois planos diferenciados, por uma banda, dá começo a, já citada, gestão pública crítica com a potente estrutura burocrática que se fora edificando, nomeadamente, desde a II Guerra Mundial. As políticas neoliberais lançam uma profunda reforma e adaptação da administração pública com base na introdução de critérios de mercado, assinalada como insustentável num novo cenário marcado pela falta de certezas e a escassez de recursos. Por outra banda, conforme apontamos já indiciariamente, a perceção dos problemas sociais, desde o emprego, a saúde ou a pobreza, deixam de serem considerados uma responsabilidade coletiva, sendo atendidos unicamente de forma subsidiária pelo Estado. À vista disso, a contração do Estado Social e, concretamente, dos seus dispositivos de intervenção governamental teve como contracapa o deslocamento de grande parte da função de governo sobre os próprios sujeitos e também sobre o conjunto dos atores privados.

A desregulamentação de áreas importantes da intervenção pública, tanto no terreno económico como social, beneficiou a proliferação de uma multidão de novas entidades, instituições e personalidades sobre os que recaem de facto a condução de importantes decisões dos sujeitos nas suas relações económicas, familiares, formativas ou culturais. Surgem, neste sentido, todo tipo de especialistas, peritos, profissionais e *coaches* pessoais em matéria económica, educativa, saúde, desportiva, afetiva, etc., a conduzirem, quando não substituem diretamente, as intervenções antes realizadas pelo Estado. Porém, trata-se de uma intervenção mais horizontal, eletiva e na que o sujeito toma um papel ativo de procura de um *saber* próprio de cuidado de si mesmo, na medida em que é a ele a quem lhe corresponder

gerir e, no se caso, resolver as contingências vitais.<sup>177</sup> No entanto, devemos advertir que este processo de privatização da condução dos sujeitos não teve idênticos resultados no conjunto da estrutura social e, como veremos, desprenderam-se dinâmicas distintas segundo a capa social onde dirijamos o nosso exame. Por conseguinte, vemo-nos obrigados, em parte, a complementar as análises, principalmente, anglofoucaltianas; pois, a constrição da rede assistencial do Estado Social e, posterior, passagem para o mercado e a administração privada das suas funções provocou um acesso desigual aos saberes, discursos e práticas do “governo de si”, segundo as possibilidades socioeconómicas de cada sujeito. Portanto, as hipóteses de autoaprendizagem e autocuidado, porquanto elas são inseparáveis da disponibilidade e das capacidades para obter esses recursos, penetram de forma muito desigual no corpo social. Deste modo, observaríamos, por uma banda, uma série de sujeitos que pola sua posição social e económica adquirem os conhecimentos, as faculdades e as habilidades para o seu autogoverno e, por outra, uma crescente bolsa de população empobrecida incapaz de aceder aos saberes necessários para o ótimo cuidado de si. E, para tanto, obrigados a procurarem qualquer forma de supervivência e integração social por precária ou exploradora que este for, perante um horizonte vital de abandono da função assistencialista do Estado.<sup>178</sup>

É, pois, a partir fundamentalmente destas três mutações agora descritas que se articula a promoção do sujeito neoliberal contemporâneo, um indivíduo ativo, responsável e com capacidade de autogestão da sua vida. Mais ainda, um sujeito que se constrói a si mesmo, não dirigido por qualquer instituição disciplinar e normalizadora, mas produto de um conjunto de saberes que o próprio sujeito vai exercendo quotidianamente como resultado de uma ética baseada na autonomia e independência individual. E é, desde esses princípios que o sujeito gere todos e cada um dos âmbitos da sua vida, tomando as decisões mais adequadas e as soluções ótimas para os seus problemas, sem acudir, por um lado, à mediação estatal e, por outro, sem procurar auxílio em alguma forma de solidariedade comunitária. Ao invés, aquilo que guia a sua ação do sujeito é a iniciativa individual, a persecução dos bens e serviços necessários para a sua satisfação pessoal e os seus interesses particulares. Portanto, a busca do

---

<sup>177</sup> Vid., neste sentido, o trabalho de ROSE (2012), para quem os “saberes periciais” constituem a principal tecnologia de poder contemporânea, na medida em que eles são os verdadeiros transmissores de *verdades* aos indivíduos.

<sup>178</sup> Cfr. Cap. 3.3.1.

seu bem-estar privado fica exonerada de qualquer responsabilidade coletiva e centrada, nomeadamente, na sua esfera privada e no seu desenvolvimento autónomo (HARVEY, 2007: 73-76). Em conclusão, a racionalidade neoliberal não viaja em exclusiva, nem principalmente, por meio da institucionalidade estatal dirigida a instalar nos sujeitos um padrão fixo de conduta. A diferença com a sociedade disciplinar, na que a normalização operava em espaços delimitados circulando desde as instituições para os sujeitos, na sociedade pós-disciplinar da segurança e do controlo, a dialética muda. O processo de gestão da população sai da institucionalidade e alastra por todo o espaço social de forma difusa, através de dispositivos móveis e flexíveis não exercidos autoritariamente sobre os corpos dos indivíduos. Em direção oposta, o indivíduo parte da sua própria vontade individual (DELEUZE, 2008: 222), elegendo livremente a solução que ele considerar mais efetiva para afrontar os problemas sociais existentes.

Por conseguinte, a lógica neoliberal não procura submeter a vontade individual, nem limitá-la, nem reprimi-la, mas impulsionar um potente processo de responsabilização individual dos sujeitos dos seus deveres e direitos, na medida em que são os diretores da sua vida. Os saberes, os discursos e as práticas são fruto da livre decisão que se torna, por sua parte, requisito indispensável para a interiorização da *ética* que conduz a sua vida, tanto naqueles espaços propriamente políticos, como naqueles aparentemente mais banais e quotidianos.<sup>179</sup> Não estamos, então, em opinião de FOUCAULT (2002: 25 e ss.) perante meras ações de contemplação ou gratificação do indivíduo, mas diante de uma multiplicidade de atuações e intervenções dirigidas direta e fundamentalmente ao governo de si. Dito de outro modo, a função primordial das mutações às que assistimos na contemporaneidade é a

---

<sup>179</sup> Assim, para FOUCAULT (2006, 2012) a questão da liberdade e a sua problematização resultam chave para compreender o exercício do poder. Deste modo, afirma que “*esta ideologia da liberdade, esta reivindicação da liberdade foi sem dúvida uma das grandes condições para o desenvolvimento das formas modernas ou, se o preferirem, capitalistas da economia. É inegável. O problema está sem sabermos se na implantação dessas medidas liberais (...) se procurava ou se apontava efetivamente isso*”, continuando, a seguir, “*essa liberdade, à vez ideologia e técnica de governo, deve compreender-se no interior das mutações e transformações das tecnologias de poder. E de uma maneira mais precisa e particular, a liberdade não é outra coisa que o correlato da introdução dos dispositivos de segurança. Um dispositivo de segurança só pode funcionar bem com a condição de que se dê algo que é justamente a liberdade, no sentido moderno que (essa palavra) adota no século XVIII: já não as prerrogativas e os privilégios associados à pessoa, mas a possibilidade de movimento, deslocamento, processo de circulação de gente e essas cousas. E é essa liberdade de circulação no sentido amplo da expressão, essa faculdade de circulação, o que é necessário entender, acho, quando se fala de liberdade, e compreender como uma das facetas, um dos aspetos, uma das dimensões da introdução dos dispositivos de segurança.*” (FOUCAULT, 2006: 70-71).

construção de um sujeito básico que se administra a si mesmo, de acordo a uma racionalidade política e económica de mercado, e não ante um indivíduo preocupado de si e das suas necessidades pela simples adulação ou admiração pessoal de si mesmo.<sup>180</sup> Para além deste planeamento, os desejos e as aspirações do sujeito que regem a tomada das suas decisões estão racionalizados pelo interesse económico e político; isto é, pela rentabilidade que eles tiverem dentro da sociedade de mercado e não apenas como princípios abstratos. Como sinalam MILLER e ROSE (1990: 1-31), o processo que retrata a penetração da lógica neoliberal na população, no território e na segurança, seguindo o esquema foucaultiano, é a planificação da vida económica do sujeito ativo, responsável e autónomo.

Em síntese, a vida mesma é mobilizada para se transfigurar com a própria política numa nova focagem do poder, a vida e a economia: a governamentalidade, cujo objeto é a condução económica da vida das populações,<sup>181</sup> porquanto as ações sobre a vida dos sujeitos são ações de autogoverno que transcendem a normalização prototípica da sociedade disciplinar. Em oposição à intervenção mínima, quando não total desaparecimento da segurança estatal, o indivíduo procura a proteção por ele mesmo no mercado, tomando as decisões mais adequadas segundo os seus próprios recursos e habilidades. Em razão, a sociedade empresarial reorienta os seus objetivos, já não voltados para a assistência dos setores da população carentes dos recursos e habilidades necessárias para garantir a sua inclusão sociedade-fábrica, necessitada, por sua parte, como diria MARX (2010: 302 e ss.) de um importante *exército industrial de reserva*. Ao contrário, ela promove a expansão e o crescimento do mercado e, de tal modo, é nele que os indivíduos se desenvolvam livremente e sem travas, incrementem os seus recursos e adquiram as habilidades precisas para garantir a sua própria segurança. E ainda estabelece um espaço económico de oferta e demanda, aberto e sem intervenções, no que os indivíduos assumam os seus riscos e tecam a suas malhas de

<sup>180</sup> Cfr., entre outros, LIPOVETSKY (2003).

<sup>181</sup> Neste sentido, para FOUCAULT (2012: 237-238) resulta chave sinalar, segundo o traçado no presente capítulo, como o neoliberalismo “*procura utilizar a economia de mercado e as suas análises características para a decodificação de relações não mercantis, a decodificação de fenómenos que não são estrita e propriamente económicos, mas aquilo que se denomina, se quiser, fenómenos sociais. Para dizê-lo com outras palavras, a aplicação da grelha económica a um campo que no fundo, desde o século XIX, e sem dúvida pode dizer-se que já desde o final do século XVIII, se definira em oposição à economia, ou em qualquer caso como complemento desta, aquilo que em si, pelas suas próprias estruturas e os seus próprios processos, não compete à economia, ainda quando esta mesma se situar dentro deste âmbito. E uma vez mais, em outros termos, acho que o que está em jogo neste tipo de análises é o problema da inversão das relações do social e o económico*”.



proteção, deslocando a responsabilidade dos riscos da segurança pública para uma sorte de segurança de tipo privada (FOUCAULT, 2012: 154-155).

## 2.2. Sujeito neoliberal (ii). *Homo economicus*

Para avançarmos nesta aproximação devemos deter a nossa reflexão, acima de tudo, conforme se pergunta ROSE (2011), nos concretos dispositivos que servem para governar o ser humano e adaptar a sua conduta às direções desejadas. Pois como sinala FRASER, são os “*homens e mulheres flexíveis da era dos negócios*”<sup>182</sup> os que regulamentam e, por seu turno, sobre os que organizam as novas realidades do presente. Isto implica, então, mudarmos a perspectiva analítica mais convencional, porquanto não estaríamos principalmente diante de profundas mudanças sociais - já for no campo da tecnologia e do conhecimento, no regime de produção ou nos riscos existentes que transformam o modo de operar dos sujeitos-<sup>183</sup> mas perante uma mudança na forma como os sujeitos são administrados num presente instável, incerto e fragmentado. Seguindo a proposta anglofoucaultiana, acreditarmos nesta linha de análise comporta não delimitarmos o agir político aos contornos do Estado e, concretamente, às políticas públicas por ele impulsionadas (ROSE e MILLER, 2008). Ora bem, o repto por fugir da visão estatalista da política subscrita durante décadas por um marxismo fortemente economicista,<sup>184</sup> corre também o risco de reduzir notavelmente o campo de intervenção circunscrevendo a análise unicamente ao âmbito cultural da sociedade e, portanto, abandonar a fulcral importância da economia política para a governança.<sup>185</sup> Para tanto, no objetivo de

<sup>182</sup> FRASER (2003: 32), citando a SENNETT (2000), aborda, desde uma análise quase-foucaultiana, a *flexibilidade* dos sujeitos como jeito de organização social e processo de autoconstituição.

<sup>183</sup> Neste sentido, se bem o conjunto de factos acontecidos, nomeadamente, nas últimas três décadas, sucedidamente descritos por BAUMAN (2002), BECK (2002), BELL (1991), CASTEL (2006) ou GIDDENS (1993), têm uma incidência real e, portanto, devem ser tidas em consideração, tais mudanças não transformam *per se* os modos em como são governados os sujeitos.

<sup>184</sup> Para o marxismo o Estado é, fundamentalmente, um aparelho jurídico-político de tipo coercitivo, cuja função é garantir o domínio da classe capitalista sobre a classe trabalhadora exercendo a força quando seja necessário. Neste sentido, ENGLES (2008) afirmou que o Estado não é mais do que um mecanismo de opressão de uma classe por outra, o mesmo se se tratar de uma democracia que de uma ditadura. E seguindo esta interpretação, para LENIN (2006), o Estado era um organismo de dominação de opressão e criação de uma “ordem” que legaliza e afirma essa opressão. Porém, a começos do século XX alguns autores marxistas começam a levar o estudo do Estado numa linha diferente, percebendo-o não unicamente como uma ferramenta de repressão de uma classe sobre a outra, mas como uma entidade mais complexa, vid., por todos, GRAMSCI (1978), ALTHUSSER (1984).

<sup>185</sup> Cfr., para uma aproximação à conceção económico-política dos estudos da governamentalidade, PAPALINI, V. *et al.* (2012).



corrigir esta interpretação, como sinalam ROSE e MILLER (2008: 37-42), não devemos pensar numa distinção epistemológica entre ambas as esferas, mas numa absoluta interdependência entre o sociocultural e o económico. Pois as dimensões social, cultural e económica do sujeito formam parte indivisível de um mesmo diagrama de poder, a partir do qual a vida passa a ser governada numa complexa malha de relações interligadas. Ou dito de outro modo, o governo vai operar através das diferentes dimensões dos sujeitos, como uma sorte de “governo a distância” que conduz a sua vida como mais um agente económico a interatuar no mercado na procura do seu progresso e do seu bem-estar.

A partir desta aproximação, não abordaremos então a passagem do indivíduo racional próprio do liberalismo clássico, em primeiro lugar, para o indivíduo disciplinado do Estado Social e, a seguir, para o atual indivíduo autónomo e reflexivo do neoliberalismo, como um simples produto cultural, mas tampouco unicamente fruto de novas relações da produção (ROSE, 2011). O roteiro da constituição de uma determinada tipologia de sujeito resulta mais complexo do que isso. Neste sentido, realiza uma proposta sugestiva HÖFFE (2007), que trata do desenvolvimento histórico de três planos diferenciados do sujeito, a saber, o económico, o estatal e o global na sociedade contemporânea. Destas três dimensões é a económica a principal, pois, é o *cidadão económico* o que cria as condições não apenas para a sua subsistência, mas para a formação de um quadro geral de convivência para todas as demais. A acompanhar esta teríamos o *cidadão político*, o sujeito com sentido cívico que participa na comunidade, como governante e como governado, na medida em que a governabilidade não se reduz ao estatal. Por último, o autor alemão sinala o *cidadão global*, que toma partido no conjunto da governança do mundo. Ora, em opinião de ROSE (2011), este tipo de aproximações não sublinham o elemento central da formação de uma determinada subjetividade. Isto é, a construção de um tipo de sujeito gerido segundo cada particular configuração governamental. Por suas palavras, aquilo que interessa, destarte, não são as “noções de pessoa”, mas as práticas com as que se entende e se atua sobre as pessoas em relação com os diferentes problemas (a saúde, as enfermidades, as relações familiares, a produtividade, etc.) da sociedade governada sob o prisma neoliberal.

Sendo assim, pegando de novo na análise anglofoucaultiana, veremos como se produz o autogoverno dos indivíduos que, sem necessidade de intervenção estatal direta, conduz a forma de ser perceberem a si mesmos e também aos demais. Mas também como, a partir desta concepção, se relacionam e se convertem em peças-chave de um regime de poder específico. Neste sentido, a liberdade de escolha do sujeito e a sua capacidade para agir sem qualquer privação ou obstáculo pelo espaço social, bem como para estabelecer as suas relações com outros agentes e instituições sociais, económicas e políticas, são um fator essencial para a governamentalidade neoliberal. O indivíduo no capitalismo contemporâneo deve conceber-se a si próprio como um ser livre, pois só desde a liberdade de ação pode interatuar na procura dos seus interesses particulares. A liberdade é a articulação que permite a realização na sociedade empresarial e as suas práticas de governo. Desde ela é que se fixam as relações entre governantes e governados e, também, se delimitam as suas funções. Todos os indivíduos, logo, têm hipótese de tomar as suas decisões sem ingerências, adequar a suas atitudes e melhorar as suas aptidões. A liberdade é, em razão, a condição de operabilidade de uma forma racional de governo, mas não apenas como modo de administração, mas como veremos, o modo de submissão individual à lógica económica.<sup>186</sup> Ora, o sujeito não nasce naturalmente livre, ao invés, a sua libertação expressa-se conforme um processo de prática social no que ele exerce a sua autonomia dentro de um quadro vital de possibilidades. Desta perspetiva, o poder não é despegado de forma direta e vertical sobre o indivíduo desenhando um percurso determinando e corrigindo a sua conduta. Dito de outro modo, ele não interfere na sua capacidade de agir livremente, mas sobre as suas condições de liberdade. Como já foi assinado, aquilo que se produz é uma *condução da conduta* através de um conjunto de práticas tecnológicas próprio de um determinando regime político (FOUCAULT, 2012: 234-235). Não observamos, segundo esta lógica, uma fixação do sujeito a uma norma padrão concreta da sociedade, mas uma multidão de possibilidades singulares e genuínas que cada indivíduo decide racionalmente transitar. A governamentalidade neoliberal aquilo que procura

---

<sup>186</sup> Para FOUCAULT (2012: 128-129) a liberdade “*não é o princípio de limitação do Estado, senão o seu princípio de regulamentação interna de ponta a ponta da sua existência e a sua ação. Noutras palavras, no lugar de aceitar uma liberdade de mercado definida pelo Estado e mantida de algum modo sob vigilância estatal –o qual era, em certa forma, a fórmula inicial do liberalismo: estabeleçamos um espaço de liberdade económica, circunscrevamo-lo e deixemo-lo circunscrever por um Estado que tem de vigiá-lo -, pois bem, dizem os ordoliberais, é necessário inverter por completo a fórmula e propor-se a liberdade de mercado como princípio organizador e regulamentador do Estado, desde o começo da sua existência e até a última forma das suas intervenções*”.

é estabelecer apenas um quadro de condições no que os sujeitos interatuem livremente e em concorrência, donos da sua vida, administram os seus ativos e adotam os seus próprios cálculos do custo/benefício de cada ação (DEAN (1999: 206-208; O'MALLEY, 2014: 114-115). O sujeito está, para tanto, obrigado a ser livre e tomar as suas decisões racionalmente. Ele deve, no entanto, percorrer o seu próprio caminho para assegurar a sua supervivência, sem aguardar pelo auxílio de agentes externos, representados, nomeadamente, pelas políticas assistenciais do Estado providência como garantes de direitos mais básicos de cidadania.<sup>187</sup>

Em razão, diante daquele sujeito passivo, disciplinado e protegido pela aliança Estado/fábrica, emerge, como referimos, um outro sujeito livre, responsável e empreendedor que tece a sua própria rede de seguranças sem se subordinar ao controlo estatal. Pois o Estado tem como função principal sob a governança neoliberal garantir a livre concorrência dos sujeitos e facilitar um quadro jurídico-económico vital baseado na própria capacidade decisória dos indivíduos para se administrarem a si mesmos. Indivíduos autónomos que confrontam os riscos e planificam a sua vida conforme as suas necessidades: a) analisam os perigos e procuram saídas exitosas aos problemas, b) gerem os seu ativos, c) procurar melhorar as suas capacidades para prosperar no mercado, d) projetam uma imagem positiva e criativa, e) pesquisam quais são as suas vantagens competitivas, f) valorizam as suas habilidades e procuram alianças com outros sujeitos, g) flexibilizam as suas formas de relacionamento, h) investem em si próprios para se posicionar na sociedade e i) estão sempre acessíveis e disponíveis para produzir em qualquer momento e lugar. Em definitiva, estamos perante sujeitos que assumem por completo a direção da sua vida no quadro de um regime político que, para além de reorganizar os processos de produção e acumulação do capital, aquilo que provoca é a reorganização dos modos de os sujeitos se (auto)governar. O Estado minimiza, assim, as suas responsabilidades para com a população, pois corresponde-lhe a cada indivíduo tomar as suas próprias decisões, por serem eles os únicos responsáveis, e não nenhuma agência de proteção estatal. Por conseguinte, a administração dos problemas da vida

---

<sup>187</sup> Vid., por todos, BAUMAN (2005a: 41-25), BECK (1998: 16-18), HARVEY (2007: 47-72). O “pacto social” parido da II Guerra Mundial baseava-se numa conceção da relação Estado-cidadão no qual o primeiro era o garante dos direitos e deveres do segundo. O Estado era, pois, o ordenador da vida dos cidadãos num duplo sentido, por uma banda, proporcionando segurança e, por outra, satisfazendo as suas necessidades básicas.

contemporânea, como a saúde e a educação, a exclusão social ou a pobreza, correspondem em exclusiva aos sujeitos e às suas habilidades para manterem-se saudáveis, formados e integrados na sociedade empresarial. Desta maneira, o governo desloca as suas antigas competências de gestão coletiva da sociedade nos sujeitos individualmente considerados, que devem adquirir as qualidades necessárias para autosustentarem-se e autoregulamentarem-se (DELEUZE, 2010: 125). Não estamos, então, perante capacidades inatas, naturais ou instintivas, mas, fundamentalmente, ante capacidades apreendidas no processo de “cuidado de si” (PAPALINI, 2014: 263-264). Habilidades que permitem aos sujeitos transitar algum dos caminhos oferecidos pelo mercado para se desenvolver à margem das suas necessidades estritamente vitais, e em concordância com a realização dos seus desejos, a sua imaginação ou as suas veleidades.<sup>188</sup>

O princípio essencial a dirigir a governabilidade da sociedade é o princípio da vontade e autonomia individual, que se plasma na regra de o sujeito ser o garante de si mesmo. A resolução das adversidades ao longo da sua vida, bem como a realização dos sonhos que impulsionam o seu agir são um produto singular e particular de cada sujeito determinado. Conforme GORDON (1991: 21), lendo a FOUCAULT, sinala que os indivíduos são, antes de mais, sujeitos de interesse. Isto é, eles são sujeitos de preferências e eleições individuais irreduzíveis e intransmissíveis, pois é o sentimento pessoal que explica a sua conduta, e não uma agência externa que suplante as suas escolhas. Observamos, em consequência, um modo de exercer o governo que abandona, em grande medida, o disciplinamento do corpo social, para explorar novas vias de administração da população: o controlo sobre os discursos e práticas individuais. Trata-se, então, de um processo de constituição social de um determinado *ethos* como melhor forma de gestão da vida humana, concretamente, um *ethos* guiado pelos interesses e a ação económica. Dito de forma mais exata, os indivíduos passariam a ser governados pela lógica molecular da otimização económica para a realização das suas próprias atuações. O modo de governo neoliberal cooptaria toda a vida para subsumi-la no

---

<sup>188</sup> Como afirma DELEUZE (2005: 333-346), a racionalidade que rege a sociedade contemporânea está determinada “*polo modo em que a gente persegue (os seus interesses) e se propõe a sua realização. Ora, sob os interesses estão os desejos, as posições de desejo, que não se confundem com as posições de interesse, mas das quais dependem estas últimas, tanto na sua determinação como na sua distribuição: um imenso fluido, todos os fluxos libidinais inconscientes que constituem o delírio de uma sociedade. A verdadeira história é a história do desejo*”.

mercado. Quer dizer, ele impulsionaria uma verdadeira política vital na que as inter-relações sociais se transformam em inter-relações económicas, desde as quais se organiza e se estrutura o conjunto da sociedade. Em definitiva, estamos perante um modo de governo que, por uma banda, ultrapassa o Estado e a institucionalidade a ele historicamente associada, e, por outra, assistimos a uma progressiva dissolução das funções e responsabilidades públicas no mercado e, à sua vez, uma substituição pela iniciativa individual.<sup>189</sup>

Como sinalam LAVAL e DARDOT (2013: 337-342), a modulação dos sujeitos como seres que se autorregulam através da subsunção da liberdade e a autonomia individual na lógica económica, constitui o núcleo central da racionalidade neoliberal. À vista disso, põe-se em andamento um amplo leque de dispositivos que vão desde a publicidade e o marketing para a mídia de massa, vocacionados a estabelecer um terreno de jogo no que o sujeito tomar a posição que desejar (ROSE e MILLER, 2008: 84 e ss.). Porém, não se trata de marcar um único caminho certo pelo que discorrer, mas um campo aberto à vontade do sujeito singular. Não há, portanto, qualquer vontade uniformizadora, mas patrocinar uma multiplicidade de “modos de ser” a partir de uma pluralidade de condições de vida nas que sujeitos possam autoconstruírem-se. Como indica GORDON (1991: 36), desenvolve-se uma racionalidade que é, por uma banda, individualizante, porquanto se fundamenta na singularidade dos sujeitos, mas por outra banda, totalizadora, na medida em que estabelece um quadro de condições comum no que ele deve intervir. Em síntese, são as livres e autorregulamentadas decisões dos sujeitos o meio principal através do qual se realiza o governo da vida. Indivíduos que agem conforme critérios de concorrência, risco e escassez, como se a vida mesma for um mercado económico mais. Assim sendo, para FOUCAULT (2012: 288-289) o corpo social e o mercado confundem-se e convergem numa mesma razão governamental que tem no *homo economicus* o seu dispositivo essencial.<sup>190</sup> Além do simples sujeito mercantil prototípico do liberalismo

---

<sup>189</sup> Para LAVAL e DARDOT (2013: 332, 338), o neoliberalismo impôs uma racionalidade fundamentada na concorrência como guia para os comportamentos humanos, sem deixar fora nenhum âmbito da vida. Assim, do indivíduo ao Estado mesmo, um único discurso percorre a existência humana: uma ética empresarial como forma de guiar, estimular e alcançar os seus objetivos.

<sup>190</sup> As origens do conceito do *homo economicus* encontram-se já em SMITH ou HUME, para expor a necessidade de cada indivíduo atuar com responsabilidade na procura do seu bem-estar. Assim recolhe o economista escocês no célebre texto “A Riqueza das nações”: “cada homem com sentido comum tentará investir tudo capital do que dispor com o objeto de procurar-se, quer o seu desfrute presente, que o seu benefício futuro (...). Onde haja segurança razoável, um homem que não invista tudo o capital que controlar, seja seu ou em

clássico, o sujeito neoliberal é um ser racional, ativo e empreender que baseia as suas ações em desejos de progresso e melhora constante, atua de forma estratégica e assume os riscos das suas decisões. Em suma, é um ator económico que se rege apenas pelos seus próprios interesses desde os quais estabelece o conjunto das suas relações e não só a mera troca de bens e serviços do capitalismo liberal.

TABELA 2.3

<i>Homo economicus</i> neoliberal	Características
Ser económico	<ul style="list-style-type: none"> <li>Habitante essencial da governamentalidade neoliberal</li> <li>Desloca da sua centralidade ao <i>homo politicus</i></li> <li>Ser eminentemente económico e não político</li> </ul>
Ser empresarial	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ultrapassa as funções do troco mercantil</li> <li>Empresarialização vital</li> <li>Forma-empresa como modelo de conduta social</li> </ul>
Ser de interesses	<ul style="list-style-type: none"> <li>Procura incessantemente o seu benefício individual</li> <li>Amplia as suas habilidades e aptidões</li> <li>Elabora estratégias lucrativas para conseguir os seus objetivos</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Para o filósofo francês o *homo economicus* é, fundamentalmente, aquele sujeito guiado pelo seus interesses e pela procura incessante do seu benefício individual (FOUCAULT, 2012: 263 e ss.). Aquele que empreende, para isso, toda ação com base no sentimento pessoal como princípio reitor da sua vida, modela a sua conduta, amplia as suas habilidades e elabora uma estratégia para conseguir os seus objetivos. Para tanto, atua como uma unidade económica própria e individualizada num plano microeconómico, à margem das grandes leituras totalizadoras e macroeconómicas do mercado. Pois a sua vida mesma é um mercado, e são nesse microcosmo mercantil que tem de realizar as suas operações na medida em que nada está por fora dessa lógica. Os seus factos particulares, as suas práticas quotidianas e os seus pensamentos estão balizados neste quadro interpretativo da realidade. Assim, o *homo*

---

*empréstimo de outras pessoas, em alguma dessas três formas, deverá estar completamente louco” (SMITH, 2018: 366-367).*



*economicus* constitui o tipo habitante essencial para a densa e complexa da sociedade empresarial da que faz parte indissociável. Um modo de gestão da população engendrado nos valores e princípios de mercantilização da sociedade e da existência da vida que conduzem o sujeito para um *empresário de si próprio*, centrado no seu interesse pessoal e completamente alheio ao seu entorno social. Porém, conforme assinala GORDON (1991: 38), o *homo economicus* neoliberal ultrapassa a simples função do troco mercantil do liberalismo. Não basta, então, com a promoção do *laissez faire* ou a minimização da intervenção estatal para ele existir. De forma mais complexa, é preciso submergir o corpo social num governo económico da vida. Compre, pois, penetrar no mais profundo dos sujeitos, torna-los indivíduos de negócios de si próprios, administradores das suas vidas de modo racional, eficiente e eficaz, sem necessidade do auxílio externo.<sup>191</sup> Por isso não vivemos um *continuum* do sujeito smithiano, mas, acima de tudo, aquilo que vivemos é uma superação do mesmo. Neste sentido, GORDON (1991: 43-44) aponta a grande diferença entre o *homo economicus* do liberalismo e o *homo economicus* do neoliberalismo na capacidade modulável e adaptativa do sujeito neoliberal para um meio ambiente em constante mudança, enquanto o indivíduo do liberalismo operava sempre num tempo e espaço rígido e estável. Ele evolui, logo, para um ser mais racional, com maior capacidade de decisão e atuação, maior conhecimento e com base em princípios de custo/benefício. A maximização económica das ações e das estratégias pessoais constitui a base racional sob a qual o sujeito neoliberal se percebe a si mesmo, mas também desde a qual o Estado fixa as suas relações de governabilidade.

Por consequência, a tese foucaultiana caracteriza um sujeito económico genuíno que surge no neoliberalismo e vai além do indivíduo mercantil do liberalismo. Mas esta descrição, aponta BROWN (2015: 103 e ss.), sendo certa, não está carente de algumas insuficiências para explicar os efeitos deste processo no relacionamento dos indivíduos entre si e com o Estado. Segundo a norte-americana, para compreender totalmente o sujeito neoliberal compre considerar também a sua relação com a vida política. Um aspecto não abundantemente tratado por FOUCAULT e que, no entanto, é imprescindível para completar a análise do *homo economicus*. Deste modo, a autora trata de corrigir esta vertente desde o pressuposto que

---

<sup>191</sup> Como sinala DELEUZE (1999: 280), sob a lógica neoliberal os indivíduos devem chegar a comportam-se economicamente, como unidades empresariais, como forma fundamental de racionalização.

segue: os valores económicos não só se incorporam profundamente no sujeito, mas eles se encaminham a substituir os valores políticos que guiavam historicamente a conduta do indivíduo. Para sustentar este argumento, ela destaca a ausência da dimensão política do sujeito na análise foucaultiana, na medida em que o filósofo galo reduziu a sua perspetiva a dois planos: o jurídico e o económico, mas não incorporou o sujeito político na sua análise.<sup>192</sup> Com o objetivo de corrigir esta eiva, BROWN (2015: 105-115) percorre o pensamento moderno para resgatar o *homo politicus* como chave à hora de perceber o domínio da razão neoliberal. Desde LOCKE a ROUSSEAU, ou de MILL a BENTHAM, rasteja a persistência do sujeito político na modernidade, e que se manifestou tradicionalmente na vontade soberana dos indivíduos sobre si mesmos, sem prejuízo dos custos ou benefícios de cada ação. Conquanto isto não nega nem a emergência, nem a importância da dimensão económica, a constância histórica do *homo politicus* não pode ser em absoluto negada; não sendo até o final do século XX que o *homo economicus* já na sua formulação neoliberal finalmente derrota o *homo politicus*, usurpando, por palavras de BROWN (2015: 115), o seu território, os seus termos e os seus objetos. Para a autora, embora nas democracias liberais modernas o *homo politicus* seja objetivamente deslocado, é somente através do domínio da razão neoliberal que o sujeito deixa de ser um ser político para se tornar um ser económico definitivamente. Nesse processo o neoliberalismo sujeita todas as esferas da vida à economia atenuando, por conseguinte, o exercício da liberdade nas esferas social e política. Isto é, os sujeitos são inseridos em normas e imperativos de comportamento de mercado perdendo a sua morfologia originariamente política. Em definitiva, aponta BROWN (2015: 145-150), quando o *homo politicus* se desvanece, a sua vida é restringida pelos mercados, pelo *homo economicus* e pela economia neoliberal que transforma tanto o Estado quanto os cidadãos.<sup>193</sup>

Assim sendo, na opinião de LAVAL e DARDOT (2013: 291- 294), essa transfiguração da liberdade individual, desde a perspetiva económica, vai acarretar como consequência principal a multiplicação da *forma-empresa* na sociedade. Agora, cada sujeito avalia as suas

<sup>192</sup> Afirma FOUCAULT (2012: 274), sem ambiguidade, “esta conceção empírica do sujeito de interesse e as análises dos economistas poderá definir-se um sujeito que é sujeito de interesse e cuja ação terá valor multiplicador e benéfico à vez em virtude da intensificação mesma do interesse; isto é o que caracteriza ao *homo economicus*. No século XVIII, o *homo economicus*, é, acho, uma figura absolutamente heterógena e não pode sobrepor-se ao que poderíamos designar como *homo juridicus* ou *homo legalis*”.

<sup>193</sup> Esta análise proposta por BROWN (2015), como sinalaremos no Cap. 4, encontraria hoje a sua manifestação na dicotomia “cidadão” vs. “cliente” proposto pelo gerencialismo neoliberal.

decisões como um autêntico gestor da sua vida, realizando aquelas ações economicamente mais vantajosas e descartando aquelas menos rentáveis para o seu futuro. Produz-se, assim, um processo de *empresarialização* da vida que extravasa o mundo mercantil da sociedade fabril e se expande por todo o espaço social, sem distinção entre produção e reprodução social (FOUCAULT, 2012: 179-180). Isto é, a realização do sujeito descrito por VON MISES (1998), um ser avaliador, calculador e gerador de oportunidades vitais que os restantes indivíduos não contemplam. Em definitiva, o indivíduo empresarial transforma-se no modelo de conduta na sociedade contemporânea, o padrão que enquadra as decisões e práticas dos sujeitos sob os critérios da economia de mercado em todas as esferas da vida. Mas também alarga a sua projeção ao plano social, inscrevendo os princípios do progresso, a concorrência e a eficácia no conjunto das ações da sociedade e, concretamente, na função pública. Trata-se, pois, de uma racionalidade política que procura estruturar a organização social e política com base em indivíduos ativos, empreendedores e responsáveis.<sup>194</sup> Cabe, então, apontar a *forma-empresa* como algo mais profundo que a simples extensão do mercado e a liberdade preconizada pelos liberais. Pola contra, o que se está a produzir é uma ruptura dos limites do economicismo, cuja consequência é a penetração da governança económica na vida, ou seja, o desenvolvimento de uma lógica de otimização e maximização vital desde parâmetros mercantilistas. Como afirma GORDON (1991: 44), é a própria vida concebida como a empresa de si, na que, em primeiro termo, cada indivíduo é o “empregado” da sua própria empresa e, por outra, o indivíduo é o “empresário” que tem de tomar aquelas decisões mais lucrativas e menos arriscadas para a preservação, reprodução e reconstrução do contínuo negócio do viver. O sujeito é quem se produz a si mesmo, quem alcança os seus objetivos ou quem fracassa, quem supera as suas limitações; em suma, aquele que cuida a si e se responsabiliza pela sua vida ante a retirada do Estado e a privatização dos mais básicos serviços para a subsistência. Por último, o sujeito-empresa é o ser treinado para viver na

---

<sup>194</sup> Como advertem LAVAL e DARDOT (2013: 291) “o modelo neoliberal não se marca como objetivo corrigir sistematicamente os “fracassos do mercado” em função de objetivos políticos que se julguem desejáveis para o bem-estar da população. A sua meta é, em primeiro lugar, criar situações de concorrência que supostamente são vantajosas para os mais “aptos” e os mais fortes, bem como para adaptar os indivíduos à concorrência, considerados a fonte de todo o que é benéfico. Não é que o mercado seja sempre preferível em si mesmo à gestão pública, é que os “fracassos do Estado”, supostamente, são mais prejudiciais que os do mercado. Por isso, as tecnologias do management privado são consideradas remédios mais eficazes aos problemas planeados pela gestão administrativa que as regras de direito público”.

sociedade do mercado voraz, competitivo, inseguro e precarizado, na procura das melhores decisões de investimento no seu “capital humano” (FOUCAULT, 2012: 228-230).

### 2.3. A vida como capital

Poderíamos, para tanto, definir o *homo economicus* como aquele sujeito empreendedor que procura constantemente a otimização dos seus recursos vitais, tomando uma ou outra decisão de forma racional e adaptada às circunstâncias de cada momento. O impulso do melhoramento da sua vida informa o núcleo central do seu agir diário num permanente cálculo de cada movimento, pois o seu fracasso ou sucesso está delimitado unicamente pela suas próprias ações e, em concreto, pelo uso que do seu capital vital ele fizer. Deste modo, o conceito essencial para concebermos esta mutação no modo de relacionamento dos indivíduos através da *forma-empresa*, encontramos-lo na mencionada noção de “capital humano” introduzida pelo pensamento neoliberal.<sup>195</sup> Assim, uma série de economistas contrários à ingente rede de agências e instituições públicas que tinham sido criadas ao abrigo do ideal assistencialista, tanto pelo seu elevado custo, como pela sua suposta ineficácia, que teriam fomentado uma população inativa, passiva e desinteressada pelo progresso económico, incorporaram ao discurso dominante um novo modelo de sujeito. Para estes teóricos, num contexto de livre mercado, concorrência e escassez de recursos, o sujeito tem de se comportar como o faria uma empresa e, para isso, deve, acima de tudo, potencializar os seus ativos vitais, que estes autores definem como o “capital humano”. Em concreto, para eles os sujeitos devem investir em incrementar os seus conhecimentos, as suas aptidões, expandir as suas redes de contatos, adquirir novas habilidades e, em definitiva, aponta ROWAN (2014: 170-171), fazer economicamente rentáveis os diferentes aspectos da sua vida.<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> Neste sentido, FOUCAULT (2012: 220) afirma, sem lugar a dúvidas, que o “capital humano” constitui uma ferramenta fundamental para conceber o governo económico da vida, pois, por suas palavras, “*representa dous processos: um que poderíamos chamar o adianto da análise económica num domínio até então inexplorado, e, segundo, a partir desse adianto, a hipótese de reinterpretar em termos económicos e nada mais que económicos tudo um domínio que, até agora, podia considerar-se e de facto se considerava como não económico*”.

<sup>196</sup> A seguir faremos uma completa exposição das nuances e contornos do sujeito neoliberal com base em COLMENERO (2018).

Desta perspectiva, como vimos expondo, todos e cada um dos aspectos da vida humana devem ser avaliados, contrastados e calculados para tirar o máximo rendimento possível. Seja qual for a esfera da vida que abordemos, tudo está submentido à lógica do autoinvestimento na que o indivíduo toma uma ou outra decisão em função da sua rentabilidade. A racionalidade económica, antes centrada unicamente nas formas de troco de bens e serviços, agora rege também os comportamentos humanos, na medida em que são considerados também comportamentos económicos na sociedade empresarial. As diferentes decisões da vida do sujeito, desde a sua formação ou estilo de vida, até a sua profissão ou o trabalho a exercer, formam parte de um mesmo pacote: o investimento no “capital humano”. Todas estas decisões, fundamentais no processo de produção e reprodução social, são, em última análise, investimentos em si próprio, tanto na procura de maiores seguranças, quanto no incremento das expectativas vitais. Assim sendo, a noção de “capital humano” vai ter nos últimos anos para o pensamento crítico e, nomeadamente, para a análise (pós)foucaultiana, um potencial explicativo para entendermos a expansão da racionalidade neoliberal e a sua penetração nas práticas de (auto)governo. Porém, não estamos perante um conceito original, mas encontramos as suas primeiras manifestações já nos precursores do liberalismo.<sup>197</sup>

Já para SMITH, pai da economia moderna, o capital produtivo de um país deveria incluir as habilidades e conhecimentos concretos de cada indivíduo e não unicamente a sua achega como força de trabalho, pois do nível de destreza, habilidades e da sua formação dependeria a sua categoria económica. Em suma, para o economista escocês o papel que os saberes pessoais que o sujeito podia somar ao processo produtivo deveriam ser sempre premiados.<sup>198</sup> Ora, a sua teorização no sentido contemporâneo não nos chegará até a década de cinquenta do século passado com SOLOW, que vai colocar a incorporação dos conhecimentos como fonte principal do progresso económico e, para tanto, a tomada em consideração do seu investimento por parte dos agentes económicos. Segundo o autor, o sujeito não pode ser percebido como um ser passivo e imóvel, mas ele deve desempenhar um papel fundamental

---

<sup>197</sup> Vid., para uma aproximação sintética das origens e evoluções da teoria do capital humano, FALGUERAS (2008: 19-48).

<sup>198</sup> Para SMITH (citado em FALGUERAS, 2008: 22) “o trabalho que a pessoa educada aprende a realizar, é de aguardar, será remunerado acima do salário comum dos trabalhadores não educados; o que fará que recupere o investimento total na sua educação, e que gere os benefícios normais de um capital igualmente valioso”.



no crescimento económico incrementando a qualidade do trabalho através da sua formação continuada. Neste sentido, a partir dos seus estudos entendeu que o investimento em educação trairia importantes taxas de retorno com uma rentabilidade tão importante como a do capital físico.<sup>199</sup> A partir desta teorização, outros economistas, fundamentalmente, SCHULTZ, avançaram nesta linha analítica, aprofundando no papel da formação e a educação como formas do capital humano. Este economista norte-americano desenvolveu, em sentido estrito, a primeira teoria do capital humano centrando a sua análise nas formas de investimento ao redor da educação.<sup>200</sup> Segundo a sua tese, o incremento nos conhecimentos dos indivíduos supõe um incremento da qualidade da vida da população, como fatores determinantes e essenciais para a economia nacional. Para este autor, ao lado dos fatores tradicionais do capital e o trabalho, as habilidades e as capacidades dos trabalhadores conformam mais um elemento fundamental para o progresso. Neste sentido, resultaria fulcral o investimento na aquisição e melhoramento das habilidades dos sujeitos, principalmente, através do ensino. Deste modo, para SCHULTZ a formação não deve ser percebida, nunca como um custe, mas, principalmente, como um investimento para o futuro que lhes permitirá aos indivíduos aumentarem o seu capital humano. No entanto, na sua opinião, o ensino e a formação são um recuso escasso, portanto, com um determinado valor económico no que o indivíduo decide livremente destinar os seus recursos. Pola contra, não se trataria, desta perspetiva, de um direito que deva ser garantido pelo Estado, mas um investimento económico pessoal, que o sujeito terá de realizar para melhorar a suas habilidades e conhecimentos e concorrer em melhor posição na sociedade do mercado.

Ao trabalho SCHULTZ somaram-se principalmente as achegas realizadas por BECKER, que contribuem definitivamente à consolidação da teoria do capital humano. Para este autor o capital humano está conformado polo conjunto de capacidades produtivas que um indivíduo adquire por acumulação de conhecimentos e habilidades gerais e específicas.<sup>201</sup> A principal

---

<sup>199</sup> As primeiras achegas do economista norte-americano à teoria do capital humano encontram-se no ensaio intitulado *Uma mudança técnica e a função de produção agregada* (SOLOW, 1957:312-320), que senta as bases da consideração do capital humano como investimento.

<sup>200</sup> Podemos destacar entre os seus estudos sobre o capital humano, como texto referencial, a publicação de *Investimento no Capital Humano* (SCHULTZ, 1961: 1-17).

<sup>201</sup> Na conhecida obra *O Capital Humano*, BECKER (1993) desenvolve uma fulcral teorização sobre os conhecimentos e as competências que têm os sujeitos e a sua influência na atividade económica. Posteriormente, outros autores, por todos, MINCER (1974) continuaram o estudo do sujeito económico como um ser racional



inovação desta perspectiva é pesquisar no método de análise do impacto económico e social da formação. Assim, segundo o economista, o sujeito que realiza um investimento em educação não só incorre numa despesa, mas também num custe de oportunidade, ao ficar inativo durante esse mesmo período dedicado à melhora dos seus conhecimentos. Ora bem, o custe de oportunidade ocasionado por não perceber uma renda durante a estadia de formação, tem um retorno no futuro, porquanto a sua maior formação lhe reportará um salário mais elevado ao poder optar ao um posto de trabalho mais qualificado e, para tanto, melhor remunerado. Desta perspectiva, o autor põe em destaque a importância do fator humano ativo no processo de produção, e o custes associados a ele guarda uma analogia com o investimento no capital físico. E, de entre os diferentes instrumentos de investimento, a formação tem o papel mais destacado, na medida em que constitui o mais relevante meio de produção de capital humano.<sup>202</sup> Desta forma, BECKER salienta o papel central que tem o investimento em educação na sociedade, especialmente, no caso dos jovens, que para o autor devem ser os mais interessados no incremento do seu capital humano por esta via, porque perceberão um rendimento maior durante um período maior de anos, o que representa, por seu turno, o maior dos incentivos para a realização desta despesa no presente. Porém, o autor adverte que não qualquer despesa em formação está justificada desde uma lógica da eficácia e a eficiência que deve reger toda decisão do sujeito racional, mas apenas aquela na que o investidor tenha a certeza de uma taxa de retorno superior aos benefícios obtidos pelo investimento noutros ativos sem o risco da formação. Pois seguindo esta tese, o investimento em capital humano é substancialmente incerto, tanto temporal, como quantitativa e qualitativamente, a respeito dos benefícios procurados, sendo apenas a visão do sujeito à hora de investir em si mesmo o único método possível para escolher aqueles investimentos eventualmente mais rentáveis.

Para BECKER são dous os elementos-chave que explicam a relação entre o capital humano e os ingressos recebidos polos indivíduos. Em primeiro lugar, as despesas em capital humano são um investimento limitado pelas capacidades físicas e mentais do sujeito. Quer

---

que deve capacitar-se e aprender para acrescentar o seu capital humano como fórmula para incrementar os seus ingressos.

<sup>202</sup> Para BECKER (1993: 17) “a educação e a formação são os investimentos mais importantes no capital humano (...) a educação secundária e universitária nos Estados Unidos aumenta muito a renda de uma pessoa, mesmo depois de compensar os custos diretos e indiretos da escolaridade e depois de ajustar para os melhores antecedentes familiares e maiores habilidades de pessoas mais educadas. Evidência semelhante está agora disponível por muitos pontos no tempo de mais de cem países com diferentes culturas e sistemas económicos”.

dizer, não se trata de ativos incrementáveis de forma indefinida, pela contra, na medida em que o capital humano é inseparável do sujeito, está também indiscutivelmente limitado pelas suas faculdades. Portanto, as hipóteses de aumento do capital humano para melhoramento da vida não são infinitas. Aliás, o sujeito racional deve ter em consideração um segundo elemento primordial, para o incremento do capital humano resulta imprescindível dedicar uma notável quantidade de tempo que não pode ser utilizado para outra atividade económica. Porém, o valor do tempo aumenta quanto maior seja o nível de capital humano já acumulado, portanto, o investimento no seu incremento resulta cada vez menos rentável. Neste sentido, foi MINCER quem continuou este desenvolvimento, chegando à conclusão de que os investimentos mais rentáveis são aqueles que se realizam mais pronto na vida dos indivíduos, nomeadamente, no período de escolarização, cuja dedicação é a tempo completo. Já que aqueles realizados posteriormente, no período laboral, não unicamente têm um valor maior, senão que uma vez iniciada a vida laboral ela se vai consumindo e com ela as hipóteses de retorno para a melhora do capital humano mínguem qualitativa e quantitativamente. Para mais, o autor sinala que no caso dos sujeitos cuja vida laboral está chegando ao seu fim, o indivíduo racional deveria recusar qualquer investimento no incremento dos seus ativos vitais, dada a escassa rentabilidade dos mesmos e, portanto, centrar os seus esforços na atividade laboral economicamente mais favorável e de menor risco.<sup>203</sup>

A partir das achegas destes autores, consolida-se uma noção de capital humano que vai atravessar os discursos, as estratégias e as práticas dos sujeitos sob a racionalidade neoliberal. E, assim sendo, impulsionará um modo de vida fundamentado no cálculo racionalista do investimento de si mesmo, nas habilidades, capacidades e conhecimentos como forma de os indivíduos serem mais produtivos e fugirem da pobreza e a exclusão. Em definitiva, o investimento no capital humano é a forma como os sujeitos se autogerem, passando a vida inteira a ser administrada através dos parâmetros economicistas do custe/benefício e da eficácia e eficiência das ações humanas. O sujeito é, pois, o seu próprio governo protetor, que deve investir racionalmente na sua particular e individual política de educação, de sanidade ou de defesa se quiser garantir o seu futuro e bem-estar (FOUCAULT, 2012: 28), seguindo o discurso neoliberal, deve comportar-se como um gestor ativo, reflexivo e movimentado,

---

<sup>203</sup> Vid., sobre isto, FALGUERAS (2008: 32-37).

calculando os possíveis benefícios e perdas que se desprenderam da sua interação na defesa, acima de tudo, dos seus interesses particulares. Isto é, o sujeito tem de concorrer na sociedade empresarial como um agente económico mais: em primeiro lugar, para assegurar a sua inclusão como sujeito produtivo e, em segundo lugar, para procurar o seu crescimento constante tanto para não ficar descartado num mercado tremendamente agressivo e concorrente, quanto para melhorar a sua posição social. Especialmente acelerado tem sido este processo de exploração do capital humano, conforme analisa ROWAN (2014: 171-172), desde finais da década de noventa. A radicalização da empregabilidade vital foi, sem qualquer dúvida, colocada no centro dos discursos neoliberais, não produto da ação espontânea, promovendo um modelo empresarial da vida quer seja através de incubadoras de empresa, planos de promoção, obradoiros, feiras e ciclos de conferências, até programas televisivos, filmes, literatura geral e especializada na promoção da vida privada responsável.<sup>204</sup>

O objetivo último desta campanha é, para tanto, incentivar os indivíduos para explorarem todos os ativos que conforma o seu capital humano, a saber, os seus conhecimentos, os seus contatos, as suas redes de informação ou os seus afetos. Em resumo, converter a sua vida numa máquina mais competitiva e mais produtiva, que lhe permita atingir uma melhor posição ante outros sujeitos, percebidos como rivais para a consecução dos seus desejos (ROWAN, 2014: 174). A partir desse referencial teórico podemos observar, então, criticamente os contornos da empregabilidade, em primeiro lugar, no quadro de uma sociedade fabril em decomposição (HARDT e NEGRI, 2002: 274-279, 295-299) e, em segundo lugar, no surgimento de outras formas de valorização e, portanto, de sobrevivência, nas quais o emprego/salário e, especificamente, o emprego estável e certo perderam a sua centralidade social e existencial (BROWN, 2015; FEHER, 2009, 2017; LAVAL e DARDOT, 2013). Em consequência, os sujeitos devem ser destacados, tornar-se únicos e exclusivos, especializar-se para concorrer com as maiores possibilidades de se inserirem efetivamente na sociedade do mercado. Eles, como declara ROWAN (2014: 174-175), transformam-se em

---

<sup>204</sup> Em linha com o apontado por ROSE (2014: 85-87), detrás desta proliferação de agências privadas de saberes, como treinadores pessoais ou conselheiros de todo tipo, observamos um processo de transmissão de conhecimentos do sujeito neoliberal produzidos pelo neoliberalismo. Num plano suplementar, PAPALINI (2014: 265-267) apontou para a difusão das culturas terapêuticas e dos livros de autoajuda, como modo de promoção entre a população de instrumentos de autodiagnóstico para enfrentar os problemas sociais, vistos e identificados sempre desde a perspetiva pessoal e de superação individual. Em síntese, um leque de terapias e procedimentos que colocam a origem dos conflitos nas próprias condições de existência.

empresas até as suas consequências finais, exacerbando a sua identidade como estratégia de mercado, ganhando, assim, vantagem sobre seus concorrentes, e aproveitando cada encontro social como um ato de marketing, publicidade e promoção da sua marca pessoal. O objetivo último deste projeto social é incentivar os indivíduos para explorarem todos os ativos que conforma o seu capital vital. Para isso, o indivíduo deve singularizar-se, fazer-se único e exclusivo, transformar-se naquilo que diferentes autores denominaram um *sujeito-marca*.<sup>205</sup> Isto é, um indivíduo que acentuando a sua identidade como estratégia de mercado, mas também como um *style life* que o diferencia perante os restantes sujeitos como se de um produto comercial qualquer se tratar.

Conforme FEHER (2009: 21-41), o sujeito neoliberal procura sobressair entre a multidão, ser reconhecido como mais atrativo do que os seus competidores. Desta ótica, seguindo o filósofo belga, mais do que procurar maximizar os seus lucros, aquilo que procura é acrescentar a sua “atratividade” como forma de aumentar o seu valor de mercado. Trata-se de um *Eu-SA* (Sociedade Anónima) que se recodifica como um verdadeiro gestor que busca atrair permanentemente investidores e credores. E para isto ele direciona todos os esforços diários para atrair capital, sofisticando a sua marca pessoal, a fim de gerar confiança diante de potenciais investidores ou clientes. O sujeito neoliberal é, nesta aproximação, um autêntico gerente e todas as suas ações, que vão encaminhadas a melhorar a sua forma, a sua marca, e gerar credibilidade nos mercados. A vida implica, então, um fenómeno social para o que os indivíduos reencaminham todos os esforços diários, por banais que eles forem, em ações de atração de capital como forma de se situarem no mercado. Por outras palavras, eles procuram aperfeiçoar o seu atrativo atuando mais como um “gerente de uma carteira de condutas” que trata de valorizar-se, do que como *empresário de si mesmo*, seguindo a conceção mais clássica neoliberal. E cada ação que ele realizar deve ter em consideração o hipotético aumento ou decurso no seu valor pessoal. A finalidade de cada decisão da sua vida é, para mais, captar mais recursos em troca de proporcionar mais valor e mais rendimento vital. Afirma FEHER (2017: 31-38), os indivíduos não são mercadorias, são mais do que isso, a sua vida transforma-se numa autêntica carteira de ações e obrigações. Em definitiva, para o belga, vivemos não apenas a passagem do *homo economicus* liberal definido como um comerciante

<sup>205</sup> Abordado desde diferentes perspetivas, têm feito contribuições significativas à teorização do *sujeito-marca*, entre outro, DAVENPORT e BECK (2001), BIFO (2003), ROWAN (2014).

de si, para o *homo economicus* do neoliberalismo descrito por FOUCAULT como um empreendedor de si; mas, principalmente, a sua passagem para um *homo economicus* financeiro de si mesmo, que não busca a sua satisfação pessoal material, mas um acúmulo de valor *ad infinitum* especulando com a sua própria vida.<sup>206</sup>

Nesta perspetiva, mas acrescentando, talvez, mais uma vertente analítica, o chamado de COMITÊ INVISÍVEL (2017) tem colocado nos últimos anos sob o exame biopolítico a tecnificação da vida, como forma de extensão do governo da vida além das relações da produção. Pelas suas palavras, “*na ausência de trabalho, devemos manter a necessidade de ganhar dinheiro para sobreviver, agora tudo deve ser uma ocasião para gerar algum dinheiro*” (COMITÊ INVISÍVEL, 2017: 100). Esse fenómeno, também denominado por este grupo como uberização da vida,<sup>207</sup> segundo o qual o equipamento tecnológico sob o controlo do GAFA<sup>208</sup> é cada vez mais parecido com o equipamento do trabalho, multiplica as possibilidades de investimento (COMITÊ INVISÍVEL, 2017: 99). A entroncar com o surgimento de todo tipo de formas de “economia de partilha”, isto não faz mais do que expandir o empreendimento autónomo do sujeito formalmente emancipado da relação salarial, mas que, por seu turno, não sai da pressão económica. Ao contrário, nesta perspetiva, o indivíduo não pode perder uma oportunidade de ganhar dinheiro, pois esse é o *livemotiv* da vida, tudo está dentro da esfera da lucratividade.<sup>209</sup> Em conclusão, a racionalidade neoliberal, como forma de relação, superou completamente a economia, para cooptar a própria vida. Ou

---

<sup>206</sup> Para FEHER (2017), a influência das finanças na vida é crucial para entender as práticas sociais dos diferentes atores, incluídos os indivíduos, que cada vez confiam menos na relação salarial como forma de supervivência material. Segundo o autor, o neoliberalismo procuraria agora uma distinção entre “investidores” e “investidos”, na medida em que a relação de investimento é o principal dispositivo de gestão dos atores económicos.

<sup>207</sup> Por *uberização* da vida económica percebemos aqueles modelos de economia organizados ao redor de plataformas de economia de partilha nas quais, através das novas tecnologias, diferentes indivíduos se põem em contato para o aluguer de quarto, partilhar um trajeto no carro, um escritório, etc.

<sup>208</sup> GAFA são as siglas que referenciam as principais empresas tecnológicas, a saber, Google, Apple, Facebook e Amazon.

<sup>209</sup> Como afirmam o COMITÊ INVISÍVEL (2017: 101-102) empresas como Airbnb, Blabacar ou Wallapop, por exemplo, permitem que os indivíduos estendam ao infinito a esfera do valor. Como esses autores apontam, “*o que costumava ser um quarto vazio ou um quarto de hóspedes antes do Airbnb, agora é um lucro perdido. E o que costumava ser um ferro-velho, agora é vendido em Wallapop*”.

seja, a lógica do valor coincide com a vida organizada, apropriando-se de todos os atributos humanos, transformando o sujeito no autêntico suporte neutro da valorização capitalista.<sup>210</sup>



---

<sup>210</sup> Cfr. BIDET (2016a), para quem existe uma pluralidade de formas de corporeidade envolvidas na definição da relação salarial, seja elas de tipo biológico, social, individual ou coletiva, permitem a análise da atividade assalariada no processo de produção capitalista.





### CAPÍTULO 3. VIDA POSTA A PRODUIR

#### 1. FRONTEIRAS DIFUSAS. CAPITAL, TRABALHO E VIDA

Numa das críticas mais relevantes da história do pensamento político e filosófico realizada por HORKHEIMER e ADORNO à modernidade capitalista e à incipiente sociedade de mercado, afirmaram rotundamente estes autores que, se no passado “*Maquiavel escrevera para uso de príncipes e repúblicas, hoje se trabalha para os comités económicos e políticos*” (HORKHEIMER e ADORNO, 1998: 288). Esta enunciação encerrava, na nossa opinião, já a hipótese da cooptação dos diferentes âmbitos da vida humana por poderes alheios ao antigo poder do soberano e do Estado de direito. Assim, a autoridade sobre os indivíduos não se encontraria codificada simplesmente na lei, como sustem o liberalismo clássico, mas tampouco, seguindo LEMKE (2006: 6-8), unicamente nas esferas económico-políticas descritas pela teoria crítica. Ambas as perspetivas, em opinião deste autor, teriam, pois, um elemento em comum: a ideia do poder ser algo que se possui, que pode ser localizado, seja no Estado, seja na economia, e que ele é essencialmente repressivo. Mas o advir do neoliberalismo deixou-nos outra dimensão: o poder, como aponta FOUCAULT (1979: 118), está disseminado por meio de práticas locais e instituições micropolíticas que devem, fundamentalmente, ser analisadas em termos relacionais e tecnológicos. Deste modo, como recolhe LARNER (2000: 6-14) o neoliberalismo é: em primeiro lugar, um sistema político baseado na hegemonia de um mercado sem restrições; em segundo lugar, uma ideologia marcada por novos princípios que procuram a dominação das instituições, organizações e processos políticos de uma determinada sociedade; e em terceiro lugar e mais importante, uma forma de governo que problematiza o Estado, com menos governo institucional e mais governo social, uma governabilidade do mercado que ajusta as ações dos indivíduos. Não analisamos, pois, o neoliberalismo apenas em termos abstratos, mas de forma tangível como

um ente etnográfico, procurando as suas manifestações concretas. Aquelas manifestações e formas de atuação do Estado e as instituições, mas também, mais amplamente, os dispositivos racionais de captura dos sujeitos e das suas vidas para guiar as condutas.

Neste sentido, a importância das mudanças sociais produzidas nas últimas décadas transcende à relação capital/trabalho da sociedade fabril num processo de penetração da racionalidade económica como lógica dominante da realidade social. Noutras palavras, a razão neoliberal assumiu um carácter eminentemente biopolítico, subordinando a totalidade da vida dos indivíduos às necessidades do capital. Para tanto, aquilo que interessa abordar é, em efeito, a onnipresença da forma-mercado na sociedade e a transformação que isto produz na relação capital/trabalho. Como sinalam HARDT e NEGRI (2002: 28-29), a produção da vida está agora incluída na própria administração do capital, e a lógica económica contemporânea ultrapassa o modo de produção baseado na captura dos corpos para se estender a todos os planos da vida.<sup>211</sup> Já não existe uma separação entre a vida “dentro” do trabalho, portanto, subordinada aos dispositivos da produção e reprodução, e a vida “fora” do trabalho, em consequência, à margem da lógica do capital. No neoliberalismo ambas as esferas confundem-se de tal modo que a racionalidade económica que antes operava unicamente no interior das fábricas agora alastra por toda a sociedade. Aquilo que acontece é a captura da vida na malha neoliberal, que rompe os moldes da sociedade fabril e, em concreto, a sua distribuição espaço-temporal. A retórica do progresso própria do economicismo converte o trabalho num dos eixos centrais do seu quadro doutrinal num processo de reorganização multidimensional do social que requiere do sujeito por inteiro e à sua plena disposição (HARDT e NEGRI, 2002: 29-30). Esse domínio é, para mais, o ponto de partida da condição ontológica do viver no capitalismo contemporâneo. A forma de vida que a razão neoliberal produz e reproduz indispensável para a sua subsistência. A voracidade do capital já não é possível satisfazê-la, pois, com os métodos tradicionais de exploração do corpo individual e precisa absorver todo âmbito humano susceptível de ser mercantilizado. Já não é mais o corpo

---

<sup>211</sup> Vivemos, em consequência, um processo sociopolítico confrontado com o modo de regulamentação hegemónico do “capitalismo fordista”, baseado na centralidade da fábrica na produção. Nele a fábrica era o lugar e centro da produção, não apenas económica, mas, fundamentalmente, social. Deste modo, aqueles âmbitos alheios à fábrica também eram alheios à cultura fordista e à sua disciplina, que se encontravam na triada escola-cárcere-hospital (FOUCAULT, 1990). Cfr., para uma análise das transformações no processo de trabalho do *fordismo*, CORIAT (2000: 23-51).

quem trabalha, mas a vida mesma, uma vida precarizada que é submetida às exigências do mercado,<sup>212</sup> disponível em qualquer momento para produzir num novo cenário: a fábrica social.

O mercado subsume o conjunto da vida social e não apenas a vida laboral, isto é, a vida ao completo é posta a produzir. O tempo de trabalho e não trabalho resulta inseparável porquanto o trabalho fordista, assalariado e estável se vai extinguindo da mão de uma série de mudanças que não são simplesmente transformações económicas, mas um processo de subordinação do corpo social à produção biopolítica. Sendo assim, em contraposição à sociedade fordista, na que a fábrica é representada com a sua métrica e o seu perímetro como sendo o arquétipo da organização social, vivemos ruptura dos seus muros, expandindo a produção e reprodução social fora do seu espaço fechado. Para DELEUZE (2008: 220 e ss.), a sociedade converteu-se numa grande fábrica, e com ela quebrou a unidade temporal e espacial de um modo de vida regulamentado ao redor de uma forma de produção determinada pela disciplina fabril. A partir desta transformação podemos falar já, sem ambiguidades, de uma sociedade pós-fordista na que a racionalidade neoliberal conquista ambientes tradicionalmente excluídos das denominadas “relações da produção”.<sup>213</sup> O neoliberalismo revelou-se, então, como notara FOUCAULT (1979: 89 e ss.), algo mais penetrante e capilar do que uma mudança económica, um processo que prolifera pela estrutura social horizontalmente atravessando o corpo social por meio de múltiplos dispositivos vocacionados a produzir sabres, valores e práticas no conjunto dos indivíduos. A valorização do capital, historicamente entendida só dentro do âmbito estritamente produtivo, amplia-se e avança de tal forma que todos os espaços sociais ficam subsumidos na lógica do trabalho. Não estamos, portanto, perante uma única transformação de carácter técnico-económica encaminhada à desapareição da sociedade organizada sobre o trabalho, pois ele longe de se esgotar, o que faz é abandonar o seu recinto fechado, vertical e estável para se descentralizar e desterritorializar.

---

<sup>212</sup> A partir da noção de *vida precária* elaborada por BUTLER (2016), abordaremos a penetração da lógica neoliberal na sociedade empresarial e a disposição que ela faz da vida. Sobre isto, vid. Cap. 3.1.3.

<sup>213</sup> Segundo a clássica definição marxista, as “relações de produção” no capitalismo são os vínculos sociais que se estabelecem entre os indivíduos na produção e reprodução da sua vida material. Uma relação antagónica entre as diferentes classes sociais que é, por sua vez, económica, de poder e de força entre quem possui os meios de produção e quem achega a força de trabalho. Vid., por todos, MARX (2010: 58-94, 184, 261-323).

Ante os prognósticos de autores como RIFKIN (1996), segundo os quais o conjunto de transformações produzidas no sistema económico, nomeadamente, a partir da denominada “revolução tecnológica”, teria conseguido um modelo muito mais produtivo e, portanto, com capacidade para gerar um crescente volume de riquezas com cada vez menor trabalho. Aquilo que observamos é como a antiga classe operária em declive começa a ser substituída por um “novo proletariado” caracterizado por formas de infra-inclusão no mercado de trabalho que não para de crescer. Dito de outro modo, a crise da sociedade fordista não vai gerar, em modo algum, a desapareição do trabalho; mas numa direção oposta, aquilo que provoca é que a totalidade da vida se faça potencialmente produtora de mais-valia.<sup>214</sup> Por conseguinte, as transformações tecnológicas mais do que provocar um descenso no número de trabalhadores, o que teriam é originado um novo tipo de trabalhador: o precariado,<sup>215</sup> adaptado a um modelo económico polivalente, flexível e movimentado (GORZ, 1994: 74-83). Desta forma, não se trataria de abordar as mutações no mundo do trabalho unicamente como resultado da inovação tecnológica ou de novos processos produtivos,<sup>216</sup> mas, principalmente, noutra dimensão analítica. Para tanto, se observamos detidamente quais foram as causas da crescente precarização na inserção laboral, dificilmente poderíamos sustentar tal mudança, como sinala NAVARRO (2016) a partir dos trabalhos de BAKER (2015) e RODRIK (2016), unicamente na incorporação das novas tecnologias aos processos produtivos por dous motivos fundamentais. Por um lado, o seu impacto no mercado de trabalho foi mesmo menor que os introduzidos noutras épocas históricas e, portanto, o uso destas técnicas no terreno laboral não teve a transcendência anunciada. Em segundo lugar, o crescimento económico prognosticado e a produtividade que acompanharia o uso das novas tecnologias tampouco se verificou na prática. Em suma, afirma NAVARRO (2016), as verdadeiras causas da destruição dos postos de trabalho e da precarização existente seriam, eminentemente, causas de ordem política

---

<sup>214</sup> Para NEGRI (1980) estaríamos vivendo uma transformação da organização do capitalismo que se expressaria na passagem do antigo *operário-massa* do regime fabril para o *operário-social* do regime empresarial pós-fordista, no qual se modificam as estruturas do trabalho e de poder, que se estendem pelo conjunto da fábrica social apagando as divisões entre vida e trabalho.

<sup>215</sup> Por *precariado* entendemos, em palavras de STANDING (2013), uma sorte de novo proletariado caracterizado pela sua situação de vulnerabilidade. Para este autor, o precariado teria características próprias de classe e um determinado tipo de relações de produção que, a diferença do proletariado tradicional, estariam marcadas pela sua especial temporalidade e insegurança. Deste modo, ainda quando o trabalho temporal existiu historicamente, o elemento essencial deste tipo de temporalidade é a submissão das expectativas vitais a uma vida marcada pela instabilidade, a mobilidade e a flexibilidade

<sup>216</sup> Especialmente podemos sinalar a incorporação das novas tecnologias de automatização, a inteligência artificial, a digitalização e a biotecnologia, entre outras. Cfr. CASTELLS (2000), GORZ (1982), RIFKIN (1996).

derivadas das reformas neoliberais iniciada nos anos setenta e não fruto, necessariamente, das transformações técnico-económicas.

No entanto, a acertada crítica de NAVARRO, ao igual que a tese do fim da sociedade do trabalho, bebe de uma mesma distinção entre trabalhadores e não trabalhadores em termos materialistas, uma divisão inoperante que a análise (pós)foucaultiana busca superar, na medida em que no capitalismo contemporâneo as relações da produção atravessam já o conjunto do campo social. Não podemos referir-nos à vida e ao trabalho de forma separada, pois a vida ficou completamente subsumida pela razão neoliberal quebrando as divisões tradicionais do mundo do trabalho. Desta perspetiva, as fronteiras entre o tempo de trabalho (estável, rígido e especializado) e o tempo de não-trabalho resulta impossível. O não-trabalho desaparece de facto, consequência da extensão da exploração além das fronteiras tradicionais tanto no tempo, como no espaço. Em definitiva, poderíamos coligir que a série de transformações produzidas no regime fabril não foram apenas mudanças económicas, mas, acima de tudo, mudanças nas formas de regulamentação que afetaram à fábrica fordista e ao conjunto da sociedade, subordinando-a à lógica empresarial e os seus saberes, ritmos e práticas. Ora, como já foi reiteradamente sinalado,<sup>217</sup> as mutações económicas, sociais e políticas impulsionadas pela racionalidade neoliberal não implicaram sempre a eliminação de anteriores lógicas, que pela contra coexistem conflituosamente. Mas o novidoso no presente não seria tanto a persistência da realidade fabril, como o carácter hegemónico de novas formas de produção biopolítica, que mesmo não sendo maioritárias em termos absolutos no conjunto da *economia-mundo* ou circunscritas a determinadas regiões de Ocidente, estas exercem um impacto absolutamente transcendental sobre a totalidade da organização económica, social e política contemporânea.<sup>218</sup>

---

<sup>217</sup> Em efeito, reiteramos novamente o carácter deste processo histórico que descrevemos como híbrido e conflituoso, características fundamentais, na nossa opinião, para nos achegar a uma análise crítica do presente.

<sup>218</sup> Neste sentido, sinalamos criticamente com FEDERICI (2010), que o desenvolvimento do *pós-fordismo* em absoluto tem sido um processo lineal e unidirecional. Ao contrário, as inovações implementadas por ele, concretamente, em Ocidente levaram como contracapa a exploração mais extrema e nada novidosa de outras partes do mundo. Portanto, a evolução da racionalidade neoliberal, acarretou também um aprofundamento e embrutecimento mesmo acrescentado do trabalho industrial no Terceiro Mundo.



### 1.1. Viragem cognitiva. Imaterialização do trabalho

A fisionomia da sociedade do nosso tempo tem sido descrita de várias formas diferentes, quer como uma “sociedade informacional”, quer como uma “sociedade do conhecimento” ou quer como uma “sociedade em rede”, por destacarmos algumas das definições mais sucedidas. Ora, independentemente da aceção elegida, todas elas têm em comum o destaque da produção da informação e do conhecimento como o elemento fundamental das relações económicas e sociais do presente (VERCELLONE, 2004: 66). E, conquanto este processo não é uniforme nem homogéneo em todos os lugares conforme assinalamos anteriormente, decerto vai supor um salto qualitativo inseparável da expansão neoliberal. Pois o conjunto de atividades ligadas à informática, à multimedia, ao software, ou mesmo às inovações vão transformar substancialmente a tradicional relação capital/trabalho e, ainda, acelerarão o processo em curso de proletarização da sociedade. Para VERCELLONE (2004: 66-67) estaríamos a viver uma transição histórica para outro tipo de capital de carácter imaterial e intelectual. E seguindo este autor, a crise da sociedade industrial, do trabalho e da disciplina estar-nos-ia a encaminhar para uma sociedade imaterial, cognitiva e securitária.

**TABELA 3.1**

<b>Sociedade informacional</b>	<b>Sociedade do conhecimento</b>	<b>Sociedade em rede</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revolução tecnológica. TICs como tecnologias de produção e comunicação da informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resultado das transformações técnico-científicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção e organização social organizada em rede, não hierárquica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade expansiva para o processamento de dados e comunicação. Mercado global</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baseia-se na construção coletiva do conhecimento. Trabalhadores do conhecimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A informação e o conhecimento são fatores produtivos centrais.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A tecnologia ordena a sociedade e é motor do desenvolvimento económico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento é o motor económico de desenvolvimento social e cultural</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As TICs permitem satisfazer as demandas de informação com alcance global</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• A informação constitui-se na fonte do poder</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prioridade pelo conhecimento objetivável, científico e digitalizável</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fomenta-se a autonomia individual e a diversidade nos processos socioeconómicos</li> </ul>
---	--	---

Fonte: CASTELLS (1999, 200, 2006)

Neste sentido, autores como LAZZARATO e NEGRI (2001), BOUTANG (2004, 2007), FUMAGALLI (2010) ou VIRNO (2003) começarão a falar da viragem cognitiva do capitalismo, na medida em que constitui o paradigma da metamorfose nas relações da produção/reprodução social e, como exporemos a seguir, também o principal mecanismo de expansão da precariedade como forma de vida. Para isso abordaremos aquelas propostas realizadas polos denominados teóricos do *capitalismo cognitivo*, como ferramenta de reformulação do desenvolvimento de uma nova lógica do capital, que FUMAGALLI (2010: 84) sintetiza na passagem de um capitalismo de tipo industrial e material para um capitalismo de tipo cognitivo e flexível. Conforme BOUTANG (2004: 108-109), não estaríamos propriamente ante uma mudança no modelo produtivo ou do crescimento de uma economia, mas ante um fenómeno de subsunção da economia do imaterial e da ação humana por meio da digitalização da informação, o conhecimento, o tratamento informático e a acumulação de dados. Em suma, a revolução das novas tecnologias estaria a transformar a economia alterar a natureza do valor, as suas formas, espaços e modalidades.<sup>219</sup> Desta perspectiva, FUMAGALLI (2010: 85) sinala que a crise social do fordismo deve ser observada como uma autêntica ruptura histórica dentro do capitalismo e, em concreto, dos seus modos de produção. A complexificação do mundo do trabalho, a tecnificação e a informatização não deve ser vista, então, unicamente desde o plano tecnológico, mas numa outra dimensão. Ou seja, como sendo geradora e centralizadora de saberes que se convertem no ponto central da valorização do capital. Ao contrário da fase do capitalismo industrial, onde a produção de valor se realiza através de mercadorias, na fase do capitalismo cognitivo, a produção de valor realiza-se por meio do saber (FUMAGALLI, 2010: 87). Assim, diante daquelas teses que circunscrevem estas mudanças da produção a uma simples novidade tecnológica, ou mesmo aquelas que negam qualquer originalidade substancial na estrutura económica e também na social, para o

<sup>219</sup> Entre outros, CASTELLS (1999, 2000, 2006) tem abordado profundamente as mudanças na sociedade do conhecimento e da informação sob o paradigma tecnológico, nomeadamente, através da interação das TICs no mercado de trabalho.

economista italiano estaríamos vivendo uma mudança radical na organização económica da vida ao redor da figura dos *knowledge workers*<sup>220</sup> e a precariedade associada às transformações do emprego pós-fordistas. Sendo assim, FUMAGALLI (2010: 89-90) aquilo que destaca não é só a existência de uma economia do conhecimento,<sup>221</sup> mas a articulação de uma ciência económica e política vocacionada à gestão e à produção de novos saberes como fator produtivo.

O capitalismo cognitivo, conforme MARAZZI (2005: 107-126), redefine profundamente a relação entre o capital e o trabalho recompondo no corpo vivo a força de trabalho e a sua existência. A exploração no capitalismo cognitivo não se encontra na separação entre o sujeito trabalhador e a máquina de trabalho. O indivíduo é a própria máquina, o seu “cérebro”, os saberes e os conhecimentos incorporados por si mesmo como um componente de valor que não pode ser imediatamente expropriado no ato de trabalho (FUMGALLI, 2010: 95). Em efeito, uma produção de saberes em toda a sua dimensão, capaz de captar âmbitos alheios à produção de bens que com a crise da sociedade fordista se ocasiona. Não se trata, pois, de saberes diretos da atividade produtiva como noutras fases históricas do capitalismo, sendo a fábrica o lugar por excelência para a interiorização e exteriorização dos mesmos. Ao invés, aponta FUMGALLI (2010: 96), os saberes incorporados ao trabalho cognitivo são adquiridos, principalmente, fora da atividade estritamente laboral resultado de uma aprendizagem continua no transcurso da formação vital do indivíduo. Em suma, a vida é exposta a um processo de treinamento e preparação interrompido em todas as suas esferas para se transformar em mais um elemento do processo económico, um corpo-máquina à disposição da razão neoliberal, muito além dos saberes manuais, repetitivos e monótono do trabalho fordista.<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> Termo designado por DRUCKER (1969) para descrever, já a partir do final da década de cinquenta do século XX a importância do trabalho intelectual na sociedade contemporânea. No entanto, desde a perspectiva do capitalismo cognitivo o uso deste conceito tem sido menos dogmático e mais extensivo fazendo referência a um conjunto de atividades produtivas, principalmente, ligadas à engenharia, à informática, à arquitetura, etc. cujo principal recurso é o intelecto.

<sup>221</sup> Sem dúvida este aspecto tem sido um dos âmbitos mais controvertidos da proposta da “sociedade do conhecimento”, porquanto o conhecimento e o seu desenvolvimento tem estado presente desde o nascimento mesmo do capitalismo. Porém, tem sido posto num papel preponderante, em opinião, entre outros, de KURZ (2003), sem maiores motivos como justificando a passagem para uma nova forma de organização social.

<sup>222</sup> Descreve, deste jeito, FOUCUALT (1990: 141-142) a disciplina fordista como a fabricação de “*corpos submetidos e exercitados, corpos dóceis*. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Quer dizer, dissocia o poder do

Assim sendo, a complexidade da produção no capitalismo cognitivo transforma a mera elaboração e venda de bens materiais, na qual tanto podíamos separar as achegas dos trabalhadores ou das máquinas, como delimitarmos o tempo e espaço onde ela se realizava a produção. Porém, no processo cognitivo essa diferença entre atores e atores e espaço/tempo é deformada por completo. A sua forma é reticular, estrutura-se em rede, como um fluxo de relações e cooperação entre saberes que perdem qualquer contato com o espaço físico do tecido fordista (BOUTANG, 2004: 120 e ss.). A relação entre vida e trabalho resolve-se numa nova conceção do espaço e do tempo de forma dinâmica, não divisível em partes, mas como um *continuum* produtivo da vida. Como afirma FUMGALLI (2010: 128), a atividade cerebral, matriz da produção de saberes e conhecimentos, não está fixada a tempos preestabelecidos ou rotinas predeterminadas, mas é constante, dentro e fora do trabalho, anterior e posterior a um emprego concreto, como parte indissociável da vida mesma, não reconduzida a um espaço físico determinado. Segundo BIFO (2003: 122), a economia mostra-se como sendo uma hiper-realidade, um mundo simulado de produção. Para este autor, o processo iniciado pela lógica do capital é, acima de tudo, a integração da atividade humana, dos seus saberes, dos seus conhecimentos e do seu intelecto no terreno da economia, em definitiva, a captura da vida pela economia. Uma metamorfose da relação capital/trabalho que distribui os seus dispositivos de produção e reprodução por todo o espaço social. A vida, diz-nos FUMAGALLI (2010: 260), é agora a dimensão espaço/temporal da acumulação capitalista: a *bioeconomia*. Um processo de acumulação que se baseia na absorção das faculdades vitais com o objetivo de transformá-las em relações económicas produtivas.

TABELA 3.2

Imaterialização	Características
<b>Trabalho</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O trabalho imaterial converte-se em hegemónico dentro do modo de produção a partir da reestruturação fordista dos anos setenta</li> <li>• Processo irreversível que transforma a organização laboral possibilitando novas formas de relacionamento entre capital e trabalho.</li> </ul>

---

*corpo; de uma parte, faz desse poder uma aptidão ou capacidade que trata de aumentar, e por outra parte, muda a energia, a potência que dela poderia resultar, e converte-a numa relação de sujeição estrita. A coerção disciplinaria estabelece no corpo o vínculo de coação entre uma aptidão aumentada e uma dominação acrescentada”.*

<b>Produção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fábrica social: a organização do trabalho descentraliza-se, ao tempo que se conformam diferentes formas de precarização e terceirização laboral.</li> <li>• Ruptura de distribuição entre o tempo de trabalho estritamente produtivo e o tempo de não trabalho, porquanto a produção pós-fordista se produz também fora dos limites da fábrica</li> </ul>
<b>Sujeito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Traspasso do <i>operário-massa</i> prototípico do fordista para o <i>operário-social</i> do pós-fordismo como nova força produtiva do capital</li> <li>• A atividade abstrata, através da subjetividade do trabalhador, torna-se dominante. Isto é, a subjetividade é posta a produzir</li> </ul>

Fonte: GIORDANO e CATÓ (2012)

Para tanto, o mundo empresarial vai centrar os seus esforços económicos na criação, na administração e na circulação de saberes, caso da indústria da comunicação, o audiovisual ou o software. O marketing, a publicidade e a promoção de *marca* adquirem um papel preponderante, mesmo por acima da própria produção, fruto da terceirização da economia, de jeito que aquilo que se compra e vende são, fundamentalmente, símbolos, mais do que bens materiais.<sup>223</sup> A função de comunicação toma um papel que vai ultrapassar a simples promoção comercial do capitalismo industrial. No capitalismo cognitivo a organização ao redor da comunicação transforma radicalmente a estrutura da produção. Em tal sentido, a publicidade é agora quem, de facto, dirige a própria produção e a estratégia de empresa, que vira sobre a atividade de consumo através de uma estrutura invasiva e onnipresente no tempo e no espaço (FUMAGALLI, 2010: 168-170). Aliás, o consumo não está limitado à mera satisfação material, mas tampouco a uma sorte de substituição pela produção como sinalara BAUMAN (2005b); segundo qual na contemporaneidade a queda da “sociedade de produtores” viria a ser transmutada numa “sociedade de consumidores”. A comercialização centra-se, principalmente, no cliente que consome antes que no bem que é produzido. Desta perspetiva, no capitalismo cognitivo, o ato de consumo é, fundamentalmente, um ato de marketing do indivíduo em si mesmo. Isto é, uma manifestação de pertença a um determinado grupo e um

<sup>223</sup> Segundo RODRÍGUEZ (2003: 62-64) o consumo consiste na aquisição “(d)o *refresco não tanto pelas suas qualidades tónicas como pela sua publicitação como parte da vida coletiva de alguns grupos, por exemplo dos jovens; o carro não tanto pela sua potência como pela sua marca e o seu “capital-prestígio” associado —o desportivo, o Mercedes—; a habitação não tanto pelas suas dimensões ou pela sua localização, como pelo que significam socialmente esta forma ou esta localização.*”

investimento em si próprio resultado da aquisição de um determinado produto. Noutras palavras, o salto qualitativo do consumo não está na venda mercadoria propriamente, mas na produção imaterial de símbolos que o consumidor compra para se distinguir e se publicitar.

Desta maneira, a dimensão principal da comunicação comercial não está no produto, mas no significado que produz. Citando a LAZZARATO, FUMAGALLI (2010: 171) descreve o ato de consumo como um simulacro do acontecimento empresarial, que não se centra no bem material, mas no símbolo imaterial que direta e indiretamente causa na identidade do sujeito. Para isso, as grandes marcas tendem a procurar a identificação e fidelização do consumidor criando vínculos entre a marca e o cliente. Ora, o rol do cliente não se limita tampouco à compra, mas passa a formar parte de uma determinada “ética da marca”, além do que BAUMAN (2005b: 43 e ss.) denominara a “ética do consumo”. Como resultado, deixa de existir qualquer diferenciação entre a produção e o consumo que tornam um único ato: consumidor e empresário são um mesmo, a mesma figura que se funde na vida do indivíduo (FUMAGALLI, 2010: 174). Ocorre, assim, uma transição para um modelo económico cujo eixo central é uma produção imaterializada, que prima acima dos bens e produtos concretos e determinados, o que eles representam e simbolizam para a vida das pessoas. Noutras palavras, a atividade económica não se centra no lugar de trabalho, nem no bem determinado, mas no seu conteúdo simbólico. E os efeitos desta imaterialização da economia manifestam-se de forma profunda na organização do trabalho, na sua composição e na sua natureza. O trabalho cognitivo, como a seguir descreveremos, vai extravasar os limites entre o tempo de vida e trabalho, mas também entre o lugar de trabalho e a vida fora da jornada laboral, em síntese, entre a produção e a reprodução.

Em primeiro lugar, a viragem cognitiva do capitalismo inicia um processo de decomposição e fragmentação do mundo do trabalho que produz uma superação da diferenciação das tradicionais atividades manuais e as intelectuais. A atividade económica não se passa unicamente pelo corpo físico, mas, principalmente, pelo cérebro, através da aquisição de faculdades especializadas e permanentes em relação às tecnologias utilizadas (FUMAGALLI, 2010: 200). Deste modo, a figura do clássico trabalhador manual, assalariado e dependente muda por outras fórmulas de inserção laboral na medida em que a prestação



laboral prescinde, em maior medida, da produção material. Assim, numa economia cada vez mais voltada para os símbolos, para a representação do bem, mais do que o produto material, a chegada do trabalhador volta-se também mais cognitiva do que material (FUMAGALLI, 2010: 201). Em segundo, e como consequência do anterior, a figura que tende a assumir um rol mais relevante é a do trabalhador autónomo. Um tipo de sujeito que gere o seu próprio tempo e o seu próprio espaço, mas também administra o seu capital humano e investe em si mesmo. O trabalhador autónomo é a um tempo, assalariado e empresário, na medida em que presta serviços para um terceiro, mas é ele quem assume a sua contínua formação dentro de uma cadeia produtiva complexa e em rede (FUMAGALLI, 2010: 203-205).<sup>224</sup> Por conseguinte, a identidade profissional faz-se mais confusa, e a sua capacidade para operar no mercado está condicionada pela sua habilidade para se diferenciar e vender a sua força de trabalho. Sinala BIFO (2003: 73 e ss.), o sujeito considera-se a si próprio como empresário, pois ele é quem deve administrar-se, formar-se e oferece um produto atrativo para o tecido empresarial; mas a autonomia dessa atividade característica prototípico do empresário fica condicionada ou submetida às diretrizes do mercado e das suas necessidades. Para tanto, o sujeito não separa vida e trabalho, mas faz uma identificação vital da sua atividade económica, pois tal independência é uma mera aparência que soterra uma dependência mais profunda, porquanto não se trata apenas de uma dependência laboral, mas uma dependência vital.<sup>225</sup>

---

<sup>224</sup> Neste sentido, FUMAGALLI (2010: 208 e ss.) tem falado de uma relação de para-subordinação, uma relação representada por duas tendências. Em primeiro lugar, como perspectiva formal não pode ser adstrita às formas de trabalho subordinado, com pagamentos através do salário, mas caracterizada, antes, por uma forma de remuneração através do ingresso manifestado na passagem do ordenado para a fatura. Em segundo lugar, desde a perspectiva material, o que se esconde detrás desta relação é uma evidente prescrição das tarefas, um único pagador e, ainda, uma única localização de trabalho fixo.

<sup>225</sup> Para BIFO (2003: 75), “o telemóvel, que a maior parte dos infotrabalhadores tem ligado incluso nas horas em que não trabalha, desempenha uma função decisiva na organização do trabalho como empresa formalmente autónoma e realmente dependente. A rede telemática constitui a esfera na que é possível a globalização espaço-temporal do trabalho: o trabalho global é a recombinação contínua de uma miríada de fragmentos de produção, elaboração, classificação e decodificação de signos e de unidades de informação de tudo tipo. O trabalho vira, através do telemóvel, atividade telemática sobre a qual a rede opera uma constante recombinação. O telemóvel é o instrumento que faz possível essa recombinação”.

## 1.2. Potencialidades e limites analíticos

Como podemos observar, a análise do capitalismo desde a viragem cognitiva procura rastrear aqueles elementos mais originais do modo de produção pós-fordista e da série de transformações socioeconómicas por ele incorporadas. No entanto, como sinala KEUCHEYAN (2013: 193 e ss.), esta corrente crítica não consegue tomar grande distância de outras propostas mais convencionais ou marcadas como *mainstream*, como a sinalada tese da “sociedade do conhecimento”. Assim, a aproximação analítica dos teóricos do capitalismo cognitivo não deixa de assumir, certamente, os mesmos postulados, excessivamente descritivos, politicamente neutrais e baseados numa certa fascinação ou determinismo tecnológico que é apresentado certamente de forma sobredimensionada. Sendo assim, e conquanto seja inegável a potência transformadora das novas tecnologias nas formas de organização social, não podemos negar a necessidade de revisar criticamente alguns dos seus aspectos centrais. Para começar, não obviamos que todas as sociedades na história têm sido sociedades caracterizadas pelo conhecimento e a informação. Em rigor, em palavras de KURZ (2003:1), o ser humano ao longo dos tempos precisou de certos saberes e conhecimentos que foram previamente acumulados e transmitidos para garantir a sua supervivência. Deste modo, resulta já de início paradoxal que seja no século XX e XXI quando for reivindicado para si o “saber”, como se o autêntico conhecimento seja descoberto agora. Porém que o filósofo alemão admite que nunca noutra momento tivemos disponível tanta informação, mesmo podendo falarmos de um *big-bang* de informação, ora, dificilmente podemos demonstrar com isto a existência de uma sociedade mais “inteligente”. Ao contrário, a informação ou os saberes que circulam pola sociedade contemporânea seriam conhecimentos apenas funcionais ao próprio capitalismo e para a construção, edificação e manutenção dos sistemas económicos e sociais do presente (KURZ, 2003: 2-3). Assim, a aquisição de conhecimentos ou informações não equivale, de forma alguma, a uma maior capacidade analítica da realidade, mas apenas para “*estar em forma*” no complexo circuito da comunicação de sinais técnicos, sociais e económicos (KURZ, 2003: 6). E o imperativo informacional está em concordância com as necessidades da economia do conhecimento, a aprendizagem e formação contínua do capital humano funcional ao capitalismo contemporâneo como força de trabalho tecnicamente qualificada. Em definitiva, a “nova era

do conhecimento” não seria mais do que o processamento maciço de informação, à margem de qualquer saber crítico, reflexivo ou histórico, convertido num dispositivo funcional à tecnologia capitalista.

No entanto, tem sido seguramente a delimitação da categoria “imaterial” do trabalho o pressuposto que tem levantado maior controvérsia. Uma noção que se apresenta como central para os analistas do capitalismo cognitivo no modo de produção pós-fordista a partir da reestruturação da sociedade fabril desde os anos setenta.<sup>226</sup> Assim, para autores como LAZZARATO e NEGRI (2001: 28-29) é a partir da imaterialização do trabalho que se articula a hipótese do sujeito trabalhador autónomo da relação capital/trabalho. Uma imaterialização que faz possível uma extensão da fábrica pela sociedade não restringida nem ao momento, nem tampouco ao espaço da produção. O trabalho imaterial seria, portanto, o que possibilitaria a articulação de novas formas e procedimentos de relacionamento entre o capital e o trabalho fora dos tradicionais esquemas fordistas. Mas também, o carácter imaterial e cognitivo do trabalho seria o que permitiria transformar toda a organização laboral e, em concreto, que os sujeitos produtivos se constituam de forma paralela à atividade produtiva em sentido estrito (LAZZARATO e NEGRI, 2001: 11-18). Como resposta a esta focagem, nos últimos anos diferentes autores como KURZ (2009) ou JAPPE (2016) têm questionado de maneira contundente a centralidade da imaterialização e a natureza mesma do trabalho contemporâneo a partir da análise marxista,<sup>227</sup> sinalando o notável reducionismo desta categoria analítica, porquanto qualquer trabalho que se traduz nalgum resultado concreto teria tanto um elemento material quanto imaterial (JAPPE, 2016: 223-224). Desta crítica, não existiria um trabalho cada vez mais imaterial, mas unicamente um inegável crescimento de serviços e trabalhos ligados à tecnologia que se deve concretizar num bem material. O trabalho intelectual por si só não constitui um modo de acumulação diferente, em primeiro lugar, pela sua dificuldade para criar valor e, em segundo como resultado disto, pelo seu

---

<sup>226</sup> Por todas, têm destacado as análises de LAZZARATO e NEGRI (2001), identificando como traço fundamental do pós-fordismo o processo pelo qual o trabalho imaterial se converte em central.

<sup>227</sup> Para MARX no seu estudo do trabalho humano e social a atividade laboral tem uma dimensão dual, estabelecida pelo “trabalho concreto” e pelo “trabalho abstrato”. Assim sendo, assinala ANTUNES (2010), para MARX, “*tudo trabalho é, de uma parte, gasto de força humana de trabalho no sentido fisiológico e, como tal, como trabalho humano igual o trabalho humano abstrato, forma o valor da mercancia. Mas tudo trabalho é, de outra parte, gasto de força humana de trabalho sob uma forma especial e encaminhada a um fim e, como tal, como trabalho concreto e útil, produz os valores de uso*”.

déficit de acumulação real, que se equilibra unicamente com o recurso ao crédito; isto é, retroalimentando um mesmo esquema de produção cuja imaterialização nem altera, nem modifica a estrutura essencial do modo de produção capitalista.<sup>228</sup>

À vista disso, seguindo as críticas destes autores, a transformação do mundo do trabalho a partir de formas baseadas na flexibilidade, a mobilidade e o aumento de formação não provocou uma ruptura no capitalismo como sistema de exploração. Mas noutra leitura, a constante tendência a automatizar-se e a sua dinâmica anónima como base das relações sociais estaria, antes, presente desde a sua origem do capitalismo. Para tanto, resolve JAPPE (2016: 207-218), o pós-fordismo não seria mais que um passo mais nessa lógica de (auto)controlo do capital. E, em consequência, as análises do capitalismo cognitivo não fizeram mais do que reproduzir as mesmas eivas que as correntes económicas convencionais fundamentadas no paradigma da “sociedade do conhecimento”. Neste sentido, estes teóricos do capitalismo têm feito um diagnóstico excessivamente otimista, e têm caído num certo deslumbramento tecnológico cujo resultado tem sido a procura da inovação constante.<sup>229</sup> Quando detrás da fascinação da “revolução tecnológica”, que sem dúvida permitem possibilidades para os indivíduos nunca antes experimentadas, longe de serem ferramentas libertadoras do trabalho, as novas tecnologias têm sido dirigidas para um controlo dos trabalhadores mais eficaz e mais eficiente. Igualmente, conquanto é irrefutável o crescimento da dimensão cognitiva do trabalho, o rol do conhecimento no capitalismo não é nenhuma novidade, nem tampouco isto implica *per se* uma mutação total da estrutura laboral. Compre, sendo assim, matizarmos a definição do capitalismo contemporâneo como um modo de produção baseado unicamente na acumulação de conhecimento, porquanto podemos observar a lógica cognitiva a coexistir com uma lógica disciplinar-flexibilizada em determinados territórios. E sendo certo que existe um trabalho de carácter imaterial que tende a ser hegemónico em determinado setores e territórios, este não apaga um leque de trabalhos

<sup>228</sup> Neste sentido, JAPPE (2011: 8-16, 51-60, 113-141), desde uma posição distante da crítica da sociedade da tecnologia, aborda o cerne do capitalismo contemporâneo como um limite interno da dinâmica de valorização. O valor, desta ótica, constitui a “forma social total” que subordina toda a existência social, mas entra em crise no momento no que a tecnologia desborda o trabalho humano como fonte de mais-valia. Desta forma, a acumulação real de capital perde capacidade e desvaloriza-se, recorrendo, então, à finaciarização e ao crédito como modo de alargar a vida a um capitalismo que traspassou os seus próprios limites internos.

<sup>229</sup> Vemos, pois, uma fascinação tecnológica no trabalho de diferentes autores, entre outros, RIFKIN (1996), GORZ (2003), CASTELLS (2000), que tem levado a procurar na tecnologia toda série de justificações segundo as quais todo o modelo social do presente é derivado da mesma de forma unívoca.

precários que não requerem qualquer formação nem qualificação profissional e que constituem a grande bolsa de trabalho da contemporaneidade.<sup>230</sup> Noutras palavras, o crescimento do conhecimento, o trânsito de informação e a tecnologização do trabalho não teve como resultado a eliminação da *sociedade de produtores*, mas, fundamentalmente, a sua precarização. Na atualidade aquilo que se esta a gerar é mais desigualdade, insegurança e instabilidade do que nunca, sendo o *trabalho miséria* a principal forma de supervivência para a maioria social. E apenas uma minoria da sociedade tem acesso real e verdadeiro à formação educativa e profissional precisa para se inserir na denominada “economia do conhecimento”.

Para tanto, poderíamos concluir que o neoliberalismo não substitui a racionalidade industrial e disciplinar, como teria sobrevalorado a corrente analítica do capitalismo cognitivo, mas fundamentalmente aquilo que provoca é a sua subsunção numa nova lógica de valorização. Pegando na perspectiva foucaultiana, o neoliberalismo não é tanto o resultado de um processo de reestruturação do capital e das relações de produção, mas a expansão de uma racionalidade económica vocacionada a absorver e submeter a vida mesma do conjunto da população. Isto implica, então, que a dimensão cognitiva do trabalho não determina um tipo de função no processo produtivo, mas aquilo que é posto em causa é a disposição da vida dos indivíduos ao serviço do capital. Por conseguinte, as mudanças nas relações capital/trabalho não têm origem, como se de um determinismo tecnológico se tratar, na informação ou na comunicação, mas num plano de captura da vida pela lógica do capital. Como sinala VERCELLONE (2003), a sua face mais reconhecível, ao contrário do que afirmaria a teoria da “revolução tecnológica”, não seriam os laboratórios de investigação, o desenvolvimento ou inovação das grandes empresas. Sem negar a importância dessas inovações, as principais mudanças operadas seriam aquelas produzidas no tecido social e institucional antes gerido pelo Estado e agora voltado para a lógica mercantil, e a penetração do capital na institucionalidade assistencial e protetora que acompanhava a sociedade fordista. Deste modo, revirando a proposta de VERCELLONE (2003), as transformações e inovações na educação, na formação, na cultura ou na saúde não são unicamente os pilares sobre os que se regulamenta a autoproclamada economia do conhecimento, mas são, antes, os dispositivos de configuração dos modos de vida dos que se nutre o capitalismo neoliberal.

---

<sup>230</sup> Vid., por todos, de novo os trabalhos de BAKER (2015) e RODRIK (2016). Cfr. NAVARRO (2016).

### 1.3. Excedência e fragmentação. Vida precária

Não resulta problemático afirmar que, ainda não desaparecendo a sociedade do trabalho, uma das principais consequências das mudanças provocadas pela incorporação das novas tecnologias e dos novos processos produtivos, foi a notável redução da força de trabalho necessária. Uma multidão de pessoas é expulsa do circuito económico em recomposição como resultado da contração do *trabalho vivo* direto necessário para a economia pós-fordista, diminuindo a sua presença em termos quantitativos de uma forma exponencial (FUMAGALLI, 2010: 265 e ss.). Confirma-se, assim, um processo em andamento de substituição do *trabalho vivo* dos indivíduos pelo *trabalho morto* das máquinas com a implantação do modo de acumulação neoliberal. Ora bem, como sinala DE GIORGI (2006: 97), esta dinâmica em curso, não isenta de contradições,<sup>231</sup> aquilo que teria ocasionado, acima de tudo, é uma complexização dos sistemas de produção: desde a desestruturação do trabalho típico à da tradicional divisão do trabalho, que implica, em última análise, uma nova organização da relação capital/trabalho. Isto é, um processo de reconversão industrial, de terceirização dos sectores produtivos e, nomeadamente, de fragmentação da força de trabalho, que expulsou a boa parte da antiga classe operária da economia formal e regulada para ser reincorporada nas margens do modelo produtivo caracterizado pela temporalidade, a flexibilidade e vulnerabilidade laboral. No entanto, desta perspetiva apontada pelo teórico italiano, o aspecto essencial a observar teria mais a ver mais com a dimensão qualitativa das transformações acontecidas do que com a sua inegável dimensão quantitativa. Pelo que o aspecto central da análise das mudanças operadas seriam, logo, os modos de produção, a valorização do capital e, nomeadamente, a composição e a constituição de uma nova subjetividade produtiva.

Em opinião de ANTUNES (2009: 30-31), o espaço e o tempo convulsionaram, reterritorializando e desterritorializando o mundo do trabalho, onde é preciso um novo tipo de sujeito polivalente, multifuncional e disposto em qualquer momento a se incorporar à

---

<sup>231</sup> Lembramos, conforme sinalamos na epígrafe anterior, que estamos mais ante uma tendência do que uma substituição de um modelo por outro. Como sinalam KOHAN (2002), KATZ (2002), VERCELLONE (2003), estamos perante um sistema de produção muito heterogéneo onde a tecnologização, a terceirização e a imaterialização do trabalho de uma parte do mundo, acarreta o deslocamento do industrialismo, se calhar ainda mais brutal, sobre outras partes do globo como se pode observar nas complexas relações Norte/Sul.



produção. Longe de ser eliminado o trabalho com as novas tecnologias e processos produtivos, aquilo que vai acontecer é a articulação de uma nova morfologia que, em primeiro lugar, não apaga totalmente ao operário industrial, principalmente, em determinadas áreas geográficas -caso do Sudeste Asiático, por citarmos o exemplo mais relevante-. E, em segundo lugar, destapa um interminável leque de infra-trabalhos centrados, principalmente, no setor serviços e definidos pela temporalidade, a subcontratação e a extrema flexibilização: dentro dos quais podemos diferenciar tanto aqueles empregos dirigidos a mão de obra pouco qualificada e facilmente substituível -tais como o telemarketing, supermercados e centros comerciais, empresas de *fast food*, etc.-, quanto aqueles outros empregos mais qualificados e marcados pelo seu potencial intelectual -como por exemplo os trabalhadores da banca e finanças, a informática, a multimídia ou o software-. Em suma, seguindo de novo a ANTUNES (2009: 39-40), assistimos a um conceito de trabalho que amplia a sua natureza num desenho multifacetado resultante das transformações que atravessam as relações económicas contemporâneas. Igualmente, para DE LA GARZA (2009: 122), presenciamos uma incontestada decomposição das formas tradicionais de relação entre o operário e o patrão, que mais do que uma transformação do conceito de trabalho, estaríamos a viver, principalmente, o seu alargamento. Destarte, o trabalho clássico tende a ser substituído em todas as formas de inserção no mercado laboral por um tipo de relação desprotegida, a tempo parcial, incerta e submetida a uma instabilidade constante.<sup>232</sup> Aliás, o trabalho volta-se eminentemente autónomo, não subordinado diretamente a um único empresário que exerce verticalmente a suas funções, senão que emerge um conjunto de ocupações mistas no mercado e uma mistura também dos espaços e tempos de produtivos e reprodutivos.<sup>233</sup> Assim sendo, a atividade laboral não é unicamente uma atividade física e material, mas também intelectual e imaterial, na que a constituição como sujeito trabalhador, em permanente processo de qualificação e pronto para se incorporar a atividade laboral, resulta mais relevante que o próprio objeto do trabalho (DE LA GARZA, 2009: 125).

---

<sup>232</sup> Podemos sinalar, entre outros, desde a contratação através de empresas de trabalho temporal, o trabalho a domicílio, os *free lance*, o tele-trabalho, os comerciais, o trabalho estacional e todo um interminável leque de trabalhos parciais e temporais.

<sup>233</sup> Aparecem novas figuras, entre outras, os denominados como *minijobs*, contratos de trabalho de poucas horas laborais, baixos salários e com uma proteção laboral muito reduzida, no que os sujeitos devem compaginar a sua vida quotidiana, nomeadamente, no caso de estudantes ou pensionistas com pequenos trabalhos para poder subsistir.

Conforme aponta BECK (2007: 9-29), no capitalismo contemporâneo as seguranças e certezas do keynesianismo constituídas ao redor do emprego formal, estável e rígido desaparecem da mão do trabalho flexível e inseguro. Mas com isto também se põe em questão a constituição subjetiva dos trabalhadores porquanto se quebram as identidades laborais e com ela o status social. Em suma, reitera DE LA GARZA (2009: 112), o trabalho tornar-se-ia “*uma colagem de fragmentos de experiência*” que dificultaria o reconhecimento dos sujeitos numa identidade social historicamente construída ao redor do trabalho e das antigas categorias fordistas. Mais do que identidades coletivas construídas na sociedade-fábrica, assistimos à configuração de identidades individuais definidas polos diferentes projetos vitais de cada sujeito, responsáveis pelo seu próprio sucesso na sociedade empresarial. O trabalho formal, estável e rígido, que até então servira para tecer solidariedades de grupo, certezas e expectativas de vida (BAUMAN, 2002: 139-149), deixa passo a um modo de vida fundamentado na insegurança e na instabilidade. Os riscos e perigos passam a ser assumidos em exclusivos polos indivíduos que devem gerir as suas vidas conforme às necessidades de um mercado em constante mudança. Para VIRNO (2003: 59-60, 108-109), esta mutação é a causa da transformação da subjetividade e a subordinação de toda a realidade social à lógica do capital, que se apodera do próprio sujeito conduzindo-o para um tipo de individualidade que, por seu turno, identifica a sua vontade com a razão empresarial. O sujeito converte-se no único responsável pela sua empregabilidade, dedicando a ela a totalidade da sua vida pessoal, adquirindo e potenciando as suas capacidades tanto laborais, como não laborais, sejam estas relacionais, afetivas ou comunicativas, pois todas as suas funções estão ao dispor do funcionamento empresarial. Em definitiva, a vida mesma é *empresarializada*, ela deve ser flexível, autónoma e arriscada, procurando sempre a melhora e otimização das habilidades orientadas ao mercado. O trabalho, como sinalamos, estende-se a todas as esferas da vida, forem estas de estrita atividade laboral ou não. Isto significa que aquele tempo historicamente definido como de não trabalho ou desocupação também muda. Neste sentido, o conceito de desemprego não equivale a ausência de trabalho, ao se prolongar este também à existência vital, independentemente de estar em posse de uma ocupação produtiva concreta. O sujeito desocupado segue trabalhando e, em absoluto, a queda do emprego determina a sua desapareição que, ao contrário, é alargado pelo tempo e o espaço. A noção trabalho-emprego, entendido em termos fordistas, fica praticamente em desuso, se não diretamente obsoleta no

presente, e a categoria de trabalho agora desborda progressivamente a sua conceção originária subsumindo todo o processo vital (DE GIORGI, 2006: 94- 96).

Ora, esta metamorfose do trabalho, como mecanismo central da produção pós-fordista de bens materiais, imateriais, corpóreos e simbólicos (ANTUNES, 2009: 31) tem outra dimensão. A extensão a todos os âmbitos da vida das características próprias do trabalho pós-fordista: a flexibilização, a insegurança e a instabilidade. Em resumo, a precariedade converte-se em parte constituinte da vida na contemporaneidade. Não estamos, pois, unicamente ante a precarização estrutural do mundo do trabalho, mas ante uma precarização vital. Tudo isto, como lembra ANTUNES (2009: 34), num contexto de brutal avanço tecnológico, conhecimento e automatização do trabalho, que longe de libertar ao indivíduo da histórica carga do trabalho,<sup>234</sup> aprofundou na sua exploração a partir das mais diversas formas de precarização num duplo sentido. Por uma banda, como forma de captura do conhecimento, a experiência e as capacidades dos sujeitos por parte do capital, na medida em que a produtividade empresarial deixa de estar subordinada à administração interna dos seus recursos para alastrar ao conjunto do corpo social. E, por outra, como mecanismo de ruptura das identidades coletivas e biográficas construídas ao redor ao emprego formal, estável e rígido, substituído por formas de inserção de vidas flexíveis e nómadas necessárias para num mercado inseguro, instável e desprotegido. Completado, aliás, com o desmantelamento iniciado pelo projeto neoliberal da rede de garantias sociais, criadas ao abeiro do Estado providência como contentor da desocupação, da exclusão e da precariedade; mas agora, assinala DE GIORGI (2006: 95), percebidas com um fenómeno social crónico e insuperável.

---

<sup>234</sup> Durante décadas o desenvolvimento tecnológico foi apresentado como um instrumento de emancipação dos indivíduos. Uma visão muito otimista sobre a qual se edificou toda a expansão dos novos processos produtivos porquanto procurariam, à sua vez, o desenvolvimento humano, a produção científica, etc. Em definitiva, os avanços na informática ou nas telecomunicações foram sinalados como sendo parte de novo processo de civilização que o decorrer do tempo colocou em questão. Cfr. CASTELLS (2006).

TABELA 3.3

Precariedade	Características
<b>Estado de insegurança</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A racionalidade neoliberal produz e reproduz precariedade através das relações económicas, sociais e jurídicas de desigualdade</li> <li>• A precariedade converte-se num elemento estrutural de ordenação das relações de desigualdade</li> </ul>
<b>Dispositivo de governo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A precariedade é um dispositivo de produção e gestão de uma forma de vida insegura, instável e incerta, crucial para a lógica neoliberal</li> <li>• A precariedade é um dispositivo de governo da vida das relações económicas de exploração do capitalismo pós-fordista</li> </ul>

Fonte: LOREY (2016)

Como corolário, a precariedade é muito mais do que a forma hegemónica do emprego no capitalismo contemporâneo. Dito de outro modo, ela não se reduz à flexibilização e à instabilidade laboral, mas penetra todas as esferas da vida; pois quebra, em primeiro lugar, a diferenciação entre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho e, em segundo lugar, prolonga a exploração do capital à vida quotidiana, alargando o submetimento do sujeito às necessidades do mercado além do perímetro da fábrica (ARELLANO, K. *et al.*, 2009: 195). Isto equivale na prática a amplificar a vulnerabilidade dos indivíduos, que já não se delimita, conforme CASTEL (1997) ou GORZ (1995) à questão salarial, à quebra da divisão do trabalho ou mesmo à demolição dos sistemas de proteção do Estado de Bem-Estar; mas traspassa a vida até transformá-la num sujeito útil e funcional às necessidades do mercado pós-fordista. Em definitiva, a precariedade não atravessa apenas a experiência laboral, mas deste ponto de vista, a precariedade penetra também as experiências vitais. A precariedade não é, então, um fenómeno transitório ou momentâneo de um contexto económico determinado ou de uma situação excecional, mas uma parte essencial da governança neoliberal. Isto é, a precariedade não é uma realidade social periférica ou marginal a solucionar pelas políticas públicas de emprego; porém, trata-se de um elemento crucial das relações sociais contemporâneas e constitutivo da ordem social. Por consequência, ela não estaria unicamente circunscrita às problemáticas do mundo laboral, mas é extensiva ao conjunto dos modos de vida que caracterizam o capitalismo atual. E o debate não deve girar,

então, em torno à identificação ou caracterização de um trabalho ou outro como precário, na medida em que a precariedade se constitui agora como uma condição vital. Em resumo, não devemos analisá-la, unicamente, não sua vertente laboral, mas, fundamentalmente, como um dispositivo de produção e gestão de uma forma de vida insegura, instável e incerta, crucial para a lógica neoliberal. Porquanto, a flexibilidade e a insegurança formam parte dos fundamentos definidores do (bio)poder e não são, em absoluto, um impedimento para o seu normal relacionamento. A precariedade longe de ela supor uma disfunção ou uma anomalia dos consensos nascidos do keynesianismo-fordismo de pós-guerra, é o padrão de conduta que organiza a vida dos indivíduos na sociedade empresarial.

Deste modo, no neoliberalismo a segurança socioeconómica das pessoas não mantém uma relação de antagonismo com a precariedade, antes bem, conformam um mesmo binómio imprescindível para a articulação de uma nova forma de exploração (bio)económica. Assim sendo, a precariedade teria a sua origem, fundamentalmente, no deslocamento da responsabilidade dos perigos e das incertezas, que passa do Estado para a responsabilidade individual, e que se manifesta num processo competitivo, egoísta e insolidário pela permanência na sociedade. Nele os sujeitos devem procurar a sua própria segurança e a sua posição num cenário de incertezas e voraz competitividade, sem aguardar pela proteção coletiva, valendo-se por si próprios, na busca de uma solução pessoal, na medida em que os riscos são geridos unicamente por um mesmo (BAUMAN, 2002: 35-40). Nesta dinâmica, a gestão pública estende a mercantilização às suas entidades e instituições, descarregando as suas competências em matérias como o ensino, a saúde ou as políticas de emprego nos próprios indivíduos, percebendo-os como seres racionais que tomam as suas decisões e assumem as suas consequências sem necessidade da intervenção estatal para sua supervivência. A inclusão social adquire, então, no quadro da precarização uma nova significação baseada na lógica da empregabilidade. O indivíduo, convertido em gestor da sua vida que devem um capital, um “capital humano” que se deve ir acrescentando. Neste sentido, a diferença da aproximação mais negriana,<sup>235</sup> o capitalismo pós-fordista e, em concreto, o trabalho imaterial não está isento de elementos de autoempresa. Pois, o trabalhador cognitivo não é apenas um fator de produção, mas fundamentalmente ele é um capital. Para tanto,

<sup>235</sup> Seguiremos neste aspecto a correção realizada por VILLAR (2017: 72-75) à análise de NEGRI enquanto à ausência da inclusão da noção foucaultiana de *empresário de si* no pensamento do filósofo italiano.

trabalhador e *empresário de si* são dous planos de um mesmo sujeito que põe a disposição do mercado um capital de conhecimentos (VILLAR, 2017: 73). A vida não é só posta a trabalhar, mas ela é gerida em cada âmbito, por quotidiano que ele seja, na relação empresarial. Desta perspetiva, a empregabilidade da vida vai além da sua visão como um profissional autónomo. O relevante é a administração dos seus recursos, as suas atitudes e aptidões dentro da lógica gerencial, como modo de se relacionar dentro da sociedade empresarial.<sup>236</sup> Portanto, a análise das transformações económicas não se deve circunscrever tampouco às estruturas produtivas e às suas mutações, mas, se quisermos aprofundar na racionalidade neoliberal, deveremos contemplar as transformações nas condições de produção de vida e, especificamente, no sujeito-empresa como aperfeiçoamento do capital (VILLAR, 2017: 75).

Destarte, cair na precariedade já não é uma responsabilidade coletiva, e a sua eventual superação só é possível a partir da assunção livre e consequente de compromissos com um mesmo na procura de um desenvolvimento que responda aos reptos e necessidades que a sociedade neoliberal demanda. Em síntese, cada indivíduo deve confrontar a sua condição precária e tentar sair dela pelos seus próprios meios. Pois a precariedade constitui a condição de existência dos indivíduos que, em última análise, os reduz a simples mercadoria, despossados de liberdade real para desenvolver o seu projeto vital. Uma vida sempre submetida ao mandato do (bio)capital e às suas formas de exploração, mesmo além do tempo efetivo de trabalho. A precariedade equivale, então, a uma vida desprotegida e insegura que transcende amplamente à “questão social”. Mais ainda, trata-se de um estado de vida determinado pela ruptura das certezas, as seguranças e as solidariedades, que organizam uma forma de vida em permanente risco e instabilidade. Ela tornou um elemento crucial para perceber as transformações do capitalismo, pois como referenciamos, a sua análise ultrapassa a sua relação com a pauperização económica, para se ampliar a concorrência entre sujeitos e a insegurança como forma de vida. Como sugere SALINAS (2014b), a precariedade aparece como uma característica fundamental da biopolítica neoliberal, e não restringida, então, à reorganização do mundo do trabalho na era pós-industrial. Dito noutras palavras, trata-se de

---

<sup>236</sup> Aponta acertadamente VILLAR (2017:74), “Do ponto de vista do trabalhador, o salário não é mais apenas o preço de venda de sua força de trabalho; é uma renda de seu capital, isto é, de um capital humano indissociável de quem a possui: trabalhador e capital são uma e a mesma coisa”.



uma forma de vida produto de uma governança dirigida mais à produção de vidas precárias, do que simples empregos precários.

Seguindo BUTLER (2006: 163-187), a “vida precária” é, para tanto, uma vida ontologicamente vulnerável que se estabelece como condição de possibilidade para o devir da política contemporânea. No entanto, para a filósofa norte-americana na sua análise sobre a vulnerabilidade, que situa no centro do relacionamento ético-político, compre diferenciar entre dous conceitos muito próximos. Por uma banda, a noção de *precariousness* –que podemos traduzir por “precariedade” –, entendida como o elemento caracterizador, e mesmo definidor, de toda forma de vida humana originária. Para a autora, a vida é sempre vulnerável e indefensa desde o seu nascimento, dependente de um fora, sem o qual se encontra em causa permanentemente. Por outra banda, BUTLER distingue este primeiro conceito do que ela denomina como *precarity* – que traduzimos como “precarização”-, polo qual vai identificar, porém, a condição politicamente induzida a determinados indivíduos, como resultado da quebra das redes sociais e económicas de ajuda mutua e solidariedades constituídas no corpo social, ficando os indivíduos expostos às ofensivas do (bio)poder.<sup>237</sup> Para BUTLER, a vida precária é a categoria central da razão neoliberal e sobre ela deve discorrer qualquer construção social crítica que se realizar (LOREY, 2016: 32). Neste sentido, não deve limitar-se a análise da precariedade a identificação de umas determinadas características sociais. Dito de outra forma, não basta o reconhecimento de uma vida como precária, mas, ao contrário, aquilo que deve ser pesquisado é a assunção da condição precária como uma forma de vida. Isto significa, logo, que a precariedade não é tanto um rasgo da vida biologicamente vulnerável e dependente, ma, fundamentalmente para a análise que neste estudo nos ocupa, é um processo determinado de construção social. Em suma, uma condução da vida para a precariedade, à margem da sua formação meramente biológica, no quadro de um corpo social concreto e de umas determinadas relações de poder.

Em consequência, a precariedade é uma existência social indissociável das condições sociais e políticas de cada momento. Isto é, um modo específico de viver encravado num

---

<sup>237</sup> Vid., para uma aproximação à *precariedade* desde o pensamento de BUTLER, HAUSER (2014: 84 e ss.), LOREY (2016: 31 e ss.).

contexto histórico, sem o qual não se poderiam entender, por seu turno, a sua dimensão completa. Desta perspectiva, devemos pensar como a precariedade se desprega na sociedade contemporânea, não como uma determinada insegurança e fragmentação social e económica, mas também uma forma de vida ontologicamente considerada (HAUSER, 2014: 86-87). Para mais, em linha com a autora norte-americana, compre determo-nos no modo como as diferentes condutas e práticas sociais operam em cada época história para vermos o jeito de umas vidas serem protegidas e outras serem expostas à violência do poder (HAUSER, 2014: 86). Ou conforme aponta BUTLER (2006: 59-60), observarmos como aquelas condições que fazem possível a existência da vida, também, ao mesmo tempo são essas mesmas condições as que colocam a vida numa situação de precariedade. Em conclusão, devemos analisar como as vidas são conduzidas num processo de precarização, que sem expulsá-las da comunidade política, as submete às relações de violência como vidas infra-humanas. Mas também, seguindo LOREY (2016: 34-35), como se dá, um processo pelo qual a proteção da vida é também a garantia da mesma precariedade: uma vida explorada, insegura e fragmentada que traz à luz a incerteza e a angústia como uma forma consubstancial de existência derivada do declínio dos laços sociais, mas também da flexibilidade e moldabilidade económica que a leva a um futuro nômade, móvel e adaptado a realidades sociais novas e imprevistas.

## **2. VIDA CAPTURADA NA LÓGICA DO CAPITAL**

Tudo o apontado na epígrafe anterior permite aproximar-nos a uma categorização epistemológica da relação entre o trabalho, a vida e a precariedade que rompe as fronteiras constituídas no auge da modernidade capitalista. No entanto, para avaliar esta ruptura não devemos dissociar esta análise das inseguranças individuais e coletivas produzidas pelo regime produtivo pós-fordista e a regulamentação estatal que o acompanha. Desta perspectiva, conforme sinalamos anteriormente, a vida precária não é uma situação circunstancial, mas a forma de regulamentação dos sujeitos na contemporaneidade. A vida, como sugere NEGRI (1980: 167-169), voltou-se inteiramente produtiva: não existe um tempo de ocupação e um tempo de desocupação, a vida, o trabalho e a precariedade são uma mesma coisa. São elementos constituintes de um modo de exercer o poder que se realiza sobre todos os âmbitos e esferas do indivíduo. E, conquanto seja verdade que a vida sempre esteve exposta à

exploração,<sup>238</sup> na atualidade a produção capitalista assaltou a totalidade da vida humana mais do que nunca o tivera feito antes. A lógica de mercado avançou sobre os territórios, sobre os corpos e sobre os cérebros dos indivíduos de forma tão intensa que já não existe um fora na sua estratégia de controlo e gestão (DELEUZE e GUATTARI, 2004: 117-119). A captura da vida pelo capital é quase absoluta, fundindo-se praticamente num mesmo plano tanto trabalho como vida. As duas passam a fazer parte da engrenagem da produção pós-fordista que não se circunscreve nem aos tempos, nem aos espaços da fábrica, mas estende-se pelo conjunto do corpo e do espaço social. Neste contexto, a vida e o trabalho são redefinidos até mudarem a sua natureza, e já não podem ser percebidas como realidades epistemologicamente separadas. A primeira como sendo a qualidade essencial dos seres para evoluírem, desenvolverem-se e reproduzirem-se e, portanto, delimitada à sua condição biológica. E a segunda como sendo a atividade física e/ou intelectual encaminhada à obtenção de uma remuneração ou contraprestação económica. Ao contrário, o paradigma pós-fordista transforma as funções existenciais em relações económicas que, por seu turno, ocupam o centro da atividade produtiva (LAZZARATO, 2006, 71-83). O trabalho deixa de ser mais uma atividade encaminhada à simples manutenção na vida dos sujeitos para se converter na própria vida. A universalidade das ações e decisões dos indivíduos na sociedade passa a ser regida pelas necessidades do mercado sem que, para NEGRI (1980: 21), nada seja capaz de se subtrair à sua racionalidade. Em síntese, encontramos-nos perante uma política que põe a trabalhar a vida.

O componente essencial do processo produtivo é a vida, mas uma vida vulnerável e incerta que articula realidades novas, flexíveis e moduláveis para um mundo também frágil e instável (BAUMAN, 2002: 181-183). Isto imprime outra dimensão diferente ao controlo, já não de gestão de corpos individuais como potência produtiva, mas de administração de populações inteiras sob os parâmetros economicistas em todos os âmbitos da sociedade. A reestruturação social, política e económica à que foi submetido o Estado de Bem-Estar e o esgotamento, em última instância, de uma forma de produção insustentável nas atuais condições, mobiliza todos os recursos políticos na extração e exploração de todos os fatores

---

<sup>238</sup> Caberia, pois, rastrear o submetimento da vida à dominação produtiva desde a origem mesma da escravidão como fenómeno político. Vid., para um estudo da escravidão como um facto impulsionado pela lógica do capital, WILLIAMS (2011), numa perspetiva complementar vid. BOUTANG (2006).

que configuram a vida, suscetíveis de produzirem valor. Em opinião de VIRNO (2003: 123 e ss.), a natureza humana e os seus caracteres mais distintivos e definidores passam a ser os autênticos geradores de mais-valia. Pois segundo o filósofo italiano, o pós-fordismo atacou diretamente a espécie humana, envolvendo-a no turbilhão da valorização e levando-a para o ponto central do processo económico e político como a “matéria prima” que abastece tudo o seu modo de produção.<sup>239</sup> Para BIFO (2007: 30, 62-67), no entanto, o elemento axiológico do apressamento da vida pelo capitalismo contemporâneo não está tanto na captura total da vida, como na sua decomposição e fragmentação. Portanto, aquilo que procuraria seria, fundamentalmente, apreender tempos de vida concretos e determinados de multidão de sujeitos para serem recombinaados pelo próprio capital de forma independente. O capital unicamente precisa fragmentos, pequenas porções isoladas e independentes de tempo extraídas do corpo social. Neste sentido, para este autor, ao igual que para VIRNO, a vida constitui a “matéria prima”, ora bem, a principal diferença com o seu pressuposto consiste em que nem tudo o tempo e espaço resultam necessários para o processo produtivo que, principalmente, se articula à margem da própria vida excedentária. Por isso o sujeito é concebido principalmente como um objeto composto por diferentes peças e que é usado para facilitar ou realizar um trabalho determinado. Mais uma máquina do processo de produção que pode ser utilizada de forma pontual e ocasional, segundo as necessidades de produção, e ficar parada no tempo restante. Não é, pois, imprescindível a subtração total da vida dos indivíduos, nem a sua concentração num único ponto. A descentralização do trabalho e a sua desterritorialização permite conectar frações de vida de diferentes sujeitos úteis, sempre prontos para chegar a sua parte à um processo produtivo disperso, sem perímetro determinado e sem hipótese de fixação.<sup>240</sup>

---

<sup>239</sup> Neste sentido, matizamos com VIRNO (2003: 47) que *“é importante aclarar que entendemos por “modo de produção” não apenas uma configuração económica particular, mas um conjunto de formas de vida, uma constelação social, antropológica e ética - digo ética, não moral: relativamente às costumes, usos e hábitos, não ao dever-ser-”*

<sup>240</sup> Para uma completa abordagem das diversas perspetivas de VIRNO e BIFO sobre a relação entre *vida e trabalho*, vid. VILLAR (2014), cujas chegadas e debates atravessarão de modo referencial o conjunto desta epígrafe.

## 2.1. Entre a *exclusão* e a *inclusão*

Tanto se a vida é concebida na sua totalidade, ou de maneira fragmentada e independente, como “matéria-prima” do capitalismo contemporâneo, nenhum aspecto dela, por mais trivial ou banal que seja, é capaz de escapar à relação económica. Cada elemento da vida diária é parte de uma lógica de mercado penetrante que conduz cada ação, cada comportamento e cada decisão que os sujeitos tomam. Como afirma FOUCAULT (2012: 239-240), os indivíduos atuam como um capital mais no mercado, como uma autoempresa permanente que gere a sua vida conforme a critérios de concorrência, racionalidade e oportunidade. A vida mesma transforma-se num autêntico mercado, e esta é a máxima expressão do processo de subjetivação do neoliberalismo: o indivíduo percebido como empresa. Isto supõe uma mudança transcendental à hora de definirmos os contornos da lógica neoliberal no presente, colocando no primeiro plano de análise as condições de produção de vida e os princípios que determinam a conformação dos sujeitos como agentes económicos a operar no tráfico comercial.<sup>241</sup> Assim, pois, a economia neoliberal transforma-se numa economia subjetiva da vida e das suas qualidades a ocuparem o centro do processo produtivo. E aquilo que a faz agir é, precisamente, a produção de subjetividades e não o troco de bens materiais. Porém, converter a vida em mercado supõe deslocar no indivíduo a responsabilidade da sua supervivência e a sua participação na sociedade. Quer dizer, ele ser o garante da inclusão social, que, aliás, não se vai realizar através, principalmente, da *forma-emprego*, senão por meio da sua habilidade para administrar as suas capacidades. Dito doutro modo, a sua inserção na sociedade dependerá, acima de tudo, da sua inteligência par se *empresarializar*.

Por isto, o sujeito-empresa constitui a figura fundamental ao redor da qual se edifica um modo de governo marcado por instabilidades e incertezas estruturais. Aquele sujeito que deve, antes de mais, adaptar-se à insegurança e atuar racionalmente numa sociedade caracterizada polo risco, a vulnerabilidade e a ameaça de exclusão constante. Mas também um risco que se transforma, ademais, num signo distintivo da vida contemporânea derivado da erosão das

---

<sup>241</sup> Porém isto não significa necessariamente abandonarmos a análise das estruturas do processo económico, mas completarmos essa mesma abordagem desde o sujeito como *agente* central do neoliberalismo. Vid., por todos, OSORIO (2012: 9-18). Assim mesmo, para outros autores, por todos, JAPPE (2016), HARVEY (2007), TOUSSAINT (2010), é, no entanto, a estrutura económica o único eixo da crítica ao capitalismo.

bases da modernidade capitalista.<sup>242</sup> Em primeiro lugar, como consequência das mudanças do sistema económico e da irreversível queda da institucionalidade do Estado de Bem-Estar, que não só dificultam objetivamente a incorporação ao emprego como principal mecanismo de supervivência, mas também restringe de forma drástica o acesso à assistência social, potenciando os seus efeitos e aumentando o medo a cair numa situação de expulsão social. E, em segundo lugar, podemos destacar na construção do risco como condição de vida, a crise dos referentes sobre os que os indivíduos articulavam a sua identidade. De entre a multidão e complexidade de elementos que a conformam, sinalamos a modo de exemplo, a desestruturação das classes sociais tradicionais associadas à identidade laboral, a mobilidade populacional e os processos migratórios que afetam à constituição de identidades sociais, étnicas ou nacionais e, por último, a tensão entre o Estado-Nação e a formação de entidades supranacionais que afetam à configuração da identidade territorial, que vão atingir as solidariedades e a coesão social conformada historicamente, potenciando a sensação subjetiva de insegurança social.<sup>243</sup>

Em efeito, ROSE (2014: 89) identifica também um indivíduo cauteloso e calculador que toma as suas decisões em função das hipóteses de sucesso e das previsíveis contingências das suas ações. Perante eventualidades como o desemprego, a marginalização ou mesmo uma enfermidade, é o sujeito que deve proteger-se a si próprio, ser prudente e planificar-se conforme uma vida perigosa, incerta e desprotegida. Ora, a sua conduta não deve prever unicamente as circunstâncias adversas que o rodeiam, nem atuar temerosamente, mas fundamentalmente, adotar uma atitude vital ativa e empreendedora encaminhada para a construção de uma malha de seguranças o mais eficaz e eficiente possível. Para mais, responsabilizar-se pela administração dos seus próprios riscos procurando uma saída individualista dos problemas e completamente à margem de qualquer consideração coletiva. O sujeito deve, pois, operar como mais um “agente económico” na gestão dos perigos sociais

<sup>242</sup> Tratado em infinidade de obras, o carácter fragmentário, a incerteza e a descontinuidade biográfica tem sido uma constante na análise da sociologia, da ciência política e da filosofia contemporânea. Vid., por todos, BAUMAN (2002: 145 e ss.), SENNET (2000: 79 e ss.), LÓPEZ PEITIT (2009: 65 e ss.). Assim mesmo, podemos destacar a BECK (2002), com a sua célebre tese da *sociedade do risco*, no entanto, como tentaremos confrontar, veremos que a racionalidade neoliberal nos apresenta perigos e incertezas mais como um mecanismo de controlo e subjetivização do que como mero “risco negativo”, tal é como o descreve o sociólogo alemão.

<sup>243</sup> Sem dúvida, tem sido HARDT e NEGRI (2002) quem com mais intensidade têm posto o foco de atenção na superação do espaço nacional como configurador das relações económicas, sociais e políticas.



cujo monopólio já não lhe corresponde ao Estado. Atuar conforme critérios propriamente mercantis, como a competitividade, a produtividade e a qualidade na tomada das decisões, avaliando os meios utilizados e as capacidades disponíveis, estudando objetivos e maximizando os resultados e, para tanto, verificando o custo/benefício das suas ações (O'MALLEY, 2014: 114). A responsabilidade reside, então, unicamente no sujeito, um indivíduo precário e imperfeito que deve ir completando-se, construindo-se a si mesmo, configurando a sua identidade, a sua segurança e o seu modo de vida. Ou visto de forma complementar, um indivíduo que se autorregula e autoprove, que resolve pelos seus meios pessoais as diferentes eventualidades que são traspassadas da esfera pública à privada.

O acesso às condições de vida dignas é apenas responsabilidade do sujeito, que individualmente é o único encarregado do seu logro e, por sua parte, o único responsável pelo seu fracasso (PAPALINI, 2014: 263-264; ROSE, 2014: 89-90). A autonomia individual emerge como um dos rasgos caracterizadores do capitalismo contemporâneo, desde o âmbito laboral à saúde, a vida está atravessada por uma multidão de decisões fruto unicamente da livre vontade do sujeito no quadro de uma sociedade competitiva e em confronto pelos recursos escassos. Segundo FOUCAULT (2012: 267), a constituição do sujeito responsável de si mesmo ocupa um eixo central do neoliberalismo e, portanto, vai além do simples egoísmo ou interesse individual. Detrás desta formulação, aquilo que observamos é o governo de si próprios, através da constituição de um *ethos*, a criação de um tipo de sujeito que se faz a si mesmo num meio hostil e adverso. Ora, para o filósofo francês, o governo de si não é possível à margem do *regime de verdades*, o que implica o conhecimento dos princípios reitores da conduta apresentados como *verdades* e que o sujeito deve apreender. Quer dizer, não basta com conhecer-se a si próprio, mas também o conjunto de prescrições sobre as que se articula uma determinada forma de vida na sociedade; pois, em última instância, o facto de tomar consciência da responsabilidade da própria vida é o resultado das *verdades* instituídas.<sup>244</sup> Só desta perspectiva é que são constituídos os contornos do quadro geral da vida na sociedade pós-fordista: a disposição à mobilidade, a capacidade de amoldarem-se as constantes mudanças, o narcisismo e o egoísmo, a quebra das solidariedades e interdependências, a aceitação de contingências e aleatoriedades, a flexibilidade vital e

---

<sup>244</sup> Sobre isto vid. Cap. 2.2.

tomada pragmática de decisões ou uma percepção da realidade não determinista, mas aberta e indefinida (VIRNO, 2003: 31). Em definitiva, aquilo que se conforma é um *lifestyle* adaptado ao risco, a uma cultura da insegurança, à falta de certezas e fronteiras preestabelecidas. Uma vida que sobrevive no perigo permanente e subsiste na precariedade. Ora, este contexto não é apresentado como uma vida miserável, mas é reintroduzido como um repto a superar. Desta forma, as incertezas e a precariedade, longe de serem elementos paralisantes, são convertidas em verdadeiros estímulos e incentivos para fugir desta situação. Um convite ao empreendimento, a um modo de vida que rompa com a passividade, a rotina e a disciplina da sociedade fordista para abrir passo à realização dos desejos (DELEUZE e GUATTARI, 2004: 18).

A insegurança e a precariedade são descritas pela racionalidade neoliberal como contingências inevitáveis da forte expansão da depauperação económica e social (HARVEY, 2007: 172-181), sobre as quais os sujeitos devem organizar as suas vidas, enfrentando as suas consequências, mas nunca atacando as suas verdadeiras causas. A pobreza, a desigualdade e a exclusão só podem ser ultrapassadas de forma individual<sup>245</sup> como forma a fugir da precariedade. O sujeito deve adotar, logo, uma atitude ativa e propositiva, assumindo uma posição analítica sobre a sua situação e gerir as suas opções, soluções ou alternativas existentes (ROSE, 2014: 73-74). Ora bem, a vida volta-se, a cada passo, mais conflituosa e mais perigosa (BUTLER, 2016: 13-14), quando o interesse particular e individual de cada sujeito é o único o centro da tomada de decisões num contexto de concorrência, escassez e insegurança de resultados do declive da proteção social formal (políticas públicas de bem-estar) como informal (a família, o bairro, a etnia, etc.). Dá-se, então, um processo social de retroalimentação no que, por uma banda, a insegurança produz vida precária e vulnerável e, por outra, o sujeito precário coloca no centro das suas preocupações a mesma insegurança, conformando um circuito fechado do qual resulta praticamente impossível sair. A vida é, para mais, incerta e está exposta na sua totalidade ao perigo, constrói-se sobre uma ética do risco que se manifesta na sua capacidade para (sobre)viver com o imponderável. A gestão do imprevisível é o quadro interpretativo que serve para decodificar a realidade para a formação

---

<sup>245</sup> Ligando com esta tese, LIPOVETSKY (2003: 49 e ss.) sinala a autorrealização pessoal, individualista e competitiva como característica fundamental do agir do sujeito.

do sujeito. Deste modo, a insegurança e a fragmentação social, mais do que serem analisadas como o resultado da depauperação económica e das ulteriores transformações políticas, o que devem é ser percebidas como a forma de vida imprescindível para a supervivência do projeto neoliberal. Noutras palavras, a precariedade seria um instrumento imprescindível de controlo das populações e de submetimento a um regime de acumulação capitalista também flexível e libertado da rigidez do fordismo. Isto porquanto nos encontramos perante um capital que expande a sua exploração não só às relações da produção em sentido estrito, mas à vida inteira da população, uma vida que deve estar disponível para produzir em qualquer momento e lugar (LOREY, 2016: 24). E a incerteza e insegurança, como condição vital, aquilo que constituem é, principalmente, o mais aperfeiçoado dos mecanismos de fixação dos sujeitos a um modo de produção caracterizado pela excedência social, mas também necessitado de precariedade para seguir realizando-se.

TABELA 3.4

Precariedade laboral	Precariedade vital
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A vida é incluída dentro da lógica produtiva sem necessidade de a integrar sob a <i>forma-emprego</i></li> <li>• A geral chamada à <i>empregabilidade</i> neoliberal apela à responsabilidade pela própria vida, e transforma-se desta perspetiva num mandato de <i>infra-empregabilidade</i></li> <li>• A <i>infra-empregabilidade</i> é a única hipótese real de subsistência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O capitalismo pós-fordista baseia-se fundamentalmente na extração de valor da vida, imprescindível para a produção de riqueza</li> <li>• A vida precária é, por uma banda, expulsa de facto da sociedade, e por outra, é incorporada no sistema produtivo de uma forma subalterna</li> <li>• Não estamos perante vidas rejeitadas ou repelidas, mas que devem ser controladas e geridas para extrair delas tudo quanto valor produzir</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Como sinalamos, a vida precária, incerta e insegura não é uma característica transitória ou pontual de um determinando *momentum* político, pola contra, ela é a forma de vida genuína do neoliberalismo. O lugar ao que foi deslocada uma multidão de sujeitos expulsos dos circuitos formais da integração económica, social e política constituídos pelo Estado providência desde a II Guerra Mundial; mas não para serem esquecidos, mas, em palavras de BIFO (2003: 161), para “*dissolver a sua vida na ação produtiva*”. Para tanto, rastejarmos a

sua gênese supõe ultrapassar a análise materialista, centrada na precarização do mundo do trabalho como consequência da crise e transformações económicas produzidas (CASTEL 1997; GORZ, 1995), para abordá-la abertamente como uma categoria estrutural da racionalidade neoliberal. Assim, a pobreza e a miséria à que são abocados importantes sectores sociais não implica a sua radical exclusão da sociedade de mercado, à vista de que ninguém foge da produção biopolítica. Todos e cada um dos sujeitos estão imersos na política da vida, sem que existam hipóteses de uma existência por fora do circuito da produção. E a situação de subalternidade à que são conduzidas as vidas precárias, desapossadas dos mais básicos direitos e liberdades ou mesmo da condição de cidadania,<sup>246</sup> não vão significar, em modo algum, que estejamos perante vidas repudiadas, desperdiçadas ou improdutivas.<sup>247</sup>

Aquilo que observamos é como, da mesma maneira que a revolução neoliberal expulsa a grande parte da sociedade da tradicional *forma-emprego* enquanto mecanismo principal de integração social, sem qualquer hipótese de reincorporação ao mercado de trabalho formal; abre a porta a um infinito leque de atividades económicas constituídas à sua margem e recodificadas sob uma nova conceção de trabalho que extravasa a sua constituição tradicional (ANTUNES, 2009: 31; BOUTANG, 2004: 120-122; DE LA GARZA, 2009: 122). Deste modo, a exclusão dos sujeitos de um modo de vida integrado e normalizado não só não implica a sua expulsão real e completa do circuito do trabalho, senão que se convertem na única forma de gerar valor fora das modalidades regulamentadas do emprego. Como veremos, o capital não exclui nenhuma vida, por precária que esta seja, pois o objeto da sua produção é a sua capacidade realizadora e transformadora que ultrapassa o simples corpo. Ela é a máquina que abastece o ciclo do trabalho na contemporaneidade, e na medida em que o cérebro e corpo do sujeito não são separáveis, o capital vai agir num duplo sentido. Por uma banda, vai expulsar a amplos sectores sociais da relação capital/trabalho constituída na sociedade-fábrica como modo de organização socioeconómico esgotado e irrecuperável. Mas,

<sup>246</sup> Vid., sobre a consideração de *infra-humanos* do sectores excluídos da sociedade, BAUMAN ( 2007a: 166 e ss.)

<sup>247</sup> Aponta, neste sentido, VILLAR (2017: 101-102), “a pobreza é, ao mesmo tempo, incluída nos circuitos de produção social e biopolítica. A divisão social entre empregados e desempregados tende a ser cada vez mais apagada. Não existe mais uma linha divisória clara, mas sim uma grande área cinzenta, onde todos os trabalhadores flutuam precariamente entre emprego e desemprego. Não há reservas no sentido de que não há força de trabalho fora dos processos de produção social. Os pobres, os desempregados, no pós-fordismo, são ativos na produção social, mesmo que não tenham um emprego assalariado”.

por outra banda, dado que o capitalismo pós-fordista se baseia fundamentalmente na extração de valor da vida, imprescindível para a produção de riqueza, ela é incluída dentro da sua lógica produtiva, mesmo sem necessidade de a integrar sob a *forma-emprego*. Em consequência, o que temos é uma relação ambivalente e contraditória entre o capital e o sujeito que, tanto é excluído como corpo, quanto incluído como potência na dominação biopolítica.<sup>248</sup>

Para compreendermos esta relação complexa e multiforme devemos, antes, analisar como a condição de precariedade, insegurança e instabilidade da vida opera como um verdadeiro dispositivo de subordinação e obediência. Para isso, afirma LOREY (2016: 27-28), devemos observar as diferentes dimensões que oferece a vida precária no presente.<sup>249</sup> Em primeiro lugar, podemos destacar, seguindo a proposta da autora, a sua “dimensão negativa”, segundo a qual a precariedade constitui um fenómeno generalizado da vida a efeitos económicos, políticos e sociais que encontra a sua origem na desmontagem à que foi submetido o Estado Social nas últimas décadas. Portanto, a erosão das suas agências protetoras, em última instância, garantes de uma vida digna dos indivíduos, trouxeram como resultado uma vida exposta à insegurança e sem o abrigo estatal.<sup>250</sup> Desta perspetiva, a precariedade é concebida como uma situação de fratura com uma vida normalizada e integrada, quebrando a sociedade nos seus estratos mais baixos e impossibilitando a sua reincorporação (LOREY, 2016: 63-64; CASTEL, 2006: 34 e ss.). Trata-se de uma expulsão –ou ameaça de expulsão– constante que sobrevoa as sociedades pós-fordistas com o declive do Estado de providência, portanto, uma volta à vulnerabilidade dos sujeitos. Não opera, pois, como um simples perigo individual e

<sup>248</sup> No entanto, para BIFO (2003: 161e ss.) aquilo que captura o capital não é o corpo do sujeito, mas fragmentos separados e individuais do seu tempo. Desta forma, para este autor, o sujeito fica sempre excluído na sua totalidade corpórea e, pola contra, o que fica inscrito no ciclo da produção é o seu tempo. A conclusão à que ele chega, desta premissa, é que o sujeito fica também excluído da relação biopolítica, abandonado como um ser inútil.

<sup>249</sup> LOREY (2016: 26-28) desenvolve três teses diferentes sobre a noção de *precariedade* que vão estruturar a sua obra: a) Em primeiro lugar, podemos observar a tese da “condição precária” a partir da formulação de BUTLER, que postula uma dimensão sócio-ontológica da vida e dos corpos que cabe atribuir a todos os seres vivos. b) Em segundo lugar, a autora apresenta a tese da precariedade como categoria que organiza as relações económicas, sociais e políticas no presente. c) Em terceiro lugar, designa por precariedade uma técnica de governamentalidade como modo de governo próprio das sociedades neoliberais.

<sup>250</sup> LOREY (2016: 62 e ss.) vai justificar esta aproximação teórica a partir, nomeadamente, dos trabalhos realizados sobre a precariedade de CASTEL (2006) e BOURDIEU (1999). Assim mesmo, referenciamos, nesta mesma linha analítica, o estudo realizado por BECK (2007).

circunstancial, mas, como sinala CASTEL (2006: 70-71), como uma infecção que penetra pelo corpo social pondo em causa a organização política sobre a que se assentara a estrutura da sociedade.

No entanto, adverte LOREY (2016: 73-74), procurar as razões da precarização da vida apenas na desestruturação das condições económicas e políticas da sociedade de bem-estar, e limitar a suas consequências à exclusão maciça de determinadas capas sociais, não consegue resolver ou, sequer, desvendar a complexa rede de interseções que sobre a vida precária se dão. Ao contrário da descrição realizada por CASTEL (2006: 13) ou BECK (2007: 83-92), nem a democracia neoliberal estariam em grave perigo pelo crescimento incontrolado de um sem-número de sujeitos excluídos nas margens da sociedade, nem o Estado estaria em risco pelo medo e a insegurança generalizada. Ante esta visão de desgoverno e desregulamentação, LOREY (2016: 75) propõe uma segunda leitura de matriz foucaultiana, a “dimensão positiva” da precariedade, percebida como uma técnica de governo. Entende a autora, a insegurança como o modo de vida que caracteriza a governança contemporaneidade desde o plano social e político. A precariedade é, pois, um dispositivo de governo da vida no contexto das relações económicas de exploração do capitalismo pós-fordista e dos seus modos de subjetivização. E o presente estaria marcado, desta perspetiva, por uma gestão da insegurança que, já não é mais reprimida ou combatida, mas normalizada e naturalizada e, para tanto, administrada pelo próprio corpo social (LOREY, 2016: 29). Neste sentido, sob a racionalidade neoliberal, a superação da insegurança e a instabilidade social já não é um objetivo perseguível, como também não é um objetivo realizável. A precarização converte-se num elemento estrutural da condição vital como parte constituinte da normalidade neoliberal e, em modo algum, é sinónimo de caos, desordem ou desestabilização do *status quo*. A precarização não é um problema central a resolver pelo governo, na medida em que não estamos perante um questionamento da organização económica, social e política. Daquilo do que se trata é de conduzir a vida precária, através de técnicas e dispositivos de gestão, para uma sorte de equilíbrio tolerável entre a exclusão existencial e a inclusão produtiva dos sujeitos. Em definitiva, articular um modo de governo capaz de gerir adequadamente os riscos da vida precária, prever os seus perigos, atacar as suas consequências e, em última análise, projetar



um quadro de governabilidade das contingências, não com a finalidade de as eliminar, mas de estabelecer um umbral de controlo (LOREY, 2016: 70).

Assim sendo, aguarda-se dos indivíduos que tomem uma atitude vital ativa, flexível, adaptem-se às circunstâncias cambiantes do seu entorno e, em total, fazerem-se cargo da sua situação de vulnerabilidade existencial. Deste modo, aqueles sujeitos expulsos do sistema produtivo são reconduzidos aos estratos mais baixos de um mercado de trabalho que, mais do que desaparecer, se faz cada vez mais elástico e instável ante a ausência da rede protetora do Estado. Isto habilita, então, a extensão de uma interminável listagem de modos de inserção laboral de tipo informal, irregular ou mesmo ilegal às que os sectores mais precarizados, cuja inclusão não é possível por meio da *forma-emprego*, tem de recorrer para poder sobreviver.<sup>251</sup> Acontece, então, que a vida mais vulnerável se converte em força idónea para o trabalho subordinado, que passa a ser central para o sistema produtivo pós-fordista fruto da internacionalização e a terceirização da economia. Em consequência, a chamada à *empregabilidade* e à responsabilidade pela própria vida, transforma-se para estes sujeitos num mandato de *infra-empregabilidade* como única hipótese real de subsistência. A vida precária é, para tanto, a vida que reúne as condições ótimas de máxima exploração, informalidade e, mesmo, irregularidade, como se põe de manifesto com o favorecimento da entrada maciça no circuito do trabalho pós-fordista dos grupos excedentários da produção, e sobre os que se ergue o crescimento económico desde as últimas décadas.<sup>252</sup> Assim, é incorporada uma multidão de indivíduos facilmente exploráveis e submetidos às mais duras condições de trabalho, tanto regular quanto irregular, que permitiu, principalmente, uns altíssimos níveis de competitividade a nível nacional e internacional em determinados sectores produtivos, especialmente, na agricultura, na construção, no têxtil ou no turismo.<sup>253</sup>

---

<sup>251</sup> Proliferará uma multidão de formas de inserção laboral ligadas ao trabalho clandestino, à venda ambulante, ao trabalho doméstico, ao trabalho sexual e, mesmo, trabalhos ilegais, como únicas “saídas profissionais” para estes grupos sociais.

<sup>252</sup> Veja-se, neste sentido, a passividade das autoridades públicas na prática totalidade dos Estados ocidentais, por exemplo, no combate contra a economia submergida em amplos sectores do mercado e, especialmente, com o emprego massivo de mão de obra migrante irregular nos trabalhos em piores condições laborais. Vid., entre outros, a modo de exemplo o caso de Espanha, em PAJARES (2010: 108).

<sup>253</sup> Neste sentido, diversos autores têm apontado para o neoliberalismo como um sistema económico encaminhado à produção e extensão do trabalho inumano, degradante e indigno sem o qual resultaria inviável a sua própria reprodução. Vid., por todos, OSORIO (2012).

As políticas económicas e sociais impulsionadas pelo capitalismo neoliberal, destarte, mais do que procurar uma solução à situação de precariedade e à exploração de grandes capas sociais, centram a sua função apenas na sua gestão e contenção em atenção às necessidades concretas do sistema produtivo. Noutras palavras, constroem o modelo social e político preciso para a aceitação de qualquer forma de inclusão económica, na medida em que esta supõe a única hipótese de inclusão na sociedade. Porém, a vida precária nunca é incorporada totalmente, em primeiro lugar, pelo tipo de (infra)inserção no mercado de trabalho marcadamente instável, móvel e flexível que, em definitiva, impede uma mínima segurança e normalidade vital. E em segundo lugar, pela identificação deste tipo de trabalhos, na maioria dos casos, submergidos, informais ou incluso ilegais, com determinado perfil de sujeitos que, por sua vez, passam a serem sinalados como seres desapossados da sua condição de cidadão de pleno direito (BAUMAN, 2007: 166-167). Desta forma, observamos como a vida precária é, por uma banda, expulsa de facto da sociedade, mas por outra, é incorporada no sistema produtivo de uma forma subalterna, envolta num círculo vicioso que se retroalimenta pelas suas próprias condições vitais e materiais. Em suma, o neoliberalismo não abandona à sua sorte, nem expulsa totalmente do seu circuito a quem não atingir os objetivos marcados, mas eles são reincorporados, submetidos à nova disciplina do trabalho, aos estratos subalternos de uma economia carente de direitos laborais e em regime de exploração imprescindível para o seu funcionamento. Ora bem, a precariedade não opera unicamente como um mecanismo de (infra)inserção económica, mas principalmente, como um dispositivo de gestão daqueles sectores sociais excendentários. Um superávit de *trabalho vivo* que é reciclado no processo produtivo até se converter em peça-chave do seu projeto económico e político. O precário transforma-se, assim, no destinatário protótipo para os estratos mais baixos da produção e com um maior nível de exploração, como único modo de se integrar social e economicamente. Portanto, não estamos perante vidas rejeitadas ou repelidas, mas que devem ser controladas e geridas para extrair delas quanto valor produzir. Por conseguinte, o que observamos é uma técnica de governo da vida que combina, por um lado, uma função de exclusão social que nunca desaparece e, por outra, introduz um conjunto de série de dispositivos *neodisciplinares* encaminhados à sujeição desta mesma exclusão social às novas segmentações do trabalho pós-fordista.

### 3. VIDA COMO TRABALHO EXCEDENTE

Numa outra perspetiva teórica, suplementar à proposta biopolítica desenvolvida a partir dos trabalhos de NEGRI e o grupo de autores conformado por BIFO, LAZZARATO, FUMAGALLI ou VIRNO,<sup>254</sup> podemos abordar ainda o apressamento da vida pelo capital, desde a lógica do denominado “poder soberano”. Desta conceção, ao igual que a biopolítica negriana, partimos do questionamento da análise economicista do capitalismo realizada pelos principais estudos políticos do pensamento crítico (ANDERSON, 1998; HARVEY, 2007, TOUSSAIN, 2010); mas neste caso, o destaque da sua dimensão política expõe-se com base nas teses de FOUCAULT e, principalmente, de AGAMBEN.<sup>255</sup> Assim, as singularidades e especificidades do capital e o seu despregue pelo corpo social são analisadas como modos de exercício do poder sobre a vida que adotam uma nova formulação: o *biocapital*. Uma noção que se apropria do biopoder descrito pelo pensamento foucaultiano, e captura a vida como simples *vida nua*, descobrindo as mais diversas formas do *homo sacer* contemporâneo.

Para OSORIO (2012: 9-28), a principal ideia-força que sustem esta tese é a assunção do capital como uma unidade: por um lado, com uma dimensão económica, absolutamente imprescindível para esta análise, mas por outro lado, sinala também uma dimensão política, que compre acentuar e sobre que a tem de aprofundar o pensamento crítico. Pois é desde essa unicidade que se faz presente o deslocamento da lógica do capital sobre os indivíduos e sobre o Estado. Em suma, um domínio e exploração da vida que avança por toda a estrutura social como um fenómeno não-político mas que se converte no verdadeiro alvo de capital contemporâneo. Porém, adverte o autor mexicano, isto não significa, de modo nenhum, que a relação capital/trabalho seja afastada a um lugar periférico ou secundário dentro de um

---

<sup>254</sup> Porém não seja possível reduzir as achegas desta corrente italiana de pensamento, designada geralmente por *(pós)operaista*, a um corpus teórico homogéneo, sim podemos reconhecer nesta série de autores alguns elementos comuns nas suas propostas, como são a transcendência das mutações económicas, sociais e políticas impulsionadas pelo capitalismo pós-fordista, a perda da centralidade da fábrica na sociedade e o deslocamento do *operário-massa* para o *operário-social* no modo de produção. Vid., por todos, em relação ao desenvolvimento do presente trabalho de investigação, BIFO (2003, 2007), DE GIORGI (2006), FUMAGALLI (2010), HARDT e NEGRI (2002), LAZZARATO (2006, 2013), LAZZARATO e HARDT (2001), NEGRI (1980), VIRNO (2003).

<sup>255</sup> Vamos salientar, por todos, a proposta realizada por OSORIO (2012), que numa leitura agambeniana, mas também em direta confrontação com algumas das afirmações sustidas pelo filósofo italiano, elabora uma interessante análise de captura da vida pelo capital na relação entre o Estado, o biopoder e a exclusão social que nos servirá de alicerce teórico para esta epígrafe.

conjunto mais amplo de relações sociais. Ao contrário, retomando a MARX,<sup>256</sup> vai conceber a relação capital/trabalho como o elemento constituinte da sociedade capitalista. E é neste relacionamento onde se condensa a capacidade do poder sobre a vida e, especificamente, a sua exploração e domínio através das mais diversas formas de exercício do biopoder. O capital é, principalmente, uma relação social cuja lógica envolve um conjunto de processos de valorização *ad infinitum*, que o apressa tudo no seu percurso, reorganizando e rearticulando a universalidade das relações sociais sob a sua dinâmica (OSORIO, 2012: 19). Numa aproximação análoga a proposta negriana, descreve um capital que penetra na vida humana, e as suas tensões e movimentos passam a formar parte da quotidianidade dos sujeitos. Conquanto a vida humana como alvo do poder e o seu controlo soberano podemos rastreá-lo já desde a Idade Média conforme observou FOUCAULT,<sup>257</sup> a sua recombinação através do capital fez emergir novos fenómenos que, para OSORIO (2012: 97-103), se manifestam em inéditas de gestão do poder soberano. Pois, com efeito, os dispositivos de controlo da *vida* e da *morte* próprios das *sociedades de soberania*, seguindo AGAMBEN (2006: 238-239), nunca desapareceram porquanto eles são e seguem a ser o cerne do poder político desde os seus inícios. A apropriação da vida, quer para excluí-la, que para incluí-la na ordem política segue presente na contemporaneidade. E os modos de organização social e político nascidos desde a modernidade capitalista teriam interiorizado um poder de disposição da vida cujo alvo fundamental é a *vida nua*. Ora, se para o filósofo italiano este *poder de matar* soberano se reduz às políticas totalitárias e/ou autoritárias de carácter excecional nas atuais democracias, a tese de OSORIO amplia esta visão deslocando a análise agambeniana à lógica do capital. Porquanto, para o autor mexicano, numa sociedade como a atual na que a relação capital/trabalho constitui o centro da relação capitalista mesma, a captura da vida do sujeito, como força de trabalho, converte-se no alvo da biopolítica. Deste modo, confrontando a tese agambeniana, o *homo sacer* não estaria em nenhuma figura limite, senão que a devemos

<sup>256</sup> Para o marxismo a relação entre o trabalho assalariado e o capital constitui a contradição principal do sistema capitalista. Nela expressar-se-ia o antagonismo existente entre aqueles têm a força de trabalho e aqueles possuem os meios de produção. Cfr. MARX (2010).

<sup>257</sup> Para FOUCAULT (2000: 217-223) nas sociedades feudais, denominadas por *sociedades da soberania*, o poder sobre a *vida*, para dar *morte*, era exercido pelo soberano diretamente sobre os seus súbditos, que sofre uma transformação a partir do século XVIII, deslocando da sua centralidade em detrimento de um poder de gestão da *vida* e não da *morte*. No entanto, para AGAMBEN (2004: 12-13, 125-128), o poder soberano relaciona-se com a vida desde as origens mesmas da política até os nossos dias. Desta perspetiva, o poder sobre a vida, em suma, a biopolítica é essencialmente soberana e o seu objetivo não é gerir a vida, mas incluí-la ou excluí-la da comunidade política.

procurar no mundo do trabalho. O produtor que não vende apenas as suas capacidades, habilidades e potência criativa, mas que vende ao capital, principalmente, a sua corporeidade. A vida do trabalhador que lhe pertence por inteiro, porquanto ele é unicamente o soberano formal do seu corpo (OSORIO, 2012: 24).

Desta focagem, num regime de produção capitalista como o presente, caracterizado fundamentalmente pelo trabalho excedente, isto é, por importantes sectores sociais estruturalmente expulsos do trabalho regular e formal, o crescimento económico e o aumento da produtividade só é possível através do deterioro das condições de trabalho e vida dos trabalhadores. E perante este objetivo foram encaminhados, seguindo esta abordagem, os novos processos impulsionados pelas políticas neoliberais, vocacionadas fundamentalmente para a expansão da produtividade por meio da exploração e a precarização,<sup>258</sup> em dous planos distintos (OSORIO, 2012: 25-26). Em primeiro lugar, observamos uma forma de precarização entendida numa dimensão socioeconómica, que atua sobre os trabalhadores em ativo e formalmente integrados no mercado laboral como forma drástica de redução dos custos, deteriorando a sua situação laboral com rebaixas salariais, aumento da jornada, incremento na intensidade e perda progressiva dos direitos sociais conquistados. Os trabalhadores submetidos a todo tipo de pressões e, nomeadamente, ante o risco de expulsão do mercado de trabalho e difícil reincorporação posterior, vão progressivamente suportando esta degradação sobre a que se ergue o mais-valor. Em segundo lugar, e como consequência do processo de precarização, o sujeito exposto ao endurecimento constante das condições de trabalho e, portanto, do aumento da penosidade laboral, acaba por ser biologicamente explorado. Nestas circunstâncias, o trabalhador, física e mentalmente esgotado e degradado, não poderá já vender mais as suas capacidades, expulso do circuito laboral, ou para continuar deverá aceitar um deterioro ainda maior das suas condições ao não poder concorrer com outros trabalhadores saudáveis. Ora bem, nesta dinâmica de exploração continuada aquilo vemos é uma encruzilhada que conduz sempre ao mesmo ponto: o submetimento da vida dos sujeitos à lógica voraz do capital, por uma banda, sobre os trabalhadores incluídos no emprego

---

<sup>258</sup> Neste sentido, podemos ver como desde diferentes propostas epistemológicas se tem analisado o processo de precarização do mundo do trabalho como uma aposta decida das políticas neoliberais na desregulamentação e crescimento da economia desde a década de setenta. Cfr. NAVARRO (2016), GORZ (1995), CASTEL (2006). Assim mesmo, vid., por todos, FUMAGALLI (2010), BOUTANG (2004).

acrescentado a sua situação de precariedade e, por outra, expulsando e incluindo de forma subalterna a multidão de força de trabalho excedente.

### 3.1. Biopoder e biocapital

Interpelando novamente a entrada do poder e, concretamente, do poder económico na vida, observamos como a captura do biológico polo económico se funde num mesmo horizonte político. Ou dito de outro modo, como os fenómenos característicos da vida dos sujeitos passam a formar parte indispensável de uma razão económica que administra o conjunto do corpo social. Para OSORIO (2012: 85-103), é neste processo biopolítico que dá começo uma formulação específica do poder que, sob a lógica do capital, faz possível a expansão das forças produtivas. E é esta relação entre a vida e os processos económicos e políticos que constitui o âmago da racionalidade capitalista hoje. Isto é, o biopoder, como sinala FOUCAULT (1999: 132-133), a acompanhar o desenvolvimento do capitalismo tanto introduzindo os corpos dos indivíduos no maquinário de produção, como adaptando a vida humana aos emergentes processos económicos postos em andamento polo capital. Porém, para autor mexicano, neste itinerário segue-se um trajeto diferenciado e, em certa medida, também confrontado com a perspetiva biopolítica neoliberal ou governamental foucaultiana.<sup>259</sup> Desta visão, a penetração do poder económico na vida acontece, acima de tudo, como forma de governo do sujeito sem coação, nem disciplinamento, mas como condução do projeto vital. Então, para abordarmos as características do biopoder aquilo que observamos são os modos como o capitalismo contemporâneo toma biológico e o coloca, enquanto ser vivo, baixo critérios estritamente económicos. A diferença de autores como RAJAN (2006: 115 e ss.), para quem o biocapital subjetiviza, regulamentariza e maximiza a vida em termos de rentabilidade produtiva, abrindo um novo espaço para as relações mercantis acima mesmo da tradicional relação capital/trabalho. No entanto, para OSORIO (2012: 94-100), a sua análise do biopoder toma distância tanto com perspetiva biopolítica neoliberal, quanto como a biopolítica governamental. Para este autor, a partir de uma

---

<sup>259</sup> Desde os *estudos da governamentalidade*, por todos, ROSE (2012), O'MALLEY (2014) ou DEAN (2007), até boa parte da receção italiana, por todos, HARDT e NEGRI (2002), LAZZARATO (2013) ou VIRNO (2003), têm posto a atenção nas transformações introduzidas polo neoliberalismo como o centro das suas análises.



aproximação marxista da realidade,<sup>260</sup> o biopoder fica incrustado no relacionamento entre o capital e o trabalho já desde o seu surgimento nos séculos XVII e XVIII. E aquilo que acontece é uma transformação do poder sobre a vida que conforma uma categoria analítica que o subsume e o excede, e que ele denomina como o biocapital.

TABELA 3.5

<b>Tipos</b>	<b>Características</b>
<b>Biopoder</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incorporação da vida nos cálculos do poder/saber</li> <li>• O biológico, o somático e o corporal entram no político</li> <li>• A vida é regulamentada desde as relações do poder</li> </ul>
<b>Biocapital</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O poder do capital atua sobre a vida</li> <li>• A vida não é capaz de fugir à lógica do capital</li> <li>• O sujeito fica submetido ao mandato do capital e exposto às suas diretrizes</li> <li>• O capital é uma relação social: vida-capital-trabalho</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Para observar esta passagem do biopoder para o biocapital, OSORIO (2012: 87-88) toma como premissa fundamental o trabalho capitalista, enquanto condição vital dos indivíduos que possibilita a produção e a reprodução vital, mas também, à sua vez, a sua posta em causa. Compreender esta complexa relação supõe analisar dous planos diferentes, mas interligados entre si: por um lado, o capitalista, como possuidor dos meios de produção e, por outro, o sujeito trabalhador como possuidor da força de trabalho necessária para a produção de riqueza. O nexos comum entre ambos situa-se na relação capital/trabalho, pois para os sujeitos trabalhadores só é possível aceder aos meios de subsistência através de formas de venda ao capitalista das suas capacidades físicas e mentais. No entanto, afirma o autor mexicano, a impossibilidade de separar materialmente a força de trabalho da existência mesma do indivíduo faz também impossível uma separação ontológica entre uma e outra. O corpo, a mente e as capacidades de trabalho conformam uma mesma unidade inquebrantável, que se

<sup>260</sup> Para o marxismo o acontecimento nascente da sociedade capitalista é a designada por MARX (2010: 315 e ss.) como *acumulação originária*, segundo a qual se produz o processo de expropriação dos trabalhadores dos meios de produção e a sua conformação como capital para ser explorado. Cfr. OSORIO (2012: 87)

realiza na venda-compra da força de trabalho.<sup>261</sup> E nesta transação entre o capitalista e o trabalhador não assistimos unicamente à venda de determinadas habilidades ou competências em troca de bens para a sua subsistência, mas também à venda do próprio corpo vivo ao capital que tanto submete baixo o seu domínio a força de trabalho, como a sua condição vital (OSORIO, 2012: 88-90).

Eis, logo, a base sobre a que se sustenta a passagem do biopoder para o biocapital: a disposição do sujeito-trabalhador no mercado não apenas como força de trabalho necessária, mas a existência vital. Desta maneira, detrás da liberdade do sujeito para vender as suas capacidades oculta-se, de forma concorrente, simultânea e justaposta, uma segunda venda ao capital: a vida. Para OSORIO (2012: 90-91) não se trata de um aspecto secundário da relação capital/trabalho, ao contrário, ele constitui o aspecto central e autenticamente incluído. A condição sem a qual não é possível o funcionamento do próprio capital, na medida em que sem a inclusão da vida não existe inclusão da força de trabalho necessária para a produção e o crescimento económico e o progresso da sociedade. Em consequência, a existência mesma do sujeito fica submetida ao mandato do capital e exposta às suas diretrizes. Noutras palavras, o poder do capital opera diretamente sobre a vida do trabalhador e não só sobre as suas capacidades produtivas. A sua lógica de valorização estende-se a todas as esferas da sua vida com a finalidade de produzir e apropriar-se do maior tempo de trabalho. O biocapital transforma em tempo produtivo a vida do sujeito por completo, além do tempo de trabalho em sentido estrito. Apodera-se, sob esta dinâmica, do tempo de descanso, de lazer, de família, etc., que formalmente é apresentado como não-trabalho, mas que é aproveitado pelo capital como tempo de recuperação do trabalhador para voltar a extrair as suas forças físicas e mentais.<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> Seguindo a análise marxista, para OSORIO (2012: 88) a força de trabalho só é realizável como ser vivente, e a sua função principal é precisamente a sua conservação. Em suma, a vida e a força de trabalho são indivisíveis, uma não existe sem a outra.

<sup>262</sup> Neste sentido, podemos sinalar que a principal diferença com a conceção, por todos, com HARDT e NEGRI (2002), LAZZARATO (2006, 2013), LAZZARATO e HARDT (2001), NEGRI (1980), encontra-se em que para estes autores, a extensão do trabalho à vida se deve a uma nova morfologia do trabalho imaterial, cognitivo e precário, resultado das transformações do neoliberalismo que quebra o perímetro da fábrica onde se limitava até então a lógica da relação capital/trabalho. Porém, para OSORIO, esta unicidade vida-trabalho situar-se-ia no coração mesmo do capitalismo capturada por uma razão soberana que a põe à sua disposição como *vida nua*.

Em síntese, a vida que é projetada como excluída da relação capital/trabalho, converte-se na dimensão verdadeiramente incluída no relacionamento capitalista. Para OSORIO (2012: 89), esta focagem constitui a eiva principal da proposta biopolítica foucaultiana e, nomeadamente, da genuína teorização realizada por AGAMBEN, que lucidamente situa a *exclusão-inclusiva* da vida biológica como substrato da política ocidental, mas que na sua análise, principalmente jurídico-filosófica, se centra em práticas soberanas completamente alheias ao poder do capitalismo e às relações político-económicas sobre a vida dos indivíduos. Segundo o autor mexicano, a *exclusão-inclusiva* devemos procurá-la noutra dimensão. Em concreto, esta estaria situada dentro e fora das relações da produção e, para tanto, na teoria mesma da exploração desenvolvida pelo marxismo. A exploração da vida, neste sentido, retomando a MARX (2010: 342 e ss.), seria uma vida de escravidão encoberta, e ela seria o elemento central da relação capitalista autenticamente incluído por exclusão.<sup>263</sup> Uma escravidão materialmente inscrita na lógica do capital, ainda que formalmente excluída do mundo do trabalho moderno (OSORIO, 2012: 91). Para explicar este paradoxo, OSORIO (2012: 92-94) baseai-se na obriga do trabalhador despossuído dos meios de produção de vender a sua força de trabalho ao capital para poder subsistir. Respalda esta tese na falta de liberdade real dos sujeitos para poder operar no quadro das relações da produção e poder tomar aquelas decisões mais adequadas para os interesses. Ao contrário, a liberdade resulta apenas uma ficção de uma vida que já não lhe corresponde ao indivíduo, vendida ao capital e submetida aos seus domínios. Se bem a diferença do escravo tradicional, a vida do trabalhador moderno não lhe pertence juridicamente ao capitalista; o escravo moderno, no entanto, desde o ponto de vista substantivo, não tem qualquer hipótese de separar-se do relacionamento com o capital e o acatamento da sua racionalidade para poder sobreviver.

A vida não é capaz de fugir à lógica do capital, apressada não unicamente no tempo em que produz riqueza para o capitalista, mas no conjunto do projeto vital, ocultando uma relação de *exclusão-inclusiva*. Sendo assim, a expropriação dos meios de produção aos trabalhadores

---

<sup>263</sup>Cabe advertir que a ideia da relação entre a escravatura e o capitalismo tem sido abundantemente estudada pela literatura crítica. Vid., por todos WILLIAMS (2011: 165 e ss.), que sustem que a escravatura foi diretamente promovida e organizada pelos Estado europeus, não como um facto accidental na história moderna, mas como um pilar fundamental para o seu desenvolvimento socioeconómico sob diferentes formulações.

teria um efeito maior do tradicionalmente descrito pela crítica marxista.<sup>264</sup> Pois segundo o nosso autor, o modo de produção capitalista, fundamentado na divisão entre meios de produção e força de trabalho, não submete apenas aos “indivíduos livres” à sua lógica sob a obriga de supervivência; mas captura as suas vidas por inteiro através do biocapital para explorá-las até extrair tudo a sua mais-valia. O poder do capital sobre a vida, afirma OSORIO (2012: 97), descansa no caráter indivisível da força de trabalho que ele compra aos indivíduos para gerar riqueza, e também na corporeidade viva do sujeito inscrita na sua existência como ser vivente. E a captura pelo capital das capacidades físicas e mentais do trabalhadores, acarreta simultaneamente a incorporação do projeto vital do indivíduo. Apresentada como livre, esta venda das habilidades e capacidades do trabalhador aquilo que encobrem é uma forma de submetimento total da vida ao capital que, aliás, procura acrescentar cada vez mais o nível de exploração dos sujeitos no seu benefício. No entanto, este processo de submetimento está diretamente relacionado com a capacidade do capital para produzir vidas cuja existência esteja posta em causa: vidas moribundas e infra-humanas dependentes do mesmo capital, obrigadas a procurar qualquer forma de integração para poder sobreviver. O capital pode adquirir, deste modo, a força de trabalho em condições de absoluta precariedade e exploração que, por uma banda, produzam o benefício procurado e, por outra, retroalimentem a sua situação de dependência (OSORIO, 2012: 98-99).

Como corolário, a vida dos trabalhadores termina esgotada e consumida prematuramente, diminuindo o valor da sua força de trabalho e, por conseguinte, tendo que reincorporar-se nos estratos mais baixos do mercado de trabalho e, por sua vez, aceitar um maior nível de exploração, desumanizando ainda mais a sua própria vida. Para OSORIO (2012: 100-103), o que encerra este círculo vicioso não é mais do que um jogo de *vida e morte* do capital sobre os sujeitos. Quer dizer, um procedimento de domínio e exploração dos trabalhadores que são usados como simples peças da máquina capitalista apoiando-se nas leis do mercado e na livre concorrência. Mais ainda, isto num cenário de população excedente e crescente depauperação económica e social no que a vida apenas vale pelo seu valor de uso.<sup>265</sup> O capital mostra o

<sup>264</sup> Cfr., neste sentido, HARVEY (2012: 41-92), quem tem abordado crítica e minuciosamente as formas e dimensões dos processos de acumulação do capital sinalados por MARX.

<sup>265</sup> Refere OSORIO (2012:98-99) que “o valor diário da força de trabalho tem como referência uma determinada noção de anos de vida útil do trabalhador e de anos de vida sem mais. É este valor total que, em seguida, define o valor diário: que ativo, em termos de alimentos, vestuário, habitação, saúde, educação,

autêntico seu rosto homicida, o seu poder despótico cuja finalidade não é, em absoluto, a proteção da vida como afirmara FOUCAULT (2006: 96), mas, ao contrário, a gestão da *morte* dos trabalhadores para o seu benefício. Eis, para OSORIO (2012: 103), o modo em que se relaciona o biocapital com os sujeitos, explorando a sua vida, pondo-a em causa, expondo os trabalhadores à sua morte com o objetivo último de incrementar o valor do capital. Não se trata, pois, nem do direito à vida, nem do direito ao trabalho, aquilo que estrutura a organização capitalista, numa orientação bem diferente, é a relação que se estabelece entre o capital, o trabalho e a vida sob a lógica da *exclusão-inclusiva*.

### 3.2. Trabalhador como *homo sacer*

Seguindo esta reflexão, o poder do capital sobre a vida não se manifesta como aquele poder da modernidade positivo, produtivo e vocacionado, em última instância, à maximização da vida e, para tanto, substituto do velho *poder de matar* das *sociedades de soberania* descrito pelo pensamento foucaultiano. De maneira oposta, o biocapital relaciona-se com a vida humana como um poder negativo que, mais bem parece administrar a *morte* dos indivíduos como modo de crescimento do próprio capital. OSORIO (2012: 103) retrata, logo, um processo de cooptação e exploração da corporeidade dos sujeitos, enquanto vidas precárias, moribundas e infra-humanas, necessário para o progresso do capitalismo moderno. Numa leitura muito próxima, o próprio FOUCAULT (2006: 90-95) recupera para a análise da modernidade o poder soberano de dar *morte*: um poder que, mais do que desvanecer-se, ficou oculto no presente mascarado na gestão racional e calculadora dos indivíduos.<sup>266</sup> Assim sendo, para o francês, este poder encontraria a sua materialização no axioma do *fazer viver*, *deixar morrer* da sociedade capitalista que, por sua parte, deslocaria o anterior *fazer morrer*, *deixar viver* das sociedades feudais (FOUCAULT, 2000: 218). Porém, esta inversão do princípio soberano, como sinalamos, não apaga o seu poder mortífero, mas modifica-o, incorporando-o dentro de um quadro de poder mais amplo e complexo, que o filósofo francês expõe na triada soberania-disciplina-segurança (FOUCAULT, 2006: 135-136). Destarte, mesmo na modernidade a gestão da vida integraria, veladamente, o pressuposto da morte, que

---

*descanso e outros devem ser considerados, a fim de que um trabalhador pude vender a sua força de trabalho e viver em condições normais certa quantidade de anos, e produzir também os braços que o substituirão”.*

<sup>266</sup> Cfr., sobre as diferentes perspectivas de FOUCAULT sobre a biopolítica, Cap.1.3.

para OSORIO (2012: 104) não é mais do que a expressão da verdadeira natureza do poder do capital. O apressamento de uma vida que não é nem plena, nem merecedora dessa qualificação, mas uma vida infra-humana, submetido a uma nova forma de escravidão. E, conforme o mexicano, seria essa desapropriação da condição humana da vida o elemento definidor do biopoder sob a lógica do capital.<sup>267</sup>

A partir desta focagem, OSORIO (2012: 105) pega na proposta de AGAMBEN como principal quadro teórico para abordar a qualificação da vida na sociedade capitalista, bem como para analisar a relação de exclusão e inclusão dos indivíduos. Pois desde a perspectiva agambeniana, o poder sobre a vida, a diferença de FOUCAULT, seja a sua interpretação governamental, disciplinar ou mesmo propriamente soberana, não estaria limitada unicamente à produção de vida. Segundo AGAMBEN (2006: 18-19), a preocupação central do poder político é outra, a captura da vida para categorizá-la como *zoé* ou como *bíos*, quer dizer, para distinguir entre aquela vida política qualificada e aquela vida simplesmente biológica, a *vida nua*. Uma vida, em definitiva, que se encontra entre o humano e o inumano, deslocada para uma zona indeterminada, onde não está nem radicalmente excluída da sociedade, nem tampouco incluída como vida dotada de direitos e obrigações (AGAMBEN, 2006: 38). Neste sentido, o biopoder aquilo que procura não é a incorporação da vida nos cálculos do poder, mas sua exclusão/inclusão na ordem social e política. Este é, para o filósofo italiano, o fundamento biopolítico último sobre o que se erguerá a política ocidental, a localização da *vida nua*.<sup>268</sup> Uma perspectiva que, conquanto se afasta da linha foucaultiana, oferece para OSORIO (2012: 124) algumas chaves para explicar como opera o biopoder no capitalismo. Um poder como se expus mais preocupado, por um lado, em suprimir a vida humana do que em produzi-la e, por outro, um poder mais centrado em criar sujeitos submissos do que em libertá-los.

---

<sup>267</sup> Neste sentido, afirma OSORIO (2012: 90), citando a MARX, “*parece como se mudasse algo a fisionomia das personagens do nosso drama. O antigo possuidor de dinheiro abre a marcha convertido em capitalista, e trás ele vem o possuidor da força de trabalho, transformado em seu operário*”.

<sup>268</sup> Sinala, abertamente, AGAMBEN (2006: 17-18) que “*a política se apresenta então como a estrutura propriamente fundamental da metafísica ocidental, já que ocupa o umbral em que se cumpre a articulação entre o vivente e o logos. A politização da vida nua é a tarefa metafísica por excelência na qual se decide a humanidade do ser vivo homem.*”



Para AGAMBEN (2006: 115-116) a biopolítica é inerente ao princípio soberano<sup>269</sup> e, portanto, é ao soberano a quem lhe corresponde decidir que vida deve ser qualificada como *zoé* e que vida deve ser qualificada como *bíos*. Ele é, pois, quem estabelece e atribui tanto direitos e deveres aos sujeitos políticos, como despoja de humanidade a quem devem ser expulsos. Porém, não se trata de uma exclusão total da sociedade, como tampouco a sua supressão absoluta. Pola contra, o fenómeno que observamos é o deslocamento da vida desqualificada como mero ser biológico para um espaço indefinido, criado para incluir na ordem social e política aquilo que deve ser excluído por não ter acolhimento na sociedade. Segundo o filósofo italiano, o poder soberano habilita, a tal efeito, uma zona de indeterminação no que aquela vida despossuída, a *vida nua*, pode ser incluída através da sua exclusão. Por suas palavras, observamos um procedimento de *exclusão-inclusiva* no que a vida biológica tem existência política diferenciada, ora, não uma existência propriamente humana, mas apenas como ser vivente despido da sua essência política (AGAMBEN, 2006: 41-42). A *vida nua* só pode ser incluída, então, por exclusão sob a forma de uma exceção que permita ao soberano, sem violentar a ordem instituída, incorporar a vida não humana na comunidade (AGAMBEN, 2006: 38-39). O soberano ostenta, deste jeito, o poder de decisão de articular um espaço indeterminado de participação da *vida nua* a través do que o autor denomina como Estado exceção. Esta capacidade de criar uma zona alheia à ordem social e política, mas parte indissolúvel, constitui o paradigma fundamental do princípio de soberania.<sup>270</sup> Em consequência, seguindo AGAMBEN (2004: 102-104), o Estado de exceção é o modo de governo no que se encontra oculto e superposto o velho poder de *fazer morrer*, que coexiste com o *fazer viver* da modernidade, sem necessidade de violentar a legalidade. Em definitiva, a excecionalidade é o vestígio que fica no presente das antigas *sociedades de*

---

<sup>269</sup> Para AGAMBEN (2006: 29-31) é o soberano quem ostenta o poder de decisão de suspender a lei, de incluir e excluir na ordem social aos seus súbditos, sem por isso quebrantar a legalidade, porquanto ele é o seu máximo representante.

<sup>270</sup> A partir do conceito de soberania de SCHMITT (1985, 1998), o filósofo italiano reinterpreta o poder do soberano como aquele poder de decisão sobre a exceção, em suma, a capacidade para suspender a legalidade vigente sem por isso situar-se fora da mesma. Neste sentido, para SCHMITT devemos diferenciar abertamente entre os poderes de emergência do Estado, recolhidos no ordenamento jurídico, e o designado pelo jurista alemão como “Estado de exceção”. Pelo primeiro, entendemos o poder extraordinário atribuído ao governo em circunstâncias extraordinárias e tipificadas constitucionalmente para garantir a legalidade. Ora bem, pelo segundo, entendemos um poder absoluto inerente à própria soberania, portanto, sem tipificação alguma, para eliminar da ordem social aqueles indivíduos identificados como *inimigos*, interna ou externamente sem necessidade de alterar a ordem jurídica.

*soberania* que seguem vigentes com o objetivo de proteger, garantir e manter uma determinada ordem social.

Para mais, AGAMBEN (2000: 163-164), no seu estudo histórico e filosófico do caráter biopolítico da soberania, adverte que é na modernidade que a exceção, como técnica de qualificação da vida *zôe* ou *bíos*, abandona o seu refúgio para ocupar a centralidade da política. Em síntese, a exceção transforma-se em norma. Ela não opera como um dispositivo extraordinário, especial ou atípico pensado para situações de quebrantamento da ordem social ou para a sua restituição; acima de tudo, a excecionalidade constitui-se como o *leitmotiv* do biopoder moderno: a produção de *vida nua*. Para observar este processo, o filósofo italiano recorre à figura do *homo sacer*, aquele ser vivente desapossado da condição humana. Um ser situado fora da ordem e a legalidade instituída, que não existe como *zoé*, mas apenas como *bíos*. Isto é, um ser que não tem direito à vida por carecer dos atributos qualificadores de ser humano e, em consequência, um ser que pode ser eliminado ou suprimido -em termos foucaultianos, *matado*-, sem cometer delito, sem quebrantar as normas de convivência da comunidade política, porquanto o *homo sacer* se encontra excluído dos direitos e obrigações reconhecidos a todos os cidadãos. Assim sendo, AGAMBEN (2000: 161–164) indaga como na política ocidental é implementada a expropriação da condição humana e produz essa vida suprimível, mas não sacrificável. Uma vida infra-humana e de simples supervivência, sem qualquer hipótese de interlocução e relacionamento com sociedade. Ou para melhor dizer, uma vida com uma singular forma de relacionamento -através da fórmula da *exclusão-inclusiva*-, como única maneira de se inserir na ordem social carecendo da condição de humano de pleno direito. Uma incorporação, no entanto, precária, subalterna e indeterminada que, para o nosso autor, se situaria entre o *fazer morrer* e *deixar viver* das sociedades de soberania e o *fazer viver* e *deixar morrer* característico do biopoder moderno, em definitiva, o *homo sacer* posicionar-se-ia, antes bem, num *fazer sobreviver*.<sup>271</sup>

Ora, aquilo que se pergunta OROSIO (2012: 104) após a análise agambeniana, é como se traduz esse *fazer sobreviver* a *vida nua* no capitalismo. Em definitiva, qual é a vida infra-humana, o *homo sacer* da sociedade organizada sob a relação capital/trabalho. Pois para o

<sup>271</sup> Afirma AGAMBEN (2000: 153), “nem a vida, nem a morte, senão a produção de uma supervivência modulável e virtualmente infinita é o que constitui a achega decisiva do biopoder do nosso tempo.”

mexicano, conquanto a exposição de AGAMBEN resulta muito útil para explicar o caráter mortífero do biopoder, a sua focagem resulta insuficiente para esclarecer o poder do capital sobre a vida. Como expõe SALINAS (2014a: 141-164), o filósofo italiano centra o seu estudo nos “direitos do cidadão” nascidos da Revolução Francesa,<sup>272</sup> o acontecimento que serve de ponto de lança para construção dos Estado-Nação e, nomeadamente, a passagem do simples indivíduo, ou seja, o mero ser vivente, para o cidadão portador de direitos civis e políticos. A partir desta análise, pesquisará como baixo estruturas políticas formalmente democráticas se oculta o poder soberano e excecional, estabelecendo uma linha de continuidade entre a democracia e o totalitarismo. No entanto, OSORIO (2012: 106) entende que a circunscrição do *homo sacer* à proposta agambeniana impõe importantes limitações para abordar a ordem social capitalista, porquanto ela joga apenas numa categoria cidadão vs. não-cidadão como paradigma biopolítico exclusivo da política moderna. Assim sendo, tal quadro analítico, para este autor, deve ultrapassar essas noções, amplamente redutoras do relacionamento social, como explicação da vida posta em causa pelo poder do capital. Para tanto, OSORIO (2012: 107) vai chegar a uma outra visão a partir da relação de captura da vida dos sujeitos trabalhadores pelo biocapital.

Dito doutro modo, o biopoder sob a lógica do capital desumaniza a vida dos trabalhadores, expulsando-os da ordem social, mas, por seu turno, incorporando-os para serem precarizados, explorados e “escravizados”, sem por em questão a normalidade democrática. Em resumo, aquilo que acontece é um processo de *exclusão-inclusiva* dos trabalhadores despossuídos da sua humanidade como única forma de pertença. Deste modo, OSORIO (2012: 107-108) amplia radicalmente e qualitativamente o número de sujeitos cuja vida se encontra exposta ao poder, diante da tese agambeniana limitada no espaço/tempo ao *campo de concentração*, e a sujeitos arquetípicos como os migrantes ou os refugiados. Numa abordagem mais ampla, para o mexicano aquele que representa o *homo sacer* moderno é, acima de tudo, o trabalhador atual e presente capturado pelo biocapital como simples força de trabalho. Uma vida que fica submetida desde o instante mesmo no que o sujeito se vê

---

<sup>272</sup> Para AGAMBEN (2004: 165-167) a *Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão* aprovada em França em 1789 pela *Assemblée nationale constituante*, na qual se definem os direitos civis e políticos dos cidadãos, é o instrumento jurídico fundamental que permite a passagem das sociedades feudais para a modernidade. Ora, também é o mecanismo que inclui, por exclusão, um poder soberano de disposição da vida daqueles qualificados como não-cidadãos.

obrigado a vender a sua força e capacidades e, por extensão, a sua corporeidade vital ao capital. Trata-se de uma forma de vida precária, explorada, submetida ao poder despótico no processo de trabalho que, para mais, se vai consumindo devagar. Conforma-se, assim, para OSORIO (2012: 108), uma zona de exceção onde o sujeito inclui à disposição do capital, o seu corpo vivente, formalmente excluído do troco entre trabalhador e capitalista, no que este último se converte no autêntico fundamento da ordem económica e política do capitalismo.







### **III. ESTADO E GOVERNANÇA**





## **CAPÍTULO 4. ESPÍRITO EMPRESARIAL DO ESTADO**

### **1. NOVA GERÊNCIA PÚBLICA**

Como foi sinalado em diferentes momentos deste trabalho, o processo de governamentalização neoliberal estabeleceu, essencialmente, uma outra forma de relacionamento entre os sujeitos, o poder e o Estado. Um modo de gestão que, envolvendo tanto governantes quanto governados, ultrapassou a dicotomia entre o público e o privado prototípica das sociedades de bem-estar. Assim, a perda de credibilidade do papel do Estado e a incapacidade do sistema público para afrontar as transformações sociais contemporâneas, não só acarretou uma crise nas formas de organização económica, mas também implicou notáveis mudanças nos modos de ordenação da administração pública. E nesta sequência, conforme trataremos de apontar neste capítulo, serão colocados em debate novos modelos de atuação e participação entre o sector estatal e a cidadania que, desde princípios-chave como o economicismo e o eficientismo, procurarão com certeza redimensionar as formas de gestão pública.<sup>273</sup> Desta maneira, como têm frisado CLARKE e NEWMAN (1997: 8-16), a reorganização do Estado contemporâneo deve ser percebida, antes bem, como um pilar fundamental para o assentamento do projeto neoliberal. Pois a posta em causa das políticas públicas de bem-estar, segundo os autores citados, não se limitou apenas a um questionamento da valência do sistema estatal para gerir os assuntos públicos ou do alto custo económico das ações governamentais para resolver os problemas sociais. Na opinião dos mesmos, detrás do debate sobre as despesas públicas ou a regulamentação estatal do mercado, aquilo que realmente é procurado é a reestruturação total do Estado, identificado, em última

---

<sup>273</sup> Neste sentido, abordaremos o gerencialismo neoliberal não tanto como uma disciplina da administração pública quase hegemónica no mundo ocidental, senão como uma forma de relacionamento (BOLTANSKY e CHIAPELLO, 2002; CLARKE e NEWMAN, 1997). E, para tanto, trataremos uma revisão da literatura que a defina dentro de um outro campo de estudo: aquilo que denominamos modo de governo neoliberal (DEAN, 2007; ROSE, 2000; ROSE e MILLER, 1992).

análise, como sendo o grande obstáculo para o desenvolvimento do neoliberalismo. Seguindo esta aproximação, não basta, então, com a simples quebra da malha que o Estado Social deitara sobre a economia para o sucesso da transformação económica e social dos anos setenta. Para chegar a esse estágio, as formas de intervenção e organização estatal são profundamente revisadas, porquanto os modos de atuação do sistema público assentam numa particular relação entre o Estado e os indivíduos com base na racionalidade neoliberal. Desta forma, não se trata de se forem eles mais ou menos eficazes, ou mais ou menos rentáveis economicamente, mas dos valores incorporados tanto nos discursos como nas práticas do sistema público. Em total, concluem os autores, tão relevante como as disfuncionalidades, as ineficiências ou a falta de produtividade da administração do Estado Social que alentaram a posta em marcha de uma nova gestão pública, deveremos ter em consideração a procura da articulação de um novo cenário de relacionamento simbólico (CLARKE e NEWMAN, 1997: 17).

No entanto, compre sinalarmos, já agora, que este conjunto de transformações da gestão pública impulsionadas por um novo modo de associação entre os sujeitos e as instituições públicas constitui mais uma tendência organizativa do que uma verdadeira teoria acabada. Isto é, estaríamos mais perante um leque plural e heterogéneo de reformas políticas do que diante de um programa compacto ou um desenho administrativo acabado do funcionamento neoliberal da estatalidade. Propomos, assim, pensar a nova organização pública fundamentalmente como uma agregação de práticas e ações do Estado prescritas a partir de um novo paradigma de resolução do conflito político.<sup>274</sup> Para isso, compre também não limitarmos a análise a uma simples reconfiguração técnica e administrativa do sector público com a finalidade de acabar com as suas deficiências ou falhas na obtenção de resultados, como foi identificada principalmente desde começos da década de noventa por

---

<sup>274</sup> Cabe sinalar como antecedente que, já desde o final dos anos setenta, diferentes organismos e instituições neoliberais procuram articular um quadro teórico no que encaixar um tipo de governo capaz enfrentar as novas demandas sociais. Podemos destacar, neste sentido, os trabalhos da denominada Comissão Trilateral e, concretamente, o estudo publicado em 1975 por CROZIER, HUNTINGTON e WATANUKI, intitulado originalmente *The Crisis of Democracy. Report on the Governability of Democracies to the Trilateral Commission*, no que é introduzida a noção de “governança”, entendida como gerência eficientista, informação, transparência e responsabilidade. Um conceito que transcende, em síntese, a ideia de “governo político” maioritária até o momento.

destacados autores como HOOD (1991).<sup>275</sup> Dito de outro modo, procuraremos aproximar-nos, então, ao estudo da denominada nova gestão pública como algo mais do que um simples programa de atualização do Estado. Esta seria, em síntese, a primeira consideração a termos presente para abordarmos o gerencialismo neoliberal, por uma banda, como sendo um agregado de diferentes correntes e propostas de administração do público tanto desde uma perspectiva geral, quanto desde uma perspectiva de gestão de problemas públicos específicos. E, por outra banda, entendermos o gerencialismo como um projeto com diferentes propostas de reforma cujo denominador comum se encontra numa determinada forma de administrar que assentam em valores e princípios organizativos pós-burocráticos (BARZELAY, 1998: 173-196). Em ligação com esta ideia, para a literatura crítica de referência (CLARKE e NEWMAN, 1997; BOLTANSKY e CHIAPELLO, 2002; DEAN, 2007), o gerencialismo supõe, para mais, o principal projeto de reformulação do Estado desde os pressupostos metodológicos da economia política neoliberal aplicados sob a administração pública, tais como a desregulamentação, a privatização ou a terceirização dos serviços até então prestados pelo Estado como garante dos direitos de cidadania. Descritos como sendo ineficazes, obsoletos ou insustentáveis, os princípios weberianos e os instrumentos burocráticos de administração pública, nascidos no Estado liberal e fortalecidos no Estado social, são ultrapassados por uma focagem efficientista do sector público na realização das suas tarefas. Mas também sem limitar-se a um rol unicamente tecnocrático na resolução dos assuntos sociais, a nova gerência visa um redimensionamento político e económico geral da dependência estatal dos sujeitos.

### **1.1. *Empresarialização do governo***

Não cabe dúvida que a irrupção da gerência pública neoliberal supôs uma grande viragem em praticamente todos os Estados de Ocidente, fundamentalmente, desde os anos oitenta em que dá começo uma época de mudanças nos sistemas públicos. Nesta conjuntura, países com tradições administrativas e burocráticas tão diferentes entre si, como os países do âmbito

---

<sup>275</sup> O termo Nova Gerência Pública (em inglês, *New Public Management*) tem sido atribuído a HOOD (1991) após a publicação do artigo intitulado “A Public Management For All Season”. Este cientista social foi o principal analista das tendências da administração pública no Reino Unido desde os governos de THATCHER. Para uma primeira caracterização, vid., por todos, BARZELAY (1998, 2000).

anglo-saxão, tais como o Reino Unido, os EUA ou a Austrália, com uma componente liberal mais avançada, até países da Europa continental, caso de França, Suécia, Espanha ou Itália, com uma burocracia mais rígida, não foram alheios aos discursos da modernização da administração pública.<sup>276</sup> Desta premissa foi lançado, como eixo básico da atividade estatal, um potente conjunto de mudanças administrativas encaminhadas a uma transformação da institucionalidade pública que acabaram por transmitir uma particular organização do Estado (CLARKE e NEWMAN, 1997: 29-31). Assistimos, pois, à instauração de uma nova narrativa e, em consequência, a um novo quadro relacional das instituições públicas que surge dos princípios hegemónicos da economia de mercado. Em concreto, as técnicas e os dispositivos organizativos próprios do *management* empresarial que são deslocados também para o sector público, dando lugar ao nascimento de um *public management* que passa a gerir também a administração pública tradicional. Uma forma de perceber a governabilidade assente, em primeiro lugar, na posta em causa do Estado burocrático como ordenador adequado do conjunto da sociedade e, em segundo lugar, na sua substituição pelo mercado e os seus valores como referente organizativo mais eficiente para a resolução do conflito social. Assim sendo, os principais governos ocidentais continuadores das denominadas *reaganomics*<sup>277</sup> apresentaram uma série de iniciativas provenientes do âmbito empresarial, destacadas pela sua aparente neutralidade política, para serem aplicadas sobre a organização do Estado, introduzindo uma orientação mais operativa e também mais rentável na administração dos assuntos públicos.

Neste período põe-se em andamento uma transformação histórica do Estado, consistente na adaptação do sector público à experiência do sector privado e à sua retórica *management*, como modelo de modernização e de atualização dos seus programas de intervenção social. Uma especificidade de tipo empresarial que se constitui como referente organizativo e normativo na procura de um melhor rendimento da realidade institucional. Para isso, o Estado

<sup>276</sup> Para uma análise comparativa da burocracia contemporânea dos EUA, Europa continental e países asiáticos, vid., por todos, GUY PETERS (2010).

<sup>277</sup> Denominaram-se como *reaganomics* as medidas em matéria de política económica dos EUA presidido por REAGAN durante os anos oitenta sob a orientação fundamental das propostas de FRIEDMAN. Medidas centradas, nomeadamente, na redução das despesas públicas, a redução dos tipos marginais dos impostos, a redução da regulamentação da atividade económica e o controlo monetário. Seguidas polos diferentes países do mundo anglo-saxão, como o Reino Unido ou a Austrália, deitaram o campo ótimo para a demanda e desenvolvimento de um novo conceito de gerência pública baseado na concorrência, a flexibilidade e o individualismo que marcaram a expansão económica neoliberal.

burocrático e disciplinar deve ser ultrapassado porquanto constitui um bloqueio para o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Os governos fortes e centralizados específicos da sociedade industrial têm de se reinventar sobre os valores básicos do *public management*, reconfigurando as formas de os indivíduos serem governados (BARZELAY, 1998: 188 e s.). Ora, estas penetrações das práticas empresariais não foram nunca apresentadas desde os seus riscos ou dos possíveis resultados indesejados, mas sempre desde as suas virtudes ou potencialidades libertadoras dos sujeitos, como garante da sua própria segurança, proteção e, em definitiva, supervivência. Esta é a tese sustida, destacadamente, por OSBORNE e GAEBLER (1995), autores de uma das principais críticas ao modelo de Estado e à organização institucional saída dos compromissos sociais das “décadas gloriosas” do capitalismo industrial. A proposta dos autores americanos, absolutamente original do ponto de vista das políticas públicas, parte de uma conceção privada e empresarial do sector público.<sup>278</sup> A sua preocupação central é redefinir a gestão do governo como sendo o modo de quebrar as relações hierárquicas e rígidas dos governos burocráticos incapazes de se adaptarem às realidades flexíveis do presente. Pola contra, segundo os autores, o governo deve orientar à sociedade, mas não resolver os seus problemas diretamente. Ele deve coordenar os processos sociais, económicos e políticos, mas devem ser os sujeitos os que assumam as suas responsabilidades. Quer dizer, o governo deve ser percebido como propriedade dos cidadãos, os quais devem implicar-se ativamente na administração e resolução dos seus problemas (OSBORNE e GAEBLER, 1995: 52-54, 89-90).

Pola sua parte, o governo deve fundar-se numa relação contratual, na medida em que o sector público deve procurar a satisfação dos usuários ou consumidores dos serviços oferecidos e não necessariamente a satisfação da própria administração. Assim mesmo, o governo, porém seja um ator principal no cenário político, deve incorporar a concorrência de outros atores privados também na prestação de serviços na sua atividade pública. E por último, o governo não deve limitar-se a qualquer resolução do conflito social, mas atuar em

---

<sup>278</sup> Neste sentido, compre por em destaque que a nova gerência pública tem a sua formulação essencial no âmbito da economia e da empresa privada, e não propriamente no campo das ciências políticas e da administração pública (vid., como antecedente mais próximo, DRUCKER, 1969). Desta forma ela constitui uma visão *sui generis* do sector público sem ligação direta com nenhuma tradição política até o momento. Assim sendo, podemos sinalar os influentes trabalhos de PETERS e WATERMAN (1991) sobre a vocação eficientista do mercado no novo gerencialismo público.



conformidade com determinados objetivos marcados e procurando resultados concretos na sua gestão (OSBORNE e GAEBLER, 1995: 171-209, 347-366). Por conseguinte, a proposta da nova gerência pública, articulada a partir das chaves descritas por OSBORNE e GAEBLER, não deve ser, de modo nenhum, circunscrita a uma simples desmontagem do sistema *welfarista* como parte do projeto económico neoliberal, como têm sinalado de maneira reducionista alguma crítica.<sup>279</sup> Neste sentido, o mais inovador desta ideia não é tanto a crítica ao Estado regulamentador, quanto a incorporação ao sector público de um autêntico *espírito empresarial* como guia da sua intervenção (BOLTANSKY e CHIAPELLO, 2002). Reinventar o governo não é apagar as suas funções, nem tampouco reestruturar a sua organização institucional, no sentido de suprimir todo organismo ou ação não essencial à prestação de um determinado serviço, como tampouco delimitar unicamente as competências entre a administração pública e os cidadãos. O gerencialismo neoliberal não propõe apenas corrigir erros, mas reorganizar novamente as funções do Estado a partir de uma nova cultura administrativa, com base na concorrência das instituições públicas com outros atores no mercado, a co-responsabilidade dos sujeitos na prestação de serviços ou na otimização das suas qualidades. Em definitiva, edifica-se com novas bases teóricas desde as quais resolverem a administração pública, não como uma carga para o próprio Estado, mas como sendo um agente político flexível, adaptativo e com capacidade para dirigir.<sup>280</sup>

TABELA 4.1

Nova Gerência Pública: Perspetivas	Características
<b>Modernização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atualização técnico-científica da organização estatal</li> <li>• Governança mais efficientista, flexível e adaptativa</li> <li>• Gestão administrativa de qualidade e focada par o cidadão</li> </ul>
<b>Empresarialização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado percebido como administrador de “capitais humanos”</li> <li>• Novo relacionamento entre Estado e os sujeitos: cidadão-cliente</li> <li>• Produção de sujeitos autogovernáveis: <i>saber-empresarial</i></li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

<sup>279</sup> Neste sentido, como sinala firmemente BROWN (2015: 161), o Estado reformula-se e reorienta-se desde a racionalidade económica, não unicamente como uma política reitora da sua atividade, mas também como modo de governar os sujeitos e as instituições: escolas, hospitais, cárceres, agências de bem-estar social, etc.

<sup>280</sup> Igualmente, para aprofundar sobre estas propostas, vid. OSBORNE e PLASTRIK (1998, 2006).

As novas formas de administração pública, conforme acabamos de introduzir, respondem, principalmente, às necessidades de um avançado processo de penetração da lógica gerencialista na organização do poder institucional. Desta perspectiva, as políticas públicas passam, em certa medida, de ser a expressão direta, monolítica e unidirecional do poder estatal, para um *collage* de difusas relações e interdependências sociais, técnicas e económicas entre o Estado, o sector privado e os cidadãos. A governamentalização do Estado neoliberal supôs, antes bem, uma mudança na sua posição e nas suas funções. Por uma banda, deslocando-se do seu rol como organizador e gestor único da vida social para se situar como mais um agente a coexistir na prestação de serviços, e não só como produtor de normas, mas também como executor. Por outra banda, o Estado vai perdendo a sua tarefa de regulamentador político da sociedade para se converter, nomeadamente, num centro de operações técnicas dos diferentes atores sociais e económicos a agirem na sociedade. E neste propósito de converter o Estado num agente mais útil, eficaz e resolutivo, o papel da função pública transforma-se também a partir de um programa administrativo que articula uma nova forma de adesão aos governados em três planos distintos. Em primeiro lugar, o Estado passa de governar “cidadãos”, a administrar “sujeitos económicos”. Em segundo lugar, o Estado produtor e executor de antanho, transforma-se num operador técnico que atua por objetivos e resultados. E em terceiro e último lugar, o Estado identifica os cidadãos, fundamentalmente, como “clientes” da sua administração pública. Isto é, meros portadores de direitos e obrigações como consumidores e usuários dos serviços públicos, em lugar de autênticos sujeitos de direitos sociais e políticos (ROSE e MILLER, 1992:176-178, 181-183; ROSE, 2000: 324).

A retórica do *management* na esfera pública acarretou, em definitivo, a reorganização das políticas governamentais do Estado Social para os métodos, as práticas e as técnicas implantadas com anterioridade no mundo empresarial, se bem que não desaparecem totalmente da administração pública, mas com certeza perderam a sua centralidade política. A descentralização, a flexibilização e a terceirização não só afetou, então, à estrutura de governo ou à privatização da atividade pública, mas fundamentalmente aos seus objetivos e finalidades. O Estado neoliberal apostou numa *empresarialização* da sua atividade, patrocinando atuações privadas, captando investimentos nos mercados ou mesmo participando na procura de benefícios da sua gestão. Concretamente, os citados OSBORNE e

GAEBLER (1995: 395 e ss.), acreditam num Estado vocacionado à criação e fomento da atividade empresarial, desenvolvendo um quadro jurídico-económico seguro, favorecendo a oferta e demanda de bens e serviços, bem como inserindo dinâmicas de concorrência e competição dentro do Estado como jeito mais eficaz e eficiente de o governo servir, proteger e assistir aos governados. Por conseguinte, o núcleo central que informa a mutação da estrutura burocrático-administrativa é o novo *espírito empresarial* que vai incorporar, mais do que como ponto de chegada, como ponto da partida desde o qual reestabelecer todas as suas funções. Como resultado das iniciativas promovidas por diferentes governos desde a década de oitenta para acabar com a rigidez e improdutividade do Estado Social, as instituições públicas são redesenhadas através de um conjunto de discursos, práticas e técnicas mercantilizadoras próprias da racionalidade neoliberal como única forma possível de reconduzir as práticas e burocracias disciplinares do *welfarismo* fordista. Com isso, as funções do Estado são submetidas a um processo de cooptação pelas regras do mercado que implica uma mercantilização da atividade pública. Deste modo, o conjunto de alterações vividas pelo Estado e a sua organização burocrática estariam envolvidas num processo mais amplo de transformação. A gestão pública neoliberal não se limitou, destarte, à reformulação técnica e científica dos sistemas estatais, por profunda que ela seja, conforme teriam afirmado, por citarmos algum exemplo, HOOD (1991), BARZELAY (1998, 2000) ou os próprios OSBORNE e GAEBLER (1995) ao amparo das necessidades da governança pós-fordista do sector público (MAYNTZ, 2005).

Ao contrário, sendo formalmente inegável este fenómeno, talvez o mais interessante, ao nosso juízo, é a sua inserção numa perspetiva propriamente foucaultiana no processo de *governamentalização* do Estado (DEAN, 2007: 47 e ss.). Todos e cada um dos processos tecnocráticos descritos, tendentes à modernização do modelo organizativo-burocrático, à introdução de novos métodos de funcionamento, gerência e controlo ou à participação do Estado e as suas agências no mercado, são parte de uma nova forma de gestão de governo baseada na ativação, na responsabilização de si e na eleição racional dos governados (VILA, 2012: 405-412). A nova gestão pública conforma um quadro do exercício do poder através do qual os indivíduos se subjetivizam e apreendem experiências, saberes e práticas. Não estaríamos, à vista disso, ante uma tecnologia política de tipo instrumental, mas perante uma

razão de governo, encaminhada, segundo o seu próprio paradigma, a administrar sujeitos autônomos, livres e não dependentes de agentes externos. Isto remete-nos, então, para cidadãos que devem ser governados por si próprios através de discursos que penetram desde a nova gerência e se estruturam numa nova relação Estado-sujeitos, transformando as concepções clássicas do rol do Estado, da população e da economia. Em suma, aquilo que observamos é a construção de um modo de governo, ou na definição de FOUCAULT (2006: 137 e ss.), numa “arte de governo”, que reconstrói um quadro geral de vida não limitado a um modo concreto de organização político-administrativa, mas vocacionado à produção de sujeitos governáveis.

Para o pensamento foucaultiano, a introdução da economia no seio do exercício político e a eclosão do saber económico dentro das suas estruturas e agências era a meta essencial da governamentalização (FOUCAULT, 2012: 177-178). Pois a racionalidade neoliberal aquilo que procura, em última análise, é uma forma social, política e também institucional imbricada no mercado, conquanto ela não opere desde uma posição sempre monolítica ou uniforme. Esta é uma ideia central no neoliberalismo para entendermos também a posição do Estado na formação contemporânea (FOUCAULT, 2012: 161-162). Este processo é fundamental para enquadrar as instituições do Estado nos procedimentos, os cálculos, as técnicas e os saberes que têm como alvo a população. Por palavras do filósofo galo, “*governar um Estado será, portanto, aplicar a economia, uma economia no nível de todo o Estado, isto é, exercer em relação aos habitantes, às riquezas, à conduta de todos e de cada um uma forma de vigilância, de controlo, não menos atenta do que a do pai de família sobre a casa e seus bens*” (FOUCAULT, 2006: 120). Desta perspetiva, as formas de relacionamento político-administrativo do governo tomam a forma de dispositivos de poder/saber; e mais do que simples correios de transmissão de normas, elas são eficazes instrumentos de organização das práticas sociais. O Estado e a sua rede institucional, agentes privados e outros organismos a interatuarem no espaço social, conformam um quadro institucional de gestão da vida no intuito de governar aos indivíduos. As políticas públicas seriam, por isso, o dispositivo de poder transportador dos seus códigos de conduta, significantes e discursos balizadores da realidade social. A administração pública seria, desta maneira, portadora na sua atividade de gestão dos cidadãos de uma racionalidade particular dotada de práticas, símbolos e rotinas que

se expressam num modo de viver dos sujeitos e na sua relação com a sociedade, o Estado e a economia.

Em resumo, aquilo que advertimos, trás da crítica das políticas neoliberais à regulamentação estatal e à desmontagem da sua estrutura organizativa, é, antes, um verdadeiro realinhamento do “intervencionismo”, que como sinalou FOUCAULT (2012: 156), não desaparece em absoluto no neoliberalismo, mas ele opera noutra frequência. Deste modo, por baixo da denúncia da ineficaz e ineficiente ingerência da administração pública no desenvolvimento da sociedade, emerge uma sorte de intervencionismo difuso e elástico dirigido a conduzir a vida política. E conquanto as políticas públicas com base no eficientismo, na rendição de contas ou na co-responsabilidade sujeitos na gestão política se difundam como transformações organizacionais necessárias às novas realidades sociais, nelas dão-se profundos processos sociais, políticos e culturais que, seriam, verdadeiramente, o ponto nodal da análise. Não nos encontramos, pois, perante a mera correção das ineficiências do Estado, nem perante uma simples melhora técnica e produtiva das suas intervenções políticas. Nesta sequência, o Estado não intervém, então, diretamente nos assuntos sociais, nem oferece os seus serviços públicos como resposta –ou oferece-os unicamente de forma subsidiária-,<sup>281</sup> porquanto o lugar ótimo para a satisfação das necessidades dos cidadãos e a resolução do conflito é o mercado e não a malha político-institucional. Para mais, voltando a OSBORNE e GAEBLER (1995: 42, 49, 51), o Estado Social, além de ser um gestor inoperante na atribuição de recursos e a elevar desnecessariamente os custos das suas atuações, orienta as suas ações sempre por critérios ideológicos e partidários, porquanto a sua atividade se legitima, em última instância, na contenda política. À vista disso, a função principal de o Estado contemporâneo é outra: promover a iniciativa privada, garantir a igualdade de acesso e qualidade dos serviços, favorecer a concorrência e intervir unicamente ante as interferências no mercado. A relação do cidadão com a administração é uma relação

---

<sup>281</sup> Cabe advertir, neste sentido, que a impugnação do Estado Social não significou a eliminação total das suas agências, como tampouco a desatenção absoluta da população. Deste modo, o Estado neoliberal convive, em certa tensão, com um Estado-providência de tipo subsidiário, como modo de intervenção política diante daqueles sectores sociais incapazes de cobrir determinados serviços básicos tais como a saúde, a vivenda ou a educação. Ora bem, isso não significa estarmos diante de uma sorte de *welfarismo* subsistente, mas como apontam, entre outros, DE GIORGI (2005), PECK (2001), WACQUANT (2010), perante um *neodisciplinamento* das classes empobrecidas organizado ao redor da assistência estatal, tais como as denominadas políticas de *workfare*.

baseada na sua individualidade, como sujeito na procura da satisfação das suas necessidades no interior do quadro regulatório fornecido pelo Estado. Dito de outra maneira, o conflito social resolve-se fora do Estado e não dentro dele, cuja função primordial é garantir as condições ótimas para que tal fim ocorra. Assim sendo, em opinião de PUELLO-SOCARRÁS (2008: 115), as políticas públicas desenhadas pelo Estado seriam, antes bem, *políticas públicas de autosserviço* através das quais os cidadãos individualmente resolvem segundo as suas próprias decisões, preferências e capacidades. Numa perspetiva próxima a de RITZER (1996: 133 e ss.), o cidadão não é um sujeito passivo da ação pública, mas um “consumidor ativo” que se implica na gestão de um eficiente sistema público por médio do *self-sevice*, estendido agora a todos os âmbitos da sociedade-mercado. O que implica, em efeito, uma (re)construção dos sujeitos, a passarem de recetores para executores das políticas públicas.

Da ótica da administração, aquilo que observamos é uma autêntica mutação da função burocrática. Longe de aproximações reducionistas ao fenómeno da gerência neoliberal como simples recuo do Estado, a racionalidade neoliberal reordena o rol da administração pública como um modo de governo empresarial que vai muito além da redução ou contração da burocracia. O Estado já não aparece mais como garante de *direitos de cidadania*, senão como prestador de *serviços sociais*.<sup>282</sup> Uma passagem só possível por meio do deslocamento do sistema weberiano de administração estatal impossibilitado para confrontar as complexidades das sociedades pós-industriais, e articulado, segundo FOUCAULT (1990), para o disciplinamento vertical e hierarquizado da sociedade. Para CROZIER, (1992: 65), não é, pois, unicamente o tamanho do Estado, mas as suas funções, as determinantes para verificar a crise da institucionalidade *welfarista*. E mais do que centrar-se na espessura da administração pública, o gerencialismo neoliberal dirige verdadeiramente a sua atividade para a incorporação de uma outra cultura administrativa. Uma outra forma de gerir os assuntos públicos que, em segundo lugar, encontraria os seus germes na difusão do chamado de *paradigma administrativo pós-burocrático*.<sup>283</sup> Seguindo esta perspetiva, conforme

---

<sup>282</sup> Como sinala PUELLO-SOCARRÁS (2008: 120), a importância desta viragem pós-burocrática resulta crucial para entender o redimensionamento face um *Estado empresarial-gerencial*, pois é desta interpretação que é possível balizar a sua função como mero prestador de bens e serviços.

<sup>283</sup> As análises do denominado *paradigma pós-burocrático* surgem a partir dos anos oitenta e noventa - de forma paralela e, mesmo, convergente com a ideia de “reinvenção do governo” de OSBORNE e GAEBLER (1995)- resultado das transformações tecnológicas, da sociedade da informação e da especialização flexível, que



BARZELAY, (1998: 195), as funções básicas da administração burocrática, a saber, a organização, a direção e a coordenação da ação pública, são deslocadas para os indivíduos. Eles são os chamados a exercerem privativamente a administração da sua vida. Os serviços antes fornecidos em exclusivo pelo Estado são, desta ótica, do cuidado dos sujeitos. E as suas funções estão apenas circunscritas ao cumprimento dos procedimentos técnicos e administrativos precisos para os indivíduos poderem satisfazer as suas necessidades.<sup>284</sup>

## 1.2. Afirmação gerencial das políticas públicas

Seguindo LYNN (2006: 30 e ss.), a gestão neoliberal constitui-se como o padrão de organização estatal por excelência para as sociedades contemporâneas. Ela encontra, assim, as suas raízes tanto naquelas propostas de reinvenção do governo, vocacionadas à modernização e redução do aparelho administrativo do Estado, quanto naquelas outras chamadas a transcender o paradigma burocrático weberiano. Desta forma, uma e outra achega constituem o cerne da gerência neoliberal do Estado; a partir do qual podemos dizer que emergem um conjunto de discursos, práticas e técnicas que, em sentido lato, reordenam o papel do Estado e, concretamente, do sector administrativo. Porém, num sentido estrito, elas conduzem a forma-Estado sob a racionalidade neoliberal, pois não se centram numa sistematização concreta da administração pública, mas visam uma outra forma de governar (LAVAL e DARDOT, 2013: 279-288). Nesta sequência, a principal contribuição do *public management* a uma sorte de teoria da estatalidade neoliberal é a elaboração de uma crítica em positivo do Estado, em direção oposta à crítica em negativo das funções do Estado própria do liberalismo clássico. Em efeito, a nova gestão pública não rejeita o Estado, ela aquilo que propõe é a sua transformação desde dentro por meio de um redimensionamento dos princípios axiais historicamente atribuídos. Para além de todas e cada uma das reformas administrativas propostas, a conceção última da racionalidade neoliberal é reconceitualizar as noções do que entendemos por público e por privado dentro da sociedade empresarial e, consequentemente,

---

colocam à administração pública burocrática tradicional diante de um contexto social, económico e político em constante mudança. Cfr., por todos, BARZELAY (1998).

<sup>284</sup> Como sinalamos anteriormente, a existência de um Estado subsidiário destinado à proteção social ficou num simples formalismo. O submetimento da gestão estatal às lógicas economicistas, por uma banda, na contração da administração pública e, por outra, reduzindo o seu papel a vigilante do cumprimento das normas do mercado, implicou o desinteresse pelos programas sociais mais básicos, alentando uma espécie de “darwinismo social”, ante a extensão do desemprego, a pobreza e a marginalidade. Vid., HARVEY (2007: 172).

das relações dadas entre os gestores do público –a administração estatal- e os gestores do privado -os sujeitos económicos-.<sup>285</sup>

TABELA 4.2

Perspetiva da estatalidade	Características
<b>Liberalismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica negativa do Estado</li> <li>• Estado entendido como agente neutral do mercado</li> <li>• Reforma e desmantelamento do Estado: modernização</li> <li>• Domínio privado vs. domínio público</li> </ul>
<b>Neoliberalismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica positiva do Estado</li> <li>• Estado entendido como mais um operador económico</li> <li>• Transformação interior do Estado: empresarialização</li> <li>• Domínio <i>público-privado-não estatal</i></li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Esta premissa resulta fulcral para localizar o quadro teórico proposto pela administração gerencialista, já não com base na oposição público-privado sobre a que se tinha construído o Estado liberal, mas numa perceção mais complexa. Em opinião de PUELLO-SOCARRÁS (2008: 125), as ações do Estado neoliberal seriam realizadas sobre uma forma de domínio *público-privado-não-estatal*, que imprime uma nova natureza as relações do Estado com a cidadania e uma nova forma de intervenção da administração em todos os seus níveis. O sector privado e o sector público, para tanto, não se apresentam como antagónicos: colocando num extremo aquela parte da economia não tutelada pelo Estado, composta pela atividade empresarial vocacionada à obtenção de benefícios e gerida e financiada polos particulares; e noutra ponta aquela parte da economia submetida ao controlo estatal, onde a prestação de serviços e bens está orientada polos compromissos sociais da autoridade pública. Resumidamente, o público não se concebe como um oponente ao privado, mas como um novo

<sup>285</sup> Apontaremos, neste sentido, como o liberalismo clássico, definido por SMITH (2006), realiza uma leitura negativa da ingerência do Estado na esfera privada dos indivíduos e, concretamente, no livre jogo das forças económicas. Ora, isto não significa tampouco uma consideração totalmente desfavorável ao Estado. Ao contrário, o economista escocês atribui funções essenciais e muito concretas, a saber, a proteção da sociedade, a proteção dos indivíduos ou a manutenção das infraestruturas. Mas o elemento fundamental, para a nossa análise, consiste na separação total que o autor estabelece entre a “esfera pública”, gerida pelo Estado, e a “esfera privada”, gerida polos indivíduos, na qual a intervenção do Estado supõe sempre uma intromissão ilegítima.

espaço complementar a ambos. Desta visão, a governança, ou seja, a forma como se estabelece o relacionamento entre o governo e, concretamente, a administração pública com os cidadãos, não se determina *stricto sensu* como um serviço público cuja finalidade *prima* é a satisfação dos interesses gerais. O Estado passa a ser mais um operador económico, um prestador de serviços cuja relação com os sujeitos é, fundamentalmente, uma relação de carácter sinalgamático; na qual a administração pública, por um lado, oferece bens e serviços e, por outro, os indivíduos-clientes que os consomem, se obrigam individual, contratual e mercantilmente entre si. Assim sendo, a administração pública passa a ser uma *administração empresarial* do Estado fundamentado no relacionamento contratual como quadro idóneo para a prestação dos serviços, na que o cidadão é identificado como um ator económico direto, ativo e coresponsável da atividade pública. Quer dizer, o sujeito não limita a sua função ao consumo de um serviço, mas interage com o seu fornecedor. Por sua parte, o Estado aperfeiçoa a aplicação das políticas pensadas por e para os seus destinatários, despolitizando os seus serviços e substituindo-o pela colaboração entre ambos como medida mais vantajosa (OSBORNE e GAEBLER 1995, 258 e ss.). O comportamento do Estado, e do todo o seu aparelho institucional, adota, assim, os procedimentos, as técnicas, estratégias e processos próprios da atividade económica como expressão do novo *espírito* do capitalismo neoliberal.

Contudo, numa análise mais propriamente foucaultiana, a gestão do público sob a racionalidade neoliberal supõe ainda uma nova produção social que implica, antes de mais, a configuração de um novo *ethos* designadamente economicista e contratual, a reger a ligação entre o público/privado e os sujeitos.<sup>286</sup> Esta é a característica principal que nos permite identificar a profundidade com que o projeto neoliberal penetrou no presente. Dito de outra maneira, entendermos que se trata mais de uma razão normativa do que umas concretas políticas públicas (BROWN, 2015: 35), como o ponto de partida para a extensão do *novo espírito do capitalismo* a todos os espaços e tempo da vida. Com certeza, isto constitui a condição de possibilidade para a expansão do *homo economicus* racional, reflexivo e

---

<sup>286</sup> Em razão, FOUCAULT (2006: 133) afirma que no processo de governamentalização “a constituição de um saber de governo é por completo indissociável da constituição de um saber de todos os processos que giram ao redor da população em sentido lato, aquilo que se chama justamente “economia”. (...) Pois bem, ao aprender essa rede continua e múltipla de relações entre a população, o território e a riqueza, constituir-se-á uma a uma ciência que se denomina “economia política” e, ao mesmo tempo, um tipo de intervenção característica do governo, que vai ser a intervenção no campo da economia e a população.”

empreendedor, que não seria possível sem a superação dos princípios e normas de intervenção do Estado *welfaristas* e das suas instituições. Para tanto, as transformações do Estado e, em concreto, da administração pública, em absoluto reduzíveis à mera modernização ou à privatização de serviços, são indissociáveis do processo de empresarialização do Estado. Em suma, um processo que transfigura o espaço político público num espaço ontologicamente mercantil: um espaço *público-privado-não-estatal* de troco de direitos e obrigações entre os diferentes operadores económicos. Deste modo, a lógica de obtenção de resultados, a qualidade do serviço e o custo/benefício da atividade orientarão o estabelecimento dos objetivos concretos do todo o espaço estatal, em contraste com o sistema público do Estado burocrático.<sup>287</sup> Um modelo de administração primordialmente finalístico no que toda conceção da realidade política fica subsumida no padrão eficientista da prática política neoliberal. É uma posição economicista e utilitarista que se foca sempre na relação o mercado e o Estado, e que exclui deliberadamente do cálculo todo o relacionado com o cidadão e o seu contexto social; deslocando, pois, todos os esforços face os indivíduos por resultar menos custoso do ponto de vista económico do que investir em recursos humanos e materiais quanto à prestação dos serviços sociais. Em resumo, o mercado converte-se no padrão de conduta da sua organização e atuação, porquanto racionalidade específica que, além da administração do público, implica também uma gerência económica de todos os atores sociais (DEAN, 1999: 156 e ss.). Pois desde eles que se define os saberes, os conhecimentos; em definitivo, é o mercado o que conduz transversalmente todos os atores, desde os sujeitos individuais até os organismos ou instituições a operarem na sociedade.

Resgatando a ZANGARO (2001: 50 e ss.), o *management* empresarial é, principalmente, um *saber-poder* que organiza uma forma eficiente de toma de decisões e atuações que opera como um conjunto de obrigações heteroimpostas. Em consequência, os princípios, técnicas e discursos lançados pelo neoliberalismo conforma-se como sendo parte de um dispositivo articulador de práticas de subjetivação. Isto é, são os modos de ação dos sujeitos, tanto nas suas relações entre si, como na sua forma de relacionar-se com o Estado e vice-versa. Desta

---

<sup>287</sup> Como sinalamos, a penetração das lógicas mercantis no sector público não substituíram na sua totalidade os modos de organização da burocracia saída, especialmente, dos modelos políticos *welfaristas*. Neste sentido, poderíamos afirmar que se tem conformado mais como uma tendência ou como um complexo processo de superposição e, portanto, de coexistência conflituosa, do que como uma simples permuta de um modelo *ex novo* por um modelo obsoleto. Cfr., entre outros, POLLITT (1993).

focagem, redimensionamos a relação entre o Estado, a sociedade e a economia em dous sentidos: por uma banda, o Estado, a sociedade e a economia não ocupam planos substancialmente diferentes, nem são dicotómicos entre si; ao invés, eles concorrem num mesmo espaço epistémico. E, por outra banda, este novo espaço epistémico reúne os princípios sobre os que se organiza o Estado, a sociedade e a economia. O Estado e o mercado não estão, por este motivo, em contraposição, como afirmariam as aproximações mais ortodoxas ao estudo do capitalismo. Ao contrário, ambos formam parte de um mesmo paradigma de gestão (PUELLO-SOCARRÁS, 2008: 108). Porém, trata-se de um paradigma em permanente reflexão, tentando corrigir os erros e introduzir melhoras, em suma, ser mais eficaz nos seus objetivos e mais eficiente nos recursos. Podemos falar, pois, de um gerencialismo de tipo reflexivo,<sup>288</sup> que não se limita a reordenar os sistemas burocráticos. Ele imprime, aliás, uma componente de responsabilidade do gestor público na procura do melhoramento constante por meio da especialização, da flexibilização e da adaptação (LANE, 1995: 188-200).

Desta visão, marcada fundamentalmente pela natureza empresarial do Estado, ele relacionara-se com os sujeitos, sempre, a partir da “individualização”, na medida em que cada cidadão, como sugere DEAN (1999: 149-152), se implica direta, individual e responsavelmente no cuidado de si. No entanto, para uma rigorosa abordagem dos princípios teórico-práticos que informam a gestão pública contemporânea compre advertir a diversidade do próprio pensamento neoliberal que a impulsiona. Neste sentido, ressaltamos a necessidade de achegar-nos a este processo sempre desde a sua complexidade e pluralidade teórica, nomeadamente, entre aquelas perspetivas que acarretam consequências práticas notadamente diferentes nas políticas públicas que procuram programar em matéria económica ou social. Isto implica não perceber este fenómeno com um programa político monocolor, mas como um agregado de diferentes vertentes e conceções da associação Estado-economia-sociedade. E se bem em sentido lato o neoliberalismo toma como pressuposto-chave para a sua organização o racionalismo individualista, sinalamos, por sua parte, uma crucial divergência na forma como

---

<sup>288</sup> O carácter reflexivo tem sido colocado em destaque como elemento constitutivo da governamentalidade neoliberal por ROSE (2014: 76, 82-85). Desde uma perspetiva diferente, BECK (2006: 103 e ss.) atribui às relações sociais do presente um carácter reflexivo, mas também entendemos que o Estado, como sujeito económico, tem uma especificidade reflexiva ao conviver com riscos e ameaças que o obrigam a tomar decisões, ser flexível e adaptável a novas circunstâncias.

as principais correntes neoliberais a interpretam.<sup>289</sup> Em primeiro lugar, para o denominado neoliberalismo anglo-americano o eixo de toda relação gira ao redor do sujeito compreendido como um *homo economicus*: um ser racional, calcular e ativo. Ora, em segundo lugar, para o denominado neoliberalismo austríaco, o *homo economicus* é mais do que um ser racional que toma as suas decisões de forma proativa. O sujeito neoliberal, empresário de si, é um sujeito criativo, inovador, adaptativo,<sup>290</sup> em suma, um sujeito que vai além do ser racional do pensamento anglo-americano. E compre termos presente tais divergências, que resultam primordiais para entender tanto a heterogeneidade das práticas, técnicas e discursos que se entrelaçam no processo de construção da razão neoliberal, como a configuração específica do sujeito na contemporaneidade.<sup>291</sup>

### 1.3. Redefinição gerencial. Sinergias e tensões

Tudo o avançado permite, não cabe dúvida, contrapormos uma visão do neoliberalismo como um projeto bem diferente ao descrito pelas suas aproximações antiestatais. Em oposição direta a elas, a razão neoliberal aquilo que faz é fundir a economia e o Estado num mesmo espaço, em lugar de apartá-los entre si. Para isso, o paradigma empresarial impregna a administração do público, fornecendo-lhe ao Estado as chaves para ofertar os seus serviços, ser mais eficaz, gerir melhor os seus recursos, adaptar-se às realidades complexas do presente ou inovar mais rápido do que o maquinário burocrático de antanho. O Estado reconhece-se, para tanto, como um ser económico; mais um *homo economicus* a operar na sociedade do mercado com capacidade de decisão própria, previsão nos seus atos, e imaginação e

<sup>289</sup> Cfr. PUELLO-SOCARRÁS (2008: 56 e ss.). Neste sentido, advertimos das múltiplas escolas do pensamento neoliberal com as suas diversas aproximações ao fenómeno socioeconómico. Em primeiro lugar, sinalamos a influente Escola neoclássica anglo-americana, representada pelas Escola de Londres e, principalmente, pela Escola de Chicago; e em segundo lugar, salientaremos a escola austríaca, representada pela Escola de Viena e os seus continuadores. Para além destas duas correntes do pensamento neoliberal contemporâneo, cabe sinalar a influência do ordoliberalismo através da Escola de Friburgo e, ainda, a penetração no pensamento neoclássico da teoria keynesiana dando origem a uma fusão neoclássico-keynesiana.

<sup>290</sup> Neste sentido, autores como ROTHBARD, HAYEK, KIRZNER, mas, principalmente, VON MISES, com a publicação de “A ação humana” (1998), elaboraram um teoria económica focada nos fatores que levam aos sujeitos a procurarem e atingirem os seus objetivos. Desta visão, os economistas austríacos colocam o indivíduo e a sua capacidade antropológica para responder aos estímulos e as condições do seu meio e a sua capacidade empreendimento como força motriz da melhora da sociedade. Pola contra, a corrente anglo-americana, lidera pela Escola de Chicago e, nomeadamente, por FRIEDMAN, apostarão numa teoria económica cientificista, empregando o empirismo para o seu desenvolvimento e, portanto, construída em oposição às concepções antro-políticas atribuída ao ser humano polos austríacos.

<sup>291</sup> Vid. Cap. 2.2.3., sobre o investimento em “capital humano”.



criatividade na sua ação de governo. Para CLARKE e NEWMAN (1997: 8-16) trata-se, resumidamente, de uma gestão pública baseada no paradigma dos negócios privados que se articula sobre três princípios fundamentais: a) em primeiro lugar, descarta a ideia clássica do Estado liberal como sendo apenas o garante da segurança,<sup>292</sup> para tornar-se em parte fundamental do motor socioeconómico do presente; b) em segundo lugar, desmonta o aparelho institucional *welfarista*, rígido, ineficaz e obsoleto, para dotar-se de uma administração ágil e flexível em todos os seus níveis de intervenção; c) e em terceiro lugar, muda a conceção dos cidadãos, de sujeitos necessitados de proteção social para sujeitos responsáveis, ativos e empreendedores.

Nesta sequência, o processo de mercantilização do sector público característico da gestão neoliberal e, concretamente, o processo de privatização dos serviços mais básicos do Estado ao que assistimos, estaria situado noutra dimensão analítica. A dicotomia público-privado não seria o eixo sobre o que operaria a racionalidade empresarial; pois num sentido diferente ela atravessa o próprio Estado, ultrapassando essa relação antagónica com o intuito de fazer das suas estruturas administrativas entes rentáveis, eficientes e competitivos. No entanto, a transferência de partes centrais da atividade pública para os agentes económicos não significa tampouco a sua despreocupação pela governança. Aquilo que revela, antes bem, é a imersão nas instituições públicas na racionalidade empresarial como critério de organização e atuação, e que podemos verificar, fundamentalmente, em dois planos distintos. Em primeiro lugar, no plano externo observamos como a atividade pública se encontra subordinada aos parâmetros empresariais, tais como a flexibilização de normas e procedimentos, a gestão por resultados ou, especialmente, o rendimento de contas (OSBORNE e GAEBLER, 1995:19 e ss., 115 e ss.). Como exemplo deste último podemos assinalar o designado no âmbito anglo-saxão por *accountability*, que constitui um elemento central para o funcionamento da administração pública de tipo empresarial em constante revisão, tanto seja por meio de organismos de monitoramento e auditoria criados desde a autoridade estatal, quanto através de auditores, avaliadores de qualidade, observadores ou analistas externos. Em segundo lugar, a nível

---

<sup>292</sup> Entre outros autores, para LOCKE o Estado tem como missão fundamental garantir a proteção dos direitos naturais dos cidadãos. Assim o expõe com clareza quando afirma: “a *finalidade máxima e principal que procuram os homens ao se reunirem em Estados ou comunidades, submetendo-se a um governo, é de salvaguardar os seus bens*” (LOCKE, 1991: 124).

interno notamos como a tomada de decisões da atividade governativa recai, fundamentalmente, em expertos económicos, *managers* e outras figuras não registáveis nos órgãos centralizados da burocracia estatal, nem na sua hierarquia disciplinar. Esta estruturação externa e interna da atividade de governo supõe, portanto, a forma ótima de o *public management* estruturar uma administração pública eficiente e eficaz através de controlos, avaliações e inspeções.

Como descreve LANE (1994: 139-151), a introdução do paradigma gerencial na estrutura do Estado contemporâneo e, nomeadamente, na administração pública quebra as lógicas de funcionamento do modelo weberiano. Com ela abre-se, por completo, uma solução abertamente empresarial da gestão dos assuntos públicos realmente inovadora; como advertimos, tanto na sua formulação concreta, dotando-se de um novo *corpo* administrativo, quanto na sua base epistemológica, através de um novo *espírito* que toma o Estado. Por consequência, a nova gestão pública tem significado muito mais do que mercantilização numa definição restringida à redução ou recorte quantitativo das diferentes áreas do aparelho estatal, na medida em que o Estado mesmo se transforma num ente económico num duplo sentido. Por um lado, o Estado concebe-se a si mesmo sob uma racionalidade operacional, mudando a sua natureza e características anteriores para se adaptar a um novo programa mercantilista. E, por outra, o Estado substitui os órgãos jurídico-políticos como centro da tomada de decisões por procedimentos, técnicas e instrumentos económicos (interiores e exteriores) como matriz sistematizadora da nova administração neoliberal. Isto é, os novos gestores públicos orientam a sua ação política por meio de critérios de inovação, adaptabilidade e custo/benefício, mais do que por rígidas normas do direito público administrativo. Nessa posição, o funcionamento do Estado é ordenando, essencialmente, através do denominado “direito privado dos negócios”, circunscrito, em síntese, ao direito de propriedade, ao direito dos consumidores e usuários, aos direitos e obrigações de origem contratual, bem como na livre concorrência, na iniciativa privada ou na função social da economia de mercado. Desta maneira, o Estado e o sector público no seu conjunto atuam como se de um ator mais do mercado se tratar, reconstruindo completamente a sua relação com os indivíduos, cuja obediência não provém mais de um mandato ou autoridade política. Ele emerge, agora, de uma multidão de negócios jurídicos em virtude dos quais, o Estado e os sujeitos, se obrigam mutuamente e, ainda,

estabelecem as condições do seu relacionamento. Desta focagem, o redesenho da administração estatal encontra nos moldes regime contratual dos negócios o seu quadro orientador, longe da denunciada tensão entre as estruturas política do Estado e as estruturas económicas do mercado. Mesmo num sentido foucaultiano, aquilo que observamos não é uma relação de antagonismo, mas de *agonismo*.<sup>293</sup> O Estado e o mercado manifestam-se como duas partes indissociáveis da racionalidade que, antes de estar oposição frontal, interatuam entre si. E para corroborarmos tal transformação basta examinar dous dos pilares, já apontados brevemente, sobre os que se ergue a gerência neoliberal: a orientação ao sujeito-cliente e o processo de privatização interna e externa.

Em relação ao primeiro dos pilares, observamos como na lógica gerencial o modelo de sujeito que se impõe é o consumidor individualista prototípico da sociedade de mercado. Igualmente, na esfera pública os indivíduos são percebidos também como simples “clientes-consumidores” dos serviços prestados no mercado pelo Estado. Deste modo, corresponde aos próprios sujeitos, enquanto gerentes de si, decidirem sobre os serviços e bens ofertados e sobre as condições mais rentáveis ou mais vantajosas para os seus interesses. Isto exige deles uma participação ativa na procura dos bens e serviços fornecidos diretamente pela administração pública ou por meio de alguma entidade mercantil. Os sujeitos não são, para tanto, meros recetores passivos, mas indivíduos ativos movidos pela iniciativa privada e individual que rege a sua relação com os restantes atores. A função principal do governo é a de promover a criação desse quadro relacional no que os indivíduos-clientes podam satisfazer a suas necessidades dentro do mercado. Não lhe corresponde a ele ser, então, o garante de nenhum *direito de cidadania*, mas fundamentalmente defender as liberdades económicas dos sujeitos, como base essencial para atuarem no livre mercado. Em consequência, e subsidiariamente, o Estado unicamente deverá atuar diretamente ali onde o mercado não poda satisfazer tais necessidades oferecendo a mais básica proteção social. Esta perspetiva do cidadão como simples cliente da administração pública supõe uma profunda transformação tanto formal, quanto material da relação Estado-sujeitos; pois limita o papel do Estado ao de

---

<sup>293</sup> A noção de *agonismo* resulta fulcral para perceber a relação que FOUCAULT estabelece entre o poder, o governo e verdade como elementos interligados. Assim, o autor galo afirma que “*mais do que falar de um ‘antagonismo’ essencial, seria preferível falar de um ‘agonismo’, de uma relação que é ao mesmo tempo de incitação recíproca e de luta; não tanto uma relação de oposição frente a frente que paralisa a ambos os lados, como de provocação permanente*” (FOUCAULT, 1988: 16).

mero fornecedor de bens e serviços públicos, e aos sujeitos ao de simples destinatários dos mesmos. Porém, numa análise mais atenta ainda observamos outra limitação mais relevante, na medida em que circunscreve os direitos e deveres dos indivíduos àqueles relativos ao contrato mercantil, em definitiva, aos direitos dos negócios. E diante do cidadão, portador de direitos políticos e com capacidade soberana para influir na direção e na gestão geral do Estado, os clientes reduzem a sua participação à satisfação das suas necessidades no mercado. Nesta conceção, como corolário, o Estado não responde ante os indivíduos mais que pelo seu efficientismo para encontrar no mercado, como espaço de realização neutro, os bens e serviços precisos para a vida.

Ora bem, esta transformação dos cidadãos em clientes, como sinalamos, não seria possível sem uma segunda conversão: a subsunção do aparelho estatal num quadro de concorrência, produtividade, flexibilidade e descentralização, a partir do qual se produzem toda a série de profundas reformas. Desde este movimento, a nova gestão pública procura introduzir o mercado dentro do Estado, substituindo os métodos, técnicas e procedimentos da administração burocrática por uma gestão pós-burocrática na que o sector privado estabeleça os quadros de atuação em diferentes planos: a) a distribuição política de recursos públicos é substituída por uma distribuição produtiva e rentável, b) a regulamentação administrativa é substituída pela desregulamentação e c) o assistencialismo é substituído pelos incentivos e a concorrência. Neste sentido, o fenómeno com maior impacto e que melhor exemplifica a adoção das práticas do sector privado no sector público é o processo de privatização. Este tem-se constituído, logo, como a mais acabada manifestação do modelo gerencial na contemporaneidade. Porém, a sua análise resulta mais complexa do que o simples trespasso da atividade do seu aparelho institucional para a iniciativa privada. Em primeiro lugar, podemos sinalar uma fase inicial na que o Estado terceiriza as suas funções, vazia a sua atividade e encaminha-a para o mercado. Este processo tem sido designado por “exprivatização” e representa a transferência de uma importante quantidade de bens e serviços antes ofertados pela administração para o sector privado. Esta transferência supôs, no entanto, unicamente o começo do processo de privatização que deu começo na década de noventa como instrumento de gestão neoliberal, porquanto o mercado e a iniciativa privada pretendia resolver de jeito mais eficaz e mais eficiente o fornecimento dos serviços públicos. A seguir, esta fase de

privatização para o exterior foi continuada por um segundo tipo de privatização noutra direção designada por “endoprivatização”, consistente num processo de transformação da administração pública numa sorte de administração *público-privado-não-estatal*. Nesta fase, a diferença da exoprivatização, na qual a gestão privada dos assuntos públicos se expulsa para o mercado, é o Estado a estabelecer um mercado no seu interior. Os organismos públicos mergulham-se na vida mercantil, não só favorecendo um mercado externo da coisa pública, mas construindo um mercado interno que abarca a totalidade dos processos de administração dos bens e serviços estatais. Em conclusão, o Estado mesmo converte-se no objeto do troco mercantil, e não unicamente no seu sujeito. Eis o verdadeiro de processo de privatização e redimensionamento da função pública desde o seu interior.<sup>294</sup>

A progressiva afirmação economicista da gestão pública emerge, então, como uma das características fundamentais para entender o modo de governo do presente. Não se trata-se, portanto, de um episódio pontal ou circunscrito a um contexto determinado; ao invés, o gerencialismo estatal encontra as suas raízes em transformações de profundo intensidade implementadas pelo neoliberalismo. Porém, a sua materialização concreta nos diferentes planos da estrutura administrativa não respondem a uma única corrente, nem se manifestou de igual modo nos diferentes países, como já houve oportunidade de apontar. Assim, tem havido respostas dissímeis tanto na configuração de novos métodos nas administrações públicas, como nas suas formas de atuação, nuns casos com um maior grau de desenvolvimento, noutros persistindo o modelo burocrático *welfarista* e, ainda, incorporando renovadamente outras correntes tradicionais. Isto tem-se manifestado, especialmente, no entrecruzamento de diversas orientações administrativas, quer sejam centradas na racionalização e controlo dos serviços públicos, quer sejam vocacionadas para a participação cidadã, ou ainda outras focadas na remoralização da própria administração estatal. Igualmente, esta pluralidade de propostas tem-se traduzido, bem em políticas públicas organizadas por objetivos e resultados, portanto, de aplicação elástica e flexível, ou bem em políticas públicas circunscritas ao cumprimento normativo, declaradamente neutrais e, em definitiva, formalmente mais rigorosas na sua aplicação. Ora bem, seja qual for a aproximação preponderante, em caso

---

<sup>294</sup> Cfr. GUERRERO (2009: 17). Assim mesmo, para vermos o complexo processo de privatização, vid., por todos, SAVAS (1987: 17 e ss.), WALTERS (1987: 55-59).

nenhum estamos perante orientações administrativas em oposição às lógicas gerenciais, mas ante adaptações ou ajustes em função de cada contexto social e estatal.<sup>295</sup>

TABELA 4.3

Sinergias entre as diferentes correntes	Tensões entre as entre as diferentes correntes
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerencialismo global, mas diverso</li> <li>• Entrecruzamento de diferentes concepções administrativas</li> <li>• Não responde a um fenómeno pós-burocrático concreto e determinado</li> <li>• Gestão economicista heterogénea, mas complementar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corrente modernizadora:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Gerência estritamente tecnocrática</li> <li>- Gerência profundamente descentralizada</li> </ul> </li> <li>• Corrente neoconservadora:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Redução da administração pública</li> <li>- Estado forte em matéria de segurança</li> </ul> </li> <li>• Corrente <i>welfarista</i>:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Função protetora do Estado</li> <li>- Políticas assistenciais</li> </ul> </li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Observamos, destarte, situações onde a gestão neoliberal teve uma implantação mais radical e global, inserindo formas de direção empresarial no conjunto da administração. Isto aconteceu, com maior intensidade, nos países do âmbito anglo-saxão, tais como Nova Zelândia, Austrália ou o Reino Unido, onde a nova gestão pública se estendeu na prática totalidade das instâncias públicas, quer na administração central do Estado, quer nas agências externas prestadoras de serviços. No entanto, noutros países a difusão do gerencialismo tem sido mais moderada, caso de França, Itália, Áustria ou a Espanha. Nestes contextos a nova gestão pública tem-se focado, principalmente, na privatização de áreas como o ensino, a sanidade ou os serviços socais, e tem sido menos preponderante quanto às políticas de interior e segurança ligadas à defesa nacional. Igualmente ocorreu no caso dos EUA onde a penetração do gerencialismo não impediu o ressurgir de correntes baseadas na defesa da autoridade soberana do Estado numa perspetiva moral e cultural tradicional. Por último, sinalaremos aqueles países, tais como a Alemanha ou a Suíça, por citarmos algum outro exemplo, nos que a introdução gerencial tem sido resultado de um processo evolutivo que

<sup>295</sup> Cfr., por todos, HOOD (1995: 93-109).



mantém uma notável delimitação entre os espaços políticos públicos e os espaços privatizados. Podemos, pois, comprovar como na gestão contemporânea convivem ao mesmo tempo diferentes modelos, técnicas e procedimentos num mesmo Estado. Mas também coexistem no mesmo *sistema-mundo*,<sup>296</sup> países com dinâmicas díspares e até contraditórias entre si. A reinvenção do governo proposta por OSBORNE e GAEBLER (1995), não é em absoluto homogênea, havendo diferentes níveis de profundidade, ritmos, iniciativas e pontos de partidas particulares que levam aparelhado um cenário diferenciado em cada Estado. Do mesmo modo, a expansão global do gerencialismo não acarretou tampouco um único fenómeno pós-burocrático, senão que se reproduziu de forma original segundo a idiossincrasia estatal (POLLITT e BOUCKAERT, 2000). Em resumo, concluímos que, conquanto resulta indesmentível a recetividade das reformas propostas pelo *public management*, o empreendimento e a extensão do mercado à esfera pública como solução aos incumprimentos e à insustentabilidade do Estado *welfarista*, em absoluto podemos anunciar a desapareição das formas administrativas burocráticas. E em oposição às profecias que anunciavam a sua total obsolescência, aquilo que podemos verificar, após duas décadas da chegada da gerência neoliberal, é a sua subsistência.

Para tanto, encontramos-nos, além do mais, perante uma forma de gestão do Estado contemporâneo que é muito heterogênea, e a coexistirem diferentes focagens em tensão. Em primeiro lugar, uma corrente de modernização e atualização da administração pública aos reptos de uma sociedade complexa em términos estritamente economicistas. Desta perspetiva, o Estado deve superar, através de uma funda reforma das suas instituições, uma série de eivas relacionadas com a falta de eficiência e eficácia na sua gestão, bem como aliviar a sua carga económica. Para isso, a administração deve ser desburocratizada, quer dizer, descentralizada, despolitizada e desconcentrada para ser mais ágil, mais flexível e mais operativa. Desta forma, a gestão estatal, antes do que em mãos de carregos públicos ou funcionários, deve estar administrada por peritos nos distintos sectores e áreas de conhecimentos, transcendendo qualquer orientação ideológica concreta. O Estado, nesta corrente, deve estar gerido, principalmente, por técnicos e não por burocratas, que coloquem o objetivo último no

---

<sup>296</sup> Referimos por *sistema-mundo* a articulação de um espaço internacional caracterizado por um conjunto de relações económicas, política e sociais próprias do capitalismo contemporâneo. Cfr. Vid., por todos, WALLERSTEIN (2012), ARRIGHI (2007).

desenvolvimento económico, no aumento da produtividade e na elevação do nível de riqueza, e não em qualquer propósito ideológico-político. E para isso, os procedimentos, métodos e técnicas de gestão das instituições devem ser neutrais, objetivas e científicas.<sup>297</sup>

Em segundo lugar, aparece renovadamente uma visão conservadora das funções do Estado, a partilhar, certamente, a focagem economicista em relação à sobrecarga das instituições públicas fruto dos ingentes compromissos sociais adquiridos durante décadas pelo Estado. Desta forma, a diagnose neoconservadora aposta na redução e simplificação da administração pública, sem prejuízo do peso do Estado, no desenvolvimento do mercado, na atenuação das expectativas e demandas sociais, bem como na autonomia individual, como linhas principais de reformulação. Ora, esta coincidência com as correntes pós-burocráticas não deve obviar as notáveis divergências. Por uma banda, a corrente neoconservadora aposta no reforçamento dos poderes soberanos do Estado. Isto é, acredita num Estado pequeno, mas também um Estado forte e vigoroso, nomeadamente, em políticas de interior e segurança, como resposta aos problemas derivados da insegurança social e dos grandes riscos do presente, tais como o terrorismo, as migrações, etc. Por outra banda, o neoconservadurismo imprime um intenso carácter identitário à sua gestão política, em defesa dos costumes, normas e quadros morais tradicionais. Ao contrário que a reformulação economicista neoliberal e individualista, a proposta neoconservadora procura preservar e conservar os códigos de conduta social, incorporando uma visão coletiva e comunitária às decisões políticas, económicas, sociais e até científicas.<sup>298</sup>

Em terceiro lugar, ainda podemos destacar uma última orientação administrativa: a persistência nas formas de gestão contemporânea das políticas sociais implementadas ao abeiro do Estado Social. Longe de desaparecer por completo, as políticas públicas *welfaristas* subsistem num contexto neoliberal no intuito por combinar, por um lado, as necessidades de rentabilidade da administração pública e a função protetora do Estado, e por outro, o crescimento económico e a redução da marginalização e da desigualdade social. Em

---

<sup>297</sup> Podemos incluir nesta corrente o conjunto de propostas ligadas à reinvenção do governo (OSBORNE e GAEBLER, 1995), ao paradigma pós-burocrático (BARZELAY, 1998; CROZIER, 1992), e a neo-gestão administrativa (LYNN, 2006). Cfr., para uma caracterização destas correntes, PUELLO-SOCARRÁS (2008: 111-130).

<sup>298</sup> Vid., para uma abordagem crítica às origens do neoconservadurismo, DUBIEL (1993).

feito, esta corrente aquilo que procura é uma racionalização do sistema político-administrativo assente na responsabilidade coletiva do Estado, mas sem por em causa o modelo económico vigente. O resultado tem sido uma complexa combinação de objetivos que se tem expressado em duas vertentes. Em primeiro lugar, as políticas assistenciais patrocinadas pela administração pública centram-se unicamente naqueles âmbitos mais básicos e primários das necessidades sociais que não encontram satisfação no mercado. Em segundo lugar, a regulamentação estatal, principalmente, na sua intervenção social, concentra-se nos sectores sociais mais empobrecidos, marginados ou mesmo identificados como grupos de risco. Porém, a pesar destas irremediáveis contradições, a racionalidade *welfarista* continua a ter um peso substancial, mostrando uma notável capacidade resistência à incorporação das práticas puramente economicistas. O que se deve fundamentalmente a dous motivos: por uma banda, ao amplo conjunto de instituições públicas assistencialistas que já estão inegavelmente ligadas ao próprio desenvolvimento do Estado moderno e das suas rotinas burocráticas; e, por outro, à inegável capacidade de persistência da racionalidade *welfarista* para elaborar um determinado relato de funcionalidade tanto das instituições políticas como do Estado mesmo.<sup>299</sup>

Significa isto que, conquanto as dinâmicas gerenciais tendem a consolidar-se nas políticas públicas da maior parte dos países ocidentais, o gerencialismo não substitui integralmente outras tendências com singularidades e características dispare. Em razão, as diferentes orientações político-administrativas concorrem conflituosamente numa mesma lógica neoliberal que ultrapassa a conceção puramente economicista da gestão pública. No entanto, esta convivência, não esqueçamos, sempre em tensão e disputa entre as diferentes tendências, quer seja na versão neoconservadora do Estado envolvida em términos morais na gestão dos assuntos públicos, quer seja na versão assistencialista que perdura em determinados âmbitos do sistema administrativo, em modo algum impede concluirmos que o empresarialismo gerencial é essencialmente a forma hegemónica da governança neoliberal.

---

<sup>299</sup> Neste sentido, cabe destacar o ressurgir do *welfarismo* através da denominada “Terceira Via”, como formulação de um modelo económico misto entre as políticas de *laissez faire* e a introdução de mecanismos de regulamentação com o objetivo de garantir um desenvolvimento tanto económico como social sustentável para o conjunto da população. Vid., por todos, GIDDENS (1998).

## 2. ESTADO MANAGERIAL E BUROCRACIA

Para o modelo neoliberal resulta claro, como profusamente têm sinalado LAVAL e DARDOT (2013: 2919-92), que as tecnologias do *management* constituem o melhor remédio para os problemas da administração pública. Diante das normas e disposições do direito público como instrumento preferente de relacionamento entre o Estado e os cidadãos, o novo gerencialismo visa uma funda transformação da ação pública com base numa outra interfaz. Porém, à hora de abordarmos os contornos da gestão neoliberal não cabe, segundo apontamos na primeira parte deste capítulo, limitá-la a uma simples reforma técnica ou a uma inovação da administração estatal, mas centrar a análise no amplo impacto da incorporação de um autêntico *espírito empresarial* ao Estado como padrão de conduta. Isto significa, pois, tratarmos o conceito de gerencialismo desde duas aproximações diferentes e complementares: por um lado, a político-económica, como modernização do sector público e, por outra, a governamental, vocacionada à produção de sujeitos económicos (auto)governáveis.<sup>300</sup> Assim sendo, o gerencialismo percorre e transforma o Estado, mas também vai além dele para se dirigir à gestão dos indivíduos. Nesta ótica, a vida dos sujeitos converte-se no foco principal da gestão neoliberal na procura de indivíduos produtivos, ativos e garantes do crescimento económico e social. Não apenas são destinatários passivos das políticas públicas, mas coparticipes da administração dos bens e serviços necessários para a vida. Portanto, a gestão pública codifica-se desde uma perspetiva diferente a dos cidadãos de direitos e obrigações prototípicos do Estado liberal.<sup>301</sup> Os cidadãos são transmutados em simples consumidores e usuários, e a sua relação com o Estado passa de uma relação substancialmente política a uma mercantil, não conduzida pelo interesse público, mas pelo interesse individual. Para isso, como trataremos de desenvolver, o Estado não opera propriamente no domínio próprio do poder público; isto é, no domínio estritamente do político, mas numa forma de intervenção administrativa que se encaminha aos diferentes âmbitos da vida dos sujeitos. Ao contrário da

<sup>300</sup> Neste sentido, novamente, LAVAL e DARDOT (2013: 294) destacam que nesta lógica empresarial, “a reestruturação da ação pública se baseia no postulado de que tanto os funcionários como os usuários são agentes económicos que apenas respondem à lógica do seu interesse pessoal. Melhorar a eficácia da ação pública consistirá em desenvolver constrições e incentivos que orientarão o modo em que se comportam os indivíduos, de tal maneira que as decisões que se verão levadas a tomarem diminuam os custos e maximizem o resultado”.

<sup>301</sup> Como assinala AGAMBEN (2004: 165 e s.), é na conceção de “cidadão”, portanto, de vida portadora de direitos e obrigações, que reside o nascimento do Estado moderno, e é desde tal conceção que se articula a relação política entre o Estado e os indivíduos.

racionalidade disciplinar e burocrática, ele renuncia a um governo forte e direto sobre a população. Pois, como assinalou FOUCUALT (2012: 38), o princípio a seguir é o governar menos para governar melhor, despejando, assim, a substância política do Estado e inoculando-lhe no seu lugar uma complexa racionalidade empresarial.

## 2.1. Contornos da administração managerial

Embora estabelecermos o alcance e conteúdo das formas de gerência contemporânea não tem sido uma questão pacífica, com certeza existe na literatura especializada consonância à hora de identificarmos ao Estado *welfarista* como o seu grande objeto de reforma.<sup>302</sup> Em efeito, nas últimas quatro décadas vivemos um vasto processo de erosão dos sistemas políticos assistencialistas, disciplinadores e correccionalistas tanto desde o plano económico, como político e social. O Estado *jardineiro*, em palavras de BAUMAN (2005a: 41), que se responsabilizava e implicava rigidamente no devir da sociedade, é colocado como o principal obstáculo para um mundo mais flexível e mais imprevisível. Conforme analisou o sociólogo polaco, o ataque discursivo ao relato coletivo do Estado acarretou a desproteção e a incerteza das vidas individuais antes garantidas, resultado da desregulamentação, da flexibilização e da liberalização dos mercados. A sociedade volta-se, assim, mais precária, instável e insegura, e, nesta sequência, também se volta mais individualista e autocentrada perante os riscos e temores que a acompanham (BAUMAN, 2002: 31-43). No entanto, a reformulação mais importante não é tanto aquela que afeta à desmontagem das agências *welfarista*, que de facto resistem, quando menos parcialmente em boa parte dos Estados ocidentais, como apontamos anteriormente;<sup>303</sup> mas aquela que, se calhar mais aparentemente banal e imperceptível, ataca a forma de regulamentação social. Verificamos, logo, como a racionalidade neoliberal atravessou as instituições públicas fundamentalmente no objetivo de estabelecer um novo

<sup>302</sup> Cfr., por todos, a bibliografia citada, HOOD (1991), OSBORNE e GAEBLER (1995), CLARKE e NEWMAN (1997) ou, noutra perspectiva, BOLTANSKY e CHIAPELLO (2002), DEAN (2007).

<sup>303</sup> Neste sentido, sinalara OFFE (1990: 141) que o Estado de Bem-Estar se convertera já numa estrutura irreversível, na medida em que a sua abolição implicaria abolir também o regime político que o acompanha, com toda a sua complexa composição de instituições, partidos políticos, sindicatos, etc. Deste jeito, conquanto não podemos afirmar que o *welfarismo* seja, no seu sentido histórico, o motor das políticas públicas contemporâneas, sim resulta inquestionável a persistência dos elementos próprios do Estado do Bem-Estar, apesar da sua agonizante crise, principalmente, nos países de Europa ocidental, com intensidade maior nos países do norte e uma intensidade menor nos países do sul. Cfr., entre outros, ROSANVALLON (1995a, 1995b), NAVARRO (1997).

quadro relacional sob os cânones da economia de mercado. E o seu escolha principal vai além das sinaladas, principalmente, por OSBORNE e GAEBLER (1995: 14-24), agências burocrático-administrativas construídas na expansão do capitalismo no século XX. O seu fim último tem sido, antes de mais, a desregulamentação dos rígidos modos de relacionamento do Estado com os sujeitos, completamente inoperantes e obsoletos desta ótica para uma sociedade pós-disciplinar. Por enunciarmo-lo doutro jeito, as novas formas de gestão de tipo economicista têm sido, destarte, muito mais intensas no plano material e qualitativo da relação Estado-sujeitos, do que no plano formal e quantitativo dos métodos, técnicas e procedimentos promovidos pela gestão pós-burocrática.

Em razão, o gerencialismo neoliberal não pode ser reduzido, ao contrário do afirmado por autores como LANE (1994: 139 e ss.), ao simples reemprego do Estado burocrático e da sua administração pública por um outro Estado de tipo managerial e uma outra administração organizada dentro dos moldes económicos. O verdadeiramente crucial é a incorporação do *espírito empresarial* aos discursos, às técnicas e aos procedimentos que agora gerem os sujeitos. Ao lado da posta em causa da ineficiência e irresponsabilidade da administração pública no sustento de uma população inativa, passiva e indiferente com o progresso económico, assistimos a uma reconfiguração da função principal do poder público. O Estado desentende-se da responsabilidade pela vida social, ele é um ator mais do jogo económico, cuja posição é garantir o cumprimento das normas do mercado de modo aparentemente neutral, e no qual os indivíduos devem realizar-se a si mesmos. A função das instituições públicas não é assegurar o interesse geral ou coletivo, mas desenhar um modelo jurídico-económico suficientemente eficientista no que os sujeitos podam adotar as suas decisões vitais de modo seguro. Pois como sublinhou VON MISES, a motivação última do Estado não deve situar-se na política, mas ao redor da economia, na medida em que toda condução social se guia, principalmente, pelo autointeresse e os fins lucrativos.<sup>304</sup> A complementar esta visão, LAVAL e DARDOT (20013: 278) frisam sobre a percepção que o gerencialismo tem do

---

<sup>304</sup> Neste sentido, VON MISES (1998: 49) percebe nos princípios e fundamentos da sua teoria da “ação humana” que “o curso da história é determinado pelas ações de indivíduos e polos efeitos dessas ações. As ações são determinadas pelos julgamentos de valor dos indivíduos atuantes, isto é, os fins que eles estavam ansiosos para alcançar, e pelos meios que eles solicitaram para a realização desses fins. A escolha dos meios é um resultado de todo o corpo de conhecimento tecnológico dos indivíduos atuantes. Em muitos casos, é possível apreciar os efeitos dos meios aplicados do ponto de vista da praxeologia ou das ciências naturais. Mas há muitas cousas para a elucidação de que nenhuma dessas ajudas está disponível.”



Estado, percebido principalmente como um gestor de normas jurídicas e de práticas económicas dentro do seu território, antes do que como um *leviatã* encaminhado à assegurar a sua soberania. Igualmente, numa descrição muito próxima, LYNN (1998: 236) caracteriza a nova gerência como uma sorte de direção governamental despolitizada; quer dizer, sem uma autoridade política que lidere o mando do Estado. Como se de uma governança empresarial se tratar, o fundamental é, por uma banda, a administração efficientista dos recursos materiais e humanos e, por outra, a rendição de contas (o *accountability*), tanto por parte de consumidores e usuários dos serviços e bens públicos como de organismos reguladores, entidades financeiras internacionais ou agências de notação.<sup>305</sup> Em definitiva, aquilo que procura o gerencialismo é, acima de tudo, oferecer um “produto” de máxima qualidade, bem como a satisfação dos seus “clientes”. Para isso, o Estado deve abdicar do seu grande papel impulsionador do desenvolvimento, do progresso e do bem-estar da sociedade, para se instituir, no presente, no quadro de operações dos agentes económicos. E a ação estatal, enquanto regulamentação social, deve deixar passo às leis da economia e o mercado como princípios organizadores da vida. A utilidade ou inutilidade de cada uma das atuações públicas não se devem medir mais pela sua validade política ou jurídica, mas, principalmente, pela sua estrita validade mercantil (FOUCAULT, 2007: 285- 286).

O Estado é considerado como sendo mais um ente do quadro de trocos. O campo económico, assim, não se circunscreve a atuação estrita do espaço privado dos indivíduos próprio do liberalismo no que se realizavam as operações mercantis. Agora ele expande os seus domínios pelo espaço *público-privado-não estatal*, cooptando dentro da sua rede expansível ao total de agentes a agirem no espaço social. Tudo isto, conforme a um sistema de interdependência baseado em relações entre o Estado, os indivíduos e os grupos sociais marcadas por uma associação sempre de carácter mercantil. Como sugeria FOUCAULT (2012: 161-162), o neoliberalismo não tenciona uma sociedade disciplinada para o mundo do trabalho, mas uma sociedade baseada na multiplicidade vocacionada para o mundo

---

<sup>305</sup> Neste sentido, apontam LAVAL e DARDOT (2013: 279) que “*assim como os gerentes da empresa estiveram sob a supervisão dos acionistas no âmbito da governança corporativa, predominantemente financeiras, os líderes dos Estados, pelas mesmas razões, ficaram sob o controlo da comunidade financeira internacional, agências de avaliação de peritos, agências de rating. A homogeneidade dos modos de pensamento, a identidade dos instrumentos de avaliação e a validação das políticas públicas, as auditorias e os relatórios dos consultores, todos indicam que a nova forma de reflexão sobre a ação do governo tomou emprestado, amplamente, elementos da lógica gerencial que reina nos grandes grupos multinacionais.*”

empresarial. E, para isso, ao Estado corresponde-lhe garantir as condições necessárias para serem os indivíduos os verdadeiros protagonistas do desenvolvimento e do progresso. A ação estatal tem de ir encaminhada à articulação de um quadro político onde seja a maximização do “capital humano” dos sujeitos o autêntico eixo gravitatório com o seu centro na liberdade irrestrita, na flexibilidade e na concorrência. Podendo coligar com VÁZQUEZ (2005: 80), que a nova racionalidade política aquilo que visa, em última análise, é governar com a máxima segurança o mercado e os processos vitais da população limitando ao mínimo a intervenção direta do Estado.<sup>306</sup> Consequentemente, testemunhamos, a partir da *forma-empresa*, a transfiguração do Estado, e mais especificamente da administração pública. Isto é, a reestruturação formal e material do maquinário estatal-burocrática desde parâmetros completamente alheios à “arte de governar” na sua perspectiva maquiaveliana.<sup>307</sup> Neste sentido, não é a expansão do Estado e das suas riquezas o que deve guiar a ação pública,<sup>308</sup> mas o custo/benefício das suas ações e dos seus resultados. Por conseguinte, os funcionários, servidores públicos e administradores do governo passam a se comportarem como membros de uma grande corporação económica organizada ao redor do interesse individual, em substituição do interesse geral característico da burocracia liberal. O funcionário é, pois, como qualquer outro sujeito neoliberal: um indivíduo ativo, racional e reflexivo que deve oferecer resultados eficaz e eficientemente. Assim, em oposição à burocracia formalista, vocacionada principalmente ao cumprimento da lei como eixo legitimador da sua função, a racionalidade neoliberal propõe um corpo administrativo de *homos economicus* gestores da *res pública*, a partir de uma relação contratual entre administradores e administrados (LAVAL e DARDOT, 2013: 295).

<sup>306</sup> Vid., citando o trabalho de VÁZQUEZ (2005), a LÓPEZ ÁLVAREZ (2010: 39-61).

<sup>307</sup> Assim sendo, MAQUIAVEL (2010) coloca a preservação do poder político no cerne da “arte de governar”, pois, em última instância, a função principal do soberano é conformar um Estado sólido e poderoso, mesmo recorrendo ao uso da força quando for preciso. Porém, esta conceção, segundo a crítica foucaultiana, resultou absolutamente deficiente para explicar o devir das racionalidades de governo contemporâneas. Neste sentido, FOUCAULT (2006: 115-116, 133) reduz a exposição do autor florentino sobre o governo à sua preocupação pela soberania. Quer dizer, centra o seu trabalho nas formas soberanas de governo, uma forma de governo que se sustenta numa relação de singularidade e exterioridade entre “príncipe” e o seu “principado”. Em definitiva, uma relação forçada e artificiosa, não de pertença fundamental, essencial, natural e jurídica entre o “príncipe” e o seu “principado”.

<sup>308</sup> Seguindo na crítica às teses de MAQUIAVEL, FOUCAULT (2006: 110) sugere que o verdadeiro governo vai além da obediência ao soberano, para converter no governo das condutas. Em suma, governar significa administrar adequadamente as riquezas, o território e, sobretudo, as populações. Quer dizer, não se trata de um modelo jurídico, mas, principalmente, de um modelo económico (CASTRO-GÓMEZ, 2010: 47-48).

Ora bem, refazer o sistema estatal-burocrático por meio da *forma-empresa* significa também deturpar a sua natureza. Pois, as regras, os procedimentos e as formas de tipo empresarial respondem, com certeza, a princípios e axiomas bem diferentes aos da burocracia tradicional. Neste sentido, basta lembrarmos com WEBER (2002: 173-180, 156-176), como o desenvolvimento da burocracia, como mecanismo jurídico e político encaminhado a garantir a ordem social, foi absolutamente inseparável da construção do Estado moderno e o liberalismo económico. A articulação de um sistema legal-burocrático centralizado e uniformizado resultou fulcral para a penetração dos princípios liberais nos Estados-nação nascidos no século XIX. Ele permitira uma forma ótima de organização da sociedade assente na hierarquia, em normas abstratas e em relações impessoais. Uma forma de domínio, destarte, justificada na obediência a um quadro legal-administrativo que, aliás, dota de direitos e deveres os indivíduos. Em total, é a burocracia, desde uma aproximação weberiana, o cimento sobre que foi possível a edificação da estatalidade moderna sob o princípio da igualdade ante a lei de todos os cidadãos.<sup>309</sup> Mais ainda, a burocracia converteu-se no quadro analítico e conceitual chave para o desenvolvimento e, posterior sucesso, do capitalismo industrial. Ela achegava, sem qualquer dúvida, as técnicas e os procedimentos necessários para a organização racional do mundo do trabalho, tanto das organizações económicas quanto dos próprios trabalhadores. A burocratização da sociedade foi um elemento essencial para a posta em andamento de um regime disciplinar e normalizador, baseado, como diria FOUCAULT (1990: 181), na “*domesticação do corpo*”, e encaminhado à produção indivíduos uteis para a engrenagem da estrutura social e económica. O andaime burocrático serviu para conformar o conjunto da institucionalidade e, para mais, conduzir o poder disciplinar por todo o espaço social abrangendo qualquer aspeto da vida social. Para tanto, a organização racional do Estado, através de um grande abanico de agências públicas, foi o suporte para a multidão de

---

<sup>309</sup> Assim, afirma de forma clarificadora WEBER (2002:159-160) “*o desenvolvimento deste (Estado moderno) começa em todos os lugares desde o momento em que o príncipe começa a expropriar aqueles que têm o poder administrativo que figura ao lado dele: aqueles que possuem propriedade de administração, de guerra de finanças e de bens politicamente utilizáveis de todos os tipos. O processo conjunto forma um paralelo completo com o desenvolvimento da empresa capitalista, com sua expropriação gradual de produtores independentes. No final, vemos que, de facto, no Estado moderno a disposição de todos os meios políticos de exploração concorda em uma única cimeira e que nem um único funcionário é pessoalmente dono do dinheiro que ele gasta ou dos edifícios, depósitos, utensílios e máquinas de guerra disponíveis. No “Estado” atual, então - e esta é uma característica essencial do conceito - a “separação” do órgão administrativo, isto é, dos funcionários e funcionários administrativos, dos meios materiais de administração, foi realizada por completo. Do ponto de vista da nossa consideração, portanto, é importante destacar o puramente conceitual no sentido de que o Estado moderno é uma associação de domínio de tipo institucional*”.

dispositivos de normalização vocacionados à inserção dos indivíduos num crescente modelo produtivo necessitado de um grande número de trabalhadores submissos, passivos e dóceis ao trabalho (DELEUZE, 1999: 283; HARDT e NEGRI, 2002: 37 e ss., 187 e ss.). No entanto, esta forma totalizadora, hierárquica e rígida de regulamentação dos indivíduos é posta e causa pelo neoliberalismo. O Estado intervencionista e normalizador torna-se, assim sendo, prejudicial para o desenvolvimento social e económico contemporâneo. Dito de outro jeito, o Estado burocrático converte-se numa das grandes travas para as hipóteses de sucesso do governo neoliberal. E, para tanto, a *jaula de ferro* concebida pela regulamentação estatal-burocrática deve ser desmantelada, deixando os indivíduos livres. Pois não é no Estado, mas no mercado, libertado de regulamentações, onde se produz o processo de autoformação do sujeito, onde ele se realiza, cria e inova. O mercado, em suma, é o lugar ótimo do sujeito económico, no qual ele aprende a se conduzir na vida. Como teima VON MISES (1998: 11-29, 164-176) na sua visão antropológica do *indivíduo-empresa*: só o indivíduo conhece o melhor para o seu próprio benefício e só a sua autonomia, e não a sua sujeição ao Estado, é que pode desenvolver-se integralmente.

## 2.2. Persistência do *ethos* burocrático

A narrativa neoliberal, à vista do apontado, é construída sob o horizonte da libertação dos procedimentos e normas que regulamentam a vida dos indivíduos. Ela ambiciona, seguindo a interpretação canónica, um cenário de liberdade absoluta, a contrapor com o Estado disciplinar e burocrático. Mas, como observaremos, na realidade tal objetivo não se encontra isento de um escopo complementar. Pois sendo indubitável o processo de transformação da organização político-administrativa tanto na esfera pública como na privada, a realidade deste processo não implicou, em absoluto, o fim das práticas burocráticas. Como assinala GRAEBER (2015: 39-47), hoje dificilmente poderíamos sustentar a existência de uma era sem burocracia; sendo aquilo que verificamos, da mão do espalhamento do livre mercado, quase em sentido contrário, ser o prolongamento da burocratização a todos os níveis. Para o antropólogo norte-americano, a utopia neoliberal não estaria, então, a ser cumprida, como tampouco estaria a desaparecer a disposição regulamentadora do capitalismo contemporâneo. Porquanto no presente os indivíduos resultam estar mais do que nunca submetidos a intensos

procedimentos e regulamentações. Desta ótica, o diagnóstico que o neoliberalismo faz das práticas burocráticas, amplamente divulgado pelo pensamento crítico nas últimas décadas, não se centra unicamente no agir do sistema administrativo-estatal. Igualmente, a análise da função económica da regulamentação não se limita à procura da eficiência dos serviços públicos no quadro do livre mercado.<sup>310</sup> Numa aproximação mais complexa, como denuncia GRAEBER (2015: 23-25), a profundidade da transformação neoliberal encaminha-se, além do quadro normativo estatal, para o conjunto de procedimentos burocráticos apropriados pelo mundo empresarial e, em concreto, pelo sujeito-empresa. Isto, como abordaremos a seguir, levar-nos-ia afirmar, em primeiro lugar, que o gerencialismo, o eficientismo e o economicismo característico da revolução neoliberal não seriam, então, um fenómeno necessariamente oposto às práticas (neo)disciplinares. E, em segundo, o atual questionamento do modelo burocrático estaria a incluir, no seu reverso, uma radical burocratização do capitalismo em todas as suas escalas (GRAEBER, 2015: 36).<sup>311</sup>

Este ponto de partida obriga-nos a redimensionar os discursos e as práticas gerenciais e manageriais promovidos pelo neoliberalismo para a implantação de novas formas de gerência pública baseadas na deslegitimação da burocracia. Pois, tanto uns como outros não teriam implicado, em modo algum, o desmantelamento do *ethos burocrático* que, seguindo DU GAY (2012), para além de ser no passado um dos elementos constitutivos fundamentais para o desenvolvimento do capitalismo, hoje seguiria a ser imprescindível para o bom decorrer da sociedade.<sup>312</sup> Nesta sequência, a análise realizada tanto pelo pensamento económico neoliberal, principalmente ligado à escola austríaca (VON MISES, 1998; HAKEK, 2007; KIRZNER, 1975), bem como pelas correntes administrativistas pós-burocráticas (HOOD,

<sup>310</sup> Nesta visão excessivamente lineal da contração do aparelho estatal como resultado da (contra)revolução neoliberal, podemos citar, novamente, a ANDERSON (1998), HARVEY (2007), TOUSSIAINT (2010) ou, mesmo, BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002).

<sup>311</sup> Especialmente relevante, como nota GRAEBER (2015: 16), na progressiva adoção de uma regulamentação propriamente mercantil é o papel de organismos internacionais como FMI, o Banco Mundial, o GATT, a OMC, a desenvolverem um exaustivo regime normativo que predetermina como devem realizar-se as operações económicas. E ainda no caso europeu podemos destacar a criação de um complexo mercado comum que não para de crescer normativamente.

<sup>312</sup> DU GAY (2012) põe em causa o consenso construído ao redor da gerência pública pós-burocrática com base na modernização, na ineficácia ou nos altos custos do modelo burocrático. Para o autor, a transformação da administração pública seguindo esses pressupostos esconde uma profunda transformação ideológica na gerência dos recursos e bens públicos que põe em tensão os direitos e liberdades democráticas sobre os que se conformou a relação entre o Estado e os cidadãos. Para tanto, reclama uma volta à única forma de organização que é a garantia e defesa de tais princípios, a burocracia.



1991; OSBORNE e GAEBLER, 1995; CROZIER, 1992), devem ser também vistos desde este ângulo. Isto significa que a burocracia não é o grande obstáculo para o progresso do mercado e da sociedade, mas unicamente a sua formulação concreta articulada durante o capitalismo industrial, atualmente obsoleta e ineficaz, seguindo a tais autores. Consequentemente, as medidas implementadas a partir da década de setenta e oitenta no âmbito político, administrativo e económico dirigem-se contra a burocracia, mas entendida só como instituição pública: uma burocracia ligada ao intervencionismo estatal, ao excesso de regulamentação, à intromissão no mundo económico e detentora de um poder parasitário dentro Estado. Noutras palavras, trata-se de uma forma de burocracia que impede a liberdade individual, a iniciativa privada e a livre concorrência como verdadeiros garantes do progresso social. Seguindo este discurso, que prolifera a direita e esquerda do arco parlamentar, a burocracia é identificada com a ineficácia, os altos custos, o imobilismo político e o formalismo. Como assinalam BOLTANSKI e CHIAPELLO (2002), o neoliberalismo procurou, então, irradiar um outro *espírito* na organização do público e por em causa o sistema disciplinar-burocrático construído no capitalismo fordista. Uma mudança do paradigma regulamentador fundado numa outra conceção da relação entre o Estado e os sujeitos, mais do que na otimização dos recursos públicos, na busca da eficiência ou no melhoramento da concorrência. Por uma banda, um Estado que já não busca disciplinar os seus cidadãos e, por outra, uns indivíduos ativos, empreendedores e inovadores que longe da figura do patrão do trabalhador fabril, dócil e passivo, se governam a si mesmos sem mediações estatais (ROSE, 2011; PAPALINI, 2014: 263-264; LAVAL e DARDOT, 2013: 337-342).

O sujeito neoliberal, deste modo, é um ator que não precisa da densa racionalização burocrático-estatal para se desenvolver, na medida em que ele se realiza diretamente no mercado. Este é o lugar onde se geram os direitos e liberdades, e ao Estado corresponde-lhe ser o ativador e garante dos contratos, convênios e negócios que os amparam. O Estado é um mobilizador e um motivador dos interesses privados, reestruturando a sua relação com os indivíduos a partir de uma outra forma organizacional não hierárquica, rígida e estável, como resultado da descontração do seu potente maquinário administrativo. Porém, a realidade é que tal processo não supôs uma autêntica desregulamentação -ou, se se quer, desburocratização- ,



senão uma nova forma de regulação da vida dos indivíduos marcada por novas normas, códigos, formalismos e agências. Isto, voltando GRAEBER (2015: 141-147), mostra-nos um sistema que, apresentado a si mesmo como autónomo, independente e antiburocrático, promove uma forma de vida em que os sujeitos se convertem em burocratas de si mesmos. Eles são os administradores dos próprios bens e serviços, os fornecedores do seu crédito, os gestores do seu capital humano, os seus próprios contáveis e, em suma, os realizadores de todas as tarefas antes realizadas pelas agências burocráticas. Assim sendo, o neoliberalismo não deve ser percebido como um modelo de gestão minimizada ou simplificada. Praticamente em direção oposta, a racionalidade neoliberal aquilo que procura é um outro jeito de regulamentação que, apresentado como “natural”, se sustenta igualmente na imposição normativa. Por isso, nem o Estado, nem a regulamentação foram certamente suprimidas, mas simplesmente foram rearticuladas num novo cenário. Em primeiro termo, por um Estado cuja função essencial é incorporar aos sujeitos às novas disciplinas do mercado e, em segundo, por uns indivíduos que escapam à tradicional relação hierárquica do Estado, para estender do campo político ao campo empresarial, do público ao privado e, mesmo, do material ao imaterial através de um conjunto de normas encaminhadas a rentabilizar no máximo o capital privado.<sup>313</sup>

A expansão do mercado, a internacionalização e a tecnologização das últimas décadas trouxe, contra o discurso canónico, uma expansão de normas, controlos e certificações administrativas tanto públicas, como privadas, que afetam a todos os níveis. Em resumo, a globalização neoliberal inseriu aos indivíduos numa nova burocratização fundamentada nos mandatos e regras impostas pelo mercado que submergem a sua vida num imenso oceano normativo cada vez mais supervisionado pelo mercado e as suas instituições financeiras. Especialmente, como tem apontado LAZZARATO (2013: 35 e ss., 113 e ss.), se levarmos em conta que, com maior frequência e intensidade, os rendimentos económicos dos indivíduos, historicamente obtidos através da relação trabalho/salário típica do capitalismo industrial, agora são adquiridos nos mercados financeiros através do empreendimento/endividamento. Um modo de financiamento que se constituiu, nomeadamente a partir da década de noventa,

---

<sup>313</sup> Vid., neste sentido, para uma abordagem especialmente interessante o trabalho de ALONSO e FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ (2016), a partir do qual apresentaremos neste epígrafe algumas das linhas principais do processo de burocratização neoliberal.

numa das principais formas de aceder à vivenda, ao ensino ou à saúde, mas que, como contrapartida, coloca os sujeitos diante de um férreo controlo por parte das entidades financeiras com o fim de devolverem o crédito recebido.<sup>314</sup> Para LAVAL e DARDOT (2013: 334), detrás dos discursos antiburocráticos lançados pelo neoliberalismo, destapa-se uma atualização das formas de disciplinamento consubstanciais à própria atividade mercantil. Em primeiro lugar, para os autores franceses, não é suficiente com apontarmos para o questionamento que a racionalidade neoliberal faz dos modos de regulamentação e organização hierárquicos e rígidos para desconsiderar de partida o disciplinamento burocrático no presente. Em segundo lugar, e como correlato do anterior, devemos enquadrar o processo gerencialista, economicista e individualista num quadro mais amplo de poder. Dito de outro modo, a queda da burocracia associada ao capitalismo fordista, não acarretou a sua supressão senão a sua transformação, porquanto as práticas burocráticas são e seguem a ser alicerce fundamental do capitalismo. Mais ainda podemos afirmar com LAVAL e DARDOT (2013: 335), que o neoliberalismo não é propriamente antiburocrático, mas uma fase mais refinada, mais competitiva e mais individualizada da racionalização burocrática como modo de garantir o poder organizacional contemporâneo.

A burocracia segue a ser um dispositivo primordial para adesão dos indivíduos à ordem social e económica. A procura da eficiência, o controlo individual e o cálculo racional não são, para tanto, características únicas das sociedades disciplinares. A regulamentação da vida continua a ser imprescindível hoje tanto como no passado; porém, ela agora seja mais difusa, mas também mais intensa, ubíqua e onipresente atuando de forma decisiva no conjunto das decisões vitais dos sujeitos. E, conquanto o quadro administrativo-burocrático do Estado foi encolhendo nas últimas décadas, em modo algum podemos acompanhar esta contração com um retrocesso do seu *ethos burocrático*. Ao invés, ele deslocou-se da estrutura estatal para impregnar ao corpo social e ao conjunto de atores públicos-privados que nele interagem,

---

<sup>314</sup> Desta análise, o acesso à “dívida” é o garante do acesso aos direitos de cidadania, tais como o ensino, a habitação ou a saúde, etc., retirados progressivamente pelo Estado. As entidades financeiras colocam-se, assim, como os verdadeiros fornecedores da condição de cidadão e, em consequência, a relação que se estabelece entre tais organismos e os indivíduos não passa apenas por uma formal relação contratual económico-financeira, mas, fundamentalmente, por uma relação de submetimento material. Pois o comportamento dos sujeitos endividados é administrado diretamente pelos próprios credores, porquanto atitudes, hábitos ou comportamentos são constantemente avaliados ante a hipótese de não pagamento ou solicitude ampliação do crédito. Quer dizer, na contemporaneidade a “dívida” converte-se num dos principais dispositivos de disciplinamento do mercado (LAZZARATO, 2013: 82 ss., 121 ss.).

reconfigurando e reinscrevendo o processo de racionalização capitalista. Noutras palavras, novamente, com os sociólogos franceses, o neoliberalismo aquilo que fez foi estimular a construção de pequenas *jaulas de ferro* individuais que sujeitam a vida, na medida em que a grande e poderosa *jaula de ferro* estatal se foi desmontando (LAVAL e DARDOT, 2013: 335).

TABELA 4.4

Burocracia	Características
<b>Liberalismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Jaula de ferro</i> estatal</li> <li>• Burocracia pública</li> <li>• Organização hierárquica da administração</li> <li>• Profissionalização estatal</li> </ul>
<b>Neoliberalismo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Jaula de ferro</i> individual</li> <li>• Burocracia expande-se ao interior da vida</li> <li>• Cidadãos são regidos por normas, procedimentos e código regulamentados</li> <li>• Padronização e avaliação das condutas individuais</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Nesta perspetiva, seguindo HIBOU (2012: 20-22), a burocracia não é unicamente aquela forma de regulamentação exercida especificamente pelo Estado e a sua administração pública. A burocracia sob a racionalidade neoliberal amplia-se ao conjunto das práticas mercantis e empresariais que são disseminadas por toda a sociedade, encaminhadas à procura de uma vida mais produtiva, criativa e inovadora, na medida em que são os indivíduos os gestores de si. Os cidadãos, assim, transmutados em consumidores, usuários ou profissionais, são regidos por normas, procedimentos, códigos e até formalidades que invadem a sua vida a partir de uma conceção genuinamente económica. O governo neoliberal racionaliza, então, a sua vida tanto através de normas de direito privado fruto de contratos, convenio ou concertos com os diversos atores económicos que operam na sociedade, como de normas de direito público produzidas pelas diferentes administrações públicas. Eis, então, a forma que adquire a burocratização na “arte de governo neoliberal”, penetrando em todas as esferas da vida para submetê-las aos seus cânones de (auto)gestão. A vida é, por conseguinte, tomada até na sua

percepção mais banal por normas mercantis que quebram as fronteiras historicamente estabelecidas entre o público e o privado. Os sujeitos, como já analisamos, ficam cooptados num espaço *público-privado-não estatal* e sobre ele é que se ergue a malha burocrática neoliberal.<sup>315</sup>

Para debruçarmos sobre este processo, HIBOU descreve-nos duas mutações que são fundamentais para localizar a burocracia neoliberal, em confronto com a regulamentação construída pelo weberismo. Em primeiro lugar, a autora sinala como essencial o extravasamento da conceção clássica da burocracia estatal. Isto significa, principalmente, que as formas de gerência neoliberal próprias do âmbito empresarial colonizam, em primeiro lugar, o Estado e a sua estrutura interna e, em segundo e de jeito fulcral, os cidadãos. As consequências são, por uma banda, a invasão dos discursos, práticas e rotinas privadas, até então alheias ao domínio público, a reger tanto às instituições estatais como a vida mesma dos indivíduos seguindo os princípios da concorrência, da rentabilidade ou da eficiência, em detrimento dos direitos e obrigações próprias do estatuto de cidadão. Por outra, a entrada dos critérios e normas do sector privado no público apagam os limites que entre ambos existia, abrindo-se assim um novo espaço para a expansão da racionalização economicista neoliberal (HIBOU, 2012: 23-32). Em segundo lugar, e não menos importante, a socióloga aponta o grau de abstração da burocratização neoliberal. O que desvirtua por completo a sua natureza formal, estendendo uma rede complexa e onipresente que categoriza, padroniza e avalia os indivíduos, os bens, o território e o mercado seguindo regras e critérios tanto informais como formais. Em suma, a burocratização codifica a realidade social a partir de critérios técnico-científicos, assépticos e despolitizados: quer simplificando a pluralidade social, quer obviando as particularidades não encaixáveis, nas suas categorias preestabelecidas (HIBOU, 2012: 33-42).

Dá-se, então, uma entrada progressiva na vida, tanto na sua versão profissional, quanto na sua versão quotidiana, de saberes e práticas burocráticas que acarretam um novidoso disciplinamento dos indivíduos. A vida no seu conjunto passa a ser regulamentada por

---

<sup>315</sup> Segundo BIDET (2017a) se quisermos levar o problema das normatividade neoliberal, devemos nos referir a toda a complexidade meta-estrutural, porque uma nova cultura burocrática permite que o poder do capital se afirme em esferas de atividade ainda não governadas pelo poder político.

avaliações, certificações, padrões e auditorias de todo tipo. Não só na atividade propriamente económica ou mercantil, mas também as mais comuns atividades da vida diárias são dominadas pelos mesmos critérios e padrões derivados das formas de gerência empresarial. Qualquer administração dos recursos individuais é uma administração que se conduz pelos parâmetros do mercado: alugar uma vivenda, contratar um seguro de saúde, gerir uma conta bancária, contratar a telefonia ou a internet, são ações que já não se podem subtrair a uma série de procedimentos formais calculadamente estabelecidos.<sup>316</sup> O *ethos burocrático* invade, para tanto, a totalidade das relações entre a multidão de agentes que operam no espaço social, permeando os seus discursos e práticas até a mais irrelevante das funções (HIBOU, 2012: 28-32). Por consequência, a vida resulta estar mesmo mais regulamentada na sociedade contemporânea do que na sociedade disciplinar, como mostra a hipertrofia normativa que acompanha a vida dos sujeitos. Mas também o mundo da empresa e o comércio, outrora especialmente críticos com a rígida intervenção burocrática da administração pública, não são alheios a este progressivo e minucioso processo de normatização privado. Um leque interminável de normativas decorrentes de cláusulas contratuais, negociações e atos jurídico-económicos de qualquer classe, impõem exaustivas condições na estratégia comercial, na gestão de compras, na distribuição, na validação de produtos e serviços ou nas relações com os consumidores e usuários. O processo económico está, em todas as suas fases e em toda a sua atividade, controlado, supervisionado e fiscalizado. Assessorias, auditorias e multidão de agências intervêm diretamente nas relações económicas e no mercado mesmo como garantes, em última instância, do bom funcionamento da atividade empresarial.

Como corolário, podemos concluir que a burocracia neoliberal é mais do que uma instituição criada para a organização e regulamentação pública, e ela é gerida além dos funcionários e burocratas do Estado. De jeito suplementar, encontramos o seu caráter distintivo e genuíno, a sua rigurosidade, a sua planificação, as suas rotinas ou o seu

---

<sup>316</sup> Sinala GRAEBER (2015: 141) como “*em décadas recentes acabamo-nos convertendo em administradores (das nossas vidas) a tempo parcial ou completo. Assim como os professores universitários parecem crer que é inevitável passar cada vez mais tempo gerindo bolsas, os pais simplesmente aceitam que terão que passar semanas inteiras, cada ano, preenchendo formulários online de quarenta páginas para conseguir escolas aceitáveis para os seus filhos, e os dependentes das lojas dão-se conta que empregarão cada porções vez maiores das suas vidas introduzindo chaves de acesso nos seus telefones para gerir as suas contas bancárias e de crédito, e quase todo o pessoal compreende que terá de aprender a realizar tarefas antanho relegadas aos agentes de viagem, aos brokers e aos contábeis*”.

formalismo, num sem-número de lugares disseminados pelo espaço social. E identificamos aos seus executores nos conjunto de atores obrigados a se submeter a procedimentos e a categorias que balizam formalmente as relações socioeconómica no quadro neoliberal. Em total, assistimos a uma regulamentação da vida que foge, sem qualquer dúvida, da tradicional organização burocrática da administração estatal, mas que nos obriga a colocar o foco da análise na regulamentação privada da vida. Portanto, só desta aproximação ao fenómeno burocrático é que poderemos revelar aquilo que se esconde realmente no reverso da retórica antiburocrática do projeto neoliberal. Pois, como sinalou FOUCAULT (2012: 156), a intervenção neoliberal não é nem menos densa, nem menos frequente, nem menos ativa que em outro sistema.

### 3. GERÊNCIA PÓS-POLÍTICA

O gerencialismo supõe, expressando de forma sumária, a instauração de um quadro normativo especificamente mercantil no conjunto da vida política. Porquanto o sector público só é realizável através dos códigos, os procedimentos e os padrões do troco de interesses privados, e não sobre o interesse geral característico da regulamentação burocrática tradicional. Dito de modo mais analítico, para o gerencialismo a legitimidade da administração dos bens e serviços públicos não se pode ancorar no debate político, senão no quadro da economia. O Estado, para tanto, só é possível através da sua reformulação economicista, adotando uma estratégia de organização interna e administração da coisa pública a partir da tecnologia da empresa privada. Uma estratégia que, seguindo o discurso neoliberal, não se manifesta apenas como a única forma viável de resgatar o Estado das eivas e insuficiências da administração burocrática, senão que é o modo ótimo de gestão dos assuntos sociais. Por consequência, a administração pública não deve comportar-se como um ente genuinamente político, mas como um organismo neutral e independente, pois da sua autonomia do poder político vai depender a sua capacidade para resolver as divergências e discordâncias existentes no seio da sociedade. O gerencialismo busca, deste jeito, inibir os efeitos negativos da confrontação política, principalmente, sobre a multidão de relações económicas que trilham o corpo social. Para isso, promove métodos de resolução de conflito sob outras bases, tais como as normas e práticas do *management*. Elas vão permitir, segundo a



tese da nova gerência, uma organização mais proveitosa dos recursos e afrontar em melhores condições os seus desafios. Em primeiro lugar, porque vão estabelecer procedimentos de tramitação, métodos de execução e ferramentas de controlo próprios dos contratos e negociações mercantis como modo de resolução mais favorável. E, em segundo lugar, porque gera compromissos e mobiliza interesses para viabilizar tais os acordos de governança entre o Estado, os consumidores e usuários, as sociedades, as entidades financeiras, os grupos de interesse e demais atores operantes na sociedade do mercado.<sup>317</sup>

O debate político ficaria, então, excluído do discurso e dos procedimentos de resolução, para se encaminhar a uma regulamentação técnica dos problemas sociais, tratada sempre por peritos e profissionais com o propósito de atingir um consenso entre as partes em disputa (ZIZEK, 2008: 32). Assim, a reestruturação da administração estatal, a privatização de serviços públicos, as mudanças no sistema de pensões ou a segurança social, a redução do salário mínimo ou as reformas laborais, nunca seriam percebidas como decisões político-ideológico, mas como soluções técnicas que ponderam os recursos disponíveis e os riscos existentes em aras da solução mais eficiente. Isto significa, seguindo BROWN (2015: 279, 288-289), uma total redefinição do público e do privado, reempazando o léxico político polo léxico de mercado a través da métrica dos negócios. E como abordaremos a continuação, isto vai ocasionar, em primeiro lugar, a substituição da política pela gestão, como motor da tomada de decisões. Isto é, o esvaziamento do conteúdo político do Estado, na medida em que os problemas estruturais da sociedade são percebidos apenas como problemas de administração. Apaga-se, logo, qualquer análise ideológica dos fenómenos sociais para se centrar unicamente na resolução mais rentável e menos custosa para a administração do Estado. Em segundo lugar, produz-se o que BROWN (2015: 19-20, 115-116) identifica como a passagem do *homo politicus* para o *homo economicus* porquanto sujeito específico da governabilidade neoliberal. Um sujeito que não responde mais a critérios de natureza política no seu agir com o Estado, senão que atende a critérios de índole essencialmente económica. E o conjunto das relações sociais são penetradas pela racionalidade empresarial, substituindo, assim, a razão política pela razão económica para a tomada das suas decisões. Em

---

<sup>317</sup> Como aponta OSBORNE e GAEBLER (1995: 19-20, 115), o princípio que tem de guiar os administradores públicos são os resultados e não as normas. Vid., por todos, de entre a abundante literatura gerencialista sobre a referência empresarial, PETERS e WATERMAN (1991).

consequência, seguindo à autora norte-americana, ao contrário do que no liberalismo, agora os sujeitos são sempre e em qualquer momento *homo oeconomicus*, a adotar permanentemente a forma de “capital humano” e em qualquer esfera da vida como seres económicos de interesses, incluída também a vida política (BROWN, 2015: 39-43). Por isso, são desenvolvidos pela governança neoliberal procedimentos vocacionados para a satisfação das suas necessidades como “cliente” do Estado, e em detrimento dos espaços de participação política próprios da cidadania. No entanto, longe de estarmos perante uma solução despolitizada, como veremos, é a interpretação económica dos conflitos a que se converte no fim político último (BROWN, 2015: 292, 295-297).

### 3.1. Tecnocracia neoliberal

Como assinalamos, o neoliberalismo visa construir realidades sociais despolitizadas, quer através de uma institucionalidade técnica e neutra que refuga o conflito e a ideologia, quer através de sujeitos indiferentes à esfera coletiva da sociedade e circunscritos ao seu interesse estritamente individual. Para BROWN (2015: 43), observamos este processo na emergência do sujeito-económico cujos comportamentos se estendem à vida política, na medida em que se traspõem os princípios políticos por princípios económicos. Mas também na transformação do Estado, enquanto “gerente da nação”, que modifica a natureza do relacionamento com os cidadãos. E que para a autora se identifica na queda definitiva do *homo politicus* liberal, bem como das suas instituições e dos seus imaginários. Ou seja, os direitos políticos da cidadania são economizados pela racionalidade neoliberal reestruturando o seu significado. Deste modo, aquilo que verificamos é uma conversão de uma governança de matriz política por uma económica. Na qual o Estado, por um lado, se configura como o gerente de uma empresa e o sujeito, por outro, se comporta como um capital. Provocando, segundo BROWN (2015: 26), uma subordinação do significado e a prática da governança democrática assente na igualdade, na liberdade e na soberania, e deixando passo agora a uma significação essencialmente económica. Nestas condições, a narrativa neoliberal coloca a gerência prototípica dos negócios como a ferramenta de resolução por excelência. Os problemas sociais são enfiados fora da briga política e a neutralidade ideológica constitui-se no suporte basilar para as negociações entre os técnicos, os peritos e as entidades representantes da sociedade e da

economia. Nestas fronteiras são, por consequência, geridos os assuntos públicos à margem, como veremos, da conflituosidade característica da política tradicional (MOUFFE, 2007:16).

TABELA 4.5

Dimensões da governança	Características
<b>Governança tecnocrática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ordem social regulamentada por peritos</li> <li>• Resolução eficientista da problemática social</li> <li>• Espaço social balizado pela técnica</li> <li>• Cidadão portador de direitos privados</li> </ul>
<b>Governança pós-política</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gestão vs. política</li> <li>• Neutralidade ideológica</li> <li>• Expulsão do conflito</li> <li>• Gerência mercantil</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

O confronto ideológico deixa de sustentar os debates sobre a desigualdade, a pobreza ou a discriminação, para serem reempazados por aproximações tecnocráticas ao conjunto da problemática social. Pois desta perspetiva, é nos métodos de resolução do mercado, e não na política, que se deve fundamentar o progresso social. A luta política, como descreve criticamente MOUFFE (2007:10), é identificada pela razão neoliberal como um fenómeno obsoleto a ser substituído pela lógica da resolução empresarial e mercantil. A transformação da sociedade radica, assim sendo, no melhoramento da eficácia e da eficiência da gestão estatal: o aperfeiçoamento da tramitação administrativa, o desenvolvimento de programas de resolução ou a implementação de sistema de avaliação. Noutras palavras, o fundamental é aprofundar nos mecanismos tecnocráticos de resolução e não posta em causa político-ideológica dos conflitos do presente. Isto, na medida em que as normas e as práticas do mercado são as únicas capazes de regulamentar a sociedade de forma livre e natural, pois elas são a única forma viável e desejável para a governança neoliberal. Esta perceção da realidade implica, além do mais, que a ordem social deve ser construída por peritos e profissionais que através dos seus procedimentos avaliam aquilo que é possível resolver e o que não é possível, e não polos agentes e organismos políticos tradicionais. A política abandona, então, o seu

espaço como fonte de legitimação dos direitos e obrigações dos sujeitos, para ser substituídos pela técnica, como nova fonte de atribuição de direitos. Em total, o Estado deixa de ser o palco do debate onde os agentes políticos disputam o poder, para reduzir a sua atividade à mera gestão administrativa dos problemas, no melhor dos casos, como sinala BROWN (2015: 289), a partir de algum tipo de participação ou consulta entre as partes implicadas.

Seguindo ZIZEK (2008: 31), assistimos a uma forma de negação do carácter político do conflito através do seu encobrimento, da sua contenção e da sua pacificação como modo de exclusão. Estamos, para o autor, ante uma era que ele designa por “pós-política”, isto é, um tipo de governança que não reprime os elementos discordantes da ordem social, mas que diretamente são expulsos do debate. A política neoliberal apresenta-se como sendo não-conflitiva, dialogante e negociadora, onde os responsáveis pela direção governamental são gestores profissionais que resolvem os problemas sem recorrer ao confronto pelas prioridades políticas ou ideológicas. Em resumo, na pós-política, como afirma ZIZEK (2008: 31-32), a contenda entre as diversas posições ideológicas, defendidas pelos distintos partidos ou organizações que concorrem pelas várias posições de poder dentro do Estado, fica substituída pela colaboração entre tecnocratas em cada um dos campos de governo. Desta forma, diante das velhas divisões ideológicas, nos regimes pós-políticos são as competências dos peritos e a sua livre deliberação a melhor forma de resolução dos assuntos públicos, chegando eles a acordos de carácter consensual através da negociação dos diferentes interesses em jogo.<sup>318</sup> Detrás deste processo, destacado pelo filósofo esloveno, aquilo que vemos é um potente fortalecimento da modelo gerencial de governança, na medida em que o conflito político é excluído da constituição da ordem social. Isto é, as formas de resolução dos problemas sociais nunca põem em causa as lógicas economicistas que regem a institucionalidade contemporânea, sendo que o debate se limita dentro delas. Com isto, o mercado converte-se, indiscutivelmente, na verdadeira agência do político, e a técnica na sua ferramenta de ação. Como contrapartida, a política e a ideologia própria da governabilidade liberal desaparecem, ficando qualquer hipótese de mudança e transformação social sob o neoliberalismo, como

---

<sup>318</sup> Para ZIZEK (2008: 32) a fórmula que melhor expressou a pós-política foi a definição da *New Labour*, dirigida por Tony BLAIR, como “centro radical” (*radical centre*), pois até então, na época das divisões políticas ideológicas, a noção de “radical” descrevia à extrema esquerda ou à extrema direita. Ora, o centro era, para mais, um conceito de moderação. Mas a *New Labour* agora era também radical, pois rompia com as velhas divisionais ideológicas.

diria DEBORD (2010), numa sorte de espetacularização do político. A eliminação da contenda das ideias que circulam pela sociedade, defendidas por atores políticos antagónicos supõe, em definitiva, converter a governança apenas num grande artifício. Ou o que é o mesmo, vemos como a autêntica finalidade do governo neoliberal não é acabar com as causas dos problemas sociais, mas excluí-las da sua resolução. O debate político muda para o desempenho económico, e a garantia da liberdade, a igualdade e da solidariedade através do estado de direito e a participação na soberania popular é substituída por uma formulação comercial de vencedores e perdedores restrita à conduta de mercado (BROWN, 2015: 51).

O debate público apartado da sua conflituosidade implica, logo, uma simbiose entre os modos de gestão próprios da esfera pública e os modos de gestão própria da esfera privada. Nesta simbiose reside para ZIZEK (2008: 110-111) a dimensão da pós-politização que verdadeiramente sustenta o ato de exclusão do político; porquanto os mecanismos do mercado são sinalados como os instrumentos e os procedimentos neutros que há que seguir. A privação do confronto ideológico no aceso poder estatal na gerência neoliberal provoca, nesta sequência, a privação dos campos de realização da política e da democracia mesma. Pois, aqueles atores ou sujeitos que ponham em causa as regras económicas como formas de vida são também expulsos dos centros decisões, furtando o debate plural e ideológico sobre a conformação da ordem social existente. De novo, seguindo ao filósofo esloveno, encontramos numa clivagem que divide o ato político autêntico da gestão das questões sociais dentro do quadro das relações sociopolíticas neoliberais: *“o verdadeiro ato político não é simplesmente qualquer coisa que funcione no contexto das relaciones existentes, mas precisamente aquilo que modifica o contexto que determine o funcionamento das coisas”* (ZIZEK, 2008: 32-33). Igualmente, para autores como RANCIÈRE, a tensão entre as diferentes partes do corpo social é o âmago que articula a política e, por resultado, a partir do qual se constitui uma determinada ordem social. Não existe política sem conflito, nem conflito fora da política.<sup>319</sup> A sua finalidade última é abalar o *status quo* e modificar constantemente as suas margens. Portanto, quando se vazia a política do conflito, para ser

---

<sup>319</sup> Vid., por todos, RANCIÈRE (1996, 2007). Neste sentido, nos últimos anos um conjunto de pensadores e pensadoras contemporâneas, entre outros, BADIOU (2010), BALIBAR (2014), LACLAU (2016) ou a já citada MOUFFE (2007) ou ZIZEK (2008), têm colocado o foco da crítica na perda do debate político ao que assistimos nos atuais sistemas democráticos sob a hegemonia neoliberal.

apenas técnica, desnaturaliza-se a sua própria essência. E este é o atual processo de transformação que vivemos uma administração pós-política da realidade e o fim mesmo da política democrática.<sup>320</sup> Para o filósofo francês, a sociedade autorregulamentada e sem conflito do neoliberalismo rege-se unicamente pelo individualismo no que “*todo o mundo tem necessidade de todo o mundo, no que está permitido tudo quanto se enunciar sob o emblema do goze individual*” (RANCIÈRE, 2007: 45-46). Porquanto a pós-política põe em andamento todo o seu aparelho administrativo para corrigir qualquer demanda individual ou específica, mas apagando a sua condição materialmente política. O antagonismo fica, então, expulso da gestão das divergências e reivindicações.<sup>321</sup>

O neoliberalismo busca fugir da política reencaminhando a governança para um espaço no que as contradições sociais sejam ultrapassadas. O mercado torna-se o substituto da política trasmutando a vida pública: em primeiro lugar, a vida pública é reduzida à simples gestão dos problemas e, em segundo, os meios de resolução anulam a possibilidade do conflito e a disputa ideológico-política que é substituída pelo consenso técnico (BROWN, 2015: 162-175). Para tanto, o gerencialismo reconceitua fundamentalmente a administração do conflito social como algo diferente ou separado da política, e os mecanismos institucionais de resolução próprios dos Estados contemporâneos torna-se meramente processuais. Assim, uma vez a política desaparece, o governo é despojado da sua substancia originária e definido apenas como a gestão de objetivos. Para ZIZEK (2008), um magnífico exemplo deste processo foram as reivindicações sexuais, éticas e culturais no capitalismo contemporâneo, percebidas como meros *inptus* sociais e administradas como *outputs*, mas nunca como questões estruturais da sociedade. Pois desde a ótica pós-política, todos os protestos devem ser incluídos na ordem social, na medida em que respondem a necessidades individuais que devem ser satisfeitas. Ora, o caminho que eles devem transitar são os da gestão, mas em nenhum caso se deve focar no conflito político-ideológico. Isto, como afirma o esloveno, leva

---

<sup>320</sup> Cabe, no entanto, sinalar que para RANCIÈRE (2007) o mundo pós-político ou o fim da política como guia da ação não é essencialmente contemporânea, mas, pola contra, tratar-se-ia de um projeto iniciado na Grécia Clássica por PLATÃO e ARISTÓTELES, continuado por TOCQUEVILLE e, por fim, realizado nas sociedades do capitalismo desenvolvido.

<sup>321</sup> De novo, RANCIÈRE (2007: 54-55) afirma que a expulsão do conflito não significa que ele desapareça. Ao invés, ele subsiste e procura outras formas de expressão ante a impossibilidade do procedimento democrático-institucional. Para o francês a emergência dos atuais fenômenos de racismo e xenofobia em Europa seria um bom exemplo das manifestações das contradições sociais que se expressam por outras vias, neste caso, através do ódio ao diferente.



a um beco sem saída, ao não existir qualquer reivindicação específica que possa ser entendida como simples negociação de interesses de partes, pois isso significaria a desapareição da política. Quer dizer, a política só é possível pensá-la desde o conflito e não desde a sua negação; e esta excede por completo as normas, as práticas e os procedimentos do eficientismo económico proposto pelo neoliberalismo. As reivindicações são expressões do conflito inerente à sociedade, à ordem social em constante redimensionamento e, em total, à briga política. Igualmente, para RANCIÈRE (1996: 51-53), a administração da coisa pública não é, então, independente da confrontação. Porquanto o núcleo essencial da democracia se manifesta na relação antagónica dos diferentes atores do campo político: por lado, aqueles que estão dentro da ordem estabelecida e, por outro, aqueles situados por fora dos seus limites.

Por isso, aquilo que busca a razão neoliberal é não reconhecer o conflito, pois implica reconhecer a linha divisória entre aquelas questões incluídas e aquelas excluídas da sua própria ordem. E só apartando o conflito da política, e levando-a para a gestão, é que fica garantida a sua reprodução. A mera gestão da divergência que não supõe nunca o questionamento da ordem social como quadro de soluções, mas pela contra, reduz as divergências e problemáticas sociais a questões de âmbito individual e identitário. Em total, a estratégia pós-política é o modelo da negociação sob os parâmetros empresariais que permitem a neutralização da dimensão genuinamente política e ideológica do Estado. E assim é que se mantém uma ordem constitucional estável onde cada parte tem o seu lugar determinado sem hipóteses de uma mudança substancial. Os discursos, as práticas e os procedimentos neoliberais aquilo que procuram é tirar a política da gerência do conflito, encobrendo os fenómenos da desigualdade, da coerção e da dominação, e a reinstalarem-se na lógica empresarial uma vez apagada qualquer intromissão na gestão económica da vida pública sobre a que ergue toda a sua constituição material. E, para isso, os espaços de intervenção e participação política têm de serem suprimidos, únicos espaços de verdadeira transformação social e não de mera gestão administrativa.<sup>322</sup>

---

<sup>322</sup> Afirma com clareza ZIZEK (2008: 39), a pós-política é principalmente uma forma de negação do político, na qual não só se reprime, mas se exclui o verdadeiro ato político. O conflito entre as diferentes opções ideológicas é substituído pela colaboração entre tecnocratas e a negociação de interesses privados.

### 3.2. Política imunitária

Não resulta surpreendente constatar a tensão manifesta entre a racionalidade neoliberal e a política liberal-democrática levando em conta o observado nesta epígrafe. Como apontamos, diferentes aproximações, por todos, ZIZEK, RANCIÈRE ou MOUFFE, têm evidenciado formidavelmente tão conflituosa relação. No entanto, numa perspectiva propriamente biopolítica também se tem avançado sobre a necessidade do questionamento da razão neoliberal em termos radicalmente democráticos. Neste sentido, complementando a análise precedente, podemos encaixar a proposta de ESPOSITO,<sup>323</sup> na tentativa por desemaranharmos a ligação entre a nova economia, a política e a vida. E denunciarmos, por conseguinte, a despolitização da ordem social vigente decorrente das transformações sofridas nas últimas décadas. Para transitar este caminho, o filósofo italiano evidencia a necessidade de elaborar novas categorias teóricas que permitam superar o esvaziamento dos conceitos políticos ao que assistimos, tais como a democracia, o Estado de direito ou as liberdades públicas (ESPOSITO, 2010: 10).<sup>324</sup>

Na crítica de ESPOSITO, a modernidade seria um constante processo de despolitização, ou dito de outro modo, um processo de neutralização do conflito político. Histórica e categorialmente, seguindo o autor, podemos rastrear assim um esforço pelo anulação do confronto e a briga – que, em última análise, entendemos como indissociável dos avanços sociais-, e que podemos perceber, desta forma, como sendo uma autêntica anulação política da contingência (ESPOSITO, 2006b: 14). A partir desta alegação, a política da modernidade capitalista pode inscrever-se num processo de despolitização que entendemos, aliás, requisito ontológico para a reprodução da sua ordem. A reestruturação do Estado levada a cabo pela racionalidade neoliberal como expressão política organizada do corpo social, bem como o esvaziado da condição de cidadãos de direitos civis e políticos dos indivíduos, são indissociáveis de um mesmo processo encaminhado a eliminar a política da vida pública e em

<sup>323</sup> Vid., por todos, ESPOSITO (2006a, 2006b, 2007, 2010). Para aprofundar sobre o autor, por todos, SALINAS (2014a: 249-296).

<sup>324</sup> Neste sentido, afirma ESPOSITO, (2010:10), “*para responder a tais perguntas poder-se-iam invocar as grandes transformações históricas que convulsionaram o contexto internacional após as duas guerras mundiais e, não com menor força, as mudanças operados nas duas últimas décadas. Eu acho, porém, por não darmos uma resposta redutora ou parcial, que devemos referir-nos a uma dinâmica de maior duração, que concerne ao conjunto do léxico político moderno.*” Cfr. SALINAS (2014a: 252).

favor de uma gerência económica, efficientista e consensual dos assuntos públicos. Conforme sinalamos, no neoliberalismo o espaço político encontra-se neutralizado, despejado da sua substância. Ele subsiste apenas como um procedimento no que os indivíduos participantes da vida política são substituídos por consumidores atomizados e individualizados. Os laços e elos de união, solidariedades e imaginários partilhados desaparecem nas mutações da sociedade contemporânea. A desregulamentação e a precarização da vida quebram as suas formas de organização e gestão, que desbordam os quadros institucionais da responsabilidade coletiva que a sustinha. Os mecanismos de pertença são alterados e as identidades construídas ao seu redor são transmutadas por outras formas de identidade que apelam para a responsabilidade individual. E a posição de cada sujeito no palco social irá em exclusivo da sua livre decisão, assumindo os seus riscos e as suas responsabilidades. (BAUMAN, 2002: 144; LIPOVETSKY, 2003: 49 e ss.; VIRNO, 2003: 107-129.). Esta fragmentação da narrativa coletiva e dos interesses da comunidade em responsabilidades individuais acarreta, assim mesmo, seguindo ESPOSITO (2007: 32 e ss.), uma libertação do indivíduo dos seus compromissos com os demais membros da sociedade. Com essa ruptura do “múnus” com a “comunidade”, os seus membros ficam agora livres das ataduras para decidirem sobre o seu próprio destino, dado que a dívida contraída com o projeto comunitário era o freio que o impedia ser verdadeiramente proprietário de si.<sup>325</sup>

Para ESPOSITO (2005: 39), a libertação do indivíduo, diante das responsabilidades coletivas, funda a subtração do sujeito da sua condição de membro da comunidade: não só como titular de obrigações partilhadas com outros indivíduos, mas também como sujeito de transformação. Para compreender este processo, o filósofo italiano introduz a noção de *imunidade*, em oposição à de *comunidade*, porquanto tentativa de despolitização da vida pública, especialmente intensa, como percebemos, na sua versão neoliberal. Segundo ESPOSITO (2005: 160), a neutralização política significa, antes bem, a vocação da racionalidade contemporânea de “*por a salvo à vida mesma, imunizando-a dos riscos que a ameaçam de extinção*”. A imunidade expressa-se, logo, como a exigência de

---

<sup>325</sup> Para ESPOSITO (2007: 15 e ss., 164 e ss.), a comunidade não está constituída por um bem comum que une aos indivíduos, mas por uma obrigação comum. Desta perspetiva, a ideia de comunidade do autor não passa pela unidade, senão pelo “múnus” a partir do qual se compreende a sua dimensão existencial. O múnus é, em definitiva, o dever, a dívida ou a obrigação a que agrega os sujeitos.

autoconservação, entendida como o conjunto de relatos que se encaminham face a necessidade individual de proteção da vida e sobre a que se articula a sociedade. Ela acarreta tanto uma dimensão positiva quanto uma dimensão negativa do poder sobre a vida e, em consequência, a construção política, a sua representação e as identidades dos sujeitos são elaboradas nesta chave interpretativa (ESPOSITO, 2010: 21-22). A imunidade é, em efeito, uma interpretação do poder sobre a vida muito específica que, seguindo as contribuições do filósofo italiano, supõe um processo de autoconservação dirigido a previr e combater a difusão de um contágio real ou simbólico na sociedade atual. Deste modo, surge a necessidade de implantar estratégias e aparatos de controlo que permitam aos indivíduos “viver próximos”, mas sem estarem em contato. Isto é, eles devem ampliar a sua esfera de autossuficiência individual, ante qualquer tentação comunitária, na medida em que a proteção do contágio exterior só é possível no refúgio interior. O sujeito fecha-se, então, dentro da sua esfera individual (ESPOSITO, 2009: 83). Deste modo, a imunização, em conformidade com o autor, não seria mais do que uma forma de progressiva interiorização da exterioridade, ao ser a comunidade um fora, e a imunidade é aquilo que nos retrai ao interior quebrando o contato com o exterior (ESPOSITO, 2009: 84, 93). Em síntese, afirma o autor, trata-se de criar um mundo sem exterior, um mundo totalmente imunizado. Pois a imunidade é, em definitivo, a que permite a quebra com a comunidade contagiada e portadora da sua própria destruição. E o sujeito imune é aquele que não deve nada a ninguém, não está obrigado ao contato com os demais indivíduos. Ele está exonerado de toda responsabilidade e obriga para com os expostos à infecção.<sup>326</sup> Em conclusão, escreve ESPOSITO (2005: 40), os sujeitos modernos são aqueles completamente autossuficientes, isolados da ligação em comum, protegidos preventivamente de toda múnus, exonerados, para tanto, do contato que ameaça a sua identidade expondo-se ao contágio na sua relação.

A partir desta novidosa conceitualização da política da vida proposta pelo filósofo italiano, o teórico social BROSSAT (2008) vai perceber o neoliberalismo como sendo o sistema de imunidade presente na atualidade. Deste ponto de partida, o regime político

---

<sup>326</sup> Para ESPOSITO, (2006a: 81), a imunidade revela-se como a forma negativa da comunidade. Assim, porquanto a comunidade é a relação que, submetendo a todos os seus membros a um compromisso de doação recíproca, põe em perigo a sua identidade individual, a imunidade é a condição que dispensa dessa obrigação e, para mais, da defesa contra os seus efeitos expropriadores.

contemporâneo é, antes de mais, um regime geral de vida caracterizado por discursos, práticas e técnicas próprias dos dispositivos imunitários. Os indivíduos são, por uma banda, sujeitos libertados da comunidade, isentos de qualquer obrigação coletiva ou compromisso comunitário. E, por outra banda, eles formam parte da sociedade sem necessidade de partilhar espaço com os demais indivíduos, vivem sós e livres sem autoridade exterior que associe as suas vidas. Finalmente, os indivíduos procuram imunizar-se ante os riscos e perigos da sociedade atual, tomar distância dos problemas coletivos e inibir-se dos mesmos como forma de assegurar a sua existência.<sup>327</sup> E neste processo é onde o teórico francês vai observar a realização contemporânea do paradigma imunitário (BROSSAT, 2008: 8-13); no qual os indivíduos renunciam a sua participação política e à gestão comunitária para procurar refúgio aos problemas da pobreza, a desigualdade ou a excussão apenas no interior da sua responsabilidade individual. A proposta de BROSSAT (2008: 10-14), fundamentada nas noções de ESPOSITO, vai então além da aproximação pós-política. Não estamos, por conseguinte, perante uma governança que unicamente subtrai a substância política, mas também ante uma política que imuniza os sujeitos como modo de governo a partir da ruptura da comunidade política. Quer dizer, as garantias imunitárias da vida política estão ligadas à neutralização do conflito político. E em oposição à democracia liberal constituída como comunidade política na que a briga política é consubstancial a sua formação, a política imunitária opera numa direção oposta, recusando o confronto. A pobreza, a exclusão ou as desigualdades são, por isso, destinos reservados para os “outros”, os não-imunes. E tais condições operam como barreiras abstratas que servem de emprazamento para as vidas irresponsáveis e negligentes, ou seja, as vidas contagiadas; descarregando aos restantes indivíduos da responsabilidade de pensar sobre os problemas reais que teriam ocasionado estas situações. Noutras palavras, exige aos sujeitos imunizados de enfrear os problemas coletivos da sociedade contemporânea.

A imunização acarreta, nesta análise, a neutralização da política democrática liberal num duplo sentido. Em primeiro lugar, a imunidade extingue a comunidade na que os indivíduos se integram como sujeitos políticos. Como sinala a tese aristotélica, o indivíduo é, ante tudo,

---

<sup>327</sup> Neste sentido, SALINAS (2014a: 277) salienta a ideia de imunidade como privilégio de determinados sujeitos, beneficiários a respeito das responsabilidades sociais ou políticas. Deste modo, a imunidade estaria associada a uma sorte de vantagem que exonera das obrigações sociopolíticas da comunidade.

ser político que se agrupa e vive em comunidade à vista de que é o espaço onde se realiza como verdadeiro sujeito social. Nesta sequência, a segregação dos indivíduos, a sua separação da comunidade, significa a perda da essência genuinamente política. Em segundo lugar, resultado do anterior, a neutralização do Estado, como expressão institucional da comunidade, converte-o num ente alheio e estranho ao indivíduo. E em contrapartida, os indivíduos não reclamam do Estado a sua regulamentação, mas a contrário, qualquer intromissão é percebida como negativa para o devir social. O Estado é só possível como um espaço neutro e inócuo, no que as regras do mercado são as que marcam o agir dos sujeitos e o desenvolvimento das suas potencialidades. O Estado não é mais o garante dos direitos e liberdades, mas uma máquina exterior que deve proteger dos riscos da vida em comum. Ao invés do relato político liberal, o que protege a vida social não é o reconhecimento de todos os indivíduos como formando parte de um mesmo espaço público, mas o seu isolamento. Deste jeito, a política neoliberal garante a vida, fundamentalmente, distanciando a uns sujeitos de outros: por uma banda, aqueles imunizados diante de qualquer sofrimento e, por outra, aqueles que ficam expostos por completo aos riscos e perigos. Em palavras de BROSSAT (2008: 9), a imunização constitui o isolante de proteção de uns indivíduos frente a outros, separando-os, privando-os da vida em comum e fazendo-os estranhos entre si.

A governança neoliberal, à vista disso, opera desde o dispositivo imunitário como forma de proteção dos indivíduos fechando-os no seu interior ante os riscos procedentes do exterior exposto ao contágio. A partir da fobia ao contato como o forâneo e a vulnerabilidade humana, os indivíduos são encaminhados para a sua própria proteção e segurança. Quer dizer, a política contemporânea age desde a insensibilização dos sujeitos ante as situações de conflituosidade. Para BROSSAT (2008: 56 e ss.) essa operação de supressão massiva da perturbação é possível através da anestesia como instrumento de neutralização. A anestesia é o mecanismo de imunização que permite os processos de pacificação entre os indivíduos da sociedade atual.<sup>328</sup> O conflito, longe de ser percebido como consubstancial à política, ele é colocado como o principal risco para o desenvolvimento da vida. Ele deve ser apagado,

---

<sup>328</sup> Segundo BROSSAT (2008: 32 e ss.) a dispositivo imunitário está relacionado com a chegada das técnicas anestésicas com base num saber científico encaminhado à produção artificial da insensibilidade social. Assim, o imunológico converte-s, nesta análise, na figura para explicar a sociedade nas suas funções de reprodução e relação com a vida (SALINAS, 2014a: 276).



através de sistema de anestesia social, como única garantia para a sua proteção. Segundo o francês, o modo anestésico por excelência do poder é o consenso. As chamadas ao acordo, ao pacto ou à negociação entre os diferentes sujeitos a fim de evitar o confronto e as ameaças de erosão social. Em conformidade com ESPOSITO (2006a: 160), já for a vida de um indivíduo ou a vida da espécie inteira, a política deve por a salvo a vida mesma, anulando qualquer risco de extinção. Desta premissa, vemos como o neoliberalismo rechaça a política, porquanto violenta toda ordem social, põe em causa a vida social e os equilíbrios instituídos. O seu objetivo é, para tanto, eliminar qualquer expressão de antagonismo ou dissidência, imunizando o corpo social. Isto é, libertando os sujeitos de qualquer obrigação com os demais membros da comunidade expostos às situações de desigualdades, da pobreza ou da exclusão. Os sujeitos convertem-se apenas em espectadores da realidade social e política, mas nunca se sentem interpelados por ela (BROSSAT, 2008: 76, 89).

A imunização implica, logo, uma insensibilização perante a realidade que apaga qualquer interação do sujeito com o seu exterior. Para isso, o corpo social é submetido a uma infecção para imunizá-lo – artificialmente - e fazê-lo mais insensível a qualquer contingência. O corpo é exposto, continuando nesta perspetiva, a todo tipo de desastres económicos, sociais, laborais, meio-ambientais, etc., que conduzem a uma cada vez maior anestesia social. Trata-se, seguindo ao francês, de um ato puro de medicalização do corpo social com um só objetivo: bloquear a sua sensibilidade. Neste sentido, vemos a inoculação de sobre-estimulações à que são submetidos na atualidade os indivíduos, especialmente, na sociedade das novas tecnologias e da informação (TV's, internet, computadores, telemóveis, etc.), dirigido, primeiramente, a insensibilizar. E a seguir, a incapacitar os indivíduos para reagirem perante qualquer das impressões quotidianas recebidas de modo constante por todos os meios. Elas são vistas, pela contra, como o melhor antídoto para se retirarem do espaço político. Pois libertados de qualquer compromisso com a sociedade, a salvaguarda da sua vida encontra-se na sua renúncia à condição política e ao seu retiro interior. A construção de uma barreira exterior que impossibilite o contato com os “outros”; em suma, que isole aos sujeitos dos restantes indivíduos ante o risco de perigo de contágio e perigo para a sua própria vida

estabelecendo, assim, uma barragem sanitária com o objetivo de impedir que o seu gênero de vida os contamine.<sup>329</sup>



---

<sup>329</sup> Segundo ESPOSITO (2005: 28; 2006a: 17, 38), esta operação imunitária esta dirigida a uma proteção negativa da vida. Uma forma de proteção da vida que tanto introduz a esfera negativa como positiva da biopolítica foucaultiana na medida em que ela é uma forma negativa de garantir a vida.



## CAPÍTULO 5. GOVERNANÇA GLOBAL E SOBERANIA ESTATAL

### 1. DECLÍNIO DA GOVERNANÇA GLOBAL

Desde a perspectiva (pós)foucaultiana, o advir neoliberal tem significado, com certeza, uma olhada substancialmente diferente dos processos sociais, políticos e económicos que desde os anos setenta do século XX se produziram a escala global. Desta análise, a penetração do capitalismo deve admitir no presente, antes de mais, a vocação regulamentadora da vida social desde o seu próprio interior, e não a simples submissão externa dos sujeitos para a sua exploração económica. Para HARDT e NEGRI esta função constitui, assim sendo, a exegese do capitalismo pós-fordista; pois o poder só alcança o seu verdadeiro domínio sobre a população quando ele chegar a se constituir numa função vital e integral que cada indivíduo apoia e reativa com a sua vontade (HARDT e NEGRI, 2002: 44-45). E seguindo esta interpretação, para tais autores, a expansão internacional do mercado capitalista transformou profundamente tanto a realidade sociopolítica do mundo, quanto o papel dos atores políticos até o momento hegemónicos como foram, principalmente, os governos estatais. Mais ainda, para HARDT e NEGRI (2002: 68-84) o processo de globalização teria desencadeado o surgimento de formas de poder supranacionais que, por consequência, corroeram irreversivelmente as soberanias, os territórios e as populações. Isto em confronto com as análises críticas realizadas à globalização capitalista, entre outros autores, por HARVEY (2012) ou ARRIGHI (2007), segundo os quais o expansionismo interestatal resulta imprescindível para entender e analisar o capitalismo atual. Para HARDT e NEGRI (2002: 295) ter-se-ia desenvolvido, nomeadamente em Ocidente, uma nova forma de soberania imperial de natureza global, pós-moderna e biopolítica designada por *Império*, numa lógica diametralmente contrária às formas de soberania moderna de tipo nacional e territorialmente balizada (HARDT e NEGRI, 2002: 14; cfr. SALINAS, 2014a: 233). Tratar-se-ia de uma

forma de poder descentralizado, flexível e universalizante que captura a vida global e radicaliza a geografia económica do mundo de tal modo que resulta impossível explicar desde o paradigma do “imperialismo moderno”<sup>330</sup> o devir da economia mundial.

TABELA 5.1

Imperialismo	Império
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modernidade</li> <li>• Interestatalidade soberana</li> <li>• Estados como centro de decisão</li> <li>• Dominação centro/periferia</li> <li>• Estado vs. povo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pós-modernidade</li> <li>• Ordem jurídico global</li> <li>• Declínio do Estado-nação</li> <li>• Mundo interligado</li> <li>• Império vs. multidão</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poder estatal</li> <li>• Poder territorializado</li> <li>• Poder centralizado</li> <li>• Poder balizado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poder sobre a vida</li> <li>• Poder desterritorializado</li> <li>• Poder descentralizado</li> <li>• Poder universalizante</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

Conquanto não cabe dúvida do atrativo da proposta negriana, reinterpretando por seu turno a tese biopolítica de FOUCAULT, para debruçarmos, por uma banda, sobre a internacionalização da economia e, por outra, sobre a sua interiorização no corpo social; como veremos, tais transformações económicas, culturais ou jurídicas nas fronteiras estatais não acarretaram a total desapareção da soberania estatal como sinalaram redondamente HARDT e NEGRI. Por outras palavras, a amplificação do mercado e os processos de governança internacional, decerto, patrocinados pelo neoliberalismo no último terço do século XX através

<sup>330</sup> O “paradigma imperialista” tem sido o principal recurso teórico crítico para explicar o desenvolvimento do capitalismo e, notadamente, a sua expansão desde o Ocidente face outros territórios, tais como América do Sul, Ásia ou África, por meio do colonialismo. Neste sentido, é crucial o nomeado livro de LENIN, “O imperialismo, fase superior do capitalismo” publicado em 1916 (2012). Nele o autor caracteriza o colonialismo como uma etapa final do capitalismo e, em modo algum, explicando-o como um processo natural da economia política. Para LENIN, o imperialismo é a tentativa do capital de fugir da sua fase de estagnação dentro dos Estados nacionais e modo de recuperação das taxas de lucro. Segundo o autor, o imperialismo trai como resultado a formação de grandes monopólios, a fusão do capital industrial e o capital financeiro, a formação de cartéis e, principalmente, a divisão do mundo entre as potências imperialistas que, por seu turno, concorrem entre si no mercado global. Vid., por todo, sobre a tensão *imperialismo-império*, BORON (2002).

da criação de organismos como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial,<sup>331</sup> o denominado Consenso de Washington,<sup>332</sup> a Organização Mundial do Comércio<sup>333</sup> ou a nível regional a União Europeia,<sup>334</sup> não supôs o fim dos centros de decisão estatais, das fronteiras externas e internas ou das hierarquias políticas (HARVEY, 2008: 3-12). Bem ao contrário, o decorrer do tempo mostrou as importantes limitações da proposta HARDT e NEGRI, especialmente desde a *Grande Recessão* de 2008, para entender a desregulamentação económica, principalmente, na sua dimensão financeira, à que foram submetidos à prática totalidade dos países ocidentais e as suas consequências nos modos de governo.

### 1.1. Ativação e reativação estatal

Resulta uma questão pacífica hoje reconhecer o grande o impacto produzido pela onda económica das políticas neoliberais tanto nas soberanias estatais quanto nas suas formas de regulamentação. Resultado principalmente do carácter internacional, variável e instável do capital financeiro que foi convertido no autêntico motor do conjunto da economia mundo de fora do controlo estatal tradicional (ARRIGHI, 2007: 270 e ss.; HARVEY, 2004: 79 e ss.). Porém, como trataremos de apontar, a queda da capacidade soberana nacional não teria sido a consequência, mas a causa do processo da globalização neoliberal, da que os próprios Estados foram e seguem sendo ativos protagonistas. Igualmente insuficientes teriam sido aquelas afirmações do declínio da soberania nacional, bem como da subordinação dos Estados-Nação

<sup>331</sup> Os acordos internacionais denominados como Bretton Woods foram realizados em 1944 ao amparo das Nações Unidas com a finalidade de regulamentar o comércio e as finanças a nível global, fundamentalmente, através da criação do Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (HARVEY, 2008: 7).

<sup>332</sup> O “Consenso de Washington” foi o nome que recebeu o conjunto de reformas económicas impulsionadas desde os anos oitenta vocacionadas à mutação do Estado, que deixaria tanto espaço livre quanto possível ao mercado em fase expansiva, como forma de recuperar a taxa de lucro num processo de rearticulação do sistema de dominação para a nova forma global de acumulação (HARVEY, 2008: 7; MONEDERO, 2017: 193).

<sup>333</sup> Como resultado da construção de um novo espaço internacional de relações económicas em 1995 cria-se a Organização Mundial do Comércio, à margem dos acordos de Bretton Woods. Trata-se da principal organização dirigida à implementação de planos económicos e financeiros a nível internacional com a única função de garantir a expansão das políticas neoliberais (HARVEY, 2008: 3-5).

<sup>334</sup> Desde os anos cinquenta no contexto europeu vão-se articulando uma série de tratados internacionais encaminçados à criação de uma Comunidade Económica Europeia cujo objetivo é a posta em andamento de um mercado único na Europa. A partir dos anos noventa, após a aprovação do Tratado de Maastricht (1992), e a sua transformação já em União Europeia, é que se estabelece um autêntico sistema político de governança comum, consideravelmente reforçado com a criação de um sistema monetário em 2002, dotado de um Banco Central Europeu encarregado de definir e executar a política monetária. Porém, as suas funções também abarcam ajustar as políticas nacionais dos Estados membros no âmbito orçamentário e mesmo governativas através, principalmente, de normas de tipo económico (LAVAL e DARDOT, 2017: 96-97).



com base na emergência de uma nova soberania internacional em combate contra a insegurança mundial, em concreto, a partir da exposição realizada por AGAMBEN (2005: 20-21) ao redor do ressurgir de um excecionalismo global. Uma proposta teórica suplementar ao diagnóstico negriano e especialmente interessante para compreender a expansão global das políticas securitárias e punitivas da última década em Ocidente (LÓPEZ PETIT, 2003; PAYE, 2008). Porquanto, segundo o filósofo italiano, o século XXI estaria conduzido por um processo expansivo do *poder do soberano* que alteraria substancialmente a forma como os Estados tinham abordado a sua segurança num contexto de debilidade e fraqueza política e institucional.<sup>335</sup> No entanto, no final da primeira década de dous mil, entre outros motivos, depois da crise económica atingir os pontos fortes das principais potências que financiavam a expansão global permanente,<sup>336</sup> os diferentes Estados começam a reconduzir as suas forças, reencaminhando-se para o interior dos seus territórios e as suas populações, repregando, notavelmente, a estratégia internacionalista aberta neste período.<sup>337</sup> Assim sendo, a proposta agambeniana teria obviado a complexidade do diagrama de poder da racionalidade neoliberal, rechaçando totalmente os elementos estatais na gestão do conflito e a possibilidade de intervenção direta dos Estados ante a incapacidade de serem sustidos no tempo os seus objetivos últimos (BUTLER e SPIVAK, 2009: 50, 69-73; GUARESCHI e RAHOLA, 2011). Deste jeito, teria atribuído a este processo uma excessiva transcendência à capacidade decisória de um soberano internacional, também questionável, quando o passar dos acontecimentos mostrou a existência de um componente mais conjuntural do que estrutural de uma época abertamente globalizada, quanto ao surgir das lógicas nacionais de soberania.

---

<sup>335</sup> A luta contra o terrorismo e a procura da segurança desde os atentados do 11 de setembro de 2001, colocaram os Estados num combate à margem da guerra tradicional. Tratar-se-ia de uma luta na que não existe uma ruptura entre a paz e a guerra, senão um *continuum* onde a lei ordinária, garante dos direitos fundamentais, é substituída por uma lei excecional onde tais direitos são apagados. As regras rígidas dos Estados, as fronteiras e os princípios da gestão de segurança são alterados num conflito assimétrico e difuso. Para uma aproximação, PIRIS (2007), HARDT e NEGRI (2004), WALZER (2004).

<sup>336</sup> Porém, compre não desvalorizar outras circunstâncias que relegaram a luta contra o terrorismo global, tais como a progressiva perda de peso internacional dos EUA (WALLERSTEIN, 2005), a chegada à presidência dos EUA de Obama em 2009 mais favorável a um relaxamento das medidas antiterroristas (OBAMA, 2013), ou o surgimento de outras prioridades políticas, nomeadamente centradas no fenómeno migratório, que passam a ser atendidas a partir de 2017 com a presidência de Trump, como elementos centrais (TRUMP, 2017).

<sup>337</sup> Resultam bem reconhecíveis as transformações produzidas nas políticas de segurança interior e exterior dos diferentes Estados após os factos acontecidos o 11 de setembro de 2001 e a posterior ofensiva internacional lançada pelos EUA e outros Estados após a denominada *Guerra Global Contra o Terrorismo*, na que os diferentes países ocidentais colocaram a defesa da segurança nacional como o grande repto deste tempo, cfr. *The Project for the New American Century*, 1997-2006. Vid, por todos, PAYE, 2008; LAURENT, 2003; HALLIDAY, 2004

Nesta sequência, aquilo que verificamos, tanto na perspectiva negriana, quanto agambeniana é, sem dúvida, uma recondução nas formas de gestão do conflito, resultado, como trataremos de analisar, de uma crise na formulação e expansão do neoliberalismo saído da reestruturação de setenta. Um modo de governo que desloca do seu horizonte a procura, em termos schmittianos, de uma “decisão soberana global”, com o objetivo único e prioritário de estabelecer uma segurança internacional ameaçada por múltiplos perigos e riscos (BAUMAN, 2004b; BECK, 2002; LÓPEZ PETIT, 2003). E perante as dificuldades para sustentar uma ordem normativa supranacional capaz de alterar o exercício da soberania interna e externa dos Estados, certificamos um retorno ao poder do Estado-Nação. Ou o que é o mesmo, uma intervenção do *soberano nacional*, num cenário aberto, difuso e assimétrico de recomposição do capitalismo global. Sendo assim, havemos sinalar, no novo quadro analítico das tecnologias do poder contemporâneo, uma comprida crítica àquelas propostas que atribuíram uma dimensão tão radicalmente global ao fenómeno soberano, anunciando a abertura de uma nova fase global do governo neoliberal. Em palavras de HARDT e NEGRI (2002: 13), “*do mercado global e dos circuitos globais de produção surgiram uma nova ordem global, uma lógica e uma estrutura de domínio novas: em suma, uma nova forma de soberania (...) que governa o mundo*”; porém, esta nova fase veio a decrescer rapidamente ante a perda da hegemonia económica, particularmente, dos EUA e, em geral, com o capitalismo global a experimentar uma prolongada crise a partir de 2008.<sup>338</sup> Ora, para além do debate sobre as motivações económicas desta operação internacional, basta, inicialmente, apontarmos como após a *Grande Recessão*, aquilo que aconteceu em direção oposta ao prognosticado por HARDT e NEGRI (2002: 285), foi uma das maiores intervenções dos Estados no mercado desde a II Guerra Mundial. E as soberanias nacionais em situação de declínio, mais do que serem substituídas por uma soberania biopolítica com capacidade decisória imperial (HARDT e NEGRI, 2002: 45), provocou uma volta à dominação soberana interestatal.

---

<sup>338</sup> Um fenómeno que SASSEN (2010) descreveu como uma nova montagem do território, as populações e a autoridade a partir da irrupção das novas realidades políticas, económicas, política e até tecnológicas inscritas na relação entre o nacional e o global.

Isto é, a fase expansiva do capitalismo aberta com a inauguração do projeto neoliberal<sup>339</sup> chegou ao seu teto. Este modelo de crescimento, em constante aumento e internacionalização, que penetrou no corpo social como nunca antes na história, sem possibilidade praticamente de qualquer forma de controlo à margem de fronteiras, territórios e populações, encontrou o seu limite. E a sustentabilidade deste percurso iniciado pelo capital acabou por estourar em 2008 numa intensa crise (HARVEY, 2012: 7-16), e com ele pondo em causa toda a estrutura política e económica do capitalismo contemporâneo. A impossibilidade de garantir o crescimento económico, que a “economia real” já não era capaz de produzir, por via dos mercados financeiros, tornou numa desestabilização do próprio processo de financiarização que teve o seu corolário final na explosão do fenómeno creditício e o correspondente endividamento.<sup>340</sup> A começar pelos EUA, com a crise das designadas como hipotecas *subprime*, mas logo contagiado à totalidade dos Estados europeus e, por último, colocando em risco o conjunto do sistema económico ocidental,<sup>341</sup> produz-se uma espetacular crise de liquidez global ante as hipóteses de falta de cumprimento com os contratos das hipotecas e créditos que se converteram no verdadeiro motor da lógica de acumulação neoliberal.<sup>342</sup> A sua vez esta situação não fez mais do que multiplicar o temor e o risco de

<sup>339</sup> Aponta HARVEY (2008: 4-9; 2012: 12-39) como elementos principais no terreno económico para entender este processo expansivo: a) a ruptura dos acordos de Bretton Woods e b) o abandono do padrão ouro para fixar a convertibilidade do dólar. Pois, desde esse momento os capitais norte-americanos transformaram radicalmente as relações económicas, substituindo o crescimento industrial até então predominante, pelo crescimento financeiro global, dando lugar a uma economia altamente volátil e baseada, antes bem, no risco e na especulação. No entanto, compre termos em consideração nesta análise que a financeirização da economia não é propriamente um processo original do capitalismo contemporâneo, como assinalou ARRIGHI (2006) no seu estudo diacrónico sobre a formação do capitalismo. Desde os seus começos, sinala o autor, a financeirização forma parte de uma dinâmica específica que serviu para a concentração de poder durante a sua história.

<sup>340</sup> Trata-se de um crescimento baseado unicamente nos rendimentos financeiros e de modo independente da verdadeira taxa de crescimento na economia produtiva. Para abordar o endividamento na crise 2008 e as suas consequências no sistema capitalista, vid., desde diferentes perspetivas, KRUGMAN (2012), STREECK, W. (2017), bem como LAPAVITSAS *et al.* (2012) ou LAZZARATO (2013). Para uma aproximação ao caso espanhol, por todos, LÓPEZ e RODRÍGUEZ (2010: 77 e ss., 90 e ss.)

<sup>341</sup> As designadas como hipotecas *subprime* (hipotecas de alto risco) constituíram uma modalidade creditícia do mercado financeiro dos EUA dirigidas, especialmente, a pessoas com baixa capacidade económica e, para tanto, com um alto risco de incumprimento. Como aponta HARVEY (2008:7-9), a crise hipotecária eclodiu no momento em que os investidores perceberam sinais de alarme perante a eventualidade de um incumprimento generalizado dos créditos emprestados, e as entidades bancárias tomaram como decisão aumentar os juros. O aumento gradual das taxas de juros não fez mais do que aumentar os incumprimentos contratuais desse tipo de empréstimos, aumentando a taxa de inadimplência e o nível de execuções hipotecárias. E em 2007 o problema da dívida hipotecária *subprime* tornara-se já numa grande crise internacional, contagiando por completo o sistema de creditício.

<sup>342</sup> Segundo LÓPEZ e RODRÍGUEZ (2010: 378 e ss.), a partir de 2005 a política monetária dos EUA começara a mudar com uma pequena sucessão de aumentos nas taxas de juros. A contradição de interesses dentro do comando financeiro era evidente: as políticas destinadas a manter o valor do dólar, a fim de atrair

incumprimentos contratuais pola rede do tecido financeiro. Isto levou, a continuação, para uma situação de falência a indivíduos, a corporações e os próprios Estados ante a falta de acesso a mais recursos creditícios que, para então, viraram já praticamente a principal e quase única fonte de injeção das economias capitalistas. Como afirmam LÓPEZ e RODRÍGUEZ (2010: 379), a construção de um modelo de crescimento baseado na economia da especulação, principalmente imobiliária, acabou por desmoronar o sistema financeiro. Segundo os autores, a banca, proprietária de uma enorme quantidade de hipotecas de alto risco e outros produtos análogos, arrastou o conjunto da economia, à vista de o mercado creditício começar a ceder e, por se turno, o capital fictício criado ao seu redor esvaeceu-se ao carecer de suporte suficiente na “economia real”.

Para além da análise exaustiva das causas deste colapso económico que, em última análise, ultrapassam o objeto de estudo deste trabalho, a crise de financiarização aquilo que manifesta é a insuficiência do recurso ao crédito e ao endividamento como forma de progresso económico no presente. Ou como aponta MARAZZI (2009: 31-32), assistimos verdadeiramente a um contexto de esgotamento das bases tecnológicas do fordismo e, para tanto, da valorização do capital na economia produtiva. Desta ótica, a financiarização resultou ser o caminho, afinal infrutuoso, elegido pelo neoliberalismo para a expansão económica em Ocidente.<sup>343</sup> Porém, talvez o mais interessante deste processo, para a nossa pesquisa, não tenham sido tanto as causas como as consequências da desregulamentação dos mercados financeiros em relação à expansão das finanças que se produziu sobre o corpo social como modo de governo da população. Como assinala LAZARATTO (20013: 15-23), o processo de financiarização e, por conseguinte, a expansão creditícia, permitiu seguir produzindo bens e serviços de maneira interrompida, desfigurando a tradicional relação capital/salário como forma preponderante de organização social. Esta passou a ser, então, recolocada numa economia da dívida baseada na relação credor/devedor, a medida que os rendimentos

---

ativos financeiros de todo o mundo, eram surpreendentes como consequência de taxas de juros cada vez menores. Em suma, a pressão descendente sobre o dólar ameaçou a capacidade dos EUA de continuar sendo o destino preferido do capital excedente no conjunto do mundo. A resposta financeira foi uma redução nas taxas de juros de longo prazo que ficaram abaixo das taxas de curto prazo. Os bancos então lançaram com força renovada o negócio *subprime* e alavancaram as operações, tornando o problema ainda mais profundo.

<sup>343</sup> Certamente, a financeirização tem a ver com o colapso da organização do trabalho nos países industrializados e, para tanto, com o conjunto de transformações a ela associadas, tais como a automatização, robotização, terceirização, etc.; porém, este processo resulta diferente noutros territórios do *sistema-mundo*. Cfr., neste sentido, FUMAGALLI *et al.* (2009).

económicos dos indivíduos deixavam de serem obtidos, no fundamental, no mundo do trabalho e se realizavam através de variados sistemas de endividamento dependente dos mercados.

Essa propagação, já agora alastrada pelo conjunto do sistema financeiro global, acarretou definitivamente uma profunda instabilidade, insolvência crónica e desemprego maciço. Em primeiro lugar, importantes capas das sociedades ocidentais não conseguem pagar os créditos contraídos, impossibilitando o seu acesso aos mais básicos bens e serviços, quando não foram diretamente expulsos do circuito social de uma economia exclusivamente especulativa e de consumo (BAUMAN, 2007a: 166). Como efeito desta situação de falência, assistimos a uma perda de poder aquisitivo *in crescendo* no conjunto da sociedade e no seu tecido económico, vendo-se também notadamente afetados os ingressos públicos. Os Estados, ante esta falta de recursos, no fim de garantirem a sua própria segurança e serviços, recorrerem ao endividamento através de créditos. E ainda, a resgatarem com o dinheiro público o sistema bancário em quebra, que, em última análise, ameaçava com derrubar a ordem económica e política. Como assinalamos, isto vai provocar um aumento ainda maior da dívida estatal, que ascende rapidamente no período de 2008 a 2015 a níveis inaceitáveis para a maioria dos Estados. Como resultado, os governos vêm-se abocados não só a destinar ingentes quantidades de dinheiro dos seus orçamentos ao pagamento da dívida com juros cada vez maiores fruto da desconfiança ante o risco de falta de liquidez, mas a recorrer a novos endividamentos para satisfazer os credores, envolvendo-se num círculo vicioso de *dívida-crédito-dívida* encaminhado irremediavelmente face um empobrecimento continuado.<sup>344</sup> À vista disso, o autêntico colapso do processo de financeirização acabou por derivar numa crise do sistema. E embora, para HARVEY (2012:215-229), as crises são consubstanciais ao sistema de organização política do capitalismo porquanto elas são uma das maneiras de o capital se renovar; o autor adverte na crise atual componentes muito particulares que colocam o sistema num ponto de não retorno.<sup>345</sup> Igualmente, factos como a perda da influência dos EUA, a crise de governabilidade da União Europeia, nomeadamente após a aprovação da

---

<sup>344</sup> Para uma análise pormenorizada, vid., por todos, KRUGMAN (2009, 2012), STIGLITZ (2013), STREECK (2017).

<sup>345</sup> Para o autor estariam a operar mudanças na distribuição geopolítica do poder político a nível global ante a crise de hegemonia dos EUA e as dificuldades para avançar da União Europeia para liderarem uma reestruturação económica e a emergência da China e dos BRIC's.



saída do Reino Unido em 2016, ou a forte irrupção de forças políticas identitárias, xenófobas e racistas em diferentes Estados (SASSEN, 2010; FRASER, 2017), entre outros acontecimentos, não fazem mais do que apontar para o declínio da atual internacionalização económica como mecanismo eficiente de autorregulamentação, bem como para a queda dos mercados financeiros como o motor de crescimento. Em suma, a *Grande Recessão* chama, como têm apontados diferentes vozes,<sup>346</sup> para o seu fim à época neoliberal, tal como ela fora configurada desde a década de setenta. No entanto, como trataremos de mostrar, conquanto para a análise antineoliberal não seja possível sustentar que o mercado ele sozinho vai resolver a crise após os acontecimentos de 2008, tampouco significa isto que o projeto neoliberal esteja a se extinguir. Em palavras de FRASER (2017), seria, antes bem, a versão “progressista” do neoliberalismo a que estaria a desaparecer e, ao tempo, a ser substituída por uma outra forma de governança neoliberal capaz de administrar a instabilidade sistémica.

Desta visão, a crise de 2008 não seria nem uma crise técnica, nem uma crise organizativa do modelo económico, mas, como trataremos de acreditar, uma crise no modo de governar. O capital, e concretamente o capital financeiro, e a gestão da vida estão entrelaçados e são inseparáveis (FUMAGALLI, 2009: 99-123). Portanto, a crise do sistema financeiro é, por consequência, uma crise do biopoder capitalista como forma de administrar a população. Pois, como assinala MARAZZI (2009: 40-41), o (bio)capital vocacionou-se à apropriação dos corpos como o instrumento de valorização no seu conjunto. E a atual crise económica global aquilo que mostra é, logo, a inconsistência sistémica e estrutural do mecanismo financeiro de governo incapacitado para gerir a instabilidade unicamente por meio do livre mercado (FUMAGALLI, 2009: 119-120). Desta forma, a análise da governamentalidade neoliberal-financeira vai além das suas condições de sustentabilidade técnica ou organizativa, para se situar na subsunção da vida nas finanças. Porquanto a economia financeira invade ou, mesmo, coopta, os sujeitos, introduzindo-se capilarmente pelo conjunto do tecido social e em todas as esferas da vida, como foi amplamente exposto em capítulos anteriores. A crise financeira é, em suma, uma crise do controlo biopolítico, uma crise de governo perante a sua instabilidade sistémica.

---

<sup>346</sup> Por todos, a seguir, abordaremos a proposta realizada por STREECK (2017a), a partir das achegas de autores como WALLERSTEIN, COLLINS, MANN, DERLUGUIAN ou CALHOUN.



## 1.2. Crise de governabilidade

Segundo o sociólogo alemão STREECK (2017a: 80-81), na realidade o aparente sucesso do programa neoliberal desde os anos setenta não resolvera verdadeiramente a crise capitalista. Foi, nas suas palavras, “*uma vitória pírrica*” que implicou uma sorte de autofagia política fundada na financeirização, a globalização e o endividamento.<sup>347</sup> E a crise de 2008 supôs, principalmente, o limite desta estratégia como remédio para a manutenção do sistema de governo.<sup>348</sup> Na potente análise deste autor, os seus efeitos não se fizeram aguardar uma vez esgotados todos os instrumentos que permitiram alimentar o maquinário político neoliberal. Em primeiro lugar, destaca a estagnação económica, produto do freio dos setores produtivos e a baixa taxa de lucro que teria provocado não só um período praticamente sem crescimento económico, mas também um contexto de falta de certeza e segurança de um horizonte certo de superação. Em segundo lugar, as dívidas públicas, cujos níveis se encontram nos pontos mais altos, teriam submetido os Estados (com destaque no caso europeu para os denominados GIPSI: Grécia, Irlanda, Portugal, Espanha e Itália) às duras “políticas de austeridade”, encaminhadas à redução das despesas públicas, especialmente, no plano social, e a importantes reformas laborais.<sup>349</sup> Este conjunto de medidas foram prescritas como a única garantia para a diminuição da dívida pública, mas também se converteram no principal impedimento para o crescimento, aprofundando na situação de recessão. Em terceiro lugar, situa o autor a desigualdade social e económica em aumento, consequência, por um lado, da contração das garantias sociais estatais e, por outro, das chamadas políticas de “recuperação” centradas no aumento da competitividade, que acrescentaram a necessidade de flexibilização e de precarização do mercado trabalho, empiorando substancialmente as condições de vida de importantes capas sociais (STREECK, 2017a: 65-95).

---

<sup>347</sup> Numa visão suplementar, JAPPE (2019) insiste na ideia da autofagia do capitalismo para descrever as dinâmicas da sua crise sistémica desde a década de setenta, tais como a quebra económica, a coerção estatal, as violências sociais extremas, a falta de solidariedades ou a produção de sujeitos narcisistas.

<sup>348</sup> Para uma relação das principais crises no ciclo 1973-2009, vid. HARVEY (2012: 231-232).

<sup>349</sup> As designadas por “políticas de austeridade” foi a resposta dada pelo Banco Central Europeu, a Comissão Europeia e o Fundo Monetário Internacional, sob a denominação jornalística de “Troika”, à crise de 2008, como medidas destinadas aos diferentes governos dos Estados europeus a recuperarem o crescimento económico através da redução dos déficits e da dívida pública. As “políticas de austeridade” centraram-se principalmente na contração das despesas públicas e na contenção salarial. Para uma aproximação crítica, entre outros, vid. NAVARRO (2012).

Contudo, STREECK (2017a: 97-120) ainda apontaria, na nossa opinião, para um quarto elemento a termos em consideração: a crise institucional-democrática. Para o autor, a ausência de controlo político do capital financeiro por parte dos Estados, impediu e impede submeter a tomada de decisões económicas aos processos de deliberação democráticos. Pois na realidade os Estados vêm-se obrigados, fruto dos pactos e acordos com os organismos internacionais e outras agências, a tomar decisões executivas, apresentadas como reformas “técnicas” para voltar ao crescimento, mas que se trata de decisões autenticamente políticas e ideológicas com base na racionalidade neoliberal. Conforme, explicita o sociólogo alemão, “*agora os Estados estão situados dentro dos mercados, em lugar dos mercados dentro dos Estados*” (STREECK, 2017b), como resultado da dependência do crédito e do equilíbrio orçamentário ao que são compelidos. Com isto, aliás, os Estados incorporam para a sua gestão quotidiana toda uma série de rigorosas medidas de governança tecnocrática que lesionam, como sinala BROWN (2015: 279-311), o sistema institucional-democrático e furtam o debate político inerente à ação pública.

Tudo o descrito, a saber, a estagnação económica, a dívida pública, a crescente desigualdade e a crise institucional-democrática, levaram ao autor alemão a prognosticar a incapacidade do atual capitalismo neoliberal, e o seu aparelho jurídico-político, para sustentar uma sociedade estável e pacificada. Em tal efeito, a *Grande Recessão* colocou para STREECK (2017: 20-31) no palco político o fim do capitalismo, fazendo-se eco dos trabalhos de WALLERSTEIN, COLLINS, MANN, DERLUGUIAN e CALHOUN,<sup>350</sup> para os quais a viabilidade do capitalismo neoliberal está posta em causa, quer seja pelos seus custos sociais e ecológicos, pelas repercussões políticas do desemprego maciço e estrutural, pelo impacto das novas tecnologias ou mesmo pela geopolítica militar que deste contexto se derivar. Pois todos os eventos descritos são as peças de um complexo processo de declínio que, conquanto não exista para os autores de referência um cenário único de futuro, resultaria inquestionavelmente a queda da governabilidade atual e a abertura no curto e meio prazo de uma política económica encaminhada para o colapso. Para os autores, não existem, estão, dúvidas de a sociedade capitalista se estar a desintegrar desde o seu interior, fruto das suas

---

<sup>350</sup> Em concreto, STREECK refere-se ao livro coletivo “*Tem futuro o capitalismo?*” (2015), da autoria de WALLERSTEIN *et al.*, no que é abordada, desde diferentes perspetivas teóricas, a crise estrutural do capitalismo atual.

contradições que a cada dia se estão intensificando. No entanto, para além de acreditar no fim do capitalismo, os autores de referência também apontam em que ele não vai desaparecer tão rapidamente, mas vai ficar agonizante durante um longo período. Parafraseando o célebre fragmento dos *Quaderni del cárcere* escrito na década de trinta por GRAMSCI, o capitalismo antes do que se retirar definitivamente, passará para um interregno “*morbosi*”,<sup>351</sup> onde ainda bem presente, ficará em estado decomposição e com um comportamento imprevisível. Segundo STREECK (2017:55), neste estágio o neoliberalismo não dará origem a uma nova ordem social, mas uma desordem, uma sociedade carente de instituições capazes de gerar consensos, certezas e normalidade. A vida está, logo, complementada soa diante das ameaças e inseguranças, exigindo improvisação e ousadia para ultrapassar os riscos de uma vida levada, material e simbolicamente, para a precariedade (LOREY, 2016: 70). A desestabilização converte-se, por seu turno, na normalidade, e o conflito e a precariedade são dois dos elementos característicos deste cenário *morbosi*. Consequentemente, estes não são adversidades a resolver pelos governos, senão que fazem parte estrutural da realidade de submetimento da vida à lógica do (bio)capital na sua fase atual.

Esta situação de instabilidade e ingovernabilidade, sem comparações desde a II Guerra Mundial, funde as suas raízes nas crises que desde os anos setenta se foram produzindo e acumulando, mas também nas transformações sociais e políticas que desde esse momento se vêm realizando. Deste modo, o eventual capitalismo que descreve sucedidamente o sociólogo alemão, não põe em causa a racionalidade neoliberal que devagar foi penetrando em todas as esferas económicas, políticas e sociais. E os sujeitos confrontaram esta realidade, como reconhece o próprio STREECK (2017: 262), desde a exacerbação do *ethos* neoliberal: o *homo economicus*, que de jeito racional, ativo e reflexivo se tem de bater com os novos riscos do capitalismo em decomposição, ampliando o seu “capital humano”, esforçando-se por ser um sujeito mais produtivo e, assim, concorrer com as máximas hipóteses num mercado desestruturado e agressivo. Mais ainda, o *homo economicus* amplia a economização da vida que vai além da empresarialização de si, para se converter, numa financiarização de si,

---

<sup>351</sup> Escreve GRAMSCI (1975: 311), de forma absolutamente esclarecedora, “a crise consiste; precisamente, em que morre o velho sem que possa nascer o novo e, nesse interregno, podem ocorrer os mais diversos fenómenos de morbidez”.

procurando capitalizar até as esferas mais banais de sua existência (FEHER, 2009). Aliás, a extensão da vida produtiva além da *forma-emprego*, convida os indivíduos a exprimir todas as hipóteses para gerar ingressos, nomeadamente, a partir das novas tecnologias conforme multiplica as possibilidades de rentabilizar a própria vida. A racionalidade neoliberal, nesta conjuntura, radicaliza, se calhar ainda mais, a lógica do valor sobre a vida, transformando-a no suporte ótimo para a valorização capitalista (COMITÉ INVISÍVEL, 2017: 99-100).

Sem prejuízo, pois, das causas da *Grande Recessão*, que como indicamos ultrapassam este trabalho, compre matizar com MÁIZ (2017: 23-50), que a natureza da crise sistémica não é económica *stricto sensu*, mas, fundamentalmente política. Quer dizer, longe dos processos naturais ou dos ciclos económicos, têm sido verdadeiras decisões políticas as que provocaram no passado e administram no presente a crise. Nem a desregulamentação dos mercados financeiros, nem a privatização dos sectores estratégicos, como tampouco as medidas de ajuste ou a contenção do gasto, impulsionadas pelas “políticas da austeridade”, encontram resposta num fenómeno natural do mercado. Bem pela contra, tais medidas são o resultado do desenvolvimento até as últimas consequências do projeto neoliberal, e da introdução da sua racionalidade de governo fundamentada na economização da vida social e a pós-politização das instituições. Assim sendo, o neoliberalismo pôs em andamento um conjunto de reformas políticas, técnicas e organizativas encaminhadas para a adaptação do Estado ao este cenário, a saber, a desmontagem das agências de proteção social, a privatização de serviços básicos e a modernização da administração pública; porém, paralelamente, deixou também o capital económico e, especificamente, o financeiro, sob o controlo das próprias instituições. São, deste jeito, estes atores os verdadeiros diretores da tomada de medidas que estabelecem o, cada vez mais estrito, margem de atuação política diante da recessão. Em efeito, a influência do Fundo Monetário Internacional, do Banco Central Europeu, da Comissão Europeia e outros organismos reguladores tais como entidades financeiras internacionais, agências de notação de especialistas, agências de rating, que se retroalimentam mutuamente, os que corroem gravemente os processos deliberativos e democráticos dos Estados e impedem adotar políticas públicas além das negociações e acordos económicos pactuados (BROWN, 2015: 291).

TABELA 5.2

Características	Neoliberalismo “pre-crise”	Neoliberalismo “pós-crise”
<b>Estado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado neutral</li> <li>• Não intervenção pública</li> <li>• Desregulamentação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estado forte</li> <li>• Intervenção pública de exceção</li> <li>• Resgate estatal</li> </ul>
<b>Mercado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Liberalização total</li> <li>• Espaço desregulamentado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Correção estatal de insuficiências</li> <li>• Estado e mercado parte de um mesmo espaço</li> </ul>
<b>Sociedade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sujeitos espontâneos</li> <li>• Sujeitos auto-regulamentados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sujeitos (neo)disciplinados</li> <li>• Sujeitos punidos</li> </ul>

Fonte: PEULLO-SOCARRÁS (2013: 12)

Estes elementos conduzem, seguindo ZIZEK (2012: 8, 426), os Estados modernos para contextos de ingovernabilidade e de erosão do sistema institucional-democrático, bem como para sociedades profundamente desiguais e precarizadas. Bem assim, desta visão, a natureza do neoliberalismo estaria reduzida, novamente, à sua dimensão economicista e, portanto, o seu devir estaria irremediavelmente ligado ao porvir do programa económico. No entanto, da perspectiva foucaultiana o neoliberalismo é um projeto multidimensional no que a economia, sendo uma parte determinante, é apenas uma das instâncias que o conformam; existindo, então, outras dimensões de relacionamento não estritamente económicas e também fundamentais na caracterização da tecnologia governamental neoliberal. Destarte, a crise que atravessa o capitalismo contemporâneo, longe de ser o final da hegemonia neoliberal, é, logo, um processo de aprofundamento e procura de novos percursos para se reconfigurar desde o seu interior. Como sugere PECK (2016), seguindo no substancial a mesma tese, o neoliberalismo não se circunscreve nem a posições ideológicas ortodoxas e predeterminas, nem a um programa de políticas públicas concreto. É por isso que temos que pensar no neoliberalismo como um complexo processo multipolar, com variadas conexões, mas que é sempre específico e dependente do contexto. Desta forma, o “*neoliberalismo realmente existente*”, como ele é definido pelo autor, é sempre dependente de um contexto específico e, portanto, ele deve ser percebido como um processo que tem a ver com um conjunto específico de estratégias de Estado e de transformação social. Mas o campo no que essas estratégias são

ensaiadas e aplicadas é altamente diferenciado e, assim sendo, os objetivos das reformas neoliberais são muito diferentes no tempo e no espaço. Não devemos esperar que um processo generalizado do neoliberalismo produza resultados uniformes, pois está na sua natureza ser um processo desigual que ocorre em terrenos irregulares e produz resultados ainda mais desiguais. Em síntese, no neoliberalismo existe uma tensão persistente entre uma visão utópica de uma determinada ideologia neoliberal e a realidade prática do neoliberalismo que realmente existe. Desta posição, a fase aberta desde 2008, onde algumas das funções mais importantes do projeto neoliberal foram danadas, não nos impediria acreditar na plena vigência do neoliberalismo, nem na sua continuidade como um sistema dominante apesar de ter perdido decerto a sua credibilidade e parte da sua legitimidade. Portanto, seguindo o autor, o caráter do neoliberalismo é o de um sistema histórico, um sistema profundamente enraizado, a coexistir com outras formas do poder social e ainda em muitos contextos diferentes, altamente complexo e híbrido. E nesta sequência, ele procura a sua renovação ou recomposição também desde diversas fontes teóricas e práticas no objetivo último de gerir a instabilidade e a adversidade pós- crise, sem por isso renunciar ao seu projeto político que não cinge, em exclusivo, à sua versão neoclássica. Nesta aproximação o neoliberalismo não só não estaria propriamente em crise, mas ele seria a saída à crise estrutural que hoje vive o capitalismo. Uma saída que não se passa pela articulação de uma alternativa antiliberal como em outras épocas históricas.<sup>352</sup>

Para testar esta exposição teórica, o neoliberalismo havemos concebê-lo então, em primeiro lugar, como um projeto de governo complexo, heterogêneo e diversificado que opera segundo o contexto concreto e as suas contingências. PUELLO-SOCARRÁS (2013: 8-9) afirma que nele coabitam distintas escolhas ideológicas – a saber, a Escola neoclássica anglo-americana, a Escola de Áustria, o ordoliberalismo alemão ou mesmo o liberal-keynesianismo –, que mantêm, desde a sua diversidade, os mesmos princípios reitores independentemente das práticas concretas que os distintos cenários requereram em cada momento histórico. E em segundo lugar, produto desta heterogeneidade, o neoliberalismo é um projeto movimentado,

---

<sup>352</sup> Como sinala HOBBSAWM (1999: 132-133) na sua “história do século XXI” a crise de entre-guerras provocou como reação na direita política apostar numa proposta apaixonadamente antiliberal, como também antidemocrata e antisocialista, acreditando num regresso aos valores que a modernidade estava a destruir. Isto num contexto de um Estado esclerosado, em termos de governabilidade, e forte descontento, serviu, com certeza, de base para uma proposta de ruptura com o marco de governo anterior.



em constante transformação, sem por isso se afastar da sua génese governamental. E ainda esse carácter dinâmico com notáveis mudanças segundo o cenário espacial e temporal, não significa, em absoluto, a sua passagem para um outro sistema político-económico, mas forma parte constitutiva da sua própria natureza. Para tanto, resgatando as palavras de FRASER (2017), aquilo que se estaria a confirmar com a *Grande Recessão* é a crise de uma forma concreta de neoliberalismo, que a autora denomina “progressista”, e que podemos caracterizar como um neoliberalismo pré-crise, do seguinte modo: a) um modelo de mercado amplamente desregulamentado e liberalizado que se constitui como único espaço de interação dos atores económicos, b) no que o Estado nem intervém, nem planifica a sua participação, c) e os indivíduos atuam espontâneos e autogovernados (PUELLO-SOCARRÁS, 2013-12). Ora, na sequência de 2008, estaríamos a viver uma viragem face um outro modelo de neoliberalismo pós-crise. Ou seja, um modelo cuja característica principal vai ser a) a recomposição das alterações do mercado, b) a partir de uma nova forma de intervenção estatal, c) em que o Estado ressurgiu para resgatar o sistema económico-financeiro e os seus atores principais, mas também para reforçar os mecanismos do novo disciplinamento social que exige o mercado internacional (PUELLO-SOCARRÁS, 2013: 13-16).

## 2. RETORNO DO SOBERANO ESTATAL

À vista do apontado, a *Grande Recessão* suporia, antes do que uma interrupção do projeto neoliberal, o começo de um processo de intensificação das dinâmicas, em termos foucaultianos, de poder e controlo desenvolvidas pelo capitalismo. Destarte, a crise de 2008 não teria significado autenticamente uma ruptura do neoliberalismo, mas uma rearticulação do seu modo de governo, por mais do que a sua esfera económica se tenha visto gravemente afetada. Isto, então, por si só não acarretaria o fim da época neoliberal, como tampouco a reativação estatal seria um sintoma do seu desmoronamento. Em primeiro lugar, cabe advertir que o neoliberalismo não teve como efeito a desapareição do Estado como aclara FOUCAULT (2006: 136-138), mas a sua descentralização e deshierarchicalização por meio de outras formas de regulamentação público-privadas.<sup>353</sup> Por conseguinte, e em segundo lugar, mais do que

---

<sup>353</sup> Vejamos, neste sentido, seguindo MILLER e ROSE (2008), como a reorganização do poder estatal se produziu através de fortes processos de descentralização e deshierarchicalização, bem através da sua ligação com

centrar a nossa análise na superação da forma-Estado ou no seu posterior ressurgir, aquilo que havemos verificar é a sua posição dentro da governamentalidade neoliberal. Uma tarefa, como veremos, absolutamente compatível para FOUCAULT (2012: 83-84) com a análise microfísica do poder, e que se situa no centro mesmo das suas –e das nossas– pesquisas.

## 2.1. Estatalidade neoliberal

Diante das interpretações do pensamento pós-foucaultiano que têm eliminando praticamente o Estado do seu estudo, nomeadamente, na sua deriva anglo-saxônica,<sup>354</sup> autores como SKORNICKI (2017: 13-14) recolocaram de novo a questão do Estado para o filósofo francês.<sup>355</sup> Porque se resulta notório que FOUCAULT põe em causa a posição central da estatalidade, não estaria tão clara a sua despreocupação teórica, à vista de como reza a cita do autor com frequência repetida: *“recuso-me, quero e devo recusar-me a realizar uma teoria do Estado como me recusaria a uma refeição indigesta. Mas isso não significa que a análise que eu faço consiga apagar os efeitos e a presença do Estado”* (FOUCAULT, 2012: 83). Conforme assinala SKORNICKI (2017: 16, 18, 56-57), a preocupação pelo papel do Estado está bem presente, especialmente, nos cursos do *Collège de France*, nos quais o autor incorpora o Estado na sua reflexão sobre a governamentalidade. Numa aproximação mais sugestiva, e também mais produtiva do que a retórica liberal ou da marxista; seguindo ao pensador galo, o Estado não é produto da ideologia ou da superestrutura, como tampouco ele é um ente burocrático monopolizador da violência situado sobre o corpo social. O Estado é, então, uma parte mais, mesmo indissolúvel, do processo de governamentalização, que antes do que materializar-se num determinado quadro de leis, se expressa como uma “arte de governo” (FOUCAULT, 2006: 193, 291). Em conclusão, para o francês, seguindo novamente a SKORNICKI (2017: 109), o Estado não pode ser *cousificado*, nem percebido como uma

---

outras dimensões globais de regulação, por meio de auditorias, padrões, cumprimento de objetivos ou requisitos de qualidade e transparência, inscritos na gestão economicista.

<sup>354</sup> Com certeza, tem-se enquadrado o pensamento foucaultiano num rechaço ao Estado, justificado, em boa medida, na microfísica do poder desenvolvida pelo filósofo francês. Especialmente continuadores desta visão foram os *Estudos da governamentalidade* -vid. supra, Cap. 2.2.2-, com algumas exceções, caso de LEMKE (2016). Para uma introdução à questão, vid. MUSSETTA (2009).

<sup>355</sup> Por cima de qualquer outra achega, destacamos o trabalho realizado por SKORNICKI (2017) dirigido a traçar uma reflexão teórica sobre genealogia de FOUCAULT e o Estado moderno. Neste sentido, o autor procura reconstruir uma teoria foucaultiana do Estado a partir dos textos do filósofo galo, inscrita invariavelmente no processo de governamentalização.

entidade fechada. Ele unicamente pode estabelecer-se como um canalizador de forças micropolíticas que o cruzam e o atravessam, e mais do que desaparecer, aquilo que faz é inscrever-se na governança. Deste jeito, a perspectiva foucaultiana alarga a conceção da estatalidade, mesmo a sua natureza e os seus limites, localizando o Estado como o coordenador das forças de poder em permanente tensão e conflito, ora, independentes do seu sistema político e jurídico. Esta redimensão, como aponta SKORNICKI (2017: 16), encontrará em destacados autores do presente um vigoroso substrato teórico para refletir hoje sobre o Estado.<sup>356</sup> Entre estes autores, colocaremos em destaque os trabalhos do politólogo britânico JESSOP<sup>357</sup> por serem especialmente lúcidos para compreendermos o Estado e sua renovada ativação após o *crash* financeiro de 2008, sem por isso desnaturalizarmos o seu caráter e as suas funções no capitalismo contemporâneo.

TABELA 5.3

Transformações neoliberais	Governança	Estado	Soberania
<b>Institucionalidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Descentralização do poder</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Deshierarquização do Estado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Securitarismo nacional</li> </ul>
<b>Público/privado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Endoprivatização e exoprivatização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reestruturação económica do Estado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Intervencionismo governamental</li> </ul>
<b>Gerência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Gestão multinível</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>Accountability</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Autoritarismo tecnocrático</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

<sup>356</sup> Nesta empresa podemos citar, seguindo SKORNICKI (2017: 16), uma série de variadas propostas, já for desde a ciência política (JESSOP, 2017), já for desde a história (SAWYER, 2015) ou já for desde o âmbito jurídico (HARCOURT, 2011) que operam desde esta focagem.

<sup>357</sup> O politólogo JESSOP tem sido sinalado como um dos mais reputados estudiosos da teoria do Estado desde uma aproximação heterodoxa e não dogmática. Com forte influência do pensamento foucaultiano, o autor nas suas pesquisas debruça sobre os grandes processos vividos pelo Estado moderno, tais como a globalização e o posterior recuo protecionistas, a externalização e interiorização economicistas das instituições democráticas, bem como a deriva securitária e a sua tensão com os direitos e liberdades públicas. Deste modo, JESSOP oferece um quadro teórico tão completo, como complexo, para enquadrarmos a governabilidade neoliberal. Da sua vasta obra, destacamos neste trabalho, pela sua síntese e precisão analítica, o título “Estado. Passado, presente e futuro” (2017).

Para começar havemos apontar que, em linha com JESSOP, o Estado está ligado ao seu corpo social em dous sentidos: por uma banda, o Estado mexe a sociedade e, por outra, a sociedade mexe o Estado. Trata-se de dous conceitos que se relacionam entre si, a se modelarem e impulsionarem mutuamente. Noutras palavras, para o autor, o Estado só se desenvolve como parte de uma teoria da sociedade (JESSOP, 2016: 323), e no presente como parte de uma *sociedade-empresa*. O Estado é, em resumo, uma “relação social”,<sup>358</sup> quer dizer, ele está incorporado à sociedade. E a sua institucionalidade e, concretamente, os seus dispositivos de poder e controlo estão enraizados com outros ancorados na sociedade mesma (JESSOP, 2017: 98). Numa interpretação de matriz foucaultiana, mas também devedora da análise realizada pelo teórico social greco-francês POULANTZAS,<sup>359</sup> para JESSOP o Estado não deve ser entendido como um ente substancial. Mas devemos ampliar o seu alcance ao exercício e efeitos do poder estatal como expressão contingente de um cambiante equilíbrio de forças, que procura avançar nos seus respetivos interesses dentro, através e contra o sistema estatal. Em suma, não é propriamente o Estado quem exerce o poder, em vez disso, os diferentes poderes que o atravessam, além do aparelho estatal, são quem adotam as estratégias patrocinadas pelos Estados (JESSOP, 2017: 99).

Esta posição foge da análise dicotómica do Estado/sociedade, efetuada tanto pelo liberalismo, outorgando-lhe ao Estado a condição de ator neutral na sociedade e no mercado, quanto pela assinalada classicamente pelo marxismo, descrevendo o Estado como simples ferramenta passiva do capital (JESSOP, 2017: 98). Num percurso distinto, a tese do nosso autor não propõe um Estado nem como um ente racional, asséptico e imparcial, nem tampouco um aparelho desenhado especificamente ao serviço da classe capitalista e os seus interesses. Para JESSOP (2006: 97) o Estado deve ser entendido: “(1) como o exercício do poder de Estado (2) como condensação mediada institucional e discursivamente (uma reflexão e uma refração) (3) de um equilíbrio de forças que é variável, (4) e que procura

<sup>358</sup> Vid., para uma introdução à focagem “estratégico-relacional” do Estado realizada pelo britânico, MONEDERO (2017: 19-32).

<sup>359</sup> Se por uma banda refletimos a influência de FOUCAULT em JESSOP, por outra banda devemos sinalar, talvez com maior intensidade, a presença do pensamento de POULANTZAS nos trabalhos do britânico. Deste autor, JESSOP (2017: 98 ss.) elabora a sua tese do Estado como uma “relação social”; quer dizer, o Estado, seguindo ao greco-francês, não pode ser percebido apenas como um conjunto institucional, nem tampouco como um sujeito político. Não por acaso, POULANTZAS (1979) será um dos primeiros autores a tentar associar a existência de micropoderes e a presença da macropolítica. Cfr., sobre a sua ligação ao pensamento foucaultiano, SKORNICK (2017: 73).

*influir nas formas, propósitos e no conteúdo da organização institucional, da política e das políticas (5) em conjunturas específicas, marcadas por uma mistura igualmente variável de oportunidades e restrições, (6) elas mesmas ligadas a um entorno natural e social mais amplo*". Em total, o Estado é o resultado de um complexo relacionamento entre a malha de dispositivos de poder e de governo a operar contraditoriamente e assimetricamente, desde a sociedade para o Estado e desde o Estado para a sociedade (MONEDERO, 2017: 22). A partir desta definição, o Estado contemporâneo não seria mais do que uma expressão das sociedades capitalistas, a sua força e as suas crises. É assim que o Estado não desapareceu no neoliberalismo, senão que ele apenas mudou na sua relação entre a política, a economia e a sociedade. E isto gerou uma forma de Estado nova, como efeito da mundialização, da tecnologização e das transformações do capital, mas não a sua superação. Podemos, pois, afirmar que o neoliberalismo cooptou o Estado, e desde ele foi que introduziu profundas reformas que deram como corolário modelos de Estado mais flexíveis.

Neste sentido, JESSOP (2017: 238 e ss.) aponta cinco modificações chave para perceber a governança neoliberal: em primeiro lugar, uma progressiva deshierarquização do Estado e, por conseguinte, uma descentralização do poder tanto para o interior, como para o exterior; em segundo lugar, um reajuste entre o poder público e o privado através, fundamentalmente, do gestão de acordos, pactos e negociações além do aparelho estatal; em terceiro lugar, uma governança em rede por meio da participação de múltiplos agentes privados nos sectores públicos; em quanto lugar, uma despolitização do poder estatal, com a toma de controlo tecnocrático dos principais mecanismos do Estado; em quinto e último lugar, o denominado governo a distância, através da introdução de normas de conduta por agentes externos com autoridade social.<sup>360</sup> Na sequência deste conjunto de transformações na estatalidade, não foram poucos os autores que de forma precipitada sinalaram a progressiva desaparecimento do Estado nacional.<sup>361</sup> Porém, novamente com JESSOP (2017: 95, 228), a medida que a governança neoliberal avançava, a forma Estado ia-se fazendo mais complexa e polimorfa. Como já analisamos, o objetivo fundamental do programa neoliberal era reparar e superar as

---

<sup>360</sup> Neste sentido, JESSOP oferece um sumário da totalidade de transformações expostos polos diversos autores tratados neste trabalho, por todos, BROWN (2015), HIBOU (2012), LEMKE (2006), ZIZEK (2008), LAVAL e DARDOT (2013), ROSE (2014).

<sup>361</sup> Vid., por todos, a diagnose realizada por HARDT e NEGRI (2002).

anomalias do mercado e os problemas sociais que elas arrastavam nas últimas décadas. Igualmente, conforme se referenciou, o conjunto dos esforços desta estratégia de governança virou sobre a condução da sociedade para indivíduos racionais, reflexivos, empreendedores e consumidores. No entanto, como acertadamente sinala JESSOP (2017: 230, 237, 242), isto não pode levar-nos a obviar o papel do Estado e a sua posição de privilégio na conformação das relações de poder. Em primeiro lugar, porque o poder estatal se exerce além da coerção, por meio de colaborações, negociação e deliberações entre os diferentes atores da sociedade. Em segundo lugar, porque o Estado tem uma representatividade simbólica de ator primogênito nas decisões técnicas, económicas e políticas. Dito de outro jeito, o Estado é um *primus inter pares* numa governança heterogênea e multinível.

Por isto, compre ter bem presente os diferentes planos de operabilidade do governo no neoliberalismo, para além da análise antiestatalista da doutrina liberal mais ordodoxa, bem como da superficial crítica tecnocrática. O decorrer do tempo mostrou como o aparente recuo do Estado não era tal, senão, antes bem, a sua reestruturação economicista. E cujo ressurgir não está tanto nas consequências da crise financeira de 2008, quanto na origem do projeto neoliberal como antevira POULANTZAS (1979). Pois, para o autor greco-francês o Estado sempre se reservou para si o direito de intervenção para articular a governança. E aquilo que vemos desde 2008 não seriam mais do que as tendências estatistas características do neoliberalismo (JESSOP, 2017: 321). Sendo assim, o Estado o que faz é apenas tomar parte no novo desenho do mercado e das novas relações jurídicas-políticas, empreendendo todas aquelas ações precisas para proteger os seus interesses particulares, bem como a ordem instituída sobre a se ergue. Em definitivo, o Estado não atua à margem da sua sociedade e da sua economia; ao invés, ele imbrica-se como parte substancial, mas num plano privilegiado, que lhe permite intervir de uma forma especialmente densa sobre o devir da sua população (JESSOP, 2017: 259). Resulta novamente significativa a visão de POULANTZAS (1979: 251 e s.), que foi capaz de advertir a centralidade do Estado como garante, em última instância, da sustentabilidade do mercado através de mecanismos de tipo autoritário. Um Estado forte e de segurança que se constitui como a forma de governar mais eficaz para administrar uma situação de crise política e económica. Isto foi o que aconteceu, segundo aponta JESSOP, nas



crises de 1929 e 1973,<sup>362</sup> e agora seria aquilo que estaria a acontecer desde a crise financeira de 2008. A entrada decisiva na palestra política da razão neoliberal no Estado, tomando o controlo das instituições democráticas e dos direitos e liberdades políticas. O estatismo forte converte-se na consequência, mas também na resposta principal à crise económica, à desestabilização social e à perda de hegemonia política. Seguindo este argumento desenvolvido pelo politólogo britânico, três são as principais manifestações deste processo, fortemente interligadas entre si: a saber, o fortalecimento do poder executivo, o declive do parlamento e o controlo tecnocrático (JESSOP, 2017: 298 e ss.). Em relação à primeira destas manifestações, o neoliberalismo, nomeadamente, após a recessão económica, reforça a centralidade do poder executivo resultado da privatização das funções do Estado, tanto no seu plano exterior através da endoprivatização, como no seu plano interior por meio da exoprivatização. Deste jeito, a transferência para o mercado de importantes serviços públicos expulsa ao poder legislativo da gestão direta para colocar ao executivo e, em concreto, à administração pública como o interlocutor principal com os atores sociais e económicos (GUERRERO, 2009: 17 e ss.).

Em relação à segunda das manifestações, a acrescentar a subordinação do poder legislativo, o *public management* substitui os critérios políticos pelos critérios técnicos. Para tanto, um crescente número de decisões são tomadas por peritos e outros especialistas em áreas e matérias concretas no objetivo de responder de forma rápida e eficaz às dinâmicas e exigências do mercado internacional, às suas agências de controlo e aos compromissos, especialmente, com os organismos supranacionais, destacando notadamente no caso dos países da União Europeia.<sup>363</sup> Desta forma, o poder legislativo vê esvaziado o seu papel de órgão de deliberação, confronto ideológico e debate público para a tomada de decisões, porquanto estas devem ser acordadas rapidamente e sem margem para a grande discussão e

<sup>362</sup> Segundo JESSOP (2017: 281 e ss.) o estatismo autoritário, expressado normalmente através da excepcionalidade, tende a normalizar-se em momentos de crise. Neste sentido, o Estado capitalista relaciona-se com as instituições democráticas sempre é quando não existam situações de rutura ou questionamento forte da coesão social no sistema institucional. Caso de se darem crises políticas profundas -como por ex. em 1929, 1973 ou agora a partir de 2008-, o quadro democrático de deliberação ordinário não serve para garantir o seu porvir. Por isso, para o autor, por vezes, os contextos de crise resolvem-se, precisamente, por meio do esvaziamento do conteúdo democrático. Cfr., entre outros, DAVIES (2016), BRUFF (2017).

<sup>363</sup> Aquilo que observamos detrás da série de compromissos denominados como “técnicos” é um instrumento de penetração das políticas de controlo de gasto e gestão pública desenhada por tais organismos com o objetivo de assegurar a disciplina orçamentária e a estabilidade macroeconómica, especialmente, através das medidas da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu (LAVAL e DARDOT, 2017: 81 e ss.).

por mecanismos de rendição de contas. Nesta dinâmica, o poder legislativo vê-se debilitado, diante de um executivo capaz de responder de modo eficaz e eficiente a estas novas realidades. Por último, e em terceiro lugar, vemos como o debate político ideológico é expulso pelos critérios técnicos como modo de resolução no estatismo neoliberal. Em síntese, são representantes dos interesses económicos da sociedade e não os representantes políticos da cidadania os que acabam por impor os seus critérios na administração estatal.<sup>364</sup> Estas três dimensões são parte de uma mesma tendência de limitação das instituições democráticas e de centralização do poder estatal no executivo, mas não são propriamente um fenómeno novo, senão que vivemos, antes de mais, uma radicalização do mesmo como novo modelo de gestão da crise (JESSOP, 2017: 298 e ss.).

## 2.2. Poder soberano

Em síntese, podemos concluir que o neoliberalismo não avançou contra o Estado, nem procurou a sua destruição. Aquilo que fez a razão neoliberal foi reedificá-lo por meio da ciência económica e os saberes da gestão empresarial (SKORNICKI, 2017: 223). Por isso, detrás do formal antiestatismo declarado pela doutrina liberal mais ortodoxa, aquilo que observamos é, antes, um outro modelo de Estado. E como assinalou SAYER (1995: 104), nunca existiu um mercado completamente livre da estatalidade, desde o começo mesmo da reestruturação política impulsionada por REAGAN ou TACHER não deixou em nenhum instante de existir uma funda interligação entre a economia livre e o Estado forte. Igualmente, TOMBS e WHYTE (2006: 153) têm destacado, com insistência, a indubitável conexão entre o mercado e o estatismo, na medida em que os Estados tiveram uma função fulcral para a criação dos seus diferentes planos: em primeiro lugar, na posta em andamento de capitais, mercadorias e serviços através da constituição de empresas e responsabilidades específicas; e em segundo lugar, na produção de diferentes tipos de “capital humano” e os seus respetivos mercados de trabalho. Destarte, as chamadas sobre o fim dos Estados nacionais e a soberania foram justificações mais ideológicas, interessadas no fim da regulamentação política redistributiva e a sua substituição pela desregulamentação mercantil, do que realmente análises científicas (MONEDERO, 2017: 163). Ao contrário, uma análise certa do

---

<sup>364</sup> Vid., especificamente sobre a gerência pós-política, Cap. 4.3.

neoliberalismo não é possível sem a compreensão da globalização e não é possível entender a globalização sem fazer uma boa conceituação do Estado porquanto, como aponta JESSOP (2017:99), convém analisá-lo como uma relação social. E a crise económica serviu para mostrar o autêntico papel do soberano estatal que podemos localizar no centro dos problemas e no centro das soluções (MONEDERO (2017: 61, 65), vista a celeridade de aqueles a argumentarem contra a estatalidade acusada-a de dirigista e parasitária, e logo a chamarem por soluções intervencionistas após eclodir a crise de 2008. Em última análise, o Estado nunca abandonou a sua função regulamentadora mesmo que, como assinalou FOUCAULT (2006: 70), o neoliberalismo procurara *“deixar que a gente faça e as coisas passem, que as coisas decorram, deixar fazer, passar e decorrer, significa essencial e fundamentalmente fazer de tal sorte que a realidade se desenvolva e vá embora, siga o seu curso de acordo com as leis, os princípios e os mecanismos que lhe são próprios”*. A conceção do Estado como uma relação social rompe com a ideia de que é uma variável independente do resto do tecido social. Do mesmo modo, não supõe uma realidade separada como se fosse uma entidade com vida própria e autónoma, e não a subordina à economia, como se a economia fosse uma exterioridade e não precisasse do resto das articulações sociais (MONEDERO, 2017: 82)

Sendo assim, o neoliberalismo resulta inseparável dos dispositivos regulamentadores, pois como frisou o filósofo francês, a promoção de uma sociedade da concorrência acarretaria também uma “sociedade de segurança” (FOUCAULT, 2012: 73-75). E os fatores que desencadeiem mais precarização, fragmentação e incerteza na sociedade, também provocam um aumento da concorrência entre os atores. E, como consequência dessa instabilidade, em opinião de LAVAL e DARDOT (2017:19-22), o projeto neoliberal ver-se-ia reforçado por meio da intervenção estatal a partir da crise de 2008. Sendo, portanto, que o neoliberalismo se foi radicalizando através da crise mesma; ou dito em palavras dos autores franceses, a crise converteu-se na forma de governo da racionalidade neoliberal (LAVAL e DARDOT, 2017:25). Assim, a crescente desigualdade, a precarização vital e a instabilidade social mais do que liquidarem o projeto neoliberal, aquilo que realmente acarretou foi a exacerbação da sua natureza: uma sociedade mais concorrente, mais individualista e mais egocêntrica. Depois de 2008, o neoliberalismo optou, sem ambiguidade, por um alargamento dos seus dispositivos de governo como garantia para a sua supervivência num contexto de crise sistémica. A crise

mesma converteu-se na sua forma de governar através da expansão das políticas que, em última instância, levaram para a sua falência (LAVAL e DARDOT, 2017:25-28). Quer dizer, a crise converteu-se na condição de possibilidade para flexibilizar o mercado ainda mais, privatizar serviços elementares ou reduzir a já minorada assistência social até níveis impossíveis de não existir um contexto de dívida estatal, compromissos internacionais e controlo economicista da administração pública. Só, portanto, num contexto de instabilidade e empobrecimento continuado como este é que o neoliberalismo logrou dismantelar a prática totalidade da institucionalidade *welfarista* e incorporar a gestão economicista da população. Governar através crise significou, para mais, transferir os prejuízos e danos da crise aos indivíduos, subsumindo a sua vida completamente nos mercados: a saúde, a habitação, o ensino, a velhice, etc. convertida agora apenas em investimento privado em “capital humano” (LAVAL e DARDOT, 2017: 29-30).

Neste sentido, o neoliberalismo é mais do que um projeto político para “*restaurar o poder das elites económicas*” como sinalava HARVEY (2007: 229). E a gestão da atual recessão também é um processo mais profundo do que o esforço dos seus grupos de interesses para reconstruir novamente o bloco dominante e dar uma nova legitimidade para as crescentes contradições estruturais. Por conseguinte, como assinala DE GIORGI (2017: 49-50), havemos ir além das políticas que seguiram a crise de legitimidade do capitalismo neoliberal e das forças políticas mais comprometidas para apoiá-lo. Pois seguindo esta análise, estamos perante um neoliberalismo que já não está interessado nos compromissos sociais e na garantia dos direitos e liberdades como meio de preservação da sua hegemonia. Por palavras do economista BRUFF (2017), a governança neoliberal está encaminhada para a contenção social e a marginalização dos grupos sociais subordinados esvaziando o conteúdo constitucional e legislativo das instituições democráticas, dos seus parlamentos e dos próprios governos. A crise não deve ser percebida, então, como simples acontecimento de declínio do projeto neoliberal, como tampouco ela deve ser considerada um simples momento de exceção. Ao invés, a crise constituiu a normalização de quadro de intervenção neoliberal através da aplicação de fortes medidas vocacionadas à ampliação das suas dinâmicas de governo nas esferas económicas, sociais e estatais a partir de um contexto de emergência nacional e internacional (LAVAL e DARDOT, 2017: 31). Trata-se, para tanto, de medidas de shock,

encaminhadas a cumprirem os mandatos do mercado sobre quaisquer outros interesses (KLEIN, 2007). E os governos aquilo que fazem é injetar bruscas políticas de transformação social num momento de incerteza e insegurança generalizado para o conjunto da população, tensionando com isso os procedimentos institucional-democráticos, transformados numa correia de transmissão dos compromissos adquiridos pelos governos com as diferentes instituições e entidades políticas e económica de carácter supranacional (BROWN, 2015: 288-291).

Este processo de esvaziamento do conteúdo político do Estado supõe, como já expresamos, a substituição do direito público enquanto motor de ação política (os direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos) pelo direito privado dos negócios, expressado nos contratos, acordos e qualquer tipo de pactos entre os atores económicos a operar no mercado. E o Estado, conforme é um ator mais a atuar, comporta-se seguindo os mesmos critérios. Desta forma, o poder legislativo, como sugeria JESSOP (2017: 298), passa para um segundo plano, em detrimento do poder executivo a agir como o verdadeiro motor da vida política contemporânea. Em oposição à clássica tese liberal que promovia um Estado mínimo e cujas funções eram apenas a segurança e a justiça (HARVEY, 2012, 165-178), no presente o Estado joga um papel central na expansão da economia, tanto articulando um quadro institucional vocacionado à concorrência, quanto estabelecendo um quadro jurídico no que os indivíduos se devem desenvolver. Para LAVAL e DARDOT (2017: 42-47, 52) estaríamos ante a formação de uma autêntica “constituição económica” dirigida, essencialmente, a consagrar a ordem económico-política. Ela estaria formada por um conjunto de liberdades, tais como a propriedade privada, a liberdade de contratos e a livre concorrência, e manifestar-se-ia como um contrato entre o Estado e os sujeitos. A realidade dos factos mostra, no entanto, uma funda intervenção estatal no conjunto da política económica, bem como na construção de um conjunto institucional e normativo internacional cuja função principal tem sido retroalimentar o seu próprio processo numa dinâmica endógena, e não como fruto de uma imposição exterior. Assim sendo, reflete BROWN (2015: 13-32), o projeto neoliberal não procura unicamente dismantelar o existente, nem destruir a ordem social antecessora. O neoliberalismo quer construir, antes, outra forma de governar. Não se trata, pois, de uma deformação, nem uma disfunção do sistema político, mas a produção de uma

institucionalidade diferente dotada de outros dispositivos de governo a intervirem sobre a população. E ela não responde a uma doutrina rigorosa, nem homogênea, nem a um processo unicamente económico, como tampouco apenas político, mas ela é uma racionalidade contingente e conflituosa encaminhada a gerir a vida social. Em definitivo, como concluem LAVAL e DARDOT (2017: 61), uma “arte de governo” que vai além do simples regime de acumulação criticado historicamente pelos seus detratores.

Como efeito, a gestão da crise aberta com a *Grande Recessão* não supõe uma paralisação ou descontinuidade do projeto neoliberal, mas principalmente a sua solidificação. Deste modo, seguindo a canónica periodização realizada, entre outros, por ANDERSON (2012) sobre os grandes saltos do capitalismo contemporâneo percebidos como partes de um mesmo *continuum* histórico: o primeiro, desde o final dos anos setenta até começos dos oitenta, com os governos conservadores nos EUA e o Reino Unido impulsionadores da desregulamentação dos mercados financeiros, dos processos de reconversão industrial e das privatizações de serviços; e o segundo, a partir da década de noventa, com a queda do bloco comunista na Europa e a sua posterior incorporação às políticas privatizadoras e a definitiva hegemonia neoliberal em Ocidente; deveríamos acrescentar uma terceira transição a partir da crise económica de 2008, a fim de completar o esquema desenhado pelo historiador britânico. Para sustentar esta perspetiva temos corroborar o percurso encetado pelo neoliberalismo até chegarmos ao momento atual, caracterizado sucintamente por três acontecimentos simultâneos: a) a reconfiguração do poder estatal, b) o fortalecimento das autoridades privadas, e c) a pós-politização institucional-democrática. Nesta linha analítica, o teórico social DAVIES (2016: 132) vem assinalando nos últimos tempos a fase atual como a de um neoliberalismo “*morto e, no entanto, dominante*”. Um neoliberalismo, em suma, substancialmente diferente àquele que ascendeu ao poder nos anos setenta e se consolidou nos noventa, para entrar após a crise económica numa época denominada como pós-hegemónica. Para o autor, o projeto neoliberal no presente, a diferença de outros períodos, não atua por meio do discurso razoado vocacionado à formação de consenso social, senão que os sistemas e as rotinas de poder operam unicamente numa lógica securitária e de controlo das populações. Para evidenciar tais mutações, DAVIES diferenciara, então, as três fases fundamentais do neoliberalismo para entender a racionalidade atual. Porém, esta estruturação



nem atende, nem pretende ser uma divisão rígida e inflexível de sistemas políticas diferentes; mas, fundamentalmente, aquilo que atrai a atenção do autor é a orientação ética e filosófica que acompanha cada fase do neoliberalismo (DAVIES, 2016: 132-133).

TABELA 5.4

Neoliberalismo Combativo	Neoliberalismo Normativo	Neoliberalismo Punitivo
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confronto político</li> <li>• Lógica <i>amigo-inimigo</i></li> <li>• Decisão soberana</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Métrica mercantil</li> <li>• Espírito de empreendimento</li> <li>• Gerencialismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Governança securitária</li> <li>• Discurso moralizante</li> <li>• Responsabilização e punição social</li> </ul>

Fonte: DAVIES (2016)

Seguindo esta interpretação, DAVIES (2016: 133-136) estabelece as principais diferenças entre as várias épocas do projeto neoliberal que nem foi, nem é único e fechado na sua configuração. A primeira época sinalada é o chamado de “neoliberalismo combativo”, que abarca de 1979 a 1989; neste período a proposta neoliberal toma como base de intervenção o realismo político de SCHMITT<sup>365</sup> em dois planos complementares. Por uma banda, o neoliberalismo assume a lógica *amigo-inimigo* no confronto político e na posta em andamento do seu programa privatizador e desregulamentador. Assim sendo, o comunismo e os seus países representam o *inimigo* irreconciliável, que tanto reúne todos os elementos de identificação negativa que devem ser combatidos, quanto ele opera como contentor da desordem social. Com esta estratégia de confronto, o capital reorganiza-se para frear aquelas alternativas sociais e políticas ao capitalismo vigente, que aparece como o único sistema possível. Trata-se de um combate que se dá em diferentes níveis, a saber, no económico, no institucional, mas também no cultural e no ideológico, construído sempre em oposição direta ao modelo socialista. Por outra banda, e de modo suplementar, a *decisão soberana* coloca-se como o seu centro de ação. O Estado é situado sob a direção tecnocrata, tomando o controlo

<sup>365</sup> Para o autor alemão a noção do “político” está indubitavelmente atravessada pela conformação de um espaço de confrontação sob o paradigma *amigo-inimigo*. Com esta aproximação à condição política, para SCHMITT, o cerne da política localiza-se de fora do próprio Estado e da sua arquitetura jurídico-institucional e se manifesta numa confrontação soberana contra aqueles que se colocarem como um perigo para a ordem constituída. Vid. SCHMITT (1999).

do poder executivo os “saberes periciais”, nomeadamente na controlo dos sectores produtivos, porquanto eles são identificados como os critérios de gestão mais eficaz e eficiente dos escassos recursos públicos.

A segunda época descrita por DAVIES (2016: 136-138) corresponde ao denominado por “neoliberalismo normativo” vigente entre o ano 1989 e o ano 2008; este seria o período de máximo fulgor do neoliberalismo com o alargar do domínio norte-americano e a globalização económica, já livre de rivais políticos uma vez caído o muro de Berlim e os últimos Estados comunistas na Europa. A característica fundamental desta época, a partir da década de noventa, foi a transformação do projeto neoliberal num fenómeno explicitamente “normativo”. Segundo o autor, pegando expressamente na análise foucaultiana, o neoliberalismo introduz a métrica e os instrumentos baseados no mercado como a medida de todo valor humano, não apenas dentro do mercado, mas, crucialmente, fora dele. Desde essa razão normativa, todas as esferas da atividade humana são, portanto, reconstruídas ao redor dos critérios da concorrência e da competição como padrão da articulação económica, social e política. Nesta fase neoliberal o modelo económico e a sua metodologia, com especial destaque para o gerencialismo, passa a ser o autêntico método de cálculo de valor social. O que significou, ainda, a injeção de um espírito de empreendimento no próprio Estado cuja expressão mais acabada foi a implementação de potentes reformas nas administrações pública e na gestão das despesas públicas.

No entanto, DAVIES (2016: 138-139) acrescenta uma terceira fase a partir de 2008 que denomina como “neoliberalismo punitivo”. Para o britânico, depois da crise financeira o neoliberalismo adotou uma governança caracterizada por uma atuação genuinamente securitária e fortemente moralizada como modo de administração dos processos de endividamento público e privado, provocado pela financeirização económica, que no caso europeu encontra nas “políticas de austeridade” a seu melhor exemplo. Segundo o autor, sob o “neoliberalismo punitivo” aquilo que observamos é um método de interiorização da responsabilidade no corpo social pelos excessos cometidos durante o *boom* económico baseado no recurso ao crédito e, por conseguinte, no merecimento da punição correspondente, mesmo em forma de medidas contra a própria população. Desta forma, a governança

neoliberal articula-se ao redor de uma estratégia de responsabilização individual dos grupos sociais mais castigados pela crise. Pois são estes sectores mais empobrecidos e prejudicados contra os que se dirigem as grandes reformas de ajustes económicos. Sendo, aliás, assinalados como os principais culpáveis da sua situação de falência e, portanto, merecedores dos recortes salariais, despedimentos e perda de serviços sociais.<sup>366</sup> Em suma, aponta o autor, o discurso neoliberal coloca num mesmo plano, o contexto de endividamento e o colapso económico da economia estatal combinado com uma sorte de fracasso vital dos grupos sociais mais prejudicados.<sup>367</sup>

Neste contexto, revela DAVIES (2016: 139-140), o carácter punitivo do neoliberalismo arrasta a sua configuração normativa, mas também revive a sua versão mais combativa. No primeiro dos casos, a extensão da métrica mercantil e a tecnocracia, principalmente, na gerência pública durante o período “normativo” vai operar agora no quadro das políticas de contenção de despesas públicas, nomeadamente, como anotamos no contexto da União Europeia, como o critério principal para a retirada de investimentos ou a eliminação de serviços públicos, sem questionamento por parte da população afetada por tais medidas. No segundo caso, o “neoliberalismo punitivo” recupera a perspectiva schmittiana para enfrentar, já não os eventuais perigos do socialismo, mas à própria população empobrecida, endividada e excluída socialmente, sendo, por consequência, punidos de forma dupla. Ressurge, desta feita, o poder soberano que nunca desapareceu, mas hoje, afirma DAVIES (2016: 143), *“essa soberania é encontrada nas esferas técnica e tecnocrática: políticas, punições, cortes e cálculos estão sendo repetidos sem mais delongas, porque essa é a única condição de sua realidade. As coerções das políticas aplicadas depois de 2008 são as de um sistema em retirada tanto da ideologia quanto da realidade do diálogo público racional e das restrições epistemológicas que isso implica”*. Aprofundando nesta aproximação o autor afirma que o neoliberalismo pós-crise articula uma nova narrativa através de diversas estratégias

---

<sup>366</sup> Como exemplo dessa estratégia linguística de culpa, vid. o caso espanhol, entre outros, VALVERDE (2013). Neste sentido, recolhendo a autora as conclusões da denominada Troika sobre a situação espanhola: *“a crise na Espanha é consequência de uma década de irresponsabilidade e o governo de Rajoy está tomando decisões com valentia”* (VALVERDE, 2003: 27).

<sup>367</sup> Diz-nos DAVIES (2016: 139), trata-se de um espírito do castigo numa lógica *pós-iure*, isto é, sob a sensação de que o momento do julgamento já se passou e as questões de valor ou culpa já não ficam abertas à discussão e debate.

discursivas, dirigida a punir a sectores importantes da própria população riscados de perigosos e portadores de insegurança (DAVIES, 2016: 139-140).

Em primeiro lugar, o discurso punitivista sinala os grupos sociais mais pauperizados, nomeadamente, migrantes, jovens precarizados, minorias religiosas, etc., bem como os eventuais privilégios dos que eles desfrutam nos Estados ocidentais, quer seja a discriminação positiva, quer sejam ajudas sociais, como o principal problema para o melhoramento dos interesses dos grupos sociais mais merecedores dos recursos escassos. Isto também é enquadrado numa narrativa de confronto em que a restrição de direitos de setores importantes da população é acompanhada pelo controlo securitário, estabelecendo uma forte ligação entre a insegurança e a miséria. Mas não se trata unicamente de uma construção institucional-legal, mas um discurso social, um imaginário coletivo e um conjunto de práticas que colocam a segurança como elemento axial das relações sociais atuais (AGAMBEN, 2004; PAYE, 2008; LÓPEZ PETIT, 2009). Em segundo lugar, o discurso punitivista criminaliza as formas de vida dos grupos sociais marginalizados, bem como as suas hipóteses de progresso, porquanto não resultem merecedoras de ascensão social, nem atenção por parte do Estado. Polo contrário, as suas vidas, inseguras e perigosas, devem ser contidas, vigiadas e monitorizadas (DE GIORGI, 2017: 51-53). Isto tem levado a diferentes autores a acreditar num neoliberalismo de tipo “autoritário”: uma forma de governar privatizadora da democracia através da reconfiguração do Estado, da posta à disposição da direção governativa de autoridades económicas não eleitas e de um reforçamento do poder executivos sob a base de três pilares centrais: a) a (in)segurança social, b) a delegação da política na técnica e c) a retração e imunização dos indivíduos dos assuntos coletivos (BRUFF, 2014; FRASER, 2017; PUELLO-SOCARRÁS, 2013). O neoliberalismo consolida, assim, as desigualdades sociais como estruturais, cria incerteza laboral, precariza as vidas e, fundamentalmente, constrói sujeitos sociais frágeis e culpados de sua situação precária (MONEDERO, 2017: 282-283). Ressurge, seguindo a tese schmittiana, um poder soberano vocacionado à proteção da própria estratégia neoliberal pondo em causa, se for preciso, os fundamentos mesmos do próprio sistema institucional-democrático. Para MONEDERO (2017: 246, 252-254) aquilo que se verifica é como o colapso da governança neoliberal mais do que deixar de lado o Estado soberano, ela atribui um novo papel para o ente estatal. Pois de acordo com JESSOP (2017: 255-280), é evidente

que o mercado não é um mecanismo que se possa sustentar por si só, ou seja, o mercado capitalista nunca existiu fora do Estado. Ao invés, para a governança neoliberal o Estado é um dos mecanismos chave para tentar superar as insuficiências do mercado, especialmente em contextos de crise, por meio de alterações normativas e constitucionais que foram introduzidos em diferentes países, subordinando a legalidade às regras e aos procedimentos de austeridade e normalizando os processos de degradação dos serviços públicos como um objetivo puramente técnico.<sup>368</sup> Consequentemente, a crise financeira expôs os limites do modelo de governança e, com eles, os limites do próprio neoliberalismo. No entanto, como aponta DAVIES (2014: 172-174), o paradigma neoliberal manteve-se no seu lugar, preservando, se não a sua legitimidade, pelo menos o seu poder.

Desta feita, segundo o britânico, a crise bancária manifestou que a viabilidade do conjunto do sistema financeiro estava em questão, e uma ação política de emergência era necessária para evitar uma falha catastrófica. A crise foi, logo, acompanhada por uma série de intervenções de emergência altamente incomuns por parte das autoridades executivas,<sup>369</sup> pondo em causa o quadro legislativo no referente, por exemplo, à garantia da concorrência. Assim, além dos resgates do sistema bancário, os diferentes governos autorizaram medidas apresentadas como uma força puramente contingente para o resgate da normatividade económica, mesmo que elas apagaram dramaticamente o paradigma neoliberal vigente. Deste modo, a substituição direta de executivos eleitos por técnicos, peritos e economistas e o uso de poderes excepcionais para resgatar as instituições de gerenciamento de risco, a “decisão soberana” fundiu-se com a racionalidade económica. Esse fenómeno de poderes de emergência extraordinários, que procuraram salvar o status quo legal, é a definição da exceção de emergência teorizada por AGAMBEN (2004). A diferença sob o neoliberalismo é que o status legal é permeado pela racionalidade económica, na medida em que identificamos, segundo DAVIES (2014: 172), um “Estado de exceção de mercado”. Isto é, as regras, os procedimentos e as técnicas de avaliação económicas baseadas no mercado que caracteriza o

---

<sup>368</sup> Podemos observar, novamente, como exemplo o caso espanhol, relativamente à modificação da Constituição espanhola realizada em 2011, pela que se reforma o art. 135 da carta magna introduzindo a noção de “*estabilidade orçamentária*” no referente às despesas geradas pelas administrações públicas, blindando assim o pagamento da dívida pública diante de qualquer outra despesa em assuntos sociais.

<sup>369</sup> Indica-nos DAVIES (2014: 173) como exemplo extremo o caso do governo britânico que em outubro de 2008 recorreu à legislação antiterrorista para congelar quatro bilhões de libras em ativos de um banco islandês em situação de falência.

neoliberalismo são colocados em suspenso para a sua própria supervivência seguindo a lógica da necessidade soberana. Para o britânico, o “Estado de exceção” surge, então, para resgatar o mercado e o poder soberano constitui-se no garante do jogo neoliberal perante as suas falhas (DAVIES, 2014: 174-177). Ou dito de modo suplementar, a possibilidade de uma exceção estava na realidade contida na própria lógica do neoliberalismo. E essa exceção incluída, seguindo a análise agambeniana, foi usada a partir de outubro de 2008 para permitir atos de emergência dirigidos ao resgate financeiro por parte do Estado que, de outra forma, não só teriam sido considerados formalmente por ilegais, mas também substancialmente antiliberais por serem anticoncorrenciais. As atividades destes Estados deixam de ser avaliadas em termos de legalidade, e passam a ser colocadas pela natureza excecional da situação. Em consequência, observamos como a “constituição económica” (LAVAL e DARDOT, 2007: 52) reconhece a possibilidade material de sua própria suspensão, pois neste contexto, as decisões executivas dos Estados, caso, por exemplo, da União Europeia por referir o mais próximo, esvaziaram materialmente o seu quadro legal, mostrando que a exceção é feita por aqueles que têm o poder soberano para atuar, e não por aqueles que têm apenas autoridade pública regulamentadora.

Segundo o mesmo paradigma agambeniano, continua DAVIES (2014: 177-184), nas circunstâncias excecionais da crise financeira as ações adotadas não estão nem dentro nem fora da lei, mas numa “zona de indeterminação”. Isto é, a exceção não precisa ser legalmente validada ou reconhecida para persistir. De uma perspectiva schmittiana, a legalidade do governo soberano permite sempre tacitamente atos não-legais. No entanto, isto aquilo que manifesta é a génese contraditória da autoridade neoliberal, na qual a razão económica é garantida através da soberania, que resulta ser imprescindível para sua aplicação, além da própria legalidade neoliberal. Assim sendo, quando a ameaça aos princípios do mercado tem natureza existencial, quer dizer, quando toda possibilidade de uma resolução baseada no mercado é questionada, estes princípios devem ser descontinuados e os poderes executivos mobilizados quanto seja necessário. A lógica económica funde-se com a decisão executiva, de modo que, sejam quais forem as decisões das autoridades políticas, é economicamente racional durante o estado de emergência. E a estratégia empresarial, segundo a qual a sociedade é administrada como uma corporação, é novamente transformada numa estratégia



antagónica na que todas as reservas de *poder soberano* são usadas na defesa do mercado existente e da sua infraestrutura económica. Desta forma, a alegação de que a sociedade e a política poderiam ser reorganizadas de acordo com os princípios do mercado resulta inviável desde que o *poder soberano* permanece vigilante e, aparentemente, também ausente, como garante de *ultima ratio*; demonstrando que o ideal liberal de uma ordem única, apátrida e competitiva pode ser abandonada rapidamente uma vez que a ordem está sujeita a uma desestabilização. Em síntese, o “Estado de exceção do mercado”, diante de uma ameaça à racionalidade económica, torna-se mais claramente político na medida em que aparece como uma força imensurável no fundo de todas as estratégias governamentais da sociedade.



## CONCLUSÕES

Ao longo dos vários capítulos que compõem este trabalho visamos identificar os elementos constitutivos de uma “teoria política do neoliberalismo”, a partir de uma racionalidade específica de governo. Isto é, identificar, caracterizar e verificar as tecnologias e os dispositivos de poder que conformam aquilo que designamos por “arte de governo neoliberal”. Com este objetivo, aprofundamos nas implicações decorrentes do conjunto das transformações económicas, políticas e sociais ocorridas nas últimas décadas na sequência da desintegração do Estado providência e das suas agências *welfaristas*. Procederemos a debruçar-nos sobre fenómenos tais como a terceirização da economia, a precarização laboral ou a fragmentação social, por referirmos apenas os exemplos mais destacados, com o intuito de percebermos o seu alcance governamental. É por isso que deslocamos do centro da nossa análise aquelas perspetivas de tipo materialista que, em última análise, subordinam este processo à lógica das relações económicas da produção. Entendemos que esta abordagem envolve uma leitura especialmente monolítica e unidirecional para conseguirmos explicar aquilo que poderíamos considerar o âmago do projeto político neoliberal. E embora não rejeitemos os contributos provenientes dos estudos das sociedades pós-industriais ou de consumo, o nosso trabalho reconduz a análise para as mutações que se verificaram nas formas de exercício do poder sobre os sujeitos, pois consideramos que seja o método de investigação mais completo e também mais fértil. Assim sendo, a escolha deste quadro teórico permite-nos explorar outras dimensões fulcrais para a gestão social, centrada na produção e reprodução de indivíduos funcionais ao sistema de relações de poder promovido pelo capitalismo contemporâneo.

Constatamos, em primeira instância, como, para além da expansão do mercado e a hegemonia dos critérios técnico-económicos na tomada de decisões pelos atores políticos

apontada pela literatura especializada, o cerne do estudo do neoliberalismo encontra-se, acima de tudo, em decifrar a implementação de um singular programa político de intervenção social. Pois não estamos, principalmente, perante uma operação jurídico-política, mas diante de uma forma de condução social do comportamento dos governados. Sendo assim, o declive do disciplinamento social do fordismo, envolveu uma reestruturação das tecnologias de governo, tornando-a na mais transcendental das mutações que já tiveram lugar a partir da década de setenta do século XX. Isto leva-nos, portanto, a entender o poder político, antes bem, em termos de racionalidade, práticas e técnicas de governo da vida social. E, ainda, a incorporarmos uma noção de governo que extravasa os horizontes do poder restringido à direção política estatal. Neste sentido, podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que o modo de governo neoliberal é um projeto de sociedade, na medida em que se trata de um poder que se expande sobre a vida mesma dos indivíduos regulamentando, gerindo e dirigindo as suas condutas para fins determinados. Isto implica, por outro lado, não determos a análise na qualificação da profunda penetração da lógica mercantil na vida dos sujeitos, pois o mais relevante deste processo é, na verdade, conseguirmos rastrear a sua racionalidade política e os seus dispositivos de intervenção.

Em segundo lugar, percebemos o neoliberalismo, na medida em que busca administrar o seu corpo social, como a conformação de uma genuína biopolítica das populações. Tendo isto em vista, o seu programa não se limita à articulação de um grande mercado social como centro vital, como ainda, e essencialmente, procura a constituição de um modelo de sociedade que assente, por completo, na razão de mercado. Isto é, a extensão do modelo da racionalidade da economia política em direção a todos os aspetos não económicos da vida, avaliando, portanto, todas e cada uma das esferas da existência como se de um mercado mais se tratar. Como consequência, o neoliberalismo, entendemos, envolve uma profunda transformação em relação ao liberalismo clássico, uma vez que aquele não se circunscreve às margens estabelecidas pelo *laissez-faire*. A lógica da racionalidade neoliberal, observamos, trespassa as fronteiras naturalmente prefixadas pelo mercado liberal espalhando-se ubíqua e permanentemente sobre o espaço e corpo social. A origem do neoliberalismo, portanto, não a encontramos na sociedade mercantil do liberalismo clássico; mas, antes pelo contrário, ela situa-se numa realidade que modifica substancialmente a dimensão dos conceitos económicos

liberais para inscrevê-los na vida mesma. Deste modo, entendemos, não se trata de concebermos o presente como uma volta aos meios e práticas de exploração do passado, nem sequer readaptados ao presente. A governamentalidade neoliberal opera numa outra dimensão, conduzindo os ritmos, os movimentos e os tempos da vida nas sociedades contemporâneas de uma forma inovadora, embora não isenta de contradições. Por isso, a sua natureza não podemos pensá-la nem como um regresso a um estágio anterior ao *welfarismo*, nem como uma atualização da teoria liberal num contexto extraordinário, como também não podemos percebê-la como constituindo um processo fechado, único e coeso. Em direção oposta a esta interpretação, constatamos a existência de um projeto aberto, múltiplo e diferentes referências, mesmo em confronto, com avanços e retrocessos e, ainda, com especificidades territoriais. Por conseguinte, podemos afirmar que o projeto neoliberal ultrapassa a concreta política económica do liberalismo, com base no desenvolvimento natural do mercado, que é substituído por um modelo social de concorrência.

Em terceiro lugar, longe de uma visão determinista, observamos como a expansão do capitalismo contemporâneo também não responde a um processo genuíno do desenvolvimento económico. Antes, ela é fruto de um processo conduzido, cujo objetivo último é a regulamentação da vida: a organização, o controlo e a gestão do corpo social sob os parâmetros da economia de mercado. Deste jeito, apresentamos, após a investigação desenvolvida no âmbito deste trabalho, uma definição do neoliberalismo que transcende o projeto de desregulamentação económica, de libertação do sujeito da coerção estatal ou dos processos políticos que acompanhariam esta perspetiva. Com base noutra conceção, a partir da análise do poder proposta, num primeiro momento, desde o pensamento foucaultiano e, a seguir, pelas diversas e heterogêneas reinterpretações das noções e categorias esboçadas pelo filósofo francês -que abriram certamente novos e interessantes percursos para a investigação-, observaremos o neoliberalismo como a conformação de uma série de técnicas e dispositivos de gestão da população, de forma alguma, limitada a um modo de produção determinado ou a uma formação social concreta. Por conseguinte, comprovamos, e é, de resto, uma das conclusões principais que tiramos deste trabalho, que o neoliberalismo surge como um modo de governo singular, original e disruptivo assente na expansão da métrica mercantil para todas as esferas da vida humana. Assim sendo, a seguir exporemos sinteticamente as principais

conclusões que alicerçam a nossa tese, a partir da reconstrução ao amparo do projeto neoliberal, em primeiro lugar, sofrida pelo sujeito e, em segundo lugar, pelo Estado.

## I.1

**No neoliberalismo o mercado é o lugar por excelência de realização do sujeito.** Nele as relações sociais são substituídas por relações propriamente mercantis, alargando a lógica de negócios para todos os espaços vitais. O mercado é o lugar onde o indivíduo aprende a gerir a própria vida, incorpora saberes e comportamentos funcionais. O mercado é ainda o quadro onde ocorrem os relatos de percepção da realidade como ator protagonista da sociedade.

**A razão neoliberal muda da imposição objetiva para a mobilização subjetiva.** A rutura das grandes redes de proteção social como núcleos organizadores da vida obriga ao sujeito a procurar, pelos seus próprios meios, conhecimentos e habilidades, a supervivência individual em concorrência com outros sujeitos.

**O sujeito neoliberal não vive na sociedade do mercado de um modo natural, mas aprendido.** A vida é governada por saberes, conhecimentos e discursos focados na proteção, segurança e responsabilidade de si próprio, mais do que por estritas normas provenientes de entidades políticas ou agências administrativas convencionais.

**O sujeito neoliberal é obrigado a viver livremente.** Isto é, é estimulado a adotar as suas decisões sem intermediação, mas sempre em conformidade com determinadas normas e valores assumidos como próprios. O sujeito vive uma liberdade que é regulamentada desde que as decisões dos sujeitos se encontram balizadas por uma rede complexa de discursos e práticas que alastram por todo o espaço social através de dispositivos móveis, flexíveis e difusos não exercidos autoritariamente.

**A lógica neoliberal não procura submeter a vontade individual, mas impulsionar um potente processo de responsabilização pessoal.** A liberdade é, portanto, a condição de operabilidade de uma forma racional de governo, mas não apenas como modo de

administração, mas como forma de submissão individual à lógica económica. Não há qualquer vontade uniformizadora, como ainda aquilo que se procura é, antes, promover uma multiplicidade de “modos de ser”. Por conseguinte, desenvolve-se uma racionalidade que é, por um lado, individualizante, porquanto se fundamenta na singularidade dos sujeitos, mas, por outro, totalizadora, na medida em que estabelece um quadro de condições comum a todas elas.

**O sujeito neoliberal é um indivíduo ativo, responsável e com capacidade de autogestão.**

A promoção do sujeito neoliberal é articulada a partir de três mutações: a) a primeira, a passagem de um sujeito passivo, marcado rigorosamente pela institucionalidade social, para um sujeito ativo, que procura livremente a satisfação dos seus próprios interesses; b) a segunda é a responsabilização do sujeito pela sua vida, ou seja, a assunção total e absoluta do sujeito da direção da sua supervivência sem necessidade de mediação estatal; c) a terceira é a privatização do governo da vida, o deslocamento para o interior dos próprios sujeitos governados dos problemas sociais, tais como o emprego, a saúde ou a pobreza, que deixam de serem considerados uma responsabilidade coletiva.

**O corpo social e o mercado confundem-se e convergem numa mesma razão governamental que tem no *homo economicus* o seu sujeito base.** A vida mesma é um mercado, e é nesse microcosmo mercantil que tem de realizar as suas operações na medida em que nada está por fora dessa lógica. O *homo economicus* constitui o tipo de habitante essencial para a densa e complexa sociedade neoliberal de que faz parte indissociável a respetiva governamentalidade. Um modo de gestão da população engendrado nos valores e princípios de mercantilização da sociedade e da existência da vida que conduzem o sujeito a assumir-se um “empresário de si”.

**O *homo economicus* substitui o *homo politicus*.** Para compreendermos totalmente o sujeito neoliberal importa considerar também a sua relação com a vida política. Deste jeito, advertimos um processo de substituição dos valores políticos pelos valores económicos como modo de gestão da vida, bem como um abandono da morfologia política originária no



relacionamento da comunidade de indivíduos. O sujeito deixa de ser, assim, um ser político para se tornar unicamente um ser económico.

**Empresarialização da vida.** O sujeito-económico é o ser treinado para viver na sociedade do mercado voraz, competitiva, insegura e precarizada, na procura das melhores decisões de investimento no seu “capital humano”. O objetivo último é incentivar os indivíduos a explorarem todos os ativos que conforma o seu capital vital, a saber, os seus conhecimentos, os seus contatos, as suas redes de informação ou os seus afetos. Em resumo, converter a vida numa máquina empresarial competitiva e produtiva que permita atingir a melhor posição face a outros sujeitos vistos como sendo rivais.

**Os sujeitos devem tornar-se únicos e exclusivos.** Os sujeitos devem ser destacados e especializar-se para concorrer com as maiores possibilidades de inserção na sociedade do mercado. A partir desta ótica, o sujeito neoliberal procura sobressair entre a multidão, ser reconhecido como mais atrativo do que os seus competidores, deve singularizar-se, fazer-se único e exclusivo, transformar-se num *sujeito-marca*. E antes do que procurar maximizar os seus lucros, aquilo que deve tentar é reencaminhar todos os esforços diários, por banais que eles forem, para incentivar a sua “atratividade” como forma de aumentar o seu valor de mercado.

**A vida constitui-se num capital.** O *homo economicus* do presente não se caracteriza apenas pela passagem do “comerciante de si” do liberalismo para o “empresário de si” do neoliberalismo, senão que se converte num “financeiro de si”. Um sujeito que especula com a própria vida, buscando uma acumulação de valor *ad infinitum* além da satisfação pessoal e material. A lógica do valor coincide, então, com a vida organizada, transformando o indivíduo no suporte neutro da valorização capitalista apropriando-se de todos os seus atributos vitais.

## I.2

**A razão neoliberal subordina a totalidade da vida às necessidades do capital.** Já não é mais o corpo quem trabalha, mas a vida mesma que é submetida às exigências do mercado, disponível em todo o momento para produzir na “fábrica social”. Neste cenário, a vida e o trabalho são redefinidos até mudarem a sua natureza e já não podem ser percebidas como realidades epistemologicamente separadas. A vida está, pois, envolvida no turbilhão da valorização e é levada para o ponto central do processo económico e político como a “matéria prima”.

**A vida por completo é posta a produzir.** A vida mesma é o espaço/tempo do processo de absorção das faculdades e saberes vitais como centro da acumulação capitalista, mesmo fora da atividade estritamente profissional. Deste modo, não estamos perante simples uma “economia do conhecimento”, mas os saberes resultantes de uma aprendizagem continua no percurso formativo do indivíduo são o fator produtivo do modo de governo.

**A precariedade converte-se em parte constituinte da vida na contemporaneidade.** As características próprias do trabalho pós-fordista, tais como a flexibilização, a insegurança e a instabilidade, estendem-se para todos os âmbitos da vida. Em consequência, a precariedade é muito mais do que a forma hegemónica do emprego no capitalismo contemporâneo. A precariedade não se reduz, então, à questão salarial, como ainda penetra todas as esferas da vida, amplificando a vulnerabilidade ao conjunto da vida.

**A precariedade é um dispositivo de administração da vida insegura, instável e incerta.** No neoliberalismo a segurança socioeconómica das pessoas não mantém uma relação de antagonismo com a precariedade, antes bem, conformam um mesmo binómio imprescindível. Neste sentido, o conceito de desemprego não equivale à ausência de trabalho, o sujeito desocupado continua a trabalhar e, de forma alguma, a queda do emprego determina a sua desapareção, antes, pelo contrário, é alargado cronológica e espacialmente. Desta forma, as incertezas e a precariedade, longe de serem elementos paralisantes, são convertidas num convite ao empreendimento.

**A vida precária é incorporada de forma subalterna.** A precariedade a que são condenados importantes setores sociais não implica a sua radical exclusão da sociedade, porquanto não existem hipóteses de uma existência por fora da produção biopolítica. Aquilo que temos é, então, uma relação ambivalente entre o capital e o sujeito que, tanto é excluído como corpo quanto incluído como potência. A exclusão dos sujeitos do modo de vida normalizado não implica a sua expulsão material do circuito capital. Ao contrário, a vida precária constitui-se na única forma de gerar valor fora das modalidades regulamentadas do emprego, pois ela é a força idónea para o trabalho subordinado, central para o sistema produtivo pós-fordista.

**A precariedade é um modo de governo.** A precariedade é, pois, um dispositivo de governo da vida no contexto das relações económicas de exploração do capitalismo pós-fordista e dos seus modos de subjectivização. E o presente estaria marcado, com base nesta perspetiva, por uma gestão da insegurança que, já não é mais reprimida ou combatida, mas normalizada e naturalizada e, portanto, administrada pelo próprio corpo social.

**O *homo sacer* contemporâneo.** A partir doutra perspetiva suplementar, estaríamos a viver o retorno das formas de exploração do capitalismo primigénio, se bem formalmente rodeado de novas tecnologias. Por conseguinte, o apressamento da vida pelo capital pode ser percebido também a partir da lógica do “poder soberano” ocultando uma relação de exclusão-inclusiva. Nesta conceção, as singularidades e especificidades do capital e a sua implantação no corpo social são modos de exercício do poder do capital sobre a vida: o biocapital. Uma noção que se apropria do biopoder e captura a vida como simples *nua vida*, descobrindo as mais diversas formas do *homo sacer* no presente.

## II.1

**A nova gerência pública impulsionada pelo neoliberalismo não se limita à simples modernização do setor público, antes, verifica-se como uma política governamental.** Os processos tecnocráticos tendentes à atualização do modelo organizativo-burocrático são parte de uma nova forma de relacionamento entre o Estado e os sujeitos baseada na ativação, na responsabilização de si e na escolha racional dos governados. Porém, este conjunto de

transformações constitui-se como mais uma tendência do que uma verdadeira teoria acabada. Igualmente, a sua materialização não responde a uma única corrente, nem se manifesta do mesmo jeito nas diferentes latitudes ou contextos.

**O gerencialismo traz a instauração de um quadro normativo especificamente mercantil para o conjunto da vida pública.** Nesta perspetiva, o setor público só é realizável através dos códigos e dos procedimentos do *management* empresarial, e não desde os princípios políticos do interesse geral característico da regulamentação burocrática tradicional. Em suma, converte-se num *saber-poder* encaminhado à organização eficiente da tomada de decisões e atuações públicas que faz concorrer num mesmo espaço epistémico o Estado, a economia e a sociedade.

**Binómio público-privado.** O neoliberalismo reformula o Estado como um projeto diferente às aproximações liberais antiestatais. Em oposição, a razão neoliberal aquilo que faz é fundir a economia e o Estado num mesmo espaço, em lugar de apartá-los entre si. Deste jeito, as ações do Estado são realizadas sobre uma forma de domínio *público-privado-não-estatal* em que o setor privado e o setor público não surgem antagónicos.

**Direito dos negócios vs. direito público.** O funcionamento do Estado é ordenado, essencialmente, através do denominado “direito privado dos negócios”. Deste ponto de vista, o redesenho da administração estatal encontra nos moldes do regime contratual dos negócios o seu quadro orientador e não no “direito público” prototípico da tradição liberal.

**Sujeitos-clientes.** A vida dos sujeitos converte-se no foco principal da gestão neoliberal, não apenas como sendo destinatários passivos das políticas públicas, mas como coparticipes da sua administração. Os indivíduos são, então, percebidos como clientes do Estado, porquanto consumidores e usuários dos serviços públicos. E a sua relação com a vida pública passa de uma relação substancialmente política para uma relação de tipo mercantil. Em consequência, o Estado deixa de aparecer como garante de *direitos de cidadania* para ser agora, principalmente, um prestador de bens e serviços.

**A burocracia neoliberal.** O recuo administrativo-burocrático do Estado promovido pelo neoliberalismo, na realidade não envolveu uma verdadeira desburocratização, mas favoreceu uma forma de vida em que os sujeitos se convertem em verdadeiros “burocratas de si”. Conforma-se, assim, um novo *ethos burocrático* como alicerce fundamental do capitalismo contemporâneo, através das normas, dos códigos e dos formalismos surgidos do próprio mercado. Por conseguinte, aquilo que fez o neoliberalismo foi estimular a construção de pequenas *jaulas de ferro* individuais, na medida em que a grande *jaula de ferro* estatal se foi desmontando.

**A governança neoliberal apresenta-se como a superação do conflito político.** O debate político fica, então, excluído dos procedimentos de resolução para ser substituído por uma resposta técnica dos problemas sociais através de peritos e profissionais. Isto significa, por um lado, uma total redefinição da administração pública na que o léxico político é substituído pelo léxico de mercado. Mas, por outro lado, a métrica dos negócios também esvazia o conteúdo político do Estado, porquanto os problemas estruturais da sociedade são percebidos como problemas de administração.

**O Estado é apenas o “gerente da nação” e os métodos de resolução encontram-se no mercado e não na política.** Assistimos a uma forma de negação do carácter político do conflito como modo de gestão social. Estamos, pois, diante de uma governança que chamaremos de “pós-política”, com o mercado a virar verdadeira agência do político e a técnica, a sua ferramenta de ação.

**A política contemporânea inscreve-se num processo de pós-politização que entendemos, aliás, requisito ontológico para a reprodução da ordem neoliberal.** No neoliberalismo o espaço político encontra-se neutralizado, despejado da sua substância, e ele subsiste apenas como um procedimento onde os sujeitos políticos são substituídos por consumidores atomizados. Os laços de união, as solidariedades e os imaginários partilhados desaparecem, porque os mecanismos de pertença são alterados e as identidades são transmutadas por apelações para a responsabilidade individual.

**Política imunitária.** Os indivíduos são libertados da *comunidade*, e isentos de qualquer obrigação coletiva ou compromisso comunitário. Desta forma, os indivíduos procuram *imunizar-se* perante aos riscos e perigos da sociedade atual, tomando distância dos problemas coletivos mesmos como forma de assegurar a sua existência. A *imunização* acarreta, nesta análise, a neutralização da política democrático-liberal, pois ela extingue a comunidade em que os indivíduos se integram como sujeitos políticos. O conflito deixa de ser percebido como consubstancial à política e os sujeitos convertem-se apenas em espectadores da realidade social e política, mas nunca se sentem interpelados por ela.

## II.2

**O neoliberalismo não se circunscreve nem a posições ideológicas predeterminadas, nem a um programa de políticas públicas concreto.** No neoliberalismo regista-se uma tensão persistente entre uma visão utópica de uma determinada ideologia (neo)liberal e a realidade prática do “*neoliberalismo realmente existente*”. Nesta posição, muito embora a *Grande Recessão* de 2008, quando algumas das funções mais importantes do projeto neoliberal foram indubitavelmente danificadas, não nos impede acreditar na plena vigência do seu projeto. Pois o neoliberalismo é, acima de tudo, um modo de governo movimentado, complexo, diversificado e em constante transformação, sem por isso quebrar a sua génese governamental.

**A crise de 2008 não trouxe uma rutura do neoliberalismo, nem a reativação estatal envolveu o seu desmoronamento.** O neoliberalismo, pola contra, é um fenómeno fortemente estatal e o que vemos hoje é um Estado neoliberal presente e ultra-ativo. Assim, face às abordagens teóricas que o têm eliminado praticamente do seu estudo, julgamos que o Estado é mais uma parte, indissociável mesmo, do processo de governamentalização que antes do que materializar-se num determinado quadro legislativo, ganha a forma de uma “arte de governo”.

**A perspectiva foucaultiana alarga a conceção da estatalidade.** Localiza o Estado como o coordenador das forças de poder em permanente tensão e conflito, ora, independentes do seu sistema político e jurídico. O Estado está ligado ao seu corpo social em dous sentidos: por um



lado, o Estado mexe a sociedade e, por outra, a sociedade mexe o Estado. Trata-se de dous conceitos que se relacionam entre si, a moldarem-se e promoverem-se mutuamente. Por outras palavras, o Estado é, em resumo, uma “relação social” incorporada na sociedade e só se desenvolve como parte de uma teoria da sociedade mesma.

**Os próprios Estados foram e continuam a ser protagonistas ativos da governança.** O Estado não desapareceu no neoliberalismo, antes, apenas mudou o seu modo de relacionamento. Isto obriga-nos a repensar o papel do Estado e a sua posição de privilégio na conformação das relações de poder. Em primeiro lugar, porque o poder estatal é exercido para além da coerção, por meio de colaborações, negociação e deliberações entre os vários atores da sociedade. E, em segundo lugar, porque o Estado tem uma representatividade simbólica de ator primogénito nas decisões técnicas, económicas e políticas porquanto *primus inter pares* de uma governança heterogénea e multinível.

**O neoliberalismo não avançou contra o Estado, nem procurou a sua destruição.** Aquilo que fez a razão neoliberal foi reedificá-lo por meio da ciência económica e os saberes da gestão empresarial. Por isso, por trás do formal antiestatismo liberal, aquilo que observamos é um outro modelo de Estado. O decorrer do tempo mostrou, assim, como o aparente recuo do Estado não era tal, mas, a sua reestruturação economicista. Desta forma, as chamadas sobre o fim dos Estados nacionais e a soberania principalmente foram justificações mais ideológicas do que realmente análises científicas. A crise económica serviu para mostrar o autêntico papel do soberano estatal que, no entanto, podemos localizar no centro dos problemas e no centro das soluções.

**A crise não deve ser percebida, de modo nenhum, como um acontecimento de declínio da governança neoliberal.** Em contraste com a clássica tese liberal que promovia um Estado mínimo e cujas funções eram apenas as de segurança, no presente, o Estado joga um papel central na expansão da economia, tanto favorecendo um quadro institucional vocacionado para a concorrência, quanto no estabelecimento de um quadro jurídico-económico no que os indivíduos se devem desenvolver. Estaríamos perante a formação de uma autêntica “constituição económica” dirigida, essencialmente, a consagrar a sua ordem social.

**No presente estamos a assistir à emergência de uma governança de tipo punitivo, que quebra a sua configuração normativa e revive a sua versão mais combativa.** O neoliberalismo pós-crise articula-se numa nova narrativa, dirigida a punir importantes setores da sociedade apontados como potencialmente perigosos e portadores de riscos para a sua governança. Ressurge, seguindo a tese schmittiana, um “poder soberano” vocacionado para a proteção da própria estratégia neoliberal, pondo em causa, se for preciso, os fundamentos do próprio sistema institucional-democrático, por meio de um reforçar do poder executivo com base: a) na (in)segurança social, b) na delegação da política na técnica e c) na retração e imunização dos indivíduos dos assuntos coletivos.

**O “poder soberano” institui-se no garante da governança neoliberal.** Segundo esta perspetiva, as circunstâncias excecionais ocorridas após a crise financeira possibilitaram uma série de alterações normativas e constitucionais, introduzidas em diferentes países europeus, que subordinaram a legalidade vigente às necessidades do mercado. Isto é, as regras, os procedimentos e as técnicas de avaliação do mercado livre foram colocados em suspenso por “decisão soberana” para garantir a sua própria supervivência do mercado.

**A excecionalidade renasce, não como uma simples exceção à regra, mas como uma técnica governamental que permite dar forma legal ao que não pode ter.** Na medida em que a “constituição económica” que governa materialmente os destinos dos Estados neoliberais, incorpora a possibilidade de sua própria suspensão, surge um *Estado de exceção económica*. Isto é, uma *exceção* que não é nem dentro nem fora da lei, mas em uma “zona de indeterminação”, que possibilita o resgate do mercado como uma *última ratio*. Mas também colocando em tensão o ideal liberal de uma ordem única, apátrida e competitiva, que pode ser abandonada rapidamente, uma vez que a ordem social está sujeita a uma ameaça suficientemente perigosa.

\*

Em definitivo, aquilo que verificamos, pelas palavras de FOUCAULT (2006: 110), é a plena vigência no presente, após tantas chamadas para o seu fim, do “poder” e do “governo”. Isto é,

a plena vigência de interrogarmo-nos, “*o como governar, como ser governado e como governar os outros?*” Ou mais ainda, virando a direção destas questões, continua plenamente vigente, enquanto caminho a explorarmos em futuras investigações, “*o como podemos deixar de sermos governados desta maneira?*”.



## CONCLUSIONS

Throughout a number of chapters in this work, we aim to identify the constituent elements of a political theory of neoliberalism as a specific rationality of government. This means to identify, characterize and verify the technologies and power structures that make up what we know as ‘art of the neoliberal government’. With this purpose, we delve into the implications drawn from the set of economic, political and social changes that have taken place in the last decades as a result of the disintegration of the welfare state and its welfare agencies. Phenomena such as outsourcing, job insecurity or social fragmentation, to mention the most outstanding examples, are thus being revised in an attempt to understand their effects on government. Thus, we deviate from those materialistic perspectives that, as a last resort, subordinate this process to the logic of the economic relationships in the production system. We understand that this approach requires an especially monolithic and unidirectional interpretation in order to explain the true dimension of the neoliberal political project. Despite not rejecting the approaches from post-industrial or consumer societies at all, our work redirects the analysis towards the changes in power structures in relation to the subjects, as the most comprehensive and fertile research method. This theoretical framework allows us to explore other key dimensions for social management, which primarily leads to the production and reproduction of functional individuals in the power relationships system launched by contemporary capitalism.

Firstly, we acknowledge that, beyond the market expansion and hegemony of technical-economic criteria in the political actors’ decision making we find in the specialized literature, the root of the research on neoliberalism lies, above all, in deciphering the launch of a special political programme of social intervention. Thus, we not only witness a political-judicial operation, but rather a popular social movement. Therefore, the decline of the Fordist social

discipline mainly involved a re-structuring of governmental technologies and it became one of the most transcendental changes that took place in the 1970s. This means that political power, above all, has to be understood in terms of rationality, practices and techniques of the government of society. And, we even add a notion of government that goes beyond the scope of power limited to the State political direction. In this sense, we can undoubtedly claim that the neoliberal government system is a social project as long as it is a power that stretches along the individuals' lives and it regulates and leads their behaviour for specific purposes. This means, on the other hand, we cannot stop the analysis in the assessment of the deep influence of the commercial logic on the individuals' lives since the most relevant factor in this process is to trace its political rationality and its mechanisms for intervention.

Secondly, we understand neoliberalism as a structure of genuine bio policy of population since its main purpose is to manage society. Having said this, its programme is not restricted to the articulation of a great social market as a core, but rather more fundamentally it leads to build up a model of society that is mainly based on the market itself. This is to say, the extension of the model of political economics rationality regarding all non-economic aspects in life, assessing all and each one of the areas of life as if they were a market. As a result, neoliberalism, as we understand it, involves a deep transformation as regards of classical liberalism since it is not confined to the margins established by the 'laissez-faire' philosophy. We observe that the logic of the neoliberal rationality goes beyond the borders that were naturally pre-established by the liberal market and it spreads ubiquitously and permanently around the social space and its members. Thus, the origins of neoliberalism are not found in the commercial society of classical liberalism; rather the opposite, it is part of a reality which changes the dimension of liberal economic concepts substantially in order to position them in life itself. In this way, we state that we cannot think about the present as a return to the research methods and practices from the past, not even re-adapted to the present times. The neoliberal government operates in a different dimension, leading the rhythms, movements and life stages in contemporary societies in a novel way, despite not being free of contradiction. Therefore, we cannot regard its nature as either a return to a former stage to the welfare state or an update of the liberal theory in an extraordinary context and neither can we understand it as a closed, unique and cohesive process. Opposing this interpretation, we

confirm the existence of an open, multiple project as well as different references, also in contradiction, with progress and regressions, and even territorial particularities. Therefore, we can state that the neoliberal project surpasses the specific economic politics of liberalism, based on the natural development of the market and it is replaced by a social model of concurrency; as a result of a deeply socially rooted political system which aims at economizing different areas of life that were previously ruled by non strictly commercial values and rules.

Thirdly, far from a deterministic view, we can observe how the expansion of contemporary capitalism does not respond to a genuine process of economic development, either. Quite the opposite, it is fruit of a directed process, whose ultimate objective is the regulation of life: the organisation, control and management of the members of society under the parameters of the market economy. So, we present, following our research work, a definition of neoliberalism that goes beyond the project of economic deregulation, subject's freedom from the State's pressure or the political processes which support this perspective. In a different conception, we will stem from the power analysis suggested first from Foucault's perspective and followed by the different and heterogeneous reinterpretations of the notions and categories drafted by the French philosopher, which certainly opened new and interesting research paths. We will observe neoliberalism as a conglomerate of a series of techniques and systems of management of the population, which is not restricted to a specific production method or a particular social group. Thus, we corroborate the notion of neoliberalism as a unique, original and disruptive form of government that is based on the expansion of the commercial metric to all areas of human life, as the main conclusion drawn from this research. Having stated this, we continue to summarise the main conclusions in which our thesis is based, following two main factors: first, the reconstruction of the subject under neoliberalism, and second, the reconstruction of the State under the neoliberal project.

## I.1

**Neoliberalism regards the market as the prime place for the subject's fulfilment.** Under neoliberalism, social relationships are replaced by purely commercial ones, spreading the



business logic to all the areas of life. The market is the place where the individuals learn to lead their own lives, and integrate knowledge and functional behaviour. It is the framework where the individual perceives reality and becomes protagonist of society.

**The neoliberal reason of State moves from objective imposition to subjective mobilization.** The breakup of the great social protection network systems as nucleus of life organisation forces the individual to survive by using their own means, knowledge and skills, alongside other individuals.

**The neoliberal individual does not live in a market society naturally, but rather he learns to do so.** Life is governed by wisdom, knowledge and speeches focused on self-protection, security and responsibility, rather than strict regulations coming from political institutions or conventional administrative agencies.

**The neoliberal subject is forced to live freely.** This is to say; he is encouraged to make his own decisions without intermediaries, although always according to certain rules and values he believes their own. The subject experiences a regulated freedom, as long as their decisions are supported by a complex network of speeches and practices that spread all around the social areas of life via mobile devices, which are flexible and not used authoritatively.

**The neoliberal logic does not try to suppress the individual will, but rather encourage a powerful process of individual self-awareness and responsibility.** Freedom is, thus, a condition of effectiveness of a rational form of government, hardly as an administration system but rather a form of individual submission to the economic logic. There is no intention of standardizing but promoting a multiplicity of 'characters'. Thus, a rationality, which is on the one hand individualising and it is based around the individual's singularity, and on the other hand generalising, establishing a common framework for all individuals, is developed.

**The neoliberal subject is active, responsible and he can manage himself.** The promotion of the neoliberal subject stems from three fundamental changes: a) first, the change from a passive subject who is strongly led by social institutions to an active subject who freely seeks

to satisfy his own interests, b) second, the subject becoming responsible for his own life, that is to say, the total and complete acceptance of his survival without any State mediation, c) third, the private management of life, the displacement of social problems such as employment, health or poverty to the individual inner self since they are not considered a collective responsibility any more.

**Society and market mix up and finally meet in the same reason of State, with the homo economicus as the main subject.** Life itself is a market, and we need to operate within that commercial micro-cosmos since nothing exists beyond this logic. The *homo economicus* is the type of essential citizen for the dense and complex neoliberal society, which is closely linked to the neoliberal government. A system of managing the population that is born in the values and principles of commercialization of society and life, which leads the subject to become ‘entrepreneur himself’.

**The *homo economicus* replaces the *homo politicus*.** In order to understand the neoliberal subject totally, we also need to consider his involvement in politics. In this way, we can observe a process of replacement of political values by economic ones, as a system of life management, as an abandonment of the original political morphology regarding social interactions. The subject stops being a political being to become just an economic one.

**Life entrepreneurship.** The economic subject has been trained to live in the society of the voracious, competitive, insecure and precarious market, in search for the best investment decisions in his ‘human capital’. The ultimate objective is to encourage individuals to explore every asset that makes up their life capital, that is to say, their knowledge, contacts, information networks or their affections. In summary, turning life into a competitive and productive entrepreneurial machine that allows the individual to hold a better position against the others, who are seen as rivals.

**The subjects must become unique and exclusive.** The subjects must be outstanding and specialize so that they can have a better chance of belonging to the commercial society. This is why, the individual must become singular, unique and exclusive, a *branded subject*. From

this perspective, the neoliberal subject intends to stand out from the crowd and be recognized as the most attractive by his competitors. And before trying to maximize his wealth, he must try to focus all his daily efforts, no matter how trivial they might be, on increasing his 'attractiveness' as a way to increase his market value.

**Life turns into capital.** Therefore, we witness the move from the liberal *homo economicus*, who is defined as a 'salesman himself', to the neoliberal *homo economicus*, who is defined as 'entrepreneur himself'. Having said this, we certify the move towards a *homo economicus* 'financially in charge of himself', who searches beyond his personal material satisfaction and gathers *ad infinitum* value, speculating about his own life, since nothing escapes the wealth realm. So, the logic of value coincides with the organised life. It takes possession of all human attributes, transforming the subject in the genuine neutral support of the capitalist value system.

## I.2

**The neoliberal reason subordinates the entire life to the needs of the capital.** It is not just the physical individual who works but his life itself is subdued to the market requirements and totally available to produce in the *social factory*. In this climate, life and work are re-defined to the point that they change their nature and they cannot be perceived as separate realities epistemologically speaking. Life is, therefore, wrapped in the vortex of valuation and it is positioned as the 'raw material' at the core of the economic and political process.

**Life in its entirety is destined to produce.** Life itself is the space/time of the process of absorption of vital skills and knowledge as a capitalist centre, outside the realm of working activity. In this way, we are not witnessing an 'economy of knowledge', but the wisdom and knowledge which result from continuous learning all throughout the individual's education are a productive factor of the government system.

**Job insecurity becomes a part of contemporary life.** The characteristics of the Post-Fordist labour market, such as job flexibility, insecurity and instability, are generally accepted in all

areas of life. As a result, job insecurity is much more than a dominant employment status in contemporary capitalism. Job insecurity is not reduced to the salary issue, but it penetrates all areas of life and increases vulnerability all throughout life. Job insecurity also penetrates life experience.

**Job insecurity is a system to manage the insecure, unstable and unpredictable life.** In the neoliberal system, the socio-economic security of people is not incompatible with job insecurity, but they make up an essential binomial. In this sense, the concept of unemployment is not equivalent to lack of work. The unemployed person keeps working and being out of a job does not determine his disappearance, but quite the opposite, he is stretched out in time and space. So, uncertainty and job insecurity, far from being paralysing elements, become an invitation to entrepreneurship.

**Job insecurity is incorporated as a secondary way of life.** The job insecurity many important social sectors are led towards does not mean their radical social exclusion, since there is no hypothesis of an existence outside bio political production. So, we find an ambivalent relationship between the capital and the subject, who is excluded as a physical person and included as a potential power at the same time. In this way, the exclusion of subjects from a normalized life style does not mean their material rejection of the capital circuit. Quite the opposite, a precarious life becomes the only way to create value outside the standard job formulas, since it is the appropriate motor of subordinate labour, which is central for the productive post-Fordist system.

**Job insecurity is a system of government.** Job insecurity is, therefore, a system to manage life in the context of economic relationships in the research of the post-Fordist capitalism and its ways of subjectivization. From this perspective, the present would be characterised by the management of job insecurity, which is not repressed or battled against any more, but normalized and naturalized and therefore, administered by society itself.

**Contemporary *Homo sacer*.** From another complementary perspective, we would experience the return of the research on the original capitalism, although formally aided by new

technologies. Thus, the capture of life by capital can be also regarded from the logic of 'sovereign power' hiding a relationship of inclusive exclusion. In this conception, the singularities and specifications of the capital and its separation from society are power structures of the capital over life: the bio capital. A notion that takes over bio power and captures life as simple naked life, discovering the most diverse forms of *homo sacer* in present times.

## II.1

**The new public management encouraged by neoliberalism is not restricted to the simple modernisation of the public sector, but it rather consolidates itself as a government system.** The technocratic processes leading to an update of the bureaucratic organisational model are part of a new form of relationship between the State and the citizens which is based around taking action, being in charge of themselves and electing governments in a rational way. Thus, this set of transformations becomes a trend rather than a finished theory. Likewise, its materialization does neither respond to a single current nor it is manifested in the different latitudes or contexts evenly.

**The managerial system implies the establishment of a specifically commercial legal framework in the realm of political life.** From this perspective, the public sector can only be accomplished following the codes and procedures of the entrepreneurial management and not the general interest political principles that are characteristic of the traditional bureaucratic administration. To sum up, it becomes a knowledge-power that is aimed at organising the decision-making and public interventions which make State, Economy and Society meet in the same epistemological space in an efficient way.

**Public-private binomial.** Neoliberalism reformulates the concept of State as a different project from the liberal anti-State approaches. In contrast, what the neoliberal reason does is to merge economy and State in the same space instead of setting them apart. In this way, the actions of the State are accomplished in the *public-private-non-State* domain in which the private and public sector are not excluding one another.

**Business Law versus Public Law.** The State is essentially managed by the so-called ‘Business Law’. In this approach, the redesign of the State administration is inspired and based around the business contract regime rather than ‘Public Law’ which was the prototype in the liberal tradition.

**Subjects-clients.** The life of the subjects becomes the main focus of the neoliberal management system, not as passive end users of public policies but rather as co-participants in its administration. The individuals are thus regarded as clients of the State, as consumers and end users of public services. And their relationship with public life goes from being a substantially political relationship to a commercial one. As a result, the State ceases to be a guarantor of *citizen rights* to become, fundamentally now, a provider of material assets and services.

**The neoliberal bureaucracy.** The administrative-bureaucratic relapse promoted by neoliberalism does not translate into true de-bureaucratization in reality. In contrast, it promotes a life style in which the subjects become true bureaucrats of their own lives. Thus, a new *bureaucratic ethos* becomes the essential root of contemporary capitalism following the rules, codes and protocol born from the market itself. Therefore, what neoliberalism does is to encourage the build up of small individual *iron cages* to the extent that the big State *iron cage* has been disintegrating.

**The neoliberal government presents itself as a way of overcoming political conflict.** The political debate is then excluded from the problem-solving methodology to be replaced by a technical response to social issues from the hand of technicians and professionals. This means, on one hand, a complete redefinition of public administration in which the political vocabulary is replaced by the market vocabulary. But, on the other hand, business metric also empties the political content of the State since social structural problems are regarded as administrative ones.

**The State is hardly the ‘manager of the nation’ and the problem-solving methodology lies in the market, not politics.** So, we witness a form of negation of the political character



of the conflict as a method of social management. We find ourselves in front of a ‘post-political’ government, in which the market becomes the true political agent using a technical methodology.

**Contemporary politics is framed within a process of post-politicization**, which we understand as an ontological requirement for the reproduction of the neoliberal order. Within the neoliberal system, the political space is neutralised, cleared from substance and it hardly survives as a procedure where the political subjects are replaced by atomized consumers. The bonds, solidarity and sharing collective imagination disappear because the mechanisms of belonging are altered and the identities are changed by calls to individual responsibility.

**Immune politics.** The individuals are freed from the *community*, and they are exempt of any collective obligation or commitment towards their community. In this way, the individuals try to *immunize themselves* against the risks and dangers of current society, taking some distance from collective problems themselves as a way of preserve their existence. In this analysis, the *immunization* results in the neutralisation of democratic-liberal politics since this ends the community in which the individuals integrate as political subjects. The conflict is not regarded as consubstantial to politics anymore and the subjects become mere spectators of the social and political reality, but they never feel questioned by it.

## II.2

**The neoliberalism does not exclusively deal with either predetermined ideologies or a specific programme of public politics.** In this way, neoliberalism keeps a constant tension between a utopic vision of a determined (neo)liberal ideology and the practical reality of the ‘existing neoliberalism’. From this position, the Great Recession of 2008, where some of the most important functions of the neoliberal project were undoubtedly damaged, doesn’t stop us from acknowledging the full currency of their project. Neoliberalism is, above all, a complex and diversified form of government in movement, in constant change, but still keeping its governmental genesis.

**The crisis of 2008 did not mean a breakup of neoliberalism, in the same way that the State recovery is not a symptom of its collapse.** Neoliberalism, on the contrary, is a strongly pro-State phenomenon and what we see nowadays is a neoliberal State that is present and ultra-active. So, unlike the theoretical approaches that discard it from their research, we recognize the State as another inseparable element in the process of government intervention, which is viewed as an ‘art of government’ rather than a fixed set of regulations.

**Foucault’s perspective stretches out the concept of State,** identifying the State as the coordinator of the forces that are in permanent tension or conflict, independent from their political and judicial system now. The State is linked to society in two senses: on the one hand, the State moves society and on the other hand, society moves the State. They are two concepts that relate to each other, they model on each other and encourage one another. In other words, the State is, in summary, a ‘social relationship’ incorporated to society and it only develops as part of a theory of society itself.

**The States themselves were or keep being active protagonists of their ruling.** The State didn’t disappear into neoliberalism, but it hardly changed its way of relating to it. This forces us to rethink the role of the State and its position of privilege in the establishment of power relationships. Firstly, because the State power goes beyond pressure, by means of collaborations, negotiation and deliberations among the different social actors. Secondly, because the State has symbolic representation as prime actor in the technical, economic and political decisions regarding *primus inter pares* of a heterogeneous and multilevel government.

**Neoliberalism did not progress against the State nor intended its destruction.** What the neoliberal reason did was to rebuild it by means of Economics and entrepreneurial management expertise. Thus, what we observe behind the formal liberal anti-State is a different model of State. The passage of time showed how the apparent relapse of the State was not such but its economic re-structuring. In this way, the call for the end of the Nation States and sovereignty were mainly ideological justifications rather than scientific analysis.

The economic crisis served to show the authentic role of the sovereign State, which, in the meantime, we can position in the centre of the problems and the solutions.

**The crisis cannot be definitely regarded as an event of the decline of neoliberal government.** Against the classical liberal thesis which promoted a minimal State whose main function was to just provide security, nowadays the State plays a central role in the expansion of economy, both favouring an institutional framework devoted to concurrency, establishing a legal framework in which the individuals operate. We would be in front of the formation of an authentic ‘economic constitution’, which is essentially directed to establish its social ranking.

**Nowadays we are witnessing the emergency of a punishing government style that breaks its legal configuration and revives its most combative streak.** The post-crisis neoliberalism is articulated within a new narrative, which is directed to punish important sectors of society that are potentially dangerous and risky for its government. A ‘sovereign power’, following Schmitt’s thesis, devoted to the protection of the neoliberal strategy itself, reappears. It puts into question, if necessary, the foundations of the institutional-democratic system, by means of a reinforcement of the executive powers based on: a) social insecurity, b) delegation of politics to technical expertise and c) retraction and immunization of individuals from collective issues.

**The ‘sovereign power’ becomes the guarantor of the neoliberal government.** According to this view, the exceptional circumstances that took place after the financial crisis will allow a series of normative and constitutional changes introduced in different European countries that will be under the current legislation to the needs of the market. Thus, the rules, procedures and assessment techniques of the free market were put on hold by a ‘sovereign decision’ in order to guarantee its own survival.

**The exception revives, not as a simple exception to the rule, but a governmental technique** that legalises what cannot be legalised. As the ‘economic constitution’ that governs the fate of the neoliberal States physically incorporates the possibility of its own suspension, a State of economic emergency appears. This is to say, an *exception* that is neither within nor

outside the law, but in a ‘limbo’ which allows the rescue of the market as a *last resort*. But it also puts the liberal ideal of a single, stateless and competitive order under pressure. It can be abandoned quickly once the social order is subjected to a dangerous enough threat.

\*

To sum up, following Foucault’s words (2006: 110), what we verify has complete validity, despite all the calls from the ‘power’ and the ‘government’ for it to end. This is to say, the total validity of questioning *how to govern, how to be governed and how to govern others?* Even more, surrounding these questions and still completely valid, how far should we take our future research or *how we can stop being governed in this way?*





## ANEXO. SÍNTESIS DEL CONTENIDO Y CONCLUSIONES (ESP)

La presente tesis, que lleva por título “*El ‘arte de gobierno neoliberal’. Sujeto, poder y Estado desde el pensamiento (post)foucaultiano*”, aborda la hipótesis del desarrollo de una “teoría política del neoliberalismo” a partir de un específico “arte de gobierno”. Esto es, la conformación de una racionalidad de gestión de la vida que analizaremos a partir, principalmente, de los aportes teóricos de la literatura centrada en las tecnologías del poder y del gobierno,<sup>370</sup> en confrontación con otros enfoques más convencionales sobre el proyecto neoliberal.<sup>371</sup> No se trata, sin embargo, de una propuesta encaminada a establecer una jerarquía analítica, sino, antes bien, una yuxtaposición de las diversas elaboraciones teóricas que, de ningún modo, pueden ser reducidas a una unidad. Por consiguiente, el propósito último de este trabajo es problematizar el “gobernar”, es decir, cuestionar la operacionalidad del “poder” en la contemporaneidad. Por ello, atendemos a la configuración de una formulación del poder cuyo objetivo primordial no es tanto el control maquiaveliano del territorio del Estado, sino fundamentalmente la gestión de la población; por cuanto nos encontramos ante una noción de gobierno que sobrepasa su concepción más tradicional para instalarse en un plano más amplio y también más complejo. Redireccionamos, entonces, nuestro enfoque hacia otros conceptos de la teoría, de la filosofía y de la ciencia política a fin

---

<sup>370</sup> Como referencia más destacadas podemos mencionar los trabajos de FOUCAULT (2006, 2012), así como, entre otros, BOUTANG (2007), BROWN (2015), BUTLER (2006), CASTRO-GOMEZ (2010), DEAN (2007), FEHER (2017), FUMAGALLI (2010), HARDT y NEGRI (2002, 2011), LAVAL e DARDOT (2013, 2015, 2017, 2018), LAZZARATO (2013), ROSE y MILLER (2008), ROSE (1999, 2012), VIRNO (2003).

<sup>371</sup> En este sentido, la bibliografía sobre el neoliberalismo es inagotable, por tanto, sin intención de exhaustividad, vid. ANDERSON (1998, 2003, 2012), ARRIGHI (2006, 2007), BAUMAN (2001, 2002, 2004a, 2006), BECK (2002), BELL (1991), BOLTANSKI y CHIAPELLO (2002), CASTEL (2006, 2008), CLARKE e NEWMAN (1997), GORZ (2003), GRAEBER (2015), HARCOURT (2011), HARVEY (2004, 2007, 2012), JAPPE (2016), KRUGMAN (2012), LAPAVITSAS *et al.* (2012), LIPOVETSKY (2006), RANCIÈRE (2007), SASSEN (2010), SENNETT (2006), STREECK (2017a), TOUSSAINT (2010), WACQUANT (2010), ZIZEK (2008, 2012).



de explorar el poder sobre la vida en el presente.<sup>372</sup> Pues el núcleo axial de la presente investigación se ubica, principalmente, en la relación entre los conceptos de gobierno y neoliberalismo, en el objetivo de verificar la emergencia de un particular modo de gobernanza que se constituye a través de la articulación de diferentes dispositivos políticos dirigidos al (auto)control de los sujetos. Siguiendo esta hipótesis, elaboramos una cartografía de los diferentes desarrollos teóricos de aproximación al proyecto neoliberal identificando las diversas propuestas, sus tensiones y también sus convergencias en la finalidad de comprender tanto sus caracteres como identificar sus singularidades.<sup>373</sup>

De acuerdo con lo expuesto, este estudio aborda el modo de gobierno desde la reconstrucción y el redimensionamiento de las categorías teóricas tradicionales con base en el pensamiento (post)foucaultiano.<sup>374</sup> Es decir, supera la aproximación económica, política o ideológica más convencional al neoliberalismo, como forma de corregir las insuficiencias y límites analíticos que advertiremos a lo largo del trabajo. En este propósito la investigación se organiza en cinco capítulos, a su vez, estructurados en tres bloques temáticos centrales, en los que se desarrollan detalladamente los distintos tópicos tratados. El primero de los bloques, bajo el título “Perspectiva analítica. Biopolítica y biopoder”, está compuesto por el Capítulo 1. Un amplio capítulo encaminado a desarrollar diferentes enfoques del fenómeno neoliberal, sus elementos de conexión y sus divergencias, así como las claves que sitúan su paso hacia una singular gobernanza biopolítica. El segundo de los bloques está conformado por los Capítulos 2 y 3, centrados en el “sujeto neoliberal” y su caracterización, aproximándonos a un poder que no reprime a los sujetos, sino que los produce por medio de prácticas y saberes específicos encaminados a su propia reproducción. En síntesis, en el Capítulo 2 exploramos el neoliberalismo como resultado de un proceso más profundo que la mera restitución o renovación de las políticas liberales, reducidas, en particular, a una política de desregulación

---

<sup>372</sup> En este sentido, señalamos como ejemplos más sugerentes, entre otros, BIDEZ (2016b), DAVIES (2014), PECK (2010), LAVAL e DARDOT (2013), LEMKE (2006), así como los denominados *estudios de la gubernamentalidad*; por todos, DEAN (2007), ROSE (2007), ROSE y MILLER (2008).

<sup>373</sup> Apuntamos, con transparencia, que nuestra propuesta es sólo una de las múltiples posibilidades existentes. Por ello, la bibliografía utilizada no es ni la única realizable, ni nuestras conclusiones son las únicas posibles, pues nuestra verdadera vocación es complementar y no sustituir otras perspectivas también válidas para acercarse a este objetivo.

<sup>374</sup> De entre la vastísima e influyente obra del autor galo, publicada tanto en vida como, sobre todo para nuestro estudio, *post mortem*, destacamos, por todas, FOUCAULT (1979, 1985, 1990, 1991, 1994, 1999, 2000, 2002, 2006, 2008, 2011, 2012).

de la economía. En el Capítulo 3 profundizamos en el proceso de producción de la vida, complementando este análisis con otra dimensión simétrica: la vida puesta a producir. Considerando el carácter eminentemente biopolítico de la racionalidad neoliberal, advertimos, en este capítulo, cómo la totalidad de la vida de los individuos está sometida a las necesidades del capital y la desaparición de las fronteras entre la vida dentro del trabajo y la vida fuera del trabajo. El tercer y último bloque, formado por los Capítulos 4 y 5 de la investigación, lleva por título “Estado y gobernanza”, y en él desarrollamos la relación entre los sujetos, la forma-empresa y el Estado en el neoliberalismo. En primer término, en el Capítulo 4 trataremos de identificar las singularidades de la gobernanza y su afectación al Estado, a partir de la implantación de originales modelos de actuación y participación entre el poder estatal y los sujetos bajo el paradigma de la empresarialización. En segundo término y para finalizar, en el Capítulo 5 nos referimos al impacto de la serie de transformaciones económicas, sociales y políticas impulsadas en el ámbito de decisión estatal y, en concreto, sobre el declive de las soberanías nacionales señalado por gran parte por la literatura especializada. En contra, lo que deducimos es la persistencia del control estatal y su fuerte protagonismo en el presente.

De esta manera, a lo largo de los diferentes capítulos que componen este trabajo señalamos los elementos constitutivos del neoliberalismo como un “arte de gobierno”. En primer lugar, constatamos como, además de la expansión del mercado y la hegemonía de los criterios técnico-económicos en la toma de decisiones por los actores políticos, el núcleo del estudio del neoliberalismo se encuentra, ante todo, en descifrar la puesta en marcha de un singular programa político de intervención social. En segundo lugar, percibimos el neoliberalismo, en la medida en que busca administrar su cuerpo social, como la conformación de una genuina biopolítica de las poblaciones. Su programa no se limita a la articulación de un gran mercado social como centro vital, sino que fundamentalmente se encamina a la constitución de un modelo de sociedad basado por completo en la razón de mercado. Como consecuencia, el neoliberalismo, entendemos, supone una profunda transformación respecto al liberalismo clásico, en cuanto no se circunscribe a los márgenes establecidos por la *laissez-faire*. La lógica de su racionalidad traspasa las fronteras naturalmente prefijadas por el mercado liberal extendiéndose ubicua y permanentemente sobre el espacio y el cuerpo social. En tercer lugar, lejos de una visión determinista, vemos

como la expansión del capitalismo contemporáneo tampoco responde, de esta forma, a un proceso genuino del desarrollo económico. En cambio, es fruto de un proceso de conducción y regulación de la vida: la organización, el control y la gestión del cuerpo social bajo los parámetros de la economía de mercado. De esta manera, presentamos, tras la investigación desarrollada en este estudio, una definición del neoliberalismo que trasciende el proyecto de desregulación económica, de liberación del sujeto de la coerción estatal o de los procesos políticos que acompañan a esta perspectiva.<sup>375</sup> Pues el neoliberalismo es, antes bien, un modo de gobierno singular, original y disruptivo fundamentado en la expansión de la métrica mercantil a todas las esferas de la vida humana. De este modo, a continuación expondremos, sintéticamente, las principales conclusiones que fundamentan nuestra tesis, a partir de la reconstrucción sufrida al amparo del proyecto neoliberal, en primer lugar, por el sujeto y, en segundo lugar, por el Estado.

## I.1

**En el neoliberalismo el mercado es el lugar por excelencia de realización del sujeto.** En él las relaciones sociales son sustituidas por relaciones propiamente mercantiles, ampliando la lógica de negocios a todos los espacios vitales. El mercado es el lugar donde el individuo aprende a manejar su vida, incorpora saberes y comportamientos funcionales.

**La razón neoliberal cambia la imposición objetiva por la movilización subjetiva.** La ruptura de las grandes redes de protección social como núcleos organizadores de la vida obliga al sujeto a buscar, por sus propios medios, conocimientos y habilidades, la supervivencia individual en competencia con otros individuos.

**El sujeto neoliberal no vive en la sociedad del mercado de un modo natural, sino aprendido.** La vida es gobernada por saberes, conocimientos y discursos enfocados a la protección, seguridad y responsabilidad de sí mismo, más allá de las estrictas normas procedentes de entidades políticas o agencias administrativas convencionales.

---

<sup>375</sup> Sin duda, nuestro enfoque sobre neoliberalismo rompe a) con la visión economicista centrada en las reformas fiscales, financieras y salariales (ANDERSON, 2003), b) la sustitución del Estado por el libre mercado (JAPPE, 2011) y c) la recuperación de la hegemonía política por la clase capitalista (HARVEY, 2007).

**El sujeto neoliberal está obligado a vivir libremente.** Es decir, es estimulado a adoptar sus decisiones sin intermediación, pero siempre de conformidad con determinadas normas y valores asumidos como propios. El sujeto vive una libertad que está regulada, en tanto las decisiones individuales están perimetradas por una compleja red de discursos y prácticas que se extienden por todo el espacio social, a través de dispositivos móviles, flexibles y difusos, no ejercidos autoritariamente.

**La lógica neoliberal no busca someter la voluntad individual, sino impulsar un potente proceso de responsabilización personal.** La libertad es, por tanto, la condición de operabilidad de una forma racional de gobierno, pero no sólo como modo de administración, sino como forma de sumisión individual a la lógica económica. No hay ninguna voluntad uniformizadora, sino patrocinar una multiplicidad de “modos de ser”. Por consiguiente, se desarrolla una racionalidad que es, por un lado, individualizante, porque se fundamenta en la singularidad de los sujetos, pero por otro, totalizante, en la medida en que establece un marco de condiciones común a todas ellas.

**El sujeto neoliberal es un individuo activo, responsable y con capacidad de autogestión de su vida.** La promoción del sujeto neoliberal se articula a partir, fundamentalmente, de tres mutaciones: a) la primera, el paso de un sujeto pasivo, férreamente marcado por la institucionalidad social, hacia un sujeto activo que busca libremente la satisfacción de sus propios intereses; b) la segunda, la responsabilización del sujeto por su vida, es decir, la asunción total y absoluta del sujeto de la dirección de su supervivencia sin necesidad de mediación estatal; c) la tercera, la privatización del gobierno de la vida, desplazando hacia el interior de los propios sujetos el gobierno de los problemas sociales, desde el empleo, la salud o la pobreza, que dejan de ser considerados una responsabilidad colectiva.

**El cuerpo social y el mercado se confunden y convergen en una misma razón gubernamental que tiene en el *homo economicus* su sujeto base.** La vida misma es un mercado, y es en este microcosmos mercantil en el que la vida realiza sus operaciones en la medida en que nada está por fuera de esta lógica. El *homo economicus* constituye el tipo de

habitante esencial para la densa y compleja sociedad neoliberal de la que forma parte indisociable de la respectiva gubernamentalidad. Un modo de gestión de la población engendrado en los valores y principios de la mercantilización de la sociedad y de la existencia de la vida que conduce al sujeto como “empresario de sí”.

**El *homo economicus* sustituye al *homo politicus*.** Para comprender totalmente el sujeto neoliberal hay que comprender también su relación con la vida política. De este modo, advertimos un proceso de sustitución de los valores políticos por los valores económicos tanto en la gestión de su vida, como en su relación con la comunidad de individuos, en detrimento de la morfología política originaria. El sujeto deja de ser, así, un ser político para convertirse únicamente en un ser económico.

**Empresarialización de la vida.** El sujeto económico es el ser entrenado para vivir en la sociedad del mercado voraz, competitiva, insegura y precarizada, en la búsqueda de las mejores decisiones de inversión en su “capital humano”. El objetivo último es animar a los individuos a explotar todos los activos que conforma su capital vital, a saber, sus conocimientos, sus contactos, sus redes de información o sus afectos. En resumen, convertir la vida en una máquina empresarial competitiva y productiva que permita alcanzar la mejor posición frente a otros sujetos vistos como rivales.

**Los sujetos deben convertirse en únicos y exclusivos.** Los sujetos deben destacar y especializarse para competir con las mayores posibilidades de inserción en la sociedad del mercado. Para ello, el individuo debe singularizarse, hacerse único y exclusivo, transformarse en un sujeto-marca. El sujeto neoliberal busca sobresalir entre la multitud, ser reconocido como más atractivo que sus competidores. Y, antes que tratar de maximizar sus beneficios, lo que debe buscar es invertir todos sus esfuerzos diarios, por banales que sean, en aumentar su “atractivo” como forma de incrementar su valor de mercado.

**La vida se constituye en un capital.** El *homo economicus* del presente no sólo se caracteriza por el paso del “comerciante de sí” del liberalismo al “empresario de sí” del neoliberalismo, sino que se convierte en un “financiero de sí”. Un sujeto que especula con su propia vida,

buscando una acumulación de valor *ad infinitum* más allá de la satisfacción personal y material. La lógica del valor coincide, entonces, con la vida organizada, transformando al individuo en el soporte neutro de la valorización capitalista apropiándose de todos sus atributos vitales

## I.2

**La razón neoliberal subordina la totalidad de la vida a las necesidades del capital.** Ya no es el cuerpo el que trabaja, sino la vida misma, que se encuentra sometida a las exigencias del mercado y disponible en todo momento para producir en la “fábrica social”. En este escenario, la vida y el trabajo se redefinen hasta intercambiar su naturaleza, siendo indistinguibles como realidades epistemológicamente separadas. La vida está, en consecuencia, envuelta en el torbellino de la valorización y es llevada al punto central del proceso económico y político como “materia prima”.

**La vida al completo es puesta a producir.** La vida misma es el espacio/tiempo del proceso de absorción de las facultades y saberes vitales como centro de la acumulación capitalista, incluso fuera de la actividad estrictamente laboral. No estamos ante una simple una “economía del conocimiento”, sino que los saberes resultantes del aprendizaje adquirido en el transcurso de la formación del individuo son el factor productivo del modo de gobierno.

**La precariedad se convierte en parte constituyente de la vida en la contemporaneidad.** Las características propias del trabajo postfordista, tales como la flexibilización, la inseguridad y la inestabilidad, se extienden a todos los ámbitos de la vida. Por consiguiente, la precariedad es mucho más que la forma hegemónica del empleo en el capitalismo contemporáneo. La precariedad no se reduce, entonces, a la cuestión salarial, sino que penetra en todas las esferas de la vida, amplificando la vulnerabilidad al conjunto de la vida.

**La precariedad es un dispositivo de administración de la vida insegura, inestable e incierta.** En el neoliberalismo la seguridad socioeconómica de las personas no mantiene una relación de antagonismo con la precariedad, antes bien, conforman un mismo binomio



imprescindible. En este sentido, el concepto de desempleo no equivale a la ausencia de trabajo, el sujeto desocupado sigue trabajando. La caída del empleo no determina su desaparición que, por el contrario, se extiende en el tiempo y en el espacio vital. La incertidumbre y la precariedad, lejos de ser elementos paralizantes, se convierten en una invitación al emprendimiento.

**La vida precaria se incorpora de forma subalterna.** La precariedad a la que están abocados importantes sectores sociales no implica su radical exclusión de la sociedad, porque no hay posibilidad de una existencia fuera de la producción biopolítica. Lo que tenemos es una relación ambivalente entre el capital y el sujeto que, tanto es excluido como cuerpo, cuanto incluido como potencia. La exclusión de los sujetos del modo de vida normalizado no implica su expulsión material del circuito capital. En otro sentido, la vida precaria se constituye en la única forma de generar valor fuera de las modalidades reguladas del empleo, en cuanto fuerza idónea para el trabajo subordinado, central en el sistema productivo postfordista.

**La precariedad es un modo de gobierno.** La precariedad es, en síntesis, un dispositivo de gobierno de la vida en el contexto de las relaciones económicas de explotación del capitalismo postfordista y de sus modos de subjetivización. El presente estaría marcado, desde esta perspectiva, por una gestión de la inseguridad que, ya no es reprimida o combatida, sino normalizada y naturalizada y, por ello, administrada por el propio cuerpo social.

**El *homo sacer* contemporáneo.** Desde otra perspectiva complementaria, estaríamos viviendo el retorno de las formas de explotación del capitalismo primigenio, si bien formalmente rodeado de nuevas tecnologías. Por consiguiente, la captura de la vida por el capital puede ser percibida también desde la lógica del “poder soberano” ocultando una relación de exclusión-inclusiva. En esta concepción, las singularidades y especificidades del capital y su despliegue por el cuerpo social son modos de ejercicio del poder del capital sobre la vida: el biocapital. Una noción que se apropia del biopoder y captura la vida como simple *nuda vida*, descubriendo las más diversas formas del *homo sacer* en el presente.

## II.1

**La nueva administración pública impulsada por el neoliberalismo no se limita a la simple modernización del sector público, sino que emerge como una política gubernamental.** Los procesos tecnocráticos tendentes a la actualización del modelo organizativo-burocrático son parte de una nueva forma de relación entre el Estado y los sujetos, basada en la activación, la responsabilización de sí y la elección racional de los gobernados. Sin embargo, este conjunto de transformaciones se constituye más como una tendencia que como una verdadera teoría acabada. Igualmente, su materialización no responde a una sola corriente, ni se manifiesta de la misma manera en las diferentes latitudes o contextos.

**El gerencialismo supone la instauración de un marco normativo específicamente mercantil en el conjunto de la vida pública.** Desde esta óptica, el sector público sólo es realizable a través de los códigos y los procedimientos del *management* empresarial, y no desde los principios políticos del interés general característico de la reglamentación burocrática tradicional. En suma, se convierte en un saber-poder encaminado a la organización eficiente de la toma de decisiones y actuaciones públicas que hace concurrir en un mismo espacio epistémico al Estado, a la economía y a la sociedad.

**Binomio público-privado.** El neoliberalismo reformula el Estado como un proyecto diferente a las aproximaciones liberales antiestatales. La razón neoliberal lo que hace es fundir la economía y el Estado en un mismo espacio, en lugar de apartarlos entre sí. De este modo, las acciones del Estado se realizan sobre una forma de dominio *público-privado-no estatal*, en la que el sector privado y el sector público no se presentan como antagónicos.

**Derecho de los negocios vs. derecho público.** El funcionamiento del Estado está ordenando, esencialmente, a través del denominado “derecho privado de los negocios”. Desde este enfoque, el rediseño de la administración estatal encuentra en los moldes del régimen contractual de los negocios su marco orientador y no en el “derecho público” prototípico de la tradición liberal.

**Sujetos-clientes.** La vida de los sujetos se convierte en el foco principal de la gestión neoliberal, no sólo como destinatarios pasivos de las políticas públicas, sino como coparticipes de su administración. Los individuos son entonces identificados como clientes del Estado, en tanto que consumidores y usuarios de los servicios públicos. Su relación con la vida pública pasa de una relación sustancialmente política a una relación de tipo mercantil. Por consiguiente, el Estado deja de aparecer como garante de *derechos de ciudadanía* para ser ahora, principalmente, un prestador de bienes y servicios.

**La burocracia neoliberal.** El retroceso administrativo-burocrático del Estado promovido por el neoliberalismo, en realidad no supone una verdadera desburocratización. En oposición, favorece una forma de vida en la que los sujetos se convierten en verdaderos “burócratas de sí”. Se conforma, entonces, un nuevo *ethos burocrático* como base fundamental del capitalismo contemporáneo, a través de las normas, de los códigos y de los formalismos surgidos del mercado. En consecuencia, lo que el neoliberalismo ha estimulado es la construcción de pequeñas *jaulas de hierro* individuales, a medida en que la gran *jaula de hierro* estatal se iba desmontando.

**La gobernanza neoliberal se presenta como la superación del conflicto político.** El debate político queda excluido de los procedimientos de resolución para ser sustituido por una respuesta técnica de los problemas sociales a través de expertos y profesionales. Esto significa, por una parte, una total redefinición de la administración pública en la que el léxico político es reemplazado por el léxico de mercado. Pero, por otra parte, la métrica de los negocios también vacía el contenido político del Estado, en la medida en que los problemas estructurales de la sociedad son percibidos como meros problemas de gestión.

**El Estado es el “gerente de la nación” y los métodos de resolución se encuentran en el mercado y no en la política.** Asistimos a una forma de negación del carácter político del conflicto como modo de gestión social. Estamos, pues, ante una gobernanza que llamamos “postpolítica”, en la que el mercado se convierte en la verdadera agencia de lo político y la técnica en su herramienta de acción.

**La política contemporánea se inscribe en un proceso de postpolitización que entendemos, además, requisito ontológico para la reproducción del orden neoliberal.** En el neoliberalismo el espacio político se encuentra neutralizado, despojado de su sustancia, y sólo subsiste como procedimiento, donde los sujetos políticos son sustituidos por consumidores atomizados. Los lazos de unión, solidaridades e imaginarios compartidos desaparecen por cuanto los mecanismos de pertenencia son alterados y las identidades son transmutadas por apelaciones a la responsabilidad individual.

**Política inmunitaria.** Los individuos son liberados de la *comunidad*, y exentos de cualquier obligación colectiva o compromiso comunitario. De esta forma, los individuos procuran *inmunizarse* frente a los riesgos y peligros de la sociedad actual, tomando distancia de los problemas colectivos como forma de asegurar su existencia. La *inmunización* conlleva, en este análisis, la neutralización de la política democrático-liberal, pues extingue a la comunidad en la que los individuos se integran como sujetos políticos. El conflicto deja de ser percibido como consubstancial a la política y los sujetos se convierten en meros espectadores de una realidad social y política por la que nunca se sienten interpelados.

## II.2

**El neoliberalismo no se circunscribe ni a posiciones ideológicas predeterminadas, ni a un programa de políticas públicas concreto.** En el neoliberalismo existe una tensión persistente entre una visión utópica de una determinada ideología (neo)liberal y la realidad práctica del “*neoliberalismo realmente existente*”. Desde esta posición, la *Gran Recesión* de 2008, donde algunas de las funciones más importantes del proyecto neoliberal fueron indudablemente dañadas, no nos impide verificar la plena vigencia de su proyecto. Porque el neoliberalismo es, por encima de todo, un modo de gobierno en movimiento, complejo, diversificado y en constante transformación, sin por ello romper su génesis gubernamental.

**La crisis de 2008 no significó una ruptura del neoliberalismo, como tampoco la reactivación estatal es un síntoma de su desmoronamiento.** El neoliberalismo, por el

contrario, es un fenómeno fuertemente estatal y lo que vemos hoy es un Estado neoliberal presente y ultra-activo. De este modo, frente a los enfoques teóricos que lo eliminan prácticamente de su estudio, el Estado es una parte más, incluso indisociable, del proceso de gobernanza, que antes que materializarse en un determinado marco de leyes se expresa como un “arte de gobierno”.

**La perspectiva foucaultiana ensancha la concepción de la estatalidad.** Localiza al Estado como el coordinador de las fuerzas de poder en permanente tensión y conflicto, independientemente de su sistema político y jurídico. El Estado está ligado a su cuerpo social en dos sentidos: por una parte, el Estado mueve la sociedad y, por otra, la sociedad mueve el Estado. Se trata de dos conceptos que se relacionan entre sí, modelándose e impulsándose mutuamente. En otras palabras, el Estado es una “relación social” incorporada en la sociedad, y sólo se desarrolla como parte de una teoría de la sociedad misma.

**Los propios Estados son los activos protagonistas de la gobernanza.** El Estado no desaparece en el neoliberalismo, sino que cambia su modo de relacionamiento. Esto nos obliga a repensar el papel del Estado y su posición de privilegio en la conformación de las relaciones de poder. En primer lugar, porque el poder estatal se ejerce más allá de la coerción, por medio de colaboraciones, negociación y deliberaciones entre los diferentes actores de la sociedad. Y en segundo lugar, porque el Estado tiene una representatividad simbólica de actor primordial en las decisiones técnicas, económicas y políticas en cuanto *primus inter pares* de la gobernanza heterogénea y multinivel.

**El neoliberalismo no avanza contra el Estado, ni busca su destrucción.** Lo que hace la razón neoliberal es reedificarlo por medio de la ciencia económica y los saberes de la gestión empresarial. El transcurso del tiempo nos muestra como el aparente retroceso del Estado no era tal, sino, su reestructuración economicista. De esta forma, las llamadas sobre el fin de los Estados nacionales y la soberanía han sido principalmente justificaciones más ideológicas que realmente análisis científicos. La crisis económica ha servido para mostrar el auténtico papel del soberano estatal que, además, podemos encontrar en el centro de los problemas y en el

centro de las soluciones. Por eso, detrás del formal antiestatismo liberal, lo que observamos es otro modelo de Estado.

**La crisis no debe ser percibida, en absoluto, como un acontecimiento de declive de la gobernanza neoliberal.** Frente a la clásica tesis liberal que promovía un Estado mínimo y cuyas funciones eran sólo las de seguridad, en el presente el Estado juega un papel central en la expansión de la economía, tanto favoreciendo un marco institucional orientado a la competencia, como estableciendo un marco jurídico-económico en el que los individuos se desarrollan. Nos encontraríamos, por tanto, ante la formación de una auténtica “constitución económica” dirigida esencialmente a consagrar su orden social.

**En el presente estamos asistiendo a la emergencia de una gobernanza de tipo punitivo, que rompe su configuración normativa y revive su versión más combativa.** El neoliberalismo postcrisis se articula en una nueva narrativa, dirigida a penalizar a importantes sectores de la sociedad señalados como potencialmente peligrosos y portadores de riesgos para su gobernanza. Resurge, siguiendo la tesis schmittiana, un “poder soberano” orientado a la protección de la propia estrategia neoliberal, poniendo en cuestión, si es preciso, los fundamentos del propio sistema institucional-democrático por medio de un refuerzo del poder ejecutivo fundamentado: a) en la (in)seguridad social, b) en la delegación de la política en la técnica y c) en la retracción e inmunización de los individuos de los asuntos colectivos.

**El “poder soberano” se instituye en el garante de la gobernanza neoliberal.** Según esta perspectiva, las circunstancias excepcionales ocurridas tras la crisis financiera posibilitan una serie de cambios normativos y constitucionales, introducidos en diferentes países europeos, que supeditan la legalidad vigente a las necesidades del mercado. Es decir, las reglas, los procedimientos y las técnicas de evaluación del mercado libre, son colocados en suspenso por “decisión soberana” a fin de garantizar la propia supervivencia del mercado.

**La excepcionalidad renace, no como una simple excepción a la regla, sino como una técnica gubernamental que permite dar forma legal a aquello que no puede tenerla.** En la medida en que la “constitución económica”, que rige materialmente los destinos de los



Estados neoliberales, incorpora la posibilidad de su propia suspensión, surge un “Estado de excepción económica”. Esto es, una excepción que no está ni dentro ni fuera de la legalidad, sino en una “zona de indeterminación”, que habilita el rescate del mercado como *última ratio*. Pero también poniendo en tensión el ideal liberal de un orden único, apátrida y competitivo, que puede ser abandonado rápidamente una vez que el orden social está sujeto a una amenaza suficientemente peligrosa.



## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, G. (2000), *Lo que queda de Auschwitz. El Archivo y el Testigo. Homo Sacer III*, Pre-Textos, Valencia.
- AGAMBEN, G. (2004), *Estado de Excepción (homo sacer II, I)*, Pre-textos, Valencia.
- AGAMBEN, G. (2006), *Homo sacer, el Poder Soberano y la nuda vida I*, Pre-textos, Valencia.
- AGAMBEN, G. (2010), *Medios sin fin. Notas sobre la política*, Pre-textos, Valencia.
- AGAMBEN, G. (2015), “A propósito de Tiqqun”, em TIQQUN, *La hipótesis cibernética*, Acuarela & Machado, Madrid.
- AGLIETA, M. (1979), *Regulación y Crisis del Capitalismo*, Siglo XXI, México.
- ALONSO, L.E e FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C.J. (2016), “La burocracia neoliberal y las nuevas funciones de las normas”, em *Encrucijadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales*, Vol.12, pp. 1-26.
- ARRIGHI, G. (2006), *El largo siglo XX*, Akal, Madrid.
- ARRIGHI, G. (2007), *Adam Smith en Pekin*, Akal, Madrid.
- ALTHUSSER, L. (1984), *Los aparatos ideológicos del Estado*, Nueva Visión, Buenos Aires.
- ÁLVAREZ YAGÜEZ, J. (2013), *El último Foucault*, Biblioteca Nueva, Madrid.
- ANDERSON, P. (1998), *¿Qué es el neoliberalismo?*, Tiempo Presente, Bogotá.
- ANDERSON, P. (2003), “El Neoliberalismo: un balance provisório”, em SADER, E. e GENTILI, P., *La trama del Neoliberalismo. Mercado, crisis y exclusión social*, CLACSO, Buenos Aires.
- ANDERSON, P. (2012), *El nuevo viejo mundo*, Akal, Madrid.

- ANTUNES, R. (2009), “Diez tesis sobre el trabajo del presente (y el futuro del trabajo)”, em NEFFA, J.C., DE LA GARZA, E. e MUÑIZ TERRA, L., *Trabajo, empleo, calificaciones profesionales, relaciones de trabajo e identidades laborales*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires.
- ANTUNES, R. (2010), “La dialéctica entre el trabajo concreto y el trabajo abstracto”, em *Herramienta*, n° 44, disponível <https://www.herramienta.com.ar/articulo.php?id=1287>
- ARENDT, H. (2003), *La condición humana*, Paidós, Buenos Aires.
- ARELLANO, K. *et al.* (2009), “Construcción del sujeto de trabajo en la condición de precariedad”, em NEFFA, J.C., DE LA GARZA, E. e MUÑIZ TERRA, L., *Trabajo, empleo, calificaciones profesionales, relaciones de trabajo e identidades laborales*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires.
- BADIOU, A. (2010), *Filosofía del presente*, Capital Intelectual, Buenos Aires.
- BAKER, D. (2015), “The job-killing-robot myth”, em *Los Angeles Times*, 06/05/2015.
- BALIBAR, E. (2014), *Ciudadanía*, Adriana Hidalgo, Buenos Aires.
- BARZELAY, M. (1998), *Atravesando la burocracia. Una nueva perspectiva de la Administración Pública*, Fondo de Cultura Económica, México.
- BARZELAY, M. (2000), *The New Public Management. Improving Research and Policy Dialogue*, University of California Press, Berkele.
- BAUDRILLARD, J. (2007), *La sociedad del consumo: sus mitos, sus estructuras*, Siglo XXI, Madrid.
- BAUMAN, Z. (1992), *Libertad*, Fondo de Cultura Económica, México.
- BAUMAN, Z. (2001), *La globalización: consecuencias humanas*, Fondo de Cultura Económica, México.
- BAUMAN, Z. (2002), *La modernidad líquida*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- BAUMAN, Z. (2004a), *Ética postmoderna: Sociología y Política*, Siglo XXI, Madrid.
- BAUMAN, Z. (2004b), *La sociedad sitiada*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- BAUMAN, Z. (2005a), *Modernidad y ambivalencia*, Anthropos, Barcelona.

- BAUMAN, Z. (2005b), *Trabajo, consumismo y nuevos pobres*, Gedisa, Barcelona.
- BAUMAN, Z. (2007a), *Vidas de Consumo*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- BAUMAN, Z. (2007b), *Tiempos líquidos. Vivir en una época de incertidumbre*, Tusquets, México.
- BAUMAN, Z. (2007c), *Miedo líquido*, Paidós, Barcelona.
- BAUMAN, Z. (2008), *A vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- BAZZICALUPO, L. (2016), *Biopolítica. Un mapa conceptual*, Melusina, Madrid.
- BECK, U. (1998), *¿Qué es la globalización? Falacias del globalismo, respuestas a la globalización*, Paidós, Barcelona.
- BECK, U. (2002), *La sociedad del riesgo global*, Siglo XXI, Madrid.
- BECK, U. (2007), *Un nuevo mundo feliz. La precariedad del trabajo en la era de la globalización*, Paidós, Barcelona.
- BECKER, G. (1993), *Human Capital*, University of Chicago Press, Chicago.
- BELL, D. (1991), *El advenimiento de la sociedad postindustrial*, Alianza Universidad, Madrid.
- BELL, D. (1992), *El fin de las ideologías. Sobre el agotamiento de las ideas políticas en los años cincuenta*, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, Madrid.
- BENJAMIN, W. (2011), “Capitalismo como religião”, em *Revista Garrafa*, UFRJ, Nº 23, disponível <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7462/5992>
- BERAMENDI, P. et al. (2015), “Introduction: The Politics of Advanced Capitalism”, em BERAMENDI, P. et al., *The Politics of Advanced Capitalism*, Cambridge University Press, Cambridge.
- BIDET, J. (2016a), *Marx et la Loi travail. Le corps biopolitique du Capital*, Les Editions Sociales, Paris.
- BIDET, J. (2016b), *Le néolibéralisme. Un autre grand récit*, Les Prairies Ordinaires, Paris.

- BIFO, F.B. (2003), *La fábrica de la infelicidad. Nuevas formas de trabajo y movimiento global*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- BIFO, F.B. (2007), *Generación Post-Alfa. Patologías e imaginarios en el semicapitalismo*, Tinta Limón, Buenos Aires.
- BLONDEAU, O. et al. (2004), *Capitalismo cognitivo. Propiedad intelectual y creación colectiva*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- BOLTANSKI, L. e CHIAPELLO, E. (2002), *El nuevo espíritu del capitalismo*, Akal, Madrid.
- BOUTANG, Y.M. (2004), “Riqueza, propiedad, libertad y renta en el capitalismo cognitivo”, em BLONDEAU, O. et al., *Capitalismo cognitivo, propiedad intelectual y creación colectiva*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- BOUTANG, Y.M. (2006), *De la esclavitud al trabajo asalariado. Economía histórica del trabajo asalariado embridado*, Akal, Madrid.
- BOUTANG, Y.M. (2007), *Le capitalisme cognitif. La nouvelle grande transformation*, Éditions Amsterdam, París.
- BOURDIEU, P. (1999), *Contrafuegos. Reflexiones para servir a la resistencia contra la invasión neoliberal*, Anagrama, Barcelona.
- BORON, A. (2002), *Imperio & Imperialismo. Una lectura crítica de Michael Hardt y Antonio Negri*, CLACSO, Buenos Aires.
- BROSSAT, A. (2008), *La democracia inmunitaria*, Palinodia, Santiago de Chile.
- BROWN, W. (2015), *El pueblo sin atributos. La secreta revolución del neoliberalismo*, Malpaso, Barcelona.
- BRUFF, I. (2017), “Authoritarian Neoliberalism and the Myth of Free Markets”, em *Roar Magazine*, disponível <https://roarmag.org/magazine/ian-bruff-authoritarian-neoliberalism/>
- BURCHELL, G., GORDON, C. e MILLER, P. (1991), *The Foucault Effect Studies in Governmentality*, The University of Chicago Press, Chicago.
- BUTLER, J. (2006), *Vida precaria*, Paidós, Buenos Aires.
- BUTLER, J. (2016), “Prefacio”, em LOREY, I., *Estado de inseguridad. Gobernar la precariedad*, Traficantes de sueños, Madrid.

- BUTLER, J. e SPIVAK, G. (2009), *¿Quién le canta al Estado-Nación? Lenguaje, política y pertenencia*, Paidós, Buenos Aires.
- CASTEL, R. (2006), *La metamorfosis de la cuestión social. Una crónica del salariado*, Paidós, Buenos Aires.
- CASTEL, R. (2007), *La discrimination negative*, Seuil La République des Idées, Paris.
- CASTEL, R. (2008), *La inseguridad social. ¿Qué es estar protegido?*, Manantial, Buenos Aires.
- CASTELLS, M. (1999), *La transformación del trabajo*, Los Libros de la Factoría, Barcelona.
- CASTELLS, M. (2000), *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*, Alianza Editorial, Madrid.
- CASTELLS, M. (2006), *La Sociedad Red*, Alianza Editorial, Madrid.
- CASTRO, E. (2007), “Biopolítica y Gubernamentalidad”, em *Temas&Matizes*, Nº11, pp. 8-18.
- CASTRO-GOMEZ, S. (2010), *Historia de la gubernamentalidad. Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo en Michel Foucault*, Siglo del Hombre Editores, Bogotá.
- CASTRO ORELLANA, R. (2008), *Foucault y el cuidado de la libertad*, Lom Ediciones, Santiago de Chile.
- COLMENERO, B. (2018), “A arte de (nos)governar: nuances e contornos do sujeito neoliberal”, em *Revista Ecopolítica*, 21, mai-ago, pp. 60-74.
- COMITÉ INVISIBLE (2017), *Ahora*, Pepitas de Calabaza, Logroño.
- CORIAT, B. (2000), *El taller y el cronómetro. Ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa*, Siglo XXI, Madrid.
- CLARKE, J.H. e NEWMAN, J.E. (1997), *The Managerial State: Power, Politics and Ideology in the Remaking of Social Welfare*, Sage, London.
- CROZIER, M. (1992), *Estado modesto, Estado moderno: estrategia para el cambio*, Fondo de Cultura Económica, Mexico.
- CROZIER, M., HUNTINGTON, S.P e WATANUKI, J. (1975), *The Crisis of Democracy. Report on the Governability of Democracies to the Trilateral Commission*, New York University Press, New York.



- DAVENPORT, T. e BECK, J. (2001), *The Attention Economy: Understanding the New Currency of Business*, Harvard Business Press, Boston.
- DAVIES, W. (2014), *The Limits of Neoliberalism. Authority, Sovereignty and the Logic of Competition*, Sage, London.
- DAVIES, W. (2016), “El nuevo neoliberalismo”, em *New Left Review*, nº 101, pp. 129-144.
- DONZELOT, J. (1991), “The Mobilization of Society”, em BURCHELL, G., GORDON, C. e MILLER, P., *The Foucault Effect Studies in Governmentality*, The University of Chicago Press, Chicago.
- DEAN, M. (1999), *Governmentality: Power and Rule in Modern Society*, Sage, London.
- DEAN, M. (2007), *Governing Societies*, Open University Press, Maidenhead.
- DEBORD, G. (2010), *La sociedad del espectáculo*, Pre-Textos, Valencia.
- DE GIORGI, A. (2005), *Tolerancia Cero. Estrategias y prácticas de la sociedad de control*, Virus, Barcelona.
- DE GIORGI, A. (2006), *El gobierno de la excedencia. Postfordismo y control de la multitud*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- DE GIORGI, A. (2017), “Note sul Neoliberalismo Autoritario”, em *Explorations in Space and Society*, Nº 44, pp. 49-53.
- DE LA GARZA, E. (1999), “¿Fin del trabajo o trabajo sin fin?”, em CASTILLO, J.J., *El trabajo del futuro*, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- DE LA GARZA, E. (2009), “Hacia un concepto ampliado de trabajo”, em NEFFA, J.C., DE LA GARZA, E. e MUÑIZ TERRA, L., *Trabajo, empleo, calificaciones profesionales, relaciones de trabajo e identidades laborales*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires.
- DEFERT, D. (1991), “Popular Life and Insurance Technology”, em BURCHELL, G., GORDON, C. e MILLER, P., *The Foucault Effect Studies in Governmentality*, The University of Chicago Press, Chicago.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1985), *El Anti-Edipo: Capitalismo y esquizofrenia*, Paidós, Barcelona.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (2004), *Mil Mesetas. Capitalismo y esquizofrenia*, Pre-Textos, Valencia.

- DELEUZE, G. (1989), *Lógica del sentido*, Paidós, Barcelona.
- DELEUZE, G. (2005), *La isla desierta y otros textos*, Pre-textos, Valencia.
- DELEUZE, G. (2008), *Conversações*, Editora 34, São Paulo.
- DELEUZE, G. (2010), *Foucault*, Paidós, Barcelona.
- DOMINGUEZ, M. (2018), “Los usos políticos de Michel Foucault. Crítica de la filosofía política, liberalismo y ética”, em VILLACAÑAS, J.L. e CASTRO, R., *Foucault y la Historia de la Filosofía*, Dado, Madrid.
- DREYFUS, H. e RABINOW, P. (2001), *Michel Foucault: Más allá del estructuralismo y la hermenéutica*, Nueva Visión Argentina, Buenos Aires.
- DRUCKER, P.F. (1969), *The age of discontinuity*, Harper & Row, New York.
- DU GAY, P. (2012), *En elogio de la burocracia*, Siglo XXI, Madrid.
- ENGELS, F. (2008), *El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*, Alianza Editorial, Madrid.
- ESPOSITO, R. (2005), *Immunitas. Protección y negación de la vida*, Amorrortu, Buenos Aires.
- ESPOSITO, R. (2006a), *Bios. Biopolítica y Filosofía*, Amorrortu, Buenos Aires.
- ESPOSITO, R. (2006b), *Categorías de lo impolítico*, Katz, Buenos Aires.
- ESPOSITO, R. (2007), *Communitas. Origen y destino de la comunidad*, Amorrortu, Buenos Aires.
- ESPOSITO, R. (2010), *Comunidad, Inmunidad y biopolítica*, Herder, Barcelona.
- FALGUERAS, I. (2008), “La teoría del capital humano: orígenes y evolución”, em *Temas Actuales de Economía*, Vol. 2, pp. 18-48.
- FEDERICI, S. (2010), “El trabajo precario desde un punto de vista feminista”, em *Sin Permiso*, N° 5, disponível <http://www.sinpermiso.info/textos/el-trabajo-precario-desde-un-punto-de-vista-feminista>
- FEHER, M. (2009), “Self-Appreciation; or, The Aspirations of Human Capital”, em *Public Culture*, Vol. 21, N° 1, pp. 21-41.

- FEHER, M. (2017), *Le temps des investis. Essai sur la nouvelle question sociale*, La Découverte, Paris.
- FOUCAULT, M. (1979), *Microfísica del poder*, La Piqueta, Madrid.
- FOUCAULT, M. (1985), *Un diálogo sobre el poder y otras conversaciones*, Alianza Editorial, Madrid.
- FOUCAULT, M., (1986), *El uso de los placeres*, Siglo XXI, Madrid.
- FOUCAULT, M. (1990), *Vigilar y castigar*, Siglo XXI, Madrid.
- FOUCAULT, M. (1991), *La verdad y las formas jurídicas*, Gedisa, Barcelona.
- FOUCAULT, M. (1994), *La ética del cuidado de si como práctica de la libertad*, Gallimard, París.
- FOUCAULT, M. (1999), *História da sexualidade I. A vontade de saber*, Edições Graal, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M. (2000), *Defender la sociedad*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- FOUCAULT, M. (2002), *La Hermenéutica del Sujeto*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- FOUCAULT, M. (2006), *Seguridad, Territorio, Población. Curso en el Colegio de Francia (1977-1978)*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- FOUCAULT, M. (2007), “La vida: la experiencia y la ciencia”, em DELEUZE, G. *et al.*, *Ensayos sobre biopolítica Excesos de vida*, Paidós, Buenos Aires.
- FOUCAULT, M. (2008a), *Tecnologías del yo y otros textos afines*, Paidós, Buenos Aires.
- FOUCAULT, M. (2008b), *Los anormales*, Fondo de Cultura Económica, Madrid.
- FOUCAULT, M. (2011), *El gobierno de sí y de los otros*, Akal, Madrid.
- FOUCAULT, M. (2012), *Nacimiento de la Biopolítica (1978-1979)*, Akal, Madrid.
- FOUCAULT, M. e CHOMSKY, N. (2007), *La naturaleza humana: Justicia versus Poder. Un debate*, Katz, Buenos Aires.

- FRASER, N. (2003), “¿De la disciplina hacia la flexibilización? Releyendo a Foucault bajo la sombra de la globalización”, em *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, Vol. 46, N°187, pp. 15-33.
- FRASER, N. (2017), “El final del neoliberalismo “progresista””, em *SinPermiso*, 12/01/2017, disponível <http://www.sinpermiso.info/textos/el-final-del-neoliberalismo-progresista>
- FRIEDMAN, M. (2012), *Capitalismo y libertad*, Síntesis, Madrid.
- FUMAGALLI, A. (2009), “Crisis económica global y governance económico-social”, em FUMAGALLI, A. et al., *La gran crisis de la economía global Mercados financieros, luchas sociales y nuevos escenarios políticos*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- FUMAGALLI, A. (2010), *Bioeconomía y capitalismo cognitivo. Hacia un nuevo paradigma de acumulación*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- GANE, M. (1993), *Foucault's new domains*, Routledge, London.
- GORDON, C. (1991), “Governmental Rationality: An Introduction”, em BURCHELL, G., GORDON, C. e MILLER, P., *The Foucault Effect Studies in Governmentality*, The University of Chicago Press, Chicago.
- GORZ, A. (1982), *Adiós al proletariado*, El viejo topo, Barcelona.
- GORZ, A. (1994), “Salir de la sociedad salarial”, em *Debats*, N° 50, pp.74-83.
- GORZ, A. (1995), *Metamorfosis del trabajo*, Editorial Sistema, Madrid.
- GORZ, A. (2003), *L'immatériel. Connaissances, valeur et capital*, Galilée, París.
- GIDDENS, A. (1993), *Consecuencias de la modernidad*, Alianza Universidad, Madrid.
- GIDDENS, A. (1998), *La tercera vía. La renovación de la socialdemocracia*, Taurus, Madrid.
- GIORDANO, P. e CATÓ, J.M. (2012), “Diez tesis sobre el trabajo inmaterial”, em *Revista GPT Gestión de las Personas y Tecnología*, N° 14, pp. 17-31.
- GRAEBER, D. (2015), *La utopía de las normas. De la tecnología, la estupidez y los secretos placeres de la burocracia*, Ariel, Barcelona.
- GRAMSCI, A. (1978), *Obras escolhidas*, Martins Fontes, São Paulo.

- GRAMSCI, A. (1975), *Quaderni del carcere*, Einaudi, Torino.
- GRANT, R. (2011), “Teoría política, ciencia política y política”, em *Crítica Contemporánea. Revista de Teoría Política*, Nº1, pp. 10-27.
- GROS, F. (2007), *Michel Foucault*, Amorrortu, Buenos Aires.
- GUARESCHI, M. e RAHOLA, F. (2011), *Chi decide? Critica della ragione eccezionalistica*, Ombre Corte, Verona.
- GUERRERO, O. (2009), “El fin de la Nueva Gerencia Pública”, em *Estado, Gobierno, Gestión Pública. Revista Chilena de Administración Pública*, Nº 13, pp. 5-22.
- GUY PETERS, B., (2010), *The politics of bureaucracy: an introduction to comparative public administration*, Routledge, Abingdon.
- HABERMAS, J. (1989), *El discurso Filosófico de la Modernidad*, Taurus, Madrid.
- HALLIDAY, F. (2004), “Terrorism in historical perspective”, em *Open Democracy*, 22/04/2004, disponible <https://pdfs.semanticscholar.org/f3fd/fab6af60e84a1145dc5487b14bd392202e9d.pdf>
- HAN, B.C. (2017), *Topología de la violencia*, Herder, Barcelona.
- HARAWAY, D. (1991), *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza*, Cátedra, Madrid.
- HARCOURT, B.E. (2011), *The Illusion of Free Markets*, Harvard University Press, Cambridge.
- HARDT, M. (2010), “Vida militante”, em *New Left Review*, Nº 64, pp.146-156.
- HARDT, M. e NEGRI, T. (2002), *Imperio*, Paidós, Barcelona.
- HARDT, M. e NEGRI, T. (2004), *Multitud. Guerra y democracia en la era del Imperio*, Debate, Barcelona.
- HARDT, M. e NEGRI, T. (2011), *Common Wealth. El proyecto de una revolución del común*, Akal, Madrid.
- HARVEY, D. (1998), *La condición de la postmodernidad. Investigación del cambio cultural*, Amorrortu, Buenos Aires.
- HARVEY, D. (2004), *El nuevo imperialismo*, Akal, Madrid.

- HARVEY, D. (2007), *Breve Historia del neoliberalismo*, Akal, Madrid.
- HARVEY, D. (2008), “El neoliberalismo como destrucción creativa”, em *The Annals of the American Academy of Political & Social Science*, 2007, disponível <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4949778.pdf>
- HARVEY, D. (2012), *El enigma del capital y las crisis del capitalismo*, Akal, Madrid.
- HAUSER, B. (2014), *Pensar (dende) a precariedade: reinscribindo o común con Judith Butler*, Proxecto Derriba, Santiago de Compostela.
- HAYEK, F. (2007), *Camino de servidumbre*, Alianza Editorial, Madrid.
- HIBOU, B. (2012). *La bureaucratisation du monde à la ère neoliberal*, La Decouverte, Paris.
- HOBBSBAWM, E. (1999), *Historia del siglo XX*, Editorial Crítica, Buenos Aires.
- HÖFFE, O. (2007), *Ciudadano económico, ciudadano del Estado, ciudadano del mundo. Ética política en la era de la globalización*, Katz Editores, Madrid.
- HOOD, C. (1991), “¿Public management for all season?” em *Public Administration*, Vol. 69, Nº 1, pp.13-19.
- HOOD, C. (1995), “The “New Public Management” in the 1980s: variations on a theme”, em *Accounting Organizations and Society*, Vol. 20, Nº 2-3, pp. 93-109.
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. (1998), *Dialéctica de la Ilustración. Fragmentos filosóficos*, Trotta, Madrid.
- JAMESON, F. (1991), *El postmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado*, Paidós, Barcelona.
- JAPPE, A. (2011), *Crédito a muerte. La descomposición del capitalismo y sus críticos*, Pepitas de Calabaza, Logroño.
- JAPPE, A. (2016), *Las aventuras de la mercancía*, Pepitas de Calabaza, Logroño.
- JAPPE, A. (2019), *La sociedad autófaga*, Pepitas de Calabaza, Logroño.
- JESSOP, B. (2017), *El Estado. Pasado, presente y futuro*, Los libros de la Catarata, Madrid.
- KATZ, C. (2002), “El imperialismo del siglo XXI”, em *Revolta Global*, disponível <http://www.anticapitalistas.org/IMG/pdf/Katz-ElImperialismoDelSXXI.pdf>



- KEUCHEYAN, R. (2013), *Hemisferio izquierda. Mapa de los nuevos pensamientos críticos*, Siglo XXI, Madrid.
- KIRZNER, I. (1975), *Competencia y función empresarial*, Unión Industrial, Madrid.
- KOHAN, N. (2002), *Toni Negri y los desafíos del Imperio*, Campo de Ideas, Madrid.
- KLEIN, N. (2001), *No logo. El poder de las marcas*, Paidós, Barcelona.
- KLEIN, N. (2007), *La doctrina del Shock*, Paidós, Barcelona.
- KRUGMAN, P. (2009), *El retorno de la economía de la depresión y la crisis actual*, Crítica, Barcelona.
- KRUGMAN, P. (2012), *¡Acabad ya con esta crisis!*, Crítica, Barcelona.
- KURZ, R. (2003), “La ignorancia de la Sociedad del Conocimiento”, em *Antroposmoderno*, 03/12/2003, disponível [http://antroposmoderno.com/antropo-articulo.php?id\\_articulo=247](http://antroposmoderno.com/antropo-articulo.php?id_articulo=247)
- KURZ, R. (2009), *El absurdo mundo de los hombres sin cualidades: ensayos sobre el fetichismo de la mercancía*, Pepitas de Calabaza, Logroño.
- KURZ, R. (2016), *El colapso de la modernización*, Editorial Marat, Buenos Aires.
- LACLAU, E. (2016), *La razón populista*, Fondo de Cultura Económica, Madrid.
- LAGASNERIE, G. (2015), *La última lección de Michel Foucault. Sobre el neoliberalismo, la teoría y la política*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- LANE, J.E. (1994), “Will Public Management Drive Out Public Administration?” em *The Asian Journal of Public Administration*, Vol. 16, Nº 2, pp. 139-151.
- LANE, J.E. (1995), *The Public Sector. Concepts, Models and Approaches*, Sage, London.
- LAPAVITSAS, C. et al. (2012), *Crisis in the Eurozone*, Verso, London.
- LARNER, W. (2000), “Neo-liberalism: Policy, Ideology, Governmentality”, em *Studies in Political Economy*, Nº 63, pp. 5-25.
- LAURENT, E. (2003), *El mundo secreto de Bush*, Ediciones B, Buenos Aires.
- LAVAL, C. e DARDOT, P. (2013), *La nueva razón del mundo*, Gedisa, Barcelona.

- LAVAL, C. e DARDOT, P. (2015), *Común. Ensayo sobre la revolución en el siglo XXI*, Gedisa, Barcelona.
- LAVAL, C. e DARDOT, P. (2017), *La pesadilla que no acaba nunca*, Gedisa, Barcelona.
- LAVAL, C. e DARDOT, P. (2018), *El ser neoliberal*, Gedisa, Barcelona.
- LAZZARATO, M. e NEGRI, A. (2001), “Trabajo inmaterial y subjetividad”, em LAZZARATO, M. e NEGRI, A., *Trabajo inmaterial. Formas de vida y producción de subjetividad*, DPA Editora, Buenos Aires.
- LAZZARATO, M. (2006), “Por una redefinición del concepto biopolítica”, em *Brumaria*, Nº 7, pp. 71-81.
- LAZZARATO, M. (2013), *La fábrica del hombre endeudado. Ensayo sobre la condición neoliberal*, Amorrortu, Buenos Aires.
- LAZZARATO, M. e NEGRI, A. (2001), *Trabajo Inmaterial. Formas de vida y producción de subjetividad*, DP&A Editora, Rio de Janeiro.
- LENIN, V. (2006), *El estado y la revolución*, Alianza Editorial, Madrid.
- LENIN, V. (2012), *Imperialismo: La fase superior del capitalismo*, Taurus, Madrid.
- LEMM, V. (2010), *Michel Foucault: Neoliberalismo y biopolítica*, Ediciones UDP, Santiago de Chile.
- LEMKE, T. (2006), “Marx sin comillas: Foucault, la gubernamentalidad y la crítica del neoliberalismo”, em LEMKE, T. et al., *Marx y Foucault*, Nueva Visión, Buenos Aires.
- LIPOVETSKY, G. (2003), *La era del vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo*, Anagrama, Barcelona.
- LIPOVETSKY, G. (2006), *Los tiempos hipermodernos*, Anagrama, Barcelona.
- LOCKE, J. (1991), *Dos ensayos sobre el gobierno civil*, Espasa Calpe, Madrid.
- LÓPEZ, I. e RODRIGUEZ, E. (2010), *Fin de ciclo: Financiarización, territorio y sociedad de propietarios en la onda larga del capitalismo hispano (1959-2010)*, Traficantes de sueños, Madrid.
- LÓPEZ ÁLVAREZ, P. (2010), “Biopolítica, liberalismo y neoliberalismo: acción política y gestión de la vida en el último Foucault”, em ARRIBAS, S., CANO, G.

- UGARTE, J., *Hacer vivir, dejar morir. Biopolítica y capitalismo*, CSIC/La Catarata, Madrid.
- LÓPEZ PETIT, S. (2003), *El Estado Guerra*, Hiru, Hondarribia.
  - LÓPEZ PEITIT, S. (2009), *La movilización global*, Traficantes de Sueños, Madrid.
  - LOREY, I. (2016), *Estado de inseguridad. Gobernar la precariedad*, Traficantes de sueños, Madrid.
  - LURY, C. (2004), *Brands: The Logos of the Global Economy*, Routledge, London.
  - LYNN, L. (1998), “The New Public Management: How to Transform a Theme into a Legacy”, em *Public Administration Review*, Vol. 58, Nº 3, pp. 231-237.
  - LYNN, L. (2006), *Public Management: old and new*, Routledge, New York.
  - MAIZ, R. (2015), “Saliendo de la caverna. La Teoría Política hoy”, em WENCES, I., *Tomando en serio la Teoría Política entre las herramientas del zorro y el ingenio del erizo*, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Madrid.
  - MÁIZ, R. (2017), “Ni mérito, ni responsabilidad. La teoría política de la igualdad ante los desafíos de la crisis”, em VALLESPÍN, F. e BASCUÑAN, M., *Las consecuencias políticas de la crisis económica*, Tirant lo Blanch, Valencia.
  - MAQUIAVELO, N. (2010), *El Príncipe*, Alianza editorial, Madrid.
  - MARAZZI, C. (2005), “Capitalismo digitale e modello antropogenetico del lavoro. L’ammortamento del corpo macchina”, em LAVILLE, J.L. et al., *Reinventare il lavoro*, Sapere 2000, Roma.
  - MARAZZI, C. (2009), “La violencia del capitalismo financiero”, em FUMAGALLI, A. et al., *La gran crisis de la economía global Mercados financieros, luchas sociales y nuevos escenarios políticos*, Traficantes de Sueños, Madrid.
  - MARCUSE, H. (2010), *El hombre unidimensional*, Ariel, Barcelona.
  - MARX, K. (2010), *El Capital: Antología*, Alianza Editorial, Madrid.
  - MAYNTZ, R. (2005), “Nuevos desafíos de la teoría de la gobernanza”, em CERRILLO, A., *La gobernanza hoy: 10 textos de referencia*, INAP, Madrid.
  - MILLER, P. e ROSE, N. (1990), “Governing economic life”, em *Economy and Society*, Vol. 19 Nº 1, pp. 1-31.
  - MINCER, J. (1974), *Schooling, Experience and Earnings*, National, New York.

- MIROWSKI, P. e PLEHWE, D. (2009), *The Road from Mont Pèlerin: The Making of the Neoliberal Thought Collective*, Harvard University Press, Cambridge.
- MONEDERO, J.C. (2016), “Prólogo. Los laberintos de Borges y la imposibilidad de una teoría del Estado”, em JESSOP, B., *El Estado. Pasado, presente y futuro*, Los libros de la Catarata, Madrid.
- MOREY, M. (2008), “Introducción”, em FOUCAULT, M., *Tecnologías del yo y otros textos afines*, Paidós, Buenos Aires.
- MOREY, M. (2010), “Prólogo a la edición española”, em DELEUZE, G., *Foucault*, Paidós, Barcelona.
- MOUFFE, CH. (2007), *En torno a lo político*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- MUSSETTA, P. (2009), “Foucault y los anglofoucaultianos: una reseña del Estado y la gubernamentalidad”, em *Revista Mexicana de Ciencias Políticas*, Vol. 51, Nº 205, pp. 37-55.
- NANCY, J.L. (2003), *Corpus*, Arena Libros, Madrid.
- NAVARRO, V. (1997), *Neoliberalismo y Estado del Bienestar*, Ariel, Barcelona.
- NAVARRO, V. (2012), “¿Por qué las políticas de austeridad son profundamente erróneas?”, em *Sistema Digital*, 25/05/2012, disponível <http://www.vnavarro.org/?p=7312&lang=CA>
- NAVARRO, V. (2016), “La falacia del futuro sin trabajo y de la revolución digital como causa del precariado”, em *Público*, 12/06/2016, disponível <https://blogs.publico.es/vicenc-navarro/2016/07/12/la-falacia-del-futuro-sin-trabajo-y-de-la-revolucion-digital-como-causa-del-precariado/>
- NEGRI, A. (1980), *Del obrero masa al obrero social*, Anagrama, Barcelona.
- OBAMA, B. (2013), “Discurso presidencial”, em *Universidade Nacional de Defesa dos EUA*, 23/05/2013, disponível [http://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/05/130513\\_eeuu\\_obama\\_seguridad\\_valores\\_discurso\\_wbm](http://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/05/130513_eeuu_obama_seguridad_valores_discurso_wbm)
- OFFE, C. (1990), *Contradicciones en el Estado del bienestar*, Alianza Editorial, Madrid.
- OFFE, C. (1995), *Capitalismo desorganizado*, Editoria Brasiliense, São Paulo.

- O'MALLEY, P. (2007), "Experimentos en gobierno. Analíticas gubernamentales y conocimiento estratégico del Riesgo", em *Revista Argentina de Sociología*, Vol. 5, N° 8, pp. 157-173.
- O'MALLEY, P. (2014), "Riesgo, neoliberalismo y justicia penal", em RODRÍGUEZ FREIRE, R., *Evaluación, gestión y riesgo. Para una crítica del gobierno del presente*, Universidad Central de Chile, Santiago de Chile.
- OSBORNE, D. e GAEBLER, T. (1995), *La reinención del gobierno: la influencia del espíritu empresarial en el sector público*, Paidós, Barcelona.
- OSBORNE, D. e PLASTRIK, P. (1998), *La reducción de la burocracia: cinco estrategias para reinventar el gobierno*, Barcelona, Paidós.
- OSBORNE, D. e PLASTRIK, P. (2006), *Herramientas para transformar el gobierno*, Barcelona, Paidós.
- OSORIO, J. (2012), *Estado, biopoder, exclusión. Análisis desde la lógica del capital*, Anthropos, Barcelona.
- PAJARES, M. (2010), *Inmigración y mercado de trabajo: Informe 2010*, Ministerio de Trabajo e Inmigración, Madrid.
- PAPALINI, V. *et al.* (2012), "Estudios de la gubernamentalidad: La subjetividad como categoría de la política", em *Astrolabio*, N° 8, pp. 190-208.
- PAPALINI, V. (2014), "Tecnologías del yo: entre la gubernamentalidad y la autonomía", em RODRÍGUEZ FREIRE, R., *Evaluación, gestión y riesgo. Para una crítica del gobierno del presente*, Universidad Central de Chile, Santiago de Chile.
- PASQUINO, P. (1991), "Theatrum Politicum: The Genealogy of Capital – Police and the State of Prosperity", em BURCHELL, G., GORDON, C. e MILLER, P., *The Foucault Effect Studies in Governmentality*, The University of Chicago Press, Chicago.
- PATARROYO, S. (2012), "Neoliberalismo y Biopolítica: onto-tecnología de la autorregulación o "la producción de sí" en Michel Foucault", em *Revista de Observaciones Filosóficas*, Vol. 14, N° 1, disponible [http://journaldatabase.info/articles/neoliberalismo\\_y\\_biopolitica.html](http://journaldatabase.info/articles/neoliberalismo_y_biopolitica.html)
- PAYE, J.C. (2008), *El Final de Estado de Derecho*, Hiru, Hondarribia.
- PECK, J. (2001), *Workfare States*, Guilford, New York.
- PECK, J. (2010), *Construction of neoliberal reason*, Oxford University Press, Oxford.

- PECK, J. (2016), “Neoliberalismo variopinto y desafíos urbano-territoriales (entrevistado por LINK)”, em *Centro de Estudios de Conflicto y cohesión social*, N°8, pp. 1-9.
- PETERS, T. e WATERMAN, R. (1991), *En busca de la excelencia: lecciones mejor gestionadas de los Estados Unidos*, Folio, Barcelona.
- PIRIS, A. (2007), “Apuntes sobre la guerra asimétrica”, em MESA, M., *Paz y conflictos en el siglo XXI: Tendencias globales*, Icaria, Barcelona.
- POLLITT, C. (1993), *Managerialism and the Public Services*, Blackwell, Oxford.
- POLLITT, C. e BOUCKAERT, G. (2000), *Public Management Reform. A Comparative Analysis*, Oxford University Press, New York.
- PLA VARGAS, LI. (2013), “¿Identificación por el mercado? Los enfoques de Giddens, Bauman y Beck. Algunos argumentos críticos”, em *Sociológica*, Vol. 28, N° 80, pp. 41-72.
- POULANTZAS, N. (1979), *Estado, poder y socialismo*, Siglo XXI, México.
- PUELLO-SOCARRÁS, J.F. (2008), *Nueva gramática del neo-liberalismo*, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá.
- PUELLO-SOCARRÁS, J.F. (2013), “Ocho tesis sobre el neoliberalismo (1973-2013)”, em *Revista Espacio Crítico*, N° 18, pp. 4-21.
- PROCACCI, G. (1999), “Social Economy and the Government of Poverty”, em BURCHELL, G., GORDON, C. e MILLER, P., *The Foucault Effect Studies in Governmentality*, The University of Chicago Press, Chicago.
- RAJAN, K.S. (2006), *Biocapital. The Constitution of Postgenomic Life*, Duke University Press, Durham.
- RANCIÈRE, J. (1996), *El desacuerdo: política y filosofía*, Nueva Visión, Buenos Aires.
- RANCIÈRE, J. (2000), “Biopolitique ou politique”, em *Multitudes*, N° 1, disponível <http://www.multitudes.net/Biopolitique-ou-politique/>
- RANCIÈRE, J. (2007), *En los bordes de lo político*, La Cebra, Buenos Aires.
- RIFKIN, J. (1996), *El Fin del Trabajo*, Paidós, Barcelona.
- RITZER, G. (1996), *La McDonalización de la sociedad*, Editorial Ariel, Barcelona.



- RODRÍGUEZ, E. (2003), *El gobierno imposible. Trabajo y fronteras en las metrópolis de la abundancia*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- RODRIK, D. (2016), “Innovation Is Not Enough”, em *Social Europe*, 09/06/2016.
- ROSANVALLON, P., (1995a), *La nueva cuestión social (Repensar el Estado Providencia)*, Manantial, Buenos Aires.
- ROSANVALLON, P. (1995b), *La crisis del Estado Providencia*, Civitas, Madrid.
- ROSE, N. e MILLER, P. (1992), “Political Power beyond the State: Problematics of Government”, em *The British Journal of Sociology*, Vol. 43, Nº 2, pp. 172-205.
- ROSE, N. e MILLER, P. (2008), *Governing the present*, Polity Press, Cambridge.
- ROSE, N. e VALVERDE, M. (1998), “Governed By Law?”, em *Social & Legal Studies*, Vol. 7, Nº 4, pp. 541-551.
- ROSE, N. (1993), “Government, authority and expertise in advanced liberalism”, em *Economy and Society*, Vol. 22, Nº 3, pp. 283-299.
- ROSE, N. (1999), *Powers of Freedom*, Cambridge University Press, Cambridge.
- ROSE, N. (2000), “Government and control”, em *The British Journal of Criminology*, Vol. 40, Nº 2, pp. 321-339.
- ROSE, N. (2007), “¿La muerte de lo Social? Reconfiguración del territorio de gobierno”, em *Revista Argentina de Sociología*, Vol. 5, Nº 8, pp. 113-152.
- ROSE, N. (2011), “¿Cómo se debería hacer una historia del yo?”, em *Estafeta*, disponível <http://estafeta-gabrielpulecio.blogspot.com.es/2010/07/nikolas-rose-como-se-deberia-hacer-una.html>
- ROSE, N. (2012), *Políticas de la vida. Biomedicina, poder y subjetividad en el siglo XXI*, Buenos Aires, UNIPÉ.
- ROSE, N. (2014), “El gobierno de las democracias liberales “avanzadas”: del liberalismo al neoliberalismo”, em RODRÍGUEZ FREIRE, R., *Evaluación, gestión y riesgo. Para una crítica del gobierno del presente*, Universidad Central de Chile, Santiago de Chile.
- ROWAN, J. (2014), “La invasión de los sujetos-marca y otras aberraciones del capitalismo neoliberal”, em RODRÍGUEZ FREIRE, R., *Evaluación, gestión y riesgo. Para una crítica del gobierno del presente*, Universidad Central de Chile, Santiago de Chile.

- SALINAS, A. (2009-2010), “El hombre empresa como proyecto ético político. Lecturas de Michel Foucault”, em *Hermenéutica Intercultural. Revista de Filosofía*, Nº18-19, pp. 95-139.
- SALINAS, A. (2014a), *La semántica biopolítica y sus recepciones*, Cenaltes, Viña del Mar.
- SALINAS, A. (2014b), “Vidas precarias y Ciclo Vital”, em *Escrituras aneconómicas*, Nº 5, disponível <https://philarchive.org/archive/SALVPY>
- SASSEN, S. (2010), *Territorio, autoridad y derechos de los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales*, Katz, Madrid.
- SAVAS, E.S. (1987), *Privatización: la Clave para un Gobierno Mejor*, Ediciones Gernika, México.
- SAWYER, S. (2015), “Foucault and the State”, em *The Tocqueville Review*, Vol. 36, Nº 1, pp. 135-164.
- SAYER, A. (1995), *Radical Political Economy. A critique*, Blackwell, Oxford.
- SCHMITT, C. (1985), *La dictadura. Desde los comienzos del pensamiento moderno de la soberanía hasta la lucha de clases proletaria*, Alianza Editorial, Madrid.
- SCHMITT, C. (1998), *Teología Política*, Editorial Struhart & Cia, Buenos Aires.
- SCHMITT, C. (1999), *El concepto de lo político*, Alianza Editorial, Madrid.
- SCHULTZ, W. (1961), “Investment in Human Capital”, em *The American Economic Review*, Nº 51, Nº 1, pp. 1-17.
- SKORNICKI, A. (2017), *La gran sed de Estado. Michel Foucault y las ciencias sociales*, Dado, Madrid.
- SKORNICKI, A. (2018), “Foucault y el problema de la legitimidad”, em VILLACAÑAS, J.L e CASTRO ORELLANA, R., *Foucault y la historia de la filosofía*, Dado Ediciones, Madrid.
- SLOBODIAN, Q. (2018), *Globalists: The End of Empire and the Birth of Neoliberalism*, Harvard University Press, Cambridge.
- SLOTERDIJK, P. (2003), *Normas para el parque humano*, Ed. Siruela, Madrid.
- SENNETT, R. (1980), *Narcisismo y cultura moderna*, Kairos, Barcelona.

- SENNETT, R. (2000), *La corrosión del carácter. Las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo*, Anagrama, Barcelona.
- SENNETT, R. (2006), *La cultura del nuevo capitalismo*, Anagrama, Barcelona.
- SMITH, A., (2006), *Investigación sobre la naturaleza y causas de la riqueza de las naciones*, Fondo de Cultura Económica, México.
- SMITH, A., (2018), *La riqueza de las naciones*, Alianza Editorial, Madrid.
- SOLOW, R.M. (1957), “A Technical Change and the Aggregate Production Function”, em *Review of Economics and Statistics*, Vol. 39, Nº 3, pp. 312-320.
- STANDING, G. (2013), *El precariado. Una nueva clase social*, Pasado y Presente, Barcelona.
- STREECK, W. (2017a), *¿Cómo terminará el capitalismo?: ensayos sobre un sistema en decadencia*, Traficantes de sueños, Madrid.
- STREECK, W. (2017b), “¿Cómo terminará el capitalismo?”, em *ctxt.es*, 29/03/2017, disponible <http://ctxt.es/es/20170329/Firmas/11705/Wolfgang-Streeck-fin-capitalismo-inestabilidad-ingobernabilidad.htm>
- STENSON, K. (1998), “Beyond histories of the present”, em *Economy and Society*, Vol. 27, Nº 4, pp. 333-352.
- STIGLITZ, J. (2012), *El precio de la desigualdad*, Taurus, Barcelona.
- SRNICEK, N. e WILLIAMS, A. (2017), *Inventar el futuro. Poscapitalismo y un mundo sin trabajo*, Malpaso, Barcelona.
- THE PROJECT FOR THE NEW AMERICAN CENTURY (1997-2006), disponible <http://www.newamericancentury.org/>
- THOMPSON, E.P. (2012), *La formación histórica de la clase obrera en Inglaterra*, Capitán Swing, Madrid.
- TOMBS, S. e WHYTE, D. (2006), *La empresa criminal*, Icaria, Barcelona.
- TOUSSAINT, E. (2010), *Una mirada al retrovisor. El neoliberalismo desde sus orígenes a la actualidad*, Icaria, Barcelona.
- TRUMP, D. (2017), “American First Foreign Policy” em *The White House*, Retrieved January, Nº 26, disponible <https://www.whitehouse.gov/issues/foreign-policy/>

- VALVERDE, C. (2013), *No nos lo creemos. Una lectura crítica del lenguaje neoliberal*, Icaria, Barcelona.
- VÁZQUEZ, F. (1995), *Foucault: la historia como crítica de la razón*, Montesinos, Barcelona.
- VÁZQUEZ, F. (2005), “Empresarios de nosotros mismos”. Biopolítica, mercado y soberanía en la gubernamentalidad neoliberal”, em UGARTE, J., *La administración de la vida. Estudios biopolíticos*, Anthropos, Barcelona.
- VÁZQUEZ, F. (2009), *La invención del racismo: nacimiento de la biopolítica en España, 1600-1940*, Akal, Madrid.
- VERCELLONE, C. (2003), “Capitalismo cognitivo. Releer la economía del conocimiento desde el antagonismo capital-trabajo”, em *Tesis II*, Nº 105, disponível [file:///C:/Users/CC11/Downloads/Capitalismo\\_cognitivo\\_Releer\\_la\\_economia\\_del\\_conocimiento.pdf](file:///C:/Users/CC11/Downloads/Capitalismo_cognitivo_Releer_la_economia_del_conocimiento.pdf)
- VERCELLONE, C. (2004), “Las políticas de desarrollo en tiempos del capitalismo cognitivo”, em BLONDEAU, O. et. al., *Capitalismo cognitivo, propiedad intelectual y creación colectiva*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- VICARELLI, F. (1979), *Keynes. La inestabilidad del capitalismo*, Ediciones Pirámide, Madrid.
- VILA, D. (2012), *El gobierno de la infancia: análisis socio-jurídico del control y de las políticas de la infancia contemporáneas*, Tese de doutoramento, Universidad de Zaragoza, Zaragoza.
- VILLAR, A. (2014), *Hacia una conceptualización filosófica del postfordismo y la precariedad: elementos de teoría y método (post)operaista*, Tese de doutoramento, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- VILLAR, A. (2017), “El ‘empresario de sí mismo’: el olvido de Antonio Negri”, em *Daimon. Revista Internacional de Filosofía*, Nº 71, pp. 63-79.
- VIRNO, P. (2003), *Gramática de la multitud. Para un análisis de las formas de vida contemporáneas*, Editorial Colihue, Buenos Aires.
- VON MISES, L. (1998), *Human Action. A Treatise on Economics*, Ludwig von Mises Institute, Alabama.
- WACQUANT, L. (2010), *Castigar a los pobres: el gobierno neoliberal de la inseguridad ciudadana*, Gedisa, Barcelona.

- WACQUANT, L. (2012), “Tres pasos hacia una antropología histórica del neoliberalismo realmente existente,” em *Herramientas*, N° 49, disponible <https://herramienta.com.ar/articulo.php?id=1664>
- WALLERSTEIN, I. (2005), *La decadencia del poder estadounidense. Estados Unidos en un mundo caótico*, Ediciones Trilce, Santiago de Chile.
- WALLERSTEIN, I. (2012), *El capitalismo histórico*, Siglo XXI, Madrid.
- WALLERSTEIN, I. et al. (2015), *Tiene futuro el capitalismo?*, Siglo XXI, México.
- WALTERS, A.R. (1987), “Las Técnicas de la Privatización”, em *Perspectivas Económicas*, N° 5, pp. 55-59.
- WALZER, M. (2004), *Reflexiones sobre la guerra*, Paidós, Barcelona.
- WEBER, M. (2002), *Economía y Sociedad*, Fondo de Cultura Económica, Madrid.
- WEBER, M. (2004), *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*, Alianza Editorial, Madrid.
- WENCES, I. (2015), “Introducción”, em WENCES, I., *Tomando en serio la Teoría Política entre las herramientas del zorro y el ingenio del erizo*, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Madrid.
- WILLIAMS, E. (2011), *Capitalismo y esclavitud*, Traficantes de Sueños, Madrid.
- ZAMORA, D. e BEHRENT, M.C. (2018), *Foucault y el neoliberalismo*, Amorrortu, Buenos Aires.
- ZANGARO, M. (2011), *Subjetividad y trabajo. Una lectura foucaultiana del management*, Herramienta Ediciones, Buenos Aires.
- ZIZEK, S. (2007), “Deleuze”, em DELEUZE, G. et al., *Ensayos sobre biopolítica Excesos de vida*, Paidós, Buenos Aires.
- ZIZEK, S. (2008), *En defensa de la intolerancia*, Sequitur, Madrid.
- ZIZEK, S. (2012), *Viviendo en el final de los tiempos*, Akal, Madrid.

